

DEISY MONTEIRO

APOSTASIA



ERGA OMNES



Table of Contents

[Dedicatória](#)

[PRÓLOGO](#)

[UM](#)

[DOIS](#)

[TRÊS](#)

[QUATRO](#)

[CINCO](#)

[SEIS](#)

[SETE](#)

[OITO](#)

[NOVE](#)

[DEZ](#)

[ONZE](#)

[DOZE](#)

[TREZE](#)

[QUATORZE](#)

[QUINZE](#)

[DEZESSEIS](#)

[DEZESSETE](#)

[DEZOITO](#)

[DEZENOVE](#)

VINTE

VINTE E UM

VINTE E DOIS

VINTE E TRÊS

VINTE E QUATRO

VINTE E CINCO

VINTE E SEIS

VINTE E SETE

VINTE E OITO

VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM

TRINTA E DOIS

TRINTA E TRÊS

TRINTA E QUATRO

TRINTA E CINCO

TRINTA E SEIS

TRINTA E SETE

TRINTA E OITO

TRINTA E NOVE

QUARENTA

QUARENTA E UM

QUARENTA E DOIS

QUARENTA E TRÊS

QUARENTA E QUATRO

QUARENTA E CINCO

QUARENTA E SEIS

QUARENTA E SETE

QUARENTA E OITO

QUARENTA E NOVE

CINQUENTA

CINQUENTA E UM

CINQUENTA E DOIS

CINQUENTA E TRÊS

CINQUENTA E QUATRO

CINQUENTA E CINCO

CINQUENTA E SEIS

CINQUENTA E SETE

CINQUENTA E OITO

CINQUENTA E NOVE

SESSENTA

SESSENTA E UM

SESSENTA E DOIS

SESSENTA E TRÊS

[SESSENTA E QUATRO](#)

[SESSENTA E CINCO](#)

[SESSENTA E SEIS](#)

[SESSENTA E SETE](#)

[SESSENTA E OITO](#)

[SESSENTA E NOVE](#)

[SETENTA](#)

[SETENTA E UM](#)

[SETENTA E DOIS](#)

[SETENTA E TRÊS](#)

[SETENTA E QUATRO](#)

[SETENTA E CINCO](#)

[SETENTA E SEIS](#)

[EPÍLOGO](#)

[SOBRE A AUTORA](#)



BDEISY MONTEIRO

ApostasiA

Quando os anjos merecem morrer

COPYRIGHTS © 2016

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À DEISY MONTEIRO

ISBN-13: 978-1535346498

ISBN-10: 1535346493

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida em qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informação, sem a permissão escrita do autor, exceto no caso de um revisor, que poderá citar breves passagens incorporadas em artigos críticos ou em uma revisão.

Nomes de marca registrada aparecem ao longo deste livro. Ao invés de usar um símbolo de marca registrada com cada ocorrência de um nome de marca registrada, os nomes são usados de maneira editorial, sem intenção de violação de marca comercial do respectivo proprietário.

As informações contidas neste livro são distribuídas "como estão", sem garantia.

Embora toda precaução tenha sido tomada na preparação deste trabalho, nem o autor nem a editora terá qualquer responsabilidade perante qualquer pessoa ou entidade com respeito a qualquer perda ou dano causado (ou supostamente causados) direta ou indiretamente pela informação contida neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes ou são produto da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência.

Dedicatória

Dedico este escrito ao poderoso Deus. O Deus que nada que eu faça poderá fazê-Lo me amar mais, e nada do que eu faça poderá fazê-Lo me amar menos.

Ao meu amado, João Garcia, meu amor e meu melhor amigo.

Aos meus amados leitores, muitos tem se tornado meus melhores amigos, me inundam de uma alegria e uma força tão incrível, que eu nunca mais me senti entristecida.

Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filha da alva! como foste lançado por terra tu que prostravas as nações!

ISAÍAS 14:12

Sumário

[Dedicatória](#)

[PRÓLOGO](#)

[UM](#)

[DOIS](#)

[TRÊS](#)

[QUATRO](#)

[CINCO](#)

[SEIS](#)

[SETE](#)

[OITO](#)

[NOVE](#)

[DEZ](#)

[ONZE](#)

[DOZE](#)

[TREZE](#)

[QUATORZE](#)

[QUINZE](#)

[DEZESSEIS](#)

[DEZESSETE](#)

[DEZOITO](#)

DEZENOVE

VINTE

VINTE E UM

VINTE E DOIS

VINTE E TRÊS

VINTE E QUATRO

VINTE E CINCO

VINTE E SEIS

VINTE E SETE

VINTE E OITO

VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM

TRINTA E DOIS

TRINTA E TRÊS

TRINTA E QUATRO

TRINTA E CINCO

TRINTA E SEIS

TRINTA E SETE

TRINTA E OITO

TRINTA E NOVE

QUARENTA

QUARENTA E UM

QUARENTA E DOIS

QUARENTA E TRÊS

QUARENTA E QUATRO

QUARENTA E CINCO

QUARENTA E SEIS

QUARENTA E SETE

QUARENTA E OITO

QUARENTA E NOVE

CINQUENTA

CINQUENTA E UM

CINQUENTA E DOIS

CINQUENTA E TRÊS

CINQUENTA E QUATRO

CINQUENTA E CINCO

CINQUENTA E SEIS

CINQUENTA E SETE

CINQUENTA E OITO

CINQUENTA E NOVE

SESSENTA

SESSENTA E UM

SESSENTA E DOIS

SESSENTA E TRÊS

[SESSENTA E QUATRO](#)

[SESSENTA E CINCO](#)

[SESSENTA E SEIS](#)

[SESSENTA E SETE](#)

[SESSENTA E OITO](#)

[SESSENTA E NOVE](#)

[SETENTA](#)

[SETENTA E UM](#)

[SETENTA E DOIS](#)

[SETENTA E TRÊS](#)

[SETENTA E QUATRO](#)

[SETENTA E CINCO](#)

[SETENTA E SEIS](#)

[EPÍLOGO](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

PRÓLOGO



Cidade celestial, data desconhecida

— És um tirano! – clamava o líder da rebelião – Não nos dás opção, quando tudo o que queremos é ter uma escolha.

Milhões clamavam ao lado dele, a estrela da manhã, e concordavam em uníssono. Era a primeira vez que a paz no céu estava abalada, os anjos se viam em lados opostos pela primeira vez. Até então a estrela da manhã ainda não era conhecida como nos dias de hoje é: o pai da mentira. Aquele tempo, os anjos ainda não sabiam o que era mentira, nunca tinham ouvido uma antes, então faziam sentido o que o querubim falava.

Os rebeldes empunhavam espadas flamejantes, espadas criadas para cortar a divisão entre a carne e o espírito. Todos temiam, pois uma vez feridos, são necessários mil anos para restaurar-se.

— Como caíste — Disse Deus do seu trono – Como caiu a estrela da manhã. Esquece-te de quem sou Eu? Esquece-te de quem te criou? – a voz não era calma, mas ainda assim a cada palavra que Ele proclamava, o som produzido era de muitas águas. Relâmpagos e trovões zuniam de um canto a outro do universo, e os não rebeldes glorificavam.

— Como poderia esquecer-me do meu carcereiro? — disse o querubim rebelde.

— Quando eu vi em teu coração, e enxerguei tuas vontades – Disse Deus – eu já o sabia, o que queres não é liberdade, pois já a tendes, o livre arbítrio, o que queres é sobrepujar o meu trono.

— O que quero é libertação – bradou o rebelde.

— E é o que terás — bradou Deus assentado no trono em toda sua majestade, dirigindo-se a todos — todos aqueles que compartilham das ideias de Lúcifer estejam com ele.

Uma marcha aconteceu e um terço dos anjos ficou de um lado do céu, do outro lado, dois terços dos anjos olhavam para seus irmãos.

— São todos eles contigo? Alguém mais?

Ninguém se pronunciava. O único som era o da glória resplandecente de Deus reverberando pelo local como se fossem cristais partindo. Além disso, quase quatro notas abaixo havia corais de serafins que não paravam de clamar diante do trono, em diversas línguas, nem por um momento:

— Santo, santo, santo e justo Tu és".

Com um gesto houve uma ruptura no chão que abriu, o solo de cristal puro da cidade dos céus começou a esfarelar, como vidro temperado, e caía em pequenos fragmentos. Os rebeldes começaram a tentar se afastar da borda que se desfazia, enquanto o outro lado

permanecia intacto, o abismo entre eles ficava muito maior. Foi a primeira vez que os anjos choraram, afastando-se deles. Os rebeldes começaram a subir uns sobre os outros na tentativa vã de não escorregar para o buraco negro que se formava e os separava de seu criador para sempre.

Alguns tentavam voltar para o lado de Deus, erguendo os braços e implorando para que seus irmãos anjos ajudassem-nos, mas de nada adiantou, os anjos são designados para cumprir o que Deus lhes dizia.

Os anjos não têm misericórdia.

Quando o chão em que se apoiavam começou a ficar escasso os primeiros milhares de anjos começaram a cair dos céus como os frutos caem da árvore no tempo da colheita. Os rebeldes e os anjos que não caíram entreolhavam-se, os primeiros em total desespero e os segundos em profunda adoração ao criador.

Na queda as penas das asas enegreciam enquanto eles caíam como fogo do céu para a terra. Debatendo-se em vão, os rostos queimando, as penas das asas desfazendo-se em cinzas, enquanto a uma velocidade anormal, ainda maior do que a velocidade que antes eles voavam em todas as constelações, eles caíam na terra.

Alguns deles percebendo a que engano foram levados e sentido um terrível remorso durante a queda, tentaram arrepender-se, em vão. E enquanto clamavam em alta voz por misericórdia aos céus, e misericórdia ao criador, foram ouvidos pelos caídos que seguiriam Lúcifer para sempre.

Alí mesmo, em meio a toda aquela agonia, Lúcifer os desertou.

Não sendo mais cidadãos do céu, e tampouco bem vindo ao grupo dos anjos caídos do líder da rebelião, eles caíam na terra. Sem novo lar e sem o antigo.

A única diferença entre eles era que durante a queda, os rebeldes que não tentaram voltar para os céus, envoltos em enormes bolas de fogo, tinham sua pele consumida, resultando ao final, em seres grotescos, deformados, sem partes do corpo, principalmente sem as asas, mas ainda assim resistentes. Enquanto os que, de algum modo, tentaram voltar para o céu, conservaram sua beleza angelical, e apesar do fogo tê-los machucado, eles estavam se curando rápido. Este grupo de anjos não perdeu suas asas, em vez disso, devido ao fogo elas estavam enegrecidas.

Nunca antes tal tinha acontecido, Lúcifer ainda tentava conduzir sua revolta da terra, informando que isso era obra de um tirano, e que eles conseguiriam recuperar o trono.

Enquanto isso tudo acontecia, a única coisa que eu conseguia observar era o local da queda, todos os meus irmãos, muitos agora em feridas abertas, que apesar de estarem

doloridas, logo sarariam. E um grupo de anjos que, como eu, mantinha as asas, todos nós estávamos de pé.

— Vocês — bradou um dos líderes da revolta — não tem lugar conosco, a não ser que provem sua lealdade.

E assim eles nos viraram as costas, apesar de termos milhares de anos de irmandade.

Todos éramos novamente crianças, ainda tínhamos força, porque Deus tem misericórdia dos que se arrependem, e nos deixou vida.

O que éramos então?

Eu não tinha ainda como saber, não naquela época. E foi assim que eu nasci. Oscilando entre duas personalidades com características físicas e psicológicas distintas, resultando em um novo reino espiritual, os chamados apóstatas. Mantendo a beleza, a força e uma grande parte das suas características angelicais, mas nem por isso anjos.

Condenados a vagar pela terra eternamente sem lar, eles tem que decidir entre cometer o primeiro pecado na terra e serem condenados eternamente, ou fazer pequenos trabalhos para os anjos e levar os humanos em sua última hora, e assim, tentar comprar de volta seu ingresso para o paraíso.

Todos, sem exceção, em busca de uma única resposta:

— O perdão para os anjos caídos existe?

UM



De tudo ficaram três coisas...

A certeza de que estamos começando...

A certeza de que é preciso continuar...

A certeza de que podemos ser interrompidos

Antes de terminar...

FERNANDO SABINO

"Terminar o trabalho pendente de economia, segundo... Ai! Qual que era a segunda coisa que eu tinha que fazer mesmo?"

Essa era uma das coisas que eu mais odiava sobre mim – esquecer. Se eu não ficasse repassando mentalmente ao longo do dia a minha enorme lista de tarefas que eu tinha organizado pela manhã, eu não conseguiria me lembrar de coisa alguma mais tarde.

Eu poderia ter anotado, eu sei, assim não esqueceria, mas eu tive uma árdua luta com meu sono e meu travesseiro, ambos haviam vencido e eu não tinha me levantado na hora certa. Resultado: outra corrida para tentar não chegar tão atrasada às primeiras aulas do dia (coisa que, devo confessar, já vinha acontecendo há bastante tempo).

"Levar a documentação da manutenção do financiamento estudantil, isso!" Eu quase sorri de tanta felicidade ao me lembrar da segunda coisa, mas logo o sorriso sumiu, ainda tinha bem mais para ser feito.

Quando alcanço o corredor que dá acesso às salas de aula, eu paro de correr, apesar de ainda andar apressadamente. Então alcanço meu destino, e espio pelo vidro da porta para checar o movimento dos alunos.

Mal meu rosto aparece no vidro, já vejo uma mão acenando para mim, em pedido, para que eu sente perto dela (da dona da mão, não da mão). Trata-se de Isabela, minha melhor amiga e colega de quarto na faculdade.

Ela poderia ser má, por ter saído mais cedo e não ter me acordado, mas vou tentar justificá-la. Isabela Lopez, minha melhor amiga ultra ativa, está numa fase da vida em que ela tem que acordar às quatro e meia da manhã apenas para correr e fazer exercícios antes de ir à aula. Ela não suporta perder tempo e, se não fosse por ela, eu não teria nunca tomado um suco verde na vida.

A disposição dela me faz sentir uma sedentária, mas não, na verdade, eu sou apenas preguiçosa.

Eu já nem olho mais para o rosto do professor, que deve estar irritado, pois o tempo todo estou consciente do seu olhar frio sobre mim.

Sento-me ao lado de Isabela, e ela me joga uma barrinha de cereal, pois sabe que eu não tive tempo de tomar café.

— Está atrasada – ela sibila.

— Me conta uma novidade... – respondo e ela sorri.

O professor Emerson retoma a aula que eu interrompi. Meu cérebro ainda não está conseguindo registrar tudo o que ele está falando, e eu tenho que fazer um esforço duplo para tomar notas. A culpa não é totalmente minha, eu ainda não sei quem teve a brilhante idéia de colocar a disciplina de Cálculo para as primeiras horas da manhã de segunda-feira.

O tempo passa devagar. Bocejo uma ou outra vez na sala de aula e sinto o olhar do professor Emerson me repreendendo a cada vez que isso acontece. Quando minhas unhas estavam sendo destruídas pelo meu nervosismo e ansiedade, o bendito professor fecha o livro que tinha na mão, lança este sobre a mesa e passa uma atividade para a turma. Uma atividade que deverá ser entregue na semana seguinte, e que, por sua complexidade, levará o final de semana inteiro para ser concluída.

Neste momento do dia Isabela e eu temos aulas diferentes.

Isabela se levanta apertando dois botões no seu relógio que mede a frequência cardíaca e começa a andar apressada, me dando um beijo no alto da testa antes de sair. Ela não poderia deixar que os batimentos cardíacos ficassem abaixo de cento e quarenta enquanto

caminha, ou não queimará gordura. Uma fileira de meninos a seguem, alguns carregam uns livros, outros água, outros apenas querem a companhia dela e ficam com cara de filhotinhos abandonados, e ela mal dá bola para eles.

"Cara, como ela consegue fazer isso?"

Levanto-me, pego minha bolsa, que acha de ter sua alça rompida justamente nesse minuto e me força a carregar os livros que eu tinha nas mãos.

Escondida por detrás dos meus óculos de grau de armação enorme e preta, e mais a pilha de livros, eu caminho para fora da sala, sozinha, sem ninguém para me ajudar.

Mal estou saindo pela porta e o óculos começa a deslizar devagar pelo meu nariz (escorregadio pelo suor e oleosidade produzidos durante a minha corrida mais cedo), e eu acabo tendo que caminhar por todo o corredor com os braços ocupados pelos livros e os óculos baixos, na ponta do nariz, igual a uma velhinha.

Quando tento apoiar, para ajustar os livros num só joelho e colocar a minha armação de volta no lugar, me desequilibro e quase derrubo os livros, mas mãos gentis aparecem e apoiam aquela montanha de papel para que eles não caiam.

— Espera, desajeitada, deixa que eu te ajude com isso.

O dono das mãos diz, e eu nem preciso olhar ao rosto dele para saber de quem se trata.

— Obrigada – agradeço enquanto vejo a pilha pesada de livros sendo retirada dos meus joelhos quase sem esforço algum. E as minhas mãos, débeis, encaixam os óculos de volta no nariz.

— Para que tantos livros? – Theodore pergunta com ar de quem me achou parecida com Carrie, a estranha.

— Bem, tenho bastante tempo livre... – respondo sem tentar parecer uma nerd (sem sucesso) – quero dizer é que eu não saio tanto e posso ler quantos livros quiser.

"Mas que droga, Paloma, cale a boca!" meu cérebro me repreende.

Ele olha para mim, e não faz uma cara de quem me achou mais tanto esquisita. Eu desvio o olhar.

— Eu também gosto de ler, mas é muito peso pra uma baixinha, não acha?

Abro a boca e intento responder alguma coisa. Ele me chamar de baixinha soou como uma ofensa, mas, quando olho para seu rosto, e percebo que, longe de estar me

provocando, ele está sorrindo e visivelmente relaxado, a minha resposta rude morre na ponta da língua e mando outra, bem mais gentil.

— Hum, na verdade eu até estava bem com o peso dele. Foram estes óculos que não me ajudaram muito.

Theodore para, olha diretamente para meu rosto, procurando qualquer coisa nele, me analisa. Parece que leva uma eternidade, mas foram apenas alguns segundos, ele torna a olhar para o caminho à frente e sentencia:

— Não gosto desses óculos. Eles são grandes demais para você e muito feios. Deveria tentar usar lentes de contatos, você tem olhos bonitos.

Um segundo se passa, e a ficha cai. E parece que eu recebi um soquinho na boca do estômago.

"Isso foi um elogio, não foi?" continuo a pensar, quase sorrindo "Uau, Theodore me elogiou, THEODORE!". Meu subconsciente sorri para mim o maior sorriso que já vi e eu mesma me dou os parabéns. Nem eu e nem meu subconsciente, tímido demais, sabemos se devemos ou não agradecer pelo elogio.

Theodore deve ter percebido a minha inquietação, pois diz para mim com um ar de superioridade.

— Não leve isso tão à sério, foi apenas um comentário.

Caminhamos em silêncio a partir de então. Ele, ao meu lado, segurando minha pilha de livros, andando com toda leveza do mundo, e eu, ao lado dele, vez ou outra levantando meus óculos de grau e tentando não tropeçar nas próprias pernas, pois, creiam ou não, isso já aconteceu diversas vezes.

À porta da sala de aula onde teria o segundo tempo do dia, eu estendo meus braços para que ele me passe os livros, o que, irritantemente, ele não faz. Em vez disso, desponha para dentro da sala sem nem pensar em dá-los para mim e me pergunta já do meio dela:

— Entre aqui, venha – eu ando até perto dele – qual o seu lugar da sala?

— É bem ali.

Aponto para a última cadeira do ponto esquerdo, longe da Janela, longe do movimento. Ele bufa, irritado, e carrega meus livros até lá, colocando-os sobre a minha mesa.

Quando me aproximo e agradeço novamente pelo favor feito, outra vez ele me reprova:

— Você não deveria sentar neste local. Qual a vantagem de ficar nos fundos da sala? Está a se esconder?

Uma ofensa num dia, eu até deixei passar, pelo favor, mas duas, ele estava pedindo por uma resposta.

— Quem você acha que é? E porque deveria se importar?

Respondo e me repreendo mentalmente, eu e minha língua enorme que mal cabe dentro da boca.

Por um momento, ele arregala os olhos surpreso pela resposta atrevida. Então sorri um riso maquiavélico e torna a olhar para mim. Abaixa um pouco o rosto para que os olhos dele estejam à altura dos meus.

"Droga, ele é tão lindo, e esses olhos..."

Ele me dá um sorriso torto e fala com a boca à centímetros da minha, tão próxima, que sou quase capaz de sentir seus lábios.

— Você tem razão – ele fala e seu hálito doce e quente aquece a minha boca – eu não me importo.

Assim que ele o diz, ele se recompõe, e me deixa de boca aberta. Ele pisca para mim e sai da sala. Ele anda confiante, elegante. Sua roupa o faz parecer ainda mais perigoso, uma camisa branca de banda que delineava bem a linha de sua costa larga, uma calça preta e um coturno que contornavam bem o desenho de suas pernas e a estreiteza de sua cintura.

A sala estava cheia e eu nem percebi, e as meninas alí presentes, ficavam olhando dele para mim, em questionamento e incredulidade.

Talvez por que eu seja comportada demais, e por que estou andando em má companhia. Theodore Wright, um típico garoto problema. Nem tão garoto, vai, ele está naquela fase em que a linha entre ser um garoto e um homem é tênue.

Eu ainda estou de pé, e meu subconsciente me repreende avisando que pareço uma tola desse modo. Sento-me finalmente, percebo que fiquei tempo demais olhando para a porta aberta depois que ele saiu. A imagem dos lábios dele à centímetros dos meus se desenha diante dos meus olhos e creio que corei.

— Paloma Bennet?

Eu olho para ele, que simplesmente surgiu ali. Eu mal tinha visto o momento que ele tinha entrado, o relógio sobre a cabeça dele, na parede, mostrava que tinham se passado quase quinze minutos desde o início da aula.

— Senhorita Bennet, ouviu o que eu lhe disse?

Ouçó o professor me chamar pela segunda vez, com um olhar de questionamento. Ele deve ter falado alguma coisa para mim, ou pedido, sei lá, mas, como eu ainda estava com o pensamento em Theodore, eu não o tinha ouvido.

— Perdão, professor. Pode repetir?

DOIS



Dois... Apenas dois.

Dois seres... Dois objetos patéticos.

Cursos paralelos. Frente a frente...

...Sempre... A se olharem...

Autor Desconhecido

Eu não conseguiria terminar o maldito trabalho de economia se não pulasse o almoço e fosse direto para a biblioteca. Eu tinha os livros, porém, alguns ficaram desatualizados com as mudanças nas leis de economia, e eu precisaria pegar os livros da faculdade emprestados.

Ceguei à bendita biblioteca e estendi minha carteira estudantil para a moça que estava atendendo (e que por nada no mundo eu lembrava o nome).

— Bom dia – eu a cumprimento.

— Bom dia, em que posso ajudar? – ela responde mecanicamente.

— Eu gostaria destes aqui hoje.

Estendo para ela um papel e ela começa a digitar os nomes dos livros no computador antigo sobre a mesa. A cada título que ela vai digitando ela marca um "x" no lado do papel. Ao final de cinco minutos, ela me diz:

— Estes dois – ela mostrou os dois primeiros – estão no corredor dezoito, na ala B, estes outros – ela apontou para todos os outros seis da lista – são apenas de consulta local.

— Sério? – perguntei já horrorizada pela tarde trabalhosa que eu teria pela frente.

— Mais sério impossível.

Eu peguei o papel rabiscado de volta e fui buscar os livros, um a um, para conseguir concluir o meu trabalho. Sentei numa das mesas ali perto, das que tinham computadores disponíveis, e não me deixei ser distraída até conseguir desenrolar meu trabalho. Para minha tristeza, sou facilmente distraída das coisas, e olho adiante para as outras mesas quando noto algum movimento.

Theodore Wright está bem ali, sentado algumas mesas à minha frente. Com toda a sua atitude confiante e mais algum ar esnobe. Ele parece uma mistura de personalidades distintas. Como o cara problema da escola, várias vezes, repreendido publicamente por ter brigado com os próprios amigos, consegue estar numa segunda-feira, no horário de almoço, na biblioteca, lendo o que, ao longe, parece ser Crime e Castigo?

Enquanto ele lê, percebo que ele é espetacularmente lindo. Os cabelos escuros caem leves e desalinhados, pela testa, para todas as direções. Parecem seda preta recém-confeccionada, e eu me questiono se eles são tão macios quanto o parecem. Em um momento de distração, me imagino caminhando até lá e passando a mão, muito devagar, sobre eles, para comprovar sua textura.

Ele está lendo, sério, as sobrançelas estão juntas, como se ele estivesse realmente se concentrando naquelas palavras de tinta sobre o papel, já que mal pisca. Quando achei que nada mais dele me chamaria a atenção, ele molha os lábios com a ponta da língua, e eu presto um pouco mais de atenção na sua boca. Eu poderia jurar até que eu estava entortando minha cabeça para poder vê-la melhor.

Theodore se move um pouco, e faz menção de sentir que alguém o está observando, e eu me abaixo, repentinamente, me escondendo atrás da tela do computador. Eu fico assim algum tempo, sinto uma vontade imensa de continuar escondida para não ser percebida, mas ao mesmo tempo não quero ficar parecendo uma enorme idiota.

Ajusto minha postura e percebo que ele já está distraído novamente. Pronto, essa é minha deixa. Fico mais alguns minutos me surpreendendo com os contornos de seu rosto. Theodore é lindo, absolutamente lindo. A boca é esculpida, e seus lábios parecem um convite. Seus olhos são tão azuis, que percebo sua cor mesmo de longe. Todo o seu rosto e corpo são um conjunto perfeito que faria chorar de inveja a todos os anjos.

Estou olhando para ele, embasbacada, admito, e, num milésimo de segundo, sem fazer menção de mexer-se e sem deixar rastro ele olha pra cima, e meu olhar encontra o dele. Uma sombra de um sorriso aparece nos seus lábios.

— É, eu fui pega... – "droga!".

Procuro uma desculpa que justifique meu comportamento e finjo que estou procurando alguma coisa encima do computador, mas, pelo visto, não dá certo. Theodore pega o livro que tinha, nas mãos, e caminha, caminha charmosamente devagar, sustentando meu olhar em minha direção, e senta comigo, na cadeira de frente para a minha.

— Olá, Paloma – ele apoia os braços na mesa e procura meu olhar sobre a tela que nos separa – assim é bem melhor, não acha? – A voz dele é divertida e quente ao mesmo tempo.

Inicialmente, eu não tenho uma resposta, e nem meu subconsciente. Eu não vou pedir desculpas e nem falar nada, não quero ter que me explicar. Então, fico digitando meu trabalho, como se ele não estivesse ali, e consigo, por algum tempo, não olhar mais nenhuma vez para ele. Sinto-me incomodada e quando olho para a frente (foi mais forte que eu) é ele quem está me olhando com curiosidade.

— Meu nome é Theodore Wright, o seu é Paloma Bennet, certo? – ele pergunta despreocupadamente.

Ele nem precisaria se apresentar, eu já sei qual é o nome dele, assim como todas as outras meninas da faculdade já o sabem, mas uso de minha boa educação.

— Sim – limito-me a responder. "Muito educada" meu subconsciente me recrimina e eu estendo o dedo do meio, internamente, para ele.

— O que está fazendo? – ele pergunta e franze um pouco as sobrancelhas quando o faz, eu tenho vontade de esmagá-lo de tão fofo que ele ficou, mas, claro, me controlo.

— Um trabalho de economia – estou nervosa pela presença dele, mas agradeço a mim mesma por estar falando calmamente, tentando fingir desinteresse.

— Qual o assunto?

— Introdução à econometria.

— Deixa-me ver como está.

Ele não está pedindo, está avisando o que fará. Pois imediatamente se levanta e senta ao meu lado, perto, muito perto, e vira a tela do computador para ele. Nesse instante, quando ele está ao meu lado, me sinto ridiculamente pequena.

Apesar de não parecer ser o melhor aluno da faculdade, Theodore faz alguns apontamentos bastante inteligentes sobre a direção que meu trabalho estava tomando, corrijo as falhas que estavam passando despercebidas por mim, e gosto do caminho que ele está levando. Todo o tempo, porém, estou consciente dos músculos da minha barriga se retesando, estão frios. Será isso que eles chamam de borboletas no estomago? Eu me mexo para mostrar que estou desconfortável com sua proximidade, mas ele não faz sinal de que vai se afastar.

Quando termino o trabalho, rapidamente, com a ajuda dele, agradeço:

— Obrigada, Theodore. Suas opiniões foram de muita valia.

— Oh, não – ele fala num tom sério – não agradeça. Agora, você está me devendo um favor.

— Como é?

— Como é? eu transformei seu B- num A – ele passa a costa da mão na minha bochecha, suavemente, e é uma doce agonia o que sinto. Antes que eu o questionasse, ele completa – vamos comer alguma coisa juntos? São quase duas da tarde e, eu tenho certeza, que você, assim como eu, não comeu coisa alguma.

Eu quase disse não, mas realmente estou com fome, e a proximidade dele não me dá alternativas, aquiesço com a cabeça.

— Muito bem – ele sorri e cessa o toque.

Theodore me ajuda a salvar o trabalho num pendrive, desliga o computador e então me leva para o lado de fora, enquanto carrega as minhas coisas sob o braço.

— Aonde iremos? – pergunto.

— Comer qualquer coisa que não seja a coisa que servem aqui como almoço – ele sorri e me encara – é sério. Às vezes, aquelas coisas me dão medo.

Eu sorrio um pouco, mas então questiono:

— Não acho que estou apropriadamente vestida.

— Eu acho que está – ele olha para mim de alto a baixo – comeremos um cachorro-quente na esquina.

Caminhamos em silêncio, por algum tempo. Ele parece inquieto, olhando para os próprios pés de vez em quando e chutando qualquer coisa que aparecesse no caminho. Em dado momento, ele me olha e pergunta:

— Paloma, você tem alguém?

— Por que pergunta isso? – eu queria saber a razão, assim poderia dar uma resposta.

Primeiro, ele fica em silêncio, quando volta a falar, está reiterando a pergunta bem do jeito dele.

— Você tem ou não tem?

Eu só queria saber o que ele estava pensando, mas respondo ligeiramente constrangida.

— Não, eu não tenho ninguém.

Em uma fração de segundos, ele fica novamente relaxado. Sorri um dos mais belos sorrisos que eu já vi ele dar na vida, olha diretamente para mim, com aqueles olhos que antes eu estava encarando na biblioteca: tão azuis e que ao ar livre pareciam da cor do céu limpo no verão. Chega perto de mim e novamente afaga meu rosto com a mão livre, ele apenas diz:

— Agora você tem.

O seu seguinte movimento, após ter dito estas poucas palavras, é se aproximar de mim. Ainda mais. E eu me vejo obrigada a olhar para cima para não ficar encarando o peitoral dele. Quando eu percebo o que vai acontecer, Theodore já está me beijando.

Não foi um beijo romântico, nem de recém-conhecidos, foi um beijo rápido e exigente, que reivindicava alguma coisa para si. Quando nossos lábios se descolaram, e ele parou o beijo, eu ainda fiquei ali, de boca aberta, sem fôlego, assustada e surpresa pelo que aconteceu.

"Isso é um beijo!" meu subconsciente o elogia. Eu fui beijada pelo Theodore.

Ele sorri para mim, novamente, convencido, e segura a minha mão enquanto retomamos o caminho. A intimidade repentina não me incomoda, em vez disso, pareço enervada. Não sei se já consegui assimilar o que está acontecendo, na verdade ainda me sinto meio zozza, na zona do "UAU".

Paramos em frente a uma pequena lanchonete, ele pede, e eu fico esperando do lado de fora, à porta, esperando que ele saia. Só então, quando ele está longe e eu não me sinto hipnotizada por sua presença, é que eu revejo, em 3D, na minha mente, o que aconteceu

minutos atrás. Theodore sai da pequena lanchonete e se aproxima de mim, estendendo um cachorro-quente. Não pego o que ele me oferece e pergunto:

— Por que você fez isso?

— Isso o quê? – ele ainda tem um sorriso convencido no rosto – não deveria ter colocado mostarda na sua comida?

— Você sabe bem que não é disso que eu estou falando.

— Ok, eu sei. Relaxa – ele deu um passo mais para perto – você está falando sobre eu ter te beijado, ou sobre você ter gostado de eu ter te beijado? Porque acho que sou culpado das duas coisas.

— Por que você me beijou? – reitero a pergunta, irritada. Apagando o sorriso convencido do rosto dele.

— Simples. Quando eu quero uma coisa, qualquer coisa, não importa o que ela seja, eu vou lá e pego. Eu não peço, quando ela está livre.

— Ah, então você me reduziu à categoria destas coisas que você anda pegando por aí? Você já parou para se perguntar se eu quis isso?

— Eu acho que a sua atitude respondeu por você. E nem adianta fingir que não gostou, pelo modo que respondeu ao beijo, você o queria tanto quanto eu.

Eu ruborizo e me calo, depois dou as costas para ele e saio caminhando a passos duros. Porém, assim como a mulher de Ló errou ao olhar para trás, eu também caí no mesmo engano. Assim como eu li em algum lugar alguma vez: minha primeira impressão de Theodore fora fragmentada. Quando o olhei desde certa distancia, percebi que ele é um dos homens mais lindos que eu já tinha visto em minha vida. E, o homem mais bonito que eu já tinha visto em minha vida, estava se aproximando de mim, com um olhar zangado, mas um leve sorriso querendo surgir dos lábios. Ele estendeu outra vez o almoço para mim e permaneceu naquela posição, insistentemente, até que eu o peguei das mãos dele.

Ele apenas disse:

— Não seja assim. Será mais fácil se você admitir que me deseja agora e que já me desejava antes, sem nem mesmo ter me beijado, e agora que já me sentiu vai me desejar ainda mais.

Quis responder, mas não tinha respostas, Porque, maldito o homem, ele tinha razão no que disse.

— Você quis me beijar?

— Eu não apenas o quis antes, como é exatamente o que eu quero de novo, agora mesmo
– ele riu e se aproximou de mim.

Theodore deu-me outro beijo. Este não durou tanto quanto o primeiro, mas acalmou por alguns instantes a sede da minha boca. Ele saiu lentamente do beijo e olhou fixamente para mim, um sorriso crescendo em seus lábios de pura diversão.

TRÊS



**O que me surpreende é a impressão de não ter envelhecido,
embora eu esteja instalada na velhice. O tempo é irrealizável.**

Provisoriamente o tempo parou para mim.

Provisoriamente.

Simone de Beauvoir

O almoço foi silencioso, assim que o terminamos, caminhamos até um parque perto da escola, e sentamo-nos numa das mesas de madeira com os seus característicos bancos de madeira em estilo lenhador. Theodore não sentou ao meu lado, ele sentou de frente para mim. Apesar de Theodore vez ou outra ficar olhando para mim, eu estava nervosa demais para encará-lo de volta. Tudo que eu conseguia lembrar era que eu o tinha beijado, e de todas as reminiscências do beijo.

Nos poucos momentos em que eu o olhava, não era para mim que ele estava olhando, era para o horizonte. Ele buscava algo, alguém, numa contemplação silenciosa do céu. Por vezes ele fechava os olhos e inspirava profundamente, e eu sentia como se ele estivesse ouvindo música, uma música que eu queria ouvir também. Ele busca respostas, ele busca conhecer mistérios que eu nem tenho idéia.

Eu sabia, no fundo de mim, havia alguma coisa trágica sobre ele.

Olho para minhas mãos, outra vez, eu queria poder saber o que ele está pensando. Theodore quebra o silêncio, pergunta, ainda sem desviar o olhar:

— Se você quiser... Ainda posso me afastar de você.

Eu engulo um nó que se formou em minha garganta. "Como assim?" me pergunto, e como se ele estivesse ouvindo meus pensamentos ele explica:

— Paloma, eu quero dizer que eu deveria ter perguntado primeiro. Eu deveria ter avaliado todas as possibilidades, - ele olha para mim, finalmente, e seu olhar me mostra uma miríade de sentimentos distintos, dentre eles, segurança, mas sobre todos, medo. "Por que medo?" - Se você quiser, Pah, eu sumo agora mesmo, não torno a entrar no teu caminho.

"Ok" meu subconsciente me avisa, "você ganhou um apelido, a coisa tá ficando séria".

— Não... - eu me surpreendo com a rapidez que minha resposta negativa aflorou de meus lábios - quero dizer, você estava certo, aliás, está certo. Eu também quis aquele beijo, e... eu acho que se a gente não continuar com... - eu até tento buscar uma palavra, mas não a encontro, que coisa nós estamos tendo mesmo? - isso aqui - eu aponto de mim para ele - a gente talvez vá bater algum recorde de relacionamento mais curto do planeta, ou algo assim.

Theodore coça a sobrancelha e ri de minha confusão. Ele inclina a cabeça para o lado, o movimento torna seu rosto ainda mais gracioso e ele diz:

— Você tem razão, não queremos bater nenhum recorde negativo - Theodore apoia o braço no encosto da cadeira e segura o seu maxilar enquanto me encara - não é mesmo?

Enquanto ele faz isso, eu não consigo desviar o olhar. A pose que ele assume é totalmente segura de si, confiante, que eu me pego o admirando. Ele está deliberadamente tentando me seduzir, não é? por que ele fica me olhando desse jeito quente. Ou será que eu é que quero que ele faça isso?

— Você vai continuar com isso por quanto tempo?

— Isso o que? - ele pergunta com um sorriso maldoso nos lábios.

Eu preciso me aproximar dele, quando o faço, retiro a mão dele, gentilmente, de sob o rosto e a coloco encima da mesa. O rosto dele, o rosto maravilhoso dele, continua a me observar com uma mal disfarçada alegria.

— Isso - eu falo quando solto a mão dele.

— Por quê? - ele pergunta sem deixar de escancarar uma dúvida no rosto.

— Porque assim eu consigo raciocinar melhor – eu digo e sento novamente no meu lugar.

Theodore sorri e, em um simples momento, que passou despercebido por todos ao meu redor, eu sinto como se tivesse sido atingida por uma lufada de ar. O mundo oscila sob meus pés e eu sinto como se o dia tivesse iniciado a partir daquele instante. O sorriso dele ilumina o seu rosto, e o torna inumanamente bonito. Não os sorrisos contidos de antes, mas o um sorriso verdadeiramente divertido. Ele é tao lindo, e parece tão feliz, que eu me pego sorrindo de volta.

— Está ficando tarde... – eu digo, e lamento por não poder ficar mais tempo.

— Já quer ir? – ele pergunta.

— Sim, se já terminou o nosso primeiro dia juntos, eu gostaria de ir para casa – "Cara, o que eu tenho?".

— Poderíamos voltar juntos e conversar pelo caminho, o que me diz?

— Claro, por mim tudo bem – eu concordo com sua sugestão e me levanto desajeitadamente, enquanto ele levanta graciosamente e caminha com total controle de si.

— Então vamos, eu te acompanho até sua casa – ele diz e toma a minha mão. "Perigo!" meu subconsciente me adverte, no entanto eu não presto atenção, não protesto e o acompanho. Perguntando a mim mesma, por todo o caminho, como ele sabe onde eu moro.

Ele e eu entramos num Mustang antigo, porém muito conservado. Theodore assume aquela pose de Bad Boy que todos os meninos tem quando entram, confiantes, em seu carro. O caminho não é tão longo quanto eu queria. E chegamos ao meu destino.

Questiono-me outra vez como irei me despedir, eu nem sei, na verdade, o que somos. Se fossemos amigos, tudo seria mais fácil, um aperto de mão e um abraço simples, mas, quando na verdade ainda não me encaixo nem na categoria de namorada e nem na categoria de ficante (sendo que ele me pediu em namoro, não foi?) as coisas ficam bem mais complicadas.

— É sua última chance – sua voz interrompe meus devaneios.

— Minha ultima chance para que?

— Para desistir. Porque, se eu te deixar aqui, e se eu te beijar, antes de ir embora. Você será definitivamente minha. Nada poderá mudar isso, e mesmo que queira fugir, eu irei te encontrar.

Eu até sorrio para tentar aliviar a tensão que aquelas palavras trouxeram, mas ele está sério. Ele é tão bonito, por que ele tem que ser tão inumanamente bonito? Fica difícil raciocinar quando os olhos dele me olham desse jeito.

— Eu não quero fugir – eu me surpreendo com a firmeza em minha própria voz.

O olhar de Theodore me encara surpreso. E eu vejo que ele não acredita no que eu acabei de falar, por alguns minutos. Em seguida, ao notar minha firme resolução, Theodore se aproxima de mim, sem desviar o olhar do meu.

— Diga que quer ser minha – ele fala, e me sinto num quase transe pela voz dele.

— Eu quero ser sua – eu falo as palavras que ele quer ouvir.

Theodore joga as minhas coisas no chão, eu quero brigar por ele ter feito isso, meus livros estão em contato com a grama úmida, mas não consigo, estou hipnotizada por ele, e por seu movimento vindo até mim. Simplesmente fico plantada no meu lugar, vendo-o praticamente flutuando até mim, com olhos questionadores, como se esperando a minha permissão.

Ele está a dois passos de mim, e se eu beijá-lo agora, eu serei dele, ele disse. "Não!" meu subconsciente me ordena, mas eu sou teimosa e não obedeco facilmente. Eu inclino o meu rosto, e me aproximo dele, que se inclina, gentilmente, para que nossos lábios se toquem.

Theodore segura meu rosto em ambas as mãos, com cuidado, mas também com desejo, e ele aprofunda o beijo. E enquanto esse beijo dura, eu percebo que há muito mais do que provocação nesse beijo. Há algo muito mais profundo. Algo que liga algum sentimento no fundo do meu ser, algo que me torna dele, algo como uma promessa. E, eu sei, ainda neste momento que meu destino foi selado. Eu já sou dele, ou fui, talvez antes disso. Eu devo estar soando como uma louca, mas eu percebi, enquanto nossos lábios ainda se tocavam, que eu não conseguiria nunca mais fugir de Theodore, nem que eu quisesse.

Quando ele se afasta, seu olhar está escurecido, a pupila está dilatada, ele arfa suavemente contra meus lábios e então ergue o rosto e beija minha testa ternamente. Pergunto-me, com certo pesar, que ele já está indo.

— Entre agora, amanhã eu virei te buscar para irmos juntos à faculdade, será cedo, me espere.

— Tudo bem – concordo, mas na verdade eu queria pedir que ele ainda não fosse. Nós realmente tínhamos muita coisa para conversar.

— Volto antes que consiga pensar em me trocar – ele diz convencido e passa as costas da mão, levemente, contra meu rosto. Ele deve ter gostado de fazer isso. Afinal, sempre repete.

Theodore junta as minhas coisas, as mesmas que ele tinha jogado ao chão, e as entrega para mim assim que subo os degraus do hall de entrada.

— Até, Pah.

Eu me embolo com a chave na fechadura da porta, e me viro para lhe desejar um adeus tímido. Ao fazê-lo, porém, um pequeno calafrio corre minha espinha. Não há mais nada, Theodore não está mais lá. E nem em qualquer lugar que a minha vista alcance.

Caminho languidamente para o meu quarto, ainda chamo por Isabela, mas não há mais ninguém naquele local naquele horário. Subo as escadas, com uma sensação estranha. Não como nada, nem tomo qualquer líquido, a sensação não é fome. Jogo-me na cama, amasso os travesseiros, apreensiva, tenho vontade de gritar, mas meus lábios se negam quando os toco com meus dedos e relembro dos beijos trocados há não muito tempo.

Sinceramente, eu ainda estou tendo dificuldade para assimilar tudo. Em menos de um dia, subi alguns degraus no ranking de classificação das estudantes. Deixei de ser a esquisita nerd, agora sou a esquisita nerd que namora o cara mais desejado da faculdade. E, acho que isso só me deixa ainda mais esquisita.

Eu já o via antes na faculdade, Theodore sempre estava lá, com aquela pose insistentemente arrogante, bonito como nunca tinha visto outro, vez ou outra, rodeado por meninas, e quase sempre com seus amigos. Nalgumas vezes eu tinha a sensação de que ele até me olhava e tentava puxar um sorriso, mas eu virava o rosto, obviamente pensando que aquilo não se tratava de uma "pegadinha" dos veteranos. Fantasiar com Theodore, algo normal, qualquer uma fantasiaria com o cara mais lindo da universidade, mas daí a minha fantasia se tornar realidade?

Retiro os óculos de armação grossa do rosto, e os coloco sobre o criado-mudo.

Eu sequer sei o sobrenome dele e já o estou namorando? Acho que as expectativas das pessoas sobre mim são bem maiores do que isso. Ele pode ser qualquer coisa, qualquer tipo de pessoa, um predador, um ladrão, um estelionatário. As possibilidades são infinitas.

A noite começa a cair e eu ainda estou olhando para o teto, de costas na cama, os dedos ainda Tateando meus próprios lábios, lembrando-me do beijo. Eu não estou apaixonada, nem amando, disso eu tenho plena certeza. Eu não sou uma princesa da Disney que encontra o amor da vida em um bater de pestanas.

A sensação que tive, quando o beijei, foi tão estranha e peculiar, e ainda insistia dentro de mim até agora. Eu não sei o que era essa tal sensação, ou por quanto tempo iria durar. Eu sou uma pessoa introvertida, e isso está estranho até para mim.

Não é como eu me sinto normalmente, é mais estranho ainda. É um vazio. É uma sensação vazia de sensações, se é que isso é plausível. E não é apenas um vazio triste, mas um vazio escuro, como se eu tivesse um buraco em meu peito e ele não pudesse ser preenchido, ou como se uma mão gigante estivesse apertando o meu coração.

Eu sinto que falta algo em mim, algo essencial, algo como a minha alma.

QUATRO



**Não é digno de saborear o mel
aquele que se afasta da colmeia
com medo das picadelas das abelhas.**

WILLIAM SHAKESPEARE

A sensação estranha de vazio persistia, e eu não conseguia me livrar dela. Aquilo era algo tão terrificante de sentir. E não, não era fome. Quando Isabela chegou, depois de ter feito jogging pelo campus, eu aproveitei para ficar conversando com ela.

Conversamos enquanto ela fazia um jantar rico em proteínas e fibras. Depois, enquanto ela assistia ao filme: Legalmente Loira pela centésima vez, eu fiquei no mesmo sofá enquanto lia Goethe.

Isabela era uma boa amiga. Era fiel, dedicada, honesta em todos os seus conselhos, então, eu ainda não entendia por que eu não conseguia, sendo que eu deveria, falar para ela o que me tinha acontecido mais cedo. Eu estava com medo do que ela iria pensar, creio eu. Eu me sentia como se estivesse, isso quando eu pensava em falar no que aconteceu, contando uma travessura.

Talvez a insegurança venha do fato de o assunto envolver Theodore. Ele é lindo, não há o que discutir sobre isso. Aproximadamente vinte e quatro anos, o cabelo escuro parece uma capa de seda quando cai, despenteado pelo vento, sobre seu rosto; os olhos são de um tom tão puro de azul, que parecem duas lagoas translúcidas onde poderíamos enxergar os sentimentos nadando ao fundo, tal qual peixes; ele ainda combina isso tudo com uma intensidade que nos faz senti-lo sempre vivaz, o que acentua suas belas características.

Tudo bem, eu não sou feia, não mesmo, e nem tenho falta de autoestima. Eu me considero um tanto acima da média no ranking de beleza. Meus olhos também são azuis, apesar de não terem a mesma intensidade do tom de azul dos de Theodore, é como se meus olhos fossem de um azul apagado; meu cabelo longo, liso e negro é o meu trunfo. Eu até já fiz fotos como garota propaganda de uma conhecida marca de joias, e isso me rendeu um bom dinheiro. Saí do ramo quando eu comecei a fazer faculdade, não sou uma dessas garotas impressionáveis que não tem um plano "B" na vida, pois acham que serão modelos para sempre. Eu só não sou muito alta, sério, um e sessenta não é alta o bastante para mim.

— Ou! Ei! Acorda, estou falando contigo!

Pisquei para sair do redemoinho de pensamentos em que eu estava. Isabela olhava para mim, ela bem sabe que quando estou quieta demais, "lendo um livro" sem folhear as páginas, é porque estou ocupada demais com a mente, pensando em mil outras coisas. Ela retirou o livro do meu colo e me fez virar para ela.

— Anda! – ela reiterou – eu sei que tem algo aí, e eu quero saber o que é – ela sentou sobre os joelhos no sofá e colocou a tigela de pipoca sobre o próprio colo enquanto aguardava.

— Tem mesmo... – eu comecei, buscando as forças necessárias para falar sem parecer uma adolescente boba. Não com meus vinte anos.

— Então... – ela fez um gesto com a mão como se quisesse que eu expelisse as palavras – fale.

— Você sabe quem é Theodore Wright?

— Quem não sabe quem é aquele gato? Até os astronautas no espaço devem saber quem é Theodore Wright.

— Pois bem, Theodore me beijou hoje.

Eu falei rápido, e em seguida cobri minha boca com as mãos, como se eu tivesse acabado de falar algum impropério.

No rosto de Isabela passaram várias emoções assim que ela compreendeu o que eu disse. Primeiro, um leve choque, depois descrença, depois dúvida, depois aceitação, e por último, e não menos embaraçoso, um desnecessário divertimento.

— Me conta tudo! – ela desligou a televisão prestando cem por cento de atenção em mim – sua história deve ser melhor que esse filme. Ande, desembucha logo tudo!

— Bom, e eu acho que estamos tipo... Namorando...

Eu falei devagar, nossa, aquela palavra como status do nosso relacionamento há somente um dia, era estranho demais, até para mim.

— Como assim namorando? – ela questionou sem conseguir disfarçar uma surpresa ainda maior. Ok, Theodore e eu, juntos, não é nenhuma coisa de outro mundo, é?

— Bom, depois que nos beijamos, ele me pediu em namoro, e eu tipo que aceitei – eu disse percebendo o quão ridículo eu estava soando. Eu estava mesmo namorando um cara que eu tinha acabado de conhecer?

— Ele é superquente e tal, Paloma, - Isabela disse – mas, tem certeza que já? Namorar o cara mais lindo da faculdade é um passo e tanto. Quero dizer – se explicou – não é que eu não esteja feliz com isso, não pense isso de mim, também não pense que eu quero que você não o namore, mas, não acha rápido demais? Você é Paloma Bennet, a garota que conversou quatro meses com um menino antes de dar o primeiro beijo nele e sequer pegar na mão. Isso foi um salto gigantesco para fora dos seus padrões.

— Com certeza foi – concordei, afinal de contas era a verdade – eu simplesmente disse sim quando ele pediu e, quando percebi, já estávamos juntos, ou alguma coisa do tipo.

— Você tem que admitir que isso é estranho – ela disse.

— Isso é estranho, admito – ela estava certa.

E, enquanto eu expunha para Isabela, todos os detalhes, desde o momento em que nos batemos no corredor, a biblioteca, o almoço e a nossa vinda até o prédio, ouvindo uma ou outra exclamação aleatória, ela concordou que essa coisa que eu estou tendo, Theodore e eu, é semelhante a um namoro.

Quando eu terminei de contar todos os fatos para Isa, percebi, com pesar, que já era quase meia noite. Eu, com tanta certeza quanto a terra orbita ao redor do sol, chegaria atrasada no dia seguinte caso eu não dormisse imediatamente. Apesar dos protestos de Isabela para que eu contasse todos os pormenores do beijo, decidi ir deitar-me.

Na cama, coloquei o despertador para alertar às sete horas da manhã, assim eu teria uma hora para me arrumar antes de ter que ir à aula. E eu não queria ficar me sentindo mais exausta do que hoje pela manhã.

Não adiantou. Foi eu bater a cabeça no travesseiro para o sono passar. Fiquei revisando meu dia, detalhes do beijo, detalhes de Theodore, detalhes do azul celeste do olhar dele me esperando na manhã seguinte, que faltava pouco para chegar. Lembrei-me do beijo dele, dos olhos azuis nos meus, de algum modo, quando ele olhava para mim, eu sentia facilmente como se ele olhasse para algo além das minhas carnes. Ele me olhava de uma

forma bem mais profunda. Aquela boca... Deus, aquela boca... Eu nem sei o que faria se ele estivesse aqui.

O meu celular ao lado da cama vibrou.

— Alô?

A pessoa do outro lado me cumprimentou.

— Bom... Eu... – e eu fiquei falando igual uma tonta que não sabe formar uma frase coerente, por dois motivos. Eu não conseguia me concentrar direito ao ser acordada tão cedo, eu provavelmente tinha cochilado nalgum momento enquanto passeava entre as minhas lembranças, já que o despertador apontava que eram quatro e cinquenta e seis da manhã. O outro era: Como diabos Theodore conseguiu meu número de telefone?

— Eu sei que está bem cedo, Pah – ele disse como se tentando se justificar – mas, se você só conseguir um casaco ou algo assim, poderíamos sair um pouco, e eu ficaria muito feliz, queria te mostrar um lugar onde costumo ir.

A voz dele parecia ansiosa, quase como se ele esperasse ter o seu pedido negado. Eu não poderia sair, no entanto.

— Onde você está? – perguntei ainda maquinalmente, eu estava morrendo de preguiça.

— Olhe para cá para baixo, de sua janela – ele respondeu. Eu me levantei, apressada, e fui olhar pela janela como ele pediu. Theodore estava com uma calça preta e um casaco de corrida, e acenava para mim com o celular. Eu abri a janela devagar, para que ela não rangesse (nota mental, aplicar óleo singer nas dobradiças), e recomecei a falar pelo celular com ele.

— Você é louco, não é? O que está fazendo aí embaixo? – eu tentei brigar, mas não consegui esconder a animosidade na minha voz, uma animosidade boa.

— Bom, ao que tudo parece – ele respondeu num ar debochado – eu não conseguia mais dormir e pensei, vou lá acordá-la para que ela tenha olheiras como eu. Quem sabe saímos um pouco?

— Às cinco horas da manhã? – agora sim eu briguei, a animosidade na voz era má.

— É isso aí – ele sorriu e eu pude enxergar pouco de seu sorriso, já que a iluminação noturna no corredor das casas estudantis era fraca – vai me deixar aqui fora todo tempo? – ele perguntou quando eu não falei coisa alguma – está fazendo muito frio.

Finalmente lembrei, Isabela estava no quarto dela, bem próximo ao meu, um barulho só e ela já iria descobrir que tinha alguém no meu quarto, isso se não fossem os próprios seguranças do campus que o notassem. E eu não teria como fazê-lo entrar sem acordar alguém.

— Não posso, tem gente aqui em casa – eu falei um pouco triste, mais do que eu gostaria.

— Isabela?

— Sim. E ela tem o sono leve.

' — Não tem problema – ele disse – eu não irei acordar ninguém.

Theodore se aproximou da parede da casa, eu vi quando ele bateu a parede em busca de apoio, e quando ele começou a escalá-la, não sei como, sem qualquer dificuldade. E quando, um minuto depois, ele já estava dentro do meu quarto, olhando para tudo, para as fotos na parede, para minha cama, para meus ursos "Que droga!", e para mim. Só então eu lembrei que estava apenas com um pijama curtíssimo.

Quis me cobrir, mas ele começou a ficar estranhamente pequeno, sério, ele começou a encolher literalmente, e eu não sabia o que estava acontecendo. Eu só queria cobrir as partes que me envergonhavam enquanto o tecido descosturava e caía aos meus pés. Meus braços débeis não conseguiam esconder meu ventre e meus seios ao mesmo tempo.

Theodore via a cena com um olhar voluptuoso, ele até chegou a morder os lábios, e se aproximou de mim retirando minhas mãos enquanto me via completamente despida. Ele segurou meu rosto com uma única mão e ia me beijar.

Foi então que eu acordei.

CINCO



**Não desças os degraus do sonho
para não despertar os monstros.
Não subas aos sótãos - onde os deuses,
por trás das suas máscaras,
ocultam o próprio enigma.
Não desças, não subas, fica.
O mistério está é na tua vida!
E é um sonho louco este nosso mundo...**

MARIO QUINTANA

Já era manhã, os raios tímidos do sol tentavam vencer a grossa trama de algodão da janela. O despertador tocou e eu apenas estendi o braço para desligá-lo, eu já estava acordada há bastante tempo. Algumas coisas me mantinham acordada desde que despertei daquele sonho. Dentre elas, o fato de o horário que eu vi no relógio no sonho e também o horário na realidade, na exata hora que acordei, eram os mesmos. Ou seja, quatro e cinquenta e seis da manhã.

Ainda lembro que quando abri os olhos, eu tinha a sensação que aquele sonho tinha realmente acontecido. Eu quase conseguia ainda sentir vergonha por ele ter me olhado nua, sendo que, de alguma forma, ele não o tinha feito.

Eu estava soando louca demais.

Eu me levantei, não estava tão preguiçosa nesta manhã, provavelmente a adrenalina do sonho tinha me deixado mais elétrica, depois do banho, de escovar o cabelo, e todo o resto, eu me vesti rapidamente (tomando o cuidado de escolher algo que combinasse). Meu subconsciente, o tempo todo, balançando a cabeça negativamente para mim, como quem diz: "Ele não vem... tudo deve ter sido uma mentira, uma ilusão, você não pode estar namorando o cara mais popular da faculdade". Cara, até meu subconsciente é meu inimigo.

— Bom, eu espero que isso não seja brincadeira sua, Theodore – eu falei sozinha enquanto me olhava ao espelho – por favor, que não seja uma.

Fiz uma maquiagem leve, calmamente, hoje eu tinha tempo para não sair correndo e chegar à faculdade com a testa oleosa. Pó translúcido, rímel, delineador e brilho labial, eu estava pronta.

Tomei um gole do café que Isabela havia preparado (como sempre) na madrugada, antes de sair para correr. Mordisquei um pedaço de bolo devagar, vendo que os minutos passavam e que Theodore não chegava. Eu já não sabia mais o que fazer com o tempo que faltava até ele chegar, eu até lixei as unhas, disfarçando o medo bobo que crescia dentro de minha barriga em ansiedade. Eu queria que ele viesse me buscar como tinha dito, que ele voltasse a me encarar com aqueles olhos azuis lindos. Eu sentia, de algum modo, que a sensação de vazio que eu tinha dentro de mim, e que ainda não tinha se dissipado, só seria anulada quando eu estivesse ao lado dele. E não, não era paixão, era um reconhecimento profundo.

A campainha toca e eu respiro devagar, controlando minha ansiedade, duas vezes, antes de abrir a porta. Aliso um pouco meu jeans, que definitivamente não precisa ser alisado, e a minha blusa de algodão. Balanço o cabelo e retiro os óculos colocando-o sobre meu caderno encima do aparador perto da porta. Estou meio cega, mas tudo bem, eu tentei levar em consideração o pedido que ele me tinha feito.

Abri a porta.

— Olá! – Theodore me saúda animadamente. O olhar dele desliza sobre cada centímetro de mim, e eu o sinto me avaliar, de cima a baixo, parando um pouco de tempo demais na altura dos meus seios, e então ele olha para meu rosto – vejo que decidiu me ouvir e retirar os óculos.

Um sorriso debochado e convencido, ao mesmo tempo, surge em seu rosto.

— Nem pense nisso... – eu o advirto antes que ele fale qualquer outra coisa – eu não fiz isso pelo que me disse. Eu só quis tentar alguma coisa nova.

— Tente mais vezes – Theodore disse e se aproximou de mim, me dando um selinho rápido nos lábios e me sorrindo de uma forma quente.

Eu fiquei um pouco em dúvida se isso foi um elogio ou não, mas preferi, logicamente, acreditar que tinha sido um elogio, e dos bons.

Theodore entrou na casa, como se já fosse de casa, passou da sala para o corredor, sumindo ao entrar pela porta do quarto, e voltou trazendo a minha bolsa e minha carteira. Mais perto de mim, ele pegou meu caderno e colocou sob o braço.

— Como você? – eu comecei a perguntar, confusa, enquanto meu cérebro tentava entender como raios ele sabia onde era o meu quarto.

— Ah, você realmente não gostaria de saber, Pah.

Quando ele ia passando por mim, e ia sair depois de pegar minha mão na sua, eu o parei colocando a mão livre em seu peito.

— Ei, eu gostaria com certeza! – falei meio brava.

Theodore olhou para minha mão em seu peito, e então para meu rosto, ele procurou as palavras:

— Bom, digamos que eu apenas já... hum, já estive aqui antes.

Ele quis andar, mas eu não retirei minha mão e insisti.

— Quando, Theodore?

— Paloma, isso não é importante, não agora. E se você não se apressar, tenho certeza que chegará atrasada à sua primeira aula. Não acha que é hora de quebrar a rotina um pouco?

"Que grande merda!".

Ele tinha razão. De algum modo, a garota que acordou antes das cinco da manhã, já estava começando a ficar atrasada. Eu saí da frente dele e o deixei passar. Fechei a porta com a chave e chequei a maçaneta duas vezes. Quando me virei, para acompanhá-lo, ele já estava apoiado numa linda: vermelha, preta e prateada, veloz e perigosa, potente e magnífica, moto Harley Davidson. Daquele tipo que os braços do motoqueiro ficam nas alturas.

Congelei por um minuto antes de perguntar:

— Você, sinceramente, não espera que eu suba nisso, não é?

— Ah, eu espero sim – ele disse e piscou um olho – vamos lá, pelo menos você terá a oportunidade de colocar as suas belas mãos em mim mais uma vez.

"Hum, pegar Theodore, apertar ele a cada curva, abraçar Theodore na moto, Theodore lindo numa moto..." meu subconsciente pareceu ponderar comigo.

— Eu não sei – eu disse por fim.

— Você confia em mim? – ele se aproximou e argumentou – eu protejo você.

Ele me levou pela mão até perto da moto, ficamos os dois parados perto dela.

— Confiar em você? – eu sorri com a proximidade e com a estupidez do que ele falava – eu mal te conhecia até ontem. Na verdade eu mal te conheço ainda Você me beijou e pediu em namoro no mesmo dia, você entrou na minha casa como se a conhecesse de tempos. Tudo isso já é bem louco, mas daí a arriscar minha vida subindo num negócio... – "lindo!" pensei – perigoso desses... É demais, totalmente demais para mim.

Enquanto eu dava esse "ataque" de menina fresca, ele ficou me olhando calmamente, analisando meu rosto e a minha boca. Vez ou outra repuxando um sorrisinho no canto do lábio (conferindo a ele um sorriso torto encantador) e estreitando os olhos. Ele estava lindo, mas eu não ia parar de brigar. Quando eu terminei de despejar tudo para fora, aí sim, ele falou:

— Agora, que está mais calma, suba na moto – ele explicou – eu não pretendo pô-la em perigo, por duas boas razões. A primeira é que eu não estragaria aquela belezinha por nada – ele passou a mão no assento de couro e eu soube que ele se referia a moto – e segundo – ele olhou para mim e segurou meu queixo com o polegar e o indicador – eu não permitiria, de nenhuma maneira possível, que qualquer coisa parecida com dor chegasse em você.

— O que quer dizer, Theodore?

— O que eu quero dizer é – ele me fez olhar para ele aos olhos e falou pausadamente como se eu fosse alguma imbecil – suba na droga da moto.

Certo choque passou pelo meu rosto. Eu adoraria bater o pé no chão, e empurrá-lo com as mãos para que ele caísse e a moto dele junto com ele. Eu o mandaria se catar, ia chegar perto dele e esticar o dedo do meio bem no meio da cara dele, mas a única coisa que eu fiz foi me aproximar, pegar as minhas coisas que ele segurava com uma mão (que eram o meu caderno, carteira e bolsa) e seguir andando para a faculdade, como sempre fiz.

Por um tempo, Theodore ficou parado, e eu segui caminhando sem olhar para trás (que droga, eu estava parecendo uma criança). Eu acho que andei uns duzentos metros até ouvir a moto praticamente atrás de mim. Olhei para trás, Theodore girava a mão no acelerador fazendo que a Harley desse aqueles pequenos saltinhos de aceleração, que parecem um soquinho com a moto, e gritou para mim, para que eu ouvisse, pois ele estava com capacete.

— Pah, eu estou adorando a visão que eu tenho daqui de trás – ele se referia ao meu traseiro – mas chegaremos mais rápido se você deixar de bancar a adolescente e subir comigo na moto.

"Mãe do céu, eu estava cansada!".

Eu sei, foram só duzentos metros, (talvez nem isso), mas eu estava com um sapato de meio salto que esmagava meu calcanhar. Se eu continuasse a caminhar desse jeito, eu teria bolhas.

"Por que mesmo eu não calcei um tênis?".

Dei-me por vencida e subi na moto, meio desajeitada, não deixando de observar que eu não tinha capacete para mim. Ele pegou minhas coisas e colocou-as todas dentro da minha bolsa e pendurou-a no meu braço. Eu estava meio afastada dele.

— Aqui! – ele disse pegando minhas mãos e as envolvendo ao redor do seu peitoral (duro como pedra) para que eu o abraçasse e me apoiasse nele.

— Ei! Ou! – eu reclamei.

— Pah, não precisa fingir que não quer. Desse jeito – ele deslizou minha mão um pouco mais sobre ele, e eu tenho certeza que ele fez isso de propósito – você não vai cair.

— Eu não estou gostando – eu disse.

Tudo mentira! Eu estava adorando sentir o peitoral e a barriga durinha dele. Parecia até aço sob o tecido da camisa que ele usava e, apesar de ele ser relativamente magro, ele tinha um corpo muito bem desenhado, e forte nos lugares certos.

— Eu sei – ele disse e sorriu com vontade – aperta o quanto quiser.

Theodore disse isso só um segundo antes de ele arrancar com a moto. Quase meu pescoço e minha bolsa ficaram para trás. E, belos seis minutos depois, ele já estava estacionando na frente da escola.

Eu desci imediatamente. Minha mão tremia.

"Por acaso ele é louco?" meu subconsciente me recriminava e a ele também. Ele devia estar a uns mil quilômetros por hora, e eu sei que isso nem é possível com aquela moto. Eu nem mesmo usava capacete, meu cabelo estava bagunçado para todas as direções e eu tentava pelo menos alinhá-lo usando a ponta dos dedos enquanto meu coração desacelerava.

— Nunca mais na sua vida faça isso! – eu ordenei.

— Isso o que, exatamente? – ele se deixou passar por desentendido.

— Nunca mais corra desse jeito – eu respondi – eu não estava me segurando direito, meus dedos quase desentrelaçaram. A não ser que queira que eu morra.

— Isso nunca! – ele disse e se aproximou, passando a mão em meu rosto e buscando meu olhar com um olhar de preocupação estampado em si – me desculpe, tá bom? Achei que seria divertido. Amanhã usaremos o carro.

— Obrigada.

Eu fiquei meio constrangida pelo olhar dele, com certeza eu devia estar um caos, o cabelo bagunçado, o rímel borrado, por que sim, eu chorei um pouco de medo e, ainda por cima, pálida pelo espanto. Theodore beijou-me nos lábios devagar e saiu do beijo procurando um resquício do medo ainda em meus olhos. O beijo dele espantou o susto e o medo já tinha ido embora.

— Sente-se melhor? – ele perguntou.

— Mais ou menos – eu disse.

Não queria dar o braço a torcer, o beijo dele me tinha deixado mais animadinha, fazer o quê? Eu tinha melhorado, mas ainda estava fazendo manha.

Theodore me beijou outra vez, dessa vez mais firme, arrancando qualquer resquício de brilho labial de sabor de morango dos meus lábios.

— E agora? – ele sussurrou contra a minha boca e sorriu.

— Agora, definitivamente estou melhor – eu tive que admitir e sei que corei.

Ele beijou-me outra vez, dessa vez mais forte.

- E agora? – ele sorriu.

- Agora, definitivamente estou melhor – eu tive que admitir, e corei.

— Eu amo quando isso acontece em você – ele falou.

— O que? – perguntei, percebendo que ele não soltava meu rosto.

— Quando você deixa de ser casca dura e admite que gosta do que faço.

— Larga de ser idiota – eu disse – só porque fiz isso uma vez não quer dizer que vá acontecer sempre.

Foi minha vez de lhe sorrir, ele pareceu ter gostado da provocação. Eu lhe dei um "tchauzinho" com a ponta dos dedos e apressei-me para enfrentar a maratona de aulas dentro daquela construção, deixando-o com um sorriso formidável no rosto.

SEIS



Mesmo num amor de linhas tortas como o nosso, o fim parece um erro, como um ponto final no meio da frase.

GABITO NUNES

— É, tenho que te dar os parabéns. Quando você me contou aquilo tudo ontem, eu achei que você estava pirando, - Isabela disse – Uma parte de mim não queria mesmo acreditar. Agora, vejo que o negócio é sério.

O comentário surgiu depois de ela ter visto Theodore me deixando à porta da sala para sentar ao lado dela. Ele ainda a cumprimentou jogando um beijo com a mão como se fosse algum galã medieval. E eu fingi, apenas fingi que não a vi suspirando um pouco.

— Bom, Isabela, eu não sou tão louca quanto pareço. Pelo menos isso é um ponto a meu favor – eu sorri um pouco.

— Eu não te chamei de louca, sua louca!

— Deixa eu te perguntar uma coisa?

Pedi quando a lembrança de Theodore andando calmamente por todos os cômodos da minha casa, como se já a conhecesse, me veio à mente.

— Qualquer coisa. Depois de ter ganhado um beijo soprado de Theodore, você tem um bônus para usar até o final do dia.

Isabela falou enquanto enrolava o cabelo no dedo. Ela estava mesmo suspirando, ainda, por causa do meu Theodore?

— Theodore já esteve antes no nosso apartamento? – eu perguntei – quer dizer, ele já entrou lá alguma vez no dormitório das meninas?

— Ah... – ela pensou um pouco – não que eu saiba. Pelo menos não enquanto eu estou lá. Você sabe, eu não tenho ido a muitas festas, estou tentando regrar minhas horas de sono, e você também deveria fazer o mesmo.

— Começou...

— Começou não – ela me sorriu – por que está perguntando isso?

— Curiosidade apenas.

Minha resposta não a convenceu, eu percebi. E, apesar de ela não ter acreditado, ela decidiu-se a deixar o assunto de lado.

O professor Emerson entrou na sala. E foi simplesmente necessário ele dar um passo para dentro da sala, para eu me lembrar de que eu tinha esquecido a droga do trabalho de economia que eu fizera para entregar a ele.

"Que droga! E agora?" me perguntei sabendo que não tinha nada que eu pudesse fazer para resolver isso.

— Bom dia! – ele começou a falar com aquele tom irritantemente autoritário dele – Espero que todos tenham concluído os seus trabalhos. Eu irei recebê-los tão logo a lista de presença passe por todos os alunos da turma. Assim que ela voltar às minhas mãos e eu confirmar a vossa presença chamando seus nomes, cada um dos chamados deve trazê-lo e depositá-lo à minha mesa.

Coloco os cotovelos sobre a mesa e estendo as mãos para apoiar minha cabeça, frustrada. Como eu pude esquecer o trabalho que eu me empenhei tanto em fazer? Provavelmente é tudo culpa de Theodore, já que ele tinha roubado toda a minha atenção.

Fico uns longos minutos me martirizando enquanto a lista está passando. Assino meu nome e meu subconsciente balança a cabeça para mim enquanto me desaprova.

— Onde está seu trabalho, Paloma? – Isabela pergunta ao notar que não tenho nenhum pedaço de papel rabiscado em mãos para entregar.

— É...

Eu ia responder, mas ouvi alguém batendo à porta.

"Que seja a diretora para nos liberar, que seja a diretora para nos liberar..." repito dentro de mim como um mantra. O professor Emerson se levanta e vai em direção à porta, abre e atende o aluno do outro lado.

— Desculpe interromper sua aula, professor. Recebi uma mensagem de texto da Paloma Bennet, sua aluna. Ela pediu que eu trouxesse isto a ela, eu poderia entregar-lhe?

— Pois não. – o professor Emerson gesticula para que Theodore entre.

Theodore anda seguro de si, em minha direção. Como eu já percebi que seria rotina, algumas alunas suspiram enquanto ele passa por elas. Algumas até viram o pescoço para vê-lo passar por todos os ângulos. Ele me sorri, pisca um olho, e coloca um envelope de papel pardo sobre a minha mesa.

— Acho que vai precisar disto – ele diz baixinho, depois comenta mais alto – aqui, trouxe o que você pediu – ele anda de volta até a porta e agradece o professor – Obrigado professor Emerson, eu lamento ter interrompido.

— Não interrompeu, disponha.

Antes que o professor feche a porta, ele me lança um sorriso e vai embora.

Um presente no meio da sala? Eu me pergunto e abro o envelope com cuidado, afinal eu não conhecia o seu conteúdo. Qual não é minha surpresa ao retirar de dentro o meu trabalho impresso, encadernado com uma capa dura azul escura, e cujas letras do título estavam escritas em baixo relevo na capa?

Passei a mão naquele trabalho, no título e depois no meu nome, um pouco mais abaixo, escrito com letras douradas. Abri-o, e ele estava formatado com perfeição e impresso em páginas de papel pólen. Papel Pólen? Quando eu iria pensar nisso?

Eu não mandei droga de mensagem nenhuma. Olho em direção da porta, outra vez confusa e, dessa vez, um pouco assustada.

Eu consigo me lembrar de tudo muito bem. O trabalho que fiz, eu deixei encima da cabeceira da minha cômoda. Ele estava apenas preso com um clipe de papel grande, e com um pequeno post-it colado me mandando grampeá-lo e não esquecê-lo. Isso me levava a diversas perguntas que ecoavam na minha cabeça.

Como ele tinha conseguido o meu trabalho? Quando ele o encadernou assim? E a terceira, mas não menos importante, como ele sabia exatamente que eu iria precisar dele e me trouxe neste exato momento?

Isabela interrompe meus pensamentos com um comentário bobo.

— Que lindinhos vocês dois.

— Que lindinhos. O que? – eu pergunto. E lamento ter soado um pouco grossa.

— Já estão se ajudando – ela explicou – Eu juro que pensei que você não tinha feito o trabalho. Nunca mais me assuste desse jeito.

— Não, está tudo bem, eu fiz.

Eu balancei o trabalho para ela e sorri, mas não estava nada bem.

O professor Emerson chamou o meu nome, levantei-me para deixar o trabalho em sua mesa, como os outros alunos que ele tinha chamado o estavam fazendo. Assim que ele o recebeu, o ergueu para a turma e pontuou para todos.

— Por que vocês não são capazes de mostrar este nível de comprometimento? – ele pegou da pilha de trabalhos recebidos outro, que tinha sido confeccionado com folhas de fichário e apenas dobrado nas beiradas para que os papéis não se perdessem. Ele o coloca ao lado do meu – onde no planeta isto – ele balançou meu trabalho com algum orgulho – se assemelha a... Isto? – ele nem conseguiu dar uma olhada no trabalho sem fazer uma careta de desgosto.

Houve um burburinho na sala, mas ninguém respondeu coisa alguma. E eu voltei para minha cadeira depois de ser liberada. Assim que ele recebeu todos os trabalhos e os guardou numa pasta, o professor voltou-se para a lousa e começou a aula.

Eu tenho que dizer, não estava nem um pouco concentrada nela. Então fiquei apenas rememorando os passos antes de eu levantar, até mesmo antes de eu dormir, para lembrar onde estava o meu trabalho ao anoitecer.

Primeiro, eu o imprimi no computador da sala. Depois, coloquei um clipe de papel nele. Depois, para não me esquecer dele, coloquei um post it cor de laranja metálica, assim ele chamaria minha atenção. Por último, o coloquei sobre minha cômoda para que, quando eu acordasse, eu o visse imediatamente e não o esquecesse. Hoje, pela manhã, eu deveria ter me lembrado dele, ou seja, o post it laranja deveria ter chamado minha atenção para ele assim que eu acordasse. Eu o teria colocado junto aos meus cadernos e não o esqueceria, mas não o fiz, por quê?

Pensei, pensei, e cheguei a uma conclusão. Simplesmente porque ele não estava lá.

Eu não queria começar a parecer louca, e nem nada, mas, se o meu trabalho sumiu antes de amanhecer e estava com Theodore, isso só poderia significar uma coisa. Ele o pegou

antes de o dia raiar, provavelmente à noite. Sendo assim, a cena que me perturbou, dele entrando no meu quarto, e minha roupa encolhendo diante dele, realmente tinha acontecido.

"Isso nem mesmo é possível!" meu subconsciente ralhou comigo.

— Senhorita Bennet? – Emerson gesticulava para mim, finalmente eu me atentei a ele quando ouvi meu nome e ele repetiu – senhorita?

— Sim, professor?

— Responda a questão da página quarenta e seis do seu livro para a classe.

— Sim, senhor.

Agradei verdadeiramente. Finalmente eu teria algum trabalho para ocupar minha mente. Depois de ter conseguido concluir o exercício, eu tive que me concentrar na aula. O tempo passou bem rápido a partir de então. Quando eu dei por mim, o professor já fechava seu notebook, o que indicava que já era final de aula.

— Você vem almoçar comigo? – Isabela virou o corpo na minha direção e perguntou.

— Claro, por que eu não iria?

— Bom, agora que você tem, sabe, um namorado, achei que iria almoçar com ele.

— Amigas antes de garotos – eu disse para ela.

— Acho que isso não vai mais funcionar – ela me disse com um ar desconfiado.

— Por quê?

Isabela acenou com a cabeça para que eu olhasse para a porta. Quando fiz o que ela pediu, vi que Theodore já me esperava encostado nela, com sua calça preta e camiseta branca com uma jaqueta de motoqueiro. Ele parecia tão lindo, se não fosse ele ser tão convencido, ele poderia até ser perfeito.

Isabela colocou a bolsa lateral no ombro e pegou o notebook dela de sobre a mesa.

— Ei, espera... – eu tentei chamar a atenção dela, mas Isabela já estava parecendo decidida.

— Você pode vir conosco – eu disse.

— Acho que eu não tenho vocação para vela.

Ela deu de ombros e saiu da sala. Peguei minhas coisas, caminhei até a porta olhando para Theodore. Eu odiava o fato de que, cada vez que eu me aproximava mais dele, menor eu ia ficando. Decidi, contudo, andar com passos firmes, e no todo, ser firme.

— Precisamos ter uma conversa séria.

"Quanta firmeza!" Meu subconsciente desdenhou de mim quando eu quase gaguejei quando ele me sorriu.

— Ah, não – ele pareceu irritado – meus amigos sempre me disseram que isso ia acontecer. Não imaginava que fosse ser tão cedo – ele usou no final um tom cínico.

— Que? Do que você está falando? – fiquei confusa.

— Já estamos tendo uma DR? Não é assim que se chama quando a mulher fica brava e quer conversar sobre o relacionamento? Pode dizer: o que eu fiz?

— Não é nada disso – eu respondi e não me deixei desviar do assunto – e não tente me confundir.

— Ok, eu não tentarei.

— Eu quero saber como você conseguiu meu trabalho?

— Ah, sobre isso? – ele fingiu desinteresse – acho que o que você deveria fazer é agradecer, e não ficar reclamando quando eu salvei sua pele de uma repreensão.

— Não estou reclamando, estou perguntando. E eu já disse para não mudar de assunto. – reiterei a questão – Como você conseguiu meu trabalho?

Ele não ligou muito para meu tom zangado e respondeu com um sorriso no rosto:

— Eu consegui e apenas isso.

Como eu adoraria apagar aquele sorriso com um soco.

— Você esteve ontem à noite no meu quarto? – acabei perguntando, mesmo sabendo em quão ridícula eu soaria.

— O que? – ele tentou fingir choque, mas eu percebi que soou forçado demais.

— Oh, meu Deus! Você estava ali mesmo! – e cobri a boca com a mão e tentei encaixar os fatos – Então...

— Eu não sei do que você está falando – ele disse.

— Não finja mais, Theodore. De que outro modo você conseguiria o meu trabalho? Como isso aconteceu?

— Paloma, você sabe que está soando igual uma louca, não sabe?

— Não adianta. Theodore! Eu já disse. Eu sei que você estava lá. Eu só quero saber uma coisa: como fez isso?

Ele suspirou, exausto, não querendo falar, vendo que provavelmente teria que falar. Eu avaliava o rosto dele, procurando o sinal de uma resposta.

— É bem isso mesmo... – ele acabou sibilando irritado.

— É bem isso mesmo o que?

— Meus amigos me disseram que era nisso que daria eu tentar namorar você. Você é uma doida. Acho que eles estavam certos o tempo todo.

Theodore disse dando de ombros e, antes que eu pudesse falar algo, ele já tinha me virado as costas e caminhava, com passos resolutos, pelo corredor, para longe de mim.

"Que raio foi isso? Eu estava soando igual a uma louca mesmo?"

"Muito bem, Paloma" meu subconsciente debochou "já está sem namorado outra vez".

SETE



E se eu mudasse meu destino num passe de mágica?

(...)

**Estranho, mas é sempre como se houvesse
por trás do livre-arbítrio um roteiro fixo,
pré-determinado, que não pode ser violado.**

CAIO FERNANDO ABREU

Theodore não podia simplesmente me virar as costas e sair como se eu fosse qualquer uma. Ah, mas não podia mesmo. Andei atrás dele. Quando o vi, ele já estava rodeado por um pessoal que sempre andava com ele.

— Ei! – chamei a atenção dele – nós realmente precisamos conversar.

Eu o peguei pelo braço e o retirei do meio dos caras que conversavam com ele.

— Com licença, o dever me chama – ele falou num tom debochado querendo fazer graça.

Eu o estava puxando pelo braço, e ele se deixava levar, mas um pouco mais à frente, ele parou. Pegou minha mão e começou a guiar-me. Ele era quem conduzia agora. Passamos pelos corredores cheios de alunos, até alcançarmos um deles, vazio. Theodore observou as salas e encontrou uma vazia. Abriu a porta e me colocou alí dentro, entrando e fechando a porta atrás de si.

Ele se virou para mim e já foi dizendo num tom irritado:

— Em primeiro lugar, nunca mais faça isso. Eu não tenho problemas com os "showzinhos" que você queira dar, sejam eles do que forem, mas aquela cena foi completamente desnecessária. Todo mundo ficou olhando, e veja bem, eu não estou preocupado comigo, mas com você. É do seu comportamento que comentarão caso perca o controle – ele terminou a bronca e continuou num tom mais ameno – em segundo lugar, o que quer?

Droga, ele parecia zangado, mas eu não poderia vacilar agora. Se eu recuasse eu ia mostrar que era muito facilmente amedrontada.

— Uma explicação.

— Uma explicação sobre o que? – ele falou num tom calmo, mas o olhar dele ainda era irritado, não mostrava que iria parar tão cedo. Eu só não sabia mais se era com a pergunta ou comigo. De qualquer modo, eu tinha que continuar firme.

— Sobre o que? Sério? – eu disse – vai fazer-se de desentendido? Pois bem, eu explico. Sobre o fato de meu trabalho ter sumido da minha mesa hoje pela manhã e você estar com ele. Ou ainda, pelo fato de ele estar mais organizado do que eu sonharia fazer em anos ou, pelo menos, até apresentar minha monografia.

Theodore ficou me observando, quieto, enquanto eu despejava as palavras. O olhar azul dele me avaliando, me passando uma sensação de calma sem que eu quisesse. Eu desviei um pouco o olhar, não queria que ele percebesse que eu estava vacilando enquanto o olhar azul dele parava no meu desse jeito. Fingi-me de mais zangada ainda e questionei.

— Vai responder ou não? Por que, a não ser que tenha uma boa explicação, o que quer que tenhamos, termina aqui.

Eu tinha que ser mais dura, e valeu a pena. Mal as palavras tinham aflorado dos meus lábios, ele fechou a expressão, pela primeira vez levando minha ameaça a sério. Ele se aproximou e o olhar dele era um desafio quando disse:

— Você não teria coragem de fazer isso.

— Claro que eu faria e você sabe.

Theodore analisou a expressão em meu rosto por um momento mais, então se aproximou de mim mais um pouco. O rosto à centímetros do meu. A única coisa que eu conseguia pensar era em como ele estava perto demais, e o cheiro dele estava tão bom. Se eu não estivesse tão zangada com ele, eu o teria beijado alí mesmo.

— Então para de ficar zangada e me beija.

Theodore comentou tranquilamente. E eu gelei só um pouco.

— Como disse?

— Eu disse para parar de ficar dando uma de zangada e me beijar, se é isso que quer.

Eu ri, ri incontrolavelmente. Sei lá, bem poderia ser uma reação de pânico por que eu estava com as mãos frias. E já ouvi dizer que o riso também é um alívio para o corpo no momento de equilibrar as emoções.

— Se eu não fosse me achar louca, eu diria em alto e bom tom que você leu meus pensamentos - Quando eu olhei para ele, e vi que ele não falava nada, bem, eu comecei a me assustar - Oh, meu Deus, você não fez isso, isso nem é possível.

— Muito bem - ele disse - já que quer assim vamos fazer um teste ridículo qualquer para que você acredite. Pense em algum numero, qualquer numero na casa dos trilhões se quiser, e eu te digo que número foi esse.

Não podia ser, isso nem fazia sentido. Como ele conseguiria fazer isso? Eu não queria acreditar no que ele estava falando, mas, involuntariamente, me peguei pensando no número cento e cinquenta e seis.

— Número pequeno, cento e cinquenta e seis - ele falou e eu dei um passo para trás - pense noutro.

Era involuntário, ele me mandava e eu pensava mesmo sem querer. Pensei no número noventa e dois.

— Noventa e dois - ele disse tranquilamente - pense num número difícil, Paloma - ele deu um passo para mim e eu um passo para longe.

Dois milhões e trezentos e cinquenta.

— Muito bem! Dois milhões e trezentos e cinquenta.

Isso estava estranho demais. Eu logo comecei a pensar que isso tudo era um pesadelo, que em algum momento eu iria acordar. Ou pior, eu teria enlouquecido mesmo. Eu seria internada num manicômio, já estava em um, uma das duas coisas.

— Não seja tola, você não está louca... - ele disse - eu apenas consigo fazer... Bem, algumas coisas.

— Você é um mágico? É isso?

Eu estava há um braço de distância. Eu pensei que ele ia falar alguma piada, mas ele riu. Riu bem mais do que já tinha rido antes em qualquer oportunidade comigo. Riu tanto que teve que colocar as mãos na barriga para aliviar o ataque que aquilo causava. Eu já estava me sentindo suficientemente louca, não precisava de ninguém rindo da minha cara, ainda mais agora que eu também estava me sentindo uma idiota. A balança não estava para o meu lado hoje.

— Já me chamaram de muitas coisas – ele disse – magico nunca foi uma delas – ele até enxugou uma lágrima no canto do olho.

— Então isso não foi um truque? – eu perguntei – então que merda que foi?

— Eu teria que acabar com você após eu contar, e acho que não queremos isso – ele disse.

— Você é louco – eu disse – e eu não quero participar mais disso.

— Eu sou o louco? Ou é você que acha que eu leio mentes?

— Você admitiu!

— E daí? – ele disse – admitindo ou não admitindo, você continua me achando atraente o suficiente para você ainda ter interesse – e então com uma intensidade que não estava ali antes completou – esse não é o meu único truque, há tanto para saber ainda, eu só quero que você tenha paciência e confie em mim. Eu não estou pedindo nada difícil. Acredite, eu contaria a você se eu pudesse.

— Theodore, eu só queria saber. Eu odeio não saber onde eu estou me metendo, saber que eu estou em alguma coisa que eu não posso controlar.

— Isso é normal – ele disse – o desconhecido amedronta, mas nem toda escuridão é assustadora.

— Assustadora ou não, isso eu nunca saberei não é? – eu retruquei.

— No que depender de mim, não. – ele disse.

— Ótimo – sai de perto dele e fui para a porta de saída – então eu vou continuar saindo com alguém que irá saber o que eu estou pensando vinte e quatro horas.

— E por que não? – ele quase jogava as mãos pra cima, cansado dessa conversa, mas não o fez. Em vez disso se aproximou outra vez.

— Todos nós temos direito de ter nossos segredos, não acha? – eu respondi – eu quero ter o direito de ter os meus.

— Isso não é algo que eu gosto em você – ele disse enquanto colocava uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha – eu não quero que esconda nada de mim.

— Gostando ou não gostando, Theodore. Você sabe que eu não tenho escolha – eu falei.

— Não tem mesmo – ele disse, se aproximando para me beijar, pressionando-me contra a parede. Eu conseguia senti-lo inteiro colando a mim, com força. A adrenalina da nossa discussão ainda estava presente em mim, ainda não dissipada, fazendo que todo o toque dele, que os lábios dele, que cada centímetro dele me deixasse quente.

Theodore parou então, repentinamente, afastou-se e começou a folhear um livro qualquer que pegou na estante próxima de nós dois. Fiquei sem entender, mas, menos de um minuto depois, uma pessoa entrou na sala e quase nos pega em flagrante.

— O que estão fazendo aqui? – perguntou a Sra. Goldberg.

Ela era a diretora do departamento de Ciências Contábeis da faculdade, e olhava de mim para Theodore com um olhar que tinha curiosidade e repreensão ao mesmo tempo. Foi então que eu percebi, olhando direito para o local, e encontrando o nome dela numa plaquinha de metal sobre o balcão de atendimento, que estávamos na sala dela.

— Desculpe-nos Sra. Goldberg – disse Theodore, trocando o livro de mãos – a Senhorita Bennet veio pedir uma autorização para faltar à aula na sexta-feira, ela e eu estamos inscritos num congresso que haverá no centro de conferências da cidade.

— Isso não explica o porquê você estava mexendo na minha prateleira de livros – ela falou brava.

— Desculpe-me, o tempo passava, e eu estava olhando seus títulos – ele disse, e eu percebi que ele estava jogando todo o seu charme para ela – percebi o seu nome na lombada deste livro, e não pude evitar, eu tinha que dar uma olhada.

A Sra. Goldberg, uma mulher com mais de cinquenta anos, corou igual uma garotinha olhando para meu Theodore. Se eu não estivesse petrificada ainda no meu lugar, incapacitada de mentir ou de reagir de tão nervosa que estava, eu teria dito alguma coisa.

— Claro, está desculpado – ela disse e finalmente olhou direito para mim – sentem-se, por favor.

Incrivelmente, ela nos deu as licenças da aula de sexta, não sem antes dar a Theodore o livro no qual ele fingiu ter interesse, eu percebi que o tempo todo ela mal me notava, parecia em vez disso, estar louca para que eu não estivesse ali.

— Obrigado outra vez – ele agradeceu pelo presente recebido antes de sair pela porta.

Era incrível como ele conseguia parecer encantador e educado quando ele queria. Alguns passos mais à frente, e depois de ele ter jogado o livro recebido na lata de lixo, ele disse divertidamente.

— Então sou seu Theodore?

— Como é?

— Lá dentro – ele parou e ficou olhando nos meus olhos - deixa-me refrescar sua memória. Você disse que eu era seu quando a Sra. Goldberg corou por mim.

— Eu não disse isso.

— Mas pensou.

Ele disse, e sorriu de leve me dando mais um beijo, e depois virando para andar enquanto nos encaminhávamos para fora do prédio. Acho que dali iríamos para casa, sem a moto eu esperava.

Quando eu já estava à porta de casa, que eu tinha chegado sem a ajuda da moto, ele prometeu me buscar no outro dia.

— Me espera...

— Eu vou esperar – eu concordei.

Ele afagou meu rosto e me beijou, na testa, antes de me dar as costas.

— Mágico! – ele riu outra vez e saiu caminhando tranquilamente para pegar o carro que um dos colegas dele lhe tinha emprestado, e me deixando com cara de quem não entendia nada de coisa alguma.

OITO



O amor não é senão o desejo; e assim, o desejo é o princípio original de que todas as nossas paixões decorrem, como os riachos da sua origem; por isso, sempre que o desejo de um objeto se acende nos nossos corações, pondo-nos a persegui-lo e a procurá-lo e somos levados a mil desordens.

MIGUEL DE CERVANTES

Foi depois que eu já estava no banho, enquanto a água morna do chuveiro me lavava de todo o estresse do dia, que eu percebi o quão estranho tudo o que me tinha acontecido naquele dia soava. Eu não me senti bem por alguns instantes, eu estava desconfiada de tudo. Eu sei que minha reação instintiva deveria ser afastar-me dele, mas o mistério que ele guardava não me assustava a ponto de me fazer querer escapar para longe. Na verdade me deixava mais intrigada.

— Não sei o que está fazendo aí, mas eu também quero tomar banho.

Era Isabela me chamando enquanto batia à porta. Eu não sabia bem quanto tempo eu estava aqui trancafiada no duche. Eu só estava deixando a água quente correr tranquilamente sobre mim. Levando consigo meus pensamentos e neuras.

— Você está bem? – ela perguntou de forma preocupada.

— Sim, já estou de saída – eu disse.

Eu estava bem? Creio que sim. Apenas confusa com todas as coisas novas e inexplicáveis que Theodore estava trazendo para minha vida. Eu não quero mais isso. Eu não quero viver dia e noite com medo. Eu não guardo nenhum segredo grave, eu não sou nenhuma espiã

rusa, por exemplo, nem uma assassina foragida, mas ainda assim, viver com a suspeita de que alguém possa ter a habilidade de ler seus pensamentos é angustiante.

— Tem alguém chamando você aqui fora! – Isabela berrou outra vez enquanto batia à porta.

— Quem é?

"Que não seja ele, que não seja ele". Meu subconsciente e eu fizemos figa.

— Theodore – ela respondeu.

Droga! Eu tinha que me apressar, eu não estava nem um pouco apresentável toda molhada. Eu tentei fazer o melhor que eu pude em menos tempo quanto possível. Eu não queria deixa-lo esperando muito tempo. Se esse namoro recente sobreviveu ao fato de que ele consegue, de algum modo, saber o que eu estou pensando, bom, ele conseguirá sobreviver a mim sem maquiagem.

Vesti a primeira coisa que achei no armário e penteei o cabelo para, pelo menos, parecer uma cidadã de bem. Falhei bem legal.

— Você está linda – ele disse enquanto eu me apresentava na sala.

Por que ele tinha que estar sempre tão bem vestido? Tão bem alinhado? Eu acho que ele devia gastar mais do que eu em roupas, mais do que eu e Isabela juntas gastávamos em roupas. Ele usava um jeans escuro e uma camisa social preta com os punhos erguidos até o cotovelo. Apenas isso, mas de algum modo ele parecia tão sexy e selvagem ao mesmo tempo, tão gostoso.

Theodore sorriu para mim, e naquele sorriso ele me deu três certezas. Primeira: ele e eu ainda estávamos namorando. Segunda: ele ficava ainda mais selvagem e gostoso quando sorria daquele jeito, misterioso e sombrio. Terceira: ele tinha ouvido tudo o que eu acabara de pensar.

— Podemos ir para o seu quarto? – ele perguntou – acho que temos que conversar um pouco.

Theodore olhou questionador para mim, Isabela estava sentada em um sofá e ele em outro, ela me olhou e me encorajou com uma leve piscada de um olho só. Que não deve ter passado nem um pouco despercebida pelo cara que vigiava meus pensamentos.

— Acho que podemos. Claro... Bom... – eu estava nervosa – vem por aqui.

Theodore levantou-se e veio por onde eu apontava. Lembrei que estava com fome, interrompi nosso trajeto e fui até a geladeira, peguei um saco grande de salgadinhos e uma coca gelada. Tive o mínimo de educação e me virei para perguntar:

— Algo para você? Temos Cheetos, Ruffles, torta de manteiga, suco, coca-cola, e um monte de coisa natural que parece vomito de gato e que eu não sei como Isabela consegue comer.

Isabela reclamou um pouco enquanto Theodore e eu sorríamos.

— Acho que quero uma dessas aí também – ele disse apontando para o meu refrigerante – não tenho fome, não de comida.

Peguei mais outra latinha e joguei para ele, quando íamos na direção do quarto olhei para Isabela que sorriu para mim e falou alto como se fosse a responsável pela casa.

— Não façam muitos barulhos e usem camisinha. Aqui é uma casa de família.

— Isabela! – eu a repreendi, mas soou mais como pavor.

— Estou apenas pedindo que se controlem – ela deu de ombros se vingando pelo "vomito de gato".

— Eu definitivamente faço barulho – ele disse em um tom quente – prometo me comportar, apenas por hoje.

Isabela ergueu os braços fazendo um gesto para que saíssemos da frente dela e sorriu enquanto Theodore seguia tranquilamente na direção do meu quarto.

— Fica à esquerda... – eu disse até perceber que tola eu era, dando direções para ele quando na verdade ele já sabia onde ficava.

Entrei no quarto após ele abrir a porta, e sentei-me na cama, com as pernas cruzadas, quase numa posição de yoga, e comi enquanto ele me observava.

Eu tentava não pensar em nada, só não sei se isso era possível, eu nunca iria saber. Eu não queria ter nenhum tipo de pensamento indecoroso com ele, ele saberia, e pior, ele provavelmente iria me achar uma descontrolada. Theodore sentou-se na cama perto de mim, e despreocupadamente começou a pegar um pouco do meu salgado.

— E então? O que o traz aqui esta noite? – eu tinha que perguntar.

— Vim visitar minha namorada, o que acha que eu estou fazendo? – ele respondeu me sorrindo.

— Bom, mesmo quando se visita alguém, geralmente temos um motivo. E também não o fazemos sem avisar primeiro, o que é o mínimo exigido neste tipo de relação social.

— Eu acho que você sabe o motivo de eu vir aqui.

— Eu sei?

— Sabe sim.

Ele olhou para o meu rosto e eu me forcei um pouco a lembrar. Era verdade, ele tinha dito apenas que tínhamos algo a conversar. Eu não sabia o que era esse algo sobre o que deveríamos falar, além do fato de que ele não me diria o porquê ele conseguia ouvir o que eu pensava. Bom, fora isso, eu não me lembro de ter outro assunto, na verdade lembro bem que ele me disse que viria me buscar pela manhã de carro.

— Diga-me – eu pedi.

— Eu não quero mais isso – ele repetiu em alto e bom tom os pensamentos que eu tive no banho – Eu não quero viver dia e noite com medo.

Não falei nada um tempo, assimilei o fato de que ele sabia o que eu pensava mesmo de longe. Minha mente ficou cheia de perguntas, muitas perguntas. Mas ele interrompeu minha boca antes de fazer algumas delas.

— Antes de tudo, você é uma péssima namorada sabia?

— Oi? Como é? – meu cérebro deu um nó, eu não entendi nada.

— Boas namoradas recebem seus namorados com um beijo. Desde que eu cheguei aqui, não recebi um beijo sequer.

Oh, droga. Sério isso? Eu de repente fiquei muito constrangida, olhei para os lábios dele tão convidativos, tão macios quando eu me lembro, e ele estava quente de verdade, mas não queria que ele soubesse, então disse.

— Talvez eu não tenha tido vontade.

Ele sorriu, então retirou as coisas que eu segurava e as colocou encima do meu criado-mudo, aproximou-se de mim e disse baixinho.

— Isso aqui – ele tocou meus lábios – está dizendo que não, mas isso aqui – ele tocou minha testa – está implorando por um sim.

— Não seja estúpido... – eu disse ainda, pouco tempo antes dos lábios dele colarem aos meus. Definitivamente colarem.

O beijo não era frio e egoísta como o de um garoto qualquer, que fica mais preocupado em realizar um bom desempenho e impressionar do que efetivamente agradar a parceira. Não! O beijo dele era decidido, ele sabia bem o que queria, ele comandava, eu apenas correspondia, buscando o ar uma ou outra vez sempre que ele me dava oportunidade.

As mãos de Theodore desceram do meu rosto que ele segurava até o meu corpo, passaram primeiro pelos meus braços, despreocupadas, e depois vieram para a minha cintura, ele apertou um pouco me fazendo arfar contra os lábios dele. Ele me puxou para perto dele, eu desenrolei as pernas e fiquei de joelho perto dele, as mãos dele continuaram descendo mais um pouco.

Eu o queria, bastante, sei que foi tudo recente, mas ele me passava muita vontade, e quando ele me beijava daquele jeito, parecia que ele tinha sido feito exclusivamente para aquilo, como um especialista.

Ele segurou minhas pernas e me puxando de uma vez ele me jogou na cama, meu cabelo espalhou-se por todo o travesseiro como braços de quimera, e ele me olhou por vários instantes. Theodore estava absolutamente lindo, ele desabotoou a camisa que ele jogou num canto do quarto, chutou os sapatos para longe dele e veio para cima de mim.

O corpo dele estava quente em resposta ao contato com o meu. A calça jeans dele contra meu pijama, a calça dele vencia me causando um delicioso atrito, ele continuou a me beijar, colocou os braços ao meu redor e movimentava-se sobre mim.

"Isso é errado, muito errado!", meu subconsciente avisou. "Eu não posso estar querendo transar com ele agora, ele está muito gostoso, mas eu não posso, eu só estou namorando há dois dias".

Então Theodore parou, ficou suspenso sobre mim, o olhar dele procurando os meus, eu estava confusa e desnorteada ainda pelo beijo dele, mas eu sabia que eu não queria, eu não era assim. Quando ele viu a certeza em meus olhos ele beijou calmamente minha testa e saiu de cima de mim.

"Que droga".

— Por que você parou? – eu perguntei meio insegura.

Ele respirava fundo, ele queria aquilo, dava para notar.

— Porque – ele disse – eu não sou nenhum maníaco, eu só iria continuar se você quisesse.

— Eu queria – eu menti,

— Não minta para mim, você nunca será capaz de mentir para mim – ele perguntou dando uma olhada para minha cabeça sugestivamente – já esqueceu?

"Droga de novo!".

Pensei logo, ele tinha razão. Ele sempre iria saber o que eu queria? Até mesmo se eu mentisse uma bobagem ele iria saber?

— Sim, eu vou saber – ele respondeu enquanto se colocava a camisa de volta, sem abotoá-la, e sentou-se na cama, só um pouco mais afastado de mim dessa vez.

— Me desculpa – eu pedi – não é que eu não queira, é só que, foi tão rápido.

— De modo algum – ele disse – isso não é algo de que deva se desculpar, eu sei que você queria, se eu continuasse você não diria não, mas qual seria a graça para mim? Seria quase forçado.

— Sem desculpas então – eu ironizei.

— A culpa foi sua também – ele disse divertido outra vez. Fazendo-me esquecer por um instante do constrangimento que se tinha encerrado menos de um minuto atrás.

— Como é?

— Sim, a culpa foi sua – ele disse – por que em sã consciência você achou que deveria vestir esse pijama minúsculo para me receber?

Não tinha nada de errado com meu pijama. Eu apenas tinha tomado um banho quente e decidi vestir o pijama curto, ou seja, um short de algodão e uma blusinha de alça.

— Ei, espera aí! – eu falei ao perceber que ele poderia ter feito isso tudo apenas para que eu esquecesse o assunto da nossa conversa de antes – não fuja do assunto! Quando você vai me falar tudo que eu preciso saber?

Ele ficou sério de repente, olhou para mim titubeando entre falar a verdade ou mentir, mas enfim, disse-me:

— Quando você estiver preparada para saber.

NOVE



As coisas que nos assustam são em maior número do que as que efetivamente fazem mal, e afligimo-nos mais pelas aparências do que pelos fatos reais.

SÊNECA

Quando eu levantei pela manhã, não sabia direito o que tinha acontecido na noite anterior. Pela manhã, como já é costume, eu sempre fico um pouco confusa. Eu precisava comer alguma coisa para que tudo ficasse normal. Pelo menos o meu tipo de normal.

— Ele dormiu aqui?! – Isabela surgiu do nada e perguntou dois tons acima do seu volume de voz normal.

Eu estava preparando um suco de laranjas fresco pra tomar no café da manhã, nada de café naquele dia, e ela tinha acabado de me perguntar a que horas Theodore tinha ido embora. O que até me pegou desprevenida, já que eu achei que ela ainda estava acordada quando ele saiu, mas só agora percebi que ela não o tinha visto sair até a hora em que foi deitar.

— Calma, Isabela, não precisa se estressar – eu disse – e fale baixo, por favor, eu acho que ainda estou dormindo – reclamei.

Eu tinha que colocar alguma coisa rápido dentro do estomago para virar gente. Ainda eram cinco horas da manhã, e eu já sabia que não conseguiria dormir outra vez.

— Eu não tenho nada contra, mas... – Isabela e os "mas" dela, sempre significavam que vinha por aí alguma pergunta ou comentário pesado – não acha que foi muito prematuro?

— Do que você está falando? – deixei de lado o que estava fazendo, pelo menos um pouco, e perguntei juntando as sobrancelhas em confusão.

— Ah, você sabe. Não me vá dizer que é tão inocente assim. Dormir junto... – o tom que ela usou para delinear a palavra "dormir" me fez entender, exatamente, o que ela queria dizer.

"Bela amiga..." meu subconsciente comentou com um ar irritado por eu tê-lo acordado tão cedo.

— Não, Isabela – eu comecei a me explicar – nós não fizemos sexo, se é o que quer saber. Ficamos apenas conversando, até tarde. Depois, eu fiquei com sono, Theodore esperou que eu dormisse e então ele foi embora.

— Do jeito que foram para o quarto ontem não achei que chegariam de roupa até o corredor.

— Mas chegamos. Eu ainda tenho um pouco de juízo. Mais que você, pelo menos, você sabe.

— Não seja má – ela me piscou.

Eu disse isso tudo, tentando parecer bem séria, mas falhando miseravelmente na tarefa de não corar. Isabela avaliou meu rosto procurando o sinal de alguma mentira que eu estivesse escondendo.

Eu odeio isso. As pessoas ficam me olhando como se eu tivesse necessidade de mentir para elas. Se eu tivesse feito alguma coisa com Theodore, pode ter certeza, eu iria ser a primeira a não conseguir esconder. Já ia bastar meu sorriso de orelha a orelha no rosto o dia inteiro.

— Bom, eu tenho que sair. Eu vou correr – ela mudou de assunto de repente – senão o hambúrguer de ontem vem para cá – ela batei no quadril e pegou uma garrafinha de água e uma barra de cereais. Acenou-me e se despediu ao sair pela porta – Ei, Paloma...

— O que? – olhei para ela.

— Juízo – ela piscou para mim e saiu com um sorriso no rosto.

Quando ela saiu, finalmente com silêncio na casa. Terminei de preparar e tomei meu suco de laranja. Joguei o copo sujo na pia e fui para o quarto. Eu ainda estava cansada, pelo menos eu me sentia cansada, mas vendo que o sono não voltaria tão cedo e que eu ainda tinha que ir para a aula em pouco tempo, preferi ficar deitada na cama, bisbilhotando as redes sociais pelo aplicativo do celular.

Então, quando eu estava distraída, ouvi um barulho vindo da sala. Um som de um baque, algo pesado caíra. Deixei o celular encima da cama e andei pelo corredor, devagar, para verificar o que tinha sido a causa de tal som.

— Oi? Tem alguém aí?

"Não seja idiota, se for um ladrão você está numa enrascada" meu subconsciente me alertou, meio tarde. Eu já tinha visto isso umas quinhentas vezes em filmes de terror, eu sabia que eu não deveria estar perguntando, mas foi quase que involuntário.

Não houve resposta.

Dei mais alguns passos, e então ouvi um barulho mais forte. Parecia que tinha alguém na sala da casa da vila estudantil. Algum móvel deve ter sido derrubado, pois o som pareceu com o dos livros da estante da sala sendo derrubados, como se toda a prateleira tivesse caído. Depois, nada, nenhum barulho mais.

Eu estava com medo, mas eu não iria voltar para o quarto, dei mais alguns passos, me aproximei mais da sala que parecia vazia.

A janela estava aberta, o vento balançava as claras cortinas. Além disso, nada mais de estranho havia. Inclusive, os livros, que eu achei que tinham sido derrubados, estavam ali, organizados em fileiras de ordem alfabética na estante de madeira de lei.

O que explicava o barulho então? Nem eu e nem o meu subconsciente conseguimos responder.

Eu ainda estava tensa, procurando uma resposta, mas meu pensamento foi interrompido pela campainha. Aproximo-me devagar, olho pelo olho mágico antes de abrir a porta.

"Theodore?" me pergunto em silêncio "À esta hora?". Abro a porta. Theodore pega meu rosto nas mãos, avaliando minhas emoções, ele parecia verdadeiramente preocupado.

— Você está bem? – a voz dele questiona, e o modo dele falar parece diferente, nervoso.

— Estou bem sim. Por que, Theodore?

Eu perguntei e me afastei um pouco. Eu estava uma bagunça, com certeza. Depois que eu tinha me levantado, eu sequer tinha organizado o meu cabelo, que parecia o de uma mendiga. O que me envergonhava um pouco, já que Theodore sempre parecia arrumado demais.

— Eu senti que você precisava de mim. Você estava com medo – ele disse e entrou na casa, passeando o olhar pelo ambiente, como se fosse algum perito policial.

Ao notar a janela aberta, ele foi até ela, baixou a parte da "guilhotina" e a travou por dentro. Fechou as cortinas. Caminhou pela sala, veio para perto de mim, que ainda nem mesmo tinha saído do lado da porta, me chegou para dentro da casa e passou a chave na fechadura que eu recém tinha destravado.

Aquele cuidado excessivo sem justificativa estava me dando nos nervos.

— Theodore, o que está fazendo? – perguntei, mas ele ficou em silêncio.

Continuei o encarando verificar se a fechadura estava trancada por algumas vezes, repeti a pergunta com um tom um tanto mais endurecido.

— Theodore, que droga! O que está fazendo?

— Eu estou protegendo você, Paloma – ele disse – poderia entrar qualquer um aqui dentro com a janela aberta desse jeito. O campus não é um local seguro, sabia que algumas casas estudantis já foram assaltadas esse ano? – ele perguntou como se fosse o sabedor de todas as coisas – além disso, quando uma pessoa entra na casa, é costume fechar a porta, não ficar ao lado dela feito uma idiota.

Ele até poderia ter razão, e eu não sabia se era o excesso de sono, de cansaço, eu ainda estava meio grogue, contudo, sabia que ele estava agindo muito irritadinho para meu gosto, e também consegui perceber, em meio aquilo tudo, que ele tinha chegado rápido demais.

— O idiota aqui é você, fala direito comigo – eu comecei a brigar, mas aí a pergunta me surgiu e eu a fiz um pouco confusa – espera aí. Como você chegou aqui tão rápido? Eu nem mesmo liguei para você, e se aquela coisa do pensamento realmente funcionar, você também não teria como saber, eu não pensei em você.

Theodore deu de ombros, com um jeito desinteressado ficou me examinando enquanto eu tirava conclusões precipitadas.

— Theodore, que droga! Fala alguma coisa!

— Eu sabia que você estava precisando de mim, por isso vim. O meio não importa, finja que eu peguei um trem bala, tudo bem? E que por isso cheguei tão depressa. – Theodore falou, mas depois ele foi para perto da janela, chegou um pouco a cortina, checando o movimento lá fora, e a fechou outra vez – por que não vai se arrumar para ir para a aula? Eu te espero aqui.

— Às cinco e meia da manhã? Com tudo escuro lá fora? – eu disse – não, muito obrigada. Eu ainda não sou a zeladora dela.

— E o que quer então? – ele perguntou para mim, já se aproximando, os lábios dele queriam encontrar os meus, a mão dele estava na minha nuca e a outra me segurava pela cintura, e eu estava a ponto de ceder, por causa da proximidade.

Pelo menos dessa vez, eu tinha que ser forte. Minha cabeça estava confusa, e com a boca de Theodore tão perto da minha, até meu subconsciente estava desorientado. Eu ainda não conseguia assimilar o fato de que parecia que ele estava praticamente em frente à minha casa, à porta, após o barulho que eu ouvi. Consegui me desvencilhar, e me afastei.

— Pelo menos uma vez na vida, Theodore, a verdade – eu pedi – como você chegou aqui tão rápido? Como raios você sabe do que eu estou precisando e no que eu estou pensando? Eu já estou cansada disso.

— Senhorita Bennet, essa não é a melhor hora – ele disse – tem coisas muito melhores para se fazer cedo de manhã. Eu posso mostrar algumas delas...

— Oras, Theodore, não tente isso, pois eu vou ficar com raiva de você. Eu realmente, realmente – pontuei a palavra – gostaria de saber. – completei amargamente – se prefere ficar mentindo para mim, você pode sair por essa porta e não voltar nunca mais.

Theodore ficou um tanto surpreso pela força nas minhas palavras. Eu estava decidida, ele sabia.

"Eu estou falando sério!" pensei, pois eu sabia que ele estava lendo os meus pensamentos.

— Muito bem – ele disse – quer a verdade? Vamos lá, mas não me culpe por se sentir louca mais tarde, ou se me achar um louco mais tarde.

— Não culparei ninguém – respondi firmemente.

— Pois bem, eu deveria proteger você.

— Certo. Isso eu já sei, o que mais?

— Senhorita Bennet, você não está entendendo – ele começou a falar devagar como se estivesse me explicando – eu não vim te proteger por que a sua janela estava aberta. Ou por que você é tão idiota a ponto de não saber como funciona uma porta. Eu sou... Que merda! Digamos que você tem algum valor para mim.

— Eu pedi uma explicação, não isso que está me dando. – continuei – você sabe que não estou entendendo nada, não sabe?

Theodore passou as mãos pelo cabelo, frustrado. Eu achei que ele estava ficando com raiva por causa de minha insistência, mas na verdade o que ele fez foi se aproximar, um tanto mais, e falou para que eu ouvisse.

— Você vai ter que me perdoar por isso – ele falou um tanto sério demais.

— Isso o que, Theodore? – perguntei nervosa.

— Eu vim aqui para matar você.

DEZ



Na asfixia dos teus check-mates!
Sou-lhe o majestoso Rei
Mata-me aos paladares seus
Que da sua inevitável fúria fatal
Desfaleço no teu prazer e
Ressuscito pra ser-lhe o infalível amor!
Por ti enamorado, sou imortal...

IMORTALIDADE NO AMOR

Como se eu precisasse disso para sobreviver, e eu provavelmente precisava, eu falei, dando alguns passos para trás.

— O que você disse?

Eu não queria entender o que ele estava dizendo. Eu estava chocada demais para que as palavras fizessem sentido.

— Eu disse exatamente o que você ouviu – Theodore disse e deu a mesma quantidade de passos que eu dei para me afastar, encurtando a distância outra vez.

— O que eu disse foi exatamente o que você ouviu – Ele repetiu se aproximando quando eu ainda insisti em dar um passo para mais longe – eu vim aqui para matar você, senhorita Bennet.

— Fique onde está! – eu falei alto, dando alguns bons passos para longe dele, minha voz falhava ligeiramente, eu estava morrendo de medo – saia da minha casa! Eu não quero mais ver você! Não apareça na minha frente nunca mais na sua vida!

— Isso será um tanto impossível – ele disse com um sorriso nos lábios, um sorriso diferente de qualquer sorriso que ele já me tenha dado. Um sorriso de verdadeiro escárnio.

— Eu não quero saber, Theodore – eu disse e consegui manter uma boa separação entre nós dois – Se não queria nada comigo, por que ficou fingindo ser o que não era esses dias? Você é um grande de um filho da mãe idiota! Por que você brincou comigo desse jeito?

— Uma caçada de gato e rato, adrenalina, diversão, ver você caindo de amores por mim, não tem preço... – ele falou pausadamente se aproximando – bem, eu poderia elencar milhares de coisas, Senhorita Bennet.

Olhei na direção da porta, eu até poderia correr, mas tão logo pensei nesta alternativa, percebi que ele a tinha trancado com um propósito. Olhei para a janela, que também trancada, não permitiria que eu a abrisse, não sem que desse tempo de ele me alcançar, eu estava encurralada.

— Não importa o quanto você tente fugir, eu sempre saberei a direção que você vai – ele falou calmo, dando de ombros, como se não estivesse preocupado já que meus pensamentos sempre me entregariam.

— Se eu vou morrer, - eu comecei com aquele velho papo das vítimas – eu preciso saber o porquê. Ontem estávamos tão bem – eu falei tentando me agarrar a qualquer esperança que aparecesse – Que droga! Você fingiu tudo?

— Ontem? – ele juntou as sobrancelhas em confusão – eu nem mesmo pus os meus pés aqui ontem.

— Você esteve sim, Theodore! Esteve aqui ontem, comigo! Nós estávamos... – eu não consegui completar.

— O que nós estávamos? – ele perguntou com um interesse doente na voz.

Eu tentei não pensar no que tinha acontecido na noite anterior, mas, inevitavelmente, meus pensamentos correram para essa direção, a imagem veio à minha mente. Theodore e eu trocando beijos na cama. O modo que ele tirara a roupa, o modo que ele estava por cima de mim. O modo que ele parou quando eu relutei e ficou me encarando.

Um riso apareceu no rosto dele, um riso frio e mau, e ele falou com uma voz calma.

— Ah... Isso... Se quiser, eu posso continuar com isso, senhorita Bennet.

Theodore falou e eu mal tinha piscado, ele já estava andando para perto de mim. O tempo necessário para ele cruzar a sala e chegar a mim, encurralada num canto, foi o mesmo necessário para um piscar de olhos, até menos. Quando ele estava na minha frente, a mão dele pegou meu rosto. O polegar e o indicador fazendo pressão na minha bochecha, eu tentei cerrar os dentes para que eu não cortasse a minha bochecha por dentro. Theodore virou meu rosto para o lado e falou enquanto deslizava o rosto por meu pescoço e inalava o meu cheiro.

— Você não é de se jogar fora, talvez eu me divirta um pouco com você antes de tudo terminar.

Ele deu um beijo alí, com uma mordida de leve, e eu tentei me desvencilhar, mas ele prendeu mais meu rosto. Eu estava começando a ficar verdadeiramente apavorada.

— Não, Theodore... por favor... – eu pedi.

Ele sorriu e jogou um pouco o rosto para trás, quando voltou a me olhar, estava com uma voz grave, diferente.

— Isso mesmo, senhorita Bennet, peça... – ele apertou mais os dedos ao redor do meu rosto e eu senti gosto de sangue na minha língua – implore para mim e você vai apenas tornar tudo mais divertido. Quem sabe eu sinta pena... Quem sabe eu pare.

— Por favor, Theodore...

— Peça olhando para mim!

Ele falou irritado e virou-me para olhar para o alto, na direção do rosto dele. O toque dele era frio, rude, e ao mesmo tempo eu queria que fosse como o de antes. Eu procurei o olhar dele, buscando, talvez, algum tipo de misericórdia perdida por alí.

— Não, Theodore, não faça isso, por favor.

As unhas dele provavelmente já estavam marcando minha pele. Eu não queria chorar, mas as lágrimas brotavam no canto dos meus olhos. O rosto dele era apenas uma nuvem borrada devido à distorção causada pela lente de água salgada, e eu tive que piscar algumas vezes para que elas se dissipassem e que eu não as derramasse. Não desse o gosto para ele de me ver chorando quando o que ele tinha dito é que me iria matar.

— Vamos lá, senhorita Bennet, implore!

Foi num desses segundos, que eu percebi os olhos dele. Os olhos dele que eu tinha aprendido a apreciar nos últimos dias, sempre perdidos como se contemplassem o céu. Os olhos de um tom de azul celeste puro, estavam negros, absolutamente negros, mal dando para distinguir a pupila. Aquela cor era sinistra, assustadora, era quase como se fossem dois abismos que me encaravam de volta quando eu olhava para tais.

— Quem é você? – eu me forcei a falar, entredentes, mesmo com a mão dele apertando o meu rosto e machucando.

— Ah, finalmente você percebeu, senhorita Bennet? - Theodore falou – Eu achei que era mais inteligente, que entenderia de primeira. Lamento que tenha me enganado.

Era a mesma voz, o mesmo cabelo, o mesmo jeito, quase o mesmo cheiro, mas os olhos, não, aqueles olhos não eram os olhos de Theodore. Não era ele, simplesmente não era, não sei como era possível, mas aquele não era Theodore.

Ele soltou meu rosto, eu caí no chão, até aquele momento eu nem mesmo tinha percebido que estava sendo erguida. Ele andou até o meio da sala e virou, abrindo os braços, como se estivesse se apresentando a uma plateia invisível num teatro e, olhando para mim, disse de modo teatral.

— Nomes são complementos vagos para definir uma pessoa, ou mesmo uma coisa. O que é um nome senão uma definição? E eu não me sinto assim, definido, se bem que eu poderia escolher um dos vários nomes com que me chamam... Eu não sou quem, senhorita Bennet, eu não sou uma pessoa – ele disse ressaltando a última palavra com desdém – não tenho um nome, portanto, mas sou um novo amigo para você. Que tal brincar?

— Quem diabos é você? – eu perguntei em desespero, coragem no meio do desespero.

Eu o vi erguendo uma mão para mim, como se pedisse para eu esperar. Ele tirou algo prateado da parte de trás da calça. O primeiro susto me fez pensar que era uma arma, imediatamente, mas logo que eu vi que não era uma arma, o sentimento não foi mais relaxante. Aquilo, que ele tinha nas mãos, era um punhal prateado, longo e fino. Eu gelei.

— Eu, senhorita Bennet, sou a sua morte.

Terror passou diante dos meus olhos enquanto ele se veio para perto. Ele deu apenas dois passos rápidos em minha direção e então nós dois ouvimos uma voz dizendo:

— E eu sou a sua.

Theodore, ou qualquer coisa que aquilo fosse, estava de pé em um momento, não havia ninguém, nem mesmo uma sombra, nada. No momento seguinte, ele estava sendo erguido por alguma coisa que eu não via, o pescoço dele se moveu num ângulo estranho e eu ouvi

um "crack" de quando os ossos quebraram. O corpo alto caiu bem alí, no meio da sala, me deixando completamente ensandecida.

Comecei a chorar, incontrolavelmente, pelo medo de momentos atrás que eu estava represando, e por que tinha alguém morto no meio da minha sala. A sala que eu pagava o aluguel estudantil com esforço. Eu não sabia como lidar com isso.

Eu não movi nenhum pé, mas a chave da porta girou na maçaneta, sozinha, e a porta abriu de repente. O corpo, que estava jogado no chão, e cujo pescoço fazia uma curvatura estranha, começou a ser arrastado para fora da casa. Havia som de passadas fortes, pesadas, mas não havia ninguém de pé, não havia ninguém alí além de mim. Uma sombra se aproximou do meu rosto e eu ouvi uma voz falar num tom amoroso.

— Eu volto logo, Pah... Prometo que não se lembrará de nada do que aconteceu aqui.

A voz ainda ficou suspensa no ar por um instante, quando ela sumiu, senti minha cabeça flutuar e rodar. Eu estava com medo no começo, mas logo tudo começou a ficar calmo, tranquilo, não tinha mais nada que me apavorasse, não com aquela sensação de tranquilidade que me invadia. Eu respirei devagar, me senti levar e ser carregada, minha mente ficou nublada, e então eu soube que eu estava dormindo.

Meu celular começa a tocar, eu odeio aquele tom de chamada. É irritante e totalmente frenético, mas eu o escolhi justamente porque o fato de ele ser irritante me ajudaria a não me acostumar com ele e deixá-lo passar batido no caso de uma chamada. O procuro às cegas Tateando pelo lençol. Quando atendo, a pessoa do outro lado me faz ter um sorriso no rosto, mesmo eu não querendo sorrir por ter acordado tão cedo.

— Oi, eu estou aqui fora esperando por você, espero que esteja arrumada - a voz do outro lado da linha disse.

— Oh, meu Deus, que horas são? - eu falei me levantando depressa, não era possível que eu já estivesse atrasada, não mesmo!

— Bom, eu diria que sim, você já está um pouco atrasada - ele respondeu aos meus pensamentos e eu percebi que eu nunca me acostumaria com isso - eu estou aqui fora no carro esperando.

— Tudo bem, Theodore. - eu disse - eu já estou indo, me dê alguns momentos, por favor.

— Quantos momentos você quiser.

Corri para o banheiro, eu ainda estava sonolenta. Provavelmente devo ter caído no sono enquanto eu mexia nas redes sociais no celular. Eu não devia ter deitado na cama outra vez, devia ter ficado de pé de vez quando Isabela saiu para caminhar.

Eu mal tive tempo de me arrumar, escovar os dentes foi um luxo, nem tempo de passar alguma maquiagem. Eu teria que passar algum brilho labial no carro. Belisquei as maçãs do rosto para dar um pouco de cor e só.

Saí, apressada girando a chave na porta, ao passar pela sala eu tive uma sensação estranha, um frio correu minha espinha, meu subconsciente tentou me alertar de alguma coisa, mas eu ignorei.

Theodore me esperava no carro, lindo como sempre. Entrei jogando meu caderno no banco de trás, junto com uma bolsa repleta de um arsenal de pastilhas e dei um selinho rápido nele.

— Já está de óculos outra vez? – ele perguntou fazendo uma careta para as lentes grossas.

— Minha cabeça dói um pouco - eu disse e era verdade.

Theodore ficou olhando para mim. "Eu estou falando a verdade" eu pensei para ele saber que eu não estava mentindo. Ele sorriu, e o sorriso dele iluminou minha manhã.

— O que? – perguntei quando ele não deixava de olhar para meu rosto.

— Você está absurdamente linda hoje - ele me puxou para um beijo caprichado – mesmo com dor de cabeça e não tendo tomado banho direito.

Ele saiu do beijo e eu fiquei encarando-o. A voz dele era de diversão ao falar calorosamente comigo, o sorriso dele, que tinha acabado de alegrar minha manhã, resplandecente como num comercial, e o olhar azul celeste dele, espetacular.

ONZE



A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa.

[...] É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles.

É preciso recomeçar a viagem. Sempre.

JOSÉ SARAMAGO

E eu estava atrasada outra vez. Acho que eu e o tempo nunca nos daremos muito bem. Eu sei que Theodore foi me buscar de carro, e tudo o mais, mesmo assim, de algum modo absurdo (talvez mágica), eu já estava atrasada outra vez.

— Professor Emerson, desculpe o atraso – pedi o mais gentilmente possível, isso aumentaria as chances de eu não ser impedida de permanecer ali.

— Como se isso não fosse o seu comportamento contumaz, – Emerson comentou enquanto, no limite da paciência, me fazia um gesto para que eu entrasse na sala, então perguntou num tom irônico e irritado – estou errado, senhorita Bennet?

— Não senhor, de modo algum – eu tive uma vontade infantil de sorrir, mas me controlei – prometo que isso nunca mais irá acontecer.

— Não prometa o que não pode cumprir, senhorita Bennet. – ele me falou num tom diferente. Aos alunos, deve ter soado uma repreensão normal, mas eu consegui captar uma intensidade no ar, mesmo com o sorriso em unísono da turma ao fundo, havia algo ali.

— Hum, tudo bem – eu tripliquei, frustrada por ter sido o motivo de riso da turma, e apressei-me para sentar ao lado de Isabela.

Isabela Garcia, como sempre, estava linda. Eu acho que não entendo e nunca vou entender como, mesmo depois de acordar na madrugada, correr até as seis da manhã, tomar um banho rápido no ginásio da escola, não usar nem um grama de maquiagem e tudo mais, ela ficava tão linda. Sério, ela parecia sempre com a pele fresca, tranquila, como se tivesse acabado de sair de uma massagem relaxante.

— Bom dia – ela me acenou rapidamente e falou baixinho – senta logo aqui, vai ficar aí de pé por quanto tempo?

Andei até a cadeira ao lado da dela, e sentei-me.

— Dia... – respondi apenas.

Isabela não precisava sentar-se nos fundos, como eu. Ela não tinha vergonha nem de sentar-se à mesa do professor se fosse necessário. Ela se senta no fundo justamente por que sabe que eu não fico muito à vontade lá na frente, e ela sabe disso.

Estou quieta demais, meus olhos parecem ainda estarem embaçados pelo sono, minha cabeça está leve, talvez seja a fome, talvez seja algo mais. Poderia ser uma anemia? Pergunto para meu subconsciente, mas ele está quieto, não me responde.

— Ei, Paloma – Isabela chama minha atenção, quando eu viro para ela, questiona – o que foi que houve? Está tudo bem?

— Eu não sei, acho que sim.

— Como assim "acha que sim"?

— O dia está estranho, definitivamente estranho. Parece que fui jogada nele de repente. Você já se sentiu como se estivesse enervada? Como se estivesse flutuando no tempo?

— Não, nunca senti.

— Pois é, estou assim hoje.

— Paloma – ela me fez olhar para ela outra vez, séria, mas comentou, ridiculamente – eu não sei o que você andou provando por aí, mas parece ser das boas, eu quero um pouco.

— Oras, não seja idiota – nós duas sorrimos alto.

— Bom, turma, eu acho que continuarei minha aula assim que a senhorita Bennet e a senhorita Garcia permitirem – o tom de voz do professor Emerson era comedido, mas irritado, definitivamente irritado. Ele olhou diretamente para nós duas – o que me dizem?

— Mil perdões, professor, esse comportamento foi lastimável – Isabela se apressou a justificar-se.

O professor ficou olhando para mim, esperando que eu falasse alguma coisa. Ainda fiquei um tempo, meio lerda, esperando para ver o que ele queria, até que falei:

— Desculpa, professor Emerson – baixinho novamente – é um comportamento desrespeitoso e comprometedor.

É, eu acho que eu também sabia bancar a inocente.

Michel Emerson já não estava muito contente comigo nos últimos tempos, e agora Isabela também parecia ser um alvo para seu olhar irritado. Era melhor que eu ficasse comportada, por algum tempo, pelo menos até o horário da saída, para não levar qualquer advertência.

O dia passava devagar, absurdamente devagar. Os minutos pareciam se arrastar sobre mim com a mesma disposição que eu tinha para levantar da cama pela manhã. Uma agonia parecia ter se instalado dentro de mim, bem como um medo que não tinha fundamento. Isso era terrível!

Eu sabia que tinha que ter medo, mas não sabia o que ou quem eu deveria temer. Meu corpo, em consequência, ficava num estado de alerta, esperando ressabiado por alguma coisa, como se temesse algum perigo ou ataque repentino.

Senti um olhar em minha direção. Virei meu rosto, rapidamente na direção em que o senti, e vi o professor Emerson olhando para mim com fixação. Não como antes, por brigar comigo por ter chegado pela vigésima terceira vez tarde à sua aula, só neste semestre. A sua expressão não era de alguém bravo. Eu nem estava conversando, ele não tinha por que estar bravo comigo. Sua expressão era de preocupação, era quase como se ele estivesse interessado, como se quisesse saber o que acontecia comigo.

Fiquei um bom tempo tentando decifrar aquele olhar, quando ele repentinamente piscou. Olhou desconcertado para mim, quase como se tivesse sido pego em flagrante fazendo alguma coisa, e pigarreou duas vezes para tentar disfarçar, em vão.

O que ele queria olhando para mim assim? Por que todo mundo fica me olhando assim ultimamente?

"Talvez seja algum tipo de sucesso por estar namorando o cara mais popular da faculdade" meu subconsciente acordou e me respondeu.

Não, não era isso. Eu sabia, tinha algo mais.

O sinal tocou, finalmente. A página do meu caderno, em branco, mostrava o quanto eu estava interessada e concentrada na aula do dia. Theodore estava ocupando muito dos meus pensamentos, no dia antes deste, e hoje, essa sensação, essa agonia, tinham vencido a importância da aula.

Arrumei minhas coisas na bolsa e a coloquei de lado, no ombro, depois peguei o caderno. Virei-me para Isabela, perguntando:

— Isa, quer almoçar comigo hoje?

Ela juntou as sobrancelhas, como se aquilo fosse um pedido de outro mundo e indagou de volta:

— E a sua companhia? O novo namorado?

— Sei lá, deve estar por aí. Vai me negar esse convite? – pisquei bonitinha para ela.

— Bom, é que... Na verdade, como você não tinha me avisado nada sobre isso, sobre almoçarmos juntas, eu meio que marquei de almoçar com outra pessoa.

— Ah, tá bom. Bom almoço, então.

Dei um beijo no rosto dela e saí das fileiras de trás para alcançar a porta e ir comer alguma coisa para ir procurar alguma coisa para fazer.

— Senhorita Bennet, aproxime-se, por gentileza, não saia sem antes falar comigo.

Michel Emerson chamou minha atenção outra vez. Eu ia receber algum castigo alí? Quero dizer, ele não poderia fazer isso né? O sinal tinha soado.

Definitivamente, hoje não era o meu dia.

— Claro – fiz que sim com a cabeça.

Acenei um tchau para Isabela, que saiu com um olhar de pena de mim, e voltei para perto da mesa dele, sentei na cadeira que ficava ao lado dela e fiquei esperando que ele explicasse o motivo de eu não poder ir almoçar naquele momento.

— Paloma Bennet – ele disse – eu tenho notado sua constante vontade de chegar atrasada à minha aula. Também devo pontuar que seu jeito aéreo durante as explicações e as suas divagações durante a resolução dos problemas não são fatos que dão muito crédito para sua conduta.

— Ainda não entendi o ponto, professor.

— Poderia explicar se está acontecendo algum problema? Algum fato que a tenha tornado uma aluna tão relapsa?

— Uau, relapsa é uma palavra meio forte.

— É uma palavra apropriadamente capaz de descrever suas atitudes nestas semanas que se passaram.

— Ok, então.

— Então, senhorita Bennet, há algum problema que a esteja deixando assim?

— Problema sobre quem ou o que?

— Algum problema que esteja envolvendo você, senhorita Bennet.

— Professor, por favor, me chama de Paloma, me sinto sendo repreendida quando ficam me tratando todo tempo por senhorita.

— Então me chame de Michel – ele disse.

— É estranho – eu comentei desconfiada, não sabia até onde ele queria chegar com isso.

— Para mim também o é. – ele falou e começou a explicar enquanto pegava uma papelada dentre as que desorganizavam a sua mesa – Senhorita Bennet, vou passar-lhe algum trabalho extra para compensar os pontos que eu lhe tirei por ter chegado atrasada às aulas repetidamente, especialmente esta aula de hoje. Aqui – ele me deu uma lista com diversos títulos de livros sobre cálculo – está tudo o que eu quero que resuma até a sexta-feira que vem.

A lista que ele me passou tinha três páginas, três malditas páginas, de livros para eu ler.

— Tudo isso, professor Emerson? Deve ter uns trinta livros aqui! – eu reclamei e, por muito pouco, não joguei aqueles papéis na cara dele.

— Exatamente. Como pode ver, não são trinta livros, são doze, a maioria contem as teorias dos grandes pesquisadores sobre a ciência econômica, apenas um dos livros é de

exercícios, que, como deve saber, deverá responder e me apresentar na data que pedi. Os resumos de cada teoria devem ter no mínimo trinta linhas.

— Eu não vou conseguir fazer isso tudo, já vou avisando.

— Imaginei que diria isso, por isso você ficará comigo após as aulas, claro, após o horário de almoço, durante a semana vindoura. Até que tenhamos concluído as atividades.

— Mas...

— Não aceito conjecturas, com a quantidade de pontos que já lhe tirei, mesmo que obtenha uma média nove ainda estará reprovada – ele atalhou – o que tem que fazer é não chegar mais ridiculamente atrasada às aulas, como hoje.

— Que perfeito! – ironizei, percebi com alguma relutância que eu não estava agindo normal, respondendo ao professor sem me preocupar com o que ele poderia fazer. Tipo: me expulsar de sua turma e jogar todo o meu trabalho do semestre por água abaixo.

— Não ache que isso é uma coisa que me agrada também, senhorita Bennet – ele completou – passar as tardes ao seu lado. Eu não poderia imaginar nada mais perfeito.

O professor Emerson sorriu para mim de um modo que eu não compreendi. Não sei se era ironia, se era verdade. Então ele acenou para mim dizendo que eu já poderia ir.

Enfiei a lista de livros na bolsa, me organizei, me despedi e saí da sala. Quando cheguei à porta, Theodore estava me esperando do lado de fora, e por muito pouco, não me assustei quando ele me cumprimentou:

— Paloma Bennet...

— Theodore Wright – cumprimentei de volta, esperando dar a ele um sorriso tão quente quanto o que ele me tinha dado.

"Perigo" Meu subconsciente soprou para mim o nome da sensação, outra vez, quando ele me estendeu a mão perguntando se eu estava faminta. Eu apenas respondi, o ignorando.

— Estou sim.

— Estão servindo macarrão com molho branco no refeitório.

— Eca.

— Eu sei – ele sorriu – cachorro quente?

— Por favor.

Eu me deixei ser levada para longe da escola, o tempo todo ciente da sensação de medo, a sensação de que eu estava em perigo ao lado dele. Por mais que eu relutasse por tentar aceitá-la, aos poucos, sem saber exatamente o motivo, eu começava a acreditar.

DOZE



**Foste o beijo melhor da minha vida,
ou talvez o pior... Glória e tormento,
contigo à luz subi do firmamento,
contigo fui pela infernal descida!**

**Morreste, e o meu desejo não te olvida:
queimas-me o sangue, enches-me o pensamento,
e do teu gosto amargo me alimento,
e rolo-te na boca malferida.**

OLAVO BILAC

Caminhamos para a tal lanchonete, a mesma que ficava um pouco longe do refeitório principal e na qual comemos cachorro-quente a primeira vez.

— Theodore.

— Sim?

— Já sentiu como se o dia inteiro estivesse estranho? – Tentei completar sabendo que as palavras poderiam muito bem não fazer sentido – Quero dizer, como se faltasse alguma coisa nele?

— Como assim? – Theodore perguntou de volta limpando – acho que já está delirando, outra vez.

— Eu sei que parece estranho – eu disse e sabia que devia estar soando meio imbecil mesmo – mas tenho certeza que o dia não está normal. Parece que estou mergulhada num sonho, não tenho certeza. Ou então estou maluca.

Theodore se esticou um pouco e me beliscou forte na cintura, doeu um pouco e eu dei um gritinho.

— Ai, seu filho da mãe!

Ele arregalou os olhos a me ver xingar, pela primeira vez. Nem é xingamento, convenhamos.

— Viu só – ele disse voltando sua atenção para o almoço dele de novo depois de sorrir um pouco – se doeu, não é um sonho.

— obrigada por provar que eu estou maluca – ironizei.

Decidi me concentrar no almoço, que estava esfriando. O dispenser dos cachorros-quentes tinha quebrado, pedimos bife com fritas, sugestão da "casa" e estava realmente muito bom. Além disso, o nervosismo me dava fome.

— O que ele queria com você? – perguntou repentinamente, de boca cheia.

— Ele quem?

— Emerson. Quem mais?

— Nem me lembra disso. O professor Emerson me passou atividade extra para compensar meus atrasos.

— Eu posso te ajudar, você termina em tempo recorde.

— Seria legal, – expliquei – mas não vai acontecer. Além disso, de ter atividade extra, eu terei que ficar um pouco mais nas aulas além do horário.

— Foi só isso mesmo que aconteceu lá? – a pergunta soou desinteressada, mas eu sabia que não tinha sido tanto assim.

— Somente isso.

Theodore olhou para meu rosto um pouco, avaliando-me, eu soube imediatamente o que ele estava fazendo.

— Ei, não faça isso! – eu mandei – Você tem que aprender a confiar na minha palavra um pouco mais. Para de ficar buscando confirmação nos meus pensamentos.

— Não estou sendo muito diferente de você, Paloma. Você não confia em mim também – ele disse.

— Como? O que? Eu confio sim!

"Não, você não confia" meu subconsciente sussurrou dentro de mim.

— Viu só? – ele disse – tenho sempre que conferir o que está aí dentro. Como você mesma disse, a confirmação nos seus pensamentos. Por que o que sai da sua boca, nem sempre é verdade.

Fiquei constrangida, momentaneamente. Como eu conseguiria me acostumar com isso? Eu não queria ficar o tempo todo escondendo as coisas, mas ser um livro aberto era chato. Eu tinha direito de ter os meus segredos.

— Tenho uma proposta indecente para você.

Theodore falou, colocando o ultimo pedaço do bife dentro da boca, e tomando depois um gole de coca gelada.

— E o que seria? – receei um pouco.

Ele ergueu o indicador para que eu o esperasse engolir a bola enorme de comida que ele tinha na boca.

— Você e eu, claro, quem sabe até aquela sua amiga – falou num tom de mistério – sábado à noite no show de uns amigos.

— E do que seria esse show?

— Eu sou bem eclético, sabe? Vou a todo tipo de shows, desde que seja rock, com esse não é diferente. – ele respondeu e sorriu um pouco – eu tenho certeza que irão gostar.

— Não duvido, mas, se Isabela não quiser eu...

— Se ela não quiser ir, você vai – ele atalhou.

— Ah, tá bom. – eu disse – se eu estiver livre e com disposição, e com vontade de ir, aí sim, eu ligo.

— Tenho certeza que você vai.

— Tem mesmo? Como? É mais um dos seus truques?

— Não. – ele respondeu com um sorriso – você só está louca por mim, não suportaria a idéia de me imaginar sozinho num show cheio de mulheres.

"Convencido", eu pensei.

— Ah, não muito, Pah. – Theodore comentou sem nenhuma ponta de dúvida em sua voz.

Theodore continuou me olhando daquele jeito, aquele jeito quente que me fazia querer baixar os olhos depois de sentir cocegas num local muito inconveniente.

— Muito bom saber disso... – ele ainda comentou pouco antes de sermos interrompidos.

— Ah, vocês estão aí? – me deem espaço por um minutinho.

Ela provavelmente tinha corrido para nos encontrar. O rosto dela estava vermelho, como se ela tivesse feito algum esforço, ela correu sentou do meu lado, empurrando-nos um pouco para dar espaço à ela, e ficou olhando, vez ou outra, para o lado de fora da lanchonete.

— Ei, está tudo bem, Isa? O que foi? – eu perguntei legitimamente preocupada.

Olhei para Theodore, para ver se ele tinha alguma noção do que estava acontecendo, mas os olhos dele já estavam distantes, olhando para a esquina da qual Isabela tinha vindo correndo, mesmo que não houvesse coisa alguma ali.

— Não é nada demais, - Isabela se explicou – é que eu só... Só não quero encontrar uma pessoa ali fora – ela olhou para meu rosto, ela estava um tanto pálida – eu vou ficar aqui só por cinco minutos, nada mais que isso, prometo, e aí vocês podem voltar a chupar a cara um do outro.

— Não estávamos fazendo isso.

— Mas estávamos prestes a fazer isso – Theodore sorriu, mas o rosto dele ainda era nervoso, o olhar concentrado na rua.

— Tudo bem – respondi a Isabela, procurando lá fora a pessoa de quem ela falava. Não encontrando, numa busca rápida, esta pessoa a quem ela se referia.

Os cinco minutos estavam quase passando, os dois estavam tensos, apesar de Theodore forçar um sorriso para mim, vez ou outra. Passado um tempo, ele relaxou e começou a falar, animado.

— Isabela.

— Oi? – ela respondeu, e o rosto dela não parecia mais tão assustado.

— Sábado à noite, Você, Paloma e eu. Show de rock. Uns amigos meus estarão fazendo um cover do AC DC.

— Opa, tô dentro – ela respondeu sem questionar nem onde seria o tal show, mas logo completou – ei, mas eu não quero ficar de vela.

Theodore sorriu um pouco e completou:

— Não se preocupe, eu levo um amigo e o apresento a você.

— Com licença, Theodore, eu tenho total capacidade de arranjar a minha própria companhia. Então, não se preocupe.

— Como preferir, será menos trabalho para mim.

— Quem paga? – ela perguntou.

— Eu pago, apenas estejam prontas na hora.

— E isso lá é coisa que se peça a duas mulheres? ficar prontas na hora? Nós nunca ficamos.

Theodore ergueu os braços para o alto, vencido, sabendo que chegaríamos atrasadas ao show.

Isabela começou a beliscar das batatas do meu prato, com a consciência pesada, já sabendo que deveria queimá-las mais tarde.

Eu fiquei olhando para os dois, conversando animadamente sobre bandas de rock, com uma cara de derrota.

"Onde você foi se meter?" meu subconsciente balançou a cabeça, ele andava me desaprovando muito ultimamente.

"Não é da sua conta" respondi para ele irritada.

Agora, eu teria que ir a um show de rock. Barulho, bebida barata, gente batendo as cabeças, luzes piscando forte num cômodo poeirento e sujo, cheiro de urina no chão. Minhas expectativas não eram as melhores.

— Não se preocupem, - Theodore respondeu aos meus pensamentos - as duas podem ficar sossegadas. O lugar é limpo, e eu levarei as bebidas caras.

Sorri de leve para ele, que tinha percebido minha inquietação e que me fez não ficar pensando muito nela.

— Acho que agora posso ir - Isabela comentou se levantando, os olhos ainda estavam em alerta - obrigada, aos dois, pelas companhias.

— Tem certeza?

— Tenho sim. Ah, obrigada pelo almoço.

Theodore, ao meu lado, a observou saindo do local. Eu desviei o olhar, não queria pegá-lo olhando para a bunda dela, bem como eu achei que ele faria.

— Ela é legal.

— Sim, muito, é minha melhor amiga - comi as últimas cinco batatas do meu prato.

— E não tenho precisão de ficar olhando a bunda dela quando a sua está bem aqui do lado para eu observar. - Theodore comentou sorrindo um tempo depois, eu virei para ele, ele estava me olhando cutucando as unhas o tempo todo - ainda está com fome?

— Não, estou legal.

Eu estava balançando os pés debaixo da mesa, nervosa. Eu só fazia aquilo quando estava com ciúmes, e eu acho que estava com ciúmes. Theodore me estava encarando com um ar divertido. Eu fiquei encarando-o de volta até que ele falasse alguma coisa. Quando ele não o fez, eu pensei "O que foi?".

— Eu não sei. Você é muito linda.

— Sou linda é? - eu pensei em mim por um momento, feia eu não era. Mas eu também não era excepcional.

— Com certeza é. - ele passou a costa das mãos no meu rosto e ficou me olhando calmamente - você não se vê como eu te vejo. Queria poder te fazer se enxergar com os meus olhos, como eu te enxergo.

— E como eu sou de acordo com os seus olhos?

A sensação de ser elogiada por ele era diferente, eu sabia que ele não mentiria. Ele tinha milhares de opções em garotas para ficar, ele poderia muito bem ter escolhido qualquer uma delas. Ele escolheu a mim, alguma coisa boa eu devia ter.

— Seus olhos são lindos – ele encarou meu olhar nele por um breve espaço de tempo – sua boca é perfeita – ele me deu um beijo rápido – e você, inteira, é linda. A criação mais linda que eu já vi em minha existência.

Aquilo tinha sido um elogio bem mais profundo do que eu achei que ele seria capaz de fazer. Ao mesmo tempo em que ele me elogiava, os olhos dele tinham uma expressão saudosa, profundamente perdida em lembranças que eu não alcançava.

— E por que está me olhando assim?

Ele baixou os olhos por um minuto, depois voltou a falar comigo num tom calmo, não mais divertido, mas mais intenso.

— Eu tenho medo de perdê-la, de fazer alguma bobagem e te ver indo embora sem poder fazer nada.

— Do que está falando?

— Você está comigo, agora, mas parece que a qualquer momento, você pode sumir. Você pode me deixar, e eu ficarei outra vez sozinho. Eu não sei explicar.

— Sozinho? Você? – perguntei em descrença.

— Estar no meio de uma multidão não significa estar acompanhado.

Eu copieei o movimento dele e passei a costa da mão em seu rosto. Ele estava deixando uma sombra de barba aparecer. Os olhos dele estavam com uma camada de olheiras, mas isso deixava sua beleza um pouco mais dramática.

— Theodore, meu Theodore – eu pontuei para lembrá-lo do dia que quase fomos pegos na sala da senhora Goldberg – você sabe ser doce quando quer.

— Eu sei ser muitas coisas quando eu quero – ele me pegou pela cintura e me aproximou dele, um pouco mais, para aprofundar um beijo.

Quando ele falava essas coisas para mim, quando ele não ficava o tempo todo tentando provar que ele era "O cara", e quando ele me beijava desse jeito, me despindo de todas as minhas reservas. Eram os únicos momentos que eu não sentia medo.

O beijo dele sempre tocava um ponto esquecido em mim, um ponto que eu nem mesmo sabia que existia. Eu senti isso na primeira vez que ele me beijou, quando eu senti aquele vazio em mim, quando ele foi embora. Ele tinha se tornado algo essencial para mim, o algo que preencheria o vazio que aquele beijo tinha criado. Quando ele me beijava, eu não conseguia sentir qualquer coisa, senão ele.

TREZE



**Não é bom dizer mentiras; mas quando a verdade puder trazer uma terrível ruína,
então dizer o que não é bom também é perdoável.**

SÓFOCLES

Aquilo realmente era um dos meus piores pesadelos. O som alto e estridente das guitarras, as pessoas com cara de mal-encaradas, o cheiro de amônia das urinas espalhadas pelos cantos. Eu tinha que tomar um cuidado redobrado para não sair tocando em todas as coisas.

Theodore se ofereceu para nos buscar, mas, como estávamos atrasadas e Isabela estava com o carro de um amigo, ela preferiu nos levar. Ela seria a carona segura, já que ela não bebia, não enquanto ela estava na semana detox pelo menos.

— Tem certeza que é aqui? – perguntei a ela quando ela me conduziu para dentro do galpão velho e caindo aos pedaços, eu ainda tinha esperança que não fosse.

— Sim, sim – ela confirmou meu temor – Theodore passou o endereço correto.

"Bem feito" meu subconsciente sibilou "quem mandou andar com os caras maus?".

Theodore não era mau, ele era apenas intenso. Intenso e misterioso, de um jeito que te dava medo, mas também te deixava fascinada.

— Como vamos encontrá-lo? É muita gente! – Isabela reclamou ao meu lado. E eu concordei.

Quando Theodore falou que seria um show de uns amigos, eu imaginei uma bandinha no fundo de um galpão, alguns rapazes mais animados pulando feito doidos, uma ou outra garota de piercing na língua fazendo pose de durona, mas não um galpão enorme com umas duzentas pessoas animadamente se chocando umas com as outras.

"Vamos lá, faça seu truque!" meu subconsciente me sugeriu e eu aceitei.

"Theodore, estou perto da entrada, vem me buscar, estou perdida..." pensei.

— Vem, você não vai me ajudar a procurá-lo? – Isabela me pegou pela mão e ia me levar para dentro da bagunça para procurá-lo.

— Calma, – eu disfarcei – ainda não estou preparada para ser empurrada de um lado para outro.

Não demorou nem dez minutos, o tempo que eu fiquei enrolando para fazer Isabela esperar, e Theodore veio na minha direção. Mesmo com o barulho que ameaçava fazer doer minha cabeça, com o cheiro do local, com a cena de uns malucos pulando e se esmurrando e batendo cabeça, aquela cena conseguiu me tocar de alguma forma.

Theodore não estava muito diferente do habitual, continuava vestido de preto com uma camisa branca de banda e uma jaqueta preta por cima, além de coturnos. O cabelo estava suado, eu percebi que ele devia estar pulando no meio do povo. Ele estava quente, muito quente.

Eu estava com uma vontade irresistível de ir até ele e dar-lhe um beijo na boca, mas eu ainda estava meio travada por estar numa festa com a qual não estou habituada.

"Me beija, por favor..." eu pedi e ele sorriu enquanto chegava mais perto.

Quando me alcançou, com um sorriso que quase não se apagava, ele pegou meu rosto nas mãos e me beijou. O rosto dele estava suado, mas eu não me importei, só o que importava era aquele beijo. Um beijo entre o cara de jaqueta de couro preta cheia de spikes e a moça que se atrevera a ir a um show de rock com um vestido floral azul pastel.

— Eu te achei... Você não está mais perdida – ele sussurrou contra meu lábio inchado pelo beijo. – belo vestido. Você está única nesta noite.

Realmente, diante de tanto preto e prateado, eu, com meu vestido azul pastel, era realmente única. Isabela ainda tentou me convencer a vestir uma roupa preta, mas eu achei, dentro de mim, que com essa roupa Theodore me veria de ao longe, eu não estava errada.

Isabela cutucou minha costela e nos largamos um pouco. Theodore a provocou quando nos notou sendo interrompidos.

— Então, onde está sua companhia, garota autossuficiente?

— Chegando, eu não queria ninguém me dando instruções de direção enquanto eu dirigia.

Isabela sorriu para Theodore que respondeu com um sorriso maior ainda.

— Se quiser, já disse, posso apresentar um amigo.

— Não se preocupe – ela falou convencida – se eu estalar os dedos, me aparecerão trezentas companhias.

Isabela e Theodore, eles pareciam combinar muito mais do que ele e eu. E eu não consegui me acostumar com esse sentimento. Pareceu estranho, como uma premonição. Como se o modo que ela estava olhando para ele, fosse se repetir, porém, na ocasião, eu é que seria a pessoa em busca de companhia.

— Paloma – Theodore me chamou a atenção me tirando do caminho dos meus pensamentos, porém com um olhar preocupado, ele tinha visto a mesma cena que eu vi, eu tenho certeza – vamos nos enturmar, eu tenho uns amigos para apresentar, assim você esquece as preocupações por um instante e relaxa.

Poderia ser um convite comum de um namorado para a namorada, mas eu sabia, ele sabia, era apenas uma forma de me fazer esquecer o que eu tinha imaginado.

— Minha companhia, está para chegar – Isabela disse.

No mesmo instante, ela enfiou a mão no bolso e sacou o celular, respondeu a mensagem de alguém e ergueu os olhos para nós, sorrindo.

— Pronto, minha companhia chegou.

Íríamos esperar alguns minutos, para ver a tal companhia de Isabela chegando, mas ela completou.

— Estou indo lá fora. O cara que veio comigo é um nerd igual a minha companhia aqui – ela sorriu para mim, de uma forma maldosa – eu vou ter que buscá-lo.

Ela disse e saiu.

"Nerd?" meu subconsciente e eu ficamos pasmos com a qualificação que ela utilizou.

— A nerd mais gata que já vi – ele disse – sério, esses óculos de armação grossa, enormes, não quero nem deixar minha mente passear para o que eles me fazem lembrar.

Ele me deu um sorriso quente e eu soube exatamente do que ele estava falando.

— Vem, vou te mostrar meus amigos. Eles podem parecer um tanto assustadores no começo, mas eles são boa gente, garanto.

Ele me pegou pela mão e foi me levando pela lateral do local até uma parte mais à frente, provavelmente destinada aos reis da festa. Uma parte que tinha uns sofás vermelhos e era todo ornamentado com calhas de bicicletas, carros, e pneus para sentar. Além de uma ou duas banquetas altas.

— É aqui? – perguntei baixinho, nem sei se perguntei com a mente ou com os lábios, mas ele ouviu.

— É, sim, haja naturalmente.

Havia duas pessoas sentadas no sofá, acho que eram os líderes daquela revolução toda. Uma mulher e um homem. A mulher era absurdamente linda. Mesmo que no escuro, iluminada debilmente pelas luzes do galpão, era possível distinguir seus traços. Ela tinha uma pele morena clara, levemente bronzeada, cabelos pretos que ondulavam até um pouco depois dos ombros, e olhos que, no momento, eu não conseguia distinguir se eram pretos ou castanhos, mas ornamentavam o rosto dela como duas pérolas escuras.

"Ok, fique insegura" meu subconsciente lançou.

O homem, por sua vez, não tinha o mesmo rosto angelical da mulher. Enquanto ela tinha uma beleza élfica, ele passava uma forte impressão. Ele tinha uma beleza excêntrica, mas máscula, em parte, acho que se devia ao rosto dele, que era bonito, e eu nem vou falar sobre o corpo, por outra, pelo fato de ele ser quase que totalmente coberto de tatuagens. O fato de ele estar sem camisa, apenas de calça jeans ajudava a notar isso.

— Paloma, este é Mike Pischeck – Theodore me apresentou – meu amigo. E esta é sua namorada, Kamilla.

Eu estendi a mão para cumprimentá-los feito uma tonta, até ver que eles não me cumprimentariam de volta. Mike ficou me olhando dos pés a cabeça, me avaliando, e não falou nada além de um "olá" por algum tempo. Kamilla, com sua personalidade oposta, assim como a aparência, se levantou e retirou a jaqueta jeans que ela tinha, e jogou sobre meus ombros. Eu observei enquanto ela fazia, sem saber o que falar ou dizer. Quando eu tinha colocado meus braços dentro do local apropriado e ela puxou meu cabelo para fora da roupa, ela falou:

— Pronto, está enturmada. Pode ficar com ela.

Gostei dela imediatamente. Até o momento que ela se aproximou de Theodore e me olhou dando um selinho na boca dele e um sorriso para mim de um modo que dizia "eu posso fazer isso se eu quiser".

Minhas sobrancelhas se juntaram, mas eu não falei nada. Eu não ia arranjar briga em território alheio, e quem deveria ter recusado aquilo era Theodore.

O namorado de Kamilla não fez nada, sério? Ele ia deixar a namorada dele dando beijo na boca do namorado dos outros?

"Quem se junta com porco..." meu subconsciente começou.

"Ah, droga, cale a boca!" não o deixei concluir.

— Vem – Theodore me pegou pela mão e me tirou do meio daquela bagunça.

Eu nem queria saber para onde ele iria me levar, eu só queria não ficar perto daquela cena constrangedora mais nem um minuto. Eu senti que eles eram uma espécie de líderes, uma espécie de espelho no qual Theodore se mirava para parecer, e eu não sabia até onde isso me comprometeria, mas assustava.

— Não se preocupa com aquilo.

— Aquilo o que? Os sujeitos de comportamento duvidoso ou beijo que aquela sujeitinha te deu sem mais nem menos?

— Ciúmes, Pah, por quê?

— Não, nem um pouco – eu disse – raiva, porque eu fiquei fazendo papel de idiota na frente de todo mundo.

— Não fez não.

— Fiz sim – eu disse irritada – então eu vou pegar um cara desses aí e deixar ele me dar um beijo, você vai gostar?

— Se quiser me ver brigar com eles, faça isso.

"Então não me provoque outra vez" pensei.

— Não provoco, mas esse ciúme está sendo infundado.

— Mesmo? Por quê?

— Ela é minha irmã.

— Ah, tá bom. Não vem com essa. Que desculpa ridícula.

— Não é desculpa. Eu não posso mentir.

— Não pode ou não sabe?

— Definitivamente não posso.

— Certo, então, digamos que você não consegue mesmo mentir – eu comecei a articular a armadilha – e não o faria para mim, correto?

— Correto.

— Então não há nada que eu peça para você e que você me negue a verdade, certo?

— Correto – ele tentou entender a que caminho a pergunta estava indo.

O local onde estávamos era mais afastado da bagunça do show, um canto escuro que, mesmo com tanta gente passando, ainda era meio privativo.

— Aquela mulher é realmente sua irmã?

— Sim.

— Tem mais.

— Não há nada que me pergunte e que eu não responda.

— Por que consegue ler os meus pensamentos?

— Não acredita mais que eu sou mágico?

— Nunca acreditei, na verdade.

— Pois bem, é um dos meus dons.

— Você não respondeu.

— Mas não menti também.

— O que é você, Theodore? – perguntei com um sorriso no rosto, não foi uma pergunta má, foi apenas uma pergunta que meu próprio subconsciente me soprou na mente e que brotou dos meus lábios com um riso.

Theodore ficou sério, de repente, se afastou. Deu um passo para trás e os olhos dele pareceram mudar de repente. Ficaram menos calorosos e mais frios.

As luzes que mal iluminavam aquele local piscaram, qualquer um poderia pensar que aquilo acontecia por causa da iluminação velha do galpão, mas eu vi que elas piscaram quando Theodore se assustou um pouco, no exato momento em que os olhos dele mudaram.

— Eu não sei o que sou...

Ele falou pouco antes de cair no chão e ficar tremendo convulsivamente. Enquanto repetia para mim:

— Eu não poderia mentir, eu não poderia mentir...

— Alguém, por favor! – eu berrei pedindo por ajuda assim que o alcancei e o virei de lado para que ele não se engasgasse. Apoiei a cabeça dele no meu colo e tentei controlar o movimento involuntário que os braços dele faziam.

— Theodore, por favor, acalme-se, vai ficar tudo bem...

Eu nem mesmo sabia o que ele tinha, e prometia que tudo ficaria bem. Eu era uma ótima "socorrista".

Não demorou nem dois minutos, mas pareceu bem mais. Eu vi Mike e Kamilla aparecendo ao meu lado. Eles vieram não sei exatamente como, Kamilla colocou as mãos cobrindo a boca, em choque, e Mike se abaixou perto de mim. Ele não fez algum procedimento em Theodore, ele apenas o pegou pelo braço e pela perna, e o colocou sobre os ombros, carregando-o para fora de lá.

— Para aonde você vai? – Kamilla colocou a mão no peito para me impedir – não acha que já causou problemas demais por hoje?

Eu fiquei parada, no meio daquele corredor. A música não tinha parado, apesar de, para mim, o show ter acabado há bastante tempo. Eu estava assustada, talvez por isso eu não tenha reagido instantaneamente. Eu também me sentia culpada pelo que tinha acontecido a Theodore, mesmo eu não sabendo exatamente o que tinha acontecido.

Eu corri para o lado de fora, quando o choque momentâneo passou, mas não mais os encontrei ao alcance da minha visão.

QUATORZE



Deitou-se ao lado dela sem lhe tocar, recolheu num só pensamento o grande amor que lhe dera, a presente dureza da dama e a perda esperança e decidiu não viver mais. Retendo a respiração, sem fazer qualquer movimento, cerrou os punhos e morreu ao lado da Salvestra.

GIOVANNI BOCCACCIO

Tarragona, Espanha 1995

O barco de madeira lutava contra as ondas. Stephen Wright lamentava não ter ouvido os conselhos da mulher, ela dissera para ele, na noite anterior, que não saísse com o barco naquela madrugada. Gwen sempre o aconselhou a ouvi-la, pois ela tinha sonhos, muitos sonhos que acabavam revelando traços da realidade. Ele ainda se lembrava da conversa na noite anterior:

— Stephen, você precisa me ouvir.

— Eu adoraria estar mais algum tempo contigo, mas não posso – ele relutou ainda que por alguns instantes em levantar-se – mas os homens estarão me esperando em poucas horas. Não somos apenas nós dois que dependemos da pesca de amanhã, o vilarejo está precisando que o mar colabore desta vez.

Havia alguns meses que a pesca tinha sido escassa, os pequenos barcos de madeira, como o dele, tinham que competir com barcos maiores que rompiam o contrato de pesca responsável e sempre colhiam os peixes um pouco além do permitido no papel.

— Eu sei... – ela lamentou um pouco.

— Mas eu estarei de volta na segunda-feira, antes que o sol surja, eu estarei aqui. E eu prometo acordá-la com beijos, ainda que eu cheire a peixes.

— Eu não me importo, eu apenas quero que você chegue bem.

Ele beijou os nós dos dedos da mão dela. As mãos dela estavam geladas, e ele temeu um pouco.

— O que aconteceu, Gwen?

— Eu a vi outra vez.

— Viu o quê, Gwen? – ele perguntou, sempre hesitou em acreditar no que a mulher dizia, mas ainda assim ouviu atentamente quando ela falou.

— A sombra.

— Outra vez essa história? – ele odiava perder a paciência com ela, ergueu-se de sobre a cama e ficou sentado à sua beirada, passou a mão no cabelo, frustrado.

— Me desculpe – ela pediu – mas eu vi, e eu tenho que te alertar, não vá para o mar hoje, eu sinto, eu sinto que acontecerá alguma coisa.

Stephen sabia que deveria levar o que a mulher falava em consideração, mas não poderia deixar que a vila ficasse sem dinheiro por uma superstição feminina. Apesar de ela sempre ter acertado.

Gwen acertara quando disse que a filha de uma das vizinhas nasceria sem vida "ela não está mais nesse mundo" ela disse, mesmo antes de a criança nascer, e o bebê nem mesmo respirou quando veio ao mundo. Numa outra ocasião, ela mandou que um dos amigos do seu único filho não saísse naquela madrugada, e que em especial não passasse em uma determinada rua, pois a "sombra" estava à espreita. Naquela mesma noite ele não a ouviu, e acabou sendo atropelado naquela esquina por um motorista embriagado. Ou ainda quando a mãe dele faleceu, na sala da casa, e ela disse que viu a sombra a levando pelas paredes para longe.

Dessa vez era com ele, dessa vez envolvia a própria vida, e ele temia. Temia por ser o líder dos pescadores, temia por ser o único que ainda tinha coragem de lutar contra as grandes empresas e insistir na pesca sem grandes redes de pesca por acionamento mecânico.

Aquela era a única vida que ele conhecia desde que chegara, ele não sabia fazer outra coisa, e não poderia deixar que todos passassem fome por uma coisa que ele julgava esdrúxula.

— Fique comigo, por favor... eu não quero perde-lo – ela ainda pediu.

— Eu não posso, eu já disse – ele retirou os braços que a mulher carinhosamente tinha passado ao redor de seu pescoço – eu vou começar a organizar os materiais.

— Tudo bem – ela disse baixo, não por que o jeito dele lhe tinha amedrontado. Na verdade todos sabiam bem que ela governava com uma personalidade ferrenha aquela casa cheia de homens aos finais de semana, ela apenas assentiu para uma perda que ela sabia que viria.

Stephen viu o rosto dela avermelhando, ela sempre ficava com as maçãs do rosto e o nariz vermelho quando estava prestes a chorar. Ele pegou o rosto da mulher entre as mãos e deu-lhe um beijo profundo e demorado, quase como se estivesse aceitando a despedida.

— Stephen... – ela sussurrou o nome dele quando ele saiu do quarto.

— Gwen, - ele respondeu – eu volto para você, eu prometo, nem que minha alma dependa disso.

Stephen saiu do quarto antes que ele pudesse fazer outra objeção, fechou a porta após si e andou até o quarto do filho.

— Theodore, Theodore... – ele repetiu o nome algumas vezes enquanto dava murros na porta – levante-se, já estamos de saída.

— Estou indo, pai – ele respondeu, já estava acordado havia algum tempo.

— Peça a benção à sua mãe.

Cada uma das palavras ainda latejava na mente de dele. Como ele queria poder despedir-se da mulher, dizer que ela tinha razão, que ele fora um tolo teimoso por não ter aceitado que ela estava certa em mais uma de suas premonições.

As ondas castigavam a embarcação de madeira, e ele se via a ponto de afundar alí com todos os outros homens.

— O que devemos fazer, capitão?!

Ainda lhe tratavam por capitão mesmo ele tendo lhes colocado no meio daquilo tudo. Mesmo ele tendo insistido com todos que o mar estaria tranquilo por todo o final de

semana. Um pescador de grande reputação que sabia dizer até pela ondulação das ondas se aquelas águas teriam ou não peixes, confiara na previsão do tempo e não confiara em sua mulher ou no seu instinto, como um cego.

As velas já estavam baixadas, meia dúzia de homens tentava, quase sem sucesso, retirar a água que descia para o convés e desestabilizava o barco. Outra meia dúzia rezava para seus santos e deuses em busca de auxílio, um ou dois choravam, mesmo com toda a chuva que se misturava às lágrimas era possível ver suas faces de tristeza.

— Continuem protegendo as laterais, não podemos permitir que se quebrem.

— Sim, capitão.

Ele tinha virado a bombordo quando uma onda ameaçou atingi-los, e tinha conseguido estabilizar o barco, mas agora estavam sendo encurralados por uma onda maior ainda. Ela os alcançaria em breve.

Com esforço, conseguiram amenizar o impacto desligando os motores antiquados e deixando que o barco surfasse nas ondas. O problema com isso fora que, ao deslizar pela onda, o barco bateu muito forte nas toneladas de água de uma outra onda, os homens se seguraram, ninguém tinha caído ao mar, mas a proa do barco tinha sofrido uma rachadura.

Não havia muito que se fazer agora.

Foi então que Stephen viu. Ele a viu caminhar por entre as pessoas no barco, por entre os rostos desesperados, por entre os homens cansados de lutar contra as forças da natureza. A sombra estava vindo em sua direção, ele morreria, morreria assim como tinha sido previsto por sua mulher. Gwen estava certa, estava certa como sempre esteve mesmo que todos lhe julgassem louca, por culpa das luas e das marés.

— Eu não posso, eu prometi voltar à minha mulher... – ele falou num tom baixo, mas ele sabia que a sombra lhe ouviria.

— Há um preço – a sombra falou.

— Leve minha alma.

— Uma oferta generosa.

— É o que tenho de mais precioso.

A sombra parou diante dele, diante de toda a transparência escurecida apenas uma coisa sobressaía, olhos de um azul celeste bem delineado que contrastavam com a imagem borrada e desfocada.

— Sua alma não é o que tens de mais precioso, ela não me vale porcaria nenhuma – a sombra respondeu e virou a sombra que contornava seu rosto para os homens que estavam tentando, de alguma forma, remendar a proa.

— Não...

Stephen ainda disse antes de ver a sombra se dissolver e se precipitar pelo vidro para a proa do barco, ela deslizou por entre os homens e então tocou em Theodore que trabalhava junto a eles.

No mesmo instante, uma onda repentina se chocou com o barco e Theodore foi levado pelas águas. Os homens se desesperaram para lançarem-se ao mar, ao mesmo tempo em que viam as ondas acalmando sem explicação plausível.

Theodore não entendia o que estava acontecendo. Aos vinte anos, filho único de seu pai, ele tinha sido criado no mar. Primeiro, nas águas frias da Inglaterra, depois, na água do mediterrâneo quando se mudaram para a cidade. Ele sabia nadar, sabia nadar com maestria, sua apneia também era excelente, mas desde o momento em que aquela onda lhe arrastara para fora do barco, ele sentiu o corpo dormente.

Alguns raios do que parecia ser o sol começaram a invadir a água escura à medida que ele afundava. Theodore nunca tinha visto uma cena mais linda. A luz era forte, irradiava, e no meio dela uma sombra começou a se delinear. Traços de um olhar azul celeste invadiram sua visão quando ele parou de lutar contra a queimação que lhe invadia o peito pela falta de ar. Então, veio a paz, a água do mar, gelada, invadiu os pulmões tão rapidamente, apagando o fogo que parecia incendiar os alvéolos sem oxigenação, e ele viu sua vista escurecer.

A última coisa que Theodore viu antes de morrer foram os belos olhos azuis de um anjo que lhe pegava pela mão.

O anjo sabia que era errado, mas o corpo estava vazio. Sem alma. Ele não tinha sinais de violência e nem mesmo de morte ainda. Além dos pulmões cheios de água e das roupas molhadas, ele não pareceria um afogado.

Os homens de Stephen se lançaram nas águas por diversas vezes, tentando recuperar pelo menos o corpo do filho de seu capitão. Já que já tinha se passado algum tempo depois que a criança tinha caído na água. Criança porque ele era o mais novo homem à bordo. O próprio pai de Theodore se lançou às águas quando viu que seu filho não retornava com nenhum deles, desesperado, enlouquecido pela seu próprio egoísmo.

Gwen jamais o perdoaria. Ela enlouqueceria quando ele lhe contasse as novas. A rachadura do barco, impressionantemente, estava ligeiramente mais fechada, fazendo que

a água não inundasse tanto o convés. O sol despontava por trás de algumas nuvens carregadas que repentinamente cessaram as chuvas.

Nunca mais, depois daquele dia, ele ou a mulher viram a sombra novamente.

O anjo arrastou Theodore por sob as águas para um lado distante da área do quase naufrágio. Quando saíram, muito espaço de distancia depois, o anjo deitou Theodore na praia. Não havia muito a ser feito, nada, ele não poderia trazer a alma de Theodore de volta, era a vez dele. O corpo, então, era apenas um casulo sem conteúdo. Sem conteúdo não por muito tempo.

O anjo recolheu as asas. Ele era um espírito. O corpo que jazia morto em sua frente também o era. Ele deveria fazer isso novamente, assim ele poderia ir atrás dela. Ele, devagar, deitou sobre o corpo, de olhos fechados, e se deixou inundar pela imensidão de pensamentos e lembranças que os corpos sem espírito tinham depois de morrer. Sua sabedoria se ligou ao cérebro sem vida e quando ele abriu os olhos, ele já era Theodore.

QUINZE



Tudo no mundo é frágil, tudo passa...

Quando me dizem isto, toda a graça

Duma boca divina fala em mim!

E, olhos postos em ti, vivo de rastros:

"Ah! Podem voar mundos, morrer astros,

Que tu és como Deus: princípio e fim!..."

FLORBELA ESPANCA

A falta de notícias que eu tinha a cerca de Theodore me mostrava o meu nível de comprometimento com o nosso namoro.

Theodore não fora à faculdade. Eu sabia que ele estudava no mesmo corredor que o meu, mas não fazia idéia do que ele estudava. Não sabia onde ele morava, quem eram seus pais, qualquer outra coisa. Não tinha como procurá-lo, não tinha como saber exatamente o quê.

Até tentei angariar informações sobre ele com a senhora Goldberg, mas ela avisou que minha insistência em buscar informações poderia ser interpretada como desrespeito, já que eu perdi um pouco a paciência com ela.

Naquele dia, quando eu saí daquele galpão desesperada, procurando por Mike, Kamilla e, principalmente, Theodore. Eu não os encontrei de maneira alguma. Corri ao redor do

galpão, fui até a parte onde tinham uns carros estacionados e motos, eles não estavam ali também.

Quando alcancei a parte final do estacionamento improvisado no meio de tantas ferragens, vi o carro com o qual Isabela nos trouxe, e pela movimentação dentro, eu sabia que ela estava lá com alguém.

Bati no vidro com a costa da mão e assustei os dois ocupantes do veículo. Isabela se assustou e saiu do colo de sua companhia, que de "Nerd" como eu não tinha nada, ou se tinha estava muito bem camuflado, e ia falar alguma coisa zangada, mas quando viu meu rosto, que devia estar um assombro, ela deixou que a pergunta irritada se dissipasse.

— O que foi, Paloma? Está tudo bem?

— Não, nada está bem – eu ergui as mãos e lutei contra a vontade absurda de chorar feito uma desesperada – Theodore passou mal, levaram-no para algum lugar, e eu não sei para onde. Estou preocupada...

— Espera aí... – ela saiu do carro limpando o canto dos lábios borrados de batom e o acompanhante dela fez o mesmo movimento – ele passou mal? Por quê?

— Eu não sei. Eu estava conversando com ele e ele começou a ter convulsões. Ainda não sei o motivo, de verdade.

Isabela me deu um olhar preocupado, mas não falou muita coisa que me poderia ser útil.

— Você não é médica, não há muito o que você possa fazer.

— Acha que não sei disso?

— Quem o levou?

— A irmã dele – eu definitivamente ainda não engolia essa história – e o namorado dela.

— Então ele está em boas mãos.

"Como é?" meu subconsciente questionou e eu repeti a pergunta em bom tom.

— Como é? Não vai me ajudar?

Eu ainda não acreditava que tinha ouvido isso.

— Paloma, você e eu não somos médicas, enfermeiras, técnicas de enfermagem ou qualquer outra coisa parecida. Se formos atrás deles é muito mais fácil atrapalharmos do que ajudarmos. Ele deve ter sido levado para o hospital.

— Você não vai mesmo me ajudar, Isabela?

— Eu a estou ajudando, você que não percebe. Este é Jordan – ela apresentou o rapaz que estava no carro com ela há alguns minutos e que olhava para nós duas sem saber o que fazer diante da discussão entre amigas – minha companhia.

— Oi Jordan, me desculpe, mas eu estou pouco me lixando para quem você é agora.

— Tranquilo – ele deu de ombros.

Eu entrei no carro e peguei minha carteira que eu tinha deixado no porta-luvas e ia sair de lá para deixar os dois à vontade de novo.

— Para aonde vai? – Isabela perguntou quando eu estava me distanciando.

— Isso, Isabela, definitivamente não é da sua conta.

— Espera aí, não fique brava comigo! – ela gritou um pouco – eu não estou falando nada que não seja verdade. Não precisa me tratar assim, nem ao Jordan, ele não tem culpa do seu namorado passar mal.

— Então é isso que você me diz? – juntei as sobrancelhas, incrédula pelo quão superficial ela estava sendo – que eu devo deixar para lá o que aconteceu a Theodore? Você definitivamente não está agindo como minha amiga.

Virei as costas para ela e só quando achei que já estava longe o suficiente foi que a vi andando atrás de mim, alguns passos atrás.

— Ei, Paloma, desculpa – ela disse – vem, eu te levo. Vamos voltar, pegamos o carro e passamos nos hospitais. Eu não sei onde Theodore mora, mas podemos investigar. Quem sabe alguém aqui possa nos dizer.

— Não, valeu – desdenhei da oferta – eu vou ligar para o táxi e eu vou fazer minhas coisas sozinha.

Eu o fiz.

Alguma distancia tinha se posto entre nós outra vez. eu peguei o celular e só então lembrei da noite do sonho, aquele sonho que até hoje não me tinha sido explicado verdadeiramente se tinha acontecido ou não. Se ele tinha acontecido, se verdadeiramente

tinha acontecido, o número de celular dele ainda estaria no registro de chamadas, exceto se ele fora perspicaz o suficiente para tê-lo apagado.

O registro de chamada estava ali. Quatro e cinquenta e seis da manhã, há vários dias atrás, no dia que eu achei ter sonhado que ele tinha entrado no meu quarto. Se Theodore não o tinha apagado é porque ele tinha algum propósito para isso.

"Isso é louco demais até para mim" meu subconsciente me deixou de lado por um minuto, nem ele aguentava mais o redemoinho de confusão que Theodore tinha me colocado.

Disquei o número automaticamente e coloquei o aparelho no ouvido para que ouvisse os tons da chamada. O telefone foi atendido no primeiro tom.

— Theodore?! – perguntei ansiosa, esperando que fosse ele – está tudo bem? Por favor, me diz que está tudo bem com você, eu estou preocupada.

Houve algum silêncio do outro lado, achei que ninguém responderia, mas a voz feminina de Kamilla o fez.

— Paloma.

— Oi, Kamilla... – fiquei momentaneamente surpresa – como ele está?

— Está bem, se recuperando. Ele tomou o remédio de que precisa para melhorar. O problema são os efeitos colaterais – ela sorriu.

— Como consegue rir depois de tudo que aconteceu?

— Chorar para que? Não vai ajudar também – ela disse – tente não perturbá-lo nos próximos dias. Theodore deverá ficar em repouso, penso que ele estará um tanto diferente quando acordar.

— Diferente como?

— Não se explicar.

— Avise a ele que eu liguei, por favor.

— Aviso sim.

— Obrig... – eu ainda estava agradecendo quando ela encerrou a ligação.

A conversa não aliviou a apreensão que eu sentia. Algo importante tinha acontecido, estava no ar, na sensação de que algo grandioso estava por vir a qualquer momento, na sensação de que eu sabia bem mais do que eu achava saber.

Eu já não tinha animo para aquele barulho antes, agora mesmo é que não o tinha mais. Eu vim por um motivo, Theodore. Ele não estava mais e me restava apenas ir para casa carregando o fantasma de minhas preocupações.

O táxi chegou e eu discuti com duas garotas que queriam apanhá-lo antes de mim, mesmo eu o tendo pedido. O caminho até em casa, com a minha mente agitada, não foi tranquilo.

Paguei a corrida assim que chegamos, desci do carro num movimento mecânico, semiconsciente, girei a chave na fechadura e entrei. Comecei a retirar minha roupa desde a sala. Os sapatos foram parar longe, perto da parede. O vestido e a jaqueta que eu tinha ganhado ficaram na minha mão. Joguei-os sobre uma cadeira no canto do quarto e me joguei na cama.

— Theodore, por favor, fique bem... Fique bem... Me desculpa, eu não sei direito o que eu fiz, mas sei que isso foi culpa minha, me desculpa.

"Ele não deveria ter mentido por você..." Meu subconsciente soprou para mim a frase confirmando as minhas suspeitas. Aquilo tinha acontecido porque ele tinha mentido. Ele disse que "definitivamente não poderia mentir" e o fez. Eu perguntei o que ele era, ele não respondeu com a verdade. Ele disse não saber, mas ele sabe sim o que é.

— Você não deveria ter mentido por mim...

Eu falei e pensei ao mesmo tempo, eu queria que ele ouvisse. Eu queria que ele soubesse que eu estava pronta para quando ele voltasse, e que eu não pediria qualquer verdade dele por um tempo.

Em meio a esse desespero que crescia no meu peito, eu dormi. E um rosto conhecido me esperava por detrás de minhas pálpebras.

— Paloma... – estávamos numa sala escura, não tinha muita iluminação, mas os olhos dele brilhavam num tom de azul pálido indescritível.

— Theo... – eu ia falar o nome dele, mas ele me abraçou tão rápido que a palavra foi cortada pelo susto – o que foi?

Ele se soltou do abraço e pegou meu rosto nas mãos, alisou minha pele por um minuto e não baixou o olhar para meu corpo que estava apenas com a roupa de baixo, exatamente como eu tinha ido dormir.

— Eu vou estar diferente, por um tempo – ele disse – eu não sei como as coisas vão acontecer, mas eu quero dizer uma coisa.

Acenei positivamente com a cabeça, ele parecia estar com medo, muito medo.

— Eu gosto de você. Gostar? – ele mesmo se corrigiu – gostar é pouco, você é minha paixão...

— Eu sei...

— Eu quero que nunca esqueça uma coisa.

Os olhos dele procuraram os meus e eu fiquei encantada com a cor azulada deles. Bem mais do que eu já estava, bem mais do que eu achei que seria possível. Não havia uma cor mais linda do que aquela.

— Eu vou voltar para você, eu vou dar um jeito. Perdoe-me pelas coisas que farei. Será eu, mas, de algum modo, não será.

— Não peça perdão antes de fazer as coisas. Isso não é justo.

— Não é, mas será necessário.

Ele procurou meus lábios e me beijou... me beijou tão docemente, como nunca antes tinha beijado. A pele dele estava mais pálida que o normal, bem mais pálida, e a princípio estava fria, mas o beijo o aqueceu um pouco.

Eu ouvi passos no meu sonho, passos que vinham do escuro. Senti que algo estava nos observando do escuro e temi, mas nada me arrancaria do beijo de Theodore agora. Nada me faria abrir os olhos e perder esta sensação.

Senti Theodore aquecer, senti-o me abraçar mais forte, e senti o beijo dele mudar. O sabor do beijo era outro, mais intenso, mais provocante, mas eu não me afastei. As mãos de Theodore deslizaram pelas minhas costas nuas e subiram para meu pescoço, enlaçaram-se nos meus fios de cabelo que ele puxou de leve para aprofundar o beijo.

Começamos a respirar pesado. Ele queria o beijo, queria intensificá-lo, e o meu corpo respondia por mim. Theodore me apertou forte demais contra o próprio corpo me deixando momentaneamente sem ar e eu rompi o beijo para buscar fôlego.

Foi então que eu o vi.

Com um sorriso mau no rosto, os lábios vermelhos pelo beijo e um olhar quente. Theodore não era mais ele mesmo. O cabelo estava claro, louro, a pele estava bronzeada. De

sua costa brotaram não um, mas três pares de asas brancas. Um dos pares nos envolvia, o outro par cobria, muito de leve, o seu rosto, e o outro par cobria a altura dos nossos pés.

Eu me afastei ligeiramente, amedrontada por aquele conhecido e desconhecido na minha frente.

— Não fuja de mim, princesa – ele me deu um sorriso que me gelou os ossos da espinha – eu bem sei que estava gostando.

— Me esqueça... – eu pedi baixinho, atemorizada.

— Não, esqueça você.

A risada maligna que ele deu ecoou em minha mente por algum tempo. Ele me tocou na testa e em seguida me empurrou daquele local escuro com uma força comedida, como se fosse uma lufada de ar. Eu ergui os braços pelo impacto breve do movimento e, em câmera lenta, fui lançada para fora daquela realidade.

Um Theodore diferente recolheu as asas e desapareceu de minha visão deixando-me apenas com o delineado dos seus olhos de um azul-celeste puro e íntimo.

DEZESSEIS



Do bem e do mal.

Todos tem seu encanto:

Os santos e os corruptos.

Não há coisa na vida inteiramente má.

Tu dizes que a verdade produz frutos...

Já viste as flores que a mentira dá?

MARIO QUINTANA

Havia uma semana que Theodore não ia à faculdade. Havia uma semana que eu também não ia, pois estava procurando por ele. Ia à faculdade, mas perdia a maior parte do tempo nos corredores, e em outras dependências buscando algum sinal dele.

Nos primeiros dias, minhas ligações caíam na caixa postal e eu percebia que ele estava me ignorando. Nos demais, até o dia de hoje, a secretária eletrônica dizia que o número de Theodore não mais existia.

Nesta segunda-feira, eu não tinha vontade de levantar para ir à aula. O sol da cidade parecia estar alto, eu já tinha perdido a hora de qualquer maneira, chegar mais um dia atrasada não iria mudar o fato de que meu semestre estava praticamente perdido.

Puxei as cobertas para cima de mim mais uma vez, até o alto da cabeça, e alí embaixo, no escuro, eu fechei os olhos e tentei chamar por Theodore pela primeira vez naquele dia.

— Theodore, eu sei que você deve estar cheio de seus truques ainda, não me evita mais, por favor, eu acho que já tive um tratamento de gelo por tempo demais – eu respirei fundo, e fiquei esperando alguma resposta, mas não houve nada – eu vou tentar te entender aos poucos, no seu tempo.

Batidas à porta do quarto me fizeram levantar mais rápido do que eu achei ser possível, era ele, Theodore? De pijamas, com o rosto inchado, abri a porta e esperei ver os olhos azuis de Theodore do outro lado, mas apenas vi Isabela com o telefone na mão para me dar.

— Nossa! Você está horrível – ela disse num tom de reconhecimento.

— Obrigada pela lembrança – eu peguei o telefone que ela me estendia, tomando o cuidado de cobrir o bocal para que a pessoa do outro lado não ouvisse.

— Quem é?

— Diretora do departamento de ciências contábeis, a senhora Goldberg - ela disse baixinho – e ela parece muito, mas muito brava.

Coloquei o telefone no ouvido e fechei a porta do quarto para ter um tanto mais de privacidade.

— Bom dia... – falei um tanto amedrontada.

— Senhorita Bennet, é a senhora Goldberg.

Eu não sabia direito o que ela poderia querer comigo, geralmente os diretores de departamento tratam dos assuntos relacionados aos professores, não aos alunos, para isso há as coordenações.

— O que posso fazer pela senhora? – perguntei.

— Por mim, nada, senhorita. O professor Emerson é que está precisando que a senhorita compareça à sua sala ainda hoje. Como as ausências da senhorita não foram justificadas com atestados médicos, ele gostaria de saber a razão de a senhorita não ter comparecido aos horários marcados para estudo dirigido.

Eu tinha esquecido totalmente disso.

— Ah... É... Eu...

— Não, senhorita – ela disse como se não tivesse a menor vontade de ouvir as minhas explicações – guarde as suas justificativas para o professor Emerson. Devo apenas informá-la que o professor o está aguardando sua presença às três da tarde.

— Sim, senhora. Obrigada.

Eu agradei, mas ela já tinha encerrado a ligação. As pessoas estavam com uma mania muito deslegante de desligar o telefone na minha cara.

De acordo com o relógio da mesa de cabeceira, já eram quase duas da tarde. Eu não tinha fome, precisaria apenas de um banho e iria para a faculdade falar com Emerson, melhor, ouvir, já que eu sabia que de uma reunião na sala de departamento só poderia resultar em uma repreensão por escrito.

Arrumei-me rapidamente para sair. Não tinha muita disposição para pensar em roupa ou em maquiagem, que queria apenas ir à faculdade, assinar o papel da repreensão e voltar para casa, me deitar novamente sob os lençóis.

— Aonde vai? – Isabela perguntou quando me viu pegando a chave da casa no aparador e me encaminhando para a porta.

— Estou indo à faculdade.

— Eu posso ouvir um aleluia, igreja? – Isabela brincou, mas eu não sorri e ela percebeu que o assunto era sério.

— Estou indo falar com Emerson. Estive tão ocupada durante a semana passada que eu nem mesmo percebi que tinha esquecido que teríamos estudo dirigido durante ela.

— Opa, isso é mau. – ela entendeu o tamanho do meu problema – posso ir com você, se quiser. Falamos com Jordan e ele pode conseguir atestado falso para você.

— Não, isso não será necessário. Eles provavelmente descobrirão de alguma forma, e eu vou acabar sendo presa por falsificação de documentos.

— Você é pessimista demais, melhore isso – ela ainda berrou quando eu saí pela porta.

Eu não tinha muita coisa para fazer, eu só precisava caminhar. Apesar de o sol estar alto, a sensação térmica causava algum frio, e eu lamentava não ter colocado um cardigã sobre a blusa de algodão. Enfiei as mãos no bolso do jeans e andei parecendo com uma peoa de rodeio por umas duas quadras.

Foi então que aquela sensação estranha de perigo correu em mim novamente jogando algumas doses de adrenalina no meu sangue. Olhei para trás, exceto por minha sombra, não tinha nada atrás de mim. Para os lados, vazios por que eu, provavelmente tinha sido a única pessoa a tentar me aventurar a caminhar naquele horário por aquelas ruas, e à minha frente nada além do grande movimento da avenida principal mais à frente, com alguns carros passando.

Retirei as mãos do bolso e passei as palmas das mãos nos braços para aliviar o arrepio que eu tinha sentido, mas ainda assim a sensação não passava.

Até as outras casas estudantis da rua pareciam vazias, e elas sempre tinham movimento naquele horário. Eu não tinha trazido qualquer bolsa, carteira, nada parecido, eu estava desprevenida para uma fuga se necessário, e eu nem tinha um documento comigo para ser identificada caso alguma coisa acontecesse.

Apressei os passos sem saber ao certo do que eu estava fugindo, e tentei me focar no caminho que ainda restava. Eu fechei o punho ao lado do corpo, preparada para desferir um soco em qualquer coisa que saltasse à minha frente.

— Cuidado...

Senti um vento frio passar ao meu lado, deslizando pela minha orelha direita, sussurrando a palavra com uma voz feminina, e meu sangue gelou. Parecia que algo estava realmente alí apesar de eu não ver qualquer coisa. Parei um pouco, virei o corpo de surpresa, procurei novamente pelo que estava alí não achando nada, e dei alguns passos, e eu só tive tempo de reprimir um grito de pavor quando vi um carro vindo em minha direção, perto demais para eu conseguir fugir.

Fechei os olhos e esperei pelo impacto, que não aconteceu. Reuni coragem o suficiente, assustada, abri os olhos devagar e vi o carro parado a pouco mais de dois palmos de onde eu estava.

— Meu Deus, você está bem, senhorita Bennet?

A voz conhecida me lançou uma sensação estranha que eu não soube distinguir. Eu olhei para o ocupante do veículo que saía apressadamente para ver o que tinha causado comigo.

Eu não falei nada, minha língua parecia um músculo paralisado dentro da boca, ele falou mais perto do meu rosto, avaliando o meu estado.

— Senhorita Bennet, alguma coisa aconteceu com a senhorita? Está tudo bem? – ele estalava os dedos diante do meu rosto e olhava para mim com preocupação – Fale alguma coisa, senhorita Bennet!

Finalmente o medo parecia ter passado e eu olhei para o homem à minha frente reconhecendo seu rosto, a adrenalina sempre parecia me deixar sem filtro social nenhum.

— O senhor está louco? – eu bati no peito do homem à minha frente – professor Emerson, o senhor não vê como dirige? O senhor poderia ter me matado!

— Me desculpe, - ele disse e pareceu que estava mesmo se lamentando no começo, mas acrescentou – a senhorita também não deveria entrar no meio da rua sem olhar para os lados, eu estava na velocidade permitida.

Olhei para o local onde eu estava. Aparentemente, quando eu me assustei pensando ter ouvido alguma coisa, e dei alguns passos sem direção, eu fui até o meio da rua, foi justamente quando o carro de Emerson surgiu na minha frente.

— Esquece isso, foi culpa minha – eu disse e comecei a andar me afastando dele – o que o senhor estava fazendo na área das residências femininas?

— Esta rua não é exclusivamente para as residências femininas. Ela é um atalho para quando a principal está cheia, como agora. Eu estava voltando do almoço para a faculdade, justamente para falar com a senhorita.

— Eu já estava indo para lá.

— Venha comigo, eu levo a senhorita. Também passaremos na enfermaria para ver se está realmente tudo bem.

— Isso não é necessário, professor. Eu estou bem.

— Não discuta comigo, senhorita Bennet.

— Eu estava procurando uma coisa, por isso me distraí.

— Eu imagino – ele disse – talvez você esteja procurando pela coisa errada.

— Como?

— Qualquer coisa que te faça andar pela rua sem esse cuidado, não deve valer a pena. Ande, venha, eu a levo.

Apesar de relutar, eu aceitei a carona que me era oferecida. Eu apenas não iria ao hospital, eu realmente não tinha coisa alguma.

Emerson dirigiu no curto trajeto até a faculdade e estacionou na vaga dele, que já dava para a entrada dos professores, no corredor que dá acesso às salas de departamento dos diferentes cursos da faculdade. Como viu que eu não iria mesmo aceitar ir à enfermaria.

Sentei à mesa e o ouvi por uma quase eterna meia-hora de Michel Emerson sobre como o meu comportamento relapso estava me fazendo perder o semestre, e como isso nunca tinha acontecido antes. Ao final de tudo recebi uma carta de advertência e uma nova lista

de exercícios para complementar a que eu já tinha e que deveria ser entregue em duas semanas a contar deste dia.

Quando saí, me sentindo uma completa estranha desarrumada em meio a tantas alunas maquiadas e perfumadas, eu alcancei a saída principal do prédio de ciências sociais. Andei segurando o papel que recebi de Emerson nas mãos e foi então que o vi.

Encostado à sua Harley vermelha, preta e prateada. Ele estava com uma camisa preta e calça jeans, e coturno. Segurava o capacete numa mão e a cintura de uma líder de torcida na outra.

A garota ria quando ele tentava alcançar o lábio dela para um beijo e ela escapava por muito pouco do alcance da boca dele.

Ele estava diferente em sua atitude e em sua aparência. O cabelo estava louro dourado e a pele mais bronzeada, eu sentia que já o tinha visto assim antes nalgum lugar, mas não conseguia, por mais que eu tentasse me esforçar, me lembrar de onde tinha sido essa visão.

A líder de torcida finalmente cedeu e permitiu que eles se beijassem e eu senti um temor invadindo meu corpo, era tristeza, mas também era mais, era raiva, ódio na sua mais pura essência.

Quer dizer que enquanto eu estava preocupada com a saúde dele, Theodore estava beijando vadias e descolorindo o cabelo?

Eu quis andar até lá, eu queria empurrar aquela garota magrela para longe e pegar a mão de Theodore para colá-la contra meu rosto gelado e poder abraça-lo, finalmente, mas eu também queria que um meteoro caísse na terra e esmagasse os dois na minha frente.

O efeito daquela visão foi imediato, estremeci e senti calafrios, aquilo era o que Theodore na verdade. Eu é que tinha perdido toda a minha inteligência por causa de um belo rosto e um belo corpo. Eu tinha me deixado levar quando na verdade eu deveria ter parado as coisas muito antes de elas estarem nesse patamar.

"Então é isso que faz quando finge estar doente?" pensei, pois saberia que ele me ouviria "nunca mais me procure, Theodore".

Como se não se importasse com o que eu falava, mas ainda assim tivesse escutado, ele correu os olhos pela multidão de estudantes, buscando quem tinha falado aos pensamentos dele, como se ele não reconhecesse mais a minha voz, e encontrou os meus olhos nele.

Theodore observou meu rosto por um tempo e então, quando eu achei que ele ia me lançar um olhar de desculpas e reconhecimento, ele simplesmente me deu um sorriso cínico e mau que me fez sentir medo e repulsa e pegou o rosto da garota com alguma força

para dar nela outro beijo, desta vez, deixando totalmente de lado o que ela sentia, ele a beijava olhando para mim.

Fui embora dali, se eu pudesse eu mataria os dois, eu os mataria sem pena. Ou talvez não, pois ainda que com todo o ódio que eu sentia, o olhar azul celeste dele ainda era o mesmo, e me encantava.

DEZESSETE



As pessoas não mudam. As pessoas só agem de forma contrária à sua vontade quando isso as convém. Mudam de atitudes, mas não mudam de pensamento.

ALESSANDRO IGOR

Eu não iria mais ficar parada vendo a vida passar enquanto Theodore estava desentupindo o esôfago de louras magérrimas. As coisas iriam mudar, e muito, por que eu não queria mais ficar parecendo uma coitada sofrendo por alguém que não merecia.

Então, enquanto eu passava dias debaixo do lençol me sentindo culpada e má por ter levado Theodore a cometer um erro e passar mal, seja lá o que for que tenha acontecido com ele, ele estava simplesmente passeando por aí com líderes de torcida?

Eu iria mostrar que o que ele tinha feito não tinha me abalado tanto. Tinha, mas ele não precisava saber disso, tudo que eu sentia agora era raiva, realmente raiva por ter sido tão crédula e acreditar que Theodore. O cara mais lindo da faculdade, garoto-problema, romântico e estupidamente gostoso, realmente tinha intenção de ter alguma coisa séria comigo.

Todo o teatro que ele tinha tão corretamente executado parecia verdadeiro, até os beijos pareciam com os de alguém que se importasse.

Quando eu vi aquela garota pendurada na boca dele, e ele ainda me sorriu orgulhoso pelo que fazia, eu simplesmente não conseguia acreditar no que os meus olhos estavam vendo por algum tempo, eu só me lembro do ódio que senti dele, e do ódio que senti da garota por ela estar com o meu... Ex-namorado?

Saí do quarto e fui até a sala, Isabela se surpreendeu quando me viu de pé tão disposta.

— Bom dia, Paloma... – as palavras eram receosas, ela tinha bem visto o meu mau humor nos últimos dias – vai à faculdade?

— Vou sim, eu tenho que terminar uma lista interminável de trabalhos que o maldito do Emerson me passou.

— Como está Theodore? – ela perguntou achando que fora a mudança de estado dele que me tinha colocado com essa disposição, e ela não estava totalmente errada.

— Sendo o Theodore.

— Tem mais coisa aí.

— Não quero estragar meu dia, definitivamente. – eu disse – Eu estou de saída, vou usar um pouco do dinheiro que meus pais depositaram mais tarde, quer ir comigo?

— O que vamos fazer?

— Ainda não sei, só quero espairer.

— Que tal cortar cabelo? Depois um filme?

— Pode ser, mas apenas nós duas.

— Perfeito, nada de meninos.

— Não vai à aula hoje?

— Não, eu já estou aprovada – ela me lançou um beijo, convencida de si mesma, e se jogou no sofá enquanto pegava o celular.

Eu acenei para ela enquanto pegava minha chave. Ajustei a bolsa lateral, coloquei os meus óculos escuros de grau e andei pelo caminho da residência feminina até o prédio de ciências sociais.

O sentimento de perigo que senti no dia anterior tinha passado, talvez ele tivesse sido lavado de mim junto com o shampoo almiscarado que usei.

Quando alcancei o corredor que dava acesso à minha sala, vi Theodore no final do corredor. Talvez por isso ele não tivesse "surgido" para mim, eu jamais me acostumaria com ele louro daquele jeito, meu Theodore não era desse jeito.

"Seu Theodore? Tá bom!" meu subconsciente me soprou as palavras depois de algum tempo sem falar comigo.

"Resolveu dar as caras?" perguntei de volta.

"Digamos que eu nunca tenha desaparecido, só protelei o 'eu avisei' por mais tempo do que achei ser possível".

"Estou pronta..."

"Eu avisei!"

— Maldito Theodore – eu soprei as palavras, bem baixo, pouco antes de olhar na direção dele. O modo como ele parou de sorrir para um cara e duas meninas que conversavam com ele e olhou para mim mostrou que ele as tinha ouvido.

Emerson se impressionou um pouco ao me ver entrando na sala antes dos demais alunos, mas completou sem poder me dar um dia de folga (apesar de eu ter tirado cinco dias de folga dele):

— Senhorita Bennet, estou impressionado – ele disse num tom que parecia afetado de proposito – sente-se, por favor, deixe-me acostumar a uma cena que eu não via há algum tempo.

— Que cena, professor Emerson, bom dia para o senhor também.

Ironizei um pouco, meu humor não estava bom, definitivamente.

— A senhorita presente nas minhas aulas, eu estava começando a achar que era algo pessoal.

Retirei os óculos escuros e coloquei os de grau no seu lugar. Dei um sorriso forçado para ele, mas de modo que ele identificasse que era forçado. O professor Emerson pareceu notar, e conteve um pouco da animação que tinha naquele dia. Sentei na minha cadeira ao fundo e eu vi quando ele ficou parado me olhando por um tempo. Eu desviei o olhar, olhei pela janela para o lado de fora, mas tornei a olhar para a frente, e ele ainda estava lá, me olhando.

— Tá, professor, o que foi? O que eu fiz agora?

— Está de mau humor, senhorita Bennet, então serei direto, sem rodeios. Os trabalhos que lhe exigi que me fossem entregues na sexta-feira, não o foram entregues até agora.

E eu tinha me esquecido completamente disso.

"E eu também!" meu subconsciente me soprou assustado, mas me deu uma saída com um argumento.

— Professor, eu tinha entendido, depois da nossa conversa, que eu poderia entregar todos os trabalhos de uma única vez, já que eu não pude estar aqui na semana anterior.

— Não me lembro de não ter sido claro o suficiente. De qualquer modo, pode começar a fazê-los agora, está dispensada da minha aula hoje, porém voltarei aqui antes que o sinal toque para verificar o andamento dos seus exercícios.

— Como assim "volta", professor?

— A aula hoje é no auditório, a senhorita não teria como saber já que não estive aqui na semana passada.

Ele disse isso e já estava pegando as próprias coisas para sair. Ele me lembrou, outra vez, que voltaria em breve, provavelmente para evitar que eu fugisse.

Peguei uma das listas de exercícios que ele tinha me dado e comecei a procurar dentre elas as questões mais fáceis para resolver primeiro.

"Também, culpa de Theodore" comecei a reclamar "se ele não tivesse ficado daquele jeito na festa, depois sumido, sem responder aos meus telefonemas, eu teria um pouco mais de responsabilidade".

Depois, em pouco tempo, vendo uma a uma das questões, eu reclamava ainda mais quando apareciam algumas que eu não conseguiria resolver tão facilmente, e poderia estar livre.

"Maldito seja, Theodore, você ficou na minha cabeça todos esses dias só para me atrapalhar".

Quando finalmente eu consegui resolver a primeira das questões, que me levou meia-hora pelo menos, devido a sua complexidade, sinto que estou sendo observada.

"Ah, não..." penso quando ergo os olhos e vejo o, agora louro tipicamente americano, Theodore encostado à porta olhando na minha direção.

"Oh, sim..." meu subconsciente sopra de volta as palavras como se estivesse querendo começar uma festa.

Quando reparo bem no olhar dele, vejo que ele não está como antes, não é o mesmo Theodore de antes que me olhava sempre com alguma alegria e diversão, ele estava diferente, parecia sério demais, fechado, eu diria até que ele estava com raiva.

Reuni coragem o suficiente e agradeci ao meu subconsciente por não ter permitido que minha voz falhasse:

— O que quer aqui?

Ele não falou nada por um tempo, continuou alí, com as mãos cruzadas sobre o peito, com uma jaqueta marrom de couro e uma camiseta branca por dentro, mais uma calça totalmente surrada e coturnos marrons para combinar.

Exceto pelo cabelo que ele tinha mudado, ele ainda parecia tanto com o meu Theodore de antes, que eu tive que controlar um pouco o peito para que ele não doesse com uma saudade burra.

— Vai ficar aí parado sem fazer nada? Ou melhor, vai ficar aí parado me atrapalhando por quanto tempo? Eu acho que deve estar claro que você não me quer, e eu é que não te quero mais, agora.

— E quando eu te quis? – ele finalmente perguntou, mas o tom era frio como o Saara nas madrugadas.

— Aparentemente nunca, eu apenas fui idiota o suficiente para acreditar nas suas mentiras.

Ele deu alguns passos para dentro da sala, mas parou na mesa do Emerson e deslizou os dedos na superfície de madeira rascunhando alguma coisa com a ponta das unhas.

— Mentir é uma das coisas que eu sou bom. – ele disse e olhou para a frente, para mim, com um olhar esnobe – iludir meninas inocentes é outra.

— Felizmente, para os dois, eu não sou uma menina inocente, eu já sabia bem que isso tudo não ia dar em nada.

"Não sabia não, mas tudo bem, banque a durona" meu subconsciente não estava me dando força nenhuma.

— Isso tudo o que? – ele parecia confuso, se era um teatro, ele era o melhor ator que eu já tinha visto.

— Tudo, Theodore, tudo o que você fez, tudo o que eu fiz, os dias que eu desperdicei.

Ele deu alguns passos para perto de mim enquanto eu falava e ficou olhando na direção dos meus olhos por um tempo, estendeu o dedo e baixou o meu óculos de armações grossas para olhar direto para mim sem nenhum impedimento.

As outras vezes em que ele tinha me olhado assim, tão de perto, definitivamente tinham sido as melhores da minha vida, mas agora ele parecia simplesmente analisar meu rosto em busca de um nome.

— Paloma Bennet, eu vou te poupar do trabalho. – eu disse e empurrei a mão dele para que ele parasse de tocar em mim, ou nos meus óculos, que era quase uma extensão de mim – e não se preocupe, pode ficar aqui, eu vou procurar algum lugar mais calmo para estudar em paz.

Eu comecei a organizar as minhas papeladas, lamentando ter que ser tão desorganizada e ter jogado tudo sobre meu colo, demorando demais a levantar. Quando finalmente o fiz, Theodore estava ainda de pé, perto de mim.

— Eu não disse que podia ir – ele disse num tom sério.

— Engraçado, porque eu não me lembro de ter pedido a sua permissão.

Eu dei alguns passos em direção a porta, indo pelos fundos, mas quando alcancei a parede do outro lado, ele já estava perto de mim outra vez, o susto me fez encostar o corpo à parede, e derrubar alguns lápis e canetas que eu segurava na mão.

— Está com medo, senhorita Bennet? – ele perguntou e eu sofri sem querer. O cabelo não estava igual, a cor era mais dourada, como se ele tivesse passado um fim de semana na praia de Avalon, e ele falava como se cada uma das palavras estivesse carregada de escárnio, mas os olhos, o cheiro, ainda eram do meu Theodore.

— Para de dizer que eu sou seu, eu não sou seu porcaria nenhuma.

Theodore disse me mostrando que, de um modo que não sei explicar, nossas mentes ainda estavam ligadas, e ele ainda tinha como saber o que eu estava pensando mesmo que ele não agisse mais como o mesmo de antes.

— Eu não acho que você é meu, não mais. Na verdade, eu acho que nunca foi. Eu também tenho que dizer, Theodore, eu nunca fui sua.

Eu e meu subconsciente ficamos em choque pela firmeza nas minhas palavras, eu achei que tinha vencido a discussão e que eu poderia caminhar triunfante para a saída deixando-o de boca aberta atrás de mim, mas ele me segurou pelo ombro, quando eu tentei fazê-lo, e minhas costas bateram na parede.

Ele já estava me beijando quando eu achei que eu teria que gritar para que ele fosse embora. Eu tinha sentido falta disso, o buraco vazio no meu peito parecia ter sido preenchido por uns instantes. Aquele frio que eu sentia quando ele não estava perto, especialmente na última semana, parecia ter ido embora, e eu respondi ao beijo mesmo sem querer.

O modo que ele beijava, agora, era diferente. Cada movimento dele era para provocar, para insinuar que aquele beijo poderia terminar muito tempo depois e num local

completamente privado. O modo como ele pegava meu rosto agora não era mais apaixonado, era mais quente, mais sensual.

Ele saiu do beijo e eu senti apenas repulsa por mim mesma por ter gostado quando ele disse as palavras seguintes:

— Apenas imagine o esforço que foi para mim beijar uma garota tão sem graça.

Meu subconsciente e eu paramos de raciocinar nas palavras "sem graça" e, quando eu vi, eu já tinha erguido a mão e dado um tabefe sonoro no rosto dele.

— Nunca mais me toque, seu miserável.

Agora sim eu ia sair, mas ele me pegou pelo braço e me fez virar para si. Ele estava usando força, aquilo deixaria marcas, definitivamente.

— Eu já mandei você não me tocar!

— Eu só quero que você saia da porra dos meus pensamentos, para de ficar chamando por mim toda hora e me amaldiçoando, porque não tem jeito de eu ficar mais maldito do que eu sou. Eu não faço idéia de quem você é, talvez seja uma dessas garotas com quem eu já passei uma noite ou duas, mas não deve ter sido importante. Saia da merda do meu pensamento – ele disse olhando bem para meus olhos dessa vez, e eu fiquei surpresa por ainda enxergar naqueles olhos azuis a sombra do Theodore de antes – se você não sair, eu vou arranjar um jeito de te tirar.

Ele tinha segurado meu braço outra vez, e eu nem tinha sentido o seu aperto diante das palavras que ele dizia. Theodore soltou meu braço indo para o lado de fora da sala. Ainda dando um olhar para dentro dela pouco antes de sumir.

Eu desabei na cadeira e fiquei, por uns bons minutos, sentada alí tentando me recuperar do choque que senti quando me veio à memória cada uma de suas palavras.

DEZOITO



A morte não é nada. Eu somente passei para o outro lado do caminho.

[...[Vocês continuam vivendo no mundo das criaturas, eu estou vivendo no mundo do Criador.

HENRY SCOTT HOLLAND

— Mãe, tô de saída – a jovem garota disse pouco antes de passar pelo corredor até alcançar a porta de saída.

Seu pai, que estava na sala, ainda se despediu, mas ela não respondeu de volta a saudação. Para Jeanne, ele não passava de um estranho que tinha abandonado ela e a mãe quando ela ainda era uma menina, e que só agora, depois de ter desperdiçado toda uma vida com seus vícios, tinha voltado para casa para consumir mais depressa o dinheiro que sua mãe ganhava.

O caminho até o ponto de ônibus lhe tomava pelo menos dez minutos de caminhada. Ela enfiou as mãos nos bolsos e caminhou pelas ruas com atenção redobrada. Foi justamente por essa atenção redobrada que ela sentiu quando sua visão ficou turva de repente. Ela estava sozinha na rua, ainda era cedo demais para as pessoas que vinham da faculdade, e tarde demais para as pessoas que vinham praticar exercícios físicos.

Foi então que, alguns passos adiante, na calçada oposta, ela viu uma menina loira como ela. O penteado era o mesmo, as roupas pareciam iguais, por exceção que as da menina eram pretas. Ela ficou repentinamente feliz por ter uma companhia naquele trajeto e ser ajudada caso passasse mal.

As semifinais do time estavam chegando, e ela precisava manter a forma para os espetáculos, e isso ela fazia seguindo uma dieta restritiva de baixíssimas calorias. Talvez isso explicasse a tontura.

Jeanne apressou o passo para a moça mais á frente, ela perguntaria se poderia acompanhá-la até mais adiante, perto do ponto de ônibus, já que uma sensação estranha não se dissipava. Ela era vigiada.

Jeanne colocou o seu melhor sorriso amigável e chamou a menina do outro lado da rua.

— Ei! – ela até acenou rapidamente, mas o gesto morreu antes de sua conclusão. Quando a menina virou para ela, Jeanne viu seu próprio rosto refletido no rosto daquela menina. O cabelo loiro imitava seu penteado, até mesmo a forma como a franja estava disposta sobre o rosto, cobrindo parcialmente o olho, tudo, tudo era igual.

A visão de Jeanne ficou turva outra vez, e ela precisou dar alguns passos para trás para recuperar o equilíbrio que se tinha perdido. Fechou os olhos e forçou-os para desanuviar a visão, e então olhou para frente, a menina que ela tinha visto segundos antes não estava mais lá.

Um frio lhe correu a espinha, mas para Jeanne, a melhor maneira de lutar contra o medo era fingir que não havia nenhum medo.

Andou até o ponto de ônibus e checkou outra vez na bolsa se os equipamentos para o treino daquela tarde estavam ali. Um ônibus parou e ela olhou para ver se era o que ela deveria subir, mas não era. Ela cruzou os braços sob o seio e aguardou o ônibus sair, sempre ficava desconfortável quando não estava com maquiagem o suficiente para esconder as olheiras e a palidez do susto de antes. Quando o ônibus acelerou para sair do ponto, ela olhou para dentro do veículo e sentiu o ser gelar mais uma vez quando a impressão de uma sombra olhava na direção dela. Apenas a sombra, sem nenhum contorno que não fosse um olhar estranho de um azul celeste peculiar.

O treino ia tranquilo, Jeanne já tinha se alongado e ensaiado a coreografia de solo com as demais líderes de torcida, agora, no final do ensaio, quase nove horas da noite, os rapazes tinham se juntado ao ensaio para treinar os arremessos.

— Jeanne, Pete vai te jogar e você vai dar um giro duplo antes de ser juntada pelos rapazes. Depois, com um salto carpado, você vai descer ao solo.

— Sim, senhor, treinador – Ela respondeu.

A adrenalina dos saltos parecia ter feito baixar o medo que vez ou outra ainda lhe abatia quando se lembrava da cena que se tinha desenhado mais cedo.

— Está pronta, Jeanne? – Pete perguntou ao seu lado antes de pegá-la pela cintura para coloca-la sobre seu braço.

— Sim, pode ir! – Jeanne disse e já tinha os pompons em mãos. Ela estendeu o corpo para cima, para alongar, deu seu melhor sorriso e começou a sacudir os acessórios como se estivesse animando uma torcida invisível.

— No três! – o treinador gritou e começou a contar – Um... Dois... Três!

Pete fez o movimento certo e deu o impulso para que Jeanne saltasse. Ela estava concentrada, e conseguiu uma altura regular para o salto. Naquele meio segundo, enquanto ela girava, e o mundo parecia girar junto com ela, Jeanne observou um vulto se desenhar na arquibancada vazia do estádio de baseball da escola, um vulto escuro como uma sombra, cujo olhar de um azul celeste se podia ver desde longe.

Quando ela pousou com o pé na posição correta e Pete a estabilizou para que sua perna não dobrasse e ela caísse, ela tornou a procurar com o olhar a sombra na arquibancada, mas a sombra já tinha sumido.

— Ande, sorria! – o técnico mandava mesmo com seu jeito afeminado – não é possível que eu terei que ensinar vocês a sorrir outra vez.

Jeanne abriu outra vez o sorriso e fez o salto carpado para descer do braço estendido de Pete para o chão.

— Repitam três vezes – o treinador sugeriu, pouco antes que ele fosse sentar no banco para pegar a sua agenda para tomar notas.

Depois que repetiram o movimento pelas vezes necessárias, Jeanne estava liberada do treino. Como sempre fazia, ela ainda deu duas voltas em trote ao redor do campo para queimar a barra de cereais que comia antes do treino.

Quando foi para o banho, as meninas já tinham saído, e ela estava sozinha no corredor. O que era, em parte, bem melhor. Já que ela sempre ficava se comparando com as outras garotas, mesmo sabendo que todas queriam ser como ela.

Jeanne retirou a roupa, que colocou dentro do armário de aço, enrolou-se numa toalha e se despediu de uma de suas amigas que tinha voltado para buscar uma carteira esquecida, e foi para a área do chuveiro.

A água morna começou a correr de leve por sua pele, levando o suor e o cansaço de uma noite de treino. Ela despejou um pouco do shampoo no cabelo, esfregando as pontas e depois o couro cabeludo e deixou que a água lavasse a espuma.

De olhos fechados, ela sentiu quando uma atmosfera estranha se estabeleceu ao redor dela. Foi a mesma coisa que ela tinha sentido um tempo atrás, quando ela estava vindo para a escola.

Ela olhou para os pés quando sentiu um vento gelado passar por debaixo do espaço das divisórias de granito, e viu uma cena estranha se desenhando. A água corria para longe do ralo central das áreas de banho. Ela deslizava sobre a grade e ia para trás, para a direção da porta do banheiro.

Ela abriu a porta, e observou o caminho que a água fazia até a porta de saída do banheiro coletivo. Nua, ela deu um passo para fora, observando a estranha cena, e sufocou um grito quando o solo sob seus pés começou a tremer de leve.

Jeanne nunca tinha visto um terremoto naquela área antes, mas imaginou que era exatamente assim que deveria soar um. As torneiras das cubas começaram a abrir, e então os chuveiros, um a um, abriram também, derramando água e vapor por todo o espaço. As luzes do teto começaram a piscar de leve até que apenas uma, a que ficava sobre a sua cabeça, ficou ligada. Ela já estava assustada o suficiente por uma vida inteira, mas a porta se abriu, de repente, e ela sentiu o vento frio gelado passar por sua pele despida e preencher o local.

Emoldurada pela porta que recém-abrira estava a sombra que ela tinha visto pelo menos duas vezes naquele dia. Os contornos eram desfocados, e a coloração marrom-escura era semitransparente, permitindo que ela observasse a parede do outro lado.

— Jeanne... – a sombra a chamou antes que ela escorresse por sobre a água e se desfizesse aparecendo diante do rosto dela.

A porta do local se fechou com um barulho ensurdecedor. Olhos de um azul puríssimo observaram a cor assustada dos olhos diante dela. Ela conhecia aquele olhar de algum lugar. A sombra diante dela parecia ter gostado de ser reconhecida, pois as suas bordas se alongaram como se fosse dela que vinha o vento e soltou uma risada estridente.

A última luz do cômodo se apagou e Jeanne sentiu os pés molhados, depois dos pés a sensação de água circulando seu corpo começou a subir pela panturrilha, depois pela perna, chegou à cintura e subiu para altura de seus seios. As luzes oscilaram, piscando outra vez, e quando Jeanne percebeu o que estava acontecendo, todo o cômodo estava inundado. A água subia rapidamente e ela se perguntava como aquilo era possível. Um vento vindo de nenhum lugar balançava as águas fazendo movimentos de ondas por toda a superfície daquela montanha de água que apenas se avolumava e começava a chegar à altura de seu pescoço e depois cobriu sua cabeça.

Jeanne lutou contra as ondas e o vento ensurdecedor e conseguiu alcançar a superfície, outra vez. Ela olhou para os lados, as luzes continuavam piscando e o volume de água

continuava crescendo. Ela olhou para o alto quando ouviu uma nova risada e viu a sombra flutuando alguns centímetros acima dela lhe observando com olhos de um tom azul celeste.

Jeanne ainda deu um grito antes de ver a sombra se precipitar para dentro da água com a mão transparente estendida para segurar-lhe pelo pescoço.

— Socorro... – Jeanne gritou sob a água quando mergulhou deixando que suas reservas de ar se dissipassem e apenas ficou encarando o olhar azul celeste que aquela sombra tinha enquanto sentia sua consciência se esvair e ir embora aos poucos.

— Jeanne! Jeanne! – o treinador gritava – ainda está aí? Vamos apagar as luzes, são mais de dez horas, a escola vai fechar.

Não houve resposta, ele deu alguns passos para dentro do local, não lhe era permitido entrar na área dos vestiários femininos, mas ele tinha que ir embora, já tinha fechado o banheiro masculino, o vestiário, e apenas faltava a área feminina para que ele pudesse sair e voltar apenas na tarde seguinte.

— Jeanne? – ele perguntou desta vez – eu estou entrando, você já está vestida?

O treinador andou pela área do corredor até alcançar o vestiário, bateu á porta, mas ninguém respondeu.

— Jeanne? Está aí? – Ele perguntou e passou da área do vestiário para o duche.

A porta da área de banho estava fechada e um fio de água amarronzada escorria da fechadura, molhando todo o corredor, ele não entendia o que era aquilo, nunca antes tinha visto tal acontecer.

— Jeanne?! Jeanne?! – ele deu fortes murros na porta para que ela se abrisse, mas não conseguiu de imediato – Jeanne? – ele repetiu o chamado mas não havia nenhum som do outro lado.

— Eu vou entrar! – ele avisou e arremessou o corpo contra a porta fazendo-a se abrir com o impacto e ele, por muito pouco, não caiu dentro do chão do banheiro.

— Meu pai do céu, Jeanne! – ele correu para dentro do local quando viu metade do corpo dela para fora do cubículo do duche e a outra metade para dentro. Ela estava fria, desacordada, e a água do chuveiro caía diretamente no seu rosto. Ele a arrastou para longe da corrente de água e colocou o dedo indicador e o médio no pulso dela para sentir sua frequência cardíaca. Não tinha nada ali.

— Meu pai amado, acorde! – ele começou a fazer massagem cardíaca e completou com uma respiração boca a boca, mas não conseguiu obter nenhum resultado. Ele pegou o

celular no bolso e discou o número de emergência apertando o botão do viva-voz, mas não obteve resposta até que a Siri discou automaticamente a terceira tentativa.

De um modo estranho, com uma consciência que ele não sabia que tinha, ele sabia que ela estava morta.

Jeanne estava fria, muito fria, e o *rigor mortis* começava a se instalar. A aparência azulada na ponta dos dedos, nos lábios e, em várias partes do corpo, fazia com que a aparência dela fosse a de alguém que já tinha falecido há muitas horas, mesmo ele sabendo que ela só tinha entrado naquele cubículo mal iluminado por cerca de trinta minutos.

DEZENOVE



São seres iluminados, com cabelos loiros.

Olhos azuis, e asas nas costas.

Que existem para ajudar as pessoas

E serem seus anjos da guarda

E sempre proteger e ajudar.

Seria interessante, Ver um ser assim,

Que às vezes parece quimérico.

ELTON FERREIRA

A manhã tinha começado estranha, eu sabia que algo crucial tinha se passado na noite anterior quando os pesadelos não me abandonaram. Por vezes, eu me sentia sendo observada durante a noite até o momento em que o sol surgiu dissipando todas as sombras que me atormentavam.

Desci as escadas e, diferente do que acontecia todas as manhãs, Isabela ainda estava na sala, mesmo já sendo quase sete horas da manhã, e não estava com sua roupa de correr. Estava ainda de pijamas sentada à bancada da cozinha, com uma fruta na mão, mastigando devagar.

— Ei, você não foi correr hoje?

— Cala a boca, senta aqui...

Isabela falou quase que para o nada e acenou para que eu sentasse ao lado dela. Fiz o que ela pediu e peguei um pão de forma e comecei a passar Nutella sobre ele.

— O que foi que aconteceu? – perguntei outra vez, ela fez o gesto para que eu fizesse silêncio, e então eu comecei a prestar atenção nas notícias que passavam na televisão.

— O corpo da jovem foi encontrado nas dependências da escola. A linha de investigação policial não conseguiu confirmar a hipótese de homicídio – nesse momento uma delegada sai das dependências da escola e os repórteres correm em sua direção como lobos atrás da caça – doutora, o que poderia nos dizer sobre o ocorrido?

O responsável pela câmera tem dificuldade de estabilizar a imagem com a quantidade de pessoas se amontoando ao redor.

— Foi encontrada alguma prova que indique que ela tenha se suicidado? – um dos repórteres perguntou.

— Há algum suspeito? – outro perguntou.

— O que pode nos esclarecer sobre o assunto? – uma jovem repórter perguntou.

Eu via a chuva de perguntas sobre a delegada e me perguntava apenas o que tinha acontecido dentro da escola.

— A minha equipe tem feito um excelente trabalho há quase dez horas, desde que nos foi informado sobre o acidente, e o ambiente não tem sinais de violência, a forma que a jovem foi encontrada, sem qualquer ferimento causado de próprio punho ou por objeto manuseado por si mesma aponta que não houve suicídio.

— O que houve então, doutora? – o repórter perguntou outra vez.

— As investigações continuam correndo, mas tudo aponta que o que houve foi acidente doméstico. Uma fatalidade.

As perguntas continuaram correndo soltas, mas a delegada já não dava mais crédito aos repórteres, ela apenas caminhava em direção à própria viatura e quando a alcançou saiu do local acompanhado de sua equipe. Um carro do instituto de medicina legal saiu algum tempo depois e eu senti um frio na espinha.

— Uma fatalidade, como apontou a delegada do caso, levou a vida da jovem Jeanne Mercier, no auge de sua juventude, a premiada líder de torcida deixa uma família pesarosa e amigos que sentirão sua falta – a repórter tentou dramatizar – A escola estadual senador

John Kennedy, informa que as aulas foram suspensas pelo dia de hoje em sinal de luto pela perda tão repentina. Eu sou Melanie Carter, e estas são as notícias da manhã.

Isabela pegou o controle remoto e desligou a TV. Eu estava com medo, muito medo. Sem saber ao certo o porquê, mas ao mesmo tempo sabendo exatamente a razão. Theodore tinha participação nisso, de alguma forma, eu sabia que ele tinha sido responsável pela morte da menina que ele estava beijando tão animadamente há tão pouco tempo.

Levantei rapidamente, eu tinha que falar com ele, com alguém, eu tinha que saber se isso que tinha acontecido era realmente um acidente, pois eu achava que não tinha sido.

— Vai aonde?

— Vou sair por um tempo, não demoro voltar.

— Quer que eu vá contigo?

— Não, não é necessário.

Eu me vesti rapidamente, coloquei um casaco para não cometer o mesmo erro do outro dia, quando senti um frio estranho.

Andei até a praça no final da rua de casinhas pequenas. Isabela e eu pagamos cerca de cento e noventa e oito dólares por semana para morarmos ali, já que o dormitório feminino, que ficava num prédio há algumas ruas de distancia e que tinha apenas quatro dúzias de quartos apertados, não nos permitiria viver confortavelmente. Resultado disso era que pagávamos as duas um aluguel que deveria ser de quatro pessoas, o que nos deixava quase sem dinheiro no final do mês.

Sentei-me num dos bancos de pedra da praça e esperei por alguns minutos, pensando se eu queria mesmo fazer isso, mas sabendo que eu deveria fazê-lo assim mesmo.

"Nós não precisamos nos meter em mais problemas..." meu subconsciente começou a avisar, mas eu o calei de imediato.

"Oras, cale a boca, você é tão culpado quanto eu por termos nos envolvido com ele".

"Então vai em frente, chame o garoto oxigenado para perto de você, ele não vai acabar te agredindo outra vez..." meu subconsciente deu de ombros.

"Theodore, eu sei que está me ouvindo". Continuei, eu estava iracunda, realmente brava, mas tentei não soar tão ameaçadora em meus pensamentos "Não adianta nada você fingir que não está, eu preciso falar contigo, por favor, prometo que não apareço mais em sua

vida depois disso, não me importo se você diz se sou ou não sou sua, eu apenas preciso esclarecer algumas coisas".

Fiquei sentada naquele banco, peguei o celular, tinha vontade de ligar para ele e perguntar assim mesmo, mas eu sabia que eu precisava estar frente a frente com ele para que eu tivesse certeza que ele não iria mentir.

Quase quarenta longos minutos se passaram e finalmente eu ouvi a Harley chegando onde eu estava. Theodore parecia um membro daquelas gangues de estrada segurando os guidões altos com as mãos erguidas. Ele parou no limite da calçada e retirou o capacete da cabeça balançando um pouco o cabelo louro com a mão e então jogou o capacete para mim, que definitivamente não estava pronta para pegá-lo e desviei para o lado.

— Esse capacete custou três mil dólares.

— Podia custar dez mil, eu não ia pegar do mesmo jeito – eu falei com um tom atrevido – você não pode simplesmente jogar as coisas para mim assim e esperar que eu pegue.

— Você é incapaz de segurar um objeto em movimento? Sério?

— Você me pegou despreparada, e é melhor parar de provocações, eu estou do lado do capacete, posso atirá-lo à sua cabeça.

— Você não seria capaz.

— Não me provoque.

Eu esperei que ele descesse da moto, mas ele não o fez. Em vez disso, continuou lá, me olhando como se esperasse que eu fizesse alguma coisa, até que eu percebi o que ele queria que eu fizesse.

— Eu já te disse uma vez, vou dizer outra, eu não subo nessa moto nem que disso custe a minha vida.

Theodore passou as mãos no cabelo frustrado, ele não queria discutir, mas parecia que tinha sido levado a isso, e também não parecia estar querendo me dar muita trela.

— Ok, vamos lá – ele desceu da moto – eu posso fazer isso do jeito certo ou do jeito errado, você escolhe.

— Fazer o que?

Theodore se aproximou e me pegou pela cintura, me jogando em seu ombro e me levou até perto da moto, só o que eu podia fazer era ficar berrando para ele e tentando vencer com meus socos fracos a montanha de músculos que era a sua costa.

— Sente aqui – ele me colocou no banco da moto e sentou logo em seguida, informando – não pule, eu não vou voltar para pegar você, e não se mexa, você vai ser a única a se machucar se nos derrubar. Eu não posso falar com você aqui, é aberto e perigoso. Eu vou a um lugar mais privado.

— Ok, eu disse e me segurei na cintura dele, mas eu quero que você saiba, eu tenho uma faca, e não vou pensar duas vezes em usar se você tentar qualquer coisa.

Theodore sorriu e falou num tom sério:

— Você não me amedrontou, eu sei que está mentindo e não tem uma faca, mas eu, - ele bateu no lado da perna e completou – eu tenho uma arma.

Eu não conseguia saber se ele estava falando sério ou não, apenas deixei que ele me levasse para não sei aonde, tomando o cuidado de mandar uma mensagem de programar uma mensagem de texto para Isabela.

Ele não se importou com a velocidade, ele simplesmente levou a moto de um lado para outro da universidade, saímos de lá e vinte minutos depois estávamos parando perto de um estúdio de tatuagens numa das ruas de aspecto duvidoso da zona underground de Seattle.

Theodore parou por um tempo e eu fiquei parada, recuperando a estabilidade por um tempo, meu estômago parecia que ia sair pela boca.

— Se você não percebeu, é para descer – Theodore disse com um ar arrogante.

— Eu já vou, só preciso fazer minha cabeça parar de girar.

— Deixa de ser uma menina fresca e desce dessa moto.

Eu fiz o que ele pediu e fiz questão de passar com o capacete "sem querer" na pintura lustrosa da moto, infelizmente não consegui deixar nenhum arranhão ali.

— Você disse que ia me levar para um local seguro... Isso aqui parece ser exatamente o oposto do seguro que eu tenho na minha mente.

— Acredite em mim, esse é o local mais seguro que eu posso te levar.

Theodore entrou no local e eu tive que segui-lo, me sentindo totalmente deslocada, entramos numa sala que ficava parcialmente ocultada por trás de uma cortina feita de tiras de borracha de pneu de bicicleta.

Ele não segurou as tiras, quando eu entrei, e elas vieram com tudo no meu rosto quando eu pensei que ele seria cavalheiro para segurá-las. Não, segurar a porta, ou as tiras de pneu, era coisa para o antigo Theodore. Não para esse que tinha tirado a camisa e tinha se jogado numa poltrona imunda com as pernas esticadas.

— Então, você me chamou, estamos aqui, o que quer?

'Se concentre Paloma!', meu subconsciente me alertou para que eu parasse de olhar para o abdômen definido de Theodore e articulasse alguma palavra.

— Ah... É... Hum...

— Vai funcionar melhor se você parar de olhar para cá – ele gesticulou para o corpo exposto – e olhar para cá – ele apontou os olhos.

— Você é presunçoso demais, isso é um defeito – eu disse.

— Não é presunção quando eu posso ver exatamente que era isso que estava fazendo – ele disse – mas ande, eu não tenho o tempo todo para gastar com companhias tão sem... – eu ergui uma sobrancelha e ele mudou a palavra que viria a seguir – interesses iguais.

— Theodore – eu olhei na direção dos olhos dele, o que também não ajudava muito, já que eles me lembravam da antiga versão dele – o que você tem a ver com a garota encontrada morta na escola?

Ele juntou as sobrancelhas e pareceu pensar um pouco.

— Garota morta?

— Sim, encontraram aquela garota que estava com você, aquela que você estava praticamente engolindo sobre a moto, morta na faculdade, foi por isso que não tivemos aula hoje.

— Eu não tinha como saber, eu não fui hoje – ele deu de ombros.

— Está em todos os noticiários – na verdade estava apenas em um, mas eu imaginei que estaria passando em vários – aquela loura, que só agora eu sei que se chama Jeanne, apareceu morta na faculdade, num dos chuveiros.

Theodore se levantou e veio para perto de mim. O cabelo louro dele oscilou ao lado do rosto, aparentemente preocupado, e eu percebi que a raiz não parecia descolorida, aquele louro era natural demais para ter sido conseguido com água oxigenada, e agora que eu estava perto, eu via que até as sobrancelhas dele estavam com pelos mais claros, era quase como se aquela fosse a real cor de cabelo dele.

— O que você disse? Jeanne está morta?

— Você não sabia?

— Por que eu saberia?

"Por que ele saberia?" meu subconsciente perguntou e as palavras surgiram em minha boca:

— Eu não sei, mas sinto que você é capaz disso.

Theodore não falou nada por um tempo, apenas ficou me olhando, e eu achei que vi um resquício do antigo Theodore por trás daquela postura ameaçadora. A imagem dele me beijando à porta de minha casa se desenhava na minha mente, e eu lutei para afastá-la. Ele deu um passo para trás e me deu as costas, pegou algum dinheiro no bolso e a camisa e começou a me puxar para o lado de fora pelo braço.

— Eu sei andar sozinha – eu disse e retirei meu braço.

— Eu vou te colocar num táxi, vou te encontrar depois.

— Depois quando?

— Em breve – ele disse enquanto já me colocava dentro do táxi e me despedia.

Eu fiquei sem reação, por um tempo, e a única coisa que se desenhava para mim, mesmo que eu lutasse contra, era a enorme tatuagem de asas de anjo que Theodore tinha cobrindo uma faixa de pele lisa de suas costas.

VINTE



Ainda não sei por que ele me atrai.

Mas sei que não é só pela beleza física.

Mas eu ainda acho que não devia me deixar levar por essa atração.

Seria em vão. Ele não me vê como eu o vejo.

E eu sei que ele não sentirá por mim o que eu sinto por ele.

Não vale a pena eu me entregar, sendo que só vou me machucar.

SABRINA NIEHUES

Voltei para casa, Isabela já tinha saído sem dizer ao certo para onde ia, nem mesmo deixou um recado. Subi para o quarto e fiquei um tempo, um pouco de tempo, sem saber ao certo o que eu deveria fazer. Se eu deveria ficar esperando, se eu deveria tentar investigar tudo por conta própria.

"Apesar de a polícia ter dado como fixo que o que aconteceu foi simplesmente um acidente". Meu subconsciente soprou para mim, mas apesar do que parecia, ele estava me dando forças para tal.

Acessei a internet no celular e comecei a pesquisar as notícias sobre a morte de Jeanne. Fiquei, algum tempo, procurando algo que eu não sabia exatamente o que era, até que decidi não ficar procurando qualquer fato sobre a sua morte, mas sobre a sua vida.

As notícias não eram tantas, apenas uma ou outra nota sobre os jogos que o time vencia e que os líderes de torcida tinham ajudado a animar, um ou outro destaque para a líder de torcida, mas apenas isso.

Nas redes sociais, não havia nada além do perfil básico de uma jovem que preferia exibir o corpo em detrimento de suas outras qualidades.

Não havia nada que lhe chamasse a atenção de imediato, exceto que nos últimos dias antes de falecer ela havia tirado uma centena de fotos ao lado de Theodore e postado na nuvem.

Salvei duas das fotos, elas estavam bonitas, mas eu sabia que tinha algo mais nelas. Numa delas, Jeanne beijava o rosto de Theodore enquanto ele segurava uma câmera no alto, o cabelo estava louro, muito louro, quase branco, em comparação ao dela que parecia ser mais de um tom de amarelo acinzentado. Ele tinha um sorriso presunçoso nos lábios, e nenhum sentimento nos olhos.

"Acho que tem alguma coisa aí..." meu subconsciente avisou "vamos nos focar nisso".

"Nisso?" perguntei.

"Nas fotos, sua tonta" ele brigou comigo.

Analisei a foto um pouco mais, Theodore não parecia um sujeito apaixonado na foto, ele parecia mais como alguém que a companhia ao lado não importava, seu sorriso não era de paixão, ou minimamente de atração, era um sorriso egoísta, quase como se ele estivesse exibindo um troféu.

Troquei a foto e coloquei a seguinte no visor do celular. Nesta Theodore estava um pouco mais longe de Jeanne, com o rosto fechado, ele olhava para longe enquanto ela lhe dava um olhar de quase adoração. Mesmo que parecesse uma cena romântica, ele estava olhando para algo que as lentes não conseguiram captar, algo que ele não conseguia saber o que era. Tentei ver a data da foto, mas não tive muito sucesso, a conta na rede social não liberava mais detalhes e eu acabei ficando apenas mais curiosa com isso.

Eu levantei, tirei a roupa que estava usando, e estava escolhendo algo mais confortável no armário quando ouvi batidas na janela. Assustada, virei na direção do som e vi o rosto sério de Theodore por trás do vidro.

Eu poderia correr para pegar uma toalha e brigar com ele por estar me espionando, mas apenas peguei uma camisa enorme de banda para vestir e cobrir as partes que não deveriam ser vistas e abri a janela, percebendo que Theodore estava se equilibrando muito na beirada do telhado do andar inferior.

— O que está fazendo? – perguntei ainda sem querer deixá-lo entrar.

— Eu disse que viria em breve, aqui estou eu – ele falou e foi me empurrando para entrar no quarto.

Theodore se jogou na cama e, por uns milissegundos, pareceu que ele se lembrava do que quase tinha acontecido alí, pelo olhar que ele me deu.

— Eu não disse que podia entrar.

— Sei disso – ele falou enquanto colocava os coturnos sobre meus lençóis limpos – mas isso não me impediria de entrar se eu quisesse.

— Fala o que você quer rápido, antes que eu ligue para a polícia e te faça sair.

— Ok, ok, não seja tão má comigo – ele disse e se ajustou na cama, procurando uma posição mais confortável, ele falou num tom sério, diferente do habitual sarcasmo – eu tenho conseguido lembrar algumas coisas. Eu me lembro de quando você aceitou ser minha, apesar de a minha lembrança ser diferente da sua.

— Diferente? – eu falei num tom meio bravo – vamos pensar o motivo. Talvez seja porque você estava fingindo o tempo todo e enganando a pessoa impressionável que está à sua frente.

— Eu não menti – ele disse – apenas não lembro direito. Quero dizer, nas minhas lembranças, quando vejo você, eu sinto como se não fosse eu alí, e ao mesmo tempo sou eu.

— Tá. Devo assumir que ou você está desmemoriado ou veio para meu quarto drogado. A julgar pelos locais que você costuma andar, eu acredito mais na segunda opção.

— Para sua infelicidade, nem um e nem outro. Eu consigo lembrar as mesmas coisas que você. Na sua mente, eu sou um garoto bad boy, clássico, de bem com a vida. Um rebelde sem causa de cabelos pretos e olhos azuis.

— Ok, você descolorir o cabelo foi uma surpresa para mim também.

— Eis a questão, eu não fiz isso. Nas minhas lembranças, eu sinto tudo. Eu me lembro de como é beijar você, mas nelas eu sou exatamente como sou agora. E, sinceramente, eu ainda não consegui perceber ao certo o que me fez gostar de você.

— Talvez isso seja uma coisa que apenas o seu outro eu saiba.

— Talvez... – ele começou a desatar o nó e retirar o coturno e o jogou num canto do quarto – a questão é. Você aceitou ser minha, e isso me torna responsável por você. E

mesmo que eu só agora esteja começando a ver as vantagens disso – ele deu uma olhada na faixa de perna que estava exposta – eu não costumo ignorar uma missão que me foi dada.

— Missão? – eu tinha que rir, e o fiz, meu subconsciente mandou que eu não confiasse muito nele.

— Sim. Missão.

Ele retirou a jaqueta e a jogou sobre os coturnos, perto da parede do quarto, e ficou apenas com uma camisa vermelha que tinha a imagem de Fred Krueger como estampa. E deitou na cama outra vez.

— Tá, 'soldado universal' – eu ironizei e desenhei quase uma dúzia de aspas no ar – o que te faz pensar que você pode ficar se sentindo à vontade no meu quarto?

— Senhorita Bennet – ele falou num tom impessoal – a senhorita tem me causado muitos problemas. Para não presenciarmos outro show de ciúmes como o que você fez naquele dia, quando eu beijava a garota Jeanne, eu ficarei perto de você vinte e quatro horas por dia. Vai que, num momento desses eu resgate um gato de uma árvore ou ajude uma velhinha a atravessar a rua, e aí você terá o seu velho Theodore de volta.

Theodore parecia relaxado, apesar do mau-humor em cada uma das palavras, e eu reparei um pouco nele, mesmo sem querer. Ele continuava lindo, não como antes, a beleza de antes era cativante e sensual, mas a de agora era diferente, era...

— Libidinosa. – ele acrescentou me lembrando de que lia os meus pensamentos – essa é a palavra que está procurando.

"Você é muito tonta mesmo..." meu subconsciente bateu a mão na testa já que tinha me mandado parar de me deixar levar pela beleza dele.

"Ele é bonito, não tenho culpa!" respondi ao meu subconsciente.

— E serei bonito sempre. A senhorita poderá tentar resistir – ele respondeu outra vez – e bancar a durona, mas não vai funcionar. Quando você aceitou ser minha, aceitou por inteiro. Sabe essa sensação que sente de que falta um pedaço em você? Que parece uma melancolia sem sentido?

Não falei nada, mas ele sabia que eu tinha concordado com o olhar.

— Pois é, é a falta de mim que faz isso. Somente eu poderei completar esse vazio.

— Isso é presunção demais, até para você.

— Não é presunção, são fatos.

— Fatos? – eu sorri – então temos um tipo de contrato?

— Digamos que seja quase isso. Eu estarei aqui para sua proteção e de sua amiga, não quero que se repita mais a cena lamentável que aconteceu com a Jeanne, ela era uma boa garota, revoltada, mas ainda assim uma boa menina.

— Eu não vou me suicidar, desse mal estou livre.

— Jeanne não se suicidou, sua tonta.

— A polícia...

— A polícia não sabe de coisa alguma.

Ele confirmou nessas poucas palavras aquela sensação angustiante que eu tinha sentido mais cedo. Eu tinha que perguntar, outra vez, mesmo ele tendo negado, eu precisava saber mais, mas não agora, e talvez não com ele.

— Tá bom, já que é para minha proteção, você pode ficar. – eu comecei a ditar as ordens – mas não na minha cama. Coloque uma camada de edredons no chão. Eu acho que tenho uns colchonetes no quarto que ninguém usa do andar de baixo, eu vou pegar.

— Sério? Essa cama parece ter espaço suficiente para dois.

— Mais sério impossível.

Theodore se levantou e saiu descalço do quarto indo para o andar inferior pegar os colchonetes. Quando voltou, eu até senti vontade de questionar como ele sabia onde estavam os objetos, mas lembrei, ele já andava pela casa como se a conhecesse.

— Aqui estão os edredons. – eu joguei tudo na direção onde ele colocou os colchonetes – quanto tempo isso vai durar?

— Isso?

— Você no meu quarto.

— Apenas por esta noite. Digamos que eu preciso me assegurar de que esteja segura hoje.

— Certo, quanto menos tempo isso durar, melhor.

Ele jogou os edredons de qualquer forma e retirou a camisa de Fred Krueger, e já ia fazer o mesmo com as calças.

— Ei, ei, ei – eu o interrompi – fique vestido.

— Certo.

Não era hora de dormir, e eu não queria ficar alí deitada na cama com ele há poucos centímetros de mim, eu me sentia retraída. Peguei um livro da minha cômoda e comecei a lê-lo da página que eu tinha parado.

Madame Bovary, de Gustave Flaubert, era complexo o suficiente para tentar me arrancar da realidade. O que funcionou, por dois tempos. Até Theodore me interromper.

— Há maneiras muito mais divertidas de passar o tempo do que olhando para o telhado.

— Não estou interessada – eu respondi sem erguer os olhos da página para olhar para ele.

— Tem certeza?

— Tenho sim.

— Então você vai me obrigar a ficar aqui o dia inteiro quando eu poderia te dar alguns instantes de felicidade.

— Você está aqui por que quer. Não está amarrado e, se lembro bem, ninguém te convidou para ficar, foi você quem se ofereceu.

— De qualquer modo – ele sacou o celular do bolso e discou um número – vou pedir tacos para nós, você é uma péssima namorada... – ele pareceu ligeiramente confuso pela frase que ele tinha dito algum tempo antes, mas não ficou pensando muito tempo nisso, ou pelo menos não se deixou pensar – anfitriã.

Uma sensação diferente me ocorreu, e era engraçado. Quando Theodore estava como antes, sempre que eu lhe pegava a mão, ou ficava perto, eu sentia uma sensação de perigo. Isso não acontecia com o Theodore à minha frente, que eu permitia dormir no mesmo quarto que eu. Eu tinha que começar a tomar mais cuidado comigo mesma.

Uma pergunta me veio à mente, novamente, brotando entre tantas outras e não me permitindo frear meus lábios para não deixá-la sair.

— Foi sua culpa?

Ele ficou parado por uns instantes e calculou com precisão as palavras que diria a seguir.

— Não totalmente, digamos que foi sua culpa também.

VINTE E UM



E edificou Noé um altar ao Senhor; e tomou de todo o animal limpo e de toda a ave limpa, e ofereceu holocausto sobre o altar.

E o Senhor sentiu o suave cheiro, e o Senhor disse em seu coração: Não tornarei mais a amaldiçoar a terra por causa do homem; porque a imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice, nem tornarei mais a ferir todo o vivente, como fiz.

GÊNESIS 8:20,21

A terra tinha se tornado um depósito de imundícies. Os homens tinham desviado seu coração de tudo que era bom, de tudo o que era reto e seus corações foram perpetrados de toda sorte de feitos abomináveis. Os anjos que caíram foram, em grande parte, e a sua posteridade, os causadores de tamanha depravação.

O sangue derramado na terra clamava desde o abismo até o mais elevado dos céus chegando até o trono de Deus.

A geração do dilúvio tinha começado a praticar toda sorte de idolatrias e YAHWEH estava profundamente entristecido por toda a dor que a corrupção humana lhe causava. Dois anjos, Shemhazai e Azazel, então levantaram-se e disseram:

— Ó, Senhor do mundo! Aconteceu o que foi previsto por ocasião da criação do mundo e do homem: "Que é o homem, para que te lembres dele?"

E Jeová disse:

– E o que será do mundo sem o homem?

Responderam os anjos:

– Ocupar-nos-emos nós dele.

E Deus disse:

– Sei muito bem disso, e sei que se habitassem sobre a terra a inclinação maligna tomaria conta de vocês, e vocês seriam mais perversos ainda do que os homens.

Os anjos suplicaram:

– Dê-nos permissão de habitar entre os homens, e o senhor verá que honraremos o seu nome.

Deus concedeu o seu pedido, dizendo:

– Desçam e habitem entre os homens.

Em sua onisciência, YAHWEH via o futuro reservado aos dois.

Quando os dois anjos chegaram à terra, foi-lhes dado um corpo físico para que eles pudessem habitar entre os homens e cumprissem o propósito para o qual tinham sido destinados.

Os anjos correram aquela região, contemplaram, porém, a beleza das filhas dos homens, e os anjos não conseguiram conter sua paixão diante das belas mulheres.

Shemhazai estava passeando pelas areias do deserto e viu vir uma moça, a mais linda de todas que tinha visto até então, com roupas da cor da areia carregando um cântaro de água dos poços donde as ovelhas dos rebanhos iam a beber. O anjo foi levado imediatamente a contemplar a sua beleza e não conseguiu conter sua paixão, perdeu por ela todo o coração.

Encontraram-se naquela vez e a moça, bela como a mais perfeita das flores, viu naquele belo homem algo que moveu em seu íntimo. Sentia-se em paz na presença dele e a beleza dele era simplesmente indescritível. Ela prometeu que se entregaria a ele depois que ele lhe tivesse dito de onde vinha.

— Qual seu nome? – ela perguntou-lhe.

— Shemhazai – ele anunciou – e o teu?

— Istehar... – ela falou num tom baixo, rouco, hipnotizada pela beleza do homem à sua frente. Ao mesmo tempo sentindo que ele não era apenas isso.

— De onde vens? Para onde vais? – ele perguntou.

— Tenho um trabalho a fazer – ele disse, e tolo apaixonado como estava pediu – entregue-se a mim. Nunca vi outra como tu.

— Eu poderia fazê-lo – ela disse ainda não retirada do seu trono – se me disseses de onde vem e quem te enviou.

— Isso não poderia.

— És de onde?

— Dos céus acima dos céus.

— Eu preciso saber apenas uma coisa – ela disse melindrosa, não deixando que corresse a largo o espírito que toda mulher herdou de Eva – Se és dos céus acima dos céus, diga-me: qual nome tu chamas para elevar-se até eles?

— Eu não poderia, seria... Errado.

— Não me queres? – a vaidade feminina não conseguiu escapar do enlace.

Então Shemhazai anunciou o Nome Inefável, por meio do qual se alçava até o céu. Ele concordou, e citou o Nome. Istehar, no entanto, assim que tomou conhecimento do ocorrido, pronunciou o nome sem cautela, e ascendeu ela mesma ao céu, sem cumprir a sua promessa ao anjo.

Por não poder alcançar os céus sem que isso a destruísse inteiramente, visto que estava em seu corpo carnal, seu espírito apenas foi elevado, e ela ficou presa entre sete estrelas para que nunca fosse esquecida. Ela foi colocada na constelação das Plêiades.

Corrompidos pela concupiscência dos olhos, Shemhazai e Azazel, não abandonaram a idéia de entrar em alianças com as filhas do homem, e o primeiro teve dois filhos. Azazel começou a projetar os adereços e os ornamentos através dos quais as mulheres seduzem os homens até aos dias de hoje.

Na cidade celestial, a Metraton foi ordenado que dissesse a Shemhazai que o mundo seria destruído com um dilúvio. O Anjo corrompido então começou a chorar o destino que se abateria sobre seus dois filhos. Quando o dilúvio os alcançasse, o que ambos iriam comer? Eles que careciam diariamente de mil camelos, mil cavalos e mil novilhos?

Naquela mesma noite os dois filhos de Shemhazai, chamados Hiwwa e Hiyya, tiveram sonhos. Um deles viu uma grande pedra coberta de terra, e a terra estava toda marcada com linha após linha de escrita. Um anjo então veio, e com sua faca obliterou todas as

linhas, deixando sobre a terra apenas quatro letras. O outro filho viu uma alameda aprazível plantada com toda sorte de árvores. Mas os anjos vieram trazendo machados e derrubaram as árvores, deixando uma única árvore com três de seus galhos.

Quando acordaram, Hiwwa e Hiyya foram até seu pai, que interpretou-lhes os sonhos:

— Deus trará um dilúvio, e ninguém escapará com vida a não ser Noé e seus filhos.

Angustiado por toda a dor que viria, Shemhazai, que não podia mais voltar aos céus, esperou que seus filhos caíssem no sono depois que tanto choraram e usou de sua espada para degolá-los enquanto dormiam. O sangue nephilim manchou a espada de Shemhazai que ficou amaldiçoada pelo sangue derramado.

Shemhazai tentou buscar penitência e jurou que acabaria com todos os anjos caídos que tinham corrompido a humanidade e que sua espada, manchada do sangue de seus filhos, seria a arma que ele usaria. Mais tarde, ele descobriu que o sangue nephilim era capaz de matar os anjos e arrancá-los do plano da existência.

Azazel, no entanto, persistiu obstinadamente em seu pecado de desencaminhar a humanidade através de atrativos sensuais.

Quando atingiu a maturidade Noé seguiu os passos de seu avô Matusalém, enquanto todos os outros homens voltaram-se contra esse piedoso rei. Longe de obedecerem os seus preceitos, perseguiram a inclinação maligna de seus corações e perpetraram toda sorte de feitos abomináveis.

Uriel foi enviado a Noé para anunciar que a terra seria destruída por um dilúvio, e ensiná-lo como salvar sua própria vida. A Rafael foi dito que acorrentasse o anjo caído Azazel, arremessasse-o num poço com pedras pontiagudas e perfurantes no deserto de Dudael, e cobrisse-o de trevas, para que assim permanecesse até o grande dia do julgamento, quando seria jogado num poço ardente do inferno, e a terra seria curada da corrupção que ele havia intentado contra ela. Gabriel foi encarregado de agir contra os ilegítimos e réprobos, os filhos que os anjos haviam gerado com as filhas dos homens, precipitando-os em conflitos mortais uns contra os outros.

Shemhazai viu o dilúvio acontecer e permaneceu flutuando, com suas roupas escuras e seus adornos, sua proteção de metal que lhe cobria toda a extensão do antebraço direito, dos punhos aos cotovelos, e sua espada eternamente pingando o sangue de seus filhos.

Seu plano de vingança, pela morte de suas crianças, fora derrotar um a um aqueles que espalhavam a maldade sobre a terra, até o dia do julgamento. Ele não corria atrás dos pequenos soldados, não corria atrás dos humanos corrompidos, ele corria atrás dos anjos maus, os anjos que se tinham decidido por Lúcifer durante a queda. Ele tinha deixado o

amor pelos filhos e até por Istehar, que ele nunca chegou a desposar, pela sede de destruição que lhe queimava o interior.

"No ano seiscentos da vida de Noé, no mês segundo, aos dezessete dias do mês, naquele mesmo dia se romperam todas as fontes do grande abismo, e as janelas dos céus se abriram, E houve chuva sobre a terra quarenta dias e quarenta noites".

Shemhazai chorou a morte de seus filhos até que as águas baixaram e vigiou a terra de perto destruindo anjos caídos desde então*.

*Baseado do texto de Paulo Brabo.

(lendas dos judeus).

.

VINTE E DOIS



Prefiro ter ao meu lado um inimigo do que um falso amigo.

**Do inimigo posso esperar de tudo que não ira me abalar,
mas de um amigo a traição é a pior dor que alguém pode sentir,
pelo fato de não estar pronto ou simplesmente pelo fato de confiar.**

**Para todos esse mal que está em meus falsos amigos
ofereço o meu perdão ou torne-se meus inimigos**

L. LOGAN

— Você acha o outro Theodore melhor que eu?

— Como assim? – perguntei quando ele me interrompeu na leitura pela ducentésima vez. Eu estava a ponto de fazê-lo engolir o livro.

— Quando estou no meu normal, acha que eu sou melhor?

— Infinitamente melhor. Se bem que...

— Se bem que o que?

— Se bem que eu não sei por que você insiste em falar de si mesmo como se fosse outro Theodore. É você, esse é você, sem a camada de fingimento que tentou usar e não conseguiu manter por muito tempo.

— Não, por mais que este lado meu aflore por um tempo – ele disse – eu sou bom.

— Bom? Pelo amor de Deus.

— Por esse mesmo.

— E espera que eu acredite que o cara que foi capaz de mentir na minha cara foi bom?

— Não espero que acredite em nada, espero apenas que eu estando do seu lado você não deseje a morte de mais ninguém.

— O que quer dizer com isso?

— Nada, senhorita Bennet, nada. Não quero dizer nada. Não quero dizer coisa alguma.

De algum modo rápido, Theodore dormira naquela pilha de colchonetes e edredons. Eu até tentei, mas não iria conseguir dormir no mesmo quarto que ele sem ficar pensando demais em nós dois, ou em o que ele e eu tínhamos a ver com a morte de Jeanne. E não queria acordá-lo com os meus pensamentos.

"Te proteger?" o meu subconsciente se perguntava com uma mão sob o queixo "proteger de quem?" não sabíamos a resposta então nem dei muita trela para as dúvidas que ele queria colocar em minha mente.

Isabela não tinha chegado e eu fiquei mexendo no celular enquanto esperava a noite chegar e com ela algum resquício de sono. Eu só queria entrar naquele quarto quando eu tivesse certeza que eu não iria ficar feito uma idiota olhando para a minha companhia.

Eu não precisava ficar alí, na sala, remoendo as cenas na minha mente, mas eu sabia que eu tinha que pensar para que minha mente conseguisse entender o que tinha acontecido com exatidão.

Coloquei os fones de ouvido e uma música que me fizesse relaxar um pouco. No Fear, the rasmus, foi a escolhida. Me deixei ficar alí por um tempo, pensando e pensando. Eu deixei o tocador de mp3 do celular de fundo e abri o navegador da internet.

"Não pode mentir..." meu subconsciente me soprou as palavras que eu deveria procurar. Digitei-as e apertei a tecla de pesquisa. Seiscentos e quarenta e um mil resultados em zero ponto três segundos.

As cinco primeiras páginas, praticamente, retornaram com resultados sobre as coisas que Deus não pode fazer. Em especial uma: Deus não pode mentir. Um dos resultados em peculiar me chamou a atenção.

"Os filhos de Deus não podem mentir". Segui até a página e apenas uma imagem se mostrou. Em fundo preto, escrito com letras românicas, a frase em latim se destacava por sua cor clara:

"Posse peccare et posse non peccare".

Eu estava a ponto de colá-la no tradutor online para verificar seu significado, desde que eu não era a melhor das estudantes de latim da faculdade, quando a voz de Theodore me interrompeu.

— O que está fazendo?

Eu poderia jurar que ele tinha falado do final do corredor, mas quando virei-me para olhar, ele estava estendendo os braços ao lado do meu corpo, atrás do sofá, e eu ergui o rosto para olhar para ele, apertando, disfarçadamente, o botão que desligava o aparelho.

Nesse meio segundo, exatamente nesse meio segundo, Theodore abaixou o rosto e me beijou ao estilo homem-aranha e Mary Jane.

— Ei, rapaz!- eu me afastei e escapei do beijo pouco tempo depois de ele ter começado – o que pensa que está fazendo?

— Senti saudades... – ele me respondeu com um sorriso cínico no rosto.

— Não se faça de idiota.

— Eu estava entediado – ele falou, mas o olhar dele foi para o aparelho na minha mão e que eu tentava esconder sob a coxa – o que está fazendo? Ele perguntou outra vez – posso ver?

— Não, não pode não.

— O que estava fazendo, Paloma Bennet? – ele insistiu com um sorriso e meus pensamentos responderam por mim. A imagem da minha pesquisa me veio à mente.

— Não procure o que não quer encontrar, senhorita Bennet – ele disse – a verdade pode ser um veneno cruel neste caso.

Não falei nada, não que eu não tivesse uma resposta, mas por que eu não queria que ele me enchesse com mais dúvidas. Eu deveria ter resistido, não poderia ficar deixando que ele se saísse bem depois de ficar me beijando sem que eu permitisse toda vez.

Theodore se sentou ao meu lado no sofá, colocou um braço no encosto do sofá e apoiou o rosto na mão. Ele ficou me olhando por um bom tempo e eu sentia meu corpo queimar por onde ele passava.

— Você não deveria fazer isso.

— Isso o que, exatamente?

— Ficar vasculhando minha mente. Eu não gostava quando o antigo Theodore fazia isso, e também não gosto quando o novo Theodore faz isso.

— Talvez se você conseguir parar de ser tão fascinante, eu consiga parar de procurar as coisas na sua cabeça.

— Quando isso aconteceu?

— Quando a garota sem-graça se tornou fascinante?

— Isso mesmo.

— Talvez tenha acontecido quando eu descobri que ela me pertencia.

Um barulho estridente dos gritos do Buck cherry é ouvido e eu percebo que é o aparelho celular de Theodore quando ele o tira do bolso da calça para atendê-lo.

— Kamilla? O que aconteceu? – ele atendeu surpreso ao reconhecer o número no visor do celular antigo.

Uma sombra de preocupação passou no rosto dele e Theodore se levantou me pegando pela mão enquanto pronunciava uma pergunta de apenas uma palavra, uma palavra que eu ainda não tinha ouvido.

— Não pode ser ele – Theodore disse e a preocupação que se instalou em seu rosto alcançou sua voz – nenhum dos seiscentos sob o comando dele tinham sido vistos nessa cidade, esse foi o motivo de termos vindo para cá.

Ele ficou ouvindo enquanto a moça do outro lado da linha falava com ele, então continuou:

— A morte de Jeanne deve ter acendido o radar deles. Sim, eu tomarei cuidado. Eu sei o que pode acontecer se Shemhazai nos encontrar.

Eu presto atenção à conversa, tomando o cuidado de guardar esse nome para pesquisar mais tarde. Eu tento jogar isso para meu subconsciente, a única parte do meu pensamento

que Theodore não ouve. "Entendido!" meu subconsciente guarda o nome para pesquisar mais tarde.

Até pensei em perguntar para Theodore qualquer coisa sobre o que tinha acontecido, mas fomos interrompidos por Isabela, que tinha chegado depois de, só agora eu perceber, ter ido à academia.

— Ah, oi... – ela não soube como cumprimentar Theodore inicialmente – desculpa os trajes – ela fez questão de apontar para a roupa que usava – não sabia que teria alguém de visita.

— Não tem problema algum – Theodore deixou que o olhar dele parasse por um tempo longo demais nas pernas dela apertadas numa calça de malha para yoga.

— Eu vou tomar um banho – ela fez questão de dizer – divirtam-se, crianças – ela lançou um beijo no ar e passou diante do sofá dando um sorriso para nós dois, mas que bem podia ter sido direcionado apenas a ele.

Felizmente, meu subconsciente e eu não tínhamos mais do que reclamar. Theodore e eu não estávamos mais juntos, se ele tinha essa liberdade para ficar olhando para outras garotas na minha frente, eu tinha a mesma liberdade. Nós não temos mais nada, exceto por alguns beijos ocasionais.

Liguei a televisão e fiquei alí por um tempo tentando me distrair com os capítulos de Hatfields e McCoys, mas não deu muito certo. Theodore do meu lado me desconcentrava demais.

— Você pode deitar, se quiser – ele disse – eu vou ficar bem.

— Vou fazer isso.

Eu sentia sono, um sono estranho. Eu não costumo dormir durante o dia, mas aquele dia parecia que eu estava sendo obrigada a dormir pelo meu corpo. Eu voltei para o quarto e vesti um short sob a camisa enorme e me joguei na cama. Não lembro ao certo quando eu cochilei.

Outra vez o clima tinha esfriado e eu comecei a tremer sobre a cama. Meu queixo batia como se eu estivesse despida sob a neve, mas o quarto tinha as janelas fechadas e o aquecedor ligado.

"Alguma coisa está errada, muito errada..." eu ouvi o sussurro que meu subconsciente me lançou e eu tinha que concordar, algo estava errado.

Me levantei, silenciosa, minha mente estava lerda e eu não conseguia pensar em nada que não fosse o vazio que eu parecia sentir. Eu fui até a sala, devagar, e não precisei de muito tempo ou dos meus óculos para notar o que estava acontecendo.

No sofá da sala, Theodore tinha companhia. Ele amassava outra loura em seus braços. Ela parecia estar satisfeita com os carinhos que recebia, pois sorria convencida com a cumplicidade que parecia ter acabado de conquistar.

Theodore sorriu quando ela lhe mordeu os lábios e enfiou suas mãos no cabelo dela para mais um beijo profundo, um beijo como ele nunca tinha me dado antes. A garota se apertava contra ele mostrando que gostava do que estava acontecendo, mesmo que soubesse que o mínimo de dignidade da parte dela era exigido.

— Que cena romântica – eu falei alto e os dois viraram para mim. Isabela ainda tentou sair de sob o corpo de Theodore, mas não o fez quando ele sussurrou algumas palavras ao ouvido dela.

— Gosta do que vê? – ele perguntou e sorriu enquanto beijava-a.

— De você não me surpreende mais nada – eu falei num tom de desprezo – o que me surpreende é você, Isabela.

Theodore não falou nada por um tempo, apenas ficou observando a dor e a decepção no meu rosto. Eu olhei para o rosto dele e deixei que ele observasse bem, no fundo do meu pensamento, toda a dor que ele tinha me causado.

Isabela finalmente conseguiu sair de sob ele e andou até perto de onde eu estava.

— Me desculpe, Paloma... Eu... Eu não sei o que eu estava fazendo, eu não sei como eu pude fazer isso.

Eu não iria chorar, eu não iria, apesar de um par de lágrimas terem se formado anuviando minha visão. Eu virei o rosto para tentar limpá-las disfarçadamente, eles não iriam ver a minha tristeza, eles nem mesmo a mereciam.

— Como eu poderia te desculpar? Eu achei que você era minha amiga. Dentro da nossa casa, Isabela? Comigo dormindo? Acho que você superou todos os limites da traição.

— Eu juro, eu não sei o que eu estava fazendo!

– Cala a boca!

— Você tem que acreditar em mim! – ela falou e eu titubeei por dois segundos ao olhar por sobre o ombro dela e ver Theodore com um olhar consternado.

— E você ainda se diz 'bom'... – eu sorri de escárnio – não há absolutamente nada bom em você. Eu quero que você saia da minha casa e nunca mais torne a olhar para meu rosto novamente. Você não é digno de mim.

Um sentimento diferente passou pelo olhar de Theodore, mas eu não o reconheci.

— Paloma! – Isabela me chamou e me pegou pelo braço enquanto tentava chamar minha atenção.

— Me solta! Pelo menos vista uma roupa, parece uma vadia com essa camisola minúscula – ela olhou para si e depois olhou para mim.

— O que quer que eu faça para me perdoar? – ela insistiu na pergunta.

— O que eu quero que faça? – eu sorri surpresa pela falta de caráter dela – Quer saber... Eu quero que você morra.

VINTE E TRÊS



O amor deveria perdoar todos os pecados, menos um pecado contra o amor. O amor verdadeiro deveria ter perdão para todas as vidas, menos para as vidas sem amor.

OSCAR WILDE

Isabela sempre quis entender a razão para ela sempre ser deixada de lado quando o assunto era sua amiga.

Quando Paloma chegou, a um par de semanas atrás, contando que Theodore, o cara mais lindo da faculdade tinha a pedido em namoro, ela teve que se esforçar um pouco mais do que de costume para parecer gentil e não chamar a garota de louca.

Isabela tinha invejado Paloma desde bem antes de mudarem dos dormitórios para as residências estudantis. Quando, depois que uma das amigas de Paloma mudou-se de cidade, e a vaga no quarto ficou aberta, Isabela a conheceu. Naquele dia começou uma disputa silenciosa entre as duas, sem que uma delas soubesse.

A garota loura se irritava com o modo que Paloma, por mais que não quisesse, chamava a atenção dos rapazes que era ela quem gostava. Se irritava com o modo como precisava ficar correndo por cerca de uma hora por dia para manter a forma, além de manter uma dieta equilibrada, para queimar calorias, enquanto a amiga não fazia nada e não engordava. As tardes em sessões de estética lhe davam uma pele sem marcas, enquanto Paloma lavava o rosto apenas com sabonete e mesmo assim, exceto por quando ela corria, não tinha uma gota de oleosidade. Se irritava mais ainda pelo modo como os garotos da faculdade se aproximavam dela para perguntar o nome da amiga ou se esta tinha namorado.

Nem sempre foi assim, Isabela foi uma ótima amiga no começo, as duas costumavam ter longas conversas, sair juntas, até um dia em que um rapaz disse que Paloma era a amiga mais bonita.

Fora um motivo fútil, ela sabe, mas aquilo plantou uma espécie de semente má em seu coração e aquela semente brotou sem que ela pudesse fazer nada para sufocá-la.

Nesta noite, depois que ela percebera que, por mais que insistisse, Paloma não iria falar com ela tão cedo ou facilmente, ela entrou no próprio quarto e ficou pensando no que tinha acabado de acontecer.

Não fora tão inocente assim quanto quis parecer. Certo, Theodore tem alguma coisa nele que hipnotiza e é capaz de fazer qualquer mulher se apaixonar. Um mistério, um algo que se quer desvendar, mas não foi apenas isso que a fez ficar com ele.

Paloma tinha sumido, com seu sono fora de hora, sua preguiça infundável, e ela viu a oportunidade perfeita de se afirmar, de saber que ela era sim apetecível aos olhos dele, e que ela poderia muito bem tomá-lo se quisesse.

Quando ela foi à sala, Theodore tinha deitado no sofá da sala. Ele estava sem camisa, apenas de jeans. Seu braço cobria a parte dos olhos, ocultando de leve seu rosto primoroso. Isabela nunca tinha visto uma cena mais quente em sua vida. Ela deu um passo na direção dele, alguma vozinha ainda tentou falar com ela, dizendo que era errado, dizendo que aquilo não era certo, que ela ainda poderia ser a amiga que sempre foi, mas uma vozinha mais forte lhe gritou que ela não teria outra oportunidade para fazer isso.

Isabela balançou um pouco o cabelo e ajustou os seios na roupa. Ajustou a postura e fingiu passar pela sala para alcançar a pequena cozinha integrada à sala. Abriu a porta com força, retirou uma garrafa de suco e fechou a porta com mais força ainda. Theodore nem mesmo se mexeu.

Havia algo sussurrando aos seus ouvidos exatamente o que ela tinha que fazer, foi então que ela sentou ao lado dele, no sofá, retirou a mão dele de sobre os olhos e apagou o espanto que se fez no rosto dele com beijos. Beijos que ele fez questão de aprofundar.

Isabela sentia uma vontade insana de parar com aquilo, por que, por sob o gosto da língua de Theodore, quando tocava a sua, havia uma sensação estranha que lhe perpassava. Ela jogou que a sensação era um frio na barriga por estar traindo a amiga e seduzindo seu namorado, mas tinha algo mais.

Tinha medo.

E o medo só se dissipou quando foram interrompidos pela amiga(e namorada) traída.

Seus pensamentos foram interrompidos por um bipe de uma mensagem no celular. Era Jordan.

"Gostaria de fazer alguma coisa hoje?"

Isabela ainda pensou em recusar, mas já que o clima em casa, naquela noite, ficara insuportável, ela respondeu a conversa depois de uns longos dez minutos.

"Onde?"

Jordan respondeu imediatamente.

"Boliche, depois Rock Bottom".

Aquilo seria melhor do que nada.

"Ok".

"Estou saindo do trabalho agora, estou indo te pegar aí".

"Não, eu vou aí".

Seria melhor ir até lá do que evitar uma cena qualquer naquela casa. Isabela trocou de roupa rapidamente e passou à sala. Theodore ainda estava sentado no sofá, parecia que ele não tinha se movido nem um centímetro. Ele ainda olhava perdido, para a altura do quarto de Paloma.

Quando ia passar pela porta, ele se deu conta de que ela estava aí e se levantou rapidamente segurando a porta que ela mal abrisse.

— Ei, o que foi? – Isabela perguntou irritada.

— O que foi pergunto eu. Vai aonde?

— Não te interessa para aonde eu vou.

— Pois bem, se não me interessa então a senhorita não irá – o olhar dele era frio e resoluto, a sensação de medo correu nas veias sob a pele dourada de Isabela outra vez – eu ficaria muito feliz se me ouvisse.

— Olha aqui, Theodore. Eu não vou ficar perdendo meu tempo aqui contigo. Quer ser o cara mandão, o seja para Paloma, ela sim abaixa a cabeça para o que você fala. Não pense que eu sou ela.

— Você nunca seria ela.

O tom da voz dele estava diferente do modo normal. Estava mais grave, realmente fria.

— Que bom que não porque, sinceramente, eu prefiro ser eu. Em lugar de ficar preocupado comigo saindo, vai tentar reaver sua namorada, tomara que o pé-na-bunda tenha sido definitivo.

— Você não vai me querer como inimigo, Isabela.

— Não, Theodore, e nem como amigo também.

— A escolha é sua.

— Dá licença, que eu quero sair – Isabela disse puxando o trinco da porta até que Theodore saiu de seu caminho.

— Isabela... – Theodore a chamou fazendo-a virar o rosto por um momento para ver o que ele queria ainda tendo a audácia de chamá-la.

— O que é, garoto?

— Tome cuidado.

Ele pediu com a voz mais calma, poder-se-ia dizer que havia algo de dramático na sua voz e no seu olhar atormentado. Isabela repensou a decisão de sair, mas não por tempo suficiente para fazê-la desistir.

Isabela deu-lhe as costas e saiu pela pequena rua de casas estudantis até alcançar uma das ruas mais movimentada do campus. As palavras de Theodore ficaram ecoando em sua mente, primeiro como um pedido depois como uma ameaça, mesmo assim ela não desistiu do que iria fazer.

— Que besteira que eu fiz? – ela se perguntou enquanto caminhava irritada consigo mesma, por ter se "rebaixado" para competir pela atenção de um garoto com a amiga – se pelo menos ele não tivesse aceitado, as coisas teriam sido diferentes.

Seu pensamento destoava de seus lábios pois, na mente, ela sabia que se ele negasse ela apenas insistiria de um modo mais incisivo.

O celular tocou outra vez e ela atendeu. A voz do outro lado era estranha e feminina.

— Oi! Eu sou a amiga do Jordan, onde você está? Ele pediu que eu perguntasse.

— Amiga do Jordan? – Isabela perguntou com um ar desconfiado. Retirou por um instante o telefone do ouvido, ela não reconhecia o número. E se perguntou por um tempo o porquê ela estava achando aquele tom alegre falso demais.

— Sim, amiga. Ele disse que sairíamos juntos.

— Estou no campus ainda, perto da rua principal. Jordan não falou nada sobre sair em trio. Que palhaçada é essa?

Mas a ligação já tinha sido encerrada.

Isabela salvou o número no telefone para ligar mais tarde. Agora mesmo ela queria ouvir de Jordan quem era a piranha com quem ele estava saindo.

Um vento frio passou por ela, gelando seus ossos, e ela ergueu o olhar rapidamente ao ouvir um som de riso infantil longínquo.

Foi nesse momento, em que ela estava guardando o celular no bolso, que ela, ao erguer o olhar, sentiu um olhar diferente nela. Olhou ao redor, mas ninguém estava observando-a. Na verdade, a maioria dos estudantes estava entretida com as suas conversas ou em seus aparelhos eletrônicos.

Havia uma jovem que caminhava um pouco mais à frente. Isabela a achou um pouco estranha, o olhar parecido demais com o seu. A jovem parou e olhou para os dois lados da rua antes de atravessar, e Isabela percebeu, com espanto, que a jovem era extraordinariamente parecida com ela.

No momento em que ela percebeu isso, a jovem olhou na direção dela e sorriu, mostrando o rosto perfeitamente igual ao seu, e ainda se acrescentavam detalhes, como o brinco em formato de gota com uma pedra azul que balançava em apenas uma orelha.

Isabela lembrava bem que tinha escolhido esse par de brincos pela manhã. Instintivamente, ela passou as mãos de leve na orelha que tinha o pendente, e não o sentiu ali.

Ela tinha recebido o pendente de presente da mãe, ele fora feito à mão exclusivamente para seu aniversário de quinze anos. Não haviam dois iguais deste.

— Hei, você! – Isabela chamou a atenção da garota que atravessou a rua sem olhar para trás. Indo em direção à entrada da estação subterrânea de metrô.

Olhando para os dois lados da rua, Isabela correu naquela direção para reaver a peça perdida. Ela alcançou a escadaria para descer até o local e só viu, de longe, a garota já ao pé da escada.

— Com licença... Com licença... – Isabela ia se desculpando á medida que empurrava os outros passageiros para alcançar a ladra de brincos que tinha levado o seu tesouro.

Quando chegou ao pé da escada, Isabela já tinha perdido de vista a garota, mas não iria ficar sem o seu adereço. Entremeou-se entre os passageiros e tentou olhar por sobre os ombros das pessoas para encontrar a garota, mas não conseguiu, por um tempo.

Quando as pessoas começaram se amontoar ao redor dela, ela viu o detalhe do rabo de cavalo alto da garota perto da linha de limite de subida no metrô.

— Ei, você aí! – além de vários outros passageiros a garota olhou na direção dela.

Isabela se espremeu por entre os passageiros e chegou ao local onde mal tinha visto a garota, ela já não estava mais aí. Isabela virou o rosto procurando pela garota, de um lado para outro, apenas alguns homens altos estavam perto dela. Ela procurou mais um pouco, não a encontrou.

Isabela lamentou a perda do presente e ia sair daí quando um riso puro, cristalino, quase de criança, invadiu os seus ouvidos novamente. Ela ergueu o olhar e a garota estava diante dela, foi apenas o tempo de um piscar de olhos. A garota não estava aí antes, e repentinamente estava aí.

"Medo..." a sensação correu por ela novamente.

A garota deu um passo para mais perto e estendeu a mão na direção da própria orelha, que já não tinha nada aí. Isabela copiou o movimento da garota quase como uma sombra e alcançou o lóbulo da própria orelha, sentiu uma pequena onda de alívio e horror ao notar o brinco pequeno outra vez em sua posse.

A garota deu um sorriso leve e Isabela ia copiar o movimento, mas sentiu uma lufada de ar a empurrando para trás e percebeu que a garota lhe tinha empurrado.

Quando foi jogada para trás, Isabela, instintivamente, tentou segurar a mão que lhe tinha empurrado, mas seus dedos trêmulos tatearam o nada, atravessaram o contorno daquela garota transformando-a numa sombra escura que se dissipava deixando consigo apenas um rastro de um olhar azul.

Isabela caiu nos trilhos e ouviu o som do condutor puxando os freios de emergência do metrô que se aproximava apesar dos esforços.

Isabela fechou os olhos para sentir o impacto, mas os segundos passaram e ele não veio. Quando ela teve coragem de abrir os olhos, estava no topo da escada de acesso ao metrô e uma mulher absurdamente linda estava ao lado dela.

A mulher era um tanto mais alta que ela, tinha cabelos lisos e escuros até o meio das costas, uma pele da cor da areia dourada pelo crepúsculo. A mulher segurava-lhe pelo braço direito e o puxou para perto de si, fazendo-a olhar para o seu rosto.

— Oi, Isabela.

Isabela não lhe respondeu, pois não lhe conhecia.

— Eu salvei sua vida, vagaba.

— Quem é você?

— Kamilla, irmã de Theodore. É uma pena que você não possa se lembrar de mim.

A mulher passou as mãos diante do olhar apavorado de Isabela e a fez esquecer as últimas horas até aquele momento.

VINTE E QUATRO



O encontro de duas personalidades assemelha-se ao contato de duas substâncias químicas: se alguma reação ocorre, ambos sofrem uma transformação.

CARL JUNG

— Senhorita Bennet... – eu ouvia a voz de Theodore atrás da porta e, mesmo que ela fosse como um canto das sereias atraindo os pescadores, eu conseguia resistir – você tem que conversar comigo.

Se eu visse Theodore naquele minuto, eu tinha medo do que eu poderia fazer. Eu até quis conversar com ele de início, mas meu subconsciente mandou-me ficar quieta e não me aproximar dele. Ele me alertou que eu deveria deixá-lo se arrastar um tanto mais, e que a traição que ele cometera fora quase que imperdoável.

— Senhorita Bennet... – ele insistia e as palavras pareciam como lâminas afiadas entrando pelos meus ouvidos.

— Sai Theodore. Não quero te ver.

Consegui articular por fim, mas ele não seria Theodore se não me desobedecesse e ficasse parado do outro lado da porta.

— Eu não saio daqui enquanto você não falar comigo.

— Meus parabéns, você vai ficar aí para sempre.

Eu puxei as cobertas para cima de mim. E coloquei o travesseiro sobre minha cabeça para não ouvir o chamado que meu corpo dava para que eu abrisse a porta.

— Paloma, você tem que falar comigo – eu ouvi a voz de Theodore perto e ele já estava dentro do quarto, puxando o travesseiro que eu usava para esconder meu rosto.

— Como você entrou aqui?

— Isso não interessa.

— Ah, interessa sim. Estou cansada de mentiras, Theodore. Estou cansada de seus truques e dessa sua personalidade lixo. Eu quero a verdade, apenas a verdade, uma vez na vida.

— Eu posso até contar a verdade – ele disse estendendo o dedo indicador em minha direção, os cabelos dele estavam bagunçados, para todo o lado, e a cor dourada deles parecia estar se esvaindo, a raiz negra já ocupava quase a metade do cabelo – mas não me culpe pelas consequências.

Meu subconsciente pareceu ficar algum tempo ansioso, como eu, pela verdade. Ele arregalou os olhos e se sentou, esperando, como eu fiz.

Theodore sentou à beira da cama e, com cuidado, ele disse, quase como se escolhesse as palavras.

— Não poderia lhe contar tudo de uma vez, você enlouqueceria. Me faça as perguntas que quer saber.

— Para eu te ver convulsionar novamente por mentir? Não, obrigada.

— Eu não poderei mentir desta vez. Se eu mentir eu fico desse jeito para sempre. E eu não quero ser assim se eu só sirvo para machucá-la quando estou deste jeito.

— Eu não sei se posso acreditar.

— Você vai ter que acreditar, não há alternativa.

Eu respirei fundo, meu subconsciente parecia estar ouvindo os diálogos e olhando de mim para Theodore como se esperasse o ápice do acontecimento. Ele soprou uma a uma as perguntas que eu deveria fazer.

"Por que você consegue fazer essas coisas?"

Repeti a pergunta, ajustando-a ao meu modo:

— Por que você consegue fazer essas coisas que ninguém mais consegue?

— Eu tenho uma sorte de dons que me permite ser diferente deles.

— Deles? Deles quem?

— Humanos.

— Então você não é humano?

— Não, senhorita Bennet, eu não sou humano.

— O que você é então?

— Eu sou um arcanjo.

Uni as sobrancelhas em confusão e fiquei esperando que ele dissesse que estava mentindo, mas o rosto dele estava sério e resoluto. Nem uma sombra de uma mentira havia ali.

— Um arcanjo? – falei estupefata.

— Sim, você conhece a bíblia, sua mãe é religiosa, ela sempre te fez ler versículos bíblicos todas as manhãs.

— Como você sabe disso?

— Eu estava lá... – ele falou com um sorriso leve surgindo nos lábios.

— Espera...

— Não, senhorita Bennet, ouça. – ele pediu – Os arcanjos são uma espécie de 'Anjos-chefe'. Eles são colocados como chefes sobre uma ordem de anjos e são seres dotados de grande poder e autoridade, e de algum destaque na esfera espiritual. – ele fechou os olhos e recitou os versos de memória – Judas capítulo um, versículo nove "Contudo, o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés, não se atreveu a proferir juízo infamatório contra ele; pelo contrário, disse: O Senhor te repreenda!". Este é Miguel, nosso líder.

— Líder? – eu estava confusa – espera, espera... – eu estendi a mão, aquilo não fazia sentido – você não pode ser um arcanjo, você é mau.

— Eu pequei, eu menti aquele dia no galpão, eu fui castigado, mas eu estou sendo 'bom' ao contar a verdade, e esse Theodore que você vê na sua frente, mau, louro e arrogante, sumirá para dar lugar ao outro. O bom e romântico.

Eu queria isso? Eu queria que ele se fosse? Querendo ou não, o que ele fazia e dizia tinha sentido para meu subconsciente, mas não para mim.

— O que é você? – eu repeti a pergunta que meu subconsciente soprou.

— Eu já disse. Sou um arcanjo. – ele falou baixo como se estivesse com medo de me assustar – isto que você vê, o corpo pelo qual se apaixonou e a aparência, não são a minha real aparência, isto é apenas um involucro que eu escolhi dentre muitos para poder chegar perto de você.

— Espera, você está possuindo alguém?

— Não literalmente.

Aquilo era demais, demais para ouvir, para entender. Theodore só poderia estar drogado, louco, ou qualquer coisa do tipo. Eu queria parar de perguntar, mas meu subconsciente instou comigo, ainda haviam muitas perguntas.

— Você disse que usou este corpo – eu apontei para ele – para chegar até mim, por que?

— Por que eu deveria levar você. Eu deveria guiar seu espírito para o outro mundo, mas não resisti, apaixonei-me e não consegui cumprir o que me foi ordenado.

— Você iria me matar?

— É a minha função.

— Então matar os outros é sua função?

— Eu o faço geralmente durante o sono, de forma pacífica. Levo apenas aqueles que foram bons. Eu sou da parte de Deus.

— Então foi você quem matou Jeanne?

— Não, eu não a matei. Eu já disse, eu não realizo mortes violentas. Eu, na verdade, tentei evitar aquilo.

— Quem é você, então? Qual seu nome?

— Meu nome verdadeiro é Azrael. Você já me viu uma vez, lembre-se...

Assim que ele ordenou, uma lembrança de um sonho me veio à mente. Uma imagem de nós dois, Theodore tinha sido substituído por um outro corpo durante o beijo numa sala

escura. Ele não era mais ele, e sim um homem bem mais alto que eu, com os cabelos louros longos e seis pares de asas.

— Essa última parte foi sua imaginação. Exceto pelo cabelo louro e pelos seis pares de asas, eu sou exatamente como você imaginou.

A lembrança borrada não me permitia ver o rosto dele direito. Não me permitia ver os detalhes de seu rosto, mas eu conseguia notar a diferença entre a imagem que eu tinha e o rapaz à minha frente.

— Eu nem mesmo te conheço, Theodore. Eu gostei e me deixei envolver por uma mentira. Você não é o que eu pensei, não é... Não é nem mesmo você.

Eu deveria estar assustada, correr, fugir. Eu deveria fazer qualquer coisa, mas não ficar ali, não ficar diante dele e deixar que as coisas simplesmente fossem jogadas sobre mim desta forma.

— Você acredita em mim? – ele perguntou.

— Eu queria não acreditar... – eu disse percebendo a verdade nas minhas palavras – mas quanto mais eu penso, mais meu íntimo aceita que essa é a verdade.

— Por que é... – ele disse e ia se aproximar para me tocar, mas eu recuei e ele fez o mesmo.

— Eu quero ver como você é.

Foi a vez dele de juntar as sobrancelhas, ele duvidou um pouco do que eu tinha acabado de pedir, mas eu também não iria ceder mais nas coisas que eu queria. Ele teria que começar a mostrar as verdades absolutas por trás de tudo.

— Verdades absolutas não existem, senhorita Bennet – ele respondeu aos meus pensamentos – se eu me mostrar para você, agora, as coisas podem sair um pouco do controle.

— Eu não me importo – eu disse.

Theodore olhou para as próprias mãos por uns minutos e então ergueu o olhar para mim. A raiz do cabelo dele estava ficando um tanto mais longa. Eu poderia dizer até que a cor antiga estava tomando conta da cor atual.

— É por que está. – ele respondeu outra vez à minha mente – digamos que eu não salvei um gato a descer da árvore, nem ajudei uma velhinha a atravessar a rua, mas fiz uma boa ação. Ela vai anular aos poucos a maldade que cometi.

— Que boa ação?

— Avisei à minha irmã que sua amiga estava correndo perigo, assim ela pode salvá-la.

— Isabela?

— Sim, Isabela. Você desejou a morte dela, e eu já pedi, tenha cuidado com o que deseja. Nunca sabemos quem ou o que pode estar ouvindo. O Theodore que você tanto odeia, bom, ele vai desaparecer, até que o outro erre de novo.

A dor na voz dele foi quase tangível, ele não queria ir embora. E agora, agora que eu sabia uma parte da verdade, eu não o odiava mais tanto assim. Eu tinha entendido que as ações malvadas foram resultado da mentira dele.

— Você quis beijá-la?

— É o mesmo que perguntar à Eva se ela quis a fruta da árvore do conhecimento do bem e do mal. A fruta estava alí, não oferecia tentação, até que lhe foi oferecida, e ela não pode resistir. Não porque a aparência era boa, mas porque o pecado pode ser irresistível quando quer.

— Isso não apaga o fato de que a beijou.

— Sim, fui eu. Não seu outro Theodore, o que surgirá em breve. Desculpe-me pelo que fiz, eu não imaginei que gostava de você também, não até vê-la com os olhos vermelhos de raiva e choro.

"O que?!" meu subconsciente quase engasgou com as palavras que cuspiu exageradamente "ele também se apaixonou por você, como assim?".

— Você também se apaixonou por mim? Como?

— Não sei, vai ver é coisa do outro eu que está surgindo – ele apontou para o cabelo que agora tinha enormes mechas negras em sua extensão, o louro estava sumindo completamente – eu só sei que eu sinto por você algo diferente. Digamos que eu gosto de você um pouco mais do que eu deveria.

— Então os dois lados de um anjo se apaixonaram por mim... – não era uma pergunta, apenas um comentário, mas ele respondeu mesmo assim.

— E não há muito que esse anjo possa fazer sobre isso.

Eu segurei as mãos dele, que estavam recolhidas perto de mim, e meu subconsciente soprou as palavras que eu deveria falar.

— Eu não quero que você vá embora...

— Se eu ficar o 'seu Theodore' não poderá voltar por um tempo. E se eu ficar, eu vou estragar um pouco mais as coisas entre vocês.

— Não vai não.

— acredite, eu vou sim – ele falou com um sorriso triste e torto no rosto, parecido com os sorrisos que Theodore me dava, o 'meu' Theodore.

— Descansa... – ele pediu – talvez você possa forçar o cara bom a fazer alguma besteira para eu poder voltar.

O cabelo dele, as faixas loiras, estavam ficando acastanhadas, e ele se levantou indo em direção à porta.

— Você vai ficar bem, eu já pedi por você. Agora você vai ficar calma, e se você não enlouqueceu por conta do que eu disse, é porque estou controlando suas emoções.

— Obrigada... – eu disse apenas.

Theodore se aproximou e deu um beijo na minha testa e sussurrou com uma voz cálida e quente.

— Você também pode se apaixonar pelas duas partes de mim. Eu não sou de todo ruim, também não sou de todo bom.

— Eu quero te ver.

— Eu sei, eu vou me mostrar para você em teus sonhos.

Theodore não girou a chave na fechadura, não a girou. Apenas atravessou a porta como um dos melhores ilusionistas que há. E eu fiquei esperando a loucura surgir para mim uma hora ou outra. Ela não veio. Eu fechei os olhos e consegui descansar, aos poucos, consegui fazer que minha mente relaxasse e esquecesse o que tinha acontecido, e eu mergulhei num mundo de pesadelos.

.

VINTE E CINCO



**Um anjo vem todas as noites:
senta-se ao pé de mim, e passa
sobre meu coração a asa mansa,
como se fosse meu melhor amigo.
Esse fantasma que chega e me abraça
(asas cobrindo a ferida do flanco)
é todo o amor que resta
entre ti e mim, e está comigo.**

LYA LUFT

Eu tinha então treze anos. A cena que se revelava para mim era como qualquer outra cena de costume. Minha mãe e meu pai estavam sentados ao lado da lareira na época de natal.

Como Sempre, uma de minhas amigas cujos pais estavam sempre ocupados demais nesta época do ano, viera dormir na minha casa. Laís era simplesmente a menina mais calma e compassiva que eu conhecia, e minha melhor amiga.

Eu queria mostrar a ela, naquela noite, a estranha aparição que sempre invadia meu quarto. Toda noite de lua nova, na total ausência de luz natural, a figura aparecia no meu quarto.

Laís morria de medo dessas coisas, e sempre brigava comigo. Ela nunca acreditou nas coisas que eu falava. Na verdade, ela sempre achou que eu estava perdendo a sanidade. Não a culpo, ela realmente não precisava acreditar nas coisas que eu via.

— Pai, mãe, vamos subir – eu disse – estou cansada, e Laís também.

— Tem certeza que não irão esperar o filme da madrugada? – meu pai me perguntou.

— Tenho sim. Você tem não é, Laís?

— Sim, senhor e senhora Bennet.

Eles nos despediram e subimos correndo as escadas para o meu quarto, que ficava no terceiro piso, deixando-os sorrindo no primeiro piso.

Minha mãe e ele ainda me olhavam com aquele ar de orgulho que coroa todos os pais que tem filho quase na data limite da infertilidade.

Quando eu fui concebida, minha mãe tinha trinta e seis anos. Os médicos precisaram fazer um acompanhamento especial nela, já que a chance de ela sofrer um aborto espontâneo, como já tinha acontecido duas vezes antes, era alta. Meu pai sempre brincava com ela, dizia que não podiam ter filhos porque os dois já eram um time ideal, mas ela sabia que aquilo eram palavras tolas para tentar acalmá-la.

Os dois ainda eram loucos, um pelo outro, e ainda o são. Agora que eu cresci, eles foram aproveitar a vida viajando o mundo. Eles ainda vêm à cidade uma vez por mês, e me mandam o dinheiro de que necessito para a faculdade mensalmente, mas, mesmo ao longe, eles são presentes. E eu sinto que eles merecem ficar esse tempo juntos, meu pai quer alegrar a minha mãe desde que ela descobriu um câncer de mama.

Infelizmente, ela insiste para que eu continue a minha vida normalmente, e apenas por isso eu não estou com eles neste momento desbravando a África do sul.

Quando chegamos ao quarto, pedi que Laís se escondesse atrás da pilha de travesseiros e cobertas que tínhamos construído mais cedo. Elas seriam o nosso "forte" para proteger-nos da visão daquela criatura.

O tempo foi passando, a meia-noite chegou e eu ouvi o som de um arrufar de asas, como as de um cisne, se aproximando do telhado. Depois não se ouviu nada, apenas o silêncio.

— Laís, está tudo bem... Ele não faz nada. Apenas olhe quieta.

— Eu não quero! – ela soltou uma reclamação baixa ainda com os olhos cobertos.

— Não seja tonta, se você não abrir os olhos eu vou te dar um cascudo! – eu falei baixinho perto dela e ela abriu os olhos para observar.

Vimos o exato momento em que o estranho atravessou o vidro da janela. Ele aparentava a idade dos meus primos que nasceram uns dez anos antes de mim, e foi a minha primeira paixão juvenil.

— Eu não quero mais ver... – Laís reclamou e eu não liguei desta vez.

Eu estava fascinada pela beleza daquele ser que tinha invadido meu quarto. Ele sempre aparecia à meia-noite, quando eu ainda estava no andar inferior com meus pais, já que dormíamos tarde e eu tinha muito pouco sono. E sentava na minha cama, depositando ali uma dádiva toda vez. Às vezes era uma pedra, que eu já tinha uma coleção na gaveta de meias, às vezes uma folha ou flor, às vezes uma pluma de ave multicolorida. Ele sempre me trazia alguma coisa.

O rapaz flutuou pelo quarto até perto da minha cama e Laís reabriu os olhos para observá-lo. Ele retirou do bolso do casaco longo que usava uma esfera preta, pequena, e a colocou sobre os meus travesseiros brancos.

Quando ele ia se afastar, Laís começou a chorar de medo por tê-lo visto a ponto de atravessar as janelas outra vez e ele olhou na direção do nosso "forte".

Laís abaixou a cabeça rapidamente, tentando se esconder, mas eu estava fascinada demais para tentar fugir de lá.

O rapaz se curvou elegantemente, ao estilo dos antigos cavaleiros e o cabelo dele deslizou pelo rosto cobrindo-o parcialmente, quando ele se ergueu para a posição anterior, ele tinha um lindo sorriso que se desenhava para a minha direção.

— O que é isso? – eu perguntei saindo de sob os lençóis para pegar a esfera sobre o travesseiro.

Eu a apertei forte demais e eu a amassei um pouco, o rapaz sorriu e se abaixou perto de mim.

— Não use tanta força – ele sorriu e pegou a esfera da minha mão e a colocou na minha boca – você pode comê-la, isto é uma jabuticaba, um fruto da América do sul, mais precisamente do Brasil. Fica um pouco longe daqui.

A jabuticaba explodiu e expeliu sem resistência sua polpa doce e esbranquiçada. E eu a engoli de uma vez, fazendo o rapaz à minha frente sorrir, ele disse:

— Não precisava engolir o caroço.

Ele se levantou e andou na direção da janela, e iria atravessá-la, mas eu segurei sua mão. Ele era real, de carne e osso, mas conseguia atravessar aquele vidro, e eu não sabia direito como ele conseguia isso.

— Você já vai?

— Eu preciso ir – ele disse – mas eu vou estar sempre cuidando de você.

— Mas eu não quero que você vá embora.

Eu nem mesmo entendia porque ele precisava ir já que ele tinha me falado a primeira vez, eu apenas lembro que eu não queria que ele se fosse.

— Eu não poderei intervir.

— Intervir?

— Eu lamento muito...

O rapaz disse e a mão dele se soltou da minha e ele terminou de atravessar o cristal transparente.

Uma dor me invadiu o peito. E eu não sabia exatamente o que era, eu apenas sabia que não conseguiria sentir o que senti na presença dele se o deixasse ir embora. O rapaz louro de olhos azuis não poderia sumir, eu sentia que ele não voltaria outra vez, eu sentia que aquela seria a última vez.

Eu abri a janela e olhei na direção onde ele tinha saído, ele estava flutuando para o alto, e eu o chamei ao tentar me esticar para pegar os seus pés. Ele ainda olhou para trás, mas eu me desequilibrei e já estava indo de encontro ao chão tão rápido que eu só senti o impacto do meu corpo contra a calçada de paralelepípedos de concreto.

Eu senti uma dor me invadindo e então o rapaz que flutuava estava ao meu lado, no chão. Ele segurou minha mão e soprou algumas palavras para mim.

— Tudo vai ficar bem... Você vai ficar bem...

Ele deslizou a mão pela minha barriga e a dor excruciante que eu sentia começou a diminuir até que eu apaguei e ela sumiu.

Nesse espaço de tempo em que a dor estava me fazendo delirar completamente, eu senti quando ele colocou um peso, leve como uma pluma, sobre meu corpo. Eu abri os olhos, e então ele não era mais ele mesmo.

O rapaz que estivera ao meu lado, momentos atrás, estava diferente. Ele ainda tinha os olhos azuis, e os cabelos, negros como a noite, caíam como filetes de ébano ao redor de seu rosto precioso, mas ele já era um homem. Os traços eram mais definidos e ele tinha um olhar preocupado.

O homem sorriu de leve e o seu sorriso era uma das coisas mais lindas que eu já tinha visto na vida. O rosto dele era o mais lindo que eu já tinha visto até então, e ele era perfeito. Não havia uma só coisa nele que não fosse aprazível aos olhos. Ele era forte na medida certa, e o olhar era amoroso e preocupado. Quando ele se levantou, um par de asas resplandecentes saiu de suas costas e bateram de leve no ar elevando-o para longe de mim.

— Eu vou voltar em breve – ele disse – você não vai se lembrar de mim...

Então ele bateu as asas mais uma vez e fugiu para longe, muito além das nuvens do céu, a uma velocidade anormal.

— Azrael... – o nome se desenhou na minha boca, e eu não sabia de onde ele tinha surgido, quando eu vi o anjo ir embora.

Assim que ele saiu eu ouvi a voz desesperada dos meus pais correndo para a calçada, eles tinham visto minha queda pelas enormes esquadrrias de vidro da sala, ou pelo menos ouviram, e correram para o lado de fora.

— Meu Deus, Diane! – meu pai estava desesperado – ligue para o pronto-socorro!

Minha mãe correu para dentro de casa e meu pai perguntou se eu estava bem enquanto me dava alguns tapas de leve no meu rosto para me manter acordada.

— O que você quis fazer? – meu pai perguntou em desespero. E eu não lembro de ter falado nada, mas muitos anos depois ele disse que eu repetia incessantemente que estava tentando alcançar o anjo.

Eu fui internada e Laís ficou com a minha mãe em casa enquanto meu pai foi comigo para o hospital. Os médicos não entenderam como eu sobrevivi a queda, já que eu tinha batido meu crânio no chão de pedra e não tive uma fratura sequer. Apenas um corte no couro cabeludo. Minhas costelas, que eu tinha ouvido quebrarem quando toquei o solo na queda, estavam novas, e nada no meu corpo parecia machucado, nem mesmo hematomas eu tive depois de cair do terceiro pavimento.

Quando saí do hospital, Laís disse que não se lembrava de nada. Ela disse que não se lembrava de ter visto o "anjo" no meu quarto, ela disse que eu fiquei intrigada por que eu tinha visto um pássaro do lado de fora, e quis me esticar para apanhá-lo, e que num momento eu me desequilibrei e caí.

No começo, eu lembrava bem do rosto de quem eu tinha visto, dos dois. O rosto jovem e o rosto adulto. Eu lembrava bem de cada um dos detalhes do contorno daquele rosto, mas a medida que o tempo passava, eu esqueci.

Naquele momento, o pesadelo, por que sonhar consigo mesma morrendo não é um sonho, fez sentido. O rosto do rapaz, que eu vi entrar no meu quarto, era o rosto de Theodore. Ele tinha atravessado o vidro para conversar comigo, e ele tinha se transfigurado naquele outro homem irresistivelmente bonito quando eu pensei que ia morrer. Theodore me salvara da morte sendo ele próprio a morte?

Então o cenário em que eu estava mergulhada começou a ruir, aos poucos, como se fosse construído com areia, e o vento o estivesse abalando, ao final estávamos apenas eu e Theodore no vazio de uma escuridão que não tinha limites.

Eu tentei me mover para perto dele, mas não conseguia sair da parte onde eu estava. Era como se um abismo estivesse nos separando.

— Não, ainda não – ele disse – fique onde está.

— Por quê?

— Preciso saber se tens medo de mim.

— Medo?

— Agora que sabe quem eu sou.

— Não, Azrael – eu disse com uma voz que eu mesma não reconhecia de tão amorosa – eu não temo você, eu acho que nunca temi. Eu acho que gosto de todas as suas faces.

Theodore jovem me deu um sorriso torto, o meu favorito, e deu um passo para mais perto.

— Está feito, Paloma. – Theodore ainda tinha alguns resquícios de fios louros em sua cabeça que desapareciam devagar – agora você me viu.

VINTE E SEIS



Alguns dizem que o mundo acabará em fogo,

Outros dizem em gelo.

Fico com quem prefere o fogo.

Mas, se tivesse de perecer duas vezes,

Acho que conheço o bastante do ódio

Para saber que a ruína pelo gelo

Também seria ótima e bastaria.

ROBERT FROST

Eu não sabia exatamente quanto tempo se tinha passado quando acordei. Na verdade, eu tinha a sensação que eu tinha dormido por vários dias e só tinha acordado agora.

Quando eu me sentei na cama, depois de ter erguido o olhar para ver uma sombra ao lado da janela. Eu reconheci o vulto de Theodore quando os raios prateados da luz permearam o vidro da janela e desenharam seu perfil na noite escura após saírem das nuvens.

— Você acordou... – ele comentou tristemente olhando ainda para o lado de fora da janela.

— Eu te vi... – eu disse quando consegui articular uma palavra. Meu subconsciente parecia chocado demais para tentar falar qualquer coisa.

— Sim, você me viu.

Por mais que, no fundo, as palavras não quisessem fazer sentido, eu sabia que não tinha outra explicação para o que Theodore era. E nem para o porquê ele não tinha mudado nem um centímetro desde que eu o vira na janela da minha casa muito tempo antes.

— Então você sempre esteve cuidando de mim? – eu perguntei com a voz baixa e ele abaixou um pouco a cabeça, ainda sem olhar para mim.

Theodore virou o rosto em minha direção. Ele tinha o olhar atormentado, que de um modo inexplicável, combinava com seu rosto. A lua revelou o cabelo dele totalmente escurecido e a pele estava clara, não mais dourada como antes. Era o meu Theodore de volta, não mais o outro que, querendo ou não, eu sentia falta.

— Sempre.

— Por que, Theodore?

Com uma voz calma e quente ele explicou:

— Talvez eu tenha escapado do paraíso só para poder ficar te observando como agora.

Eu não consegui falar muito, eu esperei que ele dissesse mais alguma coisa.

— Por favor, diz alguma coisa.

Eu sabia que tinha que falar alguma coisa. Minhas mãos tremiam, eu me sentia fria, era medo, mas também não era. Eu estava envolvida demais pelo mistério que ele exalava que não ouvia meu ser se consumindo num pavor que eu achava que jamais poderia sentir.

— Eu quero que seja você... Você de verdade, quando estiver comigo.

— Eu não posso deixar este corpo, isso a mataria.

— Não falo disso. Falo de não precisar mais mentir por mim. Mentir para tentar me proteger de coisa alguma. Eu quero saber a verdade, sempre a verdade.

— Eu posso tentar.

— Vem aqui – eu estendi os braços e ele se aproximou com passos pesados e deitou na cama ao meu lado, no lugar onde eu deixei vago para ele.

Desta vez, não era Theodore que estava me protegendo, era eu quem o protegia, sem saber exatamente do que. Ele apoiou a cabeça no meu ombro e ficou alí algum tempo. Eu permaneci deslizando os dedos pelo cabelo escuro dele, observando o contraste entre nós dois. Nenhum de nós dois falava nada. Até que eu quebrei a paz que se tinha instaurado no quarto.

— Então, eu tenho um anjo descansando nos meus braços?

Ele ergueu o olhar para mim e sorriu de um modo convencido.

— Apesar desse anjo não estar muito exatamente a fim de descansar. Ele entende que, por enquanto, é necessário.

Theodore ficou ainda por alguns minutos naquela posição e eu tinha que ficar perguntando as coisas que minha curiosidade me aticava a querer saber.

— Como é?

— O que?

— Ficar no corpo de alguém que já morreu. Quero dizer, talvez eu esteja gelada dessa forma por saber que eu estou segurando nos braços um cadáver.

— Eu não te disse isso... – ele se levantou e se apoiou num braço, ele continuou – como sabe?

— Eu deduzi.

— Levando em consideração que a alma ainda não se tinha esvaído do corpo quando eu o consegui, e que é o espírito que o move, ele não é tecnicamente um cadáver. Ele envelhece mais lentamente, mas envelhece. Meu ser, por minha hierarquia, é que não permite que ele se deteriore tão rápido.

— Quem era ele?

— Um jovem pescador que perdeu a vida em alto mar. O espírito dele mal tinha se esvaído quando eu resgatei o corpo.

— Ele não tinha uma família que gostaria de velar pelo corpo?

— Claro que tinha. Eu pensei em fazer isso e voltar para eles, como eu mesmo, e tentar consolá-los por um longo tempo, até ir embora. Como se eu ainda fosse o filho deles, mas não poderia.

— Por que não?

— Além do fato de que o pai viu o filho sendo tragado pelas ondas, e não acreditaria que com a violência que o mar estava ele poderia ter sobrevivido, a mãe é sensível. Ela consegue enxergar mais coisas que os humanos, ela saberia de imediato que eu não era ele.

— Então eles não puderam ter um velório decente para o filho?

— O túmulo dele foi o próprio mar. Isso é poesia para um pescador.

— Não acho que tenha sido poesia para a mãe dele. Ela deve ter sofrido.

— Eu prometo que, quando for necessário, eu levarei o corpo de volta para os pais poderem enterrar o filho.

— Há quanto tempo isso aconteceu?

— Dez anos.

Eu fiquei quieta por um tempo, pensando nas coisas que aconteciam. Theodore estava tentando não invadir minha mente, mas eu sei que ela estava gritando, estava implorando por respostas.

— Você pode perguntar sobre tudo o que quiser saber, Pah.

— Não é exatamente uma pergunta – eu evitava olhar para o rosto dele, surpresa por saber que ele não era ele mesmo. Que, na verdade, ele era infinitamente mais bonito que aquilo – é que eu me apaixonei por uma pessoa que não existe mais, nunca existiu.

— Theodore Wright existiu, mas você não se apaixonaria por ele. Theodore era um rapaz de grossos modos, e também era conhecido por apreciar a companhia de mulheres mais velhas e casadas.

— Você se lembra de detalhes dele?

— Sim, eu ainda tenho a maior parte das lembranças dele comigo. Muitas felizes, outras tristes. A lembrança dele estará ligada à minha por muito tempo, até que eu finalmente deixe este corpo.

— Quando?

— Quando for preciso.

Ele não queria me contar, mas as palavras foram sopradas pelo meu subconsciente, que finalmente resolveu dar as caras.

"Ele é imortal, você não é."

Eu empurrei o pensamento para longe, antes que Theodore se inteirasse dele. E fiquei apenas estalando os dedos, nervosamente, enquanto pensava em mil e uma coisas ao mesmo tempo. Falei, por fim:

— Isso é estranho... Muito estranho.

— Eu te contei muitas coisas estranhas hoje... – Theodore ainda com a mão apoiada na cama deslizou a mão livre pelo meu rosto e meu cabelo e pareceu gostar do que sentiu – você tem que saber de qual delas está falando para me explicar.

— Eu não entendo direito como isso funciona – eu disse – mas, tudo funciona aí?

— Tudo? – ele levantou uma sobrancelha sugestivamente.

Minha mente desenhou exatamente o que eu estava falando, mesmo eu tentando fugir da minha imaginação.

— Sim, Pah... – ele sorriu com vontade – isso funciona perfeitamente. Eu poderia mostrar, se quiser... – ele disse ao sair da posição que estava e se colocar sobre mim para um beijo intenso.

Quando ele libertou meus lábios, eu lhe falei um pouco sem ar.

— Eu senti muito a tua falta.

— Eu estava com você, todas as partes de mim sempre estarão velando por você.

— Nada disso, uma de suas partes estava agarrando Isabela no sofá da sala.

Theodore recuou com o susto que minhas palavras lhe causaram. Ele sentou na cama, saindo do contato que tínhamos, e se concentrou um pouco. Ele fechou os olhos e pareceu respirar de forma aliviada ao falar as palavras:

— Graças a Deus, ela ainda está aqui.

— O que foi? – perguntei.

— Paloma, eu vou te pedir uma coisa.

Fiz que sim com a cabeça e aguardei pelas palavras que ele iria falar.

— Sempre que estiver com raiva, por favor, não fale imediatamente tudo o que vier à cabeça. Não fique desejando a morte dos outros, eu já disse, nunca se sabe quem ou que pode ouvir.

— Está querendo dizer o que?

— Estou querendo dizer que somos responsáveis por cada uma das consequências do que falamos. As palavras são poderosas, ditas com raiva então, elas podem acabar se tornando fechas envenenadas que só param quando atingem o seu alvo.

Ele encontrou, dentre as coisas no chão, o celular dele e ligou para alguém. Eu fiquei olhando para as paredes para tentar não ouvir a conversa dele, sem sucesso.

— Mike, – ele falou com a pessoa do outro lado – eu vou precisar de sua cobertura hoje. Kamilla deve guardar Isabela, pelo menos até que ela não esteja mais confusa. Mike, eu preciso que o rastreie.

Um minuto de silêncio se passou.

— Ele mesmo. Eu não vou conseguir lutar sozinho agora. Não... – ele ouvia o que Mike, o rapaz tatuado que estava no galpão naquele dia dizia – eu não posso fazer isso agora. Ainda não. Eu sei o que eu tenho que fazer, – ele terminou a ligação irritado – obrigado.

Ao final, ele parecia mais aliviado. Eu julguei que quando ele tinha se levantado, era apenas a preocupação com Isabela que se tinha instalado, mas parecia ser bem mais do que isso.

Meu subconsciente calado parecia enciumado com a preocupação que ele mostrava com minha "amiga" e resolveu dar as caras.

"Primeiro uma irmã, agora uma amiga, quantas mulheres ainda irão surgir na vida de Theodore?"

"Oras, cale a boca, não quer ajudar não atrapalha!" eu reclamei.

"Depois não diga que eu não avisei" meu subconsciente deu de ombros "parece que ser trouxa está impregnado no seu DNA".

"Ok, você venceu".

Theodore tinha voltado para perto da cama, do modo que eu estava sentada, eu o encarava debaixo para cima, e ele nunca me pareceu tão mais assustador ou tão mais bonito.

— O que foi – ele perguntou.

— Estou admirando você.

— Não, eu sei o que está fazendo. Na verdade, você nunca para de fazer isso – ele disse com um sorriso torto convencido – eu estou falando sobre essa ruga de preocupação no meio da sua testa – ele tocou com o dedo indicador aquele espaço.

— Theodore, no galpão, naquele dia, em meio a tanto barulho e bagunça, você me disse que Kamilla era sua irmã. E, bom, a não ser que você tenha mentido naquele dia, eu não vejo a possibilidade de ela ser sua irmã, não com essa história sobre o pescador que você me contou. Então, o que ela é?

— Minha irmã, eu já disse. Eu não menti, nem ela, os anjos são irmãos entre si. Criados no mesmo dia, pelo mesmo Deus, no espaço de tempo entre o nada e a criação do mundo.

— E Mike?

— Algo do tipo.

— Mas ele é coberto de tatuagens, você também tem uma...

— Algumas – ele deu de ombro e sorriu.

— E vocês estavam num show de rock.

— Os anjos não são aquelas crianças com bundinhas de fora, nem aquelas cabeças flutuantes com asas. Somos bem mais que isso, temos vontades, gostos. Os anjos gostam de tatuagens, rock, comida, e mulheres bonitas – ele piscou para mim – só há uma coisa que os anjos não têm ou pelo menos não deveriam ter.

— Que seria?

— Misericórdia.

— Mas pelo que entendi – eu falei depois de corar pelo charme irresistível que ele exalava quando falava com esse jeito misterioso e sério – ela e Mike tem uma relação.

— Eles têm sim.

— Por que sinto que isso não é toda a história?

— Por que não é. – ele desconversou – à proposito, enquanto você dormia eu mexi nos seus papéis, encontrei umas listas de exercícios para entregar ao Emerson, e os resolvi para você, resta apenas entregar-lhe tudo. Você anda muito relapsa.

— Você tem que concordar que as coisas que me tem acontecido não são as mais normais do mundo para mim.

— É porque as coisas que tem te acontecido fazem parte do meu mundo – ele apontou para si mesmo de alto a baixo – pode ter certeza, não há nada de normal aqui.

Ele me sorriu e veio roubar de meus lábios um novo beijo.

— Paloma...

— O que? – eu perguntei contra seus lábios.

— Eu precisarei fazer que esqueça de tudo por um tempo.

Olhei para ele sem entender direito porque depois de tanto revelado, ele simplesmente iria me fazer esquecer.

— Por quê?

— Para seu bem. Só por um tempo, depois, prometo, você se lembrará de tudo, inclusive destes dias. É para sua segurança e de Isabela.

"Ouça-o, pelo menos esta vez, eu tenho que concordar, ele parece aflito" meu subconsciente fechou os olhos para minha vontade de pedir que ele não fizesse isso.

— Tudo bem. Eu posso pedir uma coisa?

— Pode qualquer coisa.

— Não me deixa esquecer o outro Theodore.

— O que traiu você?

— O que parece se preocupar comigo também, tanto, que me protegeu quando você esteve fora.

Ele uniu as sobrancelhas, confuso, mas concordou, com um jeito preocupado. Ele me deu um beijo que me fez ser inundada por um sono profundo e me fez dormir, e, aos poucos, eu senti que eu começava a esquecer.

VINTE E SETE



Já fiz coisas por impulso, Já me decepionei com pessoas

**quando nunca pensei me decepcionar, mas também decepionei alguém. {...} fiz
amigos eternos, amei e fui amado, mas também já fui rejeitado, fui amado e não
amei. {...} me apaixonei por um sorriso,**

Já pensei que fosse morrer de tanta saudade

e tive medo de perder alguém especial (e acabei perdendo).

AUGUSTO BRANCO

Uma buzina insistente me arrancou dos meus sonhos. Eu ainda estava sonolenta, mas, ainda assim, levantei e caminhei até a direção da janela. Eu apenas precisei abrir a guilhotina e colocar a cabeça para fora para observar quem era.

Theodore, em toda a sua rebeldia, apoiado ao carro, de jeans escuro e uma jaqueta de couro cheia de correntes, olhava para mim com um sorriso no rosto.

Eu fiquei uns bons momentos ainda olhando para ele sem saber exatamente o que dizer. O dia estava confuso, eu nem mesmo lembrava se tínhamos marcado alguma coisa. E a aparência dele, definitivamente linda, naquele dia, não estava me ajudando muito.

— Você pode ficar babando por mim mais tarde – ele disse – sugiro que se arrume, está atrasada.

Eu olhei para ele, em confusão, sem nem mesmo lembrar se aquele era realmente dia de aula. Se bem me lembro, a última coisa que fizemos juntos foi ir a uma maldita festa num galpão que eu sequer sei como tinha terminado.

— Espera aí, eu já volto! – eu gritei antes de entrar em casa.

Eu não sabia exatamente qual o motivo, mas imaginava que tinha sido o barulho da noite anterior que me tinha deixado com essa enorme dor de cabeça que eu sentia agora. Tomei um banho rápido, não coloquei qualquer maquiagem, vesti a primeira coisa que encontrei pela frente, tomei algumas gotas de dipirona sódica, e passei os dedos pelo cabelo antes de sair.

— Bom dia... – Theodore ia me cumprimentar animadamente, em alto e bom tom, mas, quando me viu massageando as têmporas, continuou num tom mais agradável – dor de cabeça?

— Dor de cabeça é apelido.

Ele deu a volta no veículo, entrou e abriu a porta para que eu entrasse no carona. Eu fiz o que ele pediu e ele estendeu para mim óculos escuros com um laço de fita prateado.

— O que é isso?

— Um presente.

— Por quê? – eu peguei os óculos que ele estendia para mim e perguntei com um olhar confuso – faz um mês que eu te beije. Bom, eu queria comemorar e decidi te presentear com algum estilo, coisa que você não quer ter por conta própria.

— Valeu – Respondi num tom irônico – pena que não vou poder usar.

— Por quê?

— Por causa da minha miopia.

— Por isso – ele retirou o laço prateado e colocou o óculos no meu rosto depois de retirar o meu, de armação grossa – eu vasculhei suas coisas atrás de uma receita e encomendei um aviador com lentes de grau.

— Eu não me lembro de ter nenhuma receita comigo.

— Ah, Pah, você vai mesmo ficar procurando defeitos, bancando a detetive? Ou você vai ficar agradecida por que o seu namorado se lembrou do aniversário de namoro e você esqueceu? Não sabe ser grata, é isso?

— Bom, provavelmente a primeira opção, já que não quero admitir que já se passou um mês e eu mal sei coisa alguma sobre você.

— Essa é a parte dois do presente – ele disse enquanto ligava o carro e olhava para mim com um olhar divertido – hoje, no horário de almoço, você vai conhecer a minha família.

Ele nem me deu tempo para pensar, simplesmente acelerou o carro e fez um retorno perigoso no meio da rua para pegar a via direta para a faculdade. Theodore tinha um sorriso no rosto, e um ar convencido, como sempre, mas não me passou em branco que, desde que me viu pela manhã, ele não tinha me dado um único beijo.

Quando o carro parou em frente ao prédio de ciências sociais, Theodore estendeu para mim um envelope de papel pardo. Dentro havia um novo trabalho encadernado em capa dura, letras douradas, escrito "resolução listas de exercícios".

— Você não fez isso!

— Se eu não fizesse, você não teria feito. E tudo que eu menos quero é que você se dê mal pela sua falta de atenção.

— Obrigada – eu disse, verdadeiramente agradecida.

— Viu, você também sabe ser fofa quando quer.

Ele me levou até a porta da sala, carregando minhas coisas. E quando eu ia pegá-las para entrar na sala, ele não as entregou para mim. Ergui o olhar para tentar encará-lo, pronta para discutir, mas ele ergueu os óculos que estavam em meu rosto devagar e se aproximou para me dar um beijo alí, no meio do corredor.

Como eu estava atrasada, eu não estava muito preocupada com alunos passando por alí, naquele horário, mas também não queria ser pega pelos "patrulhas" da universidade, os professores que não entram no horário correto, pois só pegam aulas às dez, e adoram tomar notas de mau comportamento.

— Esquece-os... – Theodore se afastou um pouco e sussurrou contra meus lábios – se concentra em mim.

Ele, com a mão livre, segurou meu rosto e aprofundou ainda mais o beijo, e tudo o que eu podia sentir era como ele beijava bem e em como eu adorava o sabor dos lábios dele.

— Agora sim... – ele saiu do beijo com aquele ar de autoconfiança exagerado e perguntou – como está a cabeça?

— Bem melhor... – eu disse.

Inexplicavelmente a dor tinha passado. Ele sorriu convencido e se afastou para me entregar as coisas.

— Aqui estão – ele disse – entregue os trabalhos ao professor e não se esqueça que eu volto para busca-la no horário do almoço. Nem pense em me trocar.

— Agora que você disse, bom, até que tem uns rapazes apresentáveis na minha sala – eu o provoquei.

— É uma pena que nenhum desses rapazes tenha conseguido te deixar louca, como eu – ele soprou as palavras ao meu ouvido e saiu andando com aquele ar de garoto americano pelos corredores.

Finalmente virei para a sala, Emerson estava com uma cara enfezada olhando para os alunos. É, eu tinha problemas.

— Posso entrar? – falei depois de abrir a porta e já estar com metade do corpo para dentro da sala.

— A senhorita já entrou – ele tinha um olhar furioso na minha direção – sente-se, e tente não atrapalhar.

Eu sei que ele pensava que eu fazia isso de propósito para abalar a autoridade dele em sala de aula, mas não. Eu simplesmente não conseguia chegar no horário, por mais que eu quisesse. Era algo que eu nunca tinha conseguido na vida.

Para tentar amenizar o clima, fiz questão de parecer a aluna mais atenta da sala. Anotei até as pausas de respiração que ele deu, e quando ele terminou a aula, eu juntei o material que Theodore tinha me dado para lhe entregar.

— Professor Emerson – eu chamei a atenção dele enquanto os outros alunos saiam porta afora – eu gostaria de lhe entregar a lista dos materiais que o senhor pediu. Aqui estão – eu coloquei o belo e organizado trabalho que Theodore tinha feito. Ele até mesmo imitou minhas letras, ou outra pessoa, já que não sei quem tinha feito, nas questões dissertativas.

— Certo – ele pegou o material e eu já ia sair, ele fez sinal.

— Espere, senhorita Bennet, eu ainda não terminei.

— Desculpe?

— Eu ainda preciso ter certeza que foi a senhorita quem confeccionou este trabalho.

— Perdão, outra vez, acho que não entendi.

— Senhorita Bennet – ele apontou a cadeira em frente à mesa dele para que eu sentasse – espera que eu acredite que a mesma aluna que displicentemente vem burlando as regras de conduta da escola, negligencia suas aulas e seus compromissos, é a mesma aluna capaz de elaborar um trabalho com tanto primor? – ele perguntou com um ar irritado.

— Pode ter certeza – eu repeti as palavras que meu subconsciente me mandou elaborar – que sim. A não ser que o senhor esteja me acusando formalmente de estar falsificando um trabalho, ou pior, plagiando algum.

— A senhorita não irá me vencer com o seu jogo de palavras – ele abriu o trabalho numa página aleatória – seu último trabalho de economia, me deixou deveras impressionado. Eu poderia até ter sido ludibriado facilmente se não tivesse comparado aquele com os trabalhos anteriores que a senhora tinha apresentado. E posso dizer, o contraste era nítido.

Meu subconsciente já estava buscando uma justificativa, quando ele continuou a falar:

— Então, para provar que foi a senhorita quem fez este trabalho, eu irei fazer pelo menos cinco perguntas aleatórias. E a senhora deverá me responder.

Meu sangue deve ter sido drenado do meu rosto, porque ele tinha um sorriso de presunção no rosto quando eu engoli em seco e pareci nervosa.

"Fica calma..." pensei ter ouvido a voz do meu subconsciente me aconselhando, mas ela estava diferente, era a voz de Theodore "eu estou aqui".

Olhei na direção da porta, e lá estava ele. Theodore ocultado parcialmente do professor. Emerson ainda ergueu o olhar para ver naquela direção, mas eu tossi alto, e fiz ele esquecer o movimento.

— Pois não, professor, pergunte.

— Perfeito – Emerson escolheu a primeira pergunta e a fez. Eu apenas fiquei repetindo as palavras que Theodore me soprava na mente. Primeiro, assustada, eu já sabia que ele conseguia ler meus pensamentos, mas daí a falar comigo à distância, isso era totalmente novo. As perguntas foram sendo feitas uma a uma, e, ao final, eu apenas estava surpresa com a velocidade de raciocínio de Theodore e desses truques loucos que ele fazia, eu concluí a última resposta.

— E por isso, professor, Emerson, posso dizer que concordo com Milton Friedman: Ninguém gasta o dinheiro dos outros com tanto cuidado como gasta o seu próprio. Se quisermos eficiência e eficácia, se quisermos que o conhecimento seja bem usado, isso precisa ser feito por meio da iniciativa privada.

Emerson tinha uma cara de frustração digna de um Oscar, mas eu tinha um talento para fingir que sabia das coisas quando não sabia. E ele não poderia me tirar isso.

— Muito bem, está dispensada – ele disse e eu ia sair pela porta – mas tome cuidado, senhorita Bennet. Eu ainda posso pegar você quando não estiver tão prevenida.

— Eu sempre estou prevenida, professor Emerson – eu dei de ombros e saí da sala antes que ele inventasse qualquer outra pergunta que eu não saberia responder.

Theodore estava sorrindo quando eu o alcancei e me deu um selinho rápido.

— O que foi isso?

— Isso?

— Sim, aquilo lá dentro.

— Eu teria que matar você se te contasse.

— Achei que já tínhamos passado dessa fase.

— Quase passamos... – disse e colocou a mão sobre meu ombro e pegou minhas coisas – digamos que é mais um dos meus truques.

— Eu estou assustada – falei por fim, mas não sei se ele não ouviu ou ignorou, só sei que ele não respondeu ao meu comentário.

— Pronta para conhecer a bagunça onde vivo?

— Não sei, eu deveria estar pronta?

— Provavelmente sim – ele falou num tom misterioso – não acredite em nada do que te disserem sobre mim.

— Serão coisas ruins?

— Não sei, não consigo adivinhar o futuro.

— Então por que já está me alertando?

— Precaução. Não quero perder o encanto para você nunca. Acho que quero ser o cara misterioso que invadiu seu quarto e faz os seus trabalhos da faculdade.

— Não é a melhor colocação – eu brinquei.

— E qual seria essa colocação?

— Que tal o cara que invadiu meu quarto, faz os meus trabalhos, e... – soprei as palavras ao ouvido dele.

Theodore arregalou os olhos, mas me deu um enorme e lindo sorriso enquanto eu lhe lançava o mais inocente dos olhares.

— Sempre surpreendendo, senhorita Bennet.

— A gente tenta – pisquei um olho para ele, fazendo-o sorrir.

Senti que algo me observava, e procurei o que era. Quando olhei para trás, Emerson estava parado no meio do corredor, com as mãos no bolso, casualmente, enquanto Theodore e eu caminhávamos para longe.

VINTE E OITO



**Quem se eu gritasse, me ouviria entre as ordens dos anjos?
E dado mesmo que me tomasse um deles de repente em seu coração,
eu sucumbiria ante sua existência mais forte.
Pois o belo não é senão o início do terrível, que já a custo suportamos,
e o admiramos tanto porque ele tranquilamente desdenha destruir-nos.
Cada anjo é terrível. E assim me contenho e reprimo o apelo**

RAINER MARIA RILKE

Aquilo não parecia bem uma casa familiar. Parecia mais um pensionato de modelos absurdamente bonitos e perigosos. Theodore foi me apresentando a outros rapazes que estavam sentados em suas motos, ou conversando entre si à medida que entrávamos num enorme apartamento no centro de Seattle.

Não tinha nenhum problema, não inicialmente, ou pelo menos não até eu entrar na enorme sala e ver pelo menos uma dúzia de mulheres perfeitas conversando entre si.

A pior parte, talvez, nem tenha sido saber que Theodore convivia com tais beldades dia e noite, mas saber que, pelo modo que elas me olhavam, elas absolutamente não gostavam de mim.

— Boa tarde – eu ainda tentei cumprimentá-las, mas nenhuma respondeu. Ou melhor, a única que respondeu falou um "boa tarde" com tom de deboche enquanto me olhava dos pés à cabeça.

— Não liga para isso – ele disse – não costumamos receber muitas visitas aqui, elas não sabem ainda como se comportar com estranhos.

— Quem são elas? – perguntei enquanto ele me levava da sala para outra sala, e depois dali para a cozinha

— Você acreditaria se eu dissesse que são todas minhas irmãs?

— Não, absolutamente.

— Então será melhor se eu não falar nada – ele disse, mas continuou – você não me parecia assim tão incomodada com aqueles caras, os que estavam lá na porta.

— Ah, mas isso é totalmente diferente – eu disse com um sorriso idiota no rosto.

— Se eu não soubesse que está louca por mim, até cogitaria a hipótese de sentir ciúmes.

Eu sorri de leve e não permiti que meus pensamentos viajassem para a imagem dos rapazes que me sorriram à entrada. Mike e Kamilla estavam conversando com outras duas pessoas no cômodo. Uma delas era quase bem idosa, poderia facilmente ter mais de setenta anos, a outra pessoa era uma moça jovem, aparentava os dezoito anos.

— Ariel – ele se dirigiu à mulher e depois à garota – e... May... – Theodore as cumprimentou, e tanto a voz, quanto a entonação, e mais ainda, o gesto que ele usou para com os dois, parecia simplesmente uma solenidade. Ele tinha pelas duas um profundo respeito. Pelo menos era o que transparecia.

A moça apenas acenou com a cabeça, em silêncio, e me olhou fixamente. Eu não soube como reagir direito naquele momento. Ela não parecia estar disposta a desviar o olhar, e muito menos eu. Ela deixou-se vencer e olhou-me do alto a baixo, numa análise ainda mais impertinente do que a das moças da sala.

— Jovem Theodore – a mulher o cumprimentou com os olhos felizes, quase como se estivesse saudosista dele, ou quase como se ele fosse um filho querido – meus pensamentos estavam com você – a mulher olhou para mim e me sorriu estendendo a mão gentilmente – você deve ser a Paloma. Theodore me falou muito de você, mas sinto como se a conhecesse desde sempre.

— Sim, Paloma Bennet – eu estendi a mão para responder o cumprimento. A sensação do toque dela era diferente, ele me deixava calma. Eu sentia como se estivesse diante de

alguém com muitas histórias para contar e que tinha aprendido com a dureza da vida a passar suas emoções até pelo toque.

— É um prazer finalmente conhece-la. Então, você é a responsável por fazer Theodore mudar?

May soltou um suspiro de exasperação e saiu do ambiente. Ela não olhou para trás ou ousou se despedir de nós. Simplesmente saiu, e eu soube imediatamente que eu era o motivo.

— Não ligue para isso – Ariel falou - May tem sido muito impertinente e deselegante desde que atingiu a maioridade. Acho que os hormônios da adolescência ainda não foram totalmente regulados.

— Não, está tudo bem.

Theodore olhava na direção por onde May tinha saído, com ar de preocupação, e meu subconsciente me avisou imediatamente:

"Isso não vai acabar bem".

"Me deixa em paz só hoje, pode ser?"

"Eu estou sendo seu amigo, estou te alertando."

"Depois, por favor, depois".

— Paloma, por que não se junta a nós para o almoço?

— É – Kamilla falou com um tom contente, como se realmente estivesse feliz em me ver – senta aqui! Devo ter te colocado louca naquele dia, mas eu juro que sou do bem.

— Eu acredito em sua palavra – eu sorri para ela, que me sorriu verdadeiramente de volta.

Mike era calado, pelo menos era o que eu achava. Já que ele não estava tão a fim de papo comigo no primeiro dia em que nos vimos. E eu ainda não sabia exatamente o motivo.

Olhei para toda a comida colocada à mesa, e não sentia fome, eu estava querendo, mas morrendo de vontade de recusar.

— Se você recusar, Ariel ficará extremamente desapontada – Theodore cochichou ao meu ouvido – cozinhar é a segunda maior paixão dela.

— Qual a primeira? – perguntei, mas foi a própria Ariel quem respondeu.

— Adotar crianças perdidas.

Fiquei sem palavras por um momento, mas deixei que ela explicasse.

— Esta casa é cheia dos filhos que eu não gerei, mas que eu consegui reunir. Eu me considero a mãe de todos eles, pobres crianças perdidas que eu tive o prazer de resgatar.

— Isso é uma das coisas mais gentis que ouvi. Todos devem ser muito gratos à senhora.

— Sim, todos o são. Menos o Mike, ele adora ser o meu jovem rebelde – todos à mesa sorriram e Mike se juntou a eles.

— Digamos que: eu sou a ovelha negra da família – Mike disse – eu tento manter as coisas equilibradas.

A mulher pegou um prato e o cobriu com algumas pequenas porções de alimento e estendeu para mim. Nunca que eu iria recusar depois do alerta de Theodore. E quase cheguei a me arrepender de ter cogitado negar a comida de tão boa que estava.

— May – a mulher chamou de um modo gentil, quase como se não quisesse causar uma briga – que tal almoçarmos?

A garota respondeu desde longe, provavelmente o outro cômodo, que estava sem fome, que depois comeria.

"Foi por sua causa, você já sabe, nem preciso avisar outra vez" meu subconsciente avisou.

Olhei ainda outra vez para Theodore e ele estava com um ar preocupado.

O almoço passou devagar, conversei com Ariel por um longo tempo. Eu não estava errada, a primeira impressão fora certíssima, ela era uma das pessoas mais agradáveis que eu já tinha conhecido. Calma e compassiva, na medida certa, e engraçada também.

Quando o almoço terminou, e eu juro, pelo menos vinte rapazes e doze moças que poderiam trabalhar para qualquer grife de alta costura, vieram se servir, eu ajudei Ariel a lavar a louça.

Mike já tinha escapado da mesa bem antes, e Kamilla saiu com ele. "Trabalho a fazer" foi o que ela me disse antes de me dar um beijo no rosto e um selinho na boca de Theodore antes de sair.

— Vem, quero te mostrar um lugar.

Theodore me disse e pegou-me pela mão depois que eu tinha guardado o último prato no seu local de destino. Eu olhei para Ariel, como se me desculpando pela indelicadeza de Theodore, e ela pareceu me compreender com o olhar:

— Está tudo bem, - ela nos disse – o trabalho aqui já acabou. Divirtam-se, crianças.

Quando estávamos um pouco mais distantes da cozinha, indo em direção a um enorme corredor, eu tive coragem de perguntar:

— Theodore, quantas pessoas moram aqui mesmo? Eu devo ter contado umas trinta.

— Contou errado – ele disse e paramos em frente a uma das muitas portas – são cinquenta e quatro. Uma parte saiu para realizar seus respectivos trabalhos.

— Que trabalhos?

— Os mais variados. – ele mudou o assunto – mas isso não é importante. Este aqui – ele disse – é o meu quarto. Acredite se quiser, você é a primeira garota que eu trago aqui para conhecer.

— Eu vou fingir que acredito.

Theodore sorriu, abriu a porta e me fez entrar.

O quarto tinha a cara de Theodore. Descontraído, austero, rebelde, mas, acima de tudo, uma surpresa em cada detalhe. Guitarras de diferentes motivos cobriam uma parede de madeira escura, além de alguns violões. Numa outra parede havia pôsteres de bandas da década de setenta e oitenta. Atrás da cama uma janela de vidro enorme permitia a vista para o parque do condomínio privado no centro da cidade. E na parede perto da porta, enormes pilhas de livros dos mais variados assuntos.

Ele tinha alguns relógios jogados sobre uma cômoda de madeira de lei. Não falei nada, de início, mas sabia que deviam ser bem caros pela sua aparência.

— Este quarto é apenas seu?

— Não, eu divido com todas aquelas garotas – Theodore sorriu, mas eu não, e ele se explicou – é uma brincadeira, calma.

— Não teve graça.

— Desculpe. Este andar é todo da Ariel, bem como os seis apartamentos neles contidos. As garotas dividem as suítes, e os garotos que não contribuem tanto com as despesas dividem alguns quartos. Ao final, todos nós ficamos bem acomodados.

— Como conseguem dinheiro? – perguntei.

— Não posso responder pelos outros, posso responder por mim.

— Então responda por você – eu disse enquanto lia as lombadas de livros em uma das pilhas no chão.

— Eu aposto.

— Aposto?

— Sim. Eu tenho uma facilidade para prever as coisas. As pessoas chamam de sorte.

— Hum.

— O que foi? – ele perguntou.

— Então quer dizer que além de tatuagens, rock e mulheres bonitas, apostar também é um dos passatempos dos anjos?

Theodore ficou quieto enquanto me olhava assustado.

— Por que disse isso?

— Isso o que?

— Sobre o rock, tatuagens...

— Eu não sei... – agora foi a minha vez de ficar confusa. Eu sabia que essa frase já tinha sido proferida antes, mas num outro contexto, e eu não sabia quando.

Theodore andou até a gaveta da cômoda e a abriu, retirou de dentro um pequeno embrulho e o estendeu para mim.

— Este sim é o seu presente oficial.

Olhei a pequena caixa de veludo avermelhado e sabia que alí dentro tinha uma jóia. Era cedo demais para isso, mas ele tinha um olhar tão alegre no rosto que eu não queria decepcioná-lo.

— É lindo, Theodore.

Eu disse após retirar uma linda e delicada pulseira do embrulho. Ela era delicada, tinha pequenas pérolas entrelaçadas por correntinhas finas de ouro amarelo e um pingente com um par de asas.

— Eu fico feliz que tenha gostado.

— É tão delicada, eu disse. É a minha cara.

— Eu sei.

— Mas, Theodore, as surpresas não acabaram ainda.

— Não é? – ele levantou uma sobrancelha em ansiedade.

— Não. – retirei um papel dobrado do meu bolso e estendi para ele – este é o seu presente. Eu poderia ter colocado um lacinho de fita nele, mas aí você diria que não tinha sido eu.

Durante o primeiro intervalo da aula, eu também fiz questão de comprar alguma coisa para ele, não era nada tão pomposo quanto o que estava alí na caixinha de joias, mas era algo que eu sabia que ele ia gostar.

Theodore abriu o papel e leu as letras impressas e então cobriu a boca por um minuto antes de falar.

— Você não fez isso!

— Ah, fiz sim!

Ele já tinha me pegado e me jogado sobre seus ombros enquanto me rodava entusiasmado pelo quarto e repetia alto "você comprou ingressos para a final". Quando eu estava ficando tonta, ele andou uns passos para perto da janela e me jogou na cama, vindo para cima de mim, em seguida, apoiando os braços no colchão, ao lado do meu corpo, para não me esmagar.

— Isso acaba de te tornar a namorada do ano.

— É, mas você é um péssimo namorado, sabia?

Fiz um rosto zangado.

— Sério? Por quê?

— Estou aqui no seu quarto há um tempão e não ganho um simples beijo?

Ele sorriu ao recordar as palavras que tinha me lançado algum tempo atrás, quando ele me visitou a primeira vez em casa, ou segunda, já que não acredito que aquele sonho não tenha realmente acontecido, e me deu um de seus beijos.

Contra minha vontade, o beijo se intensificou e eu precisei pará-lo para não seguir para a consumação de um ato para o qual eu ainda não me sentia pronta.

VINTE E NOVE



Aceita o que te deixo, o quase nada destas palavras que te digo aqui:

Foi mais que longa a vida que eu vivi, para ser em lembranças prolongada. Porém, se um dia, só, na tarde em queda, surgir uma lembrança desgarrada, ave que nasce e em voo se arremeda,

deixa-a pousar em teu silêncio, leve como se apenas fosse imaginada, como uma luz, mais que distante, breve.

CARLOS PENA FILHO

Minha negativa ainda ressoava em minha mente. Eu não podia fingir que eu não queria ter dormido com Theodore, não poderia fingir que eu queria também. Eu não me sentia pronta, minha mente ainda sentia que havia algum bloqueio, e eu não conseguia confiar nele tão facilmente. Minhas palavras eram o suficiente para pará-lo, mas elas não eram o suficiente para aquietar minha mente agitada.

"Você, com certeza, frustrou o aniversário de namoro de vocês, mas estou feliz que tenha dito que não quando não estava à vontade" meu subconsciente colou uma estrelinha dourada na minha testa.

— Theo – eu chamei a atenção dele outra vez, estávamos passando a tarde folheando as raridades que encontrei entre os livros dele. Ou então ele tirava acordes de violão.

Ele ergueu o olhar para mim e um sorriso deslumbrante invadiu o próprio rosto.

— Isso é um presente também?

— Um presente? O que?

— O apelido? – ele continuou – eu não lembro outra oportunidade em que tenha me chamado por Theo.

— Então, Theo, – eu sorri para ele – será seu apelido definitivamente.

— É uma honra, Pah.

Eu retirei o violão do colo dele e coloquei sobre a cama e me aproximei para ficar mais perto dele. Primeiro encostei minha cabeça no ombro dele, de forma que ficamos parados um pouco de tempo naquela posição, depois eu busquei o rosto dele para beijá-lo.

Não um beijo comum, como os de antes, onde um buscava provocar ao outro, um beijo que conseguisse matar a sede que eu sentia dentro de mim, o vazio que eu sentia quando estava longe dele. E a profundidade do meu sentimento.

Eu estava zangada com ele, ou deveria estar, eu sentia isso, mas eu não sabia exatamente o motivo. Meu subconsciente fez para mim um sinal de silêncio, ele dizia que não queria falar. Ao mesmo tempo, enquanto eu beijava Theodore, eu sentia que não o estava beijando. Eu sentia que tinha mais coisas que ele não queria me contar, e eu sentia que era esse fator que tinha me bloqueado para ele.

Nosso beijo foi interrompido por batidas à porta.

— Quem é? – Theodore perguntou, apesar de eu suspeitar que ele já sabia exatamente quem era do outro lado.

— Hum... Agla – uma voz masculina disse do outro lado – é a quinta hora da tarde. Ariel vai contar histórias, ela pediu que chamássemos vocês.

— Estamos indo – Theodore disse ao rapaz do outro lado, sem abrir a porta, e eu ouvi os passos dele se afastando.

— Que histórias? – perguntei.

— Ariel é uma contadora de histórias nata – Theodore disse – ela adora reunir-nos para contar histórias, especialmente quando tem bastante gente em casa. Temos visita, então, ela nunca iria perder essa oportunidade.

— E a visita sou eu?

— Obviamente.

— Certo, então vamos lá.

— Ah, um aviso – ele disse – não fique muito chocada com o que verá mais à frente. Ariel tem um relacionamento, digamos, peculiar, e conter o espanto que isso irá causar pode ser bastante delicado de sua parte.

— Ok, Theo.

Ele se levantou e eu me levantei junto. Theodore finalmente levantou a alça da minha blusa que tinha deslizado e revelava o contorno marmóreo do meu seio.

— Então, isso estava assim há muito tempo? – perguntei sorrindo – e você nem pensou em ajustar antes?

— E perder a visão parcial do paraíso na terra, nem pensar – foi a vez dele de sorrir o meu sorriso torto favorito.

Andamos até uma das salas do enorme apartamento. Provavelmente aquela tinha sido ampliada, já que era possível ver os pilares fixos da construção.

Ariel estava sentada numa poltrona perto de uma lareira à gás, mesmo não estando frio, e eu suspeitei que aquilo fosse para manter o ar aconchegante e de mistério na sala. Havia uma poltrona idêntica à que ela estava sentada do lado dela.

Assim que ela me viu, ela sorriu e acenou com a mão para que Theodore e eu nos aproximássemos. Serpenteando entre os rapazes e as moças que estavam sentados, nos sofás e nos tapetes, nós a alcançamos.

Senti que alguém me observava e olhei para o lado, May estava me comendo viva com os olhos. Se ela tivesse uma arma, provavelmente a teria usado contra mim, aquele olhar era de raiva, ou mais, podia ser de ódio também.

— May – ouvimos a voz de Ariel ao mesmo tempo e tanto ela quanto eu olhamo-la ao mesmo tempo – por que não cede o espaço para que Paloma se sente, seja educada com a convidada de Theodore.

May quis falar alguma coisa, todo mundo notou, em especial os rapazes sem camisa que estavam próximos de mim e que eu, a muito custo, conseguia não parecer uma idiota ao olhar, mas ela se levantou e obedeceu. Sentou no chão, perto dos rapazes e Theodore me fez sentar no sofá. Ele próprio não tinha espaço, tendo em vista como a sala estava lotada, então sentou no espaço entre as minhas pernas no chão, apoiando a mão no meu colo.

Naquele momento, um rapaz jovem (muito jovem, não devia ter nem dezesseis anos), entrou na sala, todos pareceram ficar quietos para observá-lo caminhar. Ele passou por

entre todos, que iam lhe cedendo espaço, e cumprimentou Theodore e eu com um sorriso tímido. O rapaz sentou ao lado de Ariel, mas antes deu um beijo na boca dele, bem leve, mas ainda assim amoroso, me chocando completamente.

"Nada de choque" a voz de Theodore ecoou na minha mente e eu consegui me controlar a tempo.

Não é que eu seja puritana demais, talvez eu até seja, mas a questão é: eu realmente não estava preparada para tal coisa.

— Paloma, você ainda não o conhece – ela disse sem desviar o olhar do rapaz para olhar para mim – este é Escort, meu marido.

"O trabalho de não deixar o queixo cair foi feito com sucesso" meu subconsciente me deu outro ponto por bom comportamento.

— Olá Paloma, sou Escort Anders, é um prazer finalmente conhecê-la. Theodore não tem tido outro assunto a não você, e devo dizer, nunca antes o vi tão feliz ao falar sobre alguém.

— É um prazer conhece-lo também, senhor Anders. Sinto muito que ele tenha entediado a todos com este assunto tão chato.

Theodore sorriu e todo mundo sorriu junto, e olha que eu nem estava tentando ser engraçada. Escort concluiu:

— Pode ter certeza, senhorita Bennet, o assunto tem causado certo fascínio em todos nós.

Eu mal conseguia acreditar que o rapaz de dezesseis anos, ou menos, conseguia comportar-se como alguém de quarenta ou mais, tanto no trato quanto nos gestos.

— Bom, – Ariel nos interrompeu – já que estamos todos reunidos, creio que poderei começar a contar mais uma de minhas velhas histórias, Paloma, espero que goste, não há outra coisa que esta velha mulher goste de fazer mais do que contar histórias tão velhas quanto ela.

Eu apenas sorri amigavelmente em resposta. Ela começou.

— As cidades ainda eram abarrotadas de árvores e pássaros. As selvas de concreto ainda não tinham sido erguidas e não havia eletricidade, não havia veículos, exceto os de tração animal, não havia muitos instrumentos da modernidade. E – todos aguardaram ansiosamente – não havia internet.

Todos soltaram uns muxoxos e uns risos depois.

— Numa bela noite, um jovem camponês viu uma bela mulher pendurada na lua minguante, e ele ficou admirado com a visão que tinha. A mulher parecia se equilibrar na ponta do sorriso da noite como quem se equilibra na ponta de uma agulha.

Ariel fez o gesto dos dedos dando pequenos passos sobre a palma da mão.

— O camponês, atônito, ergueu os braços para alcançar a mulher, mas não o conseguiu, ela estava longe. Ele parecia simplesmente hipnotizado pela visão que lhe preenchia os olhos. O rapaz estava prestes a casar-se, mas não conseguiu manter a promessa, não quando a moça da lua lhe sorria nas noites em que a lua não passava de um risco entre as estrelas, e prometeu a si mesmo que não casaria com nenhuma outra, não quando ele tinha se enamorado perdidamente daquela.

Todos estavam fascinados como eu.

— A mulher da lua, guardava os passos dos caminhanes, e um dia, ouviu uma melodia que lhe invadiu os ouvidos e ficou ecoando sempre em sua mente. Um homem cantava profundamente o seu amor não correspondido. Ele lamentava a distancia entre os dois, lamentava que a mulher nunca lhe tinha notado, lamentava que ela estivesse sempre no delineado da lua. A mulher, por sua vez, nunca tinha ouvido nada que lhe perpetrasse os ouvidos daquela forma. Ela simplesmente não conseguia imaginar uma música que não fosse embalada pela voz dele, ou uma canção que ele não tivesse escrito. Ela se apoiou na sombra da lua para espiar a terra.

Ariel pareceu dar uma pausa dramática apenas para que todos ansiassem ainda mais pelas palavras que viriam.

— Ela viu o homem mais lindo e doce que a terra já tinha formado. E ele olhava diretamente para ela. A mulher foi vencida por uma paixão sublime e, naquele momento, não conseguiu mais ter acordo de si. Precipitou-se para a terra para ouvir a maviosa voz do homem que lhe cantava. O homem estava emocionado por finalmente ver o ser banhado de luz em sua frente, a mulher era muito alva, quase transparente, o vestido que a cobria era de uma beleza inefável e o seu rosto era o de uma ninfa, os cabelos em um tom de azul desciam até os pés como dois rios límpidos e ela lhe inundava de paz.

Ariel falava calmamente para que entendêssemos a paz em que o homem se encontrava.

— A mulher, por sua vez, nunca tinha visto maior beleza que a dele. O homem, da pele da cor da noite e do sorriso da cor das estrelas, tinha um olhar calmo e apaixonado. E quando a mulher olhou em seu coração, ela viu apenas bondade. Ela já tinha se apaixonado por ele sem perceber.

Ela uniu as sobrancelhas em apreensão.

— Todas as noites, a mulher visitava o homem, e perdiam-se de amores na noite, com suspiros nos ares por todos os lados. Até que um dia, uma terrível tempestade castigou a casa de pau-a-pique, e fez encher o lago que circundava o local, bem como os rios há alguma distância. O homem estava destinado a morrer naquele dia, foi o que Azrael lhe dissera. Azrael tinha lhe prometido uma morte sem violência, e a mulher odiou Azrael por muito tempo ao ver o homem se afogar e ser enterrado sob os escombros da própria casa. Até que entendeu tudo, aquilo fazia parte, fazia parte do amor de Azrael também.

— Quem é Azrael? – perguntei em pensamentos à Theodore.

— O anjo da morte – ele respondeu aos meus pensamentos também.

— A mulher e Azrael selaram o contrato. Ele, que guiava as almas para o paraíso, ocultou a alma daquele pobre camponês no corpo de uma criança que tinha nascido morta, e cuja mãe agradeceu eternamente pelo milagre da ressurreição. Desde então, a mulher vigia os passos do amor de Azrael, e Azrael, pelo contrato, não leva o espírito do jovem camponês aos céus nunca, sempre o guiando a outro corpo morto recém-nascido para que ele tenha uma nova existência. As existências diferem entre si, nalgumas, o jovem camponês lembra-se da mulher da lua e a busca, assim os dois podem amar-se perdidamente, em outras, ele lhe tem pavor, a julga um assombro, a julga uma alma dos mortos. Azrael disse que ele poderia dar a mulher uma existência humana ao lado dele, mas apenas uma. E a mulher aceitou.

Ela respirou fundo e continuou:

— Azrael depositou o fantasma da lua no corpo humano inalterado após a morte e o corpo reviveu. A mulher que acordou tinha lembranças que não eram dela, que não eram de quem ela era, e ficou confusa por um longo tempo, até que Azrael explicou tudo. Reza a lenda, ela aproveita a sua existência ao lado do ser amado. Ele acordou, nesta última vida, disposto a finalmente adentrar as portas do paraíso, e ela aceitará de um modo ou outro sua perda. Eles se amaram por vidas antes desta, e se amam ainda mais intensamente nesta, a última que compartilharão juntos.

TRINTA



Até agora, nunca tinha amado as suas amantes; havia algo nele que o levava a tomá-las demasiado depressa para ter tempo de criar a aura, a zona necessária de mistério e desejo que lhe permitisse organizar mentalmente aquilo que poderia um dia chamar-se amor.

JULIO CORTÁZAR

Ariel me convidou para passar a noite. Theodore me disse, outra vez, que os convites de Ariel sempre eram feitos de coração e que recusar seria muito deselegante. Ainda me lembro da conversa na sala como se ela tivesse acontecido agora:

— Paloma, por que não dorme aqui? – Theodore perguntou com um ar animado.

— Dormir? Eu?

— Sim, a não ser que haja alguma outra Paloma por aqui – ele me provocou.

— Não sei se é uma boa idéia.

E eu não sabia mesmo. Não sei o que eu seria capaz de fazer caso tivesse Theodore comigo uma noite inteira. Dizer não uma vez fora fácil, mas eu não sei se o seria uma segunda vez no mesmo dia.

— Não seja tímida, menina Paloma – Ariel disse – aceite o convite para pernoitar.

Theodore olhou para mim com aquela cara de "duvido você recusar agora" e esperou que eu falasse algo.

— Tudo bem então – dei de ombros.

— Beleza! – Theodore exclamou baixinho.

— Não se anime tanto, jovem Theodore – Ariel disse – Paloma dormirá no quarto das meninas.

Ele bufou frustrado e em seguida comentou:

— Será uma boa idéia?

— Será melhor que a idéia de ver vocês dois, com tantos hormônios, dividindo o mesmo espaço.

— Eu sou confiável – eu disse sorrindo de Theodore.

— Oh, eu sei perfeitamente, menina – ela olhou para Theodore – é nele que eu não confio.

O comentário rendeu um Theodore contrariado por uns breves cinco minutos. Não demorou muito, ele tinha esquecido o ocorrido e me levava para o telhado verde que cobria o edifício.

— Aquela história... – eu comecei a falar baixo – era a história dela?

— Que história?

— Sobre a mulher da lua... – eu comecei percebendo o quão louca eu estava soando – quer dizer, eu não sei. Mas, ela falava dos sentimentos dos dois com tanta propriedade, parece que ela os estava sentindo.

— Provavelmente é porque ela os estava. Ariel é uma mulher sensível e gosta de ilustrar as suas histórias como se ela realmente as tivesse vivido.

— Aquilo foi lindo.

— Não, – ele olhou para mim de alto a baixo devagar – você é linda – ele continuou quando me viu envergonhada – e fica ainda mais linda quando cora.

Theodore se aproximou devagar e ia me beijar, mas eu me afastei, rápida, ele tinha que aprender a esperar um pouco.

— O que foi? – ele perguntou.

— Perdeu seus poderes?

— Desculpe?

— Não consegue ler o que está na minha mente?

Eu illustrei as imagens do que eu esperava que ele fizesse comigo naquele telhado. Nenhuma delas era proibida para menores, mas ainda assim provocantes.

— Paloma Bennet... – ele deu um sorriso torto que não canso de dizer que é o meu favorito – não consigo reconhecer a senhorita envergonhada dos primeiros dias por detrás de todas essas imagens.

— Não me repreenda, são apenas beijos – eu sorri um pouco.

— E são perfeitos – ele se aproximou e finalmente eu deixei que ele colasse a boca à minha. Não tinha nada no mundo que pudesse me arrancar dos braços dele agora. Nem a pior calamidade, nem a maior alegria, nem uma repentina esperança, nem mesmo a morte.

Eu não sei que horas da madrugada eram quando finalmente cessamos os beijos para dar descanso ao corpo, apenas lembro bem que os dois reclamaram por isso. E só o fizemos por insistência de Theodore, que não queria que Ariel o punisse por mau comportamento.

Kamilla já estava em casa e me acenou animadamente quando eu entrei. Ariel estava na cozinha, brigava para Mike, o companheiro dela, e eu não tive como saber, pelo pedaço da conversa que ouvi, qual era o motivo.

— Vem – Kamilla disse vindo para meu lado e me pegando pelo braço para me levar para o corredor das meninas, como Theodore me tinha indicado antes – é hora de dormir.

Eu não reclamei, devia ser algum motivo pesado para que Mike estivesse sendo repreendido. Theodore ainda me olhou sendo levada, mas não fez muito. Ele não iria desobedecer a Ariel. Apenas lamentei o fato de não poder ter me despedido dele decentemente.

"Está tudo bem, vai ficar tudo bem, eu acho..." meu subconsciente estava tão surpreso quanto eu por ter sido afastado de Theodore tão de repente.

— O que aconteceu lá? – perguntei para Kamilla quando alcançamos uma porta, que eu julguei ser a do quarto que eu dormiria.

— Mike se envolveu numa briga desnecessária, agora está machucado.

— Machucado?! – perguntei alertada – Não é caso de chamar um médico?!

— Ei, calma. Não é nada grave demais, nem visível... – ela completou com uma voz meio indefinida – acho que ele apenas vai precisar de algum repouso. Além disso, Ariel é uma espécie de médica, acho que ela vai conseguir dar conta de Mike mesmo se ele perder uma perna.

— Que humor negro!

— Nem tanto. Eu estou preocupada também, é fazendo graça que eu consigo não pirar com tudo que está acontecendo.

— Como ele se machucou?

— O cara que brigou com ele era um pouco mais forte. Por muito pouco, muito mesmo, ele não matou meu Mike.

— Vocês tem que começar a prestar mais atenção com as pessoas que andam.

— Vou tentar – ela disse olhando diretamente para mim – agora vamos entrar, eu posso te emprestar uma roupa para dormir, e uma para usar pela manhã. Fico feliz que tenha gostado da jaqueta.

— Gostei muito, acho que nunca agradei apropriadamente. – eu disse, mas não sabia se tinha contado esse fato a ela.

— Teremos tempo, para isso, ainda.

Kamilla abriu a porta do quarto e entramos. Para nossa surpresa, pois ela parecia tão surpresa quanto eu, May estava numa das quatro camas do quarto.

— Não pode ser verdade – May reclamou quando eu entrei.

— Acostume-se, vamos dormir aqui – Kamilla disse já entrando no quarto e retirando a camisa jeans e a calça jeans, ficando apenas de blusa e roupa íntima – e é melhor não me provocar, não tive um bom dia hoje.

— Então, seu namorado apanha e a culpa é minha? Quem o mandou escolher o lado dos maus?

— Oras, cala a boca – Kamilla jogou um travesseiro no rosto da menina.

— E você aí, vai ficar parada no meio do quarto feito uma tonta? – May perguntou – está esperando o que? Uma ordem ou convite?

A garota sabia ser grossa gratuitamente. Não me lembro de ter feito qualquer coisa para tê-la ofendido e merecer tal tratamento.

— Não, simplesmente não me disseram que eu teria que dividir o quarto com mais alguém além de Kamilla, e lamento um pouco não ter perguntado antes, senão eu não teria aceitado dormir aqui.

— Olha só, ela tem garras – May falou – não tão afiadas, mas ainda são garras.

— Chega, May! Ariel não irá gostar se souber que está destratando os convidados.

— Não se preocupe Kamilla, uma criança não me põe medo.

— Sou quase tão velha quanto você! – May disse irritada.

— Vem cá, garota. Não percebe que eu não quero discutir? Qual seu problema comigo? Vá direto ao assunto, assim podemos parar de ficar gastando saliva uma com a outra.

— Meu problema não é com você. Meu problema é você.

— Ok, comecemos bem, agora o que exatamente em mim te incomoda?

May não falou nada, apenas ficou quieta por alguns minutos pensando se deveria ou não falar. Ao final, decidiu, depois que Kamilla lhe tinha lançado um olhar severo para que ela se calasse, desobedecer.

— Você está com o homem que eu gosto.

As palavras soaram confusas no início. Eu achei que tinha ouvido muita besteira para uma noite e iria ignorar e dizer "apenas isso?", mas meu subconsciente mandou-me perguntar mais.

— Ele não está amarrado comigo, se gosta tanto dele tente ficar com ele. Se ele aceitar, espero que sejam felizes.

Kamilla arregalou os olhos na minha direção, e May pareceu não saber o que falar de imediato, por isso completei:

— Eu apenas duvido muito que isso aconteça. Theodore está apaixonado por mim, assim como eu estou por ele.

Eu falei segura de mim e Kamilla até bateu duas palmas, para me ovacionar e encerrar a discussão, até que eu vi May começar a sorrir ao falar.

— Você deve estar me achando a vilã, não é mesmo? – ela conteve o riso – não acho que esteja vendo as coisas claramente. Eu sou a mocinha da história, Paloma. Eu estava com Theodore antes de você chegar. Foi você quem o roubou de mim.

— Eu não roubei ninguém de você. E eu não vou ficar discutindo por causa de Theodore. Eu não o obriguei a ficar comigo, se ele ficou comigo foi por que quis. Ou talvez – eu comentei me surpreendendo com o veneno nas minhas próprias palavras – você não tenha sido tão marcante para ser a única.

May não falou nada após isso, e eu me senti um pouco mal por estar me deixando irritar por uma menina. Ela tinha o que? Dezesete? Era linda, a pele da cor das amêndoas contrastava com um abastado cabelo cacheado escuro que emoldurava seu rosto. Os olhos da cor de azeitonas tornavam-na de uma beleza exótica, bem como os lábios cheios. Não me surpreendia Theodore estar com ela antes de mim, mas me surpreendia ele não ter me contado nada sobre isso. O problema era que, para ele estar com ela antes de mim, eu tinha que admitir que o olhar que ele deu a ela na cozinha, significava que ele ainda se importava muito com ela.

"Sua idiota, ele se importa, está na cara" meu subconsciente sibilou ciumento "não sei o que vai fazer, mas assegure-se que Theodore não tenha uma recaída por ela".

"Não sei como, idiota".

"Dá teu jeito, a menina parece uma mistura de ninfa e amazona, ah, idiota é você".

— Talvez você também não seja tão importante para ser eterna.

— Tá, tá bom. Já tem pena demais espalhada por aqui. Vamos tentar manter o bom comportamento antes que essa energia negativa chame a atenção de Ariel, não quero ser proibida de sair por que vocês gostam de ficar disputando atenção de macho.

— Foi ela quem começou, você sabe! – May disse.

— Eu comecei o que?

— Você veio para cá, teve a ousadia de vir aqui mesmo sabendo o que eu fui para ele.

— Eu não sei do que está falando. Eu não tinha como saber. Não sei o que você foi e nem sei ainda o que e para ele. Theodore me convidou, e se você faz parte do passado dele, como diz, então lá é que você tem que ficar. Eu sou o presente dele agora e, enquanto ele quiser, o futuro.

Kamilla se levantou e jogou outro travesseiro em May quando ela quis falar outra coisa.

— Comporte-se como realmente é – ela disse – não sabia que já tinha esquecido tão facilmente a sua essência.

— Kamilla, eu vou tomar água, volto em pouco tempo.

— Tem certeza? Quer que eu vá contigo?

— Se não se importar, eu vou sozinha. Eu sei o caminho.

— Tudo bem, se você demorar mais do que vinte minutos, eu vou atrás de você.

— Acho que não vou demorar mais do que isso.

— Perfeito.

Assim que ponho a mão à porta, Ariel a abre, e eu por muito pouco não bato a cabeça na borda da porta. Ela carrega um olhar severo no rosto.

— O que houve aqui?

Não tínhamos falado alto, mas eu sabia bem, pelo olhar que ela dava, que ela sabia de tudo. Instintivamente procurei por câmeras no quarto, ou mesmo por uma babá eletrônica, não os encontrei.

— Paloma, vá tomar sua água. Kamilla e May, fiquem, teremos uma conversa séria.

TRINTA E UM



Temos adotado uma espécie de teste pragmático para o certo e errado – aquilo que funcionar é o "certo"...

Tudo bem, em desobedecer aos Dez Mandamentos, mas apenas não desobedeça ao décimo primeiro:

Não se deixe apanhar! Esta é a atitude.

MARTIN LUTHER KING

Ninguém sabe direito como se comportar quando se está só numa casa que mal se conhece, com pessoas que mal se conhece. Por isso, quando eu vi Mike na cozinha da casa naquela noite, eu agradeci mentalmente por pelo menos ter ao meu lado um estranho conhecido.

— Mike, eu posso ficar aqui um pouco? – pedi – parece que as meninas tinham assunto a tratar com Ariel e eu não poderia ficar atrapalhando.

Eu não tinha tanta intimidade, mas eu também não queria ficar sozinha. Esperei a resposta, que veio depois de algum espaço de ansiedade.

— Senta aí – ele disse e apontou para a cadeira oposta a que ele estava sentada – você quer?

Ele colocou um pote de nachos e um spray de queijo perto de mim, mas eu não estava com fome, então agradeci a gentileza e fiquei ali sem saber ao certo o que fazer, ao mesmo tempo agradecendo internamente por estar me sentindo mais à vontade com ele do que com todos os outros habitantes da casa. Exceto, claro, por Ariel, Escort e Theodore.

— Sabe, você fica preocupada demais sobre o que as pessoas vão pensar.

— Oi? Desculpa, estava distraída com meus pensamentos.

— Percebi. Veja, não é por que eu sou o cara mau daqui, e tal, mas você tem que parar de ficar olhando para todo mundo como se esperasse um julgamento – ele pegou um punhado de nachos espremeu o queijo e jogou-os na boca enquanto falava – essa postura chega a ser irritante. As pessoas vão te julgar você se comportando bem ou não, basta você decidir pelo que vale a pena ser julgada.

— Tá, obrigada pelo conselho, mas onde essa conversa se encaixa?

Mike se ajustou na cadeira, ele estava sem camisa, o torso coberto de tatuagens se flexionou quando ele esticou o braço para pegar uma lata de refrigerante que estava um tanto mais longe dele, e eu vi o exato momento em que os pontos no corte ao lado do corpo dele romperam.

— Oh, Merda, puta vida! – ele maldisse por causa do ardor, e eu até ia tapar meus olhos para não ver o sangue escorrendo, de pura aflição, mas isso não aconteceu. Não saiu uma única gota de sangue dos pontos rompidos.

— Você está bem? – perguntei depois de um tempo sem saber exatamente o que fazer – eu chamo Ariel?

— Não... – ele tentava alcançar o ferimento, que agora parecia mais uma boca aberta perto das costelas – eu nem deveria estar aqui.

— Ok, mas o que eu devo fazer?

— Pega um frasco em spray, um frasco azulado, nesse armário atrás de você.

Fiz o que ele pediu e abri as gavetas, não estava em nenhuma delas, abri a porta de baixo, uma das portas, e encontrei o tal frasco azulado que parecia mais um vidro de poções mágicas.

— É este? – perguntei.

— Sim, me dá ele aqui – ele pediu.

Eu estendi para ele e voltei a abrir a gaveta para pegar o algodão que eu tinha visto. Dei a ele também. Ele tentou esticar o outro braço para passar o líquido no qual ele tinha embebido o algodão alí, mas não conseguiu. Gemeu com a dor antes mesmo de alcançar o local quando, com o esforço, outro ponto rompeu.

— Dá para me ajudar aqui? – ele pediu, eu ainda estava parada feito uma tonta no meio da cozinha.

— Ok, ok...

Eu me apressei para pegar o frasco das mãos dele, bem como o algodão, e o embebi outra vez no líquido antes de passar ao redor da ferida.

Precisei segurar o estomago para não passar mal ao olhar para o rasgo no músculo que permitia ver até uma camada fina de gordura.

— Está melhor assim? – eu disse – eu realmente acho que devíamos chamar Ariel para dar novos pontos aqui.

— Ela vai me matar antes por ter levantado da cama para comer besteiras – ele olhou para mim e piscou ao sorrir – vai ser o nosso pequeno segredo.

Eu desviei os olhos, envergonhada. Não que eu não soubesse lidar com cantadas, na verdade eu não sabia mesmo, mas é que eu percebi que, depois de deixar toda a pose marrenta, ou parte dela, Mike era até um sujeito agradável. Tinha belos olhos verdes, o corpo coberto de tatuagens, os dedos cheios de anéis, o pescoço cheio de cordões de enormes crucifixos de cabeça para baixo, mas ainda assim atraente de um modo diferente.

Kamilla e ele formavam um contraste bonito. Os dois formavam um belo par, um ótimo par, na verdade. Não me espantava muito que os dois se gostassem tanto.

"Só você mesmo, tonta, não percebe o que está acontecendo aqui, mas eu é que não vou dizer".

"E o que está acontecendo?"

"Usa os dois neurônios que te sobraram, e tenta raciocinar".

Parei para pensar um pouco, e então eu entendi. Mike ainda tinha um sorriso convencido no rosto, estava óbvio que ele esperasse que o nosso "segredo" não se resumisse apenas a isso.

— Ah... Eu terminei aqui – eu disse – ainda sente dor?

— Não, valeu.

— Certo, então, eu estou indo descansar, acho que é melhor que eu faça isso logo.

— Ariel ainda não voltou. Provavelmente ela está descarregando um caminhão de disciplina encima daquelas duas, eu esperaria mais algum tempo.

— Mas, eu estou cansada... – disfarcei.

— O que acabei de te falar sobre se preocupar demais sobre o que os outros pensam?

— Na verdade, você não terminou de falar tudo.

— Então sinta aí até eu terminar – ele disse – veja, você vive se retraindo enquanto se preocupa com o que os outros estarão pensando. Eles sempre irão te julgar. Eu sei o que você passa, eu sofro com o mesmo tipo de olhares. Por que acha que no horário de almoço almoçaram poucas pessoas à mesa?

Balancei a cabeça de modo a mostrar que eu não sabia.

— É por minha causa. Os diferentes sempre trarão espanto aos outros, espanto e desprezo. Depois de mim, acho que você deve ser a mais odiada aqui.

— Ainda não sei no que isso vai me ajudar.

— O que estou querendo dizer é: se todos já estão te julgando querendo você ou não, então dê a eles verdadeiros motivos para que se entretenham.

Nesse momento ele já tinha levantado e se aproximou de mim, ele estava com um sorriso no rosto, os sinais eram claros, ele queria fazer algo, e eu provavelmente não iria gostar do que ele queria fazer.

"Se prepara para correr se preciso" meu subconsciente avisou.

"Ok, mas eu vou correr para onde parecendo uma louca?"

"Apenas corra se for preciso".

— Não se preocupa – Mike disse quando me viu dando alguns passos atrás, amedrontada – eu não vou fazer nada. Olha para minha namorada, você não faz meu tipo.

— Então?

— Então que eu estou querendo apenas confirmar uma coisa.

"Theo, eu estou com medo" eu fechei os olhos e me concentrei um momento. No mesmo instante, se não o mesmo, um segundo depois, ouvimos a voz de Theodore irrompendo na cozinha.

— Que porra está acontecendo aqui?

O olhar de Theodore não era para mim, era diretamente para Mike, que se recusava a se afastar. Theodore se aproximou e, só então, Mike se afastou um pouco.

— Não se preocupe – Mike disse – eu não quero a sua garota. Na verdade, eu acho ela meio sem sal, eu apenas queria confirmar uma teoria.

— Qual teoria, Mike?

— Quando eu conseguir provar, você vai saber – Mike olhou para mim, dessa vez – obrigado pelos cuidados, você tem ótimas mãos.

E com um sorriso enigmático ele saiu dali, acenando para Theodore com um ar que parecia ser divertido, mas que também era de desafio.

— O que ele queria com você? – Theodore perguntou me fazendo olhar para ele.

— Não sei.

— E antes? O que estavam fazendo antes?

— Ele veio com um assunto sobre eu não me preocupar demais com a opinião dos outros. Depois ele começou com umas conversas estranhas. Antes disso eu estava passando remédio no machucado dele, acho que os pontos abriram, seria bom se nós chamássemos Ariel, ela poderia ir fechá-lo outra vez.

— Aquilo não dói mais, ele só queria se aproximar de você.

— Eu vi os pontos abrindo, eu vi o corte, aquilo foi profundo. Aquilo deve doer para caramba.

— Acredite em mim, ele apenas queria se aproximar de você. Pode ser?

— Por que você está zangado? – perguntei irritando-me também – eu estava ajudando, e eu te chamei quando achei que as coisa ficariam estranhas.

Theodore passou a mão no cabelo, frustrado, e percebeu que eu realmente tinha razão. Respirou duas vezes para se acalmar e olhou para mim ao falar:

— Eu sei que quis apenas ajudar. Eu apenas estou estressado por causa de uma das minhas tarefas. Eu... – ele se interrompeu, procurou as palavras e continuou – eu sinto que não conseguirei concluí-la.

— Que tarefa?

— Não estou pronto para falar sobre isso agora.

— Tudo bem – aquilo tinha doído, eu sempre contei tudo para ele, mesmo que eu não quisesse ele saberia – eu não pergunto mais nada.

— Vamos fazer assim, - Theodore disse – eu vou te levar para meu quarto. Você dorme comigo. Eu durmo no chão, terei que sair em poucos momentos, e você dorme na cama.

— Ariel...

— Ariel vai entender. Eu me explico com ela mais tarde.

— Tudo bem. Posso perguntar para aonde você vai?

— Não, não pode. Eu não saberei responder sem mentir.

Theodore me pegou pela mão e me levou para o quarto. A mão dele estava fria, ele parecia nervoso. E eu não sabia direito ainda o motivo. No meio do caminho, ainda no corredor, ele parou e me deu um beijo repentino. Ele precisava daquilo, eu conseguia perceber. O beijo dele era faminto, desejoso, expressivo, em cada movimento, eu o sentia colado a mim por completo. Ele estava com sede dos beijos, embora tivéssemos trocado muitos deles mais cedo, mas ele também sentia mais que sede, ele sentia medo.

— Theodore... – eu sussurrei quando saí do beijo – vai ficar tudo bem. – peguei o rosto dele nas mãos e o fiz olhar em meus olhos, para passar a confiança necessária para qualquer coisa que ele tivesse que fazer – você tem que fazer o que é certo. E, seja o que for, eu vou entender.

O olhar dele era dolorido, quase como se ele tivesse pena de mim pelas palavras que eu tinha dito. Como se ele estivesse realmente dividido entre dois caminhos, porém nenhum deles lhe traria paz no final da jornada.

Ele deu um beijo na minha testa e disse:

— Você tem que prometer que vai me perdoar, independente do que aconteça.

"Calma, não prometa nada pelo que possa se arrepender depois" meu subconsciente alertou.

"Eu não posso deixá-lo magoado, ele precisa ter certeza do meu perdão".

"Ótimo, então para que merda eu estou aqui?"

— Theo, eu não posso dizer que vou te perdoar imediatamente por seja lá o que tem que fazer, mas o perdão pode vir com o tempo. Eu também não quero mentir.

— Você está certa.

Ele me levou até o quarto e me deu uma camisa enorme para que eu vestisse. Deitei-me na cama e o vi ficar parado à janela, olhando para o lado de fora, seu rosto parcialmente delineado pela luz da lua, e eu senti que eu já tinha visto aquela cena antes nalgum lugar.

Eu estava quase dormindo, eu realmente estava cansada do dia agitado que tive, e ele, de longe, sussurrou para mim:

— Durma bem, Pah.

— Eu vou dormir Azrael...

Eu sussurrei já evanesendo para o mundo dos sonhos, sem ter total acordo das palavras da minha boca.

TRINTA E DOIS



**[...] Minha condenação foi do crime um açoite; afinal, morrerei no decorrer da noite!
Perto da meia-noite, alguém foi vê-lo e ouvi-lo tendo um sereno olhar num rosto bem
tranquilo [...]**

MÁRIO BARRETO FRANÇA

— Nós precisamos avisar Paloma que estamos indo para casa neste final de semana – xxx falou enquanto colocava o brinco na orelha. O pequeno mimo de alexandrita que seu marido tinha lhe dado.

— Nós avisaremos – o homem disse e se aproximou dela por trás dando-lhe um beijo no alto da cabeça sem um fio de cabelo – esse batom ficou lindo em você.

— Mesmo? – a mulher sorriu, adorava quando seu marido a observava daquele modo, com paixão, mesmo depois de tudo que ela passara, e mesmo depois de ela ter perdido praticamente todos os fios de cabelo por causa da quimioterapia – soube que há um certo homem de meia-idade neste hotel que adora um batom vermelho. Coloquei especialmente para ele.

— Sujeito de sorte – ele disse – eu cometeria um crime para que esse batom tivesse sido escolhido para mim – ele pegou o outro brinco, sobre a penteadeira, e disse – deixe que eu faça isso, Diane.

O homem colocou o brinco na mimosa orelha com um carinho. E a mulher sorriu, apaixonada como era pelo homem à sua frente. Os cabelos, antes escuros, já tinham muitos fios cinzentos. E ele usava os óculos de armação transparente. Ela sempre disse que eles o deixavam com uma cara de âncora de jornal incrivelmente sexy.

Ela ainda estava nua em frente ao espelho, e nenhum dos dois ocupantes do quarto estava envergonhado por isso. Nem Adam por ver a mulher nua de frente para uma janela que dava de frente para o caminho dos passantes, nem a mulher por estar exibindo o corpo belo, apesar das cicatrizes da mastectomia.

Adam fora seu norte durante a recuperação. O maior motivo dos pais de Paloma terem saído da cidade para conhecer o mundo fora pensar que a rotina de tratamento, ânsias, náuseas, cansaço, seria demais para a filha aguentar. Especialmente quando depois que os médicos informaram que a remoção total de ambas as mamas seria necessária.

Adam procurou um dos maiores oncologistas da atualidade, que não por coincidência era seu melhor amigo, já que ele era endocrinologista do mesmo hospital em que se conheceram, e descobriu que ele tinha se mudado para a África do sul, mais precisamente para Johannesburgo. Para a filha, contaram apenas uma parte da história. Que eles conheceriam outros países.

Leonard Saniquem, o amigo de Adam Bennet, operou Diane pouco tempo após chegarem. A mulher ficou internada ainda por um período de pelo menos três meses, quando descobriram que ainda não tinham vencido a batalha. Ainda era necessário tomar remédios para que evitassem uma possível volta dos tumores, além de exames de rotina feitos diversas vezes ao ano.

Em Johannesburgo, encontraram uma tatuadora especializada em cobertura de cicatrizes, e ela cobriu as linhas da cicatriz com um lindo floreado em tons de aquarela.

— Você está se tornando uma moça rebelde! – Adam disse quando a cicatriz finalmente estava completa – o que vai querer para comemorar a sua primeira tatuagem?

— Que tal algumas garrafas de Black Label?

— Seria perfeito.

Naquele mesmo dia ela comprou uma peruca rosa e a usou com o marido, que a achava ainda mais menina agora do que quando se conheceram.

Diane ergueu os braços para que Adam deslizasse o vestido azul turquesa no corpo dela. Ela virou de costas e Adam foi deslizando pequenos beijos ao longo de sua costa enquanto subia o zíper que cobria a faixa de pele alva. Quando terminou de subir o zíper, ele ainda ficou mordiscando o ombro dela.

— Vamos, senão nos atrasaremos – Diane falou retirando Adam das dúzias de pensamentos libidinosos que lhe invadiam.

— Não nos atrasaremos. Eu adiantei seu relógio em meia hora – ele falou encolhendo os ombros quase como se dissesse que aquilo tinha sido feito para o bem deles.

— Oras, seu... Cachorro! E eu me apressando.

— Se quiser, podemos começar do zero – ele fez menção de retirar o blazer que usava, bem como a roupa, mas ela deu com a pequena bolsa de mão no ombro dele e os dois saíram sorrindo do quarto.

A noite parecia mágica. Os dois iriam jantar com Leonard e a esposa dele, recém-esposa, já que eles tinham acabado de assinar os papeis do casamento civil e em dois dias seria o casamento na praia feito por um presbítero.

Pegaram o carro antiquado que tinham comprado na cidade e foram até o restaurante onde tinham marcado o encontro. No meio do caminho, Diane olhou para o marido com um sorriso feliz no rosto, mas tão feliz, que Adam sentiu vontade de parar o carro no meio da avenida para colher o beijo por trás daquele sorriso, mas não poderia, não na via principal movimentada como estava naquela noite de sábado.

Chegaram ao restaurante, e já encontraram os amigos aguardando-os, animadamente. Diane retirou da bolsa pequena um embrulho menor ainda. Em papel barato de cinquenta centavos ela tinha enrolado uma presilha de cabelo que tinha herdado da mãe e que, agora, sem cabelos, ela não usaria mais.

— Kristen! Que nome lindo! E que moça linda, Leonard, está de parabéns!

Diane cumprimentou a moça depois de terem sido apresentadas. Kristen era daquele tipo de pessoa que se ama imediatamente. Ela exalava bondade e gentileza e isso era algo raro nos dias atuais. Apesar do contraste entre Leonard e ela, já que Leonard parecia mais velho, os dois tinham quase a mesma idade.

— Explica sua formula da juventude! – Diane pediu aos sorrisos – eu preciso mesmo saber.

— Eu sou florista – Kristen disse – digamos que o meu trabalho cause menos rugas no rosto que o trabalho do nosso amigo – ela piscou como se confidenciassem algum segredo.

Kristen ficou com os olhos marejados quando recebeu o presente. Diane contou a história por trás da presilha, Kristen relutou em aceitar, achava que uma jóia daquela estirpe deveria ser dada à filha, mas Diane insistiu. Disse que Paloma teria um presente tão precioso quanto aquele.

A noite estava perfeita, simplesmente perfeita.

Leonard puxou a mulher para dançar, depois de ter terminado as conversas sérias com Adam, e Adam fez o mesmo com Diane. A música era animada, mas os dois dançavam abraçados. Diane se deixou recostar o rosto no peito do marido e ele fez questão de colocar os pés dela sobre os seus, como se ela fosse uma menina, para aninhá-la melhor aos próprios braços.

— Eu te amo, Adam – Diane disse – eu nunca achei que eu seria tão amada.

— Não é nada perto do que ainda sou capaz de amá-la, Diane – ele disse – espere até eu retirar esse vestido mais tarde.

— Oras, Adam, fale baixo! – a mulher corou feito menina, mas pelo olhar que deu ela mostrava que amava aquela ousadia do marido.

Os dois pareciam namorados, mesmo depois de vinte e dois anos de casamento. E a vida inteira dos dois tinha sido, mesmo após o casamento, uma constante comemoração.

Um jogo de verdade ou consequência, depois da dança, à mesa, acabou rendendo alguns shots de tequila. Leonard não precisaria trabalhar durante a semana, já que tinha tirado licença para comemorar o casamento, e como ainda não tinha muitos amigos na cidade, convidou Adam, um velho e bom amigo, para passar a primeira noite ao lado dos dois, ou melhor, algumas horas antes da grande noite do casal.

Jantaram, beberam, conversaram e sorriram. Kristen fez questão de usar o adereço recebido como presente naquele dia para que Diane visse, e Diane sorriu emocionada ao perceber que a moça realmente tinha gostado.

Os casais se despediram às duas da manhã, Diane foi para casa com o marido de táxi. Já que os dois tinham bebido demais. Quando chegaram ao quarto de hotel os dois ainda se amaram por alguns bons momentos até que ela avisou que estava cansada e que queria dormir.

Adam adormeceu Diane nos próprios braços e ela se emocionou um pouco com a voz rouca do marido cantando a canção favorita dos dois ao ouvido dela.

Diane adormeceu, Adam fez o mesmo.

Algun tempo passou e ela ouviu um arrufar de plumas, tal como o de um ganso quando apruma as asas, e abriu os olhos pelo espanto. Ela viu um homem absurdamente lindo sentado no chão, perto da janela. Ela reconheceu aquele rosto imediatamente.

Apesar do braço de Adam estar sobre o dela, ela se levantou sem dificuldade e foi para perto do homem.

— Eu conheço você – ela disse ao analisar o rosto do homem alto e perfeito perto dela – foi você quem salvou minha filha daquela queda do terceiro andar quando ela era menina.

— Fui eu sim, senhora.

— A minha filha disse que tinha tentado tocar um anjo – ela disse – o pai dela nunca acreditou, mas eu sim, eu tinha visto você. Achei que você tinha vindo recolher a alma dela.

— A senhora achou? Por quê? – o jovem homem perguntou confuso.

— Minha avó era muito sábia, minha mãe também foi. Ela sempre disse que o anjo da morte devia ser irresistivelmente atraente, e lá estava você.

— Me perdoe por isso.

— Por ter poupado minha filha? Nunca o perdoarei, mas, o que faz aqui?

— Vim recolhê-la para o seu lugar de descanso eterno, senhora Bennet – ele disse – seu coração parou há cerca de cinco minutos, a senhora adormeceu feliz e amada, para não mais acordar.

Diane olhou na direção da cama e viu o marido dormindo ao lado do corpo vazio. Ele sofreria muito ao acordar.

— Oh, meu Deus!

— Me perdoe, não é o melhor dos trabalhos, mas é o que eu tenho que fazer.

Diane olhou para o marido e viu quando ele acordou de leve, um vento frio tinha entrado pela janela e sacudido as cortinas. Ele se espantou com o barulho e sentiu o corpo dela frio entre seus braços. Ele ainda a sacudiu, algumas vezes, depois em desespero. Sentiu a pulsação dela e levantou para pegar o estetoscópio na gaveta da cômoda, mas ela não tinha mais batimentos, ele sabia.

Adam deitou ao lado do corpo da esposa morta após ligar para o hospital e para a polícia e ficou depositando beijos no rosto dela por um longo tempo enquanto as lágrimas banhavam o seu rosto.

— Precisamos ir.

— Posso... – ela olhou para o belo anjo e seu enorme par de asas – eu posso me despedir?

— Sim, senhora Bennet.

Diane andou com seu corpo fluido até o marido e beijou o rosto banhado de lágrimas. Acariciou o rosto dele e soprou um "sempre te amarei" ao seu ouvido.

O rosto do corpo vazio era calmo e plácido, e qualquer um que o visse saberia que ela morreu em paz, morreu feliz.

— Vamos... – ela virou-se para o anjo – eu sinto que tenho que estar em algum lugar agora.

— Sim, há uma festa no seio de Abraão, ele aguarda por você até que a cidade celestial venha.

— Abraão, Adam... eu passo do braço deste para o daquele – ela sorriu, mas estava ligeiramente triste – qual o seu nome?

— Meu nome é Azrael, eu sou o anjo da morte.

— Por que salvou minha filha, se a sua tarefa é levar as almas?

— Digamos que eu tenha me apaixonado.

— Isso é uma coisa boa ou ruim?

— Depende do ângulo de vista – o anjo sorriu.

— A morte se apaixonou por ela. Isso significa que ela nunca irá morrer. Isso é bom, não é?

— Todos esperam que sim.

Azrael carregou o espírito de Diane para o alto dos céus como se carregasse uma pluma, o olhar de Diane foi ficando ofuscado por uma luz enorme, brilhante, a medida que ela subia ao alto. E era noite.

Ela sorriu quando se viu pousar num enorme campo verde onde o pai da promessa esperava para acalantar os filhos que lhe tinham sido prometidos, em maior número que os grãos de areia do mar, ou mesmo que as estrelas do céu.

TRINTA E TRÊS



**Desaprendi o amor com você. No dia em que te conheci, experimentei feito
experimenta-se uma dose de cicuta esse seu desamor sempre tão latente. Hoje não
amo mais ninguém nem eu mesmo.**

**E agora que estamos em sintonia e nos tornamos igualmente cruéis, frios e
insensíveis, que tal recomeçarmos do início?**

Oi... Muito prazer em (re)conhecê-la.

J.W.PAPA

Eu estava sentada na beirada de uma ponte. Os carros antiquados, "quadrados", mostravam que eu estava nalgum lugar no passado. Meus sapatos, boneca também mostravam, em conjunto com o vestido reto, cabelo num Chanel curto, concordavam com meus pensamentos.

Foi então que eu vi um rapaz se aproximar. Ele tinha o cabelo penteado à escovinha e um fino bigode sobre os lábios. O terno claro estava ajustado perfeitamente aos seus ombros. Era Theodore.

— Me perdoe... – ele segurava um chapéu panamá nas mãos e cobriu a cabeça assim que me alcançou – por favor, me perdoe...

— Você não cansa disso, não é mesmo? – eu perguntei – não cansa de levar os que amo.

— Eu não gosto disso também, não sabe? Não vê como eu sofro. Eu não deveria ter misericórdia, eu deveria apenas cumprir o que me era ordenado, mas eu não consigo. Eu tenho que olhar para os que ficam, eu tenho que sofrer com eles.

— Theodore, não me diga o que sente. Você deve estar acostumado com isso tudo, mas, e eu? E eu que fico aqui enquanto você some?

— Genevieve – ele me chamou e tentou pegar minhas mãos enluvadas, mas eu não permiti – não me odeie.

— Eu não consigo não odiá-lo! – eu berrei – não vê! Não vê o quanto me faz sofrer? Não vê como eu fiquei quando te vi no quarto ao lado do corpo da minha filha?

Eu tinha uma filha? Aquele sonho estava estranho demais.

— Ela está no céu agora.

— Não me importa! – eu gritei batendo com as mãos no peito dele – eu queria que ela estivesse aqui, comigo... – eu fiz o gesto para mostrar como seria segurar um bebê – ou talvez ela esteja, não é?

Theodore não falou nada. Eu deixei-o de pé enquanto subia no mais alto da ponte. A água parecia estar violenta sob as toneladas de concreto. O dia parecia estar pedindo pela morte de alguém. Eu me equilibrei sobre a beirada da ponte.

— Não faça isso, Genevieve – ele pediu – eu não poderei salvá-la, não poderei interferir.

— Você já interferiu. Eu tinha um marido, eu o amava, você apareceu. Olha para mim! – eu aponte para meu corpo – eu tenho trinta anos e você... Você tem apenas dezoito, eu deveria ter vergonha disso.

— Não é errado amar – ele falou e o cabelo louro dele parecia despenteado – aquela criança era minha também.

— Não! Aquela criança era do August! Não era sua – eu disse – eu menti.

— Eu sei.

— Eu poderia estar mais feliz se eu nunca tivesse te conhecido. Olhe agora... O que me sobrou? Nada... Nada... Não tenho mais meu marido, minha reputação é o tapete no qual as pessoas sacodem a poeira de seus pés, e eu não tenho mais a pequena Lindsay nos meus braços.

Theodore não falou nada, apenas ficou esperando que eu falasse algo mais.

— Por que está me olhando assim? Não tentaria me salvar se eu pulasse? Não faça isso! Eu prefiro morrer a ver seu rosto uma última vez.

— Está destinado, será assim dessa vez, eu não posso impedir, eu não posso interferir – ele falou finalmente.

— Então, adeus, Theodore. Obrigada pelos pesadelos que me causou e pelas noites que passamos juntos.

Dito isto eu me deixei cair da ponte. Com os braços amassando a foto de Lindsay ao meu seio, como se fosse a própria Lindsay nos meus braços. Eu sentia medo, frio, e por fim eu senti a dor quando meu corpo bateu na água nervosa. Eu senti meus músculos se distendendo e então eu naufraguei.

O rosto de Theodore veio em minha direção, alguns momentos depois, mas não era mais ele, era um homem impossivelmente belo. Ele me pegou pela mão e eu senti um peso saindo de mim. Ele me levou novamente para a superfície e eu olhei outra vez para baixo, para o fundo do oceano. Meu corpo ia desaparecendo no escuro a medida que afundava.

— Eu não posso perder você, não ainda... – Theodore disse e eu vi o rosto dele banhado em lágrimas quando ele circulava o mundo numa velocidade anormal.

Abri os olhos, percebi que tudo fora um sonho. Procurei no quarto o motivo de eu ter acordado e vi o meu celular tocar sobre o colchão da cama. Era o número do meu pai.

"Oh, oh, isso não vai ser bom" meu subconsciente reclamou sonolento.

— Pai... – atendi ao telefone e falei com um tom de ansiedade – o que houve? Está tudo bem?

Eu ouvi meu pai soluçar do outro lado e soube que algo viria. Meu pai não chorava por qualquer coisa. Na verdade, eu nunca o ouvi chorar uma única vez até aquele momento.

— Pai... O senhor está me assustando.

— Desculpe... – ele disse após respirar profundamente – querida, eu estou voltando para a cidade. Em alguns dias. Eu não queria te preocupar muito, na verdade eu não queria te preocupar com nada, mas você tem o direito de saber. Sua mãe faleceu há algumas horas.

— O que?! – eu falei alto, olhei o quarto e estava sozinha ali.

— Sua mãe, querida... – ele respirou e falou com a voz embargada – ela não está mais entre nós. Só o que nos resta de consolo é saber que ela dormiu feliz. Ela teve um dia maravilhoso e uma vida maravilhosa.

— Pai... Como o senhor está?

— Eu não estou bem agora, mas eu ficarei bem. Em no máximo uma semana eu estarei de volta à cidade. Sua mãe pediu para ser cremada e queria que as cinzas fossem espalhadas no mar. Eu darei a ela isso, se não se importar.

— Não, de modo algum. Faça como a mamãe pediu. Eu... – eu não conseguia nomear direito o que estava sentindo – eu vou esperá-lo. Vou sair da residência feminina e vou organizar as coisas em casa para quando o senhor chegar.

— Obrigado – ele disse – eu não quero dar trabalho.

— Pai! O senhor não me dá trabalho algum. Eu vou adorar ter o senhor comigo outra vez.

— Eu preciso desligar, tenho que organizar uma papelada.

— Sim senhor. Pai... O senhor sempre vai ter a mim, tá bom?

— Sim, querida. E você a mim. Eu te amo, Paloma. Eu te amo muito, nunca se esqueça disso.

— Não vou.

Meu pai encerrou a ligação. Eu sei que ele tinha coisas a fazer, mas eu também sei que ele tinha que desligar para não desabar na minha frente. Eu nem mesmo sabia direito como tinha acontecido.

Eu lamentava não ter ligado tanto para minha mãe, não ter ligado para saber como eles estavam nos últimos dias, não ter dado um abraço nela antes de ela ter viajado para outro continente (já que eu estava ocupada demais com as coisas da faculdade), eu lamentava por isso.

"Você tem que dizer às pessoas que ama o quanto elas são importantes agora. Nunca sabemos o que pode mudar no amanhã".

Meu subconsciente me aconselhou, ele estava triste como eu. E ficou em silêncio por um tempo, enquanto eu tentava assimilar tudo que me tinha acontecido.

Eu queria chorar, mas eu não conseguia. Talvez a ausência do corpo fosse o ponto. Eu não conseguia chorar sem a prova de que ela realmente tinha partido.

Lembranças da minha vida ao lado dela me encheram a mente. Minha mãe e eu experimentando sapatos de salto, era a minha primeira vez, eu tinha quinze anos. Minha mãe me ensinando a passar batom aos doze. Minha mãe me abraçando depois de um

pesadelo aos dez. Minha mãe me levando para o curso de espanhol aos seis. Minha mãe me levando para a escola aos quatro anos. E tantas outras...

Eu ouvi um barulho no quarto e me movi, com o susto, Theodore já estava dentro do quarto. O cabelo dele estava louro, e eu sabia que já o tinha visto assim antes. Essa lembrança me fez sentir uma pontada forte na cabeça quando as lembranças dos dias anteriores surgiram rapidamente.

— Senhorita Bennet... – ele disse – eu lamento muito.

— Theodore... ou melhor, Azrael.

Eu estava com raiva, muita raiva. Tinha sido ele, eu sabia, tinha sido ele quem levava a minha mãe.

— Eu posso explicar – ele disse – não fui eu, ou melhor, não foi exatamente eu. Foi o outro Theodore. Ele é que é o obediente. Se fosse por mim, eu não teria feito.

— Não, você não entende, Theodore! Foi você... De um modo ou outro foi você.

Eu cobri a boca com as mãos percebendo finalmente no que acarretava ter me apaixonado por ele. Percebendo toda a dor que aquilo me traria.

— O que você fez de errado? – eu perguntei – por que seu lado mau aflorou?

— O outro Theodore não estava satisfeito com a missão que lhe tinha sido dada e brigou com seus superiores, rebelião é pecado, e eu estou aqui a partir de então.

— Há quanto tempo faz isso?

— Um par de horas.

Eu queria poder jogar nele toda a raiva que eu sentia, eu queria poder. Eu estava devastada, embora as lágrimas não descessem. Eu estava sentindo que faltava uma enorme parte de mim agora que minha mãe não estava mais alí para mim.

— Por que tinha que ser ela? – eu perguntei finalmente, as lágrimas me vencendo aos poucos, nascendo do fundo da alma, e eu reclamei – por que, Theodore?! – eu não queria saber se era ele ou não que tinha feito, eles dois estavam no mesmo corpo, eu sabia que ele tinha sua parcela de culpa por simplesmente me fazer amá-lo – por que você fez isso comigo?!

— Eu não posso fazer outra coisa senão pedir que me perdoe, senhorita Bennet.

— Eu não quero perdoar você! Eu não quero!

Eu comecei a dar no peito dele, outra vez. Com raiva, com muita raiva. Eu queria poder parti-lo ao meio, eu queria matá-lo, eu queria que ele morresse por ter feito aquilo com a minha mãe. Ela ainda tinha tanto para viver, tanto!

— Fique calma... – ele envolveu o braço ao meu redor para me controlar, para me segurar e não permitir mais ser ofendido, mas também para que eu pudesse conter minha raiva – eu estou aqui com você, eu sempre estarei.

— Eu não quero mais isso, Theodore...

— Eu sei.

— Você ultrapassou todos os limites agora...

— Eu sei disso também.

— Você! – eu olhei para ele – eu odeio você! Eu o odeio tanto!

— Mas eu amo você, senhorita Bennet...

Ele disse e se aproximou para beijar-me. Eu odiava me sentir cedendo, especialmente quando eu tinha tanta raiva. Eu odiava ver que eu era fraca e que ele poderia me dobrar quando quisesse com um único beijo. Theodore me carregou e me jogou na cama, deitando sobre mim. Meus pensamentos pediam que ele parasse, mas minhas mãos puxavam ele para mais perto. Ele me beijava como se tivesse medo de me perder, e eu o beijava como se aquilo fosse uma despedida, como se nunca mais depois daquilo eu fosse vê-lo outra vez.

Meus sentimentos estavam confusos. A dor, o ódio, a perda, a paixão pelo ser angelical entre meus braços pareciam ser suficientes para me colocar neste estado de quase loucura.

Eu tinha que parar, eu precisava parar. Toda a frustração da minha perda estava sendo jogada alí, e eu só queria ter forças para sufoca-lo sem ar com um dos meus beijos.

— Você quer? – ele perguntou olhando para mim com um olhar perdido e desejoso.

— Eu quero – eu me surpreendi com a minha própria resposta.

Theodore retirou a camisa pelo alto da cabeça, depois fez o mesmo com a minha. Deitou sobre mim ainda com a calça, apenas abaixando-a para se encaixar em mim. Em meio a lágrimas, xingamentos, ódio e uma dor devastadora. Theodore e eu fizemos amor pela primeira vez. Se é que podemos chamar o que fizemos assim.

TRINTA E QUATRO



**Nisto erramos: em ver a morte à nossa frente, como um acontecimento futuro,
enquanto grande parte dela já ficou para trás.**

Cada hora do nosso passado pertence à morte.

SÊNECA

Talvez eu estivesse numa espécie de luto muito confuso. Talvez eu não tenha sabido interpretar direito os fatos e precisasse de algo que aplacasse a minha dor, talvez eu precisasse sentir algo que fosse maior do que a dor que eu sentia. Para isso eu errei, e muito, com a minha atitude.

O que Theo iria fazer, o verdadeiro Theo, quando soubesse o que eu tinha feito? Ele ficaria decepcionado, muito decepcionado, comigo.

Olhei para o lado, o Theo louro repousava na cama, exausto e suado depois da noite que tivemos.

"Você fez a pior burrada da sua vida".

"Fiz mesmo?" perguntei ao meu subconsciente.

"Fez..."

"Mas eu queria, eu nunca quis com o outro, mas com este, eu quis..."

"Com este você se sente melhor, eu acho".

Eu parei de discutir com o meu subconsciente quando eu percebi que ele estava chegando perto demais da verdade. Eu tinha que pensar muito no que eu faria, mas eu não conseguiria aqui, ao lado dele, não quando eu estava cansada demais para lutar contra o sentimento que eu ficava ao lado dele.

Levantei-me devagar, me vesti, e eu sabia que Theodore acordaria pelo barulho, mas eu não queria ficar muito tempo mais ali. Vesti a minha roupa, peguei minha carteira, quando ia sair pela porta, ele disse:

— Quer que eu te leve? Não é muito seguro para uma garota andar sozinha a estas horas.

Parei e respirei fundo antes de virar para ele outra vez.

— Eu acho que... – eu tinha que ser firme – eu acho que eu não quero. Eu estou confusa, Theodore. Eu não sei exatamente o que eu tenho que fazer agora, ou como me comportar. Eu não sei como eu devo estar com você, se você está neste estado. Você não é o meu Theodore, e eu me entreguei a você.

— Eu tenho a minha parcela de culpa – ele levantou e cobriu as partes íntimas com o lençol, – eu apenas estava com uma saudade absurda demais de você para tentar clarear os seus pensamentos. Sou tão culpado quanto você.

— Eu não disse que nenhum de nós tem culpa. Eu só disse que eu estou confusa. – Theodore olhou para mim esperando que eu falasse mais alguma coisa, mas eu não tinha muito a falar – eu realmente tenho que ir, me leva até a porta?

— Tá bom, eu vou vestir alguma coisa.

Ele deixou o lençol cair e se vestiu na minha frente.

— Theodore!

— O que foi, senhorita Bennet? Está envergonhada? Você já fez bem mais do que apenas olhar para mim, pode ter certeza.

Virei de costas e deixei-o se vestir. De uma maneira incontrolável, mordi os lábios, me lembrando das cenas de pouco tempo antes.

— Se você ficar fazendo isso... Eu vou ter sérias dificuldades de me concentrar para me vestir.

— Isso o que?

— Pensar em nós dois.

— Me desculpe.

— Não se desculpe. Isso é pior do que pensar.

— Então o que quer que eu faça, Theodore? – perguntei virando abruptamente para ele, eu sabia que ele já teria se vestido.

— Eu quero que pare de se culpar. Não tente bancar a durona, eu sei que sente falta de sua mãe, e eu sei que a sua forma de sentir a dor foi provocando uma maior ainda em si mesma, ficando comigo e não com o meu lado bonzinho. Eu quero... – ele pareceu se descontrolar um pouco – pelo inferno, eu quero que me ame.

— Você é mau. O que você sabe sobre o amor?

— E o que você sabe, senhorita Bennet? Apaixona-se por um lado de um homem, mas entrega-se a outro.

— Você é realmente muito mais burro do que eu pensei – eu disse, mesmo sabendo que eu estava diante de um arcanjo detentor de muita sabedoria, ele não era tão esperto quando o assunto era mulheres.

— Então me explica, senhora da sabedoria – ele ironizou.

— Eu me apaixonei por todos os lados desse arcanjo.

Ele ficou sem fala por alguns momentos. Ia falar alguma coisa, depois de um tempo, mas eu o interrompi.

— Eu só não sei se eu fiz isso certo, eu realmente não sei. Fica aí, por favor. Se eu for embora e você me acompanhar, eu não sei se vou conseguir dar a minha mente a paz que ela precisa. Eu sei que tudo aquilo que você falou sobre cumprir o que lhe é ordenado é oficial, mas eu estava com raiva, muita raiva, do Theodore obediente e bonzinho. Talvez tenha sido por isso que eu me entreguei a você, para castigá-lo.

— Então não vejo fundamento para essa discussão. Qual o problema contigo?

— O problema comigo é que eu não imaginei que eu fosse gostar. Eu vou embora. Quer saber, não precisa me acompanhar. Eu vou de táxi. Eu realmente não quero mais bagunça para minha cabeça. Eu tenho que viver meu luto.

— Se precisar de mim, me chame.

— Tomara que eu não precise, mas se eu o fizer, eu chamarei.

Saí me sentindo o maior lixo do mundo, eu tinha brincado com os sentimentos de todo mundo. Com os dos dois lados de Theodore, comigo mesma e com meus sentimentos. Eu não sabia o que eu tinha que fazer agora.

Peguei um táxi para a residência feminina e informei a Isabela que eu me mudaria, e que ela poderia encontrar alguém para substituir a minha vaga no dormitório feminino, já que eu moraria com meu pai.

Não contei sobre a morte da minha mãe. Agora que eu tinha me lembrado da traição dela e de Theodore no sofá da sala, eu sabia que eu não deveria confiar nela. Eu comecei a organizar minhas roupas em bolsas, pelo menos as principais: minhas roupas e os meus livros. Eu deixaria os móveis que tinha comprado para a próxima ocupante do quarto.

Nem esperei o dia raiar para sair de lá. Peguei a minha bolsa com a roupa, e a mala de rodinhas com o livro, e entrei novamente num táxi que eu tinha pedido há pouco e que já tinha chegado.

Algun tempo passou e eu cheguei à casa de quatro andares em que eu morava. Toda a casa parecia estar entristecida com a partida da minha mãe. E, só agora, estando no lugar onde as fotos dela decoravam todas as paredes e as mesinhas laterais, é que eu conseguia sentir a verdadeira falta que ela faria.

Estar perto de Theodore sempre nublava os meus pensamentos, agora, sozinha, eu conseguia sentir a verdadeira dimensão da minha perda.

Joguei a minha bolsa no chão, deixei a mala com os meus livros ao lado da porta e passei a chave na casa. Retirei o lençol que cobria o divã, já muito empoeirado, já que a casa estava inabitada por um tempo, e deitei alí. Finalmente caindo no sono depois de muito lutar para que as lágrimas cessassem.

* * *

Eu dormi por um dia inteiro.

Quando acordei, uma dor de cabeça me presenteava com belas palpitações na frente da testa. Eu sentia fome, mas não tinha animo para comer. Eu tinha sede, e só por isso levantei para tomar um pouco de água com meia dúzia de aspirinas.

Deitei no divã favorito de minha mãe, fiquei observando os retratos dela por todos os lados, em muitos deles ela me tinha em seus braços, e eu dormi outra vez. Por mais um dia.

* * *

Finalmente as lágrimas cessaram, três dias depois, quando meu pai ligou para me informar que chegaria em apenas três dias. Eu tinha que parar de sentir pena de mim mesma pelas besteiras que eu tinha feito e me concentrar em ser uma boa filha enquanto meu pai estivesse em casa.

Eu tinha que ajudá-lo a se reerguer, mesmo que eu ainda não estivesse totalmente inteira, eu tinha que juntar os pedaços dele.

Liguei para um dos amigos do meu pai, que tinha uma pequena empresa de serviços gerais, e os chamei para ajudar na organização da casa. Eu não conseguiria fazer tudo sozinha.

Eles chegaram e começaram a organizar o térreo. Um conjunto de duas moças e três homens que eu não conhecia. Enquanto isso acontecia, eu fui para o quarto dos meus pais, arrumá-lo sozinha. Eu não queria que outra pessoa fizesse isso.

Comecei retirando os lençóis que protegiam os móveis, depois a cama. Troquei o tecido de linho que envolvia a cama num dossel. As cobertas da cama. Eu não retiraria os retratos do aparador perto da porta. Meu pai amava demais minha mãe para querer afastar as lembranças dela assim.

Passei pano nos quadros da parede, e chorei mais um pouco quando organizei a penteadeira da minha mãe. Com os seus perfumes favoritos, com seus grampos de cabelo, seus anéis de pedras. Tudo dela estava ali, inclusive a pouca maquiagem, limitada a batons e alguns blushes. Acho que peguei o costume de usar pouca maquiagem dela.

Peguei um dos frascos de perfume da minha mãe e fiquei para mim, eu sei que se ela estivesse aqui ela não brigaria, e se meu pai estivesse ele não iria se importar. Até o final da tarde a casa estava finalmente organizada, e eu poderia tentar comer alguma coisa.

Quando finalmente terminamos tudo, paguei os funcionários com o dinheiro do cofre da casa, que eu sabia a senha, e me despedi deles.

Pedi alguma comida, finalmente, já que havia dois dias que eu me movia somente à base de água e eu começava a sentir tonturas. Depois disso, eu não tinha mais coisas a fazer. Eu não queria chamar Theodore, não ainda, eu não queria ter que encará-lo quando eu estava devastada, ele confundiria tudo o que eu sinto, e eu não queria pensar que ele já poderia estar bom outra vez. Eu não teria como me justificar diante dele.

Meu telefone tocou outra vez, e eu não reconheci de imediato o número no visor.

— Alô?

— Senhorita Bennet, é o seu professor. Michael Emerson. Gostaria de saber sobre as suas justificativas para ter faltado as aulas nos últimos dois dias.

Antes de responder observei o horário no celular, ainda eram cinco e meia, ele ainda tinha tempo para me ligar, a escola permitia a ligação dos professores até as seis para os alunos.

— Professor, perdoe-me por não avisar. Eu gostaria de ter mais tempo para me preparar psicologicamente para esta conversa, mas o senhor a adiantou, então se eu desabar, não se espante.

— O que houve, senhorita Bennet?

— Minha mãe faleceu há alguns dias.

Emerson ficou quieto por um tempo, até que percebi que ele estava escolhendo as palavras para poder conversar comigo.

— A senhorita está bem? Eu lamento muito ouvir isso, a escola não me alertou sobre o ocorrido, senão eu não teria ligado. Estou profundamente embaraçado. Meus sentimentos.

— Não, a escola não tem como saber. Meu pai se ocupará de levar a documentação assim que chegar a Seattle. Ela não faleceu aqui, por isso a demora.

— Eu posso fazer alguma coisa pela senhorita.

Ele parecia realmente preocupado. Eu não queria ficar pensando nisso muito, e eu não queria mais ficar sozinha em casa, eu tinha medo dos pensamentos que poderiam vir se eu estivesse sozinha. Acabei me abrindo para um total estranho.

— Eu não quero ficar sozinha, eu... Eu acabo tendo ideias tristes, não queria isso.

— Onde a senhorita está?

— Estou em casa. Quero dizer, na casa dos meus pais. Por quê?

— A senhorita não ficará sozinha, eu estou indo para aí.

— Professor?

Ainda chamei, mas ele já tinha retirado o telefone do ouvido e em pouco tempo tinha desligado.

TRINTA E CINCO



É um não querer mais que bem querer.

É solitário andar por entre a gente.

É um não contentar-se de contente.

É cuidar que se ganha em se perder.

É um estar-se preso por vontade.

É servir a quem vence, o vencedor;

É um ter com quem nos mata a lealdade.

[...] É só o amor, é só o amor.

Que conhece o que é verdade.

Ainda que eu falasse a língua dos homens.

E falasse a língua do anjos, sem amor eu nada seria.

RENATO RUSSO

Emerson não era tão íntimo meu assim para me visitar em minha casa. Eu quis dizer-lhe que eu definitivamente não necessitava de suas visitas, e que eu não precisava de suas atenções, ele já tinha encerrado a ligação.

Eu não sabia sequer como eu deveria recebê-lo. Pois, apesar do certo interesse que ele tem mostrado pelos assuntos que tangem a mim, eu não me sentia confortável perto dele.

"Eu não me sinto confortável perto do Emerson" meu subconsciente me informou.

"Eu também não" eu concordei.

Emerson nunca fora um professor conhecido por ser dos mais carismáticos. Quando ele chegou à faculdade, para substituir um dos professores que tinha tirado licença médica, eu ainda nem estudava lá.

Um ano depois eu cheguei à faculdade. Os corredores ainda não tinham se cansado do assunto novo: o professor Emerson era lindo e disponível. Apesar de ele não dar entrada para nenhuma das investidas das alunas, elas não cansavam.

Este semestre, quando eu "caí" na turma dele, nada parecia anormal no começo. Ele continuava com aquela postura séria e respeitosa que o mantinha afastado de problemas com as alunas mais atrevidas e eu era a aluna que chegava atrasada às aulas porque não conseguia não ceder ao sono, mesmo depois de repetidos alarmes.

Eu não sei exatamente quando as coisas mudaram, já que eu não me achava suficientemente atraente para que ele mostrasse um interesse por mim, mas eu sei que o tratamento mudou. Uma preocupação sem sentido com o meu semestre (provavelmente perdido) e repetidas tentativas de ficar a sós comigo.

Agora, como se tudo já não fosse estranho demais, ele estava vindo à minha casa preocupado com o meu estado de espírito com o luto da minha mãe.

Meia hora se passou e eu ouvi a campainha da casa anunciando que eu tinha um convidado nem tanto desejado. Eu tinha me vestido e desci as escadas para atendê-lo. Pensando em como eu o recepcionaria, já que eu realmente não fazia idéia do que ele estava fazendo ali.

"Mantenha a cordialidade, e chame Theodore se precisar" meu subconsciente alertou.

"Eu não posso chamá-lo, não ainda" eu disse.

"Você vai ter que chamar".

"Ok, você venceu".

Meu subconsciente, ultimamente, vinha vencendo todas as discussões comigo.

— Professor Emerson – eu o cumprimentei assim que abri a porta, e fui direta – o senhor não precisava ter se dado ao trabalho de vir até aqui, eu conseguiria me virar sozinha.

— Eu realmente estava preocupado com o seu tom ao telefone. Já passei por perdas também, algumas pessoas precisam ficar sozinhas nesse momento, outras não devem.

— Tudo bem.

— À proposito, eu lamento muito por sua perda, muito mesmo. Espero que saiba que tudo ficará bem com o tempo, que toda dor passa.

— Obrigada – eu disse e, sem saber ao certo como agir, convidei-o a entrar – o senhor quer entrar? Eu posso fazer um chá ou café?

— Eu gostaria de entrar. E não precisa se preocupar comigo, eu estou bem. Não quero dar trabalho.

"Então o que esse homem está fazendo aqui?" meu subconsciente parecia furioso.

Emerson sentou-se no sofá, esperando que eu sentasse perto dele, e eu esperei apenas que ele escolhesse um lugar para escolher o lugar oposto. Eu não queria ficar tão perto, não sabia exatamente a razão. Só queria manter distância.

— A senhorita quer falar sobre o que aconteceu?

— Na verdade, eu não sei exatamente como aconteceu. Meu pai me ligou há alguns dias, ele me contou sobre o que aconteceu. Disse que minha mãe seria cremada e então ele viria para Seattle outra vez.

— Então, seu pai não está em casa?

"Não diga que está sozinha!" meu subconsciente alertou.

— Achei que eu tivesse falado sobre isso ao telefone – eu disse – meu pai chega em breve – tentei consertar a besteira que tinha falado quando meu subconsciente fez cara feia para mim.

— Perdoe-me, não me ative aos detalhes.

Eu coloquei as mãos no colo e fiquei olhando de um lado para outro, sem saber o que fazer ou o que falar. Sem nem saber por que eu tinha aberto a porta para ele.

— Senhorita Bennet, se não importa – ele disse – eu gostaria do café agora.

— Sem problemas – levantei apressada, aliviada por não precisar ficar perto dele por um tempo – eu vou até a cozinha. Como o senhor gosta do café?

— Como a senhora preferir fazer.

— Ok.

Andei até a cozinha e respirei aliviada por deixar escapar de mim uma tensão que eu nem sabia que sentia. Coloquei uma das cápsulas de café na máquina cara que minha mãe tinha dado de presente ao meu pai, e esperei que ela terminasse o serviço.

Após alguns minutos, levei o café à sala, mas o professor não estava mais sentado onde o deixei, estava de pé observando os montes de fotos num arranjo de molduras numa das paredes da sala. Fora minha mãe quem as tinha tirado, e fora ela que organizara o arranjo com um esquema que contava a história da nossa família.

— Você nasceu com os olhos castanhos – ele disse – em que momento eles ficaram azuis?

— Minha mãe disse que meus olhos clarearam ao longo da minha vida – eu disse – eu não sei em que momento, exatamente, eles chegaram nesse tom.

Eu entreguei o café a ele, que tomou praticamente de um gole, apesar de o líquido preto, quente, ter acabado de sair da cafeteira.

— Estava delicioso, muito obrigado – ele disse e colocou a xícara sobre a mesinha de porta-retratos.

"Que mal educado" meu subconsciente notou.

Emerson continuava observando as fotos, com certa curiosidade, até que num momento estranho, ele começou a sorrir como se estivesse constatando algum fato óbvio.

— O que houve? – perguntei quando o riso dele já estava começando a me ofender.

— O que houve é que eu sou um fodido de um filho da puta burro. Isso que houve – ele olhou para mim – eu procurei tanto pela minha remissão, e ela estava bem à minha frente. '

— Do que está falando? – eu dei um passo atrás.

Meu subconsciente avisou:

"É hora de chamar Theodore, sua idiota!"

— Foi por isso que meu irmão foi morto? – ele falou num tom estranho, a voz dele não condizia mais com o timbre conhecido – por que ele soube o que você era?

— E o que eu sou?

— Você é a minha passagem de volta para o paraíso – ele disse e retirou de uma cinta dentro do blazer um punhal longilíneo prateado, com detalhes de cruzeiros e pedras vermelhas – e eu estou pronto para viajar agora.

Eu corri para me afastar dele, mas eu imaginei que, se ele quisesse, ele já teria me matado muito facilmente. Ele queria brincar comigo primeiro, como gato e rato.

— Corra, senhorita Bennet – ele disse com uma voz rouca e gutural totalmente estranha – por mais longe que esteja, não conseguirá escapar de mim.

Ele passou o dedo, com cuidado, na lâmina pontiaguda e olhou para mim fixamente. O olhar dele era vazio, escuro. Exatamente como o olhar do ser que tentou me matar uma vez com este mesmo tipo de lâmina. As lembranças afloravam em minha mente mesmo que eu não quisesse observá-las. Era quase como o filme que dizem passar diante dos seus olhos quando se está prestes a morrer.

Eu ia correr, outra vez, mas estava praticamente resignada. Eu só tinha conseguido alcançar a porta, mas eu a tinha trancado depois que ele entrara e eu não teria tempo de escapar se ele corresse atrás de mim.

— Ore, senhorita Bennet, para que encontre perdão – ele disse e estava se aproximando com passos largos enquanto erguia o braço que segurava o punhal pronto para desferir um golpe.

"Theodore, adeus..." eu e meu subconsciente nos despedimos ao mesmo tempo e fechamos os olhos.

Eu esperei que a lâmina fosse cravada em mim, esperei aquela sensação de um metal frio deslizando contra a sua pele, mas não a senti. O punhal era longo e fino o suficiente para ser indolor?

Abri os olhos, devagar, pensando que talvez fosse errado, já que ele poderia estar brincando comigo, e vi Theodore de pé, à minha frente, segurando o pescoço do professor Emerson numa mão.

Ele virou para mim e deu um sorriso torto:

— Sentiu saudades, senhorita Bennet?

Theodore deu alguns passos para frente, se afastando de mim. A sala estava trancada, mas um vento estranho se formava ao redor de nós, derrubando os porta-retratos das mesas e das paredes, balançando as cortinas das janelas.

Theodore ergueu o professor Emerson ainda mais para o alto, com apenas uma mão, e Emerson deixou o punhal cair enquanto tentava se livrar do aperto da mão de Theodore.

O vento da sala balançava o cabelo louro de Theodore para todas as direções, e eu comecei a ouvir um tremor vindo do fundo da terra que começou a balançar os móveis e a fazer tremer o lustre da sala.

Theodore começou a falar numa língua estranha com uma voz grave e que me fazia temer. Apesar da língua estranha, eu entendia exatamente o que ele estava falando.

ידי על שלך הנוצריים החיים התחלת? טיפש כך כל להיות יכול אתה אֵיך—
משלהם כוחות ידי על הסוף עד ללכת רוצה ועכשיו אל והים רוח של כוח

"Como é que vocês podem ter tão pouco juízo? Vocês começaram a sua vida cristã pelo poder do Espírito de Deus e agora querem ir até o fim pelas suas próprias forças?"

O vento ficou ainda mais forte na casa e os móveis eram arrastados de lugar alguns centímetros. Chamas começaram a lamber os pés de Theodore e a subir lentamente por suas pernas. As chamas não queimavam o chão ou mesmo Theodore, as chamas pareciam abraçá-lo, ou mesmo brotar de dentro dele.

— Theodore falou outra vez, e eu compreendi, pois eu sabia que ele já tinha me ensinado a falar essa língua algum dia no passado.

"Será que as coisas pelas quais vocês passaram não serviram para nada? Não é possível!"

As chamas continuaram a subir por ele, desta vez cobrindo todo o tronco e escalaram, como serpentes, pelo braço estendido de Theodore. O cabelo de Theodore, antes louro, escureceu assim que as chamas tocaram os fios e o olhar dele, todo o olhar, transformou-se numa intensa luz azul que refletia no olhar totalmente escurecido de Emerson.

אל והים קללת תחת נמצא לח וק בספר שכתובמה לכל לצ' יתתמיד לא מ'—

"Quem não obedece sempre a tudo o que está escrito no Livro da Lei está debaixo da maldição de Deus."

Theodore fez as chamas ao redor dele aumentarem e elas se posicionaram ao redor dele, como uma enorme bola de fogo, as chamas começaram a lamber o rosto de Emerson e ele começou a gritar enquanto se sacudia tentando escapar.

De onde eu estava, eu conseguia ver o rosto de Theodore, totalmente transfigurado numa imagem temível e o rosto assustado de Emerson empalidecendo aos poucos.

— Você vai matá-lo! – eu ainda gritei, mas Theodore não parecia me ouvir. Ele apertou ainda mais o pescoço de Emerson em seus dedos e eu imaginei que a qualquer momento ele poderia quebra-lo com facilidade.

— אלוהים על מקו בלה וא, האמונה דרך, מ' לח' ות'.

"Viverá aquele que, por meio da fé, é aceito por Deus."

Theodore falou por último e eu vi quando Emerson começou a ser envolvido pelo fogo que surgia de Theodore. Eu fechei os olhos para não vê-lo queimar, mas quando não ouvi mais gritos, reabri-os, e apenas vi milhares de pequenos pontos de fagulha descolando do corpo de Emerson e se dissolvendo no ar como se alguma parte dele estivesse se incendiando e se dissolvendo para o espaço.

Quando as fagulhas cessaram, o olhar de Emerson estava apagado e sem vida. O fogo ao redor de Theodore cessou e ele jogou Emerson ao chão.

Eu tremia por tudo que tinha acabado de ver, e temia por causa do corpo de Emerson jogado no chão da sala. Ele tinha morrido?

— Não, ele não morreu – Theodore falou em resposta aos meus questionamentos – ele estava possuído, eu expulsei o que estava dentro dele.

— Expulsou? Como?

— Como se expulsa um demônio? Pela palavra soberana de Deus – ele disse – ele não lembrará de nada quando acordar – Theodore passou as mãos sobre o rosto dele e a palidez de Emerson se transfigurou num sono calmo e tranquilo – você não deveria ter visto isso, é demais para seus olhos aceitar.

— Eu vi tudo, e aceitei muito bem – eu disse – eu entendi, entendi o que você estava falando.

— Entendeu? – ele perguntou juntando as sobrancelhas e se levantando para vir para perto de mim – como?

— Eu não sei – eu disse ao reconhecer a língua que ele estava falando – acho que pelo meu pai ser judeu, ele sempre lia a bíblia em hebraico para mim.

— Deve ser por isso – Theodore virou o rosto para olhar para Emerson outra vez, ele ia se afastar mas eu peguei as mãos dele – Não, já está tudo bem, não está? – eu perguntei – por favor, me abraça, eu fiquei com muito medo.

Theodore se deixou aproximar, mas eu apenas o abraçava, ele não fazia o mesmo.

— O que foi?

— Não foi nada, Paloma – ele disse se afastando – eu apenas cumpri meu dever de proteger você. Não encare isso como algo que não deve ser.

— Do que está falando?

— Você dormiu com o meu lado mal, eu sei.

TRINTA E SEIS



Ó doçura da vida: Agonizar a toda a hora sob a pena da morte, em vez de morrer de um só golpe.

WILLIAM SHAKESPEARE

Theodore tinha um olhar raivoso. Ele não parecia estar em si mesmo, ele parecia muito transtornado, mas, acima de tudo, ele parecia decepcionado.

— Eu estava confusa – eu disse – eu estava com tanta raiva de você, que não imaginei uma forma pior de castigá-lo.

— acredite – ele disse – funcionou direitinho.

— Theo...

— Não, Paloma Bennet – ele usou meu nome inteiro, isso era um péssimo sinal – o que você falar agora, não vai alterar nada. Eu não posso mudar o fato de que a amo, mas também não posso fingir que isso não me frustrou, por que me frustrou e muito.

Eu não falei nada, o humor dele era ácido, e as palavras eram venenosas.

— Quer saber? Acho que isso não importa para você, não é mesmo? – ele olhou diretamente para meu rosto – você nem mesmo parece arrependida. Acho que deve ser grata ao meu outro lado – ele disse – afinal de contas, ele me permitiu vir aqui e salvar sua pele. Ame meu lado mal, ele consegue ser benevolente quando quer.

— Não, Theodore, você não entende. Eu amo você. Eu sonhei conosco. Eu amo você, independente de quem você seja. Independente do casulo que use. Eu simplesmente o amo porque eu sei quem você é de verdade, eu amo todas as partes de você.

— Isso não faz muita diferença agora – ele disse com um tom frio.

— Por que diz isso?

Theodore andou até Emerson e, com muita cautela, pegou o punhal que estava caído ao chão. Ele cheirou o metal e comentou:

— Ferruginoso, ocre, poderoso... – ele completou – Sangue.

— Sangue? – eu perguntei, já que não sabia o que ele queria dizer com aquilo.

— Sim, sangue dos filhos dos anjos desviados, não forte o suficiente para que seja de um descendente dos anjos e das mulheres, provavelmente é da mistura entre o Nephilim e um humano.

— Por que ele usaria isso?

— Pergunte-se a si mesma.

— Eu, verdadeiramente, não sei.

— Emerson, ou o quem quer que fosse aquele dentro dele, provavelmente descobriu que você já deveria ter morrido há tempos, e veio em busca do seu ser para levar como oferta aos céus para que ele fosse aceito outra vez no átrio celeste. O sangue não iria matá-la, mas a deixaria fraca até que ele entregasse seu espírito ao Sheol.

— Eu deveria ter morrido?

— Sim, como você mesma disse. Os seus sonhos. Paloma... – ele deu um passo para perto de mim segurando o punhal, instintivamente eu me afastei – eu não vou machucá-la, eu já disse. – ele envolveu a lâmina em um pano que tirou do bolso da roupa e a guardou no bolso da jaqueta – Você já devia ter morrido há muito tempo, muito mesmo...

— Aos treze anos?

— Não, antes disso. Você já foi tantas... Eu me apaixonei por você em todas elas. Eu... – ele escolheu as palavras – eu somente não estou pronto para te perder.

— Eu me lembro do meu sonho, mas... Eu não me lembro de nenhuma outra além desta. Eu sinceramente não lembro...

— Você não poderia lembrar. Eu sempre apago a sua memória, você enlouqueceria com a verdade. Eu faço isso porque não saberia viver condenado a uma existência sem você. Eu sempre espero que você me note, e quando isso acontece, temos que selar o acordo entre nós dois outra vez. Eu tenho que ficar ao seu lado desde que aceite ser minha. Eu não poderia ficar ao seu lado sem pô-la em perigo de alguma outra forma.

— Eu não entendo.

— Eu sou a morte, Paloma – ele disse como se uma tonelada estivesse sobre seus ombros – eu rodearei de morte aqueles que estiverem perto de mim. Eu não sou mal... Eu não os levaria por minha própria vontade, mas quando eu recebo ordens, sempre me dói levar aqueles que eu observei desde tempos povoando a terra.

— Você sofre?

— Como jamais poderia descrever.

— Os anjos não deveriam ter misericórdia, você mesmo disse.

— Não deveria, mas, se eu não tivesse, você não estaria aqui comigo. E eu já teria sucumbindo há muito tempo.

— Por que eu? – eu perguntei – por que eu entre tantas?

— O coração escolhe aquele a quem vai amar? – eu neguei com a cabeça, ele completou – muito menos podem escolher os anjos. Podemos lutar contra a tentação, mas nunca fingir que ela não existe. E você foi uma tentação maior do que as forças que eu tinha para resistir.

Eu quis me aproximar para tocar no rosto dele, mas ele ainda estava triste comigo. Muito, e não permitiu que eu o fizesse. Eu recolhi a mão que tinha estendido e ele se abaixou para pegar o corpo mole de Emerson e jogar no próprio ombro.

— Eu vou levá-lo para a casa dele – ele disse – ele ficará confuso por algum tempo, mas depois voltará ao normal.

— Confuso?

— Sim, ele estava com outra coisa, que não ele, controlando as atitudes dele, há não sei quanto tempo.

— E você não tinha como saber disso?

— Não. Os anjos não são oniscientes, eles só sabem aquilo que lhes é revelado. Se eu soubesse disso há mais tempo – ele ajustou mais o corpo dele para nivelar o peso que parecia ser nulo para sua força – esta cena não teria acontecido. Achei que ele era apenas um professor querendo dar encima de uma das alunas dele, sem saber como ganhar uma abertura.

— Eu não o convidei para vir aqui – eu senti a necessidade de explicar – eu apenas disse que me sentia só e, quando vi, ele já tinha vindo para minha casa.

— Eu já sei disso. Eu vasculhei seus pensamentos assim que cheguei.

— O que estava procurando?

— Não sei. Quem sabe mais sinais de infidelidade? – ele falou num tom amargo, machucado – eu realmente tenho que levá-lo agora, e quando eu voltar, eu te levarei a um local seguro.

— Sua casa?

— Não. Eu não quero ter que conviver contigo enquanto estou com raiva, eu seria hipócrita, mas a levarei para um local onde estará a salvo.

— Meu pai está vindo, ele vai querer me ver em casa quando chegar.

— Não discuta comigo sobre isso, por favor. Eu vou fazer o que é melhor para você. Ninguém está atrás de seu pai, está atrás de você.

Theodore abriu a porta e olhou para dentro da casa depois de olhar para meu rosto.

— Me perdoe pela bagunça – ele disse – eu tentei conter o fogo da Palavra o máximo possível, para não destruir sua casa, mas foi o máximo que consegui – ele deu um sorriso que lembrava o meu sorriso torto favorito.

— Tudo bem, eu digo ao pessoal da empresa de limpeza que eu tive um ataque de histeria – eu sorri timidamente de volta – vai que eles me dão um desconto.

— Eu volto em breve.

Ele parou de sorrir e eu vi quando aquela sombra de decepção se instalou no rosto dele novamente, como uma máscara fria. Theodore deu passos para fora da casa e então deu um impulso como se quisesse saltar e eu vi quando um par de asas claras como a neve se abriu e ele se movimentou rápido para longe de onde eu estava.

Sentei na escadaria da entrada da casa observando o lugar para onde ele tinha ido, a uma velocidade anormal, e controlei os pequenos espasmos de medo que meu músculo ainda sentia.

Eu devo ter fechado meus olhos por dez segundos apenas, e eu ouvi o arrufar das asas de Theodore novamente. Ele se aproximou e ficou de pé há alguns passos de mim.

— Emerson já está em segurança, em sua casa – ele disse – nós temos que ir agora.

— Eu posso parar de tremer primeiro? – eu pedi percebendo que a adrenalina do susto sobre o que eu tinha passado, só estava chegando agora.

— Não, você pode parar de tremer no caminho.

Ele pegou minha mão e eu fiquei pensando se ele não ia mesmo me dar tempo para fechar a casa, a fim de que ninguém a roubasse.

— Não, eu volto aqui para organizar tudo e a tranco.

— Theodore! – eu puxei minha mão da dele e perguntei – o que foi? Por que está tão apressado?

— Eu preciso deixá-la num lugar que ninguém conheça ou possa descobrir onde você está.

No mesmo momento que ele disse isso, o olhar dele desviou de mim para o céu alto à nossa frente, acima do enorme jardim na frente da casa, o jardim pavimentado com paralelepípedos de concreto. Eu não sabia o que ele olhava, mas vi quando o medo passou pelo rosto dele.

Num momento, os paralelepípedos estavam organizados disciplinadamente no chão, como os pedreiros tinham colocado no dia de sua fundação, no outro, ouvi um peso enorme caindo sobre eles e eles foram amassados para o fundo da terra, como se tivessem sido prensados pelo impacto.

As luzes do jardim começaram a oscilar e a temperatura ficou fria repentinamente. Muito fria. Tão fria, que cristais de gelo começaram a se formar ao redor do local do impacto, cobrindo as flores cuidadas do jardim. Não havia nada alí, ninguém, pelo menos meus olhos não viam, mas eu ouvi uma voz falar com Theodore.

— Escondendo o ouro de mim, irmão?

Theodore me colocou atrás dele, querendo me proteger de algo que eu não via, ele respondeu:

— Shemhazai, o que quer aqui?

— Não sejas tolo, irmão meu – ele disse – eu vim atrás dela, e tu o sabes. Se tu querias se esconder, não deverias ter usado os teus poderes para eliminar um simples demônio, tua luz foi vista até os céus. Devo parabenizá-lo, seu poder é esplendoroso, Azrael.

Eu não via ninguém, mas ouvia a voz grossa falando com ele e sabia que não estava segura. Eu deveria tê-lo ouvido e não reclamar, eu deveria ter sumido de lá mais cedo.

— Deixe-a viva, faremos uma troca.

— Uma troca? O que tu poderias ter e que fosse de meu interesse? Bem sabes que meu objetivo, até o fim, é unicamente destruir toda essa raça. Não me ofereças comparações esdrúxulas. Mesmo que me oferecesses o mais alto posto nos céus, eu não iria trocar o prazer desta morte pela vida.

Theodore percebeu que não tinha escolha.

— Istehar, eu posso te oferecer Istehar – Theodore disse.

— Não quero Istehar. A parte boa do meu coração se foi com ela quando a perdi pela primeira vez. Que ela descanse em plêiades para sempre. Eu quero dissolver um demônio na ponta da minha espada.

Eu comecei a ouvir passos, não via ninguém, mas os passos estavam ali. Se aproximando, firmes e pesados, do local onde Theodore e eu estávamos. Eu ouvi uma espada sendo desembainhada, mas eu não conseguia ver o metal, apenas ouvi-lo sendo arrastado nos paralelepípedos de concreto deixando causando faíscas e deixando um rastro de sangue.

"Sangue nefilim" meu subconsciente soprou "a única coisa capaz de matar a um anjo".

Eu senti meu corpo estremecer, eu não sabia por que eu tinha tanto medo. Os cristais de gelo continuavam a se formar a medida que os barulhos dos passos pesados mostrava que aquilo que se aproximava estava mais perto.

Theodore queria me proteger, mas eu não sabia como ele faria isso, não quando ele temia por mim e por si.

"Ele não pode voar, ele era apenas um anjo sem asas quando se corrompeu" ele continuou "me perdoe por isso".

— Muito bem, a vitória é tua, Shemhazai. Se tu preferes ter o prazer da morte em tuas mãos do que o amor da tua vida, eu terei todo o prazer de entregar uma adúltera em tuas mãos. Essa não soube sequer zelar o trabalho que venho tendo, por todos os séculos, para

esconder seu espírito de todos, e dorme com os maus... – Theodore me olha com algo que parece nojo – ela é toda tua.

Ele bate as asas, recém-abertas, e vai para longe de mim. Eu estou sozinha. Sozinha diante do desconhecido, sozinha diante de algo que não consigo ver, mas que temo como temeria o inferno. Eu vejo as gotas de sangue derramarem nalgum local e ouço quando a espada, invisível aos meus olhos, corta o vento e é empunhada para ser virada para a minha direção.

De repente, a lembrança de minhas vidas anteriores passa diante dos meus olhos. Theodore está em todas elas, e quando eu penso que vou morrer e que fui traída por Theodore. Eu o vejo voltando do alto dos céus com velocidade, ele se precipita para mim e eu me sinto enervada quando ele arranca o meu espírito do meu corpo.

Tudo se passa lentamente.

Eu vejo os meus braços perdendo a força, eu vejo quando o meu corpo é traspassado por uma espada de quase um metro e meio, e eu vejo Theodore me levando nos braços já há uma certa altura para longe de Shemhazai e sua espada amaldiçoada pelo sangue dos filhos.

Eu não entendo como sei destas coisas.

Finalmente a imagem de Shemhazai é vista por mim, já que meus olhos humanos não mais me limitam e eu sou apenas um espírito outra vez.

Ele não tem um rosto visível. Está coberto por uma roupa de guerra e tem uma proteção de lâminas por todo seu braço direito, a mão que ele empunhava a espada. A capa preta, que cobre o seu rosto e boa parte do seu corpo, é puída e velha, muito velha, como se estivesse coberta da poeira de muitos anos, e ele é muito alto e muito mais forte que Theodore.

Eu olho para o rosto de Theodore, que olha para meu espírito sendo carregado por suas mãos e eu choro. Eu nunca soube que espíritos conseguiam chorar, ou sentir saudades... Eu sentia saudades do meu pai.

— Me perdoe... – Theodore disse – eu não estou pronto para te perder, eu não quero te perder para sempre... Eu não sou forte o suficiente para te ver partir.

Ele sabia que, sem asas, shemhazai não seria rápido o suficiente para alcançar-nos graças à velocidade surpreendente de Theodore. Ele fingiu me deixar, mas, mesmo me odiando, ele não conseguia ficar sem mim. Eu tinha morrido... Outra vez... Eu não veria mais meu pai, eu não veria mais as pessoas que eu conhecia. Ele ficaria arrasado quando chegasse à própria casa e não me visse ali, para ele e por ele.

Theodore está chorando e eu também.

Os anjos choram. Eu acabei de concluir.

TRINTA E SETE



Descobri hoje um grande poder oculto;

Um dom de fênix para renascer das minhas próprias cinzas,

Descobri que a estrada não acabou, ela só tomou um desvio...

Como em todo caminho tem uma perda.

Eu dei o melhor de mim, lutei com as armas que sabia lutar, fui derrotado, eu assumo.

Apenas FUI. Não sou. Não serei. E agora? Levantarei de novo, quantas vezes for preciso.

JEFFERSON CAVALCANTE

THEODORE

O espírito dela era leve. Leve como uma pluma, mas se eu olhasse fundo em seus olhos, eu conseguiria sentir o peso de todos os pecados acumulados de tantas vidas.

Eu não estava pronto para perdê-la, eu verdadeiramente não estava. Se eu pudesse encontrar um modo de não ter que obedecer às ordens que me foram dadas, sem pecar, eu não estaria preso neste dilema.

Desde quando amar é errado?

Shemhazai a tinha encontrado. A minha vida, o meu amor. E agora eu teria que recomençar outra vez com ela. Buscar um novo corpo recém-nascido que não tivesse memórias, para que ela não conseguisse se lembrar de nada das outras vidas. E, assim, ela poderia reaprender tudo do começo. Sem influências dos seus "eus" passados ou de sua maldade.

Circulei a terra duas vezes, eu tinha em mente os nomes de todas as pessoas que morreriam aquela noite. Eu sabia sobre os bêbados que tropeçariam no meio fio e que seriam atropelados, eu sabia sobre os pais que interromperiam sua vida após a frustrada busca por um trabalho apenas para não olhar os rostos dos filhos famintos, eu sabia das mulheres que se permitiriam sangrar até a última gota por causa de amores não correspondidos. Eu sabia de tudo.

Eu também sabia quais recém-nascidos não conseguiriam respirar após entrar no mundo, e era atrás desses que eu estava. O corpo a receber o espírito de minha amada precisa ser puro, para que o mal não consiga aflorar de uma vez para sempre.

Seria uma alegria para os pais que perderiam a criança se eu não interferisse, e seria uma alegria vê-la crescer outra vez.

O espírito de minha amada ainda chorava tristemente, mas se permitia carregar para onde quer que eu fosse, e eu tinha que ser rápido se não quisesse entregar a terra aos braços da destruição. Porque, quando a morte não trabalha, os humanos esquecem o quanto são perecíveis e o quanto seu tempo é limitado e incontrolável.

Eu olhava a terra, de longe, procurando o casulo perfeito para depositar o espírito que sempre me faz pecar. Eu fechei os olhos e me deixei surgir exatamente no quarto hospitalar. Eu o encontrei, ele estaria vazio em pouco tempo.

— Empurre! Empurre, mãe! – o obstetra pedia – nós já conseguimos ver a cabecinha de sua menina, força, mãe, estamos quase lá!

A mulher estava pálida e cansada, as longas horas de parto começavam a minar as suas forças. O cabelo louro dela grudava na película de suor da testa, ela sentia que ia morrer, ela tinha medo. Ela sabia que isso estava errado, que não deveria demorar tanto. A criança parecia não querer sair do aconchego de seu ventre, e ela sentia que se não acontecesse logo, algo de ruim iria acontecer. A mulher parecia mais morta que o espírito que eu tinha segurado pela mão.

— Esta serei eu, Azrael? – o espírito da minha amada perguntou e eu assenti de leve.

— Em pouco tempo.

— Empurre, mãe! Vamos! No três! Um, dois, três! – a mulher empurrava com toda sua força, cansada, muito cansada, pela dor que lhe causava vertigens.

— Querida, por favor, - era o marido dela falando – eu sei que você é forte! Vamos lá, mais um pouco, estamos quase lá! Teremos nosso bebê, nossa primogênita, nossa menina! Eu confio em você, sei que consegue!

Eu sempre escolhia casais que se amavam verdadeiramente para cuidar de minha amada. Eles tinham que se amar e amar a criança como se fosse esta a coisa mais importante da vida deles.

— Henrique... – a mulher chamou pelo marido esperando que aquilo pudesse fazer com que suas forças aumentassem.

— Eu estou aqui, Eliza, eu não vou deixar você...

A mulher apertou a mão do homem com mais força ainda, muito mais, e apertou o maxilar enquanto fazia um esforço ainda maior do que o que já vinha fazendo e gritou, pela dor e pelo alívio, ao expelir o corpo da criança para o mundo dos vivos.

Foi então que toda a equipe médica começou a se preparar para uma nova emergência. A criança não respirava, não chorava. A cada minuto que se passava, ela ficava com a pele mais avermelhada, depois, azulada. Os cantos dos lábios, as pontas dos dedos das mãos e dos pés estavam num tom de arroxado.

— Ressuscitação – o obstetra falou e a equipe médica se posicionou para cumprir as ordens que fossem ditas.

Levaram o corpo mole da criança para uma mesa acolchoada onde os médicos começaram a massagem cardíaca com dois dedos entre as costelas do bebê pequeno. Depois esmagando os lados da costela com a pressão do indicador e do polegar. Deram palmadas, fizeram respiração boca-a-boca, entubaram a criança, mas não adiantaria nada, o espírito da criança já estava em meus braços, pequeno e calmo, num sono tranquilo, pronto para ser levado ao seio de Abraão.

Chamei Kamilla, anjo sob minha autoridade, para cumprir a tarefa que lhe era devida. Kamilla era uma das "*benevolants*", Anjos bondosos que levavam as crianças para os céus entre os seus próprios braços, como uma mãe abraça um filho.

— Yehudiah... – eu a chamei dentro de mim pelo seu verdadeiro nome – há uma pequena menina para os céus.

Imediatamente, Yehudiah seguiu a direção do meu chamado e se apresentou a mim, pegou o pequeno espírito para si. A benevolente, significado de Yehudiah na língua dos anjos, envolve a menina no único abraço materno que ela conhecerá e então se precipita para o alto, carregando o espírito da pequena menina para os céus.

Minha amada assistia o pequeno corpo frágil e sem vida do natimorto sendo chacoalhado freneticamente pelos médicos para que ele pudesse ser reanimado. Internamente, muitos deles estavam orando para seus deuses em busca de refugio, o obstetra confiava na ciência, mesmo que ela lhe dissesse que aquela pequena em seus braços já teria morte cerebral devido aos dez minutos que o cérebro ficou sem oxigenação.

Toquei o ombro dele de leve e pedi que ele ficasse tranquilo. Ninguém alí conseguia me ver ou ver minha amada, estávamos na forma espiritual, e, a não ser que eles tivessem dons de visão, éramos praticamente inexistentes para eles.

Carreguei o espírito dela para o pequeno corpo e ela chorava enquanto o espírito se ligava à mente do casulo sem vida que, aos poucos, se reanimava. A cor começava a voltar ao rosto, os pés e mãos pequenos não estavam mais tão arroxeados e gelados, e, por fim, uma pequena tosse, causada pelo aparelho, foi forçada. Os médicos retiraram o tubo que limpou o esôfago da pequena criança, e comemoraram com algumas lágrimas nos olhos, quando o choro estridente de desespero preencheu toda a sala e chegou aos ouvidos da mãe.

Os médicos checaram todo o estado do bebê, surpreendendo-se por conta da recuperação imediata. E eu contemplava, em silêncio, o pequeno milagre.

Uma enfermeira, então, tomou de conta da situação. Passou um pano por todo o bebê, para finalizar a limpeza dele, e o enrolou numa manta rosa para entregar à mãe. Outra jogou a placenta que tinha se descolado do útero num recipiente para o lixo depois que retiraram as células tronco do cordão umbilical. A que tinha a criança nos braços, se aproximou da mulher deitada ainda com as pernas abertas.

— Tome-a, mãe, sua filhinha.

A jovem mãe tinha lágrimas nos olhos. Ela pegou a pequena criança e passou o dedo por seu rosto, então olhou para o pai, como se estivesse orgulhosa do milagre que tinha acontecido.

— Ela é linda Eliza... – o homem disse e beijou a testa suada da esposa – é perfeita, como você!

O homem tinha sido forte o suficiente para não sentir a dor lancinante que seria perder um filho. Ele tinha se mantido firme para não perder a razão diante de tudo o que poderia ter acontecido, e para passar a força necessária à esposa. Os dois eram jovens, mas havia dentro deles aquela centelha explosiva que ilumina os seres humanos, amor. E eu sabia que eles seriam o melhor para minha amada.

O pai passou as mãos na cabecinha da criança, muito de leve, e deu um beijo no cabelo sujo. A mãe anunciou:

— Seu nome será Daniele. Minha pequena menina. Você me fez ter medo, tanto medo! Nunca mais faça isso com a mamãe... – a mulher falava, ligeiramente recobrada do susto que se tinha passado, ela olhava para a criança como se estivesse com o seu maior tesouro em suas mãos, e o pai fazia o mesmo.

— Daniele... – o pai disse enquanto não conseguia conter as lágrimas que inundavam seu rosto – seja bem vinda à família.

Eu apenas olhava a criança que um dia seria a minha amada outra vez. Eu seria para ela o que ela precisasse enquanto ela não tivesse ainda idade suficiente para me encontrar outra vez. Eu seria o protetor dela, o amigo, o irmão, como eu o tinha feito tantas outras vezes, até que eu a encontrasse e ela aceitasse ser minha.

Eu a amava por que eu sabia quem era ela, eu a escolhi desde sempre, e sei que, se ela pudesse escolher outra vez, ainda me amaria também.

A pequena Daniele não corria mais perigo. Eu poderia, agora, devolver o corpo de Theodore aos pais, para que eles pudessem finalmente dar um fim à dor, como eu tinha prometido, à Paloma, e eu faria isso muito em breve.

Dei um impulso e saí do solo brasileiro para voar até as terras da Espanha. Eu vi a casa onde o Theodore cresceu, ela parecia triste e sem vida, e eu me senti culpado por isso. A porta entreaberta mostrava que alguém esperava por visitas. E havia um cheiro bom de pães de milho sendo assados e de chá fresco.

Mal pisei o pé na soleira da porta, vi uma mulher preparando duas xícaras de chá e colocando-as numa bandeja de madeira pequena.

— Limpe os pés – ela disse – eu acabei de arrumar a casa.

Limpei os pés, achando que ela me tinha confundido com o marido ou com um dos pescadores que tinha voltado do mar, mas ela continuou a falar.

— Eu sei quem é você, e eu sentia, eu sabia, que eu ainda veria o corpo de meu filho.

Ela virou de frente para onde eu estava, parado, a porta de entrada não era muito alta, e eu tinha que me abaixar ligeiramente para passar por ela. A mulher colocou as mãos à boca e conteve uma lágrima, trocando-a por um sorriso triste.

— Parece até que ainda estou vendo o meu filho à minha frente – ela se aproximou e tocou-me o rosto, mas eu sabia bem que era o do filho que ela tocava – eu sabia que você voltaria um dia, voltaria para devolver o corpo que não era seu.

— Senhora, por favor, me perdoe. Foi necessário – eu disse me desculpando – mas eu estou aqui para permitir que a senhora dê a seu filho um enterro decente.

— Não precisa pedir perdão, eu sei que não foi você quem o levou de mim. Quando eu olho para você, a única coisa que eu consigo ver é luz.

— Senhora...

— Por favor, me chame de Gwen – ela pediu – só me chamam de senhora quando querem me controlar. Ninguém nunca acreditou que o corpo de Theodore voltaria. Eles sempre me julgaram louca por saber que eu ainda o teria de volta. Eu não sei como eu sabia, mas eu sabia, e o dia chegou. O mar estava agitado e as ondas revolviam-se animadas demais para serem contidas, eu sabia que era o senhor que estava chegando.

— Não me chame de senhor, Gwen. Senhor só há um, aquele a quem eu sirvo.

— Eu sei. – ela disse – aceita um chá? Fiz pães de milho. Meu marido está em alto mar, eu adoraria calar a boca dele com a sua presença, mas bastará a ele saber que o filho dele foi velado. Ele só vai me chamar de senhora louca outra vez.

Eu sorri e sentei-me no banco de madeira que ela mostrava e tomei um pouco do chá com o pão de milho. Ela ficou me contando histórias sobre Theodore e ao raiar do dia, ela me deu um beijo na testa para mostrar que estava pronta para enterrar, finalmente, ao corpo do filho.

Andamos pela praia até alcançarmos uma pequena elevação na altura de um pequeno monte. Ela me disse que aquele seria o local onde o filho dela gostaria de ter sido enterrado. Cavamos, juntos, o local com as ferramentas que ela tinha me dado e deixamos o buraco aberto enquanto ela confeccionava uma pequena cruz em madeira de gravetos.

Gwen acendeu duas velas, mesmo com a luta contra o vento, e a colocou numa redoma de vidro que permitia que houvesse uma fresta de ar para que a lâmpada não se apagasse.

— Uma é para o meu filho, a outra é para você – ela disse – eu espero que faça a escolha certa.

Eu deitei no buraco e fechei os olhos enquanto a sentia empurrar a terra para cima do corpo alí estendido até que respirar ficou inviável. Na minha forma verdadeira eu deixei aquele túmulo, para deixar que Gwen chorasse, finalmente, pelo seu morto.

TRINTA E OITO



Como na lenda da Águia, que arranca suas penas e bico pra renascer como uma Fênix das cinzas, eu gostaria de perder a memória, me desfazer dos paradigmas, das inseguranças e medos, me perder em mim mesmo e começar do zero! Já que não é possível voltar no tempo, que Deus me de a dádiva do esquecimento.

DIEGO MOREIRA

THEODORE

O homem estava inconsolável. Primeiro, a esposa, e agora a filha. Uma perda seguida da outra e isto estava a ponto de lhe roubar o juízo.

Eu tinha que arrumar a confusão que vinha de ter interferido na vida dos pais de Paloma. Eu tinha que ajudar a consolá-lo, pois, querendo ou não, a culpa de todo o sofrimento que se abatia sobre ele, era minha.

Eu entrei na casa pela janela do quarto de Paloma, eu sabia que ele estaria num dos dois locais, ou no quarto da esposa, ou no dela. E não errei na minha escolha. O homem estava dormindo agarrado a uma pilha de peças de roupas usadas que ainda continham o cheiro da filha. Eu precisei forjar a cena de uma parada cardíaca, igual à da mãe, para que a morte da filha fosse explicada às autoridades.

Não exatamente eu, já que Shemhazai viria ao meu encalço em busca dela, e eu não poderia deixar o espírito dela ser alcançado. Quem tomou conta disso foi Ariel, que nublou os sentidos dos médicos que fizeram a autópsia do corpo.

Agora, eu teria que falar ao pai desconsolado para tentar aliviar os seus sentimentos.

Sentei ao lado da cama e toquei-o de leve, fazendo que uma sensação de bem-estar se apossasse de seu corpo. A tensão, visível em seu rosto sonolento, se dissipou. Ele abriu os olhos e olhava em minha direção, quase como se me visse, e eu o fiz cair num sono profundo.

— Eu vou te deixar ver a sua filha – eu disse enquanto elevava o espírito dele para o local onde a filha estaria.

Adam não parecia entender direito o que eu estava fazendo. Ele estava se deixando levar apenas. Não chorava, suas emoções estavam niveladas com as minhas, mas ele estava ansioso pelo que viria.

Pousamos num campo verdejante enorme. Ao fundo, muito ao fundo, via-se o limite de uma enorme mansão branca, como se fosse uma casa de fazenda. E o terreno tinha enormes árvores com misturas de diversos frutos.

Eu sorri, muito de leve, ao ver o céu em que ele acreditava. Sim, por que eu não poderia levá-lo para o seio de Abraão, ou ele não retornaria de lá, e a cidade dos justos, preparada por Deus, a residência final daqueles que creem, não era minha "jurisdição", só seria entregue no final dos tempos.

O céu que Adam acreditava, do modo que ele imaginava desde pequeno, se desenhou diante dos nossos olhos e eu chamei o espírito de Paloma para que ele se despedisse da verdadeira filha, já que, a que ele tinha perdido há pouco, não era a verdadeira.

— Paloma... – ele chamou com a voz embargada quando viu a pequena menina de treze anos correndo pelo campo em sua direção. Adam ajoelhou e se deixou abraçar pela pequena menina – meu amor... Minha vida...

Ele afagou o rosto da menina, em desespero, e então se deixou mergulhar num abraço amoroso enquanto aspirava o perfume do cabelo dela.

— Vê pai? – a menina disse – eu estou bem, eu não sofro. Eu não sinto dor, medo, frio ou fome. Eu só quero que o senhor fique bem.

— Eu não quero ficar bem... Eu quero vocês duas de volta – o pai disse a menina, como se ele pudesse alterar o futuro de alguma forma com um pedido a uma criança.

— Onde eu estou, é tão perfeito pai, mas tão perfeito, que me parte o coração imaginar que estou indo para aquela casa outra vez.

— Não, aquela é a nossa casa!

— Não é, pai, minha casa é aqui agora. Onde seremos irmãos quando o senhor vier.

O homem estava feliz, se é que poderíamos chamar assim, ao ver a filha bem. Ele não se atentava para a diferença de idade entre as duas meninas. A pequena e verdadeira Paloma olhou em minha direção.

— Eu disse pai, naquele dia, na janela, eu tentei alcançar um anjo – ela me sorriu e o pai pareceu finalmente prestar atenção em mim.

— Foi você? – ele me perguntou, mas tinha um pouco de raiva dentro de si agora.

— Sim, eu lamento muito, senhor Bennet, eu não tenho o trabalho mais agradável do mundo, mas é o meu, e eu tenho que fazê-lo.

— E não se importa de arrancar as pessoas das outras enquanto elas ficarão sem nada? E se fosse com você? – ele questionou raivoso – e se fosse você quem perdesse sempre alguém a quem amasse?

Ninguém nunca tinha chegado perto da verdade em tão pouco tempo. O céu colorido de antes, o que Adam imaginava, começou a se pintar de negro.

— Senhor, se o senhor sentir raiva, ódio, ou qualquer outro sentimento maléfico, o senhor não poderá ver a sua mulher e sua filha mais, o senhor irá acordar.

Quando eu mencionei o fato da esposa estar presente, ele correu os olhos pelo local. As nuvens escuras se dissiparam quando ele viu a sua amada, Diane, vindo até ele. Ela estava perfeita, renovada, num corpo ainda não transformado para o fim, mas renovado pela graça.

— Oh meu Deus, Diane! – ele correu para a esposa e a esmagou nos próprios braços – meu amor!

— Adam, meu querido, não chore! – ela pegou o rosto dele nas mãos e limpou as lágrimas teimosas que brotaram – não fique mais triste, meu amor. A dor acabou, veja – ela mexeu o espesso véu de fios que cobriam sua cabeça – eu estou bonita outra vez.

— Você sempre foi linda... – ele disse.

— Eu sei. Por que você me fazia acreditar nisso todos os dias.

— Eu não consigo entender como um ser que deveria fazer o bem conseguiu tirar-me de vocês.

— Não culpe Azrael, - a mulher disse – nem todos entendem a morte. A morte não é algo que vem ao seu encontro em determinado dia e que te faz querer viver Não! A morte é cada um dos dias que você deixou para trás, como se fossem grãos de areia passando pelo orifício de uma ampulheta.

— O que quer dizer com isso, meu amor?

— Eu quero dizer que viva. Viva plenamente a vida que ainda tem. Ame novamente, se não for alguém, que seja algo. Ajude seus pacientes, compre uma moto, faça uma tatuagem, ouça música, vá dançar tango na argentina, enfim, aproveite a vida, por que a morte sempre dá um passo para mais perto de nós a cada dia que passa.

Aquilo fora a forma de despedida de Diane e Paloma, que queria logo retornar ao seu descanso. Adam não estava pronto, mas entendeu que aquilo era o melhor para ela.

Retornamos ao quarto e Adam acordou quando eu iria sair pela janela.

— Você! – ele me chamou e eu virei em sua direção.

— Está me vendo?

— Melhor do que já vi qualquer coisa antes.

Parei à janela e esperei o que ele quisesse dizer.

— Eu não sei quando vou compreender, eu não sei se eu vou compreender, mas eu me sinto melhor agora. A esperança de que elas estão em algum lugar, bem, é animadora.

— É por que elas estão. – eu disse e me aproximei dele, tocando o indicador de leve no espaço entre os olhos e fazendo ele esquecer toda a lembrança ruim da perda, toda decepção, forçando uma lembrança mais forte, como se as mortes tivessem ocorrido muito tempo antes e ele já estivesse conformado.

— Obrigado – Adam agradeceu-me outra vez – o que eu faço agora?

— Você ouviu sua mulher. Compre uma moto, faça uma tatuagem, seja feliz e viva, é apenas isso que importa até o final.

— Então é você que vem me encontrar daqui há algum tempo?

— Se Deus não me substituir, serei eu sim.

Disse apenas isso e me precipitei em queda para o lado de fora. Adam ainda correu para me procurar, mas minha velocidade era em extremo exacerbada para os seus olhos.

* * *

A pequena Daniele crescia e eu sempre estava a rodeá-la. Eu tinha as tarefas, para com ela, de um anjo da guarda, enquanto com todo o restante da humanidade eu era o responsável por carregar almas. Eu vivia entre os Estados Unidos e o Brasil, preso entre a lealdade para com Ariel, a líder dos anjos, e minha promessa para com a, agora, Daniele.

Eu estaria presente em todos os momentos de sua vida naquilo que eu costumo chamar de - os vinte anos de silêncio.

Quando Daniele completou sete meses de idade, eu estava alí, sempre ao lado dela. Numa destas situações, eu vi quando o pai dela, ainda aprendiz na arte da maternidade, deixara a menina dormir no berço, à noite, esquecendo a janela aberta. Eu a fechei para evitar que a pequena Daniele pudesse ficar doente.

Aos onze meses e onze dias, Daniele deu seus primeiros passos. A mãe dela, Eliza, estava sentada no tapete da sala, e o pai, Henrique, apenas um pouco mais distante. Eu estava no canto da sala, perto da porta, observando o progresso e acalmando os sentimentos do bebê, para que ele não tivesse medo.

A mãe tinha planejado a distância entre os passos para que ela não vacilasse para chegar até o pai, mas a pequena criança fez algo não planejado. No espaço de um passo e outro, ela estendeu os bracinhos débeis na minha direção e deu um passo para vir para onde eu estava antes de cair.

O pai dela já a tinha segurado antes de ela bater a frágil cabecinha no chão, mas a menina ainda estava olhando para onde eu estava. Com aqueles enormes olhos azuis numa cabeça coroada por uma cabeleira loura. Ela não tinha feito isso em nenhuma das vidas anteriores.

Aos quatro anos, eu ainda não tinha deixado seu lado. Numa certa noite, seu pai chegou do trabalho, cansado, mas não o suficiente para recusar ver os desenhos da filha quando ela lhe pegou pela mão e levou ao próprio quarto. Eu, claro, segui aos dois.

— Este é o papai – ela colocou um desenho sobre uma mesa infantil com alguns riscos que mostravam um boneco mal formado com uma gravata e uma maleta azul – trabalhando demais – ela sorriu.

— A mamãe – ela colocou uma boneca que tinha o desenho de um coração enorme ao seu redor, e longos cabelos amarelos – linda.

— Sim, a mamãe é linda demais – o pai olhou a mãe que tinha acabado de entrar no quarto e piscou para ela em cumplicidade.

Eu me sentia invadindo a intimidade deles, nesses momentos, mas eu estava alí para o bem deles também.

— E este, filha? – o pai pegou outro desenho que estava jogado sobre a mesa, a figura era um homem alto, com os cabelos longos até os ombros num tom escuro. Ele tinha enormes asas brancas – quem é?

— É o meu amigo – ela disse – ele me segurou para eu não cair.

— Ah, é seu anjo-da-guarda – a mãe a pegou no colo e falou – onde você o viu? – eu notei uma certa dose de preocupação na voz da mãe.

A preocupação dela apenas refletia a preocupação que eu sentia. A pequena menina olhou na minha direção e não falou mais nada. Apenas ficou me olhando como se soubesse exatamente quem eu era.

TRINTA E NOVE



Nenhum homem merece uma confiança ilimitada - na melhor das hipóteses, a sua traição espera uma tentação suficiente.

H. L. MENCKEN

THEODORE

Sempre que Daniele dormia, eu podia voltar tranquilo para minhas atividades como a morte em si. Rodeei a terra carregando os espíritos para os céus, enquanto os que foram condenados eram levados para o Sheol. Por que, do mesmo modo que os escolhidos merecem o descanso eterno, há aqueles que foram escolhidos pela e para a destruição e o tormento.

Uma coisa não conseguia me dar paz, nesses tempos. O fato de eu sentir que a pequena Daniele me olhava. Isso nunca acontecera antes, ela nunca tinha conseguido me olhar nas suas outras vidas, exceto quando eu me permitia ser olhado por ela. Geralmente quando ela estava na idade da consciência perfeita, os dezoito anos. Isso permitiria que ela pudesse escolher se ela realmente me queria ou não.

Eu precisava falar isso a Ariel, ela poderia explicar tudo de forma que eu entendesse. Alguma coisa mudou nesta vida, Daniele, antes Paloma, agora é diferente de antes, e eu não sabia exatamente no que isso implicava.

— Preciso falar com Ariel – eu disse assim que pousei na varanda do apartamento, Kamilla, ou Yehudiah, como queira, estava observando a cidade noturna enquanto o vento balançava os fios escurecidos do seu cabelo.

— Está com Escort, não creio que gostariam de ser interrompidos agora. Tiveram uma discussão há algum tempo.

— Sobre?

— Isabela, a antiga amiga de Paloma, ela conseguiu se lembrar do que tinha acontecido. Eu recebi uma enorme bronca, e Mike foi designado para cumprir a tarefa de apagar a memória da vadia loira, não gostei da idéia e estou de castigo.

— Castigo? – eu consegui sorrir um pouco da situação.

— Não ri não, só por que você é meu superior não quer dizer que não possamos brigar.

— Você perderia.

— Acha que não posso?- ela ergueu uma sobrancelha em desafio.

— Não disse que não pode, mas sabe que não venceria.

Kamilla entortou o beijo e ficou olhando para a frente novamente. Quis aliviar um pouco a tensão que ela sentia.

— Eu vou falar com ela sobre você e sua situação. Se ela permitir, iremos os três até Isabela. Assim teremos força para contê-lo.

— Obrigada.

Eu a deixei e entrei na casa para falar com Ariel. Bati à porta do escritório, onde eu sabia que ela estaria, e pedi permissão para entrar.

— Fique à vontade, Azrael – ela me cumprimentou ao abrir a porta para que eu entrasse – o que o traz aqui?

— Preciso entender um pouco mais sobre o que está acontecendo com Daniele.

— Oh, ela está uma criança adorável, não é mesmo?

— Sim, uma adorável criança, mas não é sobre isso. Eu... Eu tenho medo do que pode acontecer agora.

— Explica-me melhor.

Entrei no escritório e sentei numa cadeira de frente para uma mesa de madeira com entalhes feitos à mão. Aquilo pareceria uma reunião de trabalho, como qualquer outra, se não fosse pelo olhar de profunda afeição que ela me lançava.

— A pequena criança, tem mostrado sinais de que consegue me ver – eu expliquei – os pais dela também suspeitam de alguma coisa. Especialmente pelos desenhos que ela faz.

— Azrael, isso não faz sentido.

— Eu sei, também duvidei de mim por algum tempo, achei que estava projetando meus sentimentos sobre a pequena menina, mas tudo mudou com o desenho. No dia que ela mostrou aos pais o desenho que tinha feito de mim. Um desenho infantil de um ser angelical com enormes asas brancas e cabelos longos. Ao entregar o desenho aos pais e me chamar de amigo, ela olhou na direção em que eu estava no quarto, e permaneceu com um olhar de profundo conhecimento por um longo tempo, até dormir nos braços dos pais.

— O que está dizendo é... Impossível!

— Eu sei, eu sei que soa até mesmo como loucura, mas eu tenho certeza que ela lembra. – eu adicionei – Kamilla acaba de me contar que Isabela, de alguma forma, lembrou.

— O caso dela foi diferente, Kamilla fez o trabalho, ela não é tão poderosa quanto você com os sentimentos. Você, sim, sabe manipular as memórias corretamente. Não é à toa que as pessoas veem um filme diante de suas vistas quando partem. A morte é capaz de proporcionar momentos agradáveis até no seu último momento.

— Eu precisarei completar o trabalho de esquecimento de Isabela.

— Não – Ariel disse – Mike já foi designado. Ele tem que ficar do nosso lado outra vez. Só por que ele raspou a cabeça para mostrar as tatuagens, não quer dizer que eu não saiba que ele oscilou para o lado do mau. Ele

— Mike?

— Sim.

— Desde quando?

— Desde que ele descobriu o que a jovem Paloma era e ainda é.

Levantei-me abruptamente, o movimento derrubou a cadeira onde eu estava sentado, o barulho da madeira contra o chão ecoou pelo ambiente, Escort olhou para nós, ele que o

tempo todo lia um livro calmamente perto da lareira, e Ariel fez o gesto para que eu me acalmasse.

— Ela está em perigo outra vez?

— Ao que parece não. Ele tem conseguido ser contido, mas estamos sempre atentos a qualquer nova mudança. Ele acaba de sair em busca de Isabela, para fazê-la esquecer de tudo.

— Eu não confio em Mike.

— Não deixe os sentimentos protetores sobre a sua irmã nublar seu julgamento sobre ele. Michael tem se comportado diligentemente bem durante mais de cinco décadas.

— Sim, mas ele é um demônio agora.

— Não, Azrael, ele é o que nós todos somos. Apóstatas.

— Eu não... – eu não completei a palavra – eu não sinto que sou como vocês.

— Você desobedece constantemente por causa de um amor fadado ao erro, você protege alguém que não deveria existir há muito tempo, Azrael, você é tão apóstata quanto todos nós.

— Eu não neguei a minha fé.

— Isso não significa que não saiba em que acreditar verdadeiramente.

Escort pareceu perceber que os ânimos da discussão tinham se alterado, e veio intervir.

— Não percam o tempo com discussões sem sentido. – ele disse – Nenhum de vocês cogitou a hipótese de ela ter descoberto a frase dos anjos. A frase da escolha, a palavra inefável?

— Isso é impossível – Ariel disse, está oculta por milênios, ninguém a descobriria assim.

— Ariel, os tempos mudaram. Tudo está disponível para todo mundo, desde as coisas mais simples até as mais impensadas.

— Exceto pela palavra inefável.

— Eu não me espantaria se isso realmente tivesse acontecido. Os traidores são muitos e parecem não conhecer a palavra de Deus, parecem não saber que, no final dos tempos, o mal será derrotado.

— Oh, eles sabem – Ariel disse – todos sabemos. Eles apenas querem corromper a humanidade para que eles não possuam o tesouro vindouro.

— Isto não é importante agora – eu precisei intervir na discussão para que o assunto não se dissipasse – eu preciso saber se ela realmente a descobriu ou não. Creio que não, é apenas uma criança, como saberia?

— Não é necessário que tenha acontecido nesta vida, Azrael – ela disse – pode ter sido em qualquer uma delas, mas devemos procurar nesta última, na vida da jovem Paloma, pelos sinais. Pois foi nela que tudo começou a mudar.

— Farei isso.

Saí do escritório e fui procurar por Kamilla, que mal tinha movido um músculo desde que a deixei há pouco. Confidenciei baixo ao seu ouvido:

— Descobri o motivo de você estar de castigo.

— Que seria?

— Mike saiu há pouco para procurar por Isabela.

— Maldito, vagabundo!

— Não, por mais que eu não admita defendê-lo, desta vez ele foi sob as ordens de Ariel.

— Velha nojenta!

— Não, você sabe que isto não passa de uma carcaça, mas eu vou te ajudar. Não vou permitir que ele haja de forma errada com Isabela. Eu interfei na vida dela, quando entrei no caminho de Paloma, isso não é certo, não é certo que ela pague pelo meu desvio de caráter.

— Muito bem, defenda a vagabunda.

— Não estou defendendo Isabela, estou defendendo os meus interesses. Ela iria estranhar ao perceber que a amiga morrera algum tempo depois de ela ter sido rodeada por um grupo de anjos. Ela iria pensar sobre isso, ela atrairia gente que não queremos por perto.

— Quem?

— Shemhazai, ou um dos demônios sob seu comando.

— Não me fale nesse nome. Ele me causa arrepios. Saber que ele é o pesadelo dos anjos, que ele pode acabar com nossa imortalidade e depois nós não passaremos de poeira cósmica, nem mesmo restando a consciência.

— Nada que não tenhamos visto antes. Não podemos demorar mais muito tempo. Venha.

Eu segurei-a nos braços e em um único salto, já estávamos pousando em frente à residência infantil onde Isabela vivia.

— Ele não deveria nem mesmo ter entrado nessa casa, o que o porco do Mike quer, afinal? – eu falei, irritado pela falta de comedimento do companheiro de Yehudiah.

— Mas se ele estiver fazendo qualquer coisa que não seja o que Ariel mandou, ele vai se ver comigo, com certeza.

Kamilla chutou a porta da casa, ela tinha muita força quando estava com raiva, e procurou aos dois no andar inferior, quando não o encontrou, eu vi o exato momento em que o cabelo dela mudou de cor por ela imaginar o que poderia estar acontecendo no quarto do andar acima do nosso.

— Maldito seja, Michael!

Ela subiu até o andar superior e abriu a porta de uma única vez. O cabelo, agora louro, esvoaçava para todos os lados e as asas enegrecidas estavam balançando dos dois lados, furiosamente.

Michael, ou como ele mais gostava de ser chamado, Mike, estava tocando a testa de Isabela, numa cena que parecia simplesmente que ele estava executando o próprio trabalho, mas que também dava margem há milhares de outras interpretações.

— Michael! – Kamilla deu um grito furioso e ele virou na nossa direção. A jovem Isabela, que provavelmente tinha acabado de se deitar, levantou o rosto e viu a imagem de Yehudiah em todo o seu poder. Já que a raiva a tinha feito perder o controle sobre si.

— Kamilla... – ele olhou na nossa direção e então olhou para a jovem Isabela outra vez. Isabela parecia assustada, não apenas pela cena, mas por que, provavelmente tinha sido tirada do seu estado de transe muito rapidamente.

— Eu conheço você – Isabela disse – você é a moça que me salvou de ser atropelada.

— Atropelada é apelido, – Mike disse – você iria virar patê sobre aqueles trilhos.

— Cala a boca, Mike – Kamilla ordenou e eu precisei me colocar entre os dois para interferir numa possível briga – o que estava fazendo?

— Meu trabalho – ele deu de ombros e nunca poderia parecer mais culpado – o que acha que eu estava fazendo? Oh, não responda. Achou que eu estaria...

— Não ouse completar esta frase.

— Michael, dá para parar de provoca-la, não vê que ela está do outro lado agora, do seu lado. E que a raiva pode gerar descontrole? Ela poderia muito bem matar Isabela sem ponderar no próprio ato. É isso que quer?

Mike sorriu e se aproximou de Kamilla, que parecia querer arrancar o sorriso presunçoso do rosto dele com as próprias unhas.

— Eu não fiz nada, estava apenas coletando informações – ele disse – você sabe, eu sou louco por você. E, veja bem, loira você fica infinitamente gos... – eu olhei para ele com um olhar severo – perigosa.

— Então me deixa finalizar o trabalho que você começou – eu pedi.

— Não, eu vou – Kamilla disse e recolheu as asas, um pouco mais contida. Subiu sobre a cama de Isabela e deu um sonoro tabefe no rosto dela – este é por ter ficado com o meu irmão quando eu adorava a minha cunhada, e este... – Ela deu mais outro – é por qualquer coisa que tenha feito com Mike, e este – ela deu um soco no nariz de Isabela – é para você dormir. Agora esqueça, definitivamente esqueça, e se for para lembrar, será de mim, como seu terror e pesadelo.

Isabela capotou na cama com o soco e eu precisei ir sarar os machucados que lhe tinham sido feitos, para que ela não acordasse com dores sem explicação.

Quando me virei, para irmos embora, antes apagando as memórias de Paloma em toda a vida de Isabela, e as minhas, e deixando apenas as lembranças mais agradáveis em seu lugar, vi Mike passar a mão no rosto de Kamilla e puxá-la para um beijo depois de falar:

— Eu amo você quando está desse jeito.

Saí do quarto e deixei que os dois anjos tentassem resolver as diferenças. Se bem que, agora, eles já não eram tão diferentes. Até Kamilla praticar uma nova boa ação, os dois estariam do mesmo lado.

QUARENTA



**Era uma história de um amor proibido.
E por mais que nas sombras tenha sofrido,
nem dele ela era, nem nunca tinha sido.**

JACQUELINE

THEODORE

Eu ainda cumpria a minha sina, acompanhava Daniele por todos os dias dela. Um anjo caído sentado à sua janela esperando o dia em que ela pudesse me notar.

Eu vi quando ela desceu do carro de um amigo, ele dera a jaqueta jeans para ela, e colocou sobre os ombros dela. Eu vi quando ele colocou atrás da orelha dela os fios de cabelo que tinham sido balançados pelo vento. Eu vi quando os olhos deles faiscaram de reconhecimento mútuo de algum sentimento forte e ele ofereceu um beijo que ela colheu. O primeiro beijo dela nesta vida.

O rapaz saiu do beijo inexperiente com um sorriso idiota de presunção no rosto, e ela aceitou um beijo no rosto antes de eles finalmente soltarem as mãos quando ele voltou para o carro.

Ele morreria aquela noite e não sabia.

A jovem Daniele, com seus quinze anos, olhou para a direção da janela da casa, exatamente onde eu estava, com um olhar maldoso, quase como se soubesse que aquilo tinha me ferido.

Ela entrou em casa e foi cumprimentar os pais. A única coisa que eu poderia fazer, por enquanto, era pedir aos céus que me dessem força para aguentar a sina que eu mesmo tinha me imposto.

Quando Daniele entrou no quarto, eu já estava lá dentro. Ela se jogou na cama, colocou os fones de ouvido e começou a ouvir uma lista com as músicas preferidas para tentar se divertir.

A única diversão que eu tinha era olhar para ela.

Daniele tinha os cabelos num tom de louro dourado até a cintura, a pele dourada e o meu olhar azul que eu tanto amava. Ela, em breve, me conheceria.

Ela ficou sorrindo quando recebeu a mensagem de alguém no celular, e respondeu-a ansiosamente. Quando guardou o telefone, levantou-se e ia fazer menção de tirar a roupa para dormir, eu virei o rosto para o outro lado, apenas ouvi a voz dela:

— Eu sei que você está aí – Danielle disse – eu não sei por que faz isso comigo, mas eu estou cansada disso...

Eu virei para a direção dela, ela olhava exatamente para a posição onde eu estava, apesar de não olhar diretamente para mim.

"Ela estava cansada de que?"

— Eu acho que você não sabe – ela disse – mas eu sonho, sonho todas as noites. Se bem que não posso chamar isso de sonho. Eu sonho com seu rosto, apesar de não saber exatamente quem é você – Daniele completou.

Era impossível ela saber quem eu era.

— Eu... Eu só estou cansada de viver sentindo sua presença por todo lugar que eu vou. Se você é meu anjo-da-guarda, ou não, eu não sei... Eu só sei que eu queria poder ficar quieta com os meus próprios pensamentos um dia. Um dia somente.

Ela queria mesmo que eu fosse embora? Eu não sabia o que fazer dessa vez, tudo era novo, tão novo e intenso como se fosse a primeira vez. Até os meus medos pareciam exacerbados pelas circunstâncias.

— Eu quero que vá embora. Eu quero ficar sozinha. Eu quero... – ela completou – eu quero poder sentir que tenho escolha. Eu quero sentir que eu sou livre. Não quero me sentir vigiada, você me dá medo, me dá pesadelos, me dá todas as sensações mais estranhas que eu poderia ter. Eu quero somente um dia, um dia longe.

Eu iria responder para ela, apesar de não saber se ela conseguiria me ouvir, mas a mãe dela abriu a porta do quarto para entrar ali.

— Dani, meu amor... – ela chamou. As duas eram muito amigas – eu quero que me conte tudo.

— Vem que eu conto. Acho que teremos um pouco de privacidade. Onde está papai?

— Ainda não chegou, ligou dizendo que pegou trânsito. Parece que houve um acidente na estrada agora há pouco. Não sei dizer o que aconteceu.

Daniele olhou para mim, ou para minha direção, outra vez, mas eu já tinha me esgueirado pela janela aberta e içado voo para o local do acidente.

O jovem que beijara Daniele há pouco jazia entre as ferragens. Ele tinha perdido o controle do carro e batera num poste pouco tempo depois de sair daquela casa. Estava escrito que seria assim, apesar de ter sido uma surpresa para mim também.

A tarefa de levar o espírito do jovem, desta vez, não era minha. Eu poderia concentrar-me na minha próxima tarefa.

Encontrar um corpo para ocupar. Um novo casulo de aparência agradável o suficiente para que ela se apaixonasse quando fosse o momento certo.

Fechei os olhos e repassei a lista dos espíritos daquela noite. Havia um grupo de seres humanos que sairia em trilha naquela manhã na floresta amazônica. Na trilha principal perto de Igarapé Jaraqui.

Piro, o guia turístico indígena, os levaria pela mata, mas o grupo não sentiria falta de um jovem casal que se embrenhara na mata para curtir um ao outro. A garota sairia correndo em pouco tempo para anunciar o ocorrido. O jovem seria picado por uma serpente venenosa, o socorro demoraria a chegar, devido ao local de difícil acesso, e seu espírito recém-batizado seria elevado. Eu, então, assumiria sua identidade, como vinha fazendo com outros corpos sem espírito ao longo dos séculos.

Meu casulo estaria vago para que eu o ocupasse em poucos momentos. Invadi as altas nuvens com um salto e, quando pousei, deixei que meu espírito descansasse dentro do corpo sem vida até que todas as lembranças dele invadissem a minha mente e eu me tornasse ele.

O jovem Oliver tinha dezoito anos, o que me permitiria não ter uma diferença de idade para Daniele tão grande.

Piro, o índio que guiava os estudantes, depois que eu abri os olhos, me observou com espanto. Ele sabia exatamente o que eu era apesar de chamar-me de espírito viajante. E não quis me tocar durante todo o trajeto, pois tinha medo da maldição, como ele bem ilustrou, fazendo o grupo inteiro sorrir, mas eu bem sabia que ele falava a sério.

— Está bem, meu amor? – a garota ao meu lado perguntou enquanto eu ainda tinha que fingir estar mal para não passar por "mutante" na frente de todos.

— Estou, Aline – respondi fingindo algum cansaço ao falar.

Eu sabia que ela tinha sido a minha namorada nos últimos cinco anos. Minha não, do Oliver Contreras, o dono do corpo em que agora eu habitava.

— Vamos voltar para casa da sua mãe ainda hoje – ela disse – eu não deveria ter insistido tanto para que você viesse fazer essa trilha ridícula comigo.

— Não há problema. Eu poderia não ter vindo se não quisesse.

— Me sinto tão culpada. Eu achei que você ia morrer.

— Não se culpe, não há muito que fazer quando a hora da pessoa chega.

Pegamos um jeep perto do hotel fazenda onde estávamos e, depois de irmos ao hospital, voltamos para o hotel onde eu estava hospedado. Naquele mesmo dia fizemos as malas para voltar para São Paulo no dia seguinte.

Menos de uma semana depois eu terminei o relacionamento com ela. Convenci "meus pais" a me permitirem trancar a faculdade por algum tempo. Insinuei que tinha encontrado uma nova paixão nas artes e até fiz um desenho para impressioná-los. Instei com eles que eu estava confuso demais para conseguir me explicar e eles aceitaram a viagem do filho para o exterior.

Voltei para a casa de Ariel, onde vi que as coisas continuavam as mesmas. Expliquei onde estaria e tudo que eu faria, até que eu conseguisse convencer Daniele a fugir comigo para a casa dela. Local onde ela estaria protegida pela hoste formada pelos meus amigos.

Eu estava sentado à Varanda, apoiado ao balaústre da sacada e observei a Seattle noturna.

— Que bom que você voltou, Oliver. – virei de lado para olhar a minha recente companhia. A pequena May, já não tão pequena assim, agora que era mais velha que esse

meu corpo rejuvenescido, sorriu para mim – eu não vou mentir dizendo que não senti sua falta, então nem me peça para não falar nada.

— Não, não precisa esconder as coisas – eu tornei a olhar para a cidade depois de olhar o rosto dela – eu posso dizer que senti a falta de todos vocês também.

— Não parece, sempre que você vinha me evitava. São quantos anos mesmo?

— Quinze anos.

— Uau – ela disse – o tempo passa depressa.

— O tempo corre, somos nós que não conseguimos alcançar seus passos.

— E a sua... Como ela se chama agora mesmo?

— Daniele.

— E Daniele?

— Vivendo.

— Não deveria estar ao lado dela?

— Por incrível que possa parecer – respondi – ela me pediu para ter algum tempo para si. Ela pediu um dia, mas eu darei um ano.

— Quem está cuidando dela?

— Por que acha que eu deixei alguém cuidando dela?

— Porque eu conheço você, muito bem, e sei que não deixaria sozinho o seu tesouro mais precioso – ela aumentou a dose de ironia nas últimas palavras.

— Eu a amo demais para deixá-la desprotegida.

— Ai, essa doeu – May reclamou e eu olhei para ela. A mulher incrível que ela tinha se tornado me admirava com uma pontada de tristeza num sorriso que não atingiu seus olhos.

— Me desculpe...

— Não sei se há muito a se desculpar – ela disse – você nunca mentiu para mim. E ainda me deu uma nova vida depois de a minha ter sido destruída.

— Eu não sei o que posso fazer por você. Pelo menos não além do que já faço.

— Você pode tentar ser feliz, Oliver. Pode tentar parar de lutar contra o seu próprio instinto e parar de ficar esperando que algo ocorra com ela para poder remediar. Isso deveria ter tido um fim há muito tempo, apenas você não enxerga.

Não falei nada, não queria entrar neste tipo de discussão outra vez. Eu não queria pensar na possibilidade de uma realidade onde eu não fosse para Daniele exatamente o que serei, ou que ela não existisse.

— Você tem que fazer o que é certo, Azrael. Mesmo que doa, obedecer é melhor do que sacrificar.

— É muito, mas muito feio de sua parte me dissuadir utilizando a palavra de Deus.

— Não é feio, como eu disse, é o certo.

— Tá, mas me diz: E você? O que está fazendo com a sua vida?

— Além de tê-la desperdiçado esperando que você me note? Tenho saído e feito compras. Há uma vantagem em morar numa casa cheia de mulheres, muitas compras.

— OK, mas e para si? O que tem feito por si mesma?

— Do que está falando?

— Da sua vida.

— O que tem ela?

— Você deveria estar aproveitando ela.

— Eu estava pensando a mesma coisa.

Ela virou meu corpo para si e antes que eu pudesse negar, ela tinha colado o corpo ao meu, bem como os lábios. Eu tinha minhas vontades, muitas vontades, e apesar de todas elas serem para Daniele, eu me deixei ser levado para o quarto por May.

Ela não era uma forma de aliviar as minhas necessidades. May era a pessoa certa, eu sentia isso. Ela poderia ser o suficiente para acabar com toda a luta interior que eu vinha tendo desde a queda. Eu só não poderia dizer que o que sentia por ela era amor, não era. Era algo como uma gratidão profunda e uma atração irresistível.

Permaneci com May durante esse ano inteiro, até eu voltar para o Brasil em busca de Daniele.

Não sei se ainda há muito a contar sobre minha história a partir de então.

QUARENTA E UM



Provo teu gosto em silêncio

Como quem bebe o luar

No proibido da noite

Não tive medo de amar

Provo teu corpo num sonho

Deste que ardem por dentro

Guardo comigo, em silêncio

O próprio gosto do vento...

LISANDRO AMARAL

Eu sabia que precisava de respostas depois que acordei suada e trêmula de um novo pesadelo. O sol não tinha surgido e eu mal tinha conseguido grudar os olhos, nos momentos em que consegui, eu simplesmente tive mais um daqueles sonhos estranhos que vinham me atormentando há tempo.

Eu não sei exatamente que ano era, mas eu estava sentada numa casa de campo, perto da cerca. Chovia demais, e as ondas castigavam os rochedos ao longe. Lembro-me de ter me esgueirado pela varanda da casa e descido para o solo sem dificuldade.

Meus pais me mandariam à Europa na semana seguinte devido ao meu mau comportamento. Eu recusara diante de uma multidão vestida com roupas bufantes o pedido de casamento do conde de Aberdare e o ultraje só não fora maior ao homem porque meu pai me dera uma surra praticamente diante de todos pelo mau comportamento.

Agora, eu precisava encontrar com ele mais uma vez. Rafe estaria onde sempre eu o encontrava, e eu não poderia deixar de vê-lo antes de partir.

Coloquei a capa sobre os cabelos cor de cobre e corri sob a chuva até a igreja de Aberdare, onde eu o encontraria.

Assim que entrei na igreja, senti a enorme e invisível energia ressonando ao meu redor. Sentia a grandeza do reino de Deus e o quanto eu fazia parte dele, me senti pequena, minúscula. Ajoelhei-me à entrada da igreja, diante do enorme crucifixo de madeira com a imagem do cristo padecendo e rezei baixinho para que eu refletisse sobre como eu tinha vivido tão intensamente à luz do seu amor.

Ninguém havia se arriscado a ir á igreja com aquela chuva. Vi que o confessionário estava vazio e sentei na área destinada. Através da tela, eu ouvi quando a respiração do padra Rafe ficara mais pesada.

Fiz o sinal da cruz e falei:

— Abençoe-me, senhor padre, pois eu pequei. Foram muitos pecados desde minha última confissão.

— O Senhor é bom para perdoar os pecados se verdadeiramente forem lamentados – Rafe disse.

Eu conseguia ver os lábios dele movendo-se nervosamente enquanto ele falava. E o olhar dele procurava o meu, uma vez ou outra, através da tela que nos separava. Eu não deveria ser tratada de maneira diferente, de qualquer forma, mas sei que ele o fazia sempre que era eu do outro lado do móvel de madeira.

— Eu estou condenada, padre. Apaixonada por um homem que jamais olhará para mim com os olhos que desejo. E eu não quero competir com o meu concorrente.

— E quem é seu concorrente? – Rafe perguntou.

— Deus, Deus é o meu concorrente. O homem que eu amo devota a sua vida a Ele, e eu seria completamente mentirosa se dissesse que eu não temo o meu castigo.

— Qual o nome desse homem?

— Ele se chama Rafe Morgan – eu falei – é o padre para o qual me confesso neste momento.

Houve silêncio do outro lado, meu coração batia freneticamente em meu peito. Rafe parecia não saber o que dizer após a minha confissão, e eu não sabia o que esperar ao certo.

— Hoje seria anunciado o pedido de casamento que seu pai tinha proposto no coração desde o nascimento.

— Eu sei. Eu tenho as marcas em mim por não tê-lo aceitado. O duque de Aberdare pode ser o homem mais bem cotado para marido da cidade, mas não é o homem por quem eu sinto todo o meu ser desfalecer.

Eu abaixei o olhar e enxuguei as lágrimas com o lenço úmido que retirei da gola do meu vestido.

— Rafe, eu o amo desde a primeira vez que o vi, e sei que o que senti foi sem igual. Eu tenho quinze anos, estou na idade perfeita para casar, e sei que o senhor me ama da mesma forma. Eu sei que o senhor anseia pelas minhas visitas assim como eu as anseio, eu consigo perceber pelo modo que fala.

Eu me levantei e deixei a capa cair de sobre a minha cabeça. Dei a volta no confessionário de madeira e abri a porta para ver o espaço onde Rafe estava. Ele suava em bicas, tão assustado pelo meu sentimento quanto eu. O jovem padre tinha seu cabelo louro grudado à testa e se precipitou para fora quando me viu apenas com a combinação de roupa íntima na igreja.

— A senhora está louca? – ele se precipitou e me cobriu com a própria estola – não respeita a casa de Deus?

— Padre, já disse que o medo do meu oponente existe, mas a minha loucura é ainda maior. Se o senhor não me disser que sim, que me quer, eu juro que não há sentido para esta minha existência.

Eu dei alguns passos para perto dele e peguei a mão dele levando ao meu próprio seio.

— O senhor não me sente? Não me quer aqui?

— Contanto que tenha vindo até a igreja com a intenção de purificar o coração, a senhora é mais do que bem-vinda, mas somente para isso, senhora – ele arfava, e eu amava aquele olhar no rosto dele.

— Eu quero me purificar, mas depois disso.

Eu peguei o rosto de Rafe entre minhas mãos e me deixei beijá-lo. Senti a energia da igreja mudar e senti quando eu estava sendo envolvida por uma compreensão maior de que ele tinha sido feito e destinado para mim. Rafe quis resistir, mas não conseguiu. Ele me beijou ardentemente enquanto eu parava os beijos para repetir o ato de contrição como ele mandava:

— Meu Deus eu me arrependo de todo o coração de vos ter ofendido.

Rafe beijava-me como se soubesse que aquele seria o último dia da minha existência.

— Ao escolher o caminho errado e deixar de praticar o bem, pequei contra Ti, a quem deveria amar sobre todas as coisas.

Ele retirou a própria roupa sacerdotal e se embebeu em meu colo seminu.

— Estou convencido a mudar, com a ajuda da Tua graça, a pagar a penitência, não mais pecar e a evitar tudo que me levar para o mau caminho.

Rafe me sorriu e mordiscou meu lábio inferior. Ele me tocou na testa e eu desfaleci, quando abri os olhos estava próxima dum abismo. A cena tinha mudado totalmente. Havia duas figuras com os olhos enegrecidos segurando punhais em minha direção. Eu estava terrivelmente amedrontada e caminhava em direção ao espaço vazio atrás de mim. Meus pés alcançaram o limite e eu quase me desequilibrei.

Rafe estava jogado ao chão, um pouco mais longe, ele estava consumindo vários demônios em sua forma de fogo, mas ele não me alcançaria a tempo de me proteger. Os homens que estavam atrás de mim eram os senhores de engenho do meu pai, mas ao mesmo tempo não o eram, eu nunca tinha antes visto olhos tão assustadores.

— Isso tem que acabar, não me ajude...

— Clare! – Rafe ainda gritou meu nome.

— Anjos podem voar... – Eu sussurrei

Eu abri os braços e me deixei ser seduzida pelo chamado do abismo. Eu me joguei daquela altura e fechei os olhos para não sentir meu corpo me chocar contra as pedras pontiagudas e lisas serradas pela água ao longo dos anos.

Era sempre nessa parte do sonho que eu acordava. Quando eu morria. O pior era ver que eu não era nenhuma dessas pessoas. Eu sentia que tinha sido todas elas, ao mesmo tempo sentia que não era.

Os pesadelos tinham se iniciado quando eu mandei o espírito no meu quarto embora.

O sol surgiria no horizonte em poucos minutos e eu ainda estava parada feito uma idiota na cama, olhando para o telhado e tocando os lábios quase como se eu ainda pudesse sentir os beijos que tinha trocado com Rafe.

Desde que eu mandara embora meu anjo-da-guarda, como minha mãe chamava a minha descrição da presença que eu sempre sentia, os pesadelos voltaram com força toda. Não havia uma única noite que eu não sonhasse com mortes e destruição.

Levantei-me e chamei pela presença mais um pouco, mas não adiantava, por mais que eu a chamasse ela não vinha.

"Você mandou-o ir embora, ele só voltará quando for o tempo certo" meu subconsciente me avisou.

Eu sabia o que tinha feito.

Enchi a banheira de água e joguei sais de banho. Eu sempre fazia isso quando queria ficar pensando sobre os sonhos. Minha mãe já tinha levantado, eu conseguia sentir o cheiro do café sendo preparado preenchendo toda a casa.

Fechei os olhos e fiz uma coisa que eu não fazia há muito tempo, me deixei chorar para liberar o medo que eu tinha sentido por conta dos pesadelos.

Eu estaria viajando em algumas horas para os Estados Unidos. Eu tinha sido aceita no Instituto tecnológico de Seattle, o lugar para onde eu sempre quis ir estudar. E eu sentia que aquele devia ser o dia mais feliz da minha vida, mas eu me sentia estranha, me sentia apreensiva por não saber exatamente o que estaria me esperando, e nem por quê.

Desci as escadas depois de cerca de uma hora e vi a minha mãe com os olhos cheios de lágrima enquanto folheava um dos meus álbuns de bebê.

— Bom dia, mãe. Eu já disse para a senhora que isso não é certo, ficar se machucando desse jeito, eu só vou estudar – eu estava dando uma bronca nela, minha mãe estava sensível demais esses dias.

— Me desculpe, Daniele – ela disse – eu sinceramente não sabia que já estava acordada. Eu mal consigo acreditar que minha filha cresceu tanto, e ficou tão linda... tão linda... – ela desabou a chorar outra vez.

— Não fique assim – eu me abracei a ela e sorri um pouco quando ela pareceu ter ficado melhor – eu venho em toda oportunidade que tiver. E papai também prometeu que levaria a senhora para me ver sempre que pudesse. E a gente vai se mudar para lá em menos de dois meses, o que de errado pode acontecer nesse tempo?

— Você tem razão – ela limpou os olhos – eu deveria estar embalando tudo isso antes que seu pai acorde. Ele vai estar cansado.

— Ok – eu tomei um gole do café e subi para organizar as últimas coisas e me vestir. Minha irmã, Lidianne, já morava lá, e tinha o famoso cartão verde, já que tinha casado com um gringo.

— Ei, mocinha, está esquecendo uma coisa! – minha mãe berrou e me fez voltar para a cozinha.

— O que?

— Seu presente de aniversário – ela me deu uma caixa de sapatos decorada, típico presente que ela me daria – não se faz vinte e três anos todo dia.

— Na verdade se faz cada ano apenas uma vez.

— Não seja chata, abra logo.

— Eu espero, sinceramente, que seja um tênis, a senhora sabe que detesto Loboutans – eu dei língua para ela quando vi o nome da marca na caixa.

Dentro havia um álbum de retratos com fotos da família, fotos do meu pai, minha mãe, minhas, da minha irmã caçula que teve a ousadia de casar antes de mim. Também havia o meu urso preferido da infância, totalmente reformado, e uma foto de uma linda e reluzente moto Hayabusa, grafite e rosa.

— Já está na casa da sua irmã. Eu só espero que tome cuidado com ela, seu pai estava morrendo de medo da minha sugestão.

— Vocês são os melhores! – eu a abracei e beijei o alto da sua cabeça e vi meu pai aparecer na cozinha, corri para ele e o abracei também agradecendo pelo presente.

— Eu sei, eu sei, somos demais – ele bateu as mãos com a minha mãe – mas lembre-se: nada de correr demais, nada de rachas, e nada de garotos na garupa.

— Pode deixar – eu pisquei para ele.

Claro que minha mãe iria ter me dado a moto de presente. Eu herdei a paixão de motos dela, eu acho. Ela era piloto profissional de Rally e deixava meu pai, um simples diretor escolar, com o coração na boca em cada uma de suas corridas.

Agora sim, subi para o quarto e tomei meu banho. Guardei as últimas coisas que eu iria levar numa outra mala, meu pai me tinha mandado não levar tantas coisas, já que a maioria delas eu compraria lá mesmo, e assim eu economizaria com o peso extra da bagagem.

Quatro horas da tarde, depois de um almoço familiar, eu já estava no avião da American Airlines indo em direção à cidade que eu sempre via quando fechava os olhos para descansar.

QUARENTA E DOIS



Gostaria de conduzir a vida com a mesma confiança que conduzo minha moto, sentindo-me livre e feliz sempre, e se por acaso me perder na trilha não tem problema afinal só é encontrado quem se perde, sem contar a satisfação de ter aprendido um novo caminho seja ele melhor ou não.

JOSEILSON CHAGAS

As ruas de Seattle me eram tão estranhas e tão familiares ao mesmo tempo. Eu sentia como se já as conhecesse de algum lugar, de há muito tempo. Eu ainda tinha cerca de uma semana até o dia das aulas começarem, eu sempre quisera estudar engenharia mecânica, era o meu sonho desde menina, desde quando vi uma Harley Davidson vermelha, preta e prateada nos meus sonhos uma vez, eu sempre disse que queria entender mais daquelas belezinhas.

Minha irmã fora me buscar no aeroporto, depois disso, eu não prestei para mais nada no restante do dia, apenas para dormir.

À noite acordei quando minha irmã chegou em casa, depois de ter saído para fazer compras com o marido.

— Ah, decidiu acordar bela adormecida?

— Que horas são?

— Deve ser quase oito da noite, eu saí para fazer compras, eu te chamei, mas você estava dormindo.

— Não, não. – eu sorri – eu estava acordada, só estava com preguiça e não respondi.

Lidiane sorriu e respondeu:

— Bem vi! Da próxima, não vai ter escapatória para você, mocinha.

— Eu vou arranjar um jeito de escapar.

— Tá bom, vem aqui me ajudar a guardar essas compras.

— Tá bom – eu peguei uma das sacolas e comecei a arrumar as pilhas de comida no armário, muito congelado, muita comida pré-pronta, eu iria sentir falta do bom e velho feijão com arroz. Notei um flyer no meio das compras e ergui-o para mostrar para Lidiane – Hei! O que é isso aqui?!

— Ah – ela pareceu ter se lembrado daquele papel naquele momento – eu vi isso colado ao muro do Walmart, eu trouxe para você dar uma olhada. Parece ser uma coisa que você gostaria de fazer.

Eu já estava com o sorriso do tamanho do mundo só de interpretar as primeiras palavras naquele papel. O flyer anunciava um encontro de motoqueiros na cidade, com uma disputa de aceleração que tinha como prêmio vinte notas com a imagem de Benjamin Franklin, o preço para participar era de cinquenta dólares. Eu precisava muito, mas muito, fazer isso!

— Pelo brilho nos teus olhos, posso dizer que você não vai sossegar se não se meter nesse negócio, não é?

— De maneira alguma.

— Por isso – ela disse – eu trouxe uma cópia da chave de casa para te dar. Eu adoraria ir contigo até lá, mas eu não posso perder o horário amanhã cedo.

— Tudo bem. Eu preciso de cinquenta dólares, não tive tempo de pegar nada no banco.

— Espera – ela abriu a pequena bolsa cheia de strass e me deu – aqui, mas eu acho muito bom você estar cogitando a idéia de trazer esse dinheiro de volta para casa.

— Eu não estou cogitando a idéia, eu vou trazer os dois mil para casa. E vou aproveitar para te levar para colocar um piercing.

— Não, não... Já me bastam os que você tem.

Ela ficou sorrindo e jantamos juntas antes de eu ir me arrumar para sair.

Lidiane, minha irmã caçula, era totalmente diferente de mim. Dois anos mais nova, ela não tinha o mesmo espírito rebelde que eu tinha. Ela gostava das coisas doces e delicadas.

Roupas leves e cor-de-rosa, casamento, jantares românticos, dentre outras coisas. Ela até mesmo faz parte do grupo de mulheres tradicionais da igreja dos mórmons. Totalmente diferente de mim.

Ela estuda pedagogia, eu estudarei engenharia. Ela gosta de bossa nova, eu gosto de rock. Ela tem o cabelo escuro e a pele avermelhada, como meu pai, eu sou quase albina, como a minha mãe, de tão clara que é minha pele e meus olhos. Eu poderia facilmente por passar por uma dinamarquesa se eu quisesse.

Vesti-me e desci as escadas correndo, peguei o capacete que minha irmã estendia para mim.

— Você vai querer que eu busque você na saída?

— Não, eu venho de moto mesmo.

— Se estiver toda ralada e quebrada, não esquece de ligar. Pode ligar a cobrar mesmo.

— OK – eu peguei as chaves e coloquei no bolso e me olhei no espelho perto da saída. Calça de couro escura, jaqueta de couro, camiseta de banda, bota cano médio sem salto, nenhuma maquiagem.

— Você está bonita – Lidianne disse antes que eu saísse. Eu joguei um beijo para ela e fui até a garagem pegar o melhor presente de aniversário que eu tinha recebido desde que me tenho por gente. Claro, nada se comparava à primeira vez que eu fui à Disneylândia aos dez anos, mas eram épocas diferentes da minha vida.

Coloquei o capacete na cabeça. Ajustei o Denko ao meu corpo e acelerei para sair da garagem como se eu quisesse saber do que a Hayabusa sob mim era capaz.

E ela era capaz de muito.

Eu sentia o vento a ponto de cortar meus olhos, e precisei baixar o visor do capacete para que eu não me distraísse.

Parei num semáforo e dei uma última olhada no endereço no papel. Surpreendendo-me com a facilidade com que eu chegava ali, como disse antes, era como se eu conhecesse aquela cidade.

Meu subconsciente estava silencioso, sempre que ele ficava assim significava que algo grande estava por acontecer.

Cheguei ao local indicado no flyer e, de longe, percebi que era o local certo. Muitas motos reluzentes estavam paradas perto dos seus donos orgulhosos, outro grupo estava

queimando pneu em círculos como forma de amedrontar seus adversários. Também havia as típicas vadias que se jogavam sobre os vencedores para compartilhar do prêmio. Podia ser cinco pratas, as vadias estariam lá.

— Ei, - um bigodudo com o cabelo quase na cintura se aproximou com seu ar perigoso, pelo símbolo da gangue Highwaymen na sua jaqueta, eu sabia que ele realmente era – o que quer aqui, veio competir? – ele perguntou se aproximando.

Estendi a nota de cinquenta para ele e disse:

— Eu não vim competir, eu vim ganhar.

— Temos uma garota aqui – ele apontou para os colegas que não prestaram atenção nele – qual teu nome?

Eu não podia dizer meu nome verdadeiro, vai que eles fingiam um sequestro para um dos números da minha agenda telefônica no celular.

— Lily – eu disse – meu apelido, não acho que preciso mais do que isso.

— Vinte minutos para a corrida – ele disse – esteja pronta, a não ser que queira fazer as unhas.

Ignorei o comentário e me coloquei na posição do número que uma das vadias veio colar na minha jaqueta. Já haviam vários competidores ao meu lado, cada um deles lustrando sua moto, enquanto eu apenas me concentrava no caminho à frente.

Todas as vagas foram preenchidas e os postos de largada estavam ocupados. O bigodudo veio tocando no ombro de cada um de nós pedindo que colocássemos os capacetes e nos preparássemos, eu não precisava, sequer tinha tirado o meu.

Ele disse:

— Vamos começar aqui e parar na terceira transversal. As ruas já estão fechadas, a polícia não está vindo, o primeiro que cruzar a linha de chegada leva o bolo.

Acenei positivamente para mostrar que tinha entendido. Ele saiu da frente de todos e uma das vadias veio com um sinalizador para frente de todos. Eu já estava girando o acelerador da moto, quando ela disparou o sinalizador e todos começaram a correr, inclusive eu.

A corrida era de aceleração, o que significava que eu deveria atingir a velocidade máxima até o meio da pista, onde tinha um sinal luminoso, e depois desacelerar até o final.

Modéstia a parte, minha moto era uma das melhores de lá. Então uma parte das motos ficou para trás na aceleração, enquanto três motos seguiam na dianteira. Dentre elas a minha. Depois de atingir o máximo de aceleração, eu estava alguns centímetros à frente da moto ao meu lado, o motor da outra moto, do outro lado, estourou e ela desacelerou, era apenas eu e o meu concorrente.

Eu ajustei mais meu corpo na moto à minha frente e vi pelo canto do olho quando o meu oponente fez o mesmo, ele estava deslizando, muito de leve, para o meu lado. Ele estava vindo para a minha parte da pista e eu estava xingando ele mentalmente. Ele estava roubando na cara dura, e se eu não quisesse bater, eu teria que desacelerar.

Ele deslizou de leve para invadir a via em que eu estava, as motos estavam perdendo velocidade, mas ele ainda queria me ultrapassar para ganhar a qualquer custo. Ele entrou na frente da minha moto, achando que eu iria frear, amedrontada, mas eu mantive a velocidade, e o resultado foi que as duas motos se chocaram e o meu oponente e eu caímos e, por culpa da velocidade, fomos escorregando pelo asfalto até pararmos de uma vez.

O Denko, que eu usava, inflou e protegeu minha coluna cervical. Não posso dizer o mesmo do meu companheiro de desafio, que estava jogado ao chão e cuja calça jeans escura estava toda esfolada, como sua perna e uma parte do braço.

Levantei e fui até ele, sentindo uma dor tremenda no pé, mas sabendo que eu não o tinha quebrado. Felizmente a jaqueta de couro tinha aliviado muito do impacto, e apenas uma parte da batata da minha coxa estava machucada.

Fui até o cara, ele já estava se levantando e ajuntava a moto sem olhar para mim. Ele me viu se aproximar e teve a coragem de dizer:

— Você é louca? Queria nos matar?

Retirei o capacete, finalmente, e olhei para ele no rosto gritando as palavras:

— Você é que é o louco! Não viu o que fez? Estava precisando tanto assim das duas mil pratas avisasse, eu não teria corrido o risco de quebrar o pescoço à toa. Parece que quem queria matar alguém aqui hoje era você!

Ele não falou nada, ficou observando o meu rosto como se precisasse de um tempo para pensar no que ia falar.

— Que é? Perdeu a voz? – perguntei irritada – fique sabendo que vai pagar cada centavo do conserto da moto.

O rapaz não falava nada, não ainda. Ele continuava olhando para meu rosto. Rapaz não, um homem feito. Cabelos pretos e olhos castanhos. Alto e forte. Ele olhava para o fundo dos

meus olhos com alguma espécie de intimidade, e eu precisei me afastar para não ser levada por uma sensação estranha.

— O que está fazendo aqui? – ele falou para si mesmo, mas eu ouvi.

— Eu vim ganhar a grana, isso que eu vim fazer, se não fosse você atrapalhar.

Ele ignorou a minha resposta e apenas olhou ao redor.

— Desculpe aí, eu achei que era um cara, se soubesse que era uma garota eu tinha pegado mais leve.

— Eu é que pegaria mais leve se soubesse que estava falando com um demente.

Irritada ergui minha moto do chão e recusei a ajuda do rapaz que veio ser "cavalheiro". Olhei para a série de arranhados na pintura e mais os amassados nela, eu mal a tinha estreado e já a tinha comprometido.

O bigodudo apareceu do nosso lado, desceu da moto, e empurrou o rapaz ao meu lado em seu peito.

— Se você tivesse causado um acidente, ia ter que lidar com os "homens" depois – ele pegou o cara pela gola – não sabe perder, meu irmão?

O rapaz ergueu os braços, como em pose de rendição, e eu vi quando o olhar dele mal encarou o olhar do bigodudo, mas ficou permanentemente sobre mim.

— Eu nem preciso dizer que a garota aqui vai levar a grana – o bigodudo completou e jogou o bolo de dinheiro para mim – valeu por acabar com a festa.

Eu não tinha acabado com festa nenhuma, na verdade eu estaria numa festa se o idiota perto de mim não tivesse me atrapalhado.

— Ei – o idiota chamou minha atenção – me desculpa mesmo. Eu vou dar um jeito de pagar o conserto da sua moto.

— Ah, mas vai mesmo.

— Para isso, eu precisarei pegar seu telefone, sabe como é, para mantermos contato e eu poder dar um trato na sua... – ele completou – moto.

— Muito engraçado, mas não dou meu telefone a estranhos – eu subi na moto, que não tinha sido comprometida a ponto de não funcionar, ia colocar o capacete sobre o rosto.

— Meu nome é Oliver – ele disse quando se aproximou da moto e estendeu para mim a minha carteira que eu tinha deixado no chão – qual o seu nome?

— Tenta adivinhar.

Peguei a carteira, coloquei o capacete na cabeça e acelerei de volta para casa. A sensação estranha só aumentando.

"E lá vamos nós de novo" meu subconsciente falou e eu não entendi ao certo a que ele se referia.

QUARENTA E TRÊS



Não, a pior tragédia não é a que tomba inesperada, rápida, definitiva e única como um raio e que pode ser atribuída a castigo divino...

Mas a que se arrasta quotidianamente, surdamente, monótona como chuva miudinha.

MARIO QUINTANA

— Oh meu Deus! O que aconteceu com você?!

Minha irmã me recebeu com uma cara de preocupada, também, minha aparência não era das melhores. Apesar do Denko, o meu colete de proteção, ter me protegido, minha roupa estava bem estragada. Ela me analisou de alto a baixo, parecendo muito mais responsável que eu.

— O que aconteceu? Um idiota atravessou minha frente. Acredite, a minha moto está num estado pior que eu.

— Você atropelou alguém?!

— Não, mas eu bem que queria ter atropelado. O idiota não sabe perder, e se enfia no meio dos que estão vencendo.

— Acho que deveríamos ir ao hospital.

— Não, eu vou ficar boa logo. Ah, por falar nisso... – peguei o dinheiro que eu tinha ganhado e mostrei as notas – eu disse que ia trazer o dinheiro – eu dei um bolo de dez Benjamins para ela e falei – pronto, estou ajudando nas contas do mês. Eu só não vou poder

fazer muita coisa quanto a promessa de uma saída para nós duas, eu provavelmente vou gastar esta parte inteira no conserto da moto.

— E o cara que te derrubou, não vai pagar?

— Eu me fiz de difícil e não dei meu número de telefone para ele.

— Eu já te vi brigar por muito menos.

— Eu sei, não sei o que aconteceu comigo. Eu fiquei praticamente sem reação quando estava perto dele. Não sei explicar.

— Ah, então ele era bonito? – ela me sorriu.

— Bonito? Não, nada a ver. Ele era no máximo apresentável.

— Sei. Pena que você não deu seu telefone para ele. Agora ficou com o prejuízo da moto e do carinho.

— Prejuízo nenhum, eu ganhei reputação – eu subi as escadas sorrindo e decidi ir tomar algum banho.

"Ele não era apenas apresentável, você e eu sabemos bem disso" meu subconsciente me alertou.

"Apresentável era pouco, mas tudo bem, nós não vamos ficar pensando muito sobre isso".

Era o mesmo que pedir para pensar sobre isso vinte e quatro horas. Meu subconsciente era muito rebelde. Não se dobrava às minhas vontades de jeito nenhum.

Terminei o banho e fui deitar, eram três da manhã, e no dia seguinte, um domingo, eu seria obrigada a ir com a minha irmã à igreja, eu bem sei.

Eu estava tentando descansar na cama, parecia que muitas horas tinham passado, mas eram apenas alguns minutos. Eu não conseguia achar uma posição confortável o suficiente para dormir. A sensação de ser observada tinha voltado. Aquela sensação que desde o Brasil eu não sentia; aquela sensação de que ao mundo parecia estar constantemente me vigiando.

— Você está aí? – eu sentei na cama e perguntei, baixinho, para minha irmã não achar que eu estava ficando louca.

Silêncio.

Eu não sei o que, exatamente, eu estava esperando. Eu só sei que eu precisava entender por que essas coisas estranhas pareciam ter um alvo certo, eu.

"Ele está aqui, só não quer aparecer" o meu subconsciente me alertou.

Era ele? O ser que me acompanhava desde criança? Ele finalmente tinha voltado? Depois de anos e anos de silêncio. Aquela presença, de repente, se tornou reconfortante, e eu consegui me sentir bem pelo menos um pouco em meio ao pavor que eu sentia na noite.

Eu deitei outra vez, me senti protegida, e consegui descansar.

* * *

Uma parte da cidade de Seattle fora sacudida por um abalo sísmico na noite. As notícias não eram animadoras, os prédios não ruíram naquela parte, mas suas estruturas foram sacudidas e estavam seriamente comprometidas. Pessoas estavam desabrigadas e todo o mais acontecia. Era o primeiro terremoto em anos, os jornais frisavam bem.

Eu só conseguia imaginar que o ser que estive no meu quarto na noite anterior, era o responsável por isso. Pois, depois de anos e anos, minha irmã disse que aquilo acontecia. Justamente na noite em que senti a presença estranha no meu quarto.

Lidiane estava preocupada, a igreja estava organizando uma arrecadação de materiais de primeira necessidade para levar até o local. Além de um grupo estar sendo formado para ir auxiliar nos resgates no local.

Depois de uma manhã inteira indo aos comércios com os formulários para doações, além de bater de porta em porta, com um grupo de voluntários da igreja, finalmente tínhamos conseguido um bom número de material para ser levado ao local do terremoto.

Os grupos de voluntários, inclusive eu, que tinha me inscrito na última hora, foram divididos em várias caminhonetes. Ao final da manhã já estávamos nos dirigindo para o leste de Seattle, o local mais atingido pelos abalos.

A cena era bem pior do que a televisão tinha mostrado mais cedo. Os grandes prédios, que tinham maior infraestrutura nas suas fundações e bases, realmente tinham sofrido muito pouco com a intensidade dos tremores, porém, as pequenas construções de madeira na parte menos afortunada da cidade, tinham ruído com facilidade. A mídia contava quatro mortos até o momento. Eu me sentia completamente desolada pela cena que via.

Uma mãe pranteava o filho perdido; um casal lamentava a morte de uma senhora idosa, tia de um deles, que vivia sozinha apesar da avançada idade, um pai chorava pela perda da mulher e do filho pequeno que estavam em casa quando tudo tinha acontecido, quando ele estava fora da cidade.

OS bombeiros ainda procuravam mais pessoas por entre os escombros, sendo que havia ainda pessoas desaparecidas.

O fornecimento de energia elétrica e de água tinha sido interrompido para a cidade até que conseguissem consertar um dos dutos responsáveis pelo abastecimento naquela parte da cidade.

Organizamos os kits de alimentos e de fardos de água para entregar às pessoas assim que elas eram direcionadas para abrigos.

— Organize as crianças! – uma moça veio para meu lado, me ordenando – algumas estão ficando assustadas, estão perdidas dos pais, já que eles estão ajudando no resgate, tente cuidar delas.

— Ok, farei isso! – assenti e comecei a chamar aos pequenos para virem para meu lado – Ei! Quem quer ouvir uma história? – Um dos meninos pequenos não parecia muito interessado em ouvir o que quer que eu tinha a dizer, mas eu insisti – ela tem dragões.

As meninas foram as primeiras, os meninos se aproximaram timidamente. Eu procurei na costa da caminhonete uma caixa cheia de tartarugas de chocolate e consegui finalmente convencê-las a entrarem comigo no abrigo, uma quadra de basquete duma escola local cheia de barracas de acampamento armadas.

Fiz as crianças sentarem comigo perto da área livre no meio delas, onde tinha uma pilha de roupas e cobertas, e comecei a contar uma história para distraí-las. Até os meninos ficaram comportados com a promessa de mais chocolates ao final.

A tarde caía, eu vi um rapaz se aproximar com uma enorme caixa hermética. Meus olhos não quiseram acreditar no que eu via.

O idiota que quase me fez quebrar o pescoço na noite anterior se aproximava, ele ainda não tinha me visto. Quando colocou a caixa no chão, ele perguntou às crianças:

— Eu trouxe cachorros quentes e hambúrgueres, quem quer?

Ele sorriu na direção das crianças até que me olhou no meio delas. Ele levantou, repentinamente, como se estivesse assustado, mas balançou a cabeça e aliviou a confusão que sentia para poder falar.

— O que está fazendo aqui?

— O que acha que estou fazendo. Ajudando oras. Eu é que não esperava te encontrar aqui. Sabe, um cara que fica jogando a moto propositalmente na intenção de arrancar uma vida, não deve ser um cara tão legal a ponto de ser um socorrista.

— Mas eu estou aqui – ele disse – e foi bom te reencontrar, agora eu poderei saber mais sobre sua moto.

— Primeiro alimente as crianças.

Ele sorriu para mim e começou a pegar os lanches para entregar as crianças. Cada uma ganhou um cachorro quente e um hambúrguer. Não demorou muito, uma mulher, muito bonita, veio para perto de nós empurrando um carrinho que tinha várias latinhas de refrigerantes de cola.

— Muito bem, encha o pessoal de açúcar – eu disse baixinho, para mim mesma, ironizando – os pais vão adorar isso mais tarde.

A mulher, que eu não imaginava que tinha me ouvido, olhou para mim com o mesmo espanto que o cara olhava, e não falou nada por algum tempo. Ela piscou algumas vezes para se desfazer do susto que tinha passado e olhou para Oliver, que estava abaixado perto das crianças.

— Você deveria ter me dito... – ela falou muito baixo, para ele, mas eu ouvi. Apenas decidi não me meter no assunto deles.

— Ei, – eu falei para que ela se ligasse que ainda tinha trabalho a ser feito – as crianças querem os refrigerantes. Quer ajuda?

— Não, eu não preciso da sua ajuda.

— OK, então, mas não seja tão devagar, estas crianças provavelmente não comeram muita coisa nas últimas vinte e quatro horas.

Eu levantei para pegar um dos fardos de latinhas para distribuir às crianças, mas ela me impediu.

— Eu consigo fazer isso.

O olhar que ela me deu me parou quase que de imediato, eu não me lembrava de conhecer ela, na verdade eu não me lembrava de ter feito qualquer coisa para ter tal tratamento, exceto pelo meu infeliz comentário que ninguém ouviu.

— Meu nome é Daniele – eu me apresentei estendendo as mãos em um gesto amigável – qual seu nome?

Ela olhou para minha mão estendida por algum tempo. Eu achei que ela não a iria segurar, mas ela olhou para as crianças, que olhavam para nós duas, e entendeu que eu estava querendo passar um bom exemplo.

— May Riley – ela disse – amiga do Oliver.

Ela olhou para Oliver passando a ele alguma emoção que eu não entendi.

— Precisa de ajuda?

— Não, eu estou bem... – ela começou – na verdade, acho que preciso sim. Vocês podem terminar isso? Estou indo pegar mais algumas coisas que esqueci no caminhão.

— Ok – eu disse.

— Certo. Você vai ficar bem? – Oliver perguntou e eu percebi que ele gostava dela.

— Vou sim, não foi nada. Aliás, não é nada que eu já não tenha vivido antes.

Eu a observei ir enquanto dava os refrigerantes aos meninos, eu sabia que ela não iria voltar. Oliver não falou muito pelo tempo que ficou ali, pelo menos por parte do tempo.

As crianças estavam se alimentando e ele estendeu um cachorro-quente para mim.

— Acho que você pode me dar seu número agora – ele disse com um sorriso no rosto.

— Você acaba de brigar com a sua namorada – eu falei enquanto pegava a comida que ele estendia – e já está cantando outra?

— Não somos namorados, não mais.

— Certo, mas ainda assim soa desrespeitoso.

— Por que soaria?

— Está dando encima de mim.

— Eu não estou dando encima de você, estou pedindo o seu número para consertar a sua moto.

— Você pode me dar o dinheiro, seria mais fácil.

— Ei! – ouvimos um chamado nos interrompendo, uma moça de cabelos longos e lisos, escuros como a noite, se aproximou – Ariel me mandou.

— O que houve?

Ela confidenciou alguma coisa ao ouvido de Oliver. Eu desviei o olhar para disfarçar a pontada de ciúmes que aquilo me causou.

Oliver olhou para mim e não falou nada, ele então pediu às crianças que tinham acabado de comer.

— Crianças, a tia Kamilla vai levar vocês para dar uma volta na cidade, vocês estão indo para um hotel num bairro vizinho. Os seus pais já estão no ônibus esperando.

As crianças o obedeceram de imediato. Fizeram uma fila, e seguiram atrás de Kamilla que ficou me olhando e sorrindo enquanto me dava "tchau".

As crianças foram embora, e não demorou nem cinco minutos, um alarme soou. Eu não tinha muito conhecimento sobre o assunto, mas, nos filmes que eu assistia, sirenes soando sempre significavam alguma coisa ruim. Olhei para Oliver, que juntava o lixo em sacolas, e ele falou como se lesse a pergunta no meu olhar:

— Um tremor secundário – ele se aproximou de mim e me pegou pela cintura – e estamos muito perto do epicentro.

O chão começou a tremer outra vez.

Oliver me segurou pela cintura e antes que eu pudesse reclamar, eu me vi sendo erguida rápido demais do chão enquanto ele voava comigo para fora do estádio.

Pousamos um pouco mais distantes de onde estávamos. Ele tocou o espaço entre os meus olhos e repetiu as palavras para mim como se fossem um mantra.

— Eu não quero que se lembre de nada.

Eu sabia que alguma coisa deveria acontecer quando ele olhou em meus olhos e percebeu que eu estava de pé e lúcida. Ele me soltou devagar.

— O que está tentando fazer? – eu perguntei – e que droga você fez?

— Eu fiz o que?

"Não fale, não mostre que sabe o que aconteceu".

— Eu não sei... Está tudo tão confuso... Eles nos mandaram correr, mas eu cheguei aqui tão rápido. Eu desmaiei?

— Não exatamente – Oliver falou e me apoiou.

Eu reclamei um pouco e fingi estar tonta.

"Muito bem, digna de um Oscar" meu subconsciente me elogiou.

QUARENTA E QUATRO



Precisava voltar. Pegar o primeiro avião e ir ao encontro dela novamente. Falar com ela, tentar convencê-la que nunca havia dito algo tão sério em toda sua vida, como quando disse que a amava. Dizer-lhe que não conseguia imaginar a vida sem ela. Dizer-lhe que faria o que fosse preciso para que eles pudessem ficar juntos.

NICHOLAS SPARKS

— Temos que voltar... – eu fiquei pedindo para tentar sair de perto dele – há muito ainda a fazer.

— Não, é melhor que fique num local seguro. Agora são os homens que irão trabalhar. Com esse abalo secundário, bom... As coisas devem ter ficado um pouco feias por lá.

— Você quer que eu fuja enquanto as pessoas estão precisando de ajuda?

— Não, eu quero que você fique distante. Não vou conseguir me concentrar direito com você por perto. E quando eu digo que as coisas estão feias, é por que realmente estão.

Oliver ia me dar as costas e me deixar sozinha ali, mas eu chamei a atenção dele mais uma vez.

— Ei... – ele virou para mim – eu, queria perguntar. Como aquela sua amiga...

— Quem, May?

— Não, a Kamilla, se não estou enganada.

— Sim.

— Como ela sabia que deveria retirar as crianças do local? Aquilo foi estranho, eu tenho certeza que ela fez aquilo por que sabia exatamente o que iria acontecer.

— Não foi estranho, foi operacional. Ela foi avisada. Ela simplesmente não deveria criar um caos desnecessário.

— Entendi. – a explicação não me tinha convencido nem um pouco, eu não sabia exatamente o porquê – então só me resta agradecer. Por você ter me tirado de lá, mesmo que eu não lembre exatamente como aconteceu.

Oliver me olhou aos olhos com um misto de sentimentos que eu não soube decifrar ao certo.

— Eu faria milhares de vezes mais se fosse preciso. Agora, que tal aquele telefone?

— Você merece todos os telefones do mundo – eu sorri e disse o número para ele – não esqueça.

— Não esquecerei – ele ia embora, mas voltou do meio do caminho e tocou meu queixo para que eu olhasse ao rosto dele – eu te pego às oito.

— O que?

— Isso mesmo. Eu te pego às oito.

— Você nem mesmo sabe onde eu moro – eu sorri.

— Eu descubro.

— Ok, vamos ver se você é bom assim.

— Eu não sou bom, eu sou o melhor – ele sorriu e deu uma piscadela rápida para mim.

Quando Oliver finalmente se foi, eu pude soltar o ar que nem sabia que estava segurando. Eu estava nervosa, muito, e não sabia a razão por trás disso.

Eu andei até a parada de ônibus e paguei uma passagem para a estação central, depois para casa. Sem a menor das dificuldades.

Minha irmã não estava, e meu cunhado também não. Na verdade, desde que eu cheguei, eu ainda não o tinha visto. Subi as escadas e comecei a organizar minhas coisas no closet. Liguei para minha mãe, mas ela não atendeu ao telefone. Provavelmente tinha descoberto alguma inscrição para exibição de motores de última hora. Liguei para meu pai, ele também não atendeu. Aquilo era realmente estranho.

Desci as escadas depois de terminar tudo, e coloquei os pedaços de frango pré-temperado para assar. Lidianne não pediu, mas eu preparei purê de ervilha e uma massa. Isso ajudaria a aliviar a fome de todo mundo, em especial a minha.

Veio-me à mente a cena com Oliver, a cena que eu estive empurrando por muito tempo, mas muito tempo, desde que eu tinha chegado e buscado de toda forma me distrair.

Oliver dera um salto gigantesco, que nos fez cruzar a altura do muro e da cerca que cercava aquela quadra, e depois pousou comigo naquele local afastado, com uma flexão dos músculos ligeiramente estranha. Como se ele fosse um enorme pássaro, como se ele tivesse asas.

"Um anjo" meu subconsciente me avisou imediatamente, e mesmo parecendo loucura, aquelas palavras nunca fizeram mais sentido.

Peguei meu Ipad e digitei na busca imagens sobre anjos. Informações sobre anjos. Muitas coisas, tantas coisas quantas pudessem explicar o motivo de aquilo me parecer ser a resposta correta.

A Wikipédia exibia algumas páginas de explicações sobre eles. Ative-me a uma especificamente, a da literatura judaico-cristã:

"Alguns anjos são citados por nome, até mencionados em excertos da liturgia religiosa, e também servem de protetores da humanidade e das pessoas individualmente. São entes inteligentes, mas vinculados e dependentes do poder Divino, que podem assumir diversos tipos de tarefas, que, aos olhos humanos, podem ser boas ou más".

Aquilo fazia muito sentido. Eu sabia desde que senti a presença em meu quarto, que esta presença poderia muito bem ter sido a responsável pela tragédia que acometeu a cidade. E agora Oliver aparecia fazendo coisas milagrosas e estranhas (o salto que ele deu, nem o melhor atleta do mundo o conseguiria) e ainda achou que poderia apagar minha memória com um jogo de palavras e um olhar fixo, coisa que ele não conseguiu.

Eu tinha medo, mas ao mesmo tempo estava fascinada pelo mistério que isso poderia significar.

A noite caiu rapidamente, minha irmã veio outra vez para casa, eu contei sobre como tinha sido o dia no voluntariado, não contei, claro, os pormenores do que tinha me acontecido. Até que a vi cuspir o purê de ervilha para todos os lados quando contei sobre Oliver.

— O que?!

— Foi isso mesmo, ele disse que iria me buscar às oito horas da noite. Eu acho que foi esse horário. Ele me disse que me encontraria, eu desejei sorte e foi isso.

— Só isso? – ela pareceu não acreditar no que eu estava falando – você não deu o endereço?

— Não, ele não esperou – maquiei um pouco a verdade.

— Ok, vou acreditar – ela mordiscou um pedaço do pão – quer saber, não vou não. Por que você é assim?!

— Assim como?

— Assim, por que não se permite viver. Parece que vive tomando cuidado, pisando em ovos. Tentando não olhar para os lados e apreciar a paisagem durante uma viagem. Parece que não quer viver, parece que não quer se apaixonar.

— Eu não faço isso.

— Faz sim, apenas não percebe. Veja bem, qual era o mal de dar ao rapaz o endereço para que ele viesse buscá-la para sair?

— Ele é um estranho, um completo estranho, não posso sair com ele.

— E quer o que? Sair com um primo? Teus filhos vão nascer com defeito.

— Meu Deus, você fala muita besteira – eu sorri.

— Então explica.

Eu respirei fundo. Eu tentaria falar aquilo que podia falar.

— Lembra-se do Pedro?

— Pedro... – ela pensou um pouco e os olhos dela pareceram se entristecer um pouco quando ela viu as coisas na frente dela desenhadas como estavam diante de mim – sim, o rapaz que você era apaixonada e que sofreu um acidente. Isso faz tantos anos.

— Sim, faz muitos anos. O problema é que eu gostava dele. E, eu sinto que se eu gostar outra vez de alguém, eu posso perder esse alguém da mesma forma. E eu não quero passar por isso outra vez.

— Eu sei que não, mas você não prevê o futuro. Você não consegue ver as coisas que irão acontecer, então tem que parar de ter medo. A gente só vive uma vez, quando se olha para o passado, no último dia, o que você vai ter? Arrependimento.

Minha irmã tentava me dar conselhos, e eu era a mais velha. Ela tentava impor sua visão sobre as coisas, e eu fingia entender. Mas, como eu explicaria a ela todas as coisas que eu sonhava. Como explicaria a ela que aqueles pesadelos que me acordavam nas madrugadas nunca tinham acabado e que, na verdade, eu me acostumei a eles para não perturbá-la em seu sonho, ou aos meus pais? Como eu explicaria sobre a constante presença no meu quarto? Sobre o medo irracional que eu sentia quando a madrugada chegava e eu conseguia sentir que estava sendo observada, por todo tempo, enquanto fingia dormir?

Eu apenas tinha me tornado esta pessoa endurecida, para fingir que não tinha medo, mas, eu sei, que se eu passasse por tudo outra vez, eu poderia facilmente sucumbir.

Era melhor, de algum modo era melhor, que eu não me apegasse as coisas terrenas. Pois, se os meus sonhos insistiam em me contar a verdade, e eu realmente tivesse morrido todas aquelas vezes, eu não queria deixar um rastro de saudade após mim.

Minha irmã ainda estava falando sobre o porquê de eu aproveitar a vida, quando meu celular tocou interrompendo a nós duas. Ela e seu falatório, eu e meus pensamentos.

Eu não conhecia o número no visor.

— Alô?

— Oliver Contreras – ouvi uma voz animada do outro lado – eu falei que ia te achar.

— Não é possível.

— Tudo é possível – ele sorriu – que tal vir me encontrar? Estou aqui fora, esperando. Congelando no frio da Seattle noturna. Seria uma boa um convite para um café.

Desliguei o celular e levantei para observar pelo olho de gato da porta. Não é que o lindo idiota estava mesmo do outro lado da porta? Meu ser sorriu um pouco por dentro, mas eu contive o sorriso no rosto. Lidianne não poderia ficar pensando que eu estava assim tão alarmada.

— Quem é?

— Adivinha? – respondi para Lidianne que já se aproximava para espiar pelo olho de gato também – é ele?

— É sim.

— O cara é um gato.

— Nem tanto vai – "mente, mente que um dia você acredita" meu subconsciente ralhou – ele é ate normalzinho. Como eu estou?

Lidiane olhou para mim, de alto a baixo.

— Um lixo, vai lá se arrumar e eu dou um jeito de distrair o rapaz aqui. Vê se não demora demais, ou ele vai se apaixonar por mim.

— Vou tentar, mas sei que assim que ele abrir essa porta ele vai se apaixonar por você.

Corri, escada acima, e creio que bati algum recorde mundial de pessoa que se arrumava mais rápido, por que menos de vinte minutos depois, eu já estava descendo as escadas.

Oliver me esperava sentado no sofá. Vestido com um jeans escuro, uma camisa preta social com os punhos erguidos e os dois primeiros botões da gola abertos. O cabelo estava bagunçado para todos os lados, mas parecia ter tido esse efeito produzido com cálculo, e ele olhava para mim com os mais incrivelmente sedutores olhos castanhos que eu já tinha visto.

"Eu disse, você não ia conseguir mentir para si mesma por tanto tempo" meu subconsciente me alertou, mas eu quase não o ouvi. Eu só conseguia pensar que essa cena, ou uma muito semelhante a essa, tinha acontecido antes.

— Pronto, ela chegou, Oliver – Lidiane disse – acho que não tenho que pedir que se divirtam hoje à noite, não é?

— Eu me ocuparei de fornecer um bom momento à sua irmã – Oliver disse com um sorriso – e obrigado pelo refrigerante. Desculpe por tê-la incomodado em sua casa.

— Não foi trabalho algum, volte sempre que quiser, se isso te fizer arrancar minha irmã do quarto para sair um pouco, será mais que bem vindo.

Arregalei os olhos na direção dela, ela não tinha filtro social algum, e estava me constrangendo.

— Eu vou acompanhar vocês até lá fora.

Oliver saiu à frente e Lidiane me parou no meio do caminho para colocar um pacote de chicletes no meu bolso e um na minha boca.

— Se diverte – ela me deu um ultimato.

— Eu vou – eu dei um beijo nela e segui até o lado de fora, onde Theodore me esperava numa Harley Davidson exatamente igual à dos meus sonhos.

QUARENTA E CINCO



Não sou mulher de rosas. Já disse de saída, no primeiro encontro, nem recordo a razão. [...] Eu não queria ser mais uma na sua cama, por isso disse não gostar de rosas, tampouco das vermelhas, pra me afastar da obviedade do amor. Não sabia como, mas queria que você me notasse diferente de todas as outras.

GABITO NUNES

Eu ainda não sabia o que iríamos fazer, talvez eu seja a única pessoa no mundo que consegue aceitar um pedido para sair de um cara que eu não conhecia o sobrenome até alguns momentos atrás.

Depois que descemos da moto, que devo confessar, ele pilotava muito bem. Olhei ao redor reconhecendo a zona underground de Seattle mesmo sem ter estado lá antes. Meus olhos brilharam quando eu vi, aos montes, as pequenas lojas dos tatuadores mais conhecidos da cidade agrupadas no corredor estreito iluminado por luzes avermelhadas.

Provavelmente Oliver viu o brilho nos meus olhos, por que ele já estava sorrindo quando anunciou:

— Eu pensei: por que não permitir a essa garota que eu mal conheço, a bela visão do retoque na tatuagem das minhas costas.

— Muito engraçadinho – eu fiz uma careta para ele.

— Muito, eu sei, mas aí eu pensei novamente e me veio a idéia. Por que não dar uma tatuagem para ela no presente de primeiro encontro.

— Você só pode estar brincando – eu sorri.

— Exagerei?

— Nem um pouquinho.

Oliver me mostrou um sorriso perfeito e abriu a porta do pequeno estúdio de tatuagens que estávamos em frente para que eu entrasse.

O tatuador era amigo de Oliver, me cumprimentou e mandou que Oliver sentasse na cadeira com as costas para nós. Eu sentei num pufe perto deles, queria observar o trabalho. Eu sempre tive uma paixão por tatuagens, meu pai, infelizmente, nunca me deixou fazer todas as tatuagens que eu queria. Ele disse que isso iria afetar meu desempenho profissional mais tarde, isto é, na hora da contratação, sempre levariam em conta o estereotipo do profissional perfeito, a despeito do meu. Minha mãe é que, um dia, me levou num estúdio às escondidas e me deu uma tatuagem de presente de aniversário. Eu escrevi duas frases na costela, e elas são meu xodó até hoje.

Oliver retirou a camisa e exibiu o torso nu. Ele era incrivelmente bonito, forte na medida certa, e, exceto pela tatuagem de asa de anjo que cobria metade da sua costa e ia do pescoço até desaparecer dentro do cós da calça jeans, ele não tinha uma só marca. Era quase uma escultura.

No momento em que eu vi aquela tatuagem, eu tive certeza de duas coisas. Uma delas era a de que Oliver era muito, mas muito corajoso por fazer uma tatuagem daquela extensão e, principalmente, com detalhes em lugares que deviam doer muito; a outra era a de que eu já tinha visto aquela tatuagem antes.

O tatuador começou o trabalho de reforçar os pontos pretos na tatuagem, que eram muitos, e meus olhos trabalhavam junto com a máquina que espetava a carne de Oliver. Eles avançavam conforme ela avançava.

— Vem para cá para perto – Oliver pediu e eu arrastei o pufe até perto dele.

— Estou aqui.

— Vamos conversar um pouco no nosso primeiro encontro – ele disse.

— Nosso encontro estava perfeito, até agora, já está querendo estragar? – ironizei fazendo-o sorrir. E que sorriso ele tinha.

— Perfeito, ainda não está, mas vai ficar.

— Se está dizendo – eu dei de ombros.

— O que você gosta de fazer?

— Além de olhar caras bonitos sendo tatuados? – ele me deu um sorriso torto que passou a ser um dos meus favoritos naquele momento – eu estudei design industrial, e eu desenho adesivos para motos e carros.

— Muito interessante, acabei de perceber que a minha moto vai ganhar um adesivo personalizado.

— Percebeu certo. Um presente pelo outro.

— Espero que seu sobrenome esteja nele, a única coisa que eu não sei sobre você.

— Ainda há um monte de coisas que não sabe sobre mim, Oliver. Não sei se gostaria de conhecer todas elas. Algumas podem ser assustadoras.

— Eu não me espanto fácil – ele disse – e mesmo que fossem tão assustadoras assim – ele fez uma careta quando o tatuador pesou a mão durante o retoque nas costelas – eu acho que valeria a pena enfrentá-las se o prêmio fosse você.

Nós continuamos conversando, eu disse meu sobrenome, e duas horas se passaram e finalmente a tatuagem de Oliver fora retocada. Era a minha vez. E eu já sabia exatamente o que eu queria fazer.

Sentei-me na cadeira e estendi o pulso para que o tatuador preparasse o local. Eu já tinha escolhido um dos desenhos do catalogo, e ele só transferiu a imagem para minha pele. Depois, começou a deslizar a maquininha. O pulso era uma região que doía bastante, e eu fui muito, mas muito corajosa para escolher justamente aquela área.

Minha tatuagem era menor, portanto menos trabalhosa. Uma hora apenas, já que ela tinha vários pequenos detalhes, e ela estava pronta. Um dente de leão que se desfazia com o soprar de um vento invisível.

Aquilo era absolutamente lindo. Delicado na medida certa, mas também tinha um significado oculto para mim. É como se cada um daqueles filetes do dente de leão que se desfaziam ao vento, fossem as minhas vidas anteriores, e as que eu ainda continuaria vivendo, até que o último deles se desprendesse e eu não tivesse mais vidas para viver. Claro, eu não iria contar isso para ninguém agora.

— Qual o plano agora, depois de ter me levado para fazer uma tatuagem e já ter tornado essa noite inesquecível.

— Depois de eu te levar para comer alguma coisa, o plano, até o final da noite, é fazer você querer me beijar por livre e espontânea vontade, sem que eu precise roubar um beijo de ninguém.

— Isso é uma aposta?

— Quase isso.

— Acho que você não vai ganhar essa.

— O que seria uma pena. Por que acho que essa boca linda sorrindo deve ser melhor ainda beijando.

Oliver deslizou o dedo pelo meu queixo e eu fiquei sem reação por um instante, mas ele desviou de mim antes que eu pudesse dizer qualquer coisa inteligente ou atrevida. Pegou-me pela mão e me levou até a esquina, onde comi a melhor pizza no cone da minha vida. Depois completamos a noite com um cappuccino do Starbucks.

Ficamos andando pela rua. Ele, sem a camisa, com filme plástico envolvendo o tronco para proteger a tatuagem de inflamações, e eu com o papel plástico no pulso, para a mesma finalidade.

— Você é séria, às vezes... – ele começou num tom neutro, para ver se eu permitia que ele avançasse – mas, quando quer, é bem leve. Explica.

— O que exatamente?

— Por que é assim?

"Pode se abrir com ele, ele é confiável por enquanto".

— Eu acho que meus medos – eu procurava as palavras – não me permitem relaxar tanto. A minha pose de durona serve para me proteger, mas também para proteger os outros de mim.

Oliver não falou nada por um tempo.

— Eu acho que – eu continuei – se eu tentar explicar às pessoas o que eu sou ou o que eu sinto, elas não compreenderão. Na verdade, nem eu mesma me compreendo às vezes.

— Você não parece ser assim tão difícil de desvendar – ele comentou.

— Parecer é uma coisa, ser é outra. Olha para mim – eu parei na frente dele e disse – isso que você vê, é o que pareço, não é o que sou.

Oliver me olhou com um jeito sério, ele ficou esperando que eu concluísse.

— Eu mesma não sei o que sou às vezes. Entende?

— Sinceramente?

— Sim, sinceramente.

— Eu a entendo melhor do que deveria.

Ele tinha um olhar de quem realmente entendia, mas havia outro sentimento mais a fundo que eu não sabia exatamente o que era. Ele estava mergulhado numa confusão interna que parecia com a minha.

— Eu me sinto bem quando estou contigo – eu disse – é como se eu soubesse quem você é, é como se eu tivesse te conhecido de toda a minha vida. Sua presença, seu jeito, você exala para mim uma coisa tão familiar que eu não sei explicar exatamente o que é, só sei que eu gosto.

— Uau, foi uma bela declaração – ele sorriu convencido.

— Então não a estrague – eu sugeri com um outro sorriso, mas uma idéia me passou pela mente, eu o peguei pela mão e o puxei para uma viela da rua em que estávamos, ele me seguiu sem saber exatamente o que eu queria, ou fingindo não saber.

— O que está fazendo?

— Eu quero experimentar uma coisa.

— O que?

— Uma coisa – eu o encostei ao muro e peguei o rosto dele entre as mãos.

— Eu deveria ter medo – ele sabia muito bem o que ia acontecer, e tinha um sorriso presunçoso.

— Não. Digamos apenas que eu vou perder a nossa aposta.

Eu o puxei para um beijo. Oliver correspondia ao desejo contido que meus lábios mostravam. Não tinha muito a fazer, senão sentir que aquele beijo era tão único e tão familiar ao mesmo tempo. Era como se tivéssemos compartilhado desse momento outras vezes, e, pelo modo que ele começou a respirar forte antes de me pegar pela cintura para aprofundar o beijo com mais vontade, eu sabia que ele tinha a mesma urgência que eu.

O beijo dele tinha o sabor de outros lábios, mas eu sabia que eu já tinha colhido aquela essência antes, nalgum lugar, nalgum tempo. Provavelmente em uma das vidas passadas, numa das vidas dos meus sonhos. Se eu estava aqui outra vez, nesta vida, com ele, eu sabia que ele também já poderia ter vivido uma das minhas outras vidas comigo. Porque nada explicava a intimidade com que as nossas bocas conversavam.

— Eu sinto isto tão familiar... – eu deslizei o dedo indicador pelo lábio dele – eu sinto que já tive isto antes, e não sei como explicar...

— Eu queria saber o que pensa quando diz estas coisas.

"Seus pensamentos, ele pode saber, seja dele" meu subconsciente avisou.

— Você sabe exatamente o que tem que fazer.

Oliver olhou aos meus olhos, surpreso, muito surpreso, pelas minhas palavras. Ele segurou-me mais perto de si, muito mais, quase como se eu não precisasse de ar para respirar, e eu o beijei fervorosamente. Eu precisava sentir cada uma das nuances daquele beijo, eu realmente precisava daquilo, com uma intensidade que desconcertava, sem saber o porquê, apenas matando a sede que existia antes e que eu não conhecia.

— Por favor, seja minha... – ele pediu quando eu o deixei respirar um pouco.

— Eu acho que eu sempre fui.

Eu respondi e senti quando a presença de Oliver invadiu todos os recônditos dos meus pensamentos.

QUARENTA E SEIS



O narcisista é tão absorto em seu egoísmo que é incapaz de lidar com as necessidades dos outros, dando importância somente às dele.

Em função de sua personalidade distorcida e inflada, venera a si próprio exaltando seu egocentrismo.

ALEXANDRE BEZ

Eu nunca dormira tão bem na minha vida. Eu sabia que Oliver tinha segredos, assim como eu os tinha também. Eu só não sabia até que ponto nossos segredos influenciariam um o destino do outro.

Oliver não ligara na manhã seguinte, na verdade ele não ligou no dia seguinte inteiro, e eu sabia que ele o fazia de propósito. Eu podia quase imaginar um sorriso no rosto dele enquanto imaginava minha ansiedade no dia seguinte.

Fui até a cozinha devagar, peguei minha irmã de surpresa com um abraço caloroso e dei um beijo no rosto dela. Aproveitei para pegar um pedaço do sanduiche de queijo dela.

— Alguém acordou maravilhosamente bem hoje, acho que isso se deve a um belo moreno que bateu à porta hoje cedo.

— O que? Quem veio aqui hoje cedo? – tentei desconversar no começo, mas assim que as palavras fizeram sentido perguntei – Oliver veio aqui? O que ele queria?

— Ele levou sua moto para consertar. Ele também queria te ver, mas falei que você estava dormindo e que se eu a acordasse eu poderia ser engolida pelo poder da sua ira – ela deu de ombros – aí eu dei a chave da moto para ele levar na especializada.

— Primeiro, eu não sou tão mal-humorada assim quando acordo – eu tentei me defender, mas ela tinha uma maldita razão – segundo, você não poderia ter dado minha moto assim para um estranho. Eu não o conheço há tanto tempo, e se ele tentar me roubar?

— Eu acredito que ele não faria isso, ele parece realmente muito interessado em você. Ele deixou este cartão aqui, acho que é o endereço de onde ele está com sua moto. Eu iria até lá, se fosse você.

— Não, não, não... Não faça isso – eu cortei logo a conversa – sei onde está querendo chegar com isso. Não acredito que isso vai durar tanto tempo assim, eu só estou aproveitando o momento.

— Carpem diem – Lidiane ergueu o copo de suco de laranja para que nós brindássemos, eu fiz o mesmo com o que eu tinha acabado de me servir.

— Por falar nisso, onde está Sebastian? Faz tanto tempo que não o vejo.

O semblante da minha irmã caiu, e eu a vi tentando disfarçar um pouco uma tristeza que eu não sabia que estava ali.

— Trabalhando. Ele esta sempre trabalhando.

— Por que sinto uma pontada de uma decepção na sua voz?

— Estranho seria se não sentisse. Eu ainda não entendi direito o que está acontecendo com ele. Sebastian está tão estranho, comporta-se como se não fosse ele mesmo. Ele sinceramente não parece com o homem com o qual eu casei.

— Eu não entendo... Vocês pareciam tão apaixonados.

— Eu casei aos dezoito anos, minha vida era uma paixão. Eu acho que acabei confundindo a intensidade com que se vive todos os sentimentos na idade com amor. E agora eu estou presa a um contrato.

— Divórcio está aí minha filha.

— Divórcios não são aceitos na bíblia, exceto em caso de traição. Eu seria maldita em toda a igreja. E acho que Sebastian não me traiu.

— Pois o traia então. Depois você pede perdão, não é assim que funciona?

Lidiane sorriu e eu a acompanhei. Ela falou de boca cheia depois de morder o último pedaço do sanduiche.

— Não dá para tentar falar sério contigo.

— Dá sim. Eu só estou te dando uma saída. Eu acho que Sebastian está sendo um burro por estar tratando-a desta forma. Se ele não souber revisar as prioridades e colocar o que realmente importa na frente, ele vai acabar perdendo você. E você é uma gata, só vai ficar só se quiser.

— Ele também não é feio.

— Eu sei que não, mas acho que ele vai ter mais dificuldade para arranjar alguém com a quantidade de trabalho que consome o tempo dele, como você disse.

— Eu sei o que a gente vai fazer.

— Diga – eu sabia que não era uma coisa muito normal que viria por aí pelo olhar que minha irmã me deu.

— Vamos chamar o Mariano.

— Quem é o Mariano?

— O meu limpador de piscinas oficial. Na verdade, meu e de todas as mulheres casadas do quarteirão cujos maridos trabalham demais.

Ela pegou o celular e mandou a Siri discar o número do tal Mariano.

— Eu deveria estar com medo do que vai acontecer com esse tal Mariano?

— Não, você deveria estar com medo do que poderia acontecer quando conhecer esse tal Mariano.

* * *

Cerca de cinco horas se passaram, estávamos deitadas em espreguiçadeiras ao lado da piscina no final da tarde, observando o tal Mariano, bonito demais para ser um americano agitado, limpar a piscina enquanto ouvia música com fones de ouvido.

De bermuda leve e sem camisa, ele realmente era um perigo. Descobri depois, quando minha irmã trouxe uma bandeja com refresco e um sanduiche para ele, que ele tinha descendência hispânica, e que fazia esse tipo de serviço e alguns mais para ajudar nas contas no final do mês.

Foi num desses segundos específicos, que não se repetem duas vezes para a mesma pessoa, que eu captei o modo que minha irmã olhou para ele, e a forma que o olhar foi recíproco, eu vi que tinha alguma coisa ali. Se não havia, haveria em breve.

Fui surpreendida pelo som de uma buzina insistente na frente da casa, eu reconheceria o som da minha "pequena" moto em qualquer lugar. Levantei-me rápida e deixei os dois a sós depois de pedir licença, e corri pela casa até a porta de entrada. Bem a tempo de ouvir Oliver tocando a campainha. Abri a porta esbaforida, creio que mais pela moto que pela presença do cara bonito que eu veria.

"Continue, já sabemos que não adianta mais fingir, ele realmente está conquistando você, outra vez..."

— Uau... – ele baixou o óculos aviador para dar uma olhada em mim de cima a baixo e erguê-lo novamente com a ponta do indicador – eu não conseguiria imaginar uma recepção melhor.

— Larga de ser bobo, cadê minha moto?

Eu passei por debaixo do braço dele, que estava apoiado na porta, e saí para a rua apenas de biquíni.

— Me sinto usado – Oliver brincou.

— Não seja bobo, me dá um beijo – eu o puxei para um beijo amistoso, mas ele me apertou entre seus braços e me encostou com força a si. Aprofundando o beijo e me deixando sem fôlego por alguns instantes.

— O que devo dizer depois disso? – eu falei com alguma dificuldade.

— Um 'UAU' cairia muito bem.

— Isso não foi um beijo para um 'UAU' – eu peguei o rosto dele nas mãos e o beijei como se minha vida dependesse daquilo – isso, foi um beijo de 'UAU'.

— UAU – Oliver me deu um sorriso torto ele acrescentou – sua moto está na garagem, sua irmã tinha me dado uma cópia da chave mais cedo.

— Eu quero vê-la.

— Eu sei – ele disse – pode ir à frente – ele me deu a chave para que eu abrisse a garagem – eu vou adorar ver a cena.

— Nem um pouco cavalheiro, – eu tomei a chave das mãos dele – gostei.

Abri a porta não me importando muito que Oliver estivesse olhando para meu traseiro e vi minha Hayabusa totalmente consertada. Como disse antes, ela tinha alguns amassados que um martelinho de ouro iria resolver, e a pintura fora arranhada, mais nada além. O problema sobre o conserto ser caro não era ligado às avarias da moto, mas sim devido ao preço da moto, que encarecia bastante a sua manutenção.

— Ela está perfeita.

— Sim. Não pode ser usada por mais doze horas, mas creio que apenas isso.

— Compreensível.

— Me desculpe outra vez pelo ocorrido.

— Eu já te desculpei faz tempo, mas tudo ok.

Oliver se aproximou e retirou fios de cabelo do meu rosto, exatamente como o rapaz do meu sonho fazia. Embora nos meus sonhos ele tivesse olhos azuis e fosse um pouco mais baixo.

Eu senti Oliver invadindo meus pensamentos outra vez, mas não queria assustá-lo por saber o que estava acontecendo. Então eu maquiei os meus pensamentos com imagens de Mariano na piscina.

— Há visitas em casa? – ele tentou disfarçar a leitura do meu pensamento com uma pergunta.

— Por quê? – perguntei como se fosse uma armadilha para a própria mente dele.

— Parece que está acontecendo uma festa na piscina – ele deslizou o dedo pela alça do meu biquíni. Felizmente meus cabelos eram longos o suficiente para esconder uma boa parte do decote.

— Não, não há festa. Minha irmã apenas chamou o limpador de piscina, e estávamos assistindo o show.

— Espero que o esteja apreciando, mas saiba que o que eu faria é muito melhor.

— Eu não duvido, mas pela moto que tem, e pelas roupas que usa, não acredito que precise do dinheiro de limpador de piscinas.

— Espero que ele não esteja conquistando minha namorada – cada palavra era um anúncio para o modo que ele chegava mais perto, perigosamente mais perto.

— Então eu já sou sua namorada?

— Você aceitou ser minha.

— Não lembro.

— Posso fazer você lembrar.

Ele ia apertar meu corpo contra o seu outra vez, mas ouvimos a voz de alguém chamando nossa atenção. Uma voz muito mal humorada.

— O que está acontecendo aqui?!

Com o susto, Oliver pulou para minha frente e ficou protegendo meu corpo da visão de quem quer que fosse.

— Sebastian? – perguntei, mas foi mais uma constatação, uma péssima constatação para mim mesma.

"É só falar do diabo que ele aparece" meu subconsciente ironizou, ele estava muito irritado nos últimos dias.

— Não está acontecendo nada aqui – Oliver começou a dizer, mas eu o belisquei, era eu quem deveria me explicar. Passei a sua frente e ia falar para Sebastian, mas ele virou o rosto para o outro lado para não olhar meu corpo apenas com o biquíni revelador e começou a reclamar:

— Quer saber, não importa o que está ou não acontecendo. Eu sabia que essa idéia de trazer a irmã para morar aqui não daria certo, – ele reclamou surpreendendo até a mim – despeça esse rapaz e mande-o embora, onde está sua irmã?

"Péssima hora, péssima hora" meu subconsciente alertava, eu estava pronta para inventar uma desculpa, mas ele completou:

— Eu mesmo a procuro.

E, xingando, foi para dentro de casa.

— Lidiane está em apuros, ajude-a.

Eu falei para Oliver, e naquele instante, ele talvez tenha entendido que eu sabia um pouco mais do que eu fingia saber. Ele fez que sim com a cabeça, e foi atrás de Sebastian. Trazendo-o de volta para fora, um minuto depois, como se estivesse trazendo uma marionete a qual se pode manipular facilmente.

— Você entrará em casa daqui a dez minutos – Oliver disse olhando aos olhos de Sebastian e então virou para mim – vá avisar sua irmã. Eu volto mais tarde, preciso resolver algumas coisas aqui.

— Obrigada – eu disse – eu adoro você.

— Não me adore, me ame.

Oliver me piscou e eu corri para dentro de casa para conseguir avisar Lidiane sobre o que tinha acontecido e fazendo com que Mariano saísse pela área ao lado da casa, na saída dos empregados, sem que ele tivesse percebido.

Dez minutos depois, estávamos apenas Lidiane e eu ao lado da piscina, com as saídas de praia cobrindo nossos corpos, e Sebastian entrava em casa dando um beijo em Lidiane e me dando um aceno "amigável".

"Que sujeitinho falso" meu subconsciente fez uma mui bela observação.

— Que bom que está aqui, Daniele – Sebastian disse – eu estou realmente muito feliz que tenha vindo fazer companhia a Lidiane, ultimamente, ela tem ficado muito tempo sozinha.

— Imagina, é um prazer estar com a minha irmã para o que ela precisar.

E foi como se nada tivesse acontecido.

QUARENTA E SETE



Eu não mandava no que sentia por você, eu não aceitava, não queria e, ainda assim, era inundada diariamente por uma vida trezentas vezes maior que a minha. Eu te amava por causa da vida e não por minha causa. E isso era lindo. Você era lindo.

TATI BERNARDI

Novamente, oito horas da noite, mas desta vez eu estava pronta. Lidiane tinha separado uma blusa para me emprestar, mas eu não gostei da forma diferente que ela estava se comportando desde que ele tinha chegado. Era estranho, era assustado, não era ela. Eu até tentei conversar com ela sobre isso, mas ela disse um "está tudo bem" seco, que não me permitiu insistência ou indagações.

Despedi-me deles e saí, quando ouvi a moto de Oliver parando em frente à entrada da casa.

— Boa noite – eu disse a ele – qual o local do encontro de hoje?

— Não planejei nada de especial. Tentar surpreender sempre é cansativo – ele foi honesto.

— Muito obrigada, por que eu acho cinemas bregas e restaurantes num segundo encontro são pressão demais.

— Eu já o sabia.

— Você sabe tudo sobre mim, não é mesmo?

— Quase tudo – ele me piscou e me levou pela mão até que eu subisse na moto após ele.

— Para onde vamos de verdade?

— Vamos ganhar dinheiro, babe.

Ele acelerou a moto e quando percebi, estava chegando à mesma rua dos tatuadores. Descemos da moto e Oliver enfiou algumas notas de vinte dólares no meu bolso.

— Você tem uma tarefa, triplicar isso – ele me deu um beijo no alto da testa, ele parecia radiante, muito radiante, e eu adorava a energia que emanava dele naquele momento.

Eu o puxei para um beijo rápido e disse:

— Se eu quadruplicar, o excesso é meu.

— Temos um trato.

Eu acho que Oliver era o mestre em andar com péssimas companhias. Apesar de aquele ser o grupo de más companhias mais irado que eu já tinha visto.

Clube de luta.

Caras mal-encarados brigando até o primeiro desmaiar ou desistir (o que não acontecia). E eu não preciso dizer que adorava Oliver por me levar a todos os lugares que meu pai não permitiria pelo menos até os trinta anos.

Eu acho que as poucas notas que Oliver me deu foram calculadas, por que eu perdi todas. Sério, tem alguma coisa sobre eu acreditar que os caras louros são mais fortes que eu não sei explicar.

Ele tinha acertado todas as apostas que fez. E eu tenho certeza que ele não tinha apenas sorte por trás disso, tinha mais.

Era quase meia-noite quando a polícia bateu no local para parar a festa que acontecia. Oliver conseguiu nos tirar de lá tranquilamente.

"Eu conheço o policial" ele disse, mas eu o vi estender uma nota de cinquenta para ele.

Eu ainda estava sorrindo quando Oliver acelerou. Eu pensei que iríamos num Burger king perto de onde estávamos, mas ele saiu dos limites da vizinhança. Depois de comprarmos dois combos para cada, ele me deu a sacola para eu segurar e continuou acelerando, até que estávamos chegando a uma área sem ninguém, no topo de uma colina, de onde era possível ver toda a cidade. Eu sabia bem o que as pessoas iam fazer alí, mas não falei nada de imediato.

Sentamos num banco rústico de madeira e comemos os hambúrgueres com a coca cola quase sem gás.

— Você tem irmãos?

— Aquela moça no dia do terremoto.

— Quem? A bonita do cabelo preto?

— Sim, é minha irmã.

— Kamilla o nome dela, não é?

— Sim.

— Seus pais?

— Eu tenho um pai. Apesar de eu estar distante dele, sei que Ele me ama.

Aceitei a resposta sem perguntar muito mais sobre esse assunto.

— E aquela mulher bonita?

— A May?

— Sim.

— Uma pessoa que não merece que eu tenha entrado na vida dela.

Aquela resposta não era exatamente a que eu esperava. Ao mesmo tempo, era como se eu soubesse que ele ia falar exatamente aquilo.

— Você a ama.

— Eu mentiria se dissesse que não, mas também mentiria se dissesse que sim.

— Resposta evasiva, mas tudo bem.

— Não é evasiva, é apenas a resposta que posso dar. Eu não quero soar como alguém frio e egoísta, mas ela sabia exatamente onde estava se metendo quando ficou comigo. E eu também era ciente que isso não bastava quando fiquei com ela.

— Sinceramente, não entendi.

— Não há muito a entender. Ela sabia que um dia eu me apaixonaria de verdade, era como se ela e eu soubéssemos que um dia você chegaria.

— Deve ser difícil para ela ver isso toda vez.

— Eu sei, mas, eu não posso controlar o que sinto quando estou ao seu lado.

— Eu ainda não sei exatamente quem eu sou quando estou ao seu lado, Oliver. Eu sinto que devo temer o que sinto, ao mesmo tempo em que o que sinto é tudo o que tenho.

— Você tem sido minha vida muito antes de eu ter te conhecido – ele disse com uma intensidade que desconcertava.

— E talvez minha vida só exista por sua causa.

Eu revelei, sutilmente, a verdade que eu conhecia há tempos. Eu me sentia bem ao lado de Oliver, de uma forma que eu não sei exatamente como explicar. Eu queria entender um pouco mais sobre ele, mas eu sabia que eu tinha que começar devagar. Eu já tinha comido um hambúrguer e meio quando percebi que explodiria se eu continuasse a fazer aquilo.

Eu sabia que Oliver poderia ser perigoso, mas, por enquanto, eu conseguia mantê-lo afastado destes pensamentos de uma forma que eu não sabia explicar. Eu sentia que ele estava vasculhando minha mente, mas eu fazia que ele ficasse apenas numa camada superficial, e não atingisse meus sentimentos mais profundos.

Sentia como se conhecesse Oliver de outras vidas, eu sabia que era ele em cada uma delas. Talvez estivéssemos destinados, talvez o caminho de nossas vidas sempre cruzasse com o do outro, e tudo fosse feito para que nós dois pudéssemos ficar juntos, talvez finalmente as coisas estivessem funcionando para nós dois.

Eu precisava me abrir com Oliver, e era isso que eu faria, mas, antes de causar nele um grande espanto sobre tudo o que eu achava saber, eu iria aproveitá-lo pelo menos um pouco. Não seria hoje, não seria agora... Um dia, ele saberia.

Oliver terminou de devorar os próprios hambúrgueres e eu sorri da fome dele. Ele mal tinha terminado de limpar a boca do molho com que tinha se sujado, e eu já tinha me aproximado e sentado no colo dele, colocando os braços ao redor do seu pescoço para outro beijo.

— A que se deve isso? À minha beleza impressionante? Ao meu charme sem igual?

— A mais uma noite memorável ao seu lado, e olha que é só a segunda. – eu comentei depois que o deixei respirar por um momento ou dois – imagina as próximas.

— Assistir brigas e comer hambúrgueres é memorável? Acho que quando eu começar a me esforçar de verdade você vai se apaixonar definitivamente.

— E se eu já estiver apaixonada definitivamente?

— Nesse caso eu sinto que você vai ficar obcecada comigo – ele deslizou o nariz pelo meu pescoço até a base da orelha. Voltou aos meus lábios para procurar outro beijo.

— Eu quero você, Oliver – eu disse quando senti o pequeno arrepio que a pele máscula dele causava quando em contato com a minha.

— Podemos ir para minha casa – ele disse.

— Não... – eu o interrompi, sem saber ao certo o por que de não querer ir para lá – eu quero me sentir confortável. Eu prefiro que seja lá em casa.

— O marido da sua irmã está em casa.

— Entramos escondidos, você sai pela manhã depois que ele sair para o trabalho e antes que ela acorde.

— Tem certeza?

— Como nunca antes em minha vida.

Ele procurou em meus olhos a confirmação para o que eu sugerira, quando ela aconteceu, ele se levantou me carregando no colo e me colocou na garupa da moto para que saíssemos de lá.

Foram os momentos mais longos da minha vida. Meu coração palpitava dentro do peito. Eu entrei na casa pela elevação que me permitia entrar na janela do segundo andar, e que tinha sido deixada aberta propositalmente. Oliver fez o mesmo.

Éramos somente ele e eu naquele cômodo escuro. Eu mal conseguia distinguir os contornos de seu rosto, mas seu olhar sobre mim queimava. Eu sabia que ele mal conseguia distinguir os contornos do meu rosto, mas sei que ele lia meu desejo.

A luz que entrava no quarto era quase nula, apenas o que conseguia atravessar as nuvens que escondiam o lumiar noturno dos céus.

Eu andei até a porta, com o coração aos pulos, e a tranquei por dentro devagar. Voltei ao ponto onde eu estava e Oliver deslizou a mão pela borda da minha blusa para tirá-la, eu fiz o mesmo com a sua jaqueta e depois com a sua camiseta.

Oliver deslizou a mão pelo meu braço apreciando o toque como se fosse mágico, como se fosse a primeira vez. E eu fiz o mesmo quando retirei uma corrente que ele tinha ao pescoço.

O cheiro dele era único, o sabor dele era único, e ele era unicamente meu para eu fazer o que quisesse. Eu sentia que ele era a presença em meu quarto, eu conseguia sentir. E, repentinamente, todos os medos, que eu senti na minha infância e juventude, pareceram bobos, pois eu temia alguém que um dia eu seria perdidamente atraída.

Eu deitei na cama e simplesmente senti o corpo dele sobre mim enquanto ele desvendava-me aos poucos. Nossos lábios se tocaram novamente e uma sede nova surgiu. Uma sede que só seria apaziguada com o toque mais íntimo de nossos corpos. Eu o levei para minha cama e, na escuridão da noite que nos embalsamava, em um silêncio reconfortante, eu me tornei dele completamente.

QUARENTA E OITO



Acordei hoje com tal nostalgia de ser feliz.

Eu nunca fui livre na minha vida inteira.

Por dentro eu sempre me persegui.

Eu me tornei intolerável para mim mesma.

Vivo numa dualidade dilacerante.

Eu tenho uma aparente liberdade,

Mas estou presa dentro de mim.

CLARICE LISPECTOR

Eu observava Oliver desde muito cedo. Apesar d'ele ter conseguido dormir, eu mal conseguira fechar os olhos, e ficava apenas admirando seu rosto.

Ele era lindo, mas não de uma beleza que se assimilava apenas ao olhar seu exterior, ele tinha uma alma bonita, eu quase conseguiria vê-la se eu me concentrasse profundamente. Eu não conseguia entender como em tão pouco tempo eu o tinha colocado numa posição que homem nenhum conseguira antes, mas sabia que esse lugar sempre tinha lhe pertencido.

Eu sentia que já tínhamos estado assim tantas vezes, de uma forma que eu não sei explicar. E isso era encantador e terrificante ao mesmo tempo. Eu vi quando ele começou a

mover-se na cama, despertando, e acabamos por reproduzir a cena de Romeu e Julieta, o filme com Leonardo de Caprio, sob a coberta branca.

Oliver me olhava com fascinação, e eu tenho quase certeza que eu fazia o mesmo. Oliver deslizou a mão de leve contra meu rosto e a desceu pelo meu pescoço. Deitou-me na cama e então depositou beijos em mim. Eu fechei os olhos para senti-los.

Então, ele parou repentinamente. Os beijos pararam, e eu senti quando as mãos dele, sobre mim, ficaram frias, como se ele tivesse sido impactado por um enorme espanto.

— O que foi?

Perguntei puxando o rosto dele para mim para tentar aliviar a dor que eu via em seus olhos com os meus beijos, mas eles pareciam não ser o suficiente.

— Quando você tatuou isso?

O dedo dele apontou a frase sobre a pele que cobria minhas costelas. Ele parecia devastado.

— Eu sonhei com essa frase, faz muito tempo. Eu a achei forte e a tatuei. Eu ainda não sei o que significa. Aliás, eu sei o seu significado, mas nunca me conformei que ela era uma frase solta, eu sei que ela faz parte de algum contexto maior, e eu sinto que faço parte deste contexto.

Oliver apoiou a cabeça sobre meu peito nu e eu fiquei a acariciar os seus cabelos. Ele sabia o que significava, eu apenas não sabia se ele me diria.

"Pergunte, ele não poderá mentir" meu subconsciente ordenou, mas eu não queria que Oliver perdesse mais ainda a paz que eu tinha lhe roubado.

Eu não sei quanto tempo passamos nessa posição, só sei que eu não queria que precisássemos sair dela tão cedo.

"Pergunte..." meu subconsciente avisou outra vez, e eu tinha que obedecê-lo, ou ele ficaria me atazanando ad aeternum.

— Eu tenho muitas perguntas, Oliver – eu disse.

— Eu sei. Eu também tenho.

— Pergunta primeiro – eu pedi.

— Eu não saberia por onde começar, por favor, comece.

Respirei fundo. Eu sabia que antes de começar com uma pergunta com a qual ele poderia não responder, eu tinha que começar a explicar todos os fatos que me tinham trazido até os braços dele.

— Eu lembro que eu tinha seis anos quando eu senti uma presença ao meu lado pela primeira vez. Eu estava indo à escola, era meu primeiro dia de aula, meu pai estava me levando, minha mãe estava em casa, eu me despedi dela ao longe. Acenando para ela antes de entrar no carro. Porém, depois que minha mãe entrou em casa, eu continuei a acenar para a porta. Meu pai me perguntou o que eu estava fazendo, eu disse que estava me despedindo do meu amigo.

Oliver ficou ouvindo, quieto, ele estava tenso, mas ao mesmo tempo resignado. Continuei:

— Foi nessa época que meus pesadelos começaram. Eu sempre tinha sonhos elaborados demais para uma criança, eu sabia, e eles eram tão vívidos. Tão cheios de detalhes que pareciam-se com um cenário no qual eu tinha vivenciado minha existência. Ou muitas delas...

Oliver me apertou mais um pouco enquanto continuou ouvindo.

— Eu me lembro de você, Oliver. Dos meus sonhos. Apesar de você sempre ter aparências diferentes, eu soube que era você nos meus sonhos. Claro, no primeiro dia que nos conhecemos aqui, eu quis te matar, mas nesses poucos dias que eu já estou ao seu lado, eu sinto como se eu o amasse por uma vida inteira, ou por muitas delas.

Eu busquei as palavras certas para continuar, mas elas não existiam. Não havia um modo de colocar em palavras minha adoração por ele apenas nestes poucos dias, nem o tamanho do impacto que as verdades que ele ainda me contaria afetariam minha vida.

— Eu sei que era você quem estava ao meu lado sempre. E, apesar de eu amar esse corpo que você mostra, eu sei que esse não é você. Apesar de não lembrar quem é você verdadeiramente.

— Você não deveria lembrar-se de nada disso.

— Talvez o sentimento fosse forte demais para esquecer. – o fiz olhar aos meus olhos e completei – No começo, eu me achava louca. Eu lutava comigo mesma para parecer racional, para não parecer levada pelas emoções, para não ser a garota louca que sentia a presença de espíritos. Eu sentia, porém, o seu, e por mais que eu tenha te afastado, e eu o fiz por um longo tempo, e você sabe, eu sabia que ainda iríamos nos ver outra vez. Eu acho isso incrível, Oliver. Saber que fomos destinados por muitas vidas. Saber que nós sempre nos encontraríamos e que seríamos almas gêmeas.

— Não existem almas gêmeas, Daniele. Mas o que eu sinto por você deve estar em alguma categoria acima disso. Eu simplesmente não posso permitir a minha vida sem você – ele estava olhando diretamente aos meus olhos enquanto falava essas coisas, e as palavras dele falavam com alguma parte adormecida em mim. Meu subconsciente estava em lágrimas, ele e eu perguntamos em uníssono:

— O que você fez comigo, Oliver?

— Eu te permiti viver.

Uma verdade absoluta pareceu ter sido revelada nessa frase. Creio que nem um templo após ouvir a voz de seu deus ficaria mais silencioso que eu naquele instante.

— Para que?

— Para mim.

Eu não sabia qual deveria ser minha próxima pergunta, mas eu tinha que falar sobre as coisas que eu o vi fazer. Ele precisava saber que elas não tinham me tocado. Ele precisava saber por que não conseguia mais invadir os meus pensamentos.

— Eu vi quando você me salvou. Eu vi quando você simplesmente pareceu voar acima do muro alto daquela quadra de esportes. Eu senti quando você tentou me fazer esquecer, Oliver, mas eu não esqueci. Eu sinto a cada vez que você tenta invadir os meus pensamentos, e eu faço questão de te manter num nível diferente, completamente cheio de bobagens, apenas para que você não saiba as coisas que eu guardo aqui. É por isso que eu não quero mais esconder nada de você.

— O que quer saber?

— Eu quero saber o que você é.

— Meu nome é Azrael, que significa Anjo da morte.

— E você deveria matar-me?

— Sim, mas não fui capaz. E eu não sinto que serei capaz algum dia.

As palavras dele me assustavam, mas não conseguiam me deixar desesperadas. Eu sentia que essa verdade já tinha me sido revelada outras vezes.

— Oliver, Theodore, Daniel, Rafe, Juan, tantos outros... Todos os homens dos meus sonhos são, na verdade, você.

— Daniele, Paloma, Genevieve, Megan, Sophie, Charlotte, e tantas outras. Elas sempre foram você.

— Isso é tão...

— Decepcionante? – ele conseguiu me fazer sorrir um pouco, meio diante de algo que parecia um pesadelo.

— Não... Isso é impressionante... Na verdade eu diria que é um alívio.

— Eu sempre fui sua em todas elas. Quero dizer, assim... como estamos agora.

— Em todas, mesmo quando era casada, mesmo quando era uma fiel devotada, mesmo quando seu coração pertencia a outro. Eu sempre surgia.

— Você não me dava muita escolha, não é?

— Você nunca foi boa em escolher as coisas certas – ele se apoiou no braço e se ergueu um pouco para me dar um beijo.

— Talvez seja por isso que eu estou com você.

— Achei que era por culpa do meu charme irresistível.

Ele sorriu um pouco. Não me passou despercebido que ele estava desviando do assunto.

— Foi assim que você me conquistou em todas as minhas vidas?

— Não, foi assim que eu te perdi em todas elas.

Nossos lábios se tocaram e eu senti que beijava todos os rostos que ele teve durante nossas existências. Pelo menos, até sermos interrompidos.

— Daniele! Daniele! – era minha irmã, eu fiquei quieta por um tempo, mas ela continuou – eu sei que está aí, e eu sei que tem companhia. Sebastian não foi à cidade. Ele quer que nos juntemos a ele para o café.

Minha irmã parecia nervosa. Claro, eu sei que eu trouxe um cara para a casa dela sem o seu conhecimento, mas eu sei que havia algo mais.

— Eu já estou indo – eu saí de baixo de Oliver e falei pela fresta da porta meio aberta.

— Ok, não demore, por favor. Mande seu amigo sair do mesmo modo que entrou. Sebastian está na cozinha, não conseguirá vê-lo de lá.

— Certo. – eu virei para dentro do quarto outra vez, Oliver já estava se vestindo – que bom que já sabe o que fazer.

— Anos de prática.

— Muito bem, garoto precavido. Apenas saiba, nossa conversa ainda não acabou.

— Eu volto à noite.

— Não. Hoje não. Eu queria ter uma noite com a minha irmã. Eu quero saber o que está acontecendo com ela.

— Tudo bem.

Eu o observei se vestir enquanto eu fazia o mesmo. Sem a vontade de tirar o cheiro dele de sobre minha pele, apenas cobri-me com um vestido leve.

— Eu te adoro – ele disse e me puxou para um último beijo antes de partir.

— Eu não vou dizer que estou surpreendida.

— Convencida.

— É que talvez eu seja mais parecida com você do que pareço.

Theodore saiu do quarto e eu fui até a cozinha. Onde vi Sebastian querendo dar uma de bom moço para cima de mim, algo que definitivamente não mais me convencia.

QUARENTA E NOVE



Eu nunca aceitei a simplicidade do sentimento. Eu sempre quis entender de onde vinha tanta loucura, tanta emoção. Eu nunca respeitei sua banalidade, nunca entendi como podia ser tão escrava de uma vida que não me dizia nada, não me aquietava em nada, não me preenchia, não me planejava, não me findava. Nós éramos sem começo, sem meio, sem fim, sem solução, sem motivo.

TATI BERNARDI

LIDIANE

Daniele é louca. Simplesmente louca. Eu a amo, mas ela parece simplesmente querer estar sempre me metendo em problemas. Eu não me importaria de ela ter trazido um rapaz para casa quando eu estivesse sozinha, mas quando Sebastian estivesse em casa,

Sebastian, o amor da minha vida, estava estranho. Muito estranho ultimamente. Na verdade, o ultimamente se arrastava há um ano, ou mais.

Uma das principais coisas que me encantaram em Sebastian era o modo como ele parecia ter sido feito especialmente para completar em mim os espaços vazios que existiam na minha alma.

Desde que ele fora ao Brasil para treinar os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, eu senti que ele era simplesmente uma das pessoas mais carismáticas que eu conhecia. Qualquer um que o visse seria levado a acreditar que estar ao lado dele era, absolutamente, fantástico, assim como tudo o que ele fazia e prometia.

Sebastian me envolveu tão profundamente, mas tão profundamente, que eu não me atentei aos sinais da personalidade psicopática e narcisista dele mais cedo, abismada pela idéia que um homem que tinha uma multidão aos seus pés, poderia ter se interessado por mim.

Ele não quer mudar. Sebastian não quer ajuda. Mesmo que ele quisesse, eu não sei se poderia ajuda-lo. Eu tenho estudado tanto enquanto ele está fora, eu tenho lido tudo que posso em busca de informações, em busca de um tratamento que não existe.

Narcisismo psicopático é intratável e incurável.

O psicopata não quer ajuda porque eles acreditam que são melhores que os humanos "regulares". Eu me deixei levar pelo pela ilusão de uma pessoa endeusada que ele passava, uma imagem de perfeição, mas como todo o resto da personalidade, é tudo cuidadosamente calculado.

Sebastian me fez conhecer o céu. Eu confessei meus medos para ele, e ele me ajudou a sará-los, para mais tarde reabrir a ferida com uma faca de serra. E isso não é exagero. É como se eu tivesse mostrado para ele um terreno pedregoso, cheio de buracos, que ele ornou e arborizou, e mais tarde tratou de arrancar cada uma das relvas que alí cresceram.

Sebastian foi incapaz de me olhar como uma pessoa com características próprias e necessidades, ele me enxergou como um quadro em branco que ele poderia pintar como quisesse. Ele usou a confiança que eu deposei nele para, lentamente, desconstruir toda a minha confiança e as coisas que eu acreditava. Ele não se comportava mal inicialmente, mas sempre me provocava para que eu agisse de forma a levantar nele um mau comportamento. Assim, eu parecia sempre a louca enquanto ele parecia o sujeito calmo que perdera a paciência com a mulher histérica.

Quando Daniele chegou, achei que as coisas mudariam um pouco. Achei que ele se comportaria por um tempo, pelo menos enquanto ela aqui estivesse, pelo período de um ano, que é o período em que o curso dela iria durar, mas vi que não.

Os comentários maldosos, todos feitos para abalar a confiança que eu tinha em mim mesma, começaram cedo hoje.

— Você deveria tentar regular seu horário de acordar – Sebastian disse – não digo que está dormindo demais, apenas deveria tentar se regular. Isso não é bom para você. Você fica sempre cansada, parecendo uma velha.

Ele disse isso enquanto arrumava o cabelo num penteado clássico em frente ao espelho, eu ainda estava deitada, mas por causa de uma forte cólica que me acometia desde a noite anterior.

— Estou esperando que o remédio faça efeito. Assim que o fizer eu poderei levantar, mas eu tenho acordado cedo todos os dias, o problema é que hoje eu não consegui dormir.

— Bom, eu não vou poder acreditar se não vejo. Não estou em casa – ele sorriu.

— O café está pronto?

— Como eu o faria se eu sequer levantei?

— Você poderia se esforçar mais um pouco, não acredito que esteja sofrendo isso tudo que quer parecer.

O olhar que ele me dava mostrava que ele estaria disposto a brigar se eu insistisse. Eu não poderia deixar que minha irmã presenciasse o que vinha acontecendo constantemente. Eu não poderia permitir que as coisas saíssem do controle, não quando ela estava em casa.

— Eu já estou indo.

— Lembra-se da Mikaela– ele perguntou com um sorriso no rosto.

— Sim.

— Jantei com ela ontem a noite, antes de vir para a cidade, é uma mulher adorável, acho que poderia se espelhar um pouco nela para o trato com a casa. Afinal, você não faz outra coisa da vida, e isso está deixando muito a desejar.

— Eu trabalho.

— Mas sabemos bem qual é o salário que paga as contas da casa.

Eu levantei e me vesti com um vestido abaixo dos joelhos. Penteei os cabelos, e tomei mais um remédio para a cólica. Preparei o café-da-manhã e Sebastian apareceu na cozinha.

— Chame sua irmã, iremos fazer um pequeno culto antes do desjejum – ele disse.

Subi as escadas para chamar Daniele para comer alguma coisa, na noite anterior eu não tinha como saber se ela tinha comido algo, e também por que ele tinha pedido.

Quando eu ainda estava no meio do corredor, indo em direção ao quarto dela, ouvi uma voz masculina grave a falar com ela. Eu não entendia bem o que estavam falando, mas eu

me desesperei. Se Sebastian ouvisse a voz deles, e soubesse que um homem tinha dormido na nossa casa, pelo menos quando ele estivesse em casa, ele iria usar isso contra mim para sempre.

Minha irmã era louca, mas eu a amava. E, por mais que ela tenha negado, eu vi o brilho nos olhos dela desde a primeira vez que ela falou no nome dele. Se bem que ela ainda se referia a ele por "idiota".

Depois de alertá-la, desci as escadas e me juntei ao café. Sebastian foi hipócrita outra vez, Daniele parecia entediada no momento, mas eu sei, e sinto, fui sincera em minhas orações.

* * *

— Aonde vamos?

— Lembra que eu prometi que iríamos comprar alguma coisa? Pois então, estamos indo comprar alguma coisa. E outra, eu já posso usar minha moto.

Daniele disse enquanto alcançávamos a garagem. Eu não ia andar de moto com ela nem morta, a garota parece que não perde o juízo quando sobe naquilo.

— Vamos de carro? Pelo amor de Deus.

— Vamos, então. Só porque eu consigo ver o pavor nos seus olhos.

Eu ainda não tinha entendido o que ela estava querendo. Por que, apesar de ser minha irmã e eu conhece-la como a palma da minha mão, eu sentia que ela queria fazer alguma coisa específica, e eu vi que não estava muito errada quanto depois de algum tempo ela começou a indagar sobre Sebastian.

— Sebastian trabalha demais, não acha?

— Eu acho que o trabalho dele exige demais, mas não acho que ele trabalhe tanto.

— Isso nem mesmo faz sentido. Quero dizer, eu não disse que ele não esteja trabalhando, eu disse que...

— Você não entenderia – eu disse enquanto fazia a conversão como o Range Rover para longe do tráfego e pegava via paralela, que me levaria até o local do destino do mesmo modo.

— Eu acho que ele tem que se esforçar bastante para que consiga ter seu desempenho recompensado no final do mês.

— Você está defendendo ele, e nem me deixa completar uma frase. Eu não sei. Li, somos irmãs, você deveria me contar as coisas. E eu sinto que há algo acontecendo sob a superfície calma, sinto que há algo acontecendo, mas que você não quer me contar.

— O que? Não!

— Sim. Há. Não há necessidade de se esconder de mim. Se há alguém no mundo em que você possa confiar, esse alguém sou eu, você sabe. Eu não quero ter essa sensação de que está me escondendo alguma coisa. Eu não gostei do jeito de Sebastian, totalmente diferente daquele cara que foi te pedir em casamento para a mãe e o pai lá em casa. O carisma dele, esse sorriso que agora me parece exagerado, não me engana.

Eu não sabia como falar. Não no começo, ao mesmo tempo eu sentia que devia. O psicopata narcisista tem dois maiores medos. O primeiro é que a pessoa consiga sair da relação antes que ele termine, já que ele odeia terminar eventos sem um *"gran finale"*, e o outro é o de ser descoberto.

— Você está em silêncio, Li. Eu nunca encarei seus silêncios como um bom sinal. Eu conheço você, eu te carreguei no colo quando você era bebê, se bem que mamãe estava nos segurando, mas eu sei quando algo está indo mal. Você pode continuar fingindo para papai e para mamãe, mas a mim não engana mais.

Eu já tinha parado o carro em frente a uma loja. Minhas mãos tremiam e eu não sabia bem por onde começar. Eu tinha medo de ser tachada de louca por todos, mas minha irmã não faria isso. E se, como ela disse, já era possível ver os sinais de perturbação sob a superfície calma e perfeita que aparentávamos, era por que eu não conseguia ser uma tão boa atriz quanto eu pensava.

— Sebastian é mau para mim – eu deixei a frase sair de uma só vez antes que eu perdesse a coragem, e percebi que minha voz parecia um sussurro, como se eu tivesse medo dele ouvir.

Eu não tive coragem de olhar, inicialmente, aos olhos de Daniele, eu não queria me sentir julgada como quando eu tentei falar isso a uma membra da congregação e ela me disse que *"casais tem problemas, ponha tudo nas mãos de Deus e você verá a ação dele."*, ou ainda *"você não está tendo fé suficiente, deve ser uma provação"*. As pessoas não entendiam o meu pedido de socorro enquanto eu o fazia.

— Olha para mim. – Daniele pediu e eu obedeci, ela era minha irmã mais velha – Aquele maldito bate em você?

— Não, nunca chegou a tanto, mas não quer dizer que eu não sinta pelo que ele faz. Eu não tenho ossos quebrados ou hematomas, mas a atitude dele me faz sentir como se estivesse mendigando por amor todo o tempo. Ele me olha com desprezo, me ignora por

uma semana inteira, me faz implorar por atenção, por cuidados. Ele me diminui, me faz duvidar da minha própria sanidade, e eu tenho absoluta certeza de que está me traindo.

— Tem certeza ou apenas está suspeitando?

— Não, eu tenho provas. Se uma calcinha escondida no porta-luvas do carro não é prova, eu não sei o que é mais...

Daniele olhou para frente da pista enquanto assimilava tudo. Agora que eu tinha falado a primeira vez, falar sempre parecia ainda mais fácil.

— Aquele sorriso dele nunca me convenceu mesmo. Eu sinto a maldade quando a farejo de longe.

— A mim convenceu, e olha onde estou.

— Não será por muito tempo.

— O que vai fazer?

— Vou desmascarar ele para todo mundo.

— Isso não funcionaria, as pessoas o adoram. É quase como se ele fosse o "deus" da igreja, e não O Verdadeiro.

— Tem razão, pareceríamos duas loucas.

Daniele tinha um olhar de resolução diferente, eu sabia que ela planejava alguma coisa, mas não sabia o que.

— O que pretende fazer?

— Não sei, mas isso não ficará assim. Eu vou ter uma conversa séria com ele. Ou ele vai largar você, ou você vai largar ele.

— Eu não poderia fazer isso.

— Olha o olhar assustado que está na sua cara! Você pode sim. Ninguém acha que pode até que faz. Você trabalha, pode se sustentar, e eu também posso arrumar um trabalho logo. O seu padrão de vida cairia um pouco, mas seríamos apenas nós duas. Sem medo, sem receios e, principalmente, sem Sebastian.

Eu sentia como se meu coração estivesse sendo arrancado do peito por uma garra. Eu sentia como se estivesse viciada nas migalhas de atenção que ele me dava, e não queria

sentir-me assim mais. Eu tinha que mudar, eu sabia, mas ao mesmo tempo sentia que não encontraria essas forças facilmente.

Agradei aos céus por Daniele ter vindo, ela seria a força que eu precisava para sair dessa situação antes de ela se tornar pior do que estava.

CINQUENTA



Deixa o tempo fermentar nas tuas feridas. Não interessa a dor, mas a cicatriz. Interessa o coágulo que quer ser forma na pele, rugoso, bem visível ao olhar e ao toque, para que não te esqueças. O tempo escolherá por ti que feridas sarar, ou deixar para sempre abertas. Ninguém disse que iria ser fácil...

DESCONHECIDO

Apesar de eu sentir que Lidiene não tinha a menor cabeça para fazer compras, ela insistiu. Não queria voltar para casa agora. As paredes, os móveis, tudo, ela disse, a lembravam de Sebastian.

Eu não queria que ela se sentisse retraída outra vez, não quando ela se abria comigo, então eu aceitei que ficássemos ali, com a condição de que se ela sentisse vontade de falar qualquer coisa, ela deveria falar.

Ela estava mexendo nos biombos de roupas, da Forever 21, tão desinteressada quanto eu estaria assistindo um espetáculo de balé. Ela pegou duas peças para experimentar e foi para os provadores.

— Vou experimentar essas.

— Ok, eu já estou indo também. Ainda não consegui escolher nada aqui.

Àquela altura, Sebastian estaria saindo de casa, e era melhor que ela estivesse comigo naquele momento. Eu demorei um pouquinho apenas para escolher uma blusa para experimentar, e segui para o provador quase que atrás de Lidiene. Ela entrou num dos provadores, mas um lapso de inteligência me ocorreu, um instinto, ou qualquer coisa do

tipo; e eu entrei no provador que ela estava e que era protegido apenas por portas estilo vai e vem.

— Oh, meu Deus do céu!

Meu queixo caiu e ela tentou se cobrir rapidamente, mas não surtiria efeito, eu já tinha visto as costas dela, o corpo dela desnudo.

A pele clara da minha irmã, coberta de marcas de pequenos pontos esbranquiçados de cicatrizes de queimaduras. Pequenos queloides circulares, e outros em forma de linha, que pareciam ter idades diferentes, devido a sua cicatrização.

— Não era para você ter visto isso! – ela cobriu a boca rapidamente como se eu tivesse olhado para dentro do propiciatório do templo de Salomão.

— Você foi capaz de mentir para mim, Li?! Como pode? – ela quis se afastar, mas eu já a tinha pegado e virado normalmente de costas.

— Me deixa vestir alguma coisa.

— Você não vai vestir nada, eu vou olhar isso aqui! Fica quieta!

Eu tinha que brigar com ela. Passei o dedo nas cicatrizes. Pareciam ter sido causadas por algo circular, como pontas de cigarro, as outras eu não sabia o motivo.

— Aquele maldito fez isso com você?

Ela não falou nada. Eu virei ela de frente para mim e ela tinha lágrimas nos olhos, mas não pela dor, por vergonha.

— Li, eu vou perguntar a última vez antes que eu perca a paciência contigo. Aquele maldito do Sebastian fez isso com você?

Ela apenas acenou.

— Com o que ele fez isso?

— Cigarros, a chave de teste de eletricidade, a ponta do ferro de passar.

— E por que não me contou isso antes?!

— Ele não faz isso por maldade, isso...

— Isso o que, Lidiane?!

— Isso o excita.

— Era só o que me faltava. Então, ele implicar esse tipo de sofrimento a você, queimá-la desta forma, é algo que o excita? Você não percebe o quão doentio isso tudo soa? Você não tem juízo?

Lidiane ainda estava quieta, não falando nada, como se fosse uma criança pega no momento da arte.

— Como eu não vi isso antes? Na piscina?

— Eu cobri com maquiagem.

— Meu Deus... Li, você tinha me dito que nunca tinha chegado a tanto. Por que mentiu para mim? Não vê que quero seu bem?

— Eu não sei por que eu menti. Eu simplesmente menti. Eu tinha medo, não sei, medo da reação dele se ele descobrisse que alguém descobriu.

— Não quero saber. Você quer se comportar como uma criança, será tratada como uma criança. Vamos sair daquela casa e você vai pedir o divórcio. Eu vou contar tudo para mamãe e papai.

— Não, a igreja falaria de mim dia e noite.

— Então eles não seriam cristãos verdadeiros se fizesse isso. Deixe que eles se entendam com as próprias atitudes erradas. Você não deve nada a ninguém. Ouviu? Você não deve explicação ou satisfação a ninguém. A única coisa a quem você deve algo é a si mesma.

— Deus não permite divórcio sem traição.

— Você achou uma calcinha no porta-luvas dele, o que mais quer? Fotos? Vídeos? Que um dia você encontre uma mulher no porta-malas?

Lidiane não falou nada. Eu vi medo nos olhos dela, eu vi pavor de mim. E eu não queria que ela se sentisse comigo do mesmo modo que se sentia com esse louco que tinha invadido a vida dela.

— Eu vou te perdoar por ter mentido para mim, mas na próxima vez que mentir para sua irmã, eu vou arrancar suas sobancelhas com cera quente. Vista-se, vamos pagar essas roupas e vamos embora, temos muito a fazer hoje.

— Eu estou cansada. As cólicas estão voltando.

— Aquele nojento já terá saído de casa agora?

— Provavelmente.

— Ótimo, você vai para casa descansar. Depois vamos à delegacia, e depois vamos sair daquela casa, nem que a gente more debaixo da ponte, mas você não vai mais dividir o mesmo teto que ele.

— O que vai fazer? – ela me pegou pela mão e não permitiu que eu saísse de lá.

— Eu vou te esperar aqui fora, tenho que espairecer, senão é bem capaz de eu matar um.

— Certo.

— Dani...

— O que? – me volvei para ela.

— O amor machuca, vai ver isso é normal.

— Não, Li. Não é. Ódio machuca, desprezo machuca, decepção machuca, traição machuca, o amor é a única coisa no mundo que não machuca. Ele é a única coisa que não traz dor nenhuma.

— Eu amo você, Dani.

— Eu amo você. Eu te amo de verdade, irmã, não esqueça.

Deixei que ela se vestisse e fechei os olhos. Me concentrei e deixei Oliver invadir.

"Eu preciso de você, preciso muito de você agora".

Abri os olhos e senti o celular vibrando no bolso. Era Oliver. Ele tinha me ouvido.

— O que aconteceu? Estou indo aí agora.

— Não, não é uma situação para que venha – eu disse, mas minha boca tremia, eu sentia um frio de nervosismo e raiva que não pareciam querer passar.

— O que foi? O que aconteceu?

Concentrei-me para deixar que a imagem das costas nuas de Lidiiane fossem desenhadas no meu pensamento para ele. Oliver ficou em silêncio um momento, como se absorvesse a gravidade da situação.

— Sebastian?

— Sim, esse maldito mesmo.

— Como ele fez isso? Quando?

— Não importa. Eu o quero morto.

Oliver ficou em silêncio. Talvez nunca tenha ouvido tamanha raiva na minha voz. Meus pensamentos estavam abertos para ele, que poderia ver que eu não titubeava em nenhum momento na minha resolução. Sebastian tinha que morrer.

— Eu não posso fazer isso...

— Você não é a droga do anjo da morte? Não foi o que me disse? – meus olhos encheram de lágrimas, mas eram de raiva, por que eu me sentia uma tola que não tinha percebido os sinais que minha irmã mostrava tão claramente. Todos achavam que ela estava apaixonada, mas na verdade era um encantamento burro e inocente.

— Sim, foi o que eu disse.

— Pois então, mate-o. É pedir demais? Você é capaz de fazer tudo por mim, faça mais isso.

— Eu posso dar uma lição nele, Daniele, mas não posso matá-lo. Tirar ou dar a vida não pertence a mim. Isso é da parte de Deus.

— Você não entende?! Você não viu as marcas? E se fosse comigo? Imagina que isso foi feito comigo... Imagina que fui eu quem sofri essas injúrias. Ela é minha irmã, Oliver.

Ele não falou nada por um longo tempo. Eu achei que ele viria com um sermão novo sobre não ser tarefa dele decidir quem morre ou não, mas ele apenas disse:

— Eu tenho que ir.

— Não vai me ajudar?

— Eu não disse isso.

Oliver encerrou a ligação e eu disquei o número da minha mãe. Meu pai iria sofrer um infarto se soubesse de tudo do modo que eu contaria com a raiva que eu estava. Minha mãe demorou a atender, mas ela sabe bem que eu não sou de ligar exceto quando a questão é realmente grave. Eu já nem me importava com a conta exorbitante por usar o roaming internacional, eu só queria desabafar o aperto que eu tinha no peito.

— Daniele? O que houve? – minha mãe soou alarmada. Eu sempre senti que ela e eu tínhamos uma ligação especial, daquele tipo que num momento de urgência uma sabe o que a outra precisa sem precisar falar muito.

— Sebastian... Lidiane... – eu comecei a falar de um modo afobado, um aperto na garganta.

— Calma, respira... – ela pediu – começa novamente, explica o que quer dizer com calma. Eu estou ouvindo.

— Sebastian. O maldito do Sebastian. Ele não estava sendo bom para a nossa menina. Mãe... Ele a machucava, ele a machuca e ela nunca contou nada para ninguém.

"Você matou sua mãe!" meu subconsciente me avisou quando ela ficou um longo tempo em silêncio.

— Mãe...

— Eu estou aqui – a voz dela era embargada.

— Ele saiu da cidade, foi trabalhar, se é que ele trabalha mesmo. Estamos sozinhas em casa. Vamos aproveitar para sair de lá se for preciso.

— Vocês vão sair de lá. Use o dinheiro da conta para os gastos, vou falar com seu pai, ele vai mandar uma quantia nova para quando suas aulas começarem. Ele vai querer ir para aí no mesmo momento.

— Faltam poucos dias para que venham, mande que ele espere. Eu vou me virar por enquanto. Eu só tinha que deixá-los a par de tudo que está acontecendo.

— Eu sei.

— Vamos à delegacia registrar uma queixa.

— Eles precisarão de provas.

— As marcas de queimadura nela serão provas mais que suficientes.

— Meu Pai... – minha mãe parecia estar prestes a entrar em choque – aquele maldito.

— Sim, um maldito mesmo. Minha vontade é de matá-lo.

— Seria você na cadeia e não ele. E sua irmã precisa de você.

— Eu sei.

— Filha, vamos tentar adiantar a viagem. Nem que eu vá à frente, mas eu vou chegar à Seattle em breve.

— Ok, mãe.

— Cuide da sua irmã. Deixe que a justiça da terra e a divina se encarreguem desse crápula.

— Eu não posso prometer isso.

— Mas vai.

— Ok, eu prometo.

Eu não sei o que minha mãe achava que faria, mas sei que ela sabia que eu era capaz das maiores loucuras quando o assunto era proteger aos que eu amava. Ela encerrou a ligação e eu fiz o mesmo com as mãos tremulas.

Virei-me para olhar para o lado dos provadores, para ver se Lidianne já tinha se vestido, ela estava olhando para mim, com um olhar irado, como se eu tivesse traído a confiança dela ao contar tudo para nossos pais.

— Eu pedi que não contasse.

— E eu disse que não poderia fazer isso.

— Você não se importa com as coisas que eu quero? Tudo tem que ser sempre do seu jeito?

Eu sabia que isso era uma explosão sentimental que não deveria ser direcionada a mim, mas não pude deixar de me sentir ofendida.

— Li, eu amo você, mas se você não parar de ficar querendo esconder o que o abominável do seu marido é, eu vou dar na sua cara daqui até em casa.

— Você não ousaria.

— Não me experimenta.

Eu estava morrendo de ódio de Sebastian, do comportamento da minha irmã, e de mim mesma. Por não ter vindo para Seattle antes. E também de Oliver, por que ele não faria o que eu pedi.

CINQUENTA E UM



Não se engane, nenhuma história de amor tem final feliz...

Ninguém vive para sempre, aproveite intensamente o intervalo entre "era uma vez" e "fim".

NEY MOMBACH

Não havia nada de muito diferente na rotina. Ir em sua casa, prestar algumas horas de um trabalho enfadonho como marido, e então retornar ao trabalho como se nada tivesse acontecido.

Havia certa dose de magia por trás disso. Havia certa dose de poder ao ver os olhos tristes de alguém que não pode se defender. De alguém cuja sanidade foi tomada aos poucos. De alguém que era inferior.

Sebastian tinha acabado de sair de uma reunião com possíveis investidores e não entendia como era possível que o tempo tivesse esfriado tão rapidamente. Felizmente tinha estacionado perto da saída do edifício.

Agora, pegaria a estrada, tinha ainda muito trabalho a ser feito, e pelo menos duas horas de estrada pela frente. A reunião começara tarde, cerca de três da tarde, pelo menos para ele que costumava realizar as reuniões no horário de almoço. Agora, precisava se apressar para chegar ao seu destino a tempo.

Sebastian entrou no carro e acelerou para uma estrada longe do movimento da cidade. A avenida tinha árvores de cada lado cuja copa frondosa estendia alguns braços tímidos para o acostamento.

O frio carregou consigo um nevoeiro não costumeiro que começou a engolfar a pista, o carro e as árvores, lentamente, quase bloqueando totalmente a visão de Sebastian. Ele aumentou a intensidade dos faróis, mas era desnecessário dizer que não surtira efeito.

A névoa continuou a envolver a paisagem como um lençol fino. Um pouco mais distante, uma lâmpada vermelha começou a piscar. Sebastian apertou os olhos e conseguiu distinguir o letreiro de um restaurante de beira de estrada que anunciava uma promoção no almoço do dia.

Ele não tinha fome, mas como dirigir seria loucura, parou o carro e resolveu pedir algo para aquecê-lo depois de a temperatura ter caído vertiginosamente.

Saiu do veículo, acionou o alarme do carro e entrou na espelunca de madeira e pedras num estilo bangalô. Um conjunto de guizos irritante, pendurado na maçaneta da porta, fizeram as vezes de sineta e ecoaram um barulho irritante pelo local.

Sebastian retirou o paletó e sentou-se numa das cadeiras de estofado vermelho do restaurante quase vazio. Imediatamente, uma garçonete veio servi-lo de uma xícara de café preto "por conta da casa".

— Quer fazer o pedido agora?

Sebastian olhou para a mulher como se ela fosse alguma idiota, ele mal tinha sentado, sequer tinha visto o cardápio, e além da opção das costelas da promoção ilustradas nos vidros das janelas, ele não sabia nem o que eles serviam.

Para não se fazer de arrogante, perguntou educadamente.

— Vocês servem sopa de cebola?

— Oh, Ivo! – a mulher rechonchuda gritou para o cozinheiro suado e ele projetou metade de um corpo para fora da cozinha – temos sopa de cebola?

— Posso providenciar – ele gritou de volta.

— Há sopa de cebola.

Sebastian mostrou sua irritação pela gritaria ao passar a mão, muito de leve, sobre a testa, para aliviar a pulsação das veias.

Eu gostaria de uma porção de sopa de cebola e filetes de bacon, por favor.

— Sim, senhor. Alguma coisa para beber? – ela perguntou depois de anotar o pedido numa caderneta.

— Um copo gelado de Fanta.

— Anotado. Eu volto com seu pedido logo.

— Obrigado.

Ele tomou o café enquanto esperava a comida chegar. O celular vibra, ele pega-o do bolso e reconhece, de imediato, o número que acaba de lhe mandar a mensagem.

Espero que tenha conseguido descansar.

XOXO

Mikaela

"Mas é uma idiota mesmo" Sebastian pensou. Como uma única noite entre eles tinha resultado em mensagens de textos bobas? Ela não sabia que poderiam ser pegos?

Não ouse fazer isso outra vez. Quando eu quiser que você fale, eu aviso.

Sebastian.

Isso a colocaria no lugar por um breve tempo. Como ele sabia que seria interrompido assim que ela decidisse que era corajosa o suficiente para confrontá-lo, ele desligou o aparelho e o guardou no bolso da camisa. Foi o tempo exato de a garçonete trazer a sopa para ele.

— Aqui está. Bom apetite.

— Grato.

A mulher andou para atender um outro cliente que ele mal tinha visto entrar. Um homem de meia-idade, asqueroso, com a testa oleosa cujos fios que pendiam da cabeça grudava na testa. Ele tinha um palito de dentes na boca e um óculos aviador espelhado que, de um jeito que incomodava, não permitia que ele soubesse para onde o homem estava

olhando. Apesar de ele poder jurar que o remendo de homem estava olhando em sua direção.

Sebastian provou, de leve, o caldo, sentiu que faltava sal, então despejou um pouco do que tinha num saleiro sobre a mesa no prato. Ele mastigou um pedaço do bacon e tomou uma colherada do prato, agora sim, perfeito.

Ele olhou para o homem à frente. Não podendo realmente confirmar se ele estava ou não olhando para sua direção, e tossiu incomodado quando viu que ele estava fumando naquele ambiente apertado.

O homem não se importou em estar incomodando qualquer pessoa, e apenas continuou naquela mesma insistente posição.

Sebastian rasgou alguns pedaços do bacon com os dedos e jogou na sopa, tomando, em seguida, uma nova colherada, mas, ao mastigar o que deveria ser o pedaço de bacon, ele sentiu um gosto amargo invadir sua boca. Ele pegou o guardanapo que tinha posto sobre o colo e cuspiu a comida alí, olhando para o pano, viu o que parecia ser um resto de ponta de cigarro que ele tinha acabado de mastigar.

— Mas que porra é essa?!

Incrédulo, Sebastian remexe a sopa com a colher e vê surgirem no caldo, não apenas uma, mas várias pontas de cigarro.

Ele se levantou, com ímpeto e com nojo, e observou o líquido contaminado como se estivesse olhando veneno.

— Garçonete! Que merda é essa?! – ele chamou a atenção da mulher. Que merda de sopa é essa?! Isso é alguma piada?

A mulher estava acostumada a lidar com clientes irritados, a comida do restaurante não era a melhor, mas nunca tinha sido chamada de "merda".

— Calma, grã-fino, qual é o problema?

— Olha essa merda de sopa – ele falou enquanto cuspiu ao chão o regurgito amargo que tinha voltado à sua boca.

A garçonete olhou a sopa, mas não conseguiu enxergar o problema a que Sebastian se referia. Ela olhou para o rosto dele como se o louco fosse ele.

— Desculpe, pode dizer qual o problema?

A mulher devia ser mais burra do que ele pensava, não enxergava as pontas de cigarro boiando no líquido espesso?

— Olha esse monte de pontas de cigarro.

Ele falou pausada e friamente. E ouviu o riso do único outro cliente do local. Dentes amarelos, e escárnio.

— Ok, eu vou trocar sua sopa se não gostou da primeira – a garçonete falou, não porque acreditasse que havia algum problema com a sopa. Só o bonitão é que estava enxergando ponta de cigarros nela, mas por que ela já tinha lidado com clientes tais quais ele antes. A maioria era drogada, especialmente esses executivos que passam o dia mandando e viram a noite com mulheres e cocaína.

Sebastian jogou uma nota sobre a mesa, não queria mais saber de comida nenhuma. Aquilo era uma piada de muito mau gosto. Ele perguntou:

— Onde fica o banheiro?

— Lá nos fundos, à esquerda. Vê se não quebra tudo – a mulher disse, já sabia que a aparência afetada dele significava problema.

Sebastian não esperou que a mulher terminasse, foi até o banheiro, sentindo ainda o gosto de cinzas na boca. Ao entrar, imediatamente, foi até a pia para enxaguar e cuspir o gosto de cinza que persistia na língua. Enxaguou o rosto e lamentou não ter trazido sua escova de dente e creme dental que deixara na mala no carro.

A porta do banheiro se abre e ele vê o homem de aparência desprezível entrar no banheiro. Ele está sem aquela telha espelhada no rosto, e o palito de dentes também foi embora.

Ele apoia uma mão na parede imunda e começa a assoviar uma música irritante enquanto urina. Sebastian recolhe o paletó e o veste, e pega o celular de sobre a bancada do banheiro, e anda em direção à saída do cubículo. Quando sente alguém lhe pegando pelo braço e lhe chamando.

— Ei, amigo... – ele olha para o homem que lhe trava do pulso antes que ele possa atravessar a porta – você tem fogo?

Assim que o homem diz isso, ele começa a se desfragmentar. Sua pele fica muito quente, quente além do humanamente aceitável, e as partículas que se descolam, começam a subir pelo braço de Sebastian, queimando a sua pele e, por onde elas passavam, deixavam o corpo dele em brasas vivas.

Sebastian começou a gritar pela dor, a maior que já sentira em sua vida, enquanto ele tentava se desvencilhar dos fragmentos que se colavam sobre seu corpo. A dor era algo que ele jamais conseguiria explicar. Ele sentiu todo o corpo sendo consumido a ponto de as pontas dos dedos caírem carbonizadas. Ele estava só no banheiro, sendo queimado vivo, ele precisava pedir socorro, mas parecia em choque, parecia não ter voz naquele momento.

Sebastian sentiu o fogo se espalhar até atingir seu peito e seu rosto, e foi quando a dor pareceu, por demais, excruciante para que ele ainda tentasse ser racional. Sebastian retirou o casaco e a camisa, e correu esbaforido, passando pelo meio do restaurante de madeira gritando feito um louco por ajuda e que ele estava pegando fogo.

— Socorro! Me ajudem! Está queimando!

Ele gritava, implorava para que fizessem a dor passar, mas tudo o que o cozinheiro, que tinha saído de perto do calor das panelas e a garçonete viam, era um louco semivestido gritando palavras ininteligíveis e saindo do restaurante pronto para tirar o restante da roupa.

— Pelo menos ele pagou – a garçonete resmungou. Para o cozinheiro.

Sebastian continuou correndo, até passar pelo carro. O plano dele era rolar na grama do outro lado da pista, que parecia úmida. Ele girou, se coçando com os dedos cotos que a sua imaginação desenhava, e foi nesse momento que ele viu, perto da entrada do restaurante, uma imagem aterrorizante.

Uma sombra preta. A sombra parecia com um lençol de seda esvoaçante, mas quase transparente. Só se destacava nela o olhar extremamente azul e os seus limites que pareciam com braços de polvo se espalhando para todas as direções.

Ele parou aterrorizado pelo seu delírio e ouviu a voz da esposa a lhe chamar com carinho:

— Sebastian...

Ele virou na direção da voz, mas a única coisa que viu e ouviu foi a buzina de uma Scania e as luzes do farol piscando mostrando o desespero do motorista. Após isso ouve apenas a escuridão, dor, e mais nada.

* * *

As ruas do Canadá pareciam quietas, agora que ShemHazai sabia que havia uma alma remissiva sendo ocultada por Azrael, ele a queria buscar a qualquer custo. Ele queria extirpá-la, não para conseguir sua entrada para os céus, eles não lhe serviam de nada, mas

por que ele sabia que ela estaria sendo protegida pelos apóstatas, ou ainda, sendo buscada pelos caídos.

Ele sentiu quando houve uma onda de poder maligno se espalhando pelo mundo. Ele sentia a maldade de longe, ele era mal também. Ele fechou os olhos, expirou profundamente, e soube que estava buscando nos lugares errados.

O mal estava novamente se espalhando por Seattle, isso significava que era lá que os apostatas estavam. Era lá que sua espada extirparia inúmeras hostes celestes.

CINQUENTA E DOIS



Ainda não estou preparado para perder-te.

Não estou preparado para que me deixes só.

**[...] Não estou preparado para que não me abracês e para não poder te abraçar.
Ainda te necessito.**

**E ainda não estou preparado para caminhar por este mundo perguntando-me: Por
quê?**

Não estou preparado hoje nem nunca o estarei. Ainda te Necessito.

PABLO NERUDA

Passaram-se dois dias até o velório.

Ainda me lembro da cena, ainda me lembro do momento em que Lidiane recebeu a notícia como se estivesse acontecendo nesse exato momento.

Quando chegamos à casa dela, Lidiane reclamou da cólica que sentia e foi deitar. Eu, que estava na cozinha preparando algo para que ela comesse, levei um prato de salada para ela, mas me surpreendi ao perceber que ela tinha dormido.

Coloquei a bandeja de salada sobre o criado mudo e sentei na poltrona perto da janela. Eu tinha dormido muito pouco na noite anterior, Oliver não tinha deixado. E aproveitei que estávamos sozinhas em casa para descansar também.

Abri os olhos algum tempo mais tarde, percebi minha irmã sentada na cama, olhando para mim com um olhar perdido e ainda assustado.

— Já acordou?

— Sim... Há um tempo. Já comi também, antes que pergunte.

O tom dela era diferente. Na verdade, Lidiane não falava direito comigo desde que eu tinha ligado para nossos pais.

Estávamos organizando as coisas em malas, finalmente a noite chegara, e sairíamos antes do amanhecer daquela casa. Eu já tinha também conferido o saldo do banco, se eu me esforçasse, eu conseguiria alugar um apartamento barato antes dos meus pais virem. Já que a casa que eles estão comprando ainda não está no nome deles.

— Você dormiu bem? – perguntei quando ela ficou calada.

— Sim, consegui descansar. Apenas acordei com pesadelos.

Eu senti que algo tinha acontecido, e que fora algo grande. Olhei para o celular dela sobre o gaveteiro próximo da janela, e apenas um segundo após ele vibrou contra a madeira de carvalho. Ela se levantou apressada e foi atender.

Houve silêncio por um tempo até que eu a ouvi chorando e a vi procurar apoio no móvel de madeira para não cair. Eu a segurei rapidamente, mas ela se desvencilhou das minhas mãos.

— Isso não pode ser verdade... Não...

Ela falava irada e entristecida. Eu não sabia ainda o que acontecera, eu só sabia que ela estava pálida ao extremo, e a ponto de desmaiar pelo susto causado pelas palavras que ouvira.

Ela encerrou a ligação e olhou para mim de um jeito que eu nunca tinha visto antes. O olhar perpassado de ódio. Eu quis me aproximar, mas ela não quis. Ela ergueu uma mão impedindo-me de chegar mais perto e falou:

— Sebastian está morto. Foi atropelado por um... – ela soluçou – meu Deus, ele foi atropelado por um caminhão.

— Eu sinto muito...

— Não! – ela estava enraivecida – não diga que sente muito. Você não sabe nada sobre sentir. Você não sabe como ele era importante para mim, não sinta por ele.

— Lidiane, eu não disse que sinto pela morte dele. Eu sinto pela sua dor, mas não por ele. Você está sendo burra, muito burra por se deixar abater por isso.

— Eu compartilhei anos da minha vida com ele.

— Você desperdiçou anos da sua vida com ele, isso sim. Eu entendo que esteja com raiva por ainda não estar olhando a situação de fora, mas daí a descontar em mim sua frustração? Não acha que está sendo deveras injusta?

Lidiane amassou o cabelo em nervosismo. Eu sabia bem pelo que ela passava, eu tinha lido algumas coisas no celular. A pessoa que perde um parceiro narcisista, geralmente não entende a dor que ele lhe infligia por um longo tempo até que sua mente se acostume à ausência. Nesse caso, ela estava quase como uma drogada sendo internada de forma compulsória, ainda ensandecida pela falta da droga.

Sebastian era a droga dela. Destrutivo, frio. Liberando uma ou outra dose de prazer como se somente ele fosse capaz de lhe dar estas partículas de felicidade.

— O que você fez? – ela perguntou enquanto me encarava com os olhos marejados.

— Do que está falando?

— Isso mesmo que ouviu. O que você fez? Eu ouvi você falando com o marginal do seu namorado. Você estava pedindo que ele morresse. Eu ouvi tudo. Você mandou que ele matasse meu Sebastian?

— Você não está sendo racional.

"Oh, ela está sim, você sabe" meu subconsciente falou em constatação. Ele andava muito silencioso ultimamente.

— Eu acho que estou sendo racional pela primeira vez em anos. Eu vou contar à polícia sobre isso. Eu vou... Que droga! Eu vou te colocar atrás das grades se for preciso.

Eu fiquei em silêncio. Não faria com ela o mesmo que Sebastian faria – fazê-la duvidar da própria sanidade. Eu apenas ficaria em silêncio porque, no final das contas, ela estava do lado da verdade.

— Saia do meu quarto. Eu não quero ver a sua cara.

Lidiane ergueu o indicador apontado para a porta. Eu caminhei até o umbral e voltei o corpo para dentro do quarto para deixar um conselho.

— Li, você está sentindo a morte de um homem que você idealizou, mas ele nunca existiu. Você deveria parar e pensar sobre isso agora de um modo que pudesse abrir os seus olhos. O Sebastian que você amava já tinha morrido há muito tempo, esse que morreu hoje foi apenas o monstro por trás dele.

Ela olhou para mim, mas não falou nada, continuou ouvindo.

— Você não consegue enxergar o peso morto que foi arrancado de seus ombros, mas em breve vai. E você vai ser amada de verdade, vai ser realmente feliz, e não vai conseguir entender como conseguiu desperdiçar tanto tempo com um homem que queria transformá-la numa escrava para adorá-lo.

Após essa discussão, de dois dias antes, Lidiane não conseguia me encarar. Oliver não tinha falado comigo nesse espaço de tempo também. E eu me perguntava o motivo disso. Ele tinha feito o que eu tinha pedido, não tinha? De um modo estranho, ele tinha provado que me amava.

Eu o chamei com meus pensamentos, liguei, mas ele não me atendia. Foram os dois piores dias da minha vida. Meu pai e mãe estavam incomunicáveis, minha irmã não me queria ver nem pintada de ouro, e Oliver tinha desaparecido do mundo.

O caixão lacrado seria cremado em menos de meia hora, mas antes ele estava sendo velado no átrio da igreja. Toda a comunidade parecia ter se juntado para velar o hipócrita no lugar santo. E eu não conseguia forçar uma única lágrima, não podia fingir que me importava com o que tinha acontecido a ele.

Depois das orações e lamúrias, eu senti que alguém me observava. Olhei para o lado esperando ver Oliver, mas não era ele quem estava ali.

Um homem de longos cabelos louros, e barba cheia, porém desenhada. Ele tinha um lindo olhar azul e era alto. As pessoas ali, mesmo as mais altas, não chegavam aos seus ombros. Eu me senti incomodada quando o olhar dele não deixou o meu escapar por um longo tempo, ao mesmo tempo em que o meu subconsciente me gritava que ele era o homem mais bonito que devia existir na terra.

De sobrecasaca escura, ele parecia austero e enlutado como as outras pessoas, mas havia algo de um sentimento estranho nele enquanto me olhava. Eu não sabia o que era, mas era um misto de surpresa com felicidade.

O homem permaneceu a me olhar por um tempo, até que saiu da igreja e caminhou para longe, até alcançar a saída e desaparecer.

Não demorou muito tempo depois que ele saiu, eu vi Oliver aparecer à entrada da igreja. Ele curvou a cabeça respeitosamente, como todo anjo o deve fazer diante dum espaço sacro do seu criador, e então se recostou ao lado da porta.

Vestido de roupa escura (coisa que eu já tinha notado ser característica dele) ele se misturou aos outros fieis que lamentavam a morte de Sebastian.

Ele me olhou e fez um sinal para que eu me aproximasse.

Levantei-me dos bancos de madeira dispostos ao lado do caixão. Foi o tempo de ouvir minha irmã abrir novamente um choro intenso ao ver o acionamento da gaveta que levaria o resto do corpo do marido para ser cremado.

Caminhei até Oliver, parei ao lado dele.

— Eu estava tão preocupada, tentei tanto contatar você, mas não consegui.

— Eu sei. - a voz dele era fria – Eu não poderia falar com você. Eu estava confuso.

— Confuso?

— Sim, confuso, mas eu estou aqui agora.

— Por que estava confuso? – eu senti algum certo medo dentro de mim, apoiei a cabeça no ombro dele e me deixei ficar alí por um tempo. Era estranho ouvir o coração de Oliver bater descompassado sabendo que não era por mim.

— Eu não posso falar sobre isso agora. Eu... Eu não quero falar sobre isso. Espero que compreenda o meu silêncio.

— Eu vou tentar – eu disse- mas, por favor, me abraça. Eu senti sua falta.

Oliver colocou os braços ao redor do meu corpo, mas não era o modo como ele me abraçava sempre. Era estranho, era frio. Era quase como se não fosse ele. Ergui o olhar para seu rosto, mas ele apenas encarava o sofrimento da minha irmã diante de toda a congregação.

"Isso não deveria ter acontecido, foi errado..." meu subconsciente avisou "ele está pensando se estar com você vale mesmo a pena, ele está pela primeira vez vendo o sofrimento que isso implica aos outros".

Meu coração apertou um pouco. Eu sabia que meu subconsciente estava certo, mas eu sabia que tinha algo mais. Theodore estava estranho, estranho demais para ser apenas isso.

Se ele queria apenas pensar sobre isso, não teria vindo, teria feito isso distante, e não num lugar onde eu estaria perto dele para confundir os seus pensamentos.

* * *

Era ela. Se ele ainda tinha algum coração, ele estava batendo descompassado. Suas certezas se confundiam naquele momento. Ele tinha que matá-la, era o certo, era o que ele tinha jurado quando o sangue dos seus filhos beijou o fio de sua espada pela primeira vez.

Shemhazai precisava ser frio nesse momento. Ele tinha que calcular seus passos com cuidado. Ele esperou alcançar o lado do muro da igreja que não tinha movimento de qualquer transeunte ou de carros, e impulsionou-se contra o solo para um salto.

Ele não iria até ela no momento. Seria fácil demais, seria acabar com um quando ele poderia se deixar esperar e encontrá-los todos.

Um sorriso maligno ecoou no espaço antes que ele alcançasse o solo outra vez. Sua roupa comum tinha se metamorfoseado na sua armadura e capa rota. Agora ele só precisava esperar. Shemhazai era um dos maus, mas, pelos seus filhos, acabaria com todos os outros como ele.

CINQUENTA E TRÊS



Estava eu na minha casa de manhã, quando recebi um telefonema que minha irmã estava morta, minha irmã mais nova, cheia de vida de repente não existe mais.

PADRE FÁBIO DE MELO

Quando tudo que sobrou de Sebastian foram algumas gramas de cinzas numa urna funerária, minha irmã saiu da igreja sem olhar para meu rosto.

Ela viu Oliver ao meu lado, ela olhou diretamente nos olhos dele como se dissesse "eu sei" e virou o rosto para nós dois como se nunca mais quisesse olhar para nosso rosto novamente.

Lidiane não estava normal, não mesmo. Estava calada demais. Ela não queria parecer anormal para os fieis da igreja, mas para mim estava parecendo uma louca. O olhar perdido sempre no espaço distante do horizonte além de nós, contemplando algo que nenhum de nós conseguia ver.

Segurei a mão de Oliver para caminhar até a saída, mas ele não segurou minha mão de volta do modo certo. Ele não a segurou como antes, como nas outras vidas. Eu não conseguia sentir que ele realmente queria me tocar ali.

— Oliver...

Ele virou para mim. O olhar torturado, e eu não entendia a razão, ou fingia para mim mesma não entender.

"Ele está machucado..." Meu subconsciente disse "não é algo que tenhamos feito, é algo que ele fez também".

Oliver esperou pelo que quer que eu fosse falar. Quietos, e agora, eu realmente percebia, não era apenas eu que estava sendo levada por pensamentos, ele também parecia martirizado pelos próprios.

— O que aconteceu? Por que está assim?

Ele soltou a mão da minha e colocou-as nos bolsos da calça escura. Ele parecia aliviado por não estar mais me tocando, e tudo aquilo não fazia sentido. Não mesmo.

— Eu não sinto que este seja o local adequado para contar.

— Eu penso diferente. Acho que se não me falar o que o está afetando agora, que está diante de mim, não o falará mais tarde.

— Muito bem.

— Muito bem o que?

Oliver ficou quieto e desviou o olhar do meu rosto. Ele pareceu ficar pensando se o quealaria a seguir valeria ou não a pena, pelo menos diante da situação.

— Nunca mais... – ele esperou as últimas pessoas que ali estavam saírem do local. Assim que elas saíram, ele continuou – nunca mais me coloque contra a parede do modo que fez. Nunca mais me faça ter que escolher entre o que é certo e...

— E o que, Oliver? – o interrompi triste porém irritada pelo modo que falava comigo.

— E você.

— Não acha que ele merecia morrer depois do que fez?

— Acho que ele merecia piedade e misericórdia como qualquer outro humano. Ninguém está tão sujo que não possa ser perdoado, ninguém é tão vil que não possa ser transformado.

— Você fala como se não soubesse o modo que ele tinha tratado minha irmã. Não vê que ele era doente? Mas, muito bem, me diga o que aconteceria com ele se ficasse vivo. Como ele morreria?

— Não é isso que importa, Daniele, você deveria saber. Não é apenas o modo como ele morreria no futuro, é o que a morte dele fora de tempo implica a todas as pessoas. A ordem natural das coisas foi mexida, isso acarreta consequências. E você será a primeira a ser afetada por elas.

— Consequências?

— Muitas delas. Quando sou eu quem interfiro, o faço com o máximo de cuidado para tentar não alarmar nada e nem ninguém.

O modo como ele olhou para minha irmã ao pronunciar a palavra "ninguém", me fez tremer. Foi como se eu tivesse o vislumbre de tudo o que aconteceria. Ela tinha ficado por tempo demais sob a influência de Sebastian, vivido sob as ordens dele, buscando as palavras dele como espelho para as suas emoções e atitudes, e agora, que ele tinha partido, ela estava desorientada, sem rumo.

— Minha irmã? – eu perguntei a ele com o olhar marejado.

— Infelizmente. E temo que se odiará quando acontecer.

— Isso não pode acontecer.

— Ela está sem motivos para viver, posso dizer que a idéia do suicídio tem passado na cabeça dela constantemente. Eu vejo as formas com as quais ela pretende dar cabo da própria vida.

— Eu vou ficar ao lado dela.

— Isso de nada irá adiantar.

Oliver deu alguns passos para longe de mim, andando sem me esperar. Eu o chamei:

— Oliver...

— Eu preciso ir, Daniele.

— Você vai realmente me deixar assim?

— Eu tenho que ir, como já disse. Há trabalho a ser feito. Mas, talvez, o que precise para me deixar ir é um motivo para me odiar. Pois então o darei. Eu passei esses dias nos braços de outra mulher.

Ele não precisou nem me dizer quem tinha sido a tal mulher. Eu sabia exatamente quem era a minha rival. Eu sabia com quem eu disputava o coração dele.

"Ela é a pessoa certa para ele, não você..." Meu subconsciente avisou, mas eu não queria ouvir. Eu queria que ele entendesse que mesmo que ele tivesse realmente feito isso, eu ainda estava presa a ele de um modo que não conseguia explicar.

— Eu não acredito que tenha feito isso, senão não teria a hombridade de vir até aqui olhar ao meu rosto e me falar – eu falei e percebi, para minha vergonha, que uma lágrima tinha rolado por meu rosto e a enxuguei – mas se quer se afastar, afaste-se. Apenas não me peça para acreditar que teve coragem de dormir com outra mulher depois que... depois de nós dois.

Oliver baixou o olhar e não tornou a olhar para meu rosto.

— O que está fazendo aqui ainda? Vá embora. Eu só espero que quando voltar para tentar reaver aquilo do que está abrindo mão, que venha de joelhos. Um erro meu não abomina todos os erros que você também cometeu, Oliver.

— Do que está falando?

— Eu estou falando do dia em que pedi para ir embora. Acha que sou tonta? Acha que vou acreditar que você se conservou intocado e puro até me ver novamente? Você nem mesmo estava me esperando. Foi uma surpresa para você me encontrar assim como o foi para mim.

— Eu preciso ir.

Foi a minha vez de não falar nada. Esperei que ele fosse embora e só então desabei. Sentei-me numa das cadeiras e fiquei perdida em meus próprios pensamentos. Isso tinha mesmo sido uma ruptura? Ele tinha acabado de terminar comigo por isso?

"Você pediu que ele matasse alguém, isso não soa muito normal".

"Olha quem fala, a voz na minha cabeça".

"Apenas não esqueça que você é que é a garota louca que ouve uma voz na cabeça".

Fechei os olhos e apoiei o meu rosto entre as mãos. Oliver estava certo. Por mais que eu estivesse odiando Sebastian pelo que ele fez a minha irmã, desejar a morte e mandar que ele o matasse tinha sido um pouco demais para uma mente normal.

Eu tinha mandado matar uma pessoa. Eu tinha pedido que ele extirpasse um ser humano da face da terra, e eu ainda tinha achado que isso era o certo a fazer. Eu tinha julgado que eu poderia tomar o lugar de Deus e decidir quem deveria viver e quem não o deveria.

Eu era um monstro igual ou pior ao ex-marido da minha irmã. Ele, pelo menos, não tinha matado ninguém. Agora, fazia sentido que ele quisesse se afastar. Eu tinha agido feito uma louca inconsequente. Eu era má, e o pior de tudo, apesar do remorso, eu não conseguia me arrepender por isso.

Algum tempo depois, eu tinha chegado à casa da minha irmã. Meu medo era que ela me expulsasse de lá, já que ela tinha ouvido a minha conversa e sabia que Oliver e eu éramos os responsáveis por aquilo tudo. Ela subiu para o quarto e eu fiquei na sala. A urna funerária tinha sido deixada na poltrona favorita de Sebastian, como se fosse ele próprio ali.

Eu deitei no sofá, retirei os sapatos e o casaco escuro, ficando apenas com o jeans e uma blusa. Meu coração estava vazio, como eu nunca antes o tinha sentido. Mas não vazio por falta de algo, era um vazio de sentimentos. Eu não sabia como explicar aquilo. A única coisa que eu sabia era que sentia medo, muito medo pelo que ia acontecer.

Deixei-me ficar ali, perdida nesse vazio de incompletude, e deixei-me descansar por um tempo, já que não tinha conseguido dormir com o choro de Lidianne pelos últimos dias.

Eu senti tocarem meu rosto e abri os olhos. Não tinha ninguém na sala. Havia um choro triste ecoando em meus ouvidos mesmo que não houvesse ninguém chorando. Por detrás do choro havia uma presença, aquela presença que eu bem conhecia de tanto tempo. A presença que reverberava dentro de mim como se eu fosse oca até senti-la.

— Oliver...

Eu queria que ele se mostrasse para mim.

Eu vi quando um contorno perdeu a transparência até que a figura de Oliver em sua forma real foi revelada. Ele olhava para mim com o mesmo olhar frio de antes. Os cabelos longos balançavam mesmo que não tivesse vento entrando pelas janelas, e o olhar dele, azul, destacava-se contra sua pele pálida.

Meus olhos arderam como se fossem pegar fogo e eu me senti prestes a desmaiar, até que ele me ordenou que fechasse os olhos e não o encarasse.

— Lidianne não faz mais parte deste mundo.

Ele disse com uma voz grave que balançou os quadros das paredes.

— Você a levou? – perguntei com um toque de dor na voz.

— Não poderia leva-la. Vos tenho dito por diversas vezes, não sou responsável por mortes trágicas. Sua irmã deu cabo de si, e será julgada por tal.

Eu senti quando a presença se dissolveu. Senti o choro desaparecer, mas era um choro feminino, não era o choro de Oliver, não era o choro de Lidianne, era o meu próprio choro que eu sequer tinha notado. Abri os olhos, ele realmente não estava mais ali. Precipitei-me para o quarto de Lidianne. A porta estava trancada, forcei a fechadura, bati na porta, mas ninguém a abriu. Concentrei-me, com toda a força, e chutei-a. Nada aconteceu.

— Por favor, só essa vez... – pedi forças a Deus, algo que eu não tinha feito desde que nascera. E me joguei contra a porta outra vez. Ela se abriu.

Lidiane não estava sobre a cama, não estava no closet, não estava no escritório adjacente ao quarto. Corri ao banheiro e escancarei a porta que estava semi aberta e gritei a plenos pulmões com a cena que se revelou para mim.

O corpo nu e extremamente pálido de Lidiane estava imóvel na água que tinha se misturado ao sangue e cuja cor se tinha avermelhado.

Um dos braços estava para dentro da banheira com um corte profundo no pulso, e o outro, com um corte ligeiramente mais raso, estava pendurado para o lado de fora da banheira. Não havia mais uma gota de sangue pingando para completar a enorme mancha vermelha que decorava todo o chão de mármore Carrara.

— Lidiane... Não... Li...

Minha voz estava apenas um sopro leve. Minhas mãos estavam trêmulas e eu não sabia o que fazer. Eu não sabia como agir. Entrei na banheira junto com ela e abracei o corpo dela contra o meu enquanto via o meu corpo ser manchado pelo sangue dela. O dia estava amanhecendo no horizonte, a luz passava pela janela ao lado da banheira e invadia aos poucos o ambiente. Apertei minha irmã contra meu corpo e lamentei pelos meus desejos pela primeira vez em minha existência.

Eu não sabia o que fazer por um longo tempo. Um novo dia surgia para todos, menos para ela, e eu só queria abraça-la.

CINQUENTA E QUATRO



O amor deveria perdoar todos os pecados, menos um pecado contra o amor. O amor verdadeiro deveria ter perdão para todas as vidas, menos para as vidas sem amor.

OSCAR WILDE

"Posse Pecare et posse non pecare".

A frase tatuada sobre a pele das minhas costelas nunca fez mais sentido. Eu tive escolhas, eu sempre tive. Eu não deveria ter agido dessa forma má e inescrupulosa. Ao mesmo tempo em que eu fiz com que Oliver pecasse, eu mesma pequei.

"Podes pecar ou podes não pecar".

Eu escolhi o lado do mal, talvez eu tenha escolhido o lado do mal por diversas vezes. Talvez tenha sido por isso que nunca tenhamos merecido uma existência juntos. Por que eu nunca soube escolher as coisas direito. Por que eu sempre me deixei levar pelos sentimentos e emoções, e por que eles nunca tinham sido os melhores conselheiros.

Minha mãe estava devastada. Meu pai passou mal e teve que ser internado às pressas. Essa não era a ordem certa das coisas. Os pais não deveriam ter que enterrar aos próprios filhos.

Eu me sentia o pior dos seres humanos naquele espaço de tempo. Eu tinha uma consciência dos meus atos como nunca antes eu tive. Eu soube, de um modo estranho, que aquilo que eu desejei aconteceu com ele.

Talvez aquele ditado que manda a gente nunca agir quando está irritado é o mais acertado possível. O efeito borboleta deve ser uma das piores coisas que existe. Nunca sabemos como a nossa interferência pode alterar o círculo ao nosso redor.

Foram longos quinze dias de silêncio. Minhas aulas tinham começado e a minha mãe, que já tinha chegado à cidade, tinha dito que eu deveria tentar levar as coisas normalmente.

Como?

Ela ainda me mandaria continuar a fazer as coisas normalmente se soubesse que eu era culpada pela desgraça que tinha sobrevivendo à família?

Oliver estava contra mim. Eu mesma estava contra mim finalmente. E eu sentia que eu nunca tinha o amado tanto quanto agora, mas sabia que eu também não tinha nunca bagunçado as coisas como agora.

Eu precisava resgatar do fundo de mim as lembranças das minhas vidas. Eu precisava estar ao lado de Oliver apenas esta vez, eu precisava que ele pudesse me dizer, pela última vez, olhando aos meus olhos, que não me queria.

Seattle estava coberta por uma tempestade que durava dias. A meteorologia não sabia explicar exatamente o que tinha se passado, apenas davam conta que a frente fria inesperada iria durar por mais alguns par de semanas.

Minha mãe devia estar dormindo, eu soube pelo modo como a casa estava quieta. Olhei para a garagem, minha moto estava estacionada dentro dela, significava que ela não tinha mesmo saído.

Coloquei a capa de proteção para chuva e subi na moto. Eu não sabia para onde ia, eu não sabia o que deveria fazer. Eu queria ter acabado com tudo isso, mas só de pensar que com isso eu infligiria mais dor à meus pais, eu parei.

Quase não havia movimento nas ruas. E eu era a única corajosa o suficiente para não me deixar amedrontar pela chuva torrencial e andar de moto.

O sinal ficou vermelho e eu parei a moto perto da faixa. Havia apenas um carro na minha frente cujo motorista fumava e falava ao celular enquanto dirigia.

Fechei os olhos e aproveitei aqueles segundos que restavam antes do sinal abrir para me concentrar no que eu queria. Eu queria encontra-lo. Eu não sabia se ele morava perto, mas eu estava disposta a correr a distância que fosse preciso, já que ele não respondia ou me ligava quando chamava com os meus pensamentos.

Não adiantou tanto. Corri uma boa tarde da cidade na chuva. Nada me fazia lembrar os detalhes de onde ele morava. Finalmente me permiti chorar neste dia. Os últimos dias foram passados em uma tristeza profunda, mas sem lágrimas, hoje, no entanto, parecia ter sido simplesmente a última gota.

A pior parte fora ter chegado numa área da cidade que eu não conhecia. E se a conhecia, o desespero de me sentir perdida não me deixava lembrar.

"Concentre-se, você vai lembrar" meu subconsciente avisou, mas não tinha um só detalhe a que eu pudesse me apegar. Os prédios fechados do que parecia ser uma rua comercial também não me eram conhecidos. Olhei para o nome da rua, mas não a conhecia, pelo menos não dessa vida.

Parei a moto, e desci de sobre ela. Retirei o capacete e me protegi no toldo de uma das lojas que estava baixado. Eu estava perdida. Completamente perdida, e tendo em vista que eu não queria preocupar minha mãe com uma ligação a cobrar, eu iria esperar que a chuva amenizasse para procurar um posto policial e pedir direções.

"Não desiste ainda, é aqui perto..." meu subconsciente alertou e eu me fiz de forte para buscar algum detalhe que pudesse me dar a esperança que ele tinha acabado de ilustrar, se eu o encontrasse, eu não estaria perdida.

Olhei por cima dos prédios, e quase no final da rua, um deles me soou familiar. Um deles parecia estar simplesmente iluminado para que eu o notasse, apesar de eu saber que isso não tinha realmente acontecido.

Peguei a moto outra vez, nem mesmo coloquei o capacete, apenas o deixei no braço, e acelerei para lá. As gotas de chuva pareciam pedras contra meus braços e rosto, mas a dor não conseguia ser maior do que a que eu sentia dentro de mim e tentava extinguir. Eu provavelmente receberia uma multa pelos correios em poucos dias, mas não me importava, nada importava. Eu precisava ver Oliver, e eu sabia que o veria ali.

O porteiro tinha fingido não ouvir o meu pedido e apenas fechou a porta da guarita. Eu devia estar com uma aparência horrível para ter sido confundida com uma mendiga ou uma assaltante. Eu dei as costas para ele, apoiei-me ao muro e me deixei escorregar pelas pedras macias até ficar sentada no chão, ao lado do portão. E foi quando eu comecei a chamar por ele:

— Por favor, eu estou aqui... Por favor, apareça. Eu não consegui esperar você ir atrás de mim. Eu preciso ficar com alguém que entende a profundidade da minha dor. Eu prometo ir embora depois, por agora só me deixa te abraçar.

Eu nunca tinha precisado fazer isso por ninguém, e eu estava me odiando um pouco por isso. Eu queria poder ficar orgulhosa e prepotente sem descer do meu pedestal que eu

mesma tinha criado, mas isso não daria certo, não quando eu precisava de alguém que me entendesse, e ele entendia.

Devo ter ficado uns cinco minutos pegando chuva, até que de repente ouvi passos pesados ao meu lado, depois em frente a mim. Era o som de botas molhadas pela chuva. Olhei para o alto quando não senti mais a água molhando meu cabelo, e vi Oliver me cobrindo com um guarda chuva e estendendo a mão para que eu a segurasse.

— Vem comigo, vamos entrar.

Eu tomei a mão dele. Oliver não parecia satisfeito em me levar sob o guarda-chuva. Ele me puxou para perto e me envolveu num abraço pela cintura. Quando dei por mim, estava sendo levada com as pernas ao redor dele, como uma criança.

— Você é louca, sabia. Vir nessa chuva para cá. Você está tremendo de frio.

— Eu precisava te ver.

— Eu sei. Eu ainda não estava pronto para vê-la, perdoe-me.

Entramos no saguão do edifício e ele me levou para o elevador. Pensei que ele ia me colocar no chão, mas o que Oliver fez foi virar meu rosto para si e me dar um beijo profundo.

— Eu senti tanta falta disso... – ele disse depois de ter libertado meus lábios dos seus – Eu sou um idiota.

— Eu sei, mas eu sou idiota, muito. Eu nunca, nunca deveria ter falado ou pedido uma besteira daquelas. Eu... Eu nem sei por que eu fiz isso... Deixar-me ser levada pela raiva daquele jeito.

— Não falemos disso agora. Você vai dormir aqui hoje. Eu vou avisar sua mãe. Você está leve demais, tem se alimentado direito.

— Muito pouco.

— Espero que não seja por minha culpa.

— Não vou mentir.

Oliver ficou em silêncio e paramos num andar conhecido. Eu já estive alí antes, apesar de sentir que o local estava bem mais cheio.

— Vamos para o meu quarto. Você toma um banho e eu vou levar algo quente para que tomes. E algo para comer. Então conversaremos.

— Tá bom.

Eu não estava muito em posição de discutir. Eu parecia estar a ponto de desmaiar de tanto frio. Ele me levou para o quarto e finalmente me liberou para que eu pusesse os pés no chão. Eu me senti uma estranha e desajeitada, na frente dele. Pronta para ter um pouco da minha autoestima minada, se não fosse o olhar caloroso que ele me dava.

Era o meu Oliver, e pela nesga de felicidade presente em seus olhos em me ver, ele estava tão desejoso por nosso encontro quanto eu.

Oliver andou até perto de mim e pegou a beirada da minha jaqueta protetora e abriu o zíper para tirá-la. Depois fez o mesmo com a calça e com a roupa que eu tinha por baixo. Ele me levou pela mão até o chuveiro e o ligou, ajustando a temperatura para mim, e então me deixou só com meus pensamentos para que eu tivesse alguma privacidade na hora do banho.

Fechei os olhos e senti a água quente lavar meu corpo. Não devo mentir, os últimos dias foram passados jogada na cama sem nenhum animo. Comer, pentear os cabelos, ou tomar banho, são apenas algumas das coisas que eu não fiz.

Peguei um pouco de creme dental com os dedos e "escovei" os dentes. Devo ter ficado ali um bom tempo, pois quando voltei ao quarto, Oliver já estava sentado na cama. Sobre uma bandeja sobre a cama, haviam diversas frutas e o que me pareceu, pelo cheiro característico, ser chocolate quente.

Ele mandou que eu sentasse e estendeu a xícara para mim. Tomei um pouco do líquido que aqueceu meu corpo e vi que Oliver não tirava os olhos de mim. Mordisquei uma pera e tomei mais um gole do chocolate quente. Ele continuava a me olhar.

— Oliver... – falei de boca cheia.

— Sim.

— O que significa a minha tatuagem além da tradução dela.

— Sua tatuagem, Daniele. É a frase que prediz a condenação. A palavra Inefável.

— Não entendo...

— É a essência do livre arbítrio. É o trato não verbal que todo ser humano assina ao respirar pela primeira vez nesse mundo. Ele tem escolha, todos temos ou tivemos.

O modo que ele encerrou a frase, mostrou que ele não iria prolongar aquele assunto por muito mais tempo, e eu estava certa. Apesar dele continuar me olhando e me deixando levemente constrangida ao comer.

— O que foi? Por que está me olhando assim?

— Estou esperando você se alimentar bem.

— Por quê?

— Você vai descobrir.

E eu descobri. Algum tempo mais tarde. Ele queria fazer amor comigo para apagar a saudade do tempo que passamos distantes, mas não era só isso. Ele queria me provar que apesar do tempo e das decepções causadas um ao outro, o sentimento não tinha mudado.

Era amor. Um amor doente e proibido, mas era amor quando estávamos nos braços um do outro. E era tão profundo, que a nossa parte machucada não conseguia se distanciar mesmo sabendo que deveria.

CINQUENTA E CINCO



A coisa mais bela que podemos vivenciar é o mistério.

Ele é fonte fundamental de toda verdadeira arte e de toda ciência.

Aquele que não o conhece e não mais se maravilha, paralisado em êxtase, É como se estivesse morto: seus olhos estão fechados.

Eu quero saber como Deus pensa. O resto... São detalhes.

ALBERT EINSTEIN

A voz de Oliver invadia meus sonhos. Eu tinha dormido nos braços dele após nossa noite juntos. Ele estava orando, fervorosamente. Orando como eu nunca o tinha visto na vida.

— YAHWEH, perdoe-me. Dê-me forças para seguir teus propósitos, pois eu sou fraco. Eu peço, Adonai, tendes paciência com teu servo que está escravo de suas próprias emoções. Não me afaste do teu abraço, Senhor dos exércitos.

Eu permaneci de olhos fechados, nalgum momento a oração tinha se transformado em música e ele implorava aos céus como se estivesse cantando para exaltar seu Deus.

— Estou ajoelhado e tremendo de emoção, mas nada sou. Persigo a memória das tuas ordens e elas me arrepiam. Abstenha vosso silêncio de mim Sublime Silencioso. Cego eu estou para o propósito brutal divino.

Nalgum momento, a língua que ele falava tornara-se estranha e eu o senti sendo engolfado numa luz que irradiava de si próprio. Oliver orava com fervor, tanto, que fogo brotara dele, e eu podia contemplá-lo pela fresta das minhas pálpebras semicerradas.

תנטוש אלמר וחק כוכב חושך כמה לנוכח... Elahi Elahi ... של י ה יתה ה יא—
בשב ילך אהבה בערשאני שזה מודה אני ידוע לא בב וקר. לבד אני יאדוני יא ות י

"Ela era minha, Elahi... Elahi... Diante da escuridão de alguma estrela distante. Não me abandones, meu Senhor, sozinho estou. Desconhecido estou. Eu confesso que meu ser queima de amor por Ti".

מה משנה לא. ב י ותר הט ובה אהבה א י. מעל י שמא י ר י ותר ט ובה מ ישה י א י—
מעבר שר וצה אהבה א י, בח זרה א ות י אהב לא

"Não há um amor melhor que acene acima de mim. Não há amor melhor. O que quer que tenha me amado de volta, não há nenhum amor que queira além deste".

Agora ele tinha voltado a falar na minha língua. E o fogo se apagava devagar. Ele cantava, cantava cada uma das palavras. Eu sempre quis saber como os céus soavam, e então Deus me deu Oliver.

— Eu nunca conheci uma tristeza mais escura que a escuridão em que a conheci. Própria dela. Ela que ria de minhas garantias tão belamente, cujo coração cantava em anarquia.

Lágrimas, muitas lágrimas. Choro dolorido. Choro arrependido. Oliver abria seu coração para Deus, mas ao mesmo tempo o abria para mim.

— Quando nossa verdade for queimada da história, Testemunhe de mim, Adonai. Como lágrimas de fogo escorrendo de uma árvore de cedro, saibais Senhor meu, que o meu amor queimará comigo, e que dentro de mim ele viverá eternamente. Por que não há melhor amor que o que eu sinto por aquela que se deita em meu leito, YAHWEH, e eu sinto que esse amor me justifica.

Todo o fogo que consumia Oliver tinha se extinguido de dentro dele, ou melhor, tinha voltado a ser contido dentro dele. Ele abriu os olhos limpou o suor que escorria por sua testa e, apenas com o lençol envolvendo a sua cintura, caminhou até o lado da cama. Ele tocou meu rosto devagar e ficou naquela posição, ajoelhado ao lado da cama, enquanto me acarinhava e me observava.

Eu devo ter fingido que estava dormindo tão bem, que, quando dei por mim, eu realmente tinha caído no sono e já estava acordando.

Oliver não estava ao meu lado. Sentei-me na cama, o lençol deslizando pela minha pele amaciada pelos beijos dele, e o vi sentado à beirada da janela, observando o horizonte. Ele tinha os olhos fechados, saudosos. Ele sentia falta de algo, e eu poderia jurar que era dos céus que ele não podia mais entrar desde que decidira me deixar viva e desobedecer.

— Oliver... – eu o chamei. O buraco no meu peito crescendo. Eu não queria que ele fosse embora, eu não queria que ele sentisse falta de outra coisa que não fosse de mim. Mesmo sabendo que eu era o motivo de ele não poder voltar aos céus.

— Daniele... – ele olhou para mim. Finalmente a adoração dele se desprendendo do horizonte e se direcionando a mim – descansou bem?

Oliver se levantara e voltara para dentro do quarto. Caminhando apenas com o jeans e todo o encanto do corpo másculo que possuía. Eu achei que ele iria conversar, mas quando ele se jogou sobre mim, mostrou que não era exatamente o que ele queria.

— Eu nem mesmo comi alguma coisa, minha barriga dói de fome.

— Eu vou providenciar alguma coisa para você comer, mas primeiro me deixa matar a saudade que eu estava de você.

Ele me beijou com vontade, com saudade, com desejo. E eu correspondi aos beijos, apenas esperando que ele entendesse, por meio deles, a profundidade do meu sentimento por ele.

— Acho que vou deixar você comer agora... – ele disse se afastando de leve.

— Não, não... Ainda não...

Eu o puxei de volta para um beijo que mostrava exatamente o que eu queria. E ele desceu para o meu pescoço para terminar a carícia, mas parou por um instante e se sentou na cama.

— O que foi? – perguntei quando eu não conseguia entender o motivo de ele ter parado justamente naquele momento.

— Sente frio? Está com febre.

— Febre? Eu? Me lembro desde que me entendo por gente que meus pais sempre se surpreenderam pelo fato de eu nunca ter ficado doente nem uma vez na vida.

— Sim, você está com febre. Aquela chuva de ontem deve tê-la deixado com o sistema imunológico abalado, e após isso todo o esforço... – ele falou e eu sorri um pouco constrangida por saber a que esforço ele se referia – Deite, eu vou trazer algo para que coma. Assim que estiver um pouco mais forte, eu vou poder ajudá-la com essa febre.

— Eu sou alérgica a dipirona, tá bom?

Falei quando o vi vestir uma camisa para ir buscar comida.

— Você não é alérgica a mim – ele disse antes de sair e eu entendi que ele era quem me sararia.

* * *

Eu acordei com o som da porta se abrindo. Eu jurava que era Oliver, por isso não me importei de me cobrir direito com o lençol, mas quando vi outra pessoa entrando no quarto, eu me surpreendi e puxei as cobertas para cima de mim rapidamente.

— Você? – olhei a bela mulher entrando no quarto. A negra tinha uma elegância que tinha vindo com a idade e que eu não iria conquistar em um bom tempo. Ela era delicada, eu era bruta.

— Daniele?! – ela parecia tão surpresa quanto eu – O que está fazendo aqui?

— O que eu estou fazendo aqui? Como é? O que você está fazendo aqui? No quarto do meu namorado?

— Seu namorado? – ela perguntou baixinho mais para si que para mim – então vocês estão juntos outra vez.

— Não importa o que aconteça, May. Sempre terminaremos juntos. Mesmo que seja para você que ele corre sempre que temos um problema, eu sou a pessoa perfeita para ele.]

— Eu não vou discutir com você sobre isso.

— Acho bom mesmo. Agora, dá uma licença que eu estou esperando ele voltar para cá.

— Você se acha demais, garota. Acha demais. Não esquece que é o orgulho que precede a queda. Vamos ver até quando isso vai durar dessa vez. Por que já sabemos o que vai acontecer quando isso tudo acabar.

— Eu não quero ser sua inimiga, May. Eu realmente não quero, mas se quiser jogar assim, por mim tudo bem. Eu só me surpreendo muito que uma pessoa, na sua idade, podendo ter o homem que quiser ao lado, queira justamente o que gosta de outra pessoa. Descobriu sua vocação para segundo lugar?

— Prepotente e burra – ela disse depois de sorrir da minha frase. – Ainda não percebeu mesmo, não é, garota? Para alguém que se julga tão esperta, você não capta as coisas no ar como quer parecer.

— Por que não me explica.

— Eu fui criada para ser o amor de Oliver. Desde que eu nasci a primeira vez, eu sempre soube o que eu seria. Eu seria a pessoa ideal para ele, que casaria com todas as suas vontades e desejos. Eu fui criada para ser a perfeição que ele almejava. Eu fui criada para substituir você.

Certo, aquilo jogava uma nova luz sobre tudo. Não era a toa que ele ia feito um idiota para ela toda vez que tínhamos qualquer problema. Ela chamava a atenção dele tanto quanto eu. Mas, se ela era a pessoa perfeita para ele, o que eu era? Minha resolução em parecer segura, no entanto, não se abalaria. Falei:

— O que você disse me é novidade, mas, mesmo assim, só mostra o quanto vocês dois não vão dar certo. Por que, sendo você "perfeita" – fiz as aspas – para ele, como diz, não deve ser assim tão desejada, mesmo sendo o ideal. E não importa o quanto queira melhorar, ou o quanto tente. Você não passa de uma sombra que quis se interpor entre nós dois, por que sabemos que ele escolheu, há muito tempo, a mim.

— O que está acontecendo aqui? – Oliver perguntou quando entrou. Viu May dentro do quarto e olhou dela para mim de um jeito estranho. Como se a repreendesse com o olhar – eu ouvi a discussão de vocês duas do corredor. May, por favor, nos dê licença. Não precisamos de discussões neste momento, não enquanto ela está doente.

May passou por ele e andou até a saída, voltou e falou para Oliver:

— Quero saber até quando você vai enganar a si mesmo e a ela. Está sendo teimoso e desobediente. Não se diferencia em nada dos outros.

Ela bateu a porta e eu fiquei olhando para Oliver esperando que ele falasse alguma coisa. Ele não falou nada. Apenas se aproximou e mediu minha febre outra vez. Pediu que eu fechasse os olhos e que eu ficasse quieta. Ele orou por mim, mas a minha febre não sumiu ao final.

— Você está criando um bloqueio para mim. Você tem que me deixar agir.

— Eu estou – era verdade.

— Eu não entendo... Espera aqui. Eu vou chamar Ariel.

— Eu não sei quem é.

— É a dona da casa, a líder dos anjos.

— Sua líder?

— Não, apesar de eu dever respeito a ela, estou num degrau acima do dela na hierarquia celestial.

— May é um anjo também?

— Não. Ela é humana.

Ele saiu pela porta e voltou algum tempo depois. Trouxe consigo uma mulher bem idosa. Ela tinha a aparência bonita, muito bonita, mas a pele enrugada mostrava que ela estava nos seus últimos dias. Ela parecia uma sacerdotisa dos templos gregos. Usava um vestido de mangas bufantes, e o cabelo longo e liso caía pela sua costa como um rio num tom de branco azulado.

— Olá, Daniele. Deixe-me ver uma coisa.

Ela pegou minha mão e fechou os olhos. Eu olhei para Oliver, que me deu um sorriso leve pedindo que eu ficasse calma, mas eu bem vi um nervosismo no olhar dele. Eu olhei para as mãos de Ariel, elas ficaram numa temperatura acima do normal, e de repente eu tive que retirar a mão da dela, pois já estava me queimando.

— Pare! – eu pedi ao arrancar minhas mãos da dela.

— Desculpe-me por isso.

— E então? – Oliver perguntou.

— Não sei, não sei sinceramente o que pode ser.

— Como não sabe? Você é a mais velha e sábia de todos nós.

— Azrael, eu temo que ela tenha se aperfeiçoado ao longo das vidas. Nosso poder não produz mais nenhum efeito. Eu... – ela olhou para mim e estava amedrontada – pela primeira vez, não sei o que fazer. Acho que é você quem tem a resposta.

Desta vez ela não olhava para mim. Ela olhava para Oliver, ou Azrael, como ela o tinha chamado. Ele tinha a resposta. Foi o que ela disse. E pelo olhar de cumplicidade entre os dois. O dela nervoso e o dele martirizado, ele sabia exatamente a que resposta de Ariel, a líder dos anjos, se referia.

CINQUENTA E SEIS



Como premonição aparece na minha mente, e então pessoalmente trazendo de volta aquele turbilhão que me cega quanto ao resto e apaga o que foi pensado.

MARCO A.

— Há trabalho a ser feito – Oliver disse, mas não conseguia aquietar o próprio coração à respeito de deixar Daniele sozinha.

Ela ainda estava ardendo em febre. Muita febre. Ele não poderia deixá-la sozinha, mas também não poderia acrescentar mais pecados ainda à lista de seus pecados atuais. Ele não poderia pender para o lado do mal agora. Não quando a mulher que ele amava necessitava tanto dele.

— Ariel... – ele a chama, ela está no escritório com a cabeça descansando entre as mãos. Assim que o vê, ela faz menção de se levantar para ir até ele, como se quisesse saber se estava tudo bem com ele, mas ele acena informando que está tudo bem e que ela deve permanecer sentada.

— Diga Azrael.

— Há muito trabalho para hoje. Trabalho demais na verdade, vidas e mais vidas, e temo que não posso deixar Daniele sozinha.

— Ela não estará sozinha, jovem Azrael, estará entre amigos.

— Mas não há qualquer um que eu confia mais do que você e Escort.

— Eu sei, jovem Azrael. Desde que prometi que guardaria o teu segredo para com os outros, e tu me prometeste as três vidas do meu marido.

Uma sombra de um sorriso passou pelo rosto de Oliver. Ele lembrava bem da líder dos anjos sempre observando o simples homem desde a lua. Ele ainda se lembrava do pedido feito, já que Azrael, ou Oliver, era o único com poder suficiente para depositar um espírito sem corpo num casulo perfeito.

O homem simples e a mulher da lua tinham se amado desde então. Não havia outra explicação para a empatia que Ariel sentia por Azrael senão essa. Os dois compartilhavam de histórias parecidas. Muito parecidas, exceto pelo fato que o amor deles não resultaria na ruína dela.

— Exceto pelo Senhor, não há outro que eu confie mais que você. Eu tenho que ir, mas gostaria que me promettesse que cuidará dela.

— Daniele estará segura, Azrael. Eu a guardarei com a minha própria vida se for preciso. E se isso não for o suficiente, poderás buscar outro corpo para ela. Outro casulo sem espírito para comportar o espírito da tua amada.

— Eu me sinto mais confortado agora. Eu tenho que ir. Cuide dela com o mesmo anelo que cuida de Escort, por mim. – ele disse enquanto abria o par de asas e se projetava janela afora. A escuridão da noite escurecendo mais ainda seus cabelos pretos.

— Prometo que cuidarei dela até que regreses.

Com estas palavras, Oliver se lançou para a noite. As asas cortando o vento e o coração apreensivo, preocupado, em todo o tempo, com Daniele. E com tudo que parecia estar vindo de encontro a si em pouco tempo.

Ariel fez como prometera. Manteve vigília ao lado da porta de Daniele. A garota ardia em febre. Nem mesmo os remédios para os humanos conseguiam fazê-la baixar a temperatura. Oliver já lhe tinha dado dois longos banhos, e Ariel nunca teve intimidade suficiente com a menina para que fosse dar-lhe outro.

Ela, na verdade, apenas cuidava de Daniele, ou de cada uma daquelas que ela foi por suas outras vidas, de longe. Quando ela era Paloma, visitou a casa pela primeira vez, e agora, como Daniele, fizera-o pela segunda vez.

Ariel ainda lembrava-se da primeira vez que isso acontecera com seu marido. Escort não foi forte o suficiente para ficar naquele corpo, uma febre repentina o levou como se ele não fosse mais do que uma pluma levada pelo vento. Agora, ela sentia que o mesmo aconteceria com Daniele. A jovem de espírito antigo seria acometida pela mesma febre, senão uma pior, e seu corpo não aguentaria a enorme carga de centenas de anos e ela sucumbiria.

Como tinha prometido, ela não deixaria Daniele sozinha. Assim que avisou Escort, entrou no quarto de Oliver para que ela pudesse ficar de vigília enquanto o arcanjo não voltasse.

Ariel ficou sentada à beira da janela. Ela relembrava cada uma das experiências que tivera com Escort. Em breve, daqui há algumas décadas, ele envelheceria e a promessa que Oliver fizera não teria mais efeito. Ele prometera a Oliver três vidas, e ele estava na última.

Se não fosse ele ter falecido ainda jovem na vida anterior, acometido pela febre, ela ainda teria muito tempo com ele.

Oliver, apenas ele era capaz de não permitir que Escort fosse, embora, mas ela sabia que ele não aceitaria uma nova oferta em troca da vida de seu esposo. Escort já passara dos cinquenta anos. Tornara-se um belo homem. Todas as mulheres o queriam, mas o coração dele pertencia ao espírito que habitava o corpo envelhecido de Ariel.

Ele a cuidava com amor, mas também com anelo. Pois sabia que o corpo velho não duraria mais tanto tempo. Se não fosse pela essência da imortalidade de Ariel, o corpo seria pó sobre a terra.

Escort anotara num caderno, na vida anterior, tudo o que o seu espírito deveria saber na vida seguinte. E, por isso, agora, não houve impedimentos, ele se lembrava dela, com efeito. Isto, além do fato de Azrael não ter retirado suas memórias, permitiu-lhes viver um amor que se intensificou ao longo das eras.

O jovem simples e a deusa da lua, como este jovem simples a chamava.

— Não, Não! – gritos invadiram o quarto. Inundando os ouvidos de Ariel.

A jovem Daniele se sacudia na cama, violentamente, buscando ar. Os olhos pareciam duas esferas brancas. Daniele estava convulsionando por causa da febre.

Ariel foi até o banheiro e pegou toalhas, molhou-as na água fria da banheira, que ainda estava cheia da última vez que Oliver tinha dado banho na namorada, e tornou ao quarto com as toalhas embebidas em água suja, porém fria, e jogou-as sobre o corpo de Daniele.

Ariel não estava enganada, Daniele estava queimando em febre. A chuva torrencial a que ela tinha se sujeitado quando veio encontrar Oliver surtia seus efeitos. Se não fosse isso, a outra alternativa era desoladora. Ela estava morrendo. Definitivamente.

Todo o corpo de Daniele já tinha sido envolvido em toalhas molhadas, até mesmo gelo tinha sido pedido a Escort, e ele o trouxera. Após deixar o pedido no quarto, ele saía. O gelo colocado em sacolas plásticas ao redor do corpo de Daniele não baixou a temperatura corporal.

Apesar da calma exterior, por dentro, Ariel estava desesperada. Ela não queria estar perto da fúria de Azrael caso os cuidados dela não surtissem efeito. Azrael era um dos mais poderosos arcanjos que existiam. Apenas uma pessoa foi capaz de sobreviver aos poderes da morte até hoje.

E essa pessoa era o filho de Deus.

Daniele se sacudiu na cama, ainda mais forte, e começou a murmurar palavras ininteligíveis. Parecia possuída, e essa cena estava amedrontando Ariel até os ossos. Ela não poderia permitir que Daniele morresse em suas mãos.

Ela orou pedindo um último resquício de poder que fosse, e tocou o peito desnudo de Daniele. As palavras saíam dos seus lábios com euforia, com desespero. Ela invocava todo o poder dela para as mãos, para que ele fluísse para o corpo convulsivo de Daniele, mas não adiantou muito. Os tremores continuavam. Ela precisava se concentrar para que o seu dom fluísse por todo o corpo de Daniele, mas ela não tinha forças o suficiente.

Quando o poder iria fluir de suas mãos para a doente. Daniele se moveu e segurou os pulsos de Ariel e falou com uma voz fraca:

— Eu não quero morrer...

Ariel, de início, pareceu em choque, mas logo percebeu que a dor que sentia era no exato local onde Daniele tocava os seus braços. Um cheiro de queimado começou a se espalhar pelo local e Daniele apertava ainda mais o pulso de Ariel.

E então Ariel teve acesso ao mesmo vislumbre que Daniele tinha. Ela viu a mesma coisa que Daniele olhava e lhe causava tremores, convulsões e febre. Ela olhou aquilo tudo e ficou mortificada.

Quando Ariel se soltou do aperto de Daniele, a menina loura caiu na cama desmaiando. As convulsões e os tremores pararam. E a febre retrocedeu de uma única vez, deixando o rosto belo de Daniele calmo como se ela estivesse sonhando.

Ariel tremia, os pulsos ardiam. E o tecido das mangas do vestido, o que ela tinha puxado para cima no momento de orar pela menina, começavam a escorregar pela pele e faziam o ferimento arder.

A impressão das mãos de Daniele estava perfeitamente desenhada nos seus pulsos. Ariel estava trêmula, pálida. Ela só sabia que Daniele não tinha morrido, pois ela respirava placidamente.

Ariel se encostou à porta do quarto, temerosa. Agora quem tremia era ela. Puxou as mangas do vestido por sobre a pele envelhecida do seu braço e cobriu o machucado.

Foi exatamente no tempo correto. Mal ela tinha coberto o ferimento, ela ouviu o arrufar das asas de Azrael se recolhendo quando ele pousou na janela e entrou no quarto.

— Como ela está?

Ariel conteve o espanto. Agora ela sabia o motivo de toda a preocupação de Oliver acerca de Daniele. Ele tinha enxergado essa visão do futuro assim como ela? Ele sabia que uma grande assolação vinha em busca dos apóstatas?

— Ela está bem – ela disse controlando a voz para que não soasse amedrontada – a febre regrediu. E ela está descansando.

— Graças a Deus! – Oliver exclamou e olhou para a cama. Ele percebeu a enorme quantidade de toalhas e as foi retirando devagar de sobre Daniele. Ao final, cobriu o corpo nu que se revelou com um grosso edredom. Ele virou-se outra vez na direção de Ariel com um olhar mais calmo e agradecendo-a – eu sou muito grato pelo que fez. Eu... Eu não poderia admitir perdê-la, não ainda. Eu não estou pronto para isso.

— Não é necessário agradecer, eu tenho uma dívida contigo, e eu prometi. Ainda que com minha vida, eu a protegeria.

— Outra vez obrigado – ele disse – se quiser ir, eu posso cuidar dela agora.

— Sim, estou indo – ela falou dando as costas e disfarçando o ardor que se fez sobre seu machucado quando o tecido balançou e tocou o local da ferida.

Ariel saiu do quarto sem saber se temia e tremia o futuro, ou se o usava ao seu favor. Mas agora ela sabia. Daniele era uma alma remissiva, e ela poderia utilizar deste artifício para alcançar o que queria agora.

E tudo que ela queria era mais tempo com Escort.

CINQUENTA E SETE



**Ai daqueles que se amaram sem nenhuma briga aqueles que deixaram que a mágoa
nova virasse a chaga antiga.**

**Ai daqueles que se amaram sem saber que amar é pão feito em casa e que a pedra só
não voa porque não quer, não porque não tem asa.**

PAULO LEMINSKI

Eu estava sentindo calor. Isso era bom, eu acho. Por que, quando acordei suando em bicas, com quatro cobertas grossas sobre mim, e mais um edredom, Oliver me olhou sorrindo como se eu tivesse recebido um Nobel.

— Você acordou... – ele se aproximou e deu um beijo na minha testa suada.

— Sim, acordei... – eu disse sorrindo, mas me sentindo extremamente cansada pelo esforço ridículo – eu acho. O que está fazendo aí?

— Estava cuidando de você. – ele deslizou a barba por fazer na minha bochecha e terminou com um beijo de leve nos meus lábios – eu não sei fazer outra coisa da vida.

— Deve ser um tédio – eu tentei sorrir, mas o meu peito doeu e eu acabei tossindo dolorido. De uma forma que todo o meu ser sacudiu e eu senti uma queimação nos pulmões.

— Calma, tudo vai ficar bem... Tudo vai ficar bem... – Oliver disse quando me fez sentar e coordenou a minha respiração para que eu ficasse mais relaxada e não tossisse tanto – pelo menos a febre sumiu, agora só falta essa tosse.

— Eu estou com sede.

— Me dá um minuto – ele saiu pela porta e voltou, menos de um minuto depois, com uma bandeja de frutas e queijos, além de suco de laranja e café. Toda aquela comida estava com um cheiro estranho para mim. Eu me sentia enjoada, mas ainda assim forcei tomar o copo de suco, já que o café não me desceu de maneira alguma.

— Tenta um pouco mais – Oliver pediu, e eu mastiguei um pedaço de queijo, mas acabei tendo ânsia de vomito e o cuspi fora.

— Não dá.

— Tudo bem, se não consegue apenas venha aqui.

Ele retirou uma parte das cobertas de cima de mim e deitou-se na cama. Oliver me puxou para sobre ele, me aninhando ao seu colo enquanto me envolvia com as cobertas de um modo que eu parecia ter sido enrolada por uma aranha para a refeição.

— Eu estou com sono.

— Tudo bem, Daniele, durma um pouco mais. Eu vou estar aqui, não vou a lugar nenhum. Eu vou estar com você até o fim.

As palavras vieram carregadas de uma emoção que eu não gostei. Oliver me olhava como se eu fosse a última fogueira da terra e eu estivesse perto de me apagar.

— Não fale assim. Não é o fim, não ainda.

Ele beijou minha testa novamente de um jeito que embeveceu todo o meu ser. E enquanto ele soprava uma música, baixinho, aos meus ouvidos. Eu fechei os olhos e adormeci outra vez. Minhas pálpebras fechadas se inundaram de imagens de Oliver, Theodore e Rafe, e eu o amei um pouco mais naquele momento. Momentos mais tarde, quando eu acordei. Eu estava milagrosamente reestabelecida.

* * *

— Fico feliz que tenha acordado, Daniele – Ariel disse ao longe. Ela me olhava de um modo estranho, eu não conseguia entender direito o que se passava.

— Obrigada, Ariel – eu agradei de forma respeitosa – sinto muito que eu tenha trago uma enorme inconveniência dessas para a sua casa.

— Não foi uma inconveniência – ela disse, mas o sorriso que ela me deu foi estranho, quase como uma máscara torta sobre seu rosto – espero apenas que as suas próximas visitas sejam quando estiver se sentindo melhor. Eu fiquei muito preocupada.

— Tentarei fazer isso.

Naquele momento um homem se aproxima e desfere um beijo rápido nos lábios enrugados de Ariel. Eu pensei imediatamente, deve ser um filho, mas quando ele a observou com os olhos cheios de ternura e amor, meu preconceito se formou imediatamente. Nada contra, mas foi muito estranho ver uma idosa de quase oitenta anos, senão mais, com um homem muito bonito de cerca de trinta.

Desviei o olhar deles, Oliver pareceu perceber o meu incomodo e me pegou pelas mãos para sairmos dali, não sem antes perguntar outra vez se eu não queria comer mais alguma coisa.

Alcançamos em pouco tempo a rua. E, pela primeira vez na vida, e eu esperava que fosse a última, outra pessoa pilotaria a minha "criança".

Oliver tinha insistido que eu ficasse mais tempo na casa, um bom tempo a mais para ficar totalmente bem, mas eu não poderia permanecer mais tempo. Não quando eu já tinha ficado por quase dois dias inteiros fora de casa sem avisar a minha mãe.

Envolvi Oliver com os braços, me segurando nele para não cair, e me apertei contra o corpo dele quando a moto acelerou e me levou pelo caminho que eu tinha feito dias atrás para casa.

Oliver não estava indo rápido demais. Ele estava seguindo calmamente para que eu pudesse me firmar, e eu agradecia por isso intimamente.

"Aproveite enquanto dura..." meu subconsciente avisou e eu senti um tremendo ódio dele por estragar uma cena perfeita.

"Eu estou aproveitando o máximo que posso".

Quando paramos em frente á garagem da casa que foi de Lidianne, minha mãe saiu para a rua com um ar irritado ao ouvir o barulho da moto.

— Daniele! – ela gritava meu nome com raiva – você estava me deixando louca, como consegue sumir tantos dias sem dar um sinal de vida?! Justo depois que aquilo aconteceu com a sua irmã? O que quer que eu pense.

Oliver me ajudou a descer da garupa e ele mesmo desceu depois. Apenas eu estava de capacete, ele estava sem. Ele retirou o que estava sobre a minha cabeça e colocou sobre o banco da moto.

— Senhora – ele entrevistou – Daniele estava adoecida, ela sentiu uma febre e achamos melhor que ela não se expusesse à baixa temperatura antes.

— E não poderiam ter ligado?! – ela perguntou retoricamente – eu agradeço o que fez, mas eu estava a ponto de ligar para a polícia. Meu Pai, eu já tinha ligado duas vezes para a polícia.

— Eu estou aqui mãe, estou bem.

Segurei a mão de Oliver e ele ia me ajudar a entrar em casa, apesar de eu me sentir bem, mas minha mãe não gostou da idéia e reclamou alto.

— Eu não creio que dei permissão para que seu namorado entrasse em casa.

— O que? – dessa vez eu a olhei verdadeiramente confusa. Ela nunca tinha brigado para mim por causa de um namorado, muito menos me repreendido na frente de um, e agora queria começar com isso na frente de Oliver?

— Eu aprecio os cuidados – ela disse, talvez ao perceber o quão grossa tinha soado – mas agora sou eu quem irá cuidar de Daniele. Ela tem uma mãe para isso. Meu jovem, volte daqui a uma semana ou duas, quem sabe ela já terá saído do castigo.

— Castigo? Que merda é essa? – xinguei.

Minha mãe arregalou os olhos ao me ver soltar um palavrão para ela.

— Daniele, ouça a sua mãe. Ela quer o seu bem. Não se preocupe, voltarei em duas semanas, como ela disse. E estarei morrendo de saudades. Obedeça-a.

Eu não acreditava que ele iria baixar a cabeça dessa forma para uma reclamação infundada. Virei-me para a casa e entrei. Irritada. Minha mãe seguiu logo após se certificar que Oliver tinha seguido o caminho dele. Ela ia forçar o rapaz a ir andando para casa?

Eu fui em direção à geladeira, peguei uma garrafa de água e tomei-a. Minha mãe trancou a porta e colocou a chave de casa no sutiã, depois veio até perto de mim.

— Eu sou uma prisioneira agora? – perguntei com veneno na voz.

— Não se trata disso, Daniele. Não percebe o quanto eu estava preocupada? Meu Deus, eu estava simplesmente ficando maluca sem você por perto. A maldita da polícia não

poderia atender à minha reclamação de desaparecimento por que você é maior de idade e ainda não tinha passado o tempo certo.

— Eu estou aqui, não estou? Eu não acredito que a senhora tratou o Oliver daquele jeito.

— Quanto a isso, preocupo-me eu. Eu estou falando de você e de sua falta de compromisso.

— Mãe, eu sou maior de idade. O que está acontecendo com a senhora? Não vê que eu estou aqui. Eu não estou mentindo, eu disse que estava adoecida. Oliver estava preocupado comigo, por isso deve ter se esquecido de ligar. Ou talvez nem soubesse que precisava ligar, já que só tinha a minha irmã como responsável, e como sabemos, ela morreu.

Eu passei por ela e passei até a sala. Minha mãe andou e atravessou meu caminho outra vez.

— Você não pode falar comigo desse jeito mocinha.

— Meu Deus, o que você quer?! – eu praticamente berrei.

O solo sob mim pareceu tremer e minha mãe continuava me olhando com aquele olhar irritado. Ergui o olhar ao ouvir um rangido e vi o lustre da sala balançando de um lado para outro. À medida que o movimento acontecia. Os parafusos se soltavam. Um deles já estava praticamente fora do lugar e se o outro, o que estava se soltando mais rápido com o balançar, se soltasse, o lustre cairia sobre minha mãe.

Eu olhei para ela e a vi falar alguma coisa para mim. Não entendi ao certo o que era. Minha mente estava anuviada demais. Nublada demais.

Ela gritou alguma coisa e deu mais um passo a frente. O parafuso solto caiu sobre a cabeça dela e ela passou a mão procurando o que a tinha tocado. Ela então olhou para cima e viu quando o outro parafuso se soltou e o lustre, com uma ponta de cristal, caía sobre ela e batia na testa dela causando um corte no lado do rosto e fazendo-a ficar desacordada no chão.

— Mamãe! Mamãe! – eu me ajoelhei ao lado dela enquanto empurrava o lustre para longe dela e pressionava, com as mãos, o ferimento enquanto ela gritava de dor e com o rosto inchando devagar.

Sacudi minha cabeça e fui arrancada deste pensamento. Minha mãe ainda estava de pé diante de mim. Ela continuava brigando. Eu não queria perde-la. Meu Deus, ela estava certa! Ela estava preocupada após perder a filha e não queria sentir que tinha acontecido isso com sua outra menina.

Eu me joguei nos braços dela e apoiei minha cabeça no ombro dela. Meu peito parecia sacudir violentamente pelo medo de perde-la causado pela visão repentina.

— Mãe, me desculpa... Me desculpa... Eu estou errada. Eu amo a senhora. Eu a amo.

Ela pareceu não acreditar de imediato. Simplesmente deixou os braços me apoiarem e inspirou o cheiro do meu cabelo.

— Me desculpe também... – ela começou baixinho – eu estava desesperada. – ela puxou meu rosto para observá-lo e então falou – eu só espero que seu namorado não me ache a pior sogra do mundo.

— Se ele achar, eu dou nele até ele parar com isso.

— Temos um acordo. Agora, suba para seu quarto e vá descansar. Eu vou levar algo para você comer daqui a pouco. E eu espero que coma.

Eu a abracei mais um pouco e olhei para cima. Muito de leve, quase imperceptivelmente, o lustre balançava. Disfarçadamente, retirei minha mãe dali e a deixei na cozinha, com um beijo no rosto, para enfim subir para meu quarto.

Abri a porta e entrei. Minhas mãos ainda tremiam pela cena que se tinha desenhado. Eu não parecia bem, nem um pouco bem. Eu precisava de um banho. Eu precisava de duas horas com a água morna correndo sobre mim, e o planeta que me perdoe, mas eu faria isso agora mesmo.

— Está tudo bem? – a voz me assustou. Eu nem tinha notado Oliver deitado sobre minha cama.

— Você ainda me mata de susto, homem! O que está fazendo aqui?

— Eu não conseguiria ir embora sem que tivesse certeza que você vai descansar e comer direito.

— Eu não sou criança, Oliver.

— Eu sei, você deve ter mais de seis mil anos – ele disse com um sorriso no rosto, mas eu olhei para ele séria e o sorriso desapareceu – parece que a discussão foi mais séria do que achei que seria.

— Claro que foi. Você nem sabe... – eu não falei mais nada. Eu vi a minha mãe com um enorme corte na cabeça, sangrando, e com o rosto inchando de forma anormal. Se aquela era a hora dela morrer, Oliver não saberia, não mesmo. Ele não iria leva-la de mim. Não minha mãe.

— O que pretende fazer agora?

— Primeiro, tomar um banho. Depois, minha mãe vem trazer comida para mim.

— Eu posso ficar?

— Ela vai te ver.

— Eu fico escondido.

— Eu prefiro que não. Sério, eu queria ter um momento mãe e filha agora.

— Ok – ele levantou da cama frustrado e se apoiou na saída da janela – quando quiser minha companhia, é só chamar. Eu sou o idiota que sempre volta correndo para você.

Ele se precipitou para o céu diurno sem se importar se qualquer um veria seu namorado e seu enorme par de asas brancas flutuando por aí.

CINQUENTA E OITO



Samuel, porém, respondeu: "Acaso tem o Senhor tanto prazer em holocaustos e em sacrifícios quanto em que se obedeça à sua palavra? A obediência é melhor do que o sacrifício, e a submissão é melhor do que a gordura de carneiros".

I SAMUEL 15: 22

— Eu estive esperando uma oportunidade para falar contigo há tempo – Ariel disse entrando no escritório e trancando as portas, não sem antes olhar o corredor e ver se havia alguém do lado de fora – venha aqui.

Escort levantou-se e sentou na cadeira em frente à mesa de trabalho onde ela estava. Escort nunca antes tinha visto a Ariel nervosa como agora. Ela estava pálida, muito mais do que a pele clara dela queria mostrar. Era um susto estranho, mortificado, como se ela estivesse prestes a presenciar o final do mundo.

— O que houve? Você está bem? – ele pegou a mão dela de sobre a mesa. Ele apreciava o contraste entre a pele dele e a dela, ele adorava saber que o amor deles tinha subsistido a tantas vidas, e que sobreviveria ao adeus que viria em breve.

— Não, Escort. Não estou bem.

— Conte-me o que a aflige.

— Eu vi Escort... – ela deixou lágrimas caírem rolando por seu rosto. O choro sacudiu o corpo dela fazendo a nuvem de cabelos cinza azulados caírem como uma cortina por seus ombros.

— O que viste?

— A destruição. Eu vi uma chuva de anjos caindo dos céus ao abismo enquanto outros se desfaziam como a areia do tempo. Eu vi o centro da destruição, a hora do julgamento dos apóstatas está se aproximando.

— O que?! – ele temeu. Ariel não tinha dons de visão, mas ele sabia que ela não mentiria sobre isso, não para ele.

— O castigo nos sobrevirá porque todos pecamos, apesar de não estarmos todos cientes. Há uma alma remissiva entre nós, e isso é um pecado tremendo de Azrael. Ele deveria ter-nos alertado sobre tudo, e eu me surpreendo de não ter visto isso tudo antes, eu me surpreendo por não ter visto o que ela era antes.

— Quem? A senhorita Riley?

— Não. Daniele.

— Não é possível.

— É, Escort. Por isso Azrael me fez prometer guardá-la com a minha própria vida antes de trazer você para mim, e antes de me colocar num corpo humano. Ele sabia que a minha promessa me prenderia à segurança dela por toda eternidade.

— Ele não seria capaz de fazer isso... Azrael?

— Ele o fez. Ele colocou a todos nós em perigo por causa de um amor fadado ao fracasso. Todos os apóstatas ao redor do mundo, bem como os demônios, estão procurando almas remissivas como a dela para que possam comprar seu ingresso de volta aos céus. E ele tinha uma aqui, sob nosso nariz, o tempo inteiro, e ninguém suspeitou de nada.

— Não tínhamos como suspeitar. Ele disse que ela era como May.

— Mas não é... Foi isso que Mike viu nela, com certeza... Foi isso que ele viu quando ela ainda era Paloma, ele viu quão valiosa ela era.

— Se os apóstatas descobrirem isso, virão todos até nós, estaremos desprotegidos.

— Não apenas pelos apóstatas. Eles viriam exclusivamente atrás dela, mas um demônio poderia vir e não se limitar apenas à destruição dela, mas de todos nós. Estaríamos perdidos.

— Foi isso que você viu? – Escort perguntou com uma nota pungente de preocupação na voz, além de um olhar perdido, desesperançado esperando que ela não dissesse que sim.

— Eu vi muito mais, Escort.

Ela soltou a mão das mãos de Escort e cobriu o rosto com as mãos enrugadas. Ariel se sentia desolada. Os anjos foram feitos para ser eternos, eles não morriam. Os anjos não morrem e vão para um outro lugar, não há nada disso para os anjos. Os anjos param de existir. O estado de consciência acaba, tudo acaba, não há mais nada que possa sobrar dos anjos para o tempo, exceto a poeira dos seus espíritos dissolvendo no espaço. Poeira das estrelas.

— Tem que haver alguma maneira de impedir isso.

— Há, mas não posso quebrar minha promessa. Eu não quero ir para o inferno. Eu quero poder visitar a sua alma no paraíso.

— Eu não me importo com a minha alma, eu não quero que a sua existência seja anulada. Se for preciso, mate-a, e eu vou para o inferno contigo.

— Não... Escort... Isso eu não posso. Seria te submeter a um sofrimento desnecessário – ela passou a mão no rosto dele e ele beijou a palma da mão dela.

— Eu não suportaria estar nalgum lugar em que você não estivesse comigo.

— Há um modo...

— Eu faria qualquer coisa.

— Eu nunca vi isto acontecer antes, Escort. Por isso temo mais por ti do que por mim, pois se algo te acontecer eu mesma acabarei comigo.

— Diga, já disse que estou pronto para qualquer sacrifício para firmar a sua existência.

— Mate-a você.

Escort assentiu esperando que ela continuasse a explicar-lhe os pormenores daquilo que ela tinha em mente.

— Escort, se uma alma remissiva pode comprar a passagem de volta aos céus para um apóstata ou um anjo caído, imagine o que ela poderá fazer por ti. Tudo isso passa em minha mente, mas, um corpo humano poderia alcançar muito. Poderia alcançar o infinito do poder que seria liberado com a morte daquela alma... Poderia se tornar imortal...

— Ou poderia ter direito a entrar no paraíso, finalmente. Pedir qualquer coisa... tornar-se um como vós.

— Por isso temo, Escort. Se você fizer isso... As coisas que poderiam te acontecer. Tudo o que poderia decorrer disso. Você poderia ser imortal, e eu estaria contigo até o final dos

tempos, você poderia ir ao paraíso, e eu só precisaria encontrar uma alma remissiva para me encontrar contigo... Ou, você poderia ser como eu... Nossa existência não estaria mais limitada ao nosso corpo e eu poderia amar você sem amarras e sem este corpo envelhecido.

— Eu o farei, Ariel. Apenas me diga quando e como.

Ariel levanta-se da cadeira e anda até o cofre que tinha atrás de uma enorme pintura por sobre a lareira. Ela tira a pintura da frente e digita o código para que ele se abra. Ela retira um estojo de couro e cetim. Ela abre a fechadura do estojo e o abre diante de Escort assim que volta para perto dele.

— O que é isso? Você a guardou?

— Sim... A adaga que o demônio que possuía Emerson tentou utilizar para matar Paloma. Ela está contaminada com o sangue da descendência Nephilim. Não é o mesmo que o sangue que amaldiçoa a espada de Shemhazai, mas se eles a tem, é porque algum poder pode surgir daqui.

— O que devo fazer com isso.

— Ela não te fará mal algum, mesmo que o machuque. Ande sempre com ela num alforje sob a roupa. Eu poderei te dizer em qualquer momento aquilo que deve ser feito e você o fará.

— Eu o farei, Ariel. – o olhar dela ainda era assustado, ele tentou confortá-la – não tenha medo, eu farei conforme me disser. Atravessarei com o punhal o coração dela, e me tornarei como um de vós.

— Eu sei, meu amor. Eu apenas ainda estou assombrada por tudo o que vi.

— Isso não acontecerá. Eu prometo.

— Me abrace...

Escort envolve Ariel num abraço e beija seus lábios. Ele a amava, independente da aparência, o amor dele era pelo espírito da "deusa da lua", e este nunca se apagaria.

* * *

Oliver tinha se erguido até os céus. Ele não queria se afastar de Daniele. Ela não permitiu que os pensamentos dela se abrissem para ele e, por isso, ele não tinha a perfeita imagem do que acontecia dentro dela, do que ela tinha visto acontecer com a mãe, ou de qualquer outra coisa.

Ele ficou no espaço entre o céu e a terra observando a casa. Ele precisava cuidar dela, ele não poderia perdê-la, não agora. Ele não estava pronto para perdê-la, e cria que nunca o estaria.

Ele precisava buscar forças, buscar forças naquele a quem ele tinha decepcionado. Deus lhe dera uma tarefa, e ele não fora suficientemente forte para cumpri-la, por isso ele não poderia entrar nos céus. Não poderia entrar nos átrios de Deus enquanto estivesse em desobediência.

Oliver não se sentia muito diferente de todos aqueles outros com quem ele dividia a casa. Ariel estava sempre certa. Ele era tão apóstata quanto os outros. Ele era tão rebelde quanto o fora Lúcifer, e ele não tinha a menor das intenções de voltar a obedecer a Deus naquele momento.

— Senhor meu... — ele fechou os olhos, apesar de ter deixado o seu sentido apurado para vigiar qualquer movimento que ocorresse na casa de sua amada — eu estou aqui pedindo humildemente que me aceite em sua presença. Fraco sou, e não mereço o presente da tua atenção, mas apenas peço que meus dias sejam iluminados pelo teu saber.

Ele abriu os olhos e enxergou os céus. Ele viu os céus abertos e o filho de Deus assentado à sua direita. O trono do Senhor era do tamanho de uma montanha e o rosto dele não podia ser visto, pois brilhava mais forte que a luz de cem milhões de sóis.

— Senhor meu... — Os olhos de Azrael se encheram de lágrimas pelo prelúdio que ele estava tendo de casa, o lugar para onde ele não seria permitido voltar se não obedecesse a ordem que lhe fora dada — todo o meu ser agradece por permitir que eu observe de longe os teus átrios. Peço, meu senhor, que me permita ter um pouco mais de tempo. Eu conheço a vossa ordem e ela ressoa em meu espírito dia e noite, eu apenas me preparo para a dor como se ela fosse afligida a mim mesmo.

— A obediência está diretamente relacionada ao amor... Se amas-Me, Azrael, obedecerás aos meus mandamentos. Se me vês como vosso pai e acreditas que Eu sei o que é melhor para vós, deves obedecer àquilo que Eu tenho para convosco como mandamento. — a voz ecoava e Azrael sabia que ela poderia ser ouvida até ao final do universo. Ele sabia que o seu ser se desfaria em frangalhos depois de ter entrado em sua presença, e ele não poderia se aproximar, pois estava em pecado e o fogo da glória de Deus o consumiria num só instante. — A rebelião, Azrael, é a origem dos problemas da humanidade. Aquele que me obedece e se submete à Minha Palavra, receberá bênçãos e prosperará.

Azrael viu quando os céus começaram a fechar-se. O coro que cantava de dia e de noite nos céus continuava engrandecendo ao Senhor Todo-Poderoso com um cântico sobre Sua santidade.

Azrael se viu desfalecer de leve e começar a cair da altura que estava até o solo. Ele estivera na presença de Deus outra vez e todo o seu ser se comovia de amor. Ele estava fraco, muito fraco, e sabia que a obediência dele deveria ser imediata.

Ele, porém, não estava pronto para perdê-la ainda.

CINQUENTA E NOVE



Quando querem transformar dignidade em doença

Quando querem transformar inteligência em traição

Quando querem transformar estupidez em recompensa

Quando querem transformar esperança em maldição:

É o bem contra o mal E você de que lado está?

RENATO RUSSO

Não era para eles terem ouvido. Nada do que foi dito no escritório lhes dizia respeito. Mas, quando Mike escutou seu nome enquanto passava pelo corredor, não pode deixar de colar o ouvido á porta. Kamilla, que estava ao lado dele, repetiu o movimento depois de ter reclamado baixo dizendo que esse comportamento era inaceitável.

— Faça silencio e venha...

A conversa que ouviram mudou completamente o destino dos dois. Daniele era uma alma remissiva. Ele já tinha suspeitado disso uma vez, quando olhou nos olhos dela na vida anterior e quase conseguiu ver o que ela realmente era.

Agora, que as coisas estavam bem delineadas diante de seus olhos, ele não iria permitir que tudo fosse frustrado por causa da safadeza de uma velha caquética. Ele iria fazer isso primeiro, ele não podia deixar uma chance de ouro dessa escapar de suas mãos.

Fora isso que ele tinha ido fazer com Isabela no dia em que ela recebeu uma surra da sua namorada. Apesar de ele ter achado toda a briga muito sexy e ter achado a sua namorada mais gostosa que nunca, a garota era inocente. Tudo que ele quis naquela noite foi esquadrihar todos os pensamentos de Isabela, desde o momento em que ela tinha entrado no caminho de Paloma, em busca de uma pista qualquer que revelasse as suas suspeitas.

Isabela era apenas uma garota idiota e invejosa que não conseguia olhar por mais de um minuto para a "amiga" sem ter certa dose de inveja.

Mike não ouviu tudo até o final, apenas tomou Kamilla pelo braço quando achou que Ariel tinha se levantado para vir até a porta e entraram no corredor que dava para o quarto dela. May não estava, o que facilitaria a conversa entre os dois.

— Eu não consigo acreditar no que os meus ouvidos acabaram de ouvir.

— Se você está surpresa, imagine eu? Aquela velha sacana estava escondendo o jogo de todos. Poderíamos ser atingidos a qualquer momento por uma hoste de demônios loucos para matar. Nenhum de nós teria chance.

— Mike, você é Michael – ela disse – um guerreiro por essência.

— Eu sei o que sou, mas você não é. E só teria uma forma deles me matarem, atingindo você.

— O que pretende fazer.

— O que pretendo fazer? Como pode perguntar uma coisa dessas?

Mike andava de um lado para outro, irritado, nervoso, atônito pela descoberta. Daniele era uma alma remissiva. Naquele dia, na cozinha, quando ela ainda era Paloma, ele poderia ter pegado a sua passagem aos céus com facilidade, mas foi burro e acreditou que o que Azrael escondia era apenas uma humana por quem estivesse obcecado, mas era muito mais.

— Fomos burros, Kami, tenho que admitir. Eu nunca pensei que eu já poderia estar livre da condenação do juízo final há tempo.

— Eu estou com medo, pela primeira vez. Azrael é o meu irmão, eu estou subordinada a ele, ele é muito mais forte que todos nós juntos. Se ele descobrir que estamos pretendendo matar a mulher que ele ama.

— Ela não é uma mulher, não seja tola. Ela é uma alma condenada que já devia ter passado dessa para melhor. Ele que protela isso. Você nunca pensou porque ele não vai mais ter reuniões com o Chefe? Ele não pode entrar lá, ele está tão condenado quanto nós.

— Isso não faz sentido, ele seria destituído do cargo.

— Ouve bem o que está dizendo. Está deixando o apreço pelo seu irmão afetar o julgamento que tem dele. Ele escondeu até mesmo de você a chance de estar no céu outra vez.

Kamilla pareceu ouvir aquilo tudo e só ter entendido nesse minuto o que aquilo significava. Daniele era uma passagem para o céu. Seria essa a razão para ele ter escondido a menina o tempo todo? Ele planejava usá-la como passagem para poder voltar ao céu quando precisasse?

Não, isso não faria sentido. Dava para ver que ele a amava somente pelo jeito que olhava para ela.

— Meu amor – ele pegou o rosto de Kamilla entre as mãos – não vê? É a oportunidade que esperávamos. Eu poderia voltar ao céu, você poderia fazer algo bom. Seríamos nós dois novamente, juntos pela eternidade.

— Eu não sou falsa, Mike.

— Eu também não. Não tem modos de eu ser mais verdadeiro que agora. Eu a quero, você me quer. Cometeríamos as maiores loucuras para estarmos ao lado um do outro. Por que isso é tão difícil de entender?

— Seria traição. Eu sucumbiria ao lado do mal antes mesmo de ter oportunidade de me redimir.

— Você teria coragem de matá-la?

— Não, eu não seria!

— Então por isso o trabalho sujo deve ser deixado para mim.

— Eu não sei.

— Você me ama?

— Óbvio, mas não posso fazer isso.

— Então não faça. Eu já disse, eu faço. Promete que pensará?

— Prometo.

— Apenas não demore demais. Se Escort fizer isso antes de nós e eu perder minha chance, eu não sei se seria capaz de perdoá-la.

— Isso é chantagem.

— Não. É uma predição do futuro.

* * *

Cansado, muito cansado. Oliver volta para casa. Sempre que um apóstata entra na presença de Deus ele fica fraco. Precisa se recuperar por um dia inteiro para que sua força inicial se reestabeleça. Ele não encontrou ninguém no caminho. Apenas foi direto para o quarto, deitou-se na cama e fechou os olhos inspirando profundamente e, em seguida, dormindo mais profundamente ainda.

Daniele estava desprotegida, mas isso só levaria algum tempo. Ele não iria dormir o dia inteiro, planejava fazer isso por apenas algumas horas e em seguida voltaria para lá. Se ele fosse tentar protegê-la, fraco como estava, apenas iria dar trabalho aos outros num caso de um ataque, pois seria presa fácil e peça de chantagem.

Oliver acordou a si mesmo quando se sentia melhor. Incapaz de continuar num sono tranquilo quando Daniele estava desprotegida. Lavou o rosto no banheiro, e mal abriu a porta para ir embora, viu May do outro lado da porta.

— Eu sabia que não iria descansar o quanto precisa – ela disse – eu trouxe comida.

— Eu estou sem fome.

— Oliver, eu nem mesmo sei quando você comeu decentemente pela última vez. Só porque o seu espírito não precisa de alimento, não quer dizer que o corpo que esteja usando não precise. Quer que ele caia duro por inanição e você tenha que refazer todo o processo de encontrar um novo corpo?

— Não, não quero. Eu aceito a comida.

Ele pensava em apenas jogar tudo para dentro de si e em seguida sair em busca de Daniele. Ele ficaria sobre o telhado da casa dela, se fosse preciso, mas ficaria a guardá-la. Não permitiria que ele passasse mal outra vez sem ele estar por perto.

Oliver voltou para o quarto e ela colocou uma bandeja com comida sobre a mesinha de apoio. Ele comeu bacon e ovos e, mesmo sendo noite, ele agradeceu por ela ter lhe feito comida de café da manhã. Tomou cerca de meio litro de café preto sem açúcar e finalmente olhou para May, que olhava para ele de um modo estranho.

— O que foi?

— Você.

— Qual o problema?

— Não quero brigar agora.

— Eu não vou brigar. Me diga qual o problema.

— Você. Eu já disse. Correndo atrás dela como se não tivesse outro motivo para ficar vivo. Se deixando contaminar pelo desejo que tem e desobedecendo as ordens divinas.

— Apenas isso ou tem mais alguma coisa? – Oliver jogou a bandeja para o lado, tomando o cuidado de não derrubar nada. E olhou para May esperando uma resposta.

— Você sabe que eu sou a última pessoa do mundo que quer o seu mal.

— Eu sei, mas não parece também querer o meu bem.

— Você sabe que o seu "bem" é ficar ao meu lado.

— Sem amor? É isso que quer? – Oliver perguntou azedo – quer que eu fique contigo como uma obrigação, sem querer estar? Vai ser um trabalho como qualquer outro.

— Não, não é isso. Não vê? Eu quero que faça o que é certo, Oliver. Quero que suba aos céus, quero que quando estiver ao lado de Deus e pensar no tempo que passaram juntos, não sinta nada senão um pesar profundo pelo tempo que se desperdiçou.

— Eu não poderia ir contra o que o meu coração pede.

— Mas está se deixando ir contra a própria essência. Os anjos não deveriam ter misericórdia, e você teve. Cansa de me falar isso sempre e mesmo assim não faz nada para mudar isso.

— O que você esquece, May, é que se não tivesse misericórdia, Daniele não estaria viva, mas você também não estaria. Você teria morrido há algum tempo atrás, e nenhuma de vocês duas estaria nessa disputa para ver com quem eu devo ou não devo ficar.

— Eu não estou numa disputa, Oliver. Você sabe que eu venceria.

Oliver olhou para a mulher diante de si. Ainda se lembrava da primeira vez que a vira. O próprio mensageiro Gabriel lhe tinha trazido a mensagem. Uma mulher fora criada para inundar os olhos dele de beleza e ele não olharia para ela sem se apaixonar. Isso o faria

seguir firmemente em seu propósito. E ele poderia deixar o espírito de sua amada descansar em paz, mas ele estava tão perdidamente apaixonado por Daniele, que á época se chamava Paloma, que não conseguiria cumprir nada, mesmo que tivesse se apaixonado por May imediatamente assim como Gabriel lhe disse que faria.

— Eu não posso fingir que ficarei bem, May, se deixar qualquer coisa acontecer a ela. Se devemos ficar juntos, ficaremos, um dia. Mas não enquanto ela preenche todos os espaços da minha vida com a sua presença.

— Ela não é para você, Oliver. Ela é má!

— E quem é bom senão o Pai? Não foi isso que o filho de Deus disse? Não há ninguém mais bom no planeta, no universo, ou em qualquer outro lugar. Ele somente. E eu não posso comparar ninguém à bondade dele. Ela não está mais errada que você e eu.

— Ela me matou, Oliver. Isso não bastou para odiá-la?

Ele se lembrou. Lembrou-se da primeira morte de May. Lembrou-se do modo que tudo acontecera e como ele achou que nunca mais a veria novamente, mas, mesmo assim, a dor de uma eternidade sem ela não se comparava a dor de uma eternidade sem Daniele.

— Não me peça que a odeie quando todo o meu ser se consome por amor a ela.

— Você a está colocando num patamar acima do de Deus... – May falou ignorando a pontada de dor que se instalou no seu coração. Ela podia jurar que ouvira as membranas que auxiliavam a bombear o sangue se rompendo – Oliver, isso não é certo.

— Isso eu já sei.

— Fique, por mim...

— Eu não posso.

Ele se levantou e se jogou para os céus indo em busca a casa de Daniele numa velocidade nada humana.

May estava desolada, mas, enquanto o via partindo. Ela propôs no seu coração que dessa vez as coisas seriam diferentes. Ela não se deixaria viver novamente longe dele. Ela não se permitiria ficar vivendo enquanto via os dois se amarem. Ela o amava com tudo que existia em si, e se isso não era o suficiente para conquista-lo, bom, Daniele também não o seria.

May ligou para um táxi e pediu para ser deixada no meio do nada. Alí, ela fechou os olhos depois que o táxi foi embora e chamou por ele.

Shemhazai.

Ele estava num pináculo de um prédio e ouviu seu nome chamado, e ao mesmo tempo, a intenção de maldade no coração. Saltou de lá abaixo, e saltou pela cidade, em saltos gigantescos, tão mais velozes do que aquilo que o corpo humano era capaz de ver, e logo estava diante da humana que lhe tinha invocado.

— O que quer comigo, coisa sem valor?

— Eu posso dizer onde encontrará algo que quer.

— E o que seria esta coisa que quero?

— A amada de Azrael.

ShemHAzai pareceu finalmente ouvir o que ela tinha a dizer, e guardou a espada que tinha na mão na bainha e seus olhos brilharam em ansiedade enquanto ele perguntava:

— Onde está ela?

— Eu digo, mas deve me prometer uma coisa.

— Prometer?

— Sim.

— O que quer como promessa?

— Que não fará mal nenhum a Azrael, mas tão somente a ela. Que não tocará num único fio de cabelo dele quando for alcançá-la.

— Tem a minha promessa.

— Então escute, eu te direi onde ela está.

SESENTA



**O sonho encheu a noite
Extravasou pro meu dia
Encheu minha vida
E é dele que eu vou viver
Porque sonho não morre.**

ADÉLIA PRADO

Eu não sabia o que ocorria, não sabia ao certo onde eu estava. Eu só estava aterrorizada. Tudo que havia em mim parecia estar prestes a ser abalado. Mesmo se eu sofresse com o terror de mil anos, eu não sentiria tamanho medo como eu sentia agora.

Eu sabia que era um sonho, mas ao mesmo tempo eu sabia que havia detalhes demais para que apenas o meu cérebro estivesse projetando tudo.

Não havia escuridão e trevas, havia apenas luz. Muita luz. Meus olhos ardiam e parecia que eu estava sendo queimada. Olhei para um lado, vi muitos rapazes que se pareciam com Oliver, todos excessivamente bonitos. Eles estavam olhando para uma sombra escura que se aproximava. Amedrontados e pálidos, muitos choravam enquanto ocorria aquela aproximação.

Então as palavras de desenharam em minha mente como se eu as estivesse recitando de memória.

"Quando os atingiu com a sua ira ardente, com furor, indignação e hostilidade, com muitos anjos destruidores."

Esse foi o Salmo setenta e oito, versículo quarenta e nove. Mesmo que eu não me lembre de ter lido a bíblia, senão quando a minha irmã o fazia para mim quando ela ia à escola dominical, eu lembrava até as referencias dos versículos.

Eu percebi, então, aquela nuvem negra que vinha sobre eles, eram anjos. Anjos feitos para destruir os caídos. Os amigos de Oliver, todos eles, estavam atemorizados pelo seu fim iminente. Aquela sombra que viria sobre eles, os destruiria.

"A decisão é anunciada por sentinelas, os anjos declaram o veredicto, para que todos os que vivem saibam que o Altíssimo domina sobre os reinos dos homens e os dá a quem quer, e põe no poder o mais simples dos homens".

Daniel quatro versículo dezessete.

A sombra consumiu aqueles homens e eles simplesmente desapareceram para o nada. Mais palavras se desenharam diante de mim, como se eu as conhecesse de muito tempo.

Então ouvi dois anjos conversando, e um deles perguntou ao outro: "Quanto tempo durarão os acontecimentos anunciados por esta visão? Até quando será suprimido o sacrifício diário e a rebelião devastadora prevalecerá? Até quando o santuário e o exército ficarão entregues ao poder do chifre e serão pisoteados?" Aquilo era mais do livro de Daniel.

A sombra virou-se na minha direção. Ela se precipitou para mim com violência, mas ao me reconhecer meu rosto, parou. Ela ergueu uma mão como se estivesse tocando uma parede de vidro que nos separasse e eu fiz o mesmo. Meu gesto espelhando o gesto da sombra.

Ouvi mais palavras sussurradas ao meu ouvido:

"Pois Deus trará a julgamento tudo o que foi feito, inclusive tudo o que está escondido, seja bom, seja mau". Livro de Eclesiastes.

A sombra sem um rosto definido inclinou o rosto um pouco de lado, admirando-me por detrás da parede de vidro que nos separava e eu fiz o gesto. Não parecia que ela era a sombra, mas sim eu.

As últimas palavras antes de eu acordar foram gritadas aos quatro cantos dos limites dos meus sonhos:

"Não deixem que ninguém os engane de modo algum. Antes daquele dia virá a apostasia e, então, será revelado o homem do pecado, o filho da perdição. Este se opõe e se exalta acima de tudo o que se chama Deus ou é objeto de adoração, chegando até a assentar-se no santuário de Deus, proclamando que ele mesmo é Deus".

Segunda aos Tessalonicenses, capítulo dois, versículos três e quatro.

— Apostasia... – eu repeti e a sombra imitou o movimento dos meus lábios – o que é a Apostasia?

Eu procurei os limites daquela parede de vidro. A sombra se movimentava soltando ganidos como os de um animal. Eu deslizei as mãos pelo vidro e ela fazia o mesmo. O sono começava a se dissipar. Eu não tinha medo, eu queria saber quem a sombra era. Eu sabia que conhecia aquele olhar azul ofuscante no que deveria ser o contorno do rosto dela.

A sombra começou a perder o seu contraste e a desaparecer, dissolvendo-se naquela claridade que não me permitia ver sem esforço.

A mão dela segurou o vidro por mais alguns segundos antes de sumir. Quando eu vi ela sumir completamente, soltei o meu hálito quente contra o vidro que nos separava.

A marca da sombra ainda estava lá.

Acordei na manhã seguinte recebendo um abraço forte e apertado. Eu abri os olhos, assustada de início, mas quando o perfume me invadiu, eu imediatamente o reconheci.

— Pai... – eu apoiei o cotovelo na cama e me levantei para abraçá-lo ainda mais forte – Meu Pai. Quando o senhor chegou? Eu senti tanto a sua falta!

Ele continuou me abraçando apertado, talvez matando a saudade que sentia de Lidiane apertando-me num abraço que eu não queria que terminasse nunca. Os ombros do meu pai começaram a sacudir de forma leve, e eu percebi que ele estava chorando.

Me afastei, de leve, olhei para o rosto dele. Limpei as lágrimas com os polegares e falei com a voz ainda um tanto confusa pelo sono.

— Vai ficar tudo bem, pai. O senhor tem a mim. O senhor vai ficar comigo e com a mamãe. Nunca esqueceremos minha irmã, ela vai ser sempre a nossa caçula.

Ele apoiou outra vez o rosto no meu ombro e agora o choro o sacudiu mais violentamente. Só então percebi minha mãe de pé encostada à porta. As mãos atrás do

corpo. Ela se segurava para não cair no choro com meu pai. Ele estava devastado, tínhamos que ser forte para passar a ele a força que ele precisava.

Não sei quanto tempo ficamos ali, naquela posição. Eu acalentando meu pai, mas foi tempo suficiente para que ele se acalmasse um tanto mais e parecesse um pouco mais centrado ao final.

— Eu não deveria fazer isso – ele se repreendia – eu deveria ser o forte nesta situação. Vamos... – ele fez o gesto para que eu levantasse – se arrume. Vamos daqui a pouco tomar café da manhã. Eu cheguei há algum tempo. Apenas estava esperando que descansasse bem.

— Eu estou indo. Vou trocar a minha roupa. Não demoro.

Vi os dois saírem do quarto. Minha mãe deslizou a palma da mão na costa do meu pai, ligeiramente mais alto que ela, já que ela era uma mulher alta e voluptuosa, e levantei-me para tomar um banho rápido e me vestir.

Minha vontade era de ficar mergulhada na banheira durante todo o dia e só sair quando eu estivesse me sentindo energizada pela água morna, mas eu tinha que ir para a sala, tinha que mostrar que eu estava bem, tinha que deixá-los sem preocupação acerca de mim.

— Que bom que juntou-se à nós – minha mãe disse – vem, eu fiz waffles.

Eu detesto waffles. Ela sabe disso. Provavelmente a mente confusa dela, após tudo o que nos tem acontecido, ela deve ter esquecido. Meu pai sorriu para mim e, como se adivinhando meus pensamentos, despejou um pouco dos ovos mexidos que ele tinha no meu prato.

— Aqui, coma isso – ele disse.

Eu sentei ao lado dele e tomei os ovos mexidos com suco de laranja. Nada mais, meu estomago estava meio embrulhado desde que consegui me lembrar do sonho que tive. Um dos sonhos mais confusos e sinistros que eu tive.

Quando terminamos o café-da-manhã, meu pai nos levou até a imobiliária para ver se os tramites da casa que ele estava comprando estavam prontos. Não estavam, precisariam de mais alguns dias para confirmar a venda.

Na volta, fomos à igreja em que Lidianne se congregava. Conversamos com algumas pessoas, meus pais receberam apoio, eu recebi conselhos e um convite para frequentar o local, depois fomos para casa.

Quando o carro estacionou em frente à casa, eu vi Oliver sentado em sua moto perto da caixa de correio. Ele olhou para minha mãe, quando ela desceu do carro, depois para mim. E, por fim, para meu pai. Devo dizer que ele pareceu surpreso ao vê-lo ali.

— E você? Quem é? – meu pai perguntou irritado. Ele estava num humor terrível desde que soube que a casa ainda não estava com o processo de compra e venda completo. O que faria que ele precisasse ficar mais tempo na casa que um dia foi de Lidiane e Sebastian. Isso o faria lembrar e lamentar o fato de seus olhos terem ficados fechados por tanto tempo.

— Oliver Contreras, senhor – Oliver estendeu uma mão para meu pai assim que se aproximou – sou amigo da Daniele.

"Amigo?!" meu subconsciente e eu perguntamos em uníssono.

— Sim, pai. Meu amigo. Conhecemo-nos há algumas semanas.

— Isso mesmo, senhor.

— E o que faz aqui?

— Eu não sabia que o senhor já estaria em casa. Tenho sido a companhia para Daniele esquecer um pouco as aflições desde que ocorreu sua perda. Por falar nisso, meus sentimentos.

— Obrigado – ele disse.

Minha mente ainda martelava com o "amigo".

— Como ia dizer, eu vim a buscar Daniele para irmos ao cinema. Contudo, se o senhor achar melhor que eu venha em outra hora, farei isso.

Meu pai parecia confuso. O modo que eu olhava para Oliver não mostrava que éramos apenas amigos. Eu vi o modo que ele olhou para nós dois, não acreditando nem um pouco nessa história, mas, surpreendentemente, ele virou para mim para perguntar:

— Você quer sair com esse rapaz, Daniele?

— Pode ser, pai. Desde que eu não tenho nada melhor para fazer.

— Então eu estou entrando. Estou ainda com os horários desregulados, e estou com muito sono. E confio em você.

Oliver deu um sorriso leve para mim.

— Em você eu não confio, rapaz – meu pai falou sério com ele – traga-a de volta antes das dez, ou esse passeio de vocês não acontecerá outra vez.

Sorri um pouco. Meu pai achava que eu ainda tinha quinze anos. Eu os vi entrar em casa e subi na garupa da moto. Oliver me deu o capacete extra que ele provavelmente tinha comprado recentemente. E eu reclamei enquanto o colocava.

— Sua amiga, é?

— Hoje sim. Acha que seu pai deixaria você sair com um cara boa pinta como eu se achasse que eu sou seu namorado?

A história era ridícula, muito ridícula. E eu não acreditei. Qual é, isso nem mesmo era plausível.

— Ei – ele disse antes de acelerar – nada mudou. Ainda sou louco por você.

SESSENTA E UM



É hora de partir, meus irmãos, minhas irmãs.

Eu já devolvi as chaves da minha porta e desisto de qualquer direito à minha casa. Fomos vizinhos durante muito tempo e recebi mais do que pude dar. Agora vai raiando o dia e a lâmpada que iluminava o meu canto escuro apagou-se. Veio a intimação e estou pronto para a minha jornada. Não indaguem sobre o que levo comigo.

Sigo de mãos vazias e o coração confiante.

RABINDRANATH TAGORE

O véu da morte se instalou sobre a cidade. Seus limites negros que se dissipam ao sabor do vento pareciam estar sendo levados conforme a vontade do mal.

Shemhazai sabia que estava perto, muito perto. Ele só não sabia quanto tempo ele teria que esperar para derreter na ponta de sua espada aquilo pelo qual os demônios vinham lutando entre si há milhares de anos.

A alma remissiva.

Ele buscara por muito tempo. A cada vez que ele matava alguém, ele ficava mais forte. O mal cresce dentro de si a cada pecado. Um abismo chama outro abismo, está escrito.

Quando a humana desinteressante veio até ele, Shemhazai sabia o que ela iria oferecer. Ele já sabia que ela ia dar pistas sobre si. Ele poderia tê-la matado ali, mas ela era uma moeda de troca perfeita.

Apenas era uma moeda de troca burra demais para acreditar no juramento de um demônio.

Se Oliver se intrometesse entre ele e o seu alvo, ele não hesitaria em encerrar os trabalhos do arcanjo de uma só vez. Isso não lhe custaria nada, sua passagem para o inferno já tinha sido reservada há tempos.

Quando Shemhazai desceu perto da quadra que levaria ao prédio onde os apóstatas moravam, ele já estava metamorfoseado na sua forma pura.

Ele era bonito, sabia disso. O pecado tem que ser irresistível quando sorri, e ele passou por entre as pessoas antes de chegar à portaria do edifício.

Quando o porteiro gritou pedindo por sua identificação, Shemhazai ergueu o braço esquerdo contra ele. Esmagando os dedos após isso. O movimento fez que o jovem trabalhador fosse erguido no ar e o seu pescoço fosse esmagado até que ele sufocasse e caísse desfalecido.

Ele não precisava pegar elevador, ou subir as escadas, ele poderia ter saltado, mas perder a oportunidade de surpreender os moradores do edifício com uma surpresa parecia ainda melhor do que simplesmente surgir repentinamente.

Ele saltou os blocos de escadas, vencendo um conjunto de vinte degraus de um em um. Quando ele atingiu o andar de Ariel, cuja informação foi repassada pela humana insignificante, ele digitou o código da porta e viu quando a porta abriu e o olhar assustado de todos que estavam perto do hall de entrada pousaram nele.

— Oh, meu Deus!

A maioria deles gritou e uníssonos. Então começaram a mover-se para tentar escapar, mas Shemhazai novamente deixou que a carapuça de sobre ele mudasse e se transformasse no que ele realmente era. Ele retirou a espada da sua bainha e perguntou com voz branda enquanto dava passos para dentro.

— Eu procuro por Azrael.

Os jovens anjos não correram mais. Eles não tinham como lutar contra a espada amaldiçoada, se eles fossem minimamente tocados pelo sangue nephilim, eles seriam consumidos e seriam nada mais além de poeira das estrelas.

Ninguém respondeu, shemhazai insistiu:

— Eu não vou perguntar outra vez – ele moveu a espada de duas mãos com precisão e enfiou-a contra o corpo de um jovem anjo que estava perto dele – onde está Azrael?

Não houve resposta. Todos empalideceram ao ver o corpo do anjo se desfazer como a areia do tempo. Ele se transformava aos poucos em cinza e depois as cinzas foram levadas para o nada.

— Não sabemos... – dois deles disseram, sabendo que a resposta que o demônio queria ouvir não era aquela, e já se antecipando para a sua morte.

— O que é uma pena – Shemhazai se precipitou e se lançou no meio dos dois. Com um único giro, cortou os abdomens dos dois e os viu serem desfeitos para a poeira do tempo enquanto olhava para os outros.

Eles realmente não sabiam onde Azrael estava. Desde que ele tinha saído há algumas horas, nenhum deles o tinha visto. Ariel e Escort, que nunca faziam o mesmo, e geralmente eram quem sabiam de tudo, pela primeira vez em anos tinham deixado o apartamento.

— Eu não perguntarei outra vez. Onde ele está? -

Os anjos não tinham resposta. Shemhazai sorriu e olhou para um grupo deles que estava mais perto da porta.

— Vocês – ele apontou para o grupo perto da saída – podem ir, procurem por Azrael. A informação pela sua vida. E vocês – ele olhou para o grupo no meio da sala – sinto muito.

Quinze. Quinze anjos perderam as suas chances de viver naquele dia. Quinze anjos estavam perdidos eternamente. Quinze irmãos que não veriam os céus outra vez, quinze existências fadadas ao nada.

Os céus ficaram nublados, como se chorassem os filhos perdidos e que não regressariam, e Shemhazai ficou mais forte com a força daqueles que ele tinha dizimado.

Vinte anjos sobreviveram. Ele não poderia esperar lealdade de um grupo covarde como aquele, mas sabia que o recado tinha sido dado.

Azrael, se não quisesse ver toda a sua família dizimada, teria que encontrá-lo.

* * *

— Você ainda não me disse para aonde vamos.

Eu perguntei assim que desci da moto. Estávamos entrando num hotel elegante. O hall de entrada era enorme. Eu me senti vergonhosamente mal arrumada para entrar naquele local. Oliver não se importava muito, tendo em vista que ele parecia fluir de um lugar para outro sem dificuldade.

Peguei emprestado um pouco da autoconfiança dele e decidi dançar conforme a música. Quando vi Oliver fazendo check-in no hotel, minha paciência se esgotou. O virei para mim e o fiz olhar direito aos meus olhos.

— Dá para explicar que merda é essa?

— Irmãzinha. Não fique assim – ele disse – eu sei que não queria que eu te arrancasse daquele corredor maldito com seus amigos drogados, mas eu tinha que fazer.

"Oi?"

Meu cérebro quase deu um nó. Então eu vi Oliver olhar para frente, para a mulher fazendo nossa ficha, e vi que ele estendia dois documentos para ela e piscava galantemente.

"Como assim ele estava dando encima dessa vaca na minha frente?!"

Oliver assinou algumas páginas de papeis. A mulherzinha para quem ele tinha piscado olhava para mim como se eu fosse alguma drogada, e eu fiquei apenas quieta. Não por minha vontade, mas porque meu subconsciente me avisou que isso devia fazer parte de algum teatro cômico em que ele se tinha colocado, e no qual eu era parte do elenco principal.

— Ok, irmãozinho. Mas tenta pelo menos conquistar uma moça decente da próxima vez. Essa daí se derreteu por ti, mas tem uma aliança gritante de ouro no dedo da mão esquerda.

Eu dei o meu maior e mais inocente sorriso e vi quando a mulher recolheu a mão para trás de si, visivelmente constrangida.

— Aqui estão suas chaves – a mulher disse – devo pedir que um de nossos funcionários apanhe as suas bagagens num carro?

— Não será necessário, o motorista irá trazê-las mais tarde – eu menti na cara dura quando vi que Oliver olhou para mim. Ele não podia mentir. Mentir seria pecado. E um pecado deveria ser uma coisa grave para um anjo.

Subimos para um dos quartos. O que ele tinha reservado. Ele entrou e fez questão de checar tudo antes que eu entrasse.

— O que está fazendo, Oliver? Está me assustando e me irritando.

— Eu estou garantindo a sua proteção. Simplesmente. Eu sinto que você não está segura.

— Sente que não estou segura? Que idéia é essa?

— Daniele – ele olhou diretamente para o meu rosto, segurando-o entre as mãos e me deu um beijo antes de continuar – você é a coisa mais importante que existe na minha vida neste momento. Eu não suportaria perdê-la.

— E por que está com medo? O que aconteceu?

— Você não saberia. Você teria que sentir para isso.

— Sentir?

— Sim. Sentir. Eu tenho sentido o mal se alastrar pela cidade. Silenciosamente. Ele está em torno de mim e eu não posso fazer nada para controlá-lo. Não quando ele pode atingir aquilo que eu mais amo.

— Quem?

— Você.

— Oliver... Eu...

— Não. Por favor, não me impeça de protegê-la. Eu preciso, preciso muito mesmo, que desta vez não discuta comigo. Você não entende. Se ele a atingir, será o fim para sempre. Eu não poderei fazer coisa alguma. Eu não poderei trazer seu espírito de volta.

— Eu não tenho medo... Eu não vou ficar escondida como uma criança, deixando que você se arrisque por mim. Eu vou lutar também.

— Você vai lutar com o que, Daniele?! – ele estava praticamente berrando. Eu vi desespero no olhar dele, eu vi raiva e quase que uma parte do meu ser sentiu raiva também, mas o que eu mais vi naquele olhar, foi medo. Medo por mim – me desculpe, eu não queria gritar com você. Eu só estou... Estou desesperado.

— Eu sei... Vai ficar tudo bem. Você só tem que me dizer quem me quer. E por que me querem.

— Shemhazai te quer. Ele pode matar qualquer um de nós se ele simplesmente nos ferir com a sua espada. E eu não posso arriscar levá-la para casa. Eu não posso comprometer a todos. Eu sinto que Shemhazai está cercando a cidade, e eu não posso simplesmente mantê-lo afastado quando tudo o que ele quer é você.

— Não vai me dizer por que ele me quer?

— Não, não é necessário. Mas posso dizer o que ele quer. E ele quer matar você.

Eu nunca escutei o pânico se instaurando em alguém. Na verdade, não há um som propriamente dito para isso. Mas, quando ele falou que esse Shem alguma coisa, queria me matar. Eu soube que eu deveria temer. Eu ouvi quando o som de um medo começou a perpetrar os meus ossos e um frio desolador se instaurou sobre mim.

O medo não era de morrer em si. O meu medo era diferente desta vez. Eu acho que de tanto eu ter vivido a minha morte seguidas vezes nos meus sonhos, eu acabei me acostumando a elas. Agora, tudo o que eu conseguia pensar era que eu estaria deixando aos meus pais desamparados, e, especialmente, deixando Oliver desamparado.

— Não precisa ficar com medo, eu irei te proteger.

— Não... – eu sacudi de leve a cabeça, irritada demais comigo mesma para entender o que eu estava pedindo – Oliver, me prometa uma coisa.

— Qualquer coisa.

— Me prometa que se estiver em um perigo de vida iminente, e que se a única escolha que tem é morrer por mim, você não irá fazer isso.

— E o que quer que eu faça? Está louca?

— Você é a morte, Oliver. Eu o amo mais que a mim mesma. Se tiver que escolher entre a sua vida e a minha, eu quero que você me mate.

— Eu não poderia fazer isso... – ele falou com um olhar torturado.

— Eu não estou pedindo, Oliver. Estou mandando. Se te dói a idéia de um mundo sem mim, imagine como o mundo estaria perdido comigo nele, sem você... – peguei o rosto dele e o dei-lhe um beijo leve na testa – promete-me?

— Eu prometo.

O desespero de vermos, finalmente, diante de nós, a oportunidade de perder um ao outro, fez-nos amar como nunca antes.

Lágrimas em meio ao ardor.

SESENTA E DOIS



Quando você vai embora, Fico te olhando, até desaparecer no horizonte, querendo dizer, volta, fica mais um instante...

Então fecho os olhos, baixo minha fronte e penso que nada disso foi dito, quando os abro novamente, no horizonte eu já tinha te perdido...

Com uma lagrima na face e um gesto meio contido, falo baixinho para mim mesmo, foi muito bom ter te conhecido.

CLEVERSON PLATH

OLIVER

Acordei enrolado ao corpo de Daniele na cama. Eu estava aterrorizado com a chance de perdê-la, eu não estava apenas com medo, eu estava devastado.

O risco de perdê-la tinha-me feito cometer os maiores pecados, e o maior deles, a rebeldia. Qual era a minha diferença para Lúcifer que também colocou as suas vontades acima das de Deus?

Eu pecava, insistia no pecado, e continuava fazendo isso a cada vida, por que minhas esperanças se renovavam a cada vez que eu a via.

O espírito de Daniele era simplesmente aquele que eu mais amava. Eu o amava acima da minha vontade e resolução, e eu sequer sabia como demonstrar isso sem coloca-la em perigo.

Eu pensei, antes, por diversas vezes que eu deveria ter me afastado dela. Eu deveria deixar que Daniele, Genevieve, Paloma, cada uma delas vivesse sua vida e eu me contentasse com simplesmente admirá-las ao longe, mas esse futuro rasgava o meu ser em dois pedaços ao simplesmente admirá-lo.

Rolei meu corpo para cima dela e esperei que ela acordasse depois de depositar beijos pela extensão de seu pescoço.

"Meu Deus, eu a amava demais, por que isso tinha que ser tão errado?"

— Um centavo pelos seus pensamentos – ela ofereceu com um sorriso.

Apoiei os meus braços ao redor dela, para aliviar o peso do meu corpo, e me aconcheguei contra o cabelo dela, procurando o ouvido para sussurrar:

— Eu estava pensando no quanto eu a amo.

Daniele me deu um dos melhores sorrisos que eu já recebera dela nesta vida e me puxou para um beijo.

— Eu também o amo, Oliver. E nem sei como aconteceu.

— De outras vidas? – eu sugeri assim que ela me deu espaço para respirar.

— De todas elas.

Eu deslizei meu corpo para dentro do dela e nos amamos outra vez. Fomos interrompidos apenas pela exaustão que os nossos corpos cansados nos traziam.

* * *

Eu tinha vestido a minha calça jeans. Daniele tinha se enrolado no lençol da cama e estava sentada na varanda do quarto de hotel. Sentada numa das cadeiras de um conjunto de ferro, ela fechava os olhos e recebia os poucos raios de sol que conseguiam atravessar as nuvens.

Era incrível como em cada uma das vidas dela, ela acaba sendo a mulher mais linda que eu já vi. Se eu tivesse condições de arrancar desse momento uma essência, eu sei que a essência teria o cheiro dela. Minhas resoluções conseguiram se reduzir ainda mais quando ela me pegou observando e sorriu acenando para que eu fosse para perto.

Assim que eu cheguei perto dela, sentei-me na cadeira ao lado da dela. Eu achei que ela estaria preocupada com tudo o que poderia acontecer, ela sabia metade do que se passava em mim agora, mas de algum modo, ela estava tranquila, quase como se estivesse em paz com qualquer coisa que viesse a acontecer.

— Como é? – ela perguntou de repente.

— Como é o que, Dani?

— O céu.

Eu inspirei profundamente.

Não tinha como por em palavras como era o céu. Eu teria que ser o ser mais habilidoso do universo para explicá-lo. Também não tinha como fazer isso sem que eu sentisse a saudade que me consumia a cada vez que eu lembrava a paz que se sentia ao estar naquele lugar. Lugar que eu tinha negado com minha rebeldia. Lugar ao qual eu não pretendia voltar enquanto eu fosse capaz de tê-la ao meu lado.

— Eu não tenho como simplesmente descrever o local. Eu posso descrever como é estar lá. O céu é semelhante aquele momento em que você está vindo de uma caminhada sob o sol de meio dia e toma o primeiro gole de água gelada. É a sensação daquele momento em que você vê a pessoa que está destinada a ser sua para toda a vida. É como a sensação do cheiro de terra molhada após a chuva.

— Isso é incrível. Nunca imaginei que você era bom com metáforas.

— Eu sou bom em diversas coisas, você sabe – eu respondi dando a ela um dos meus sorrisos convencidos que a faziam revirar os olhos de irritação, mas de admiração também.

— Você é muito convencido.

— Não é convencimento. Eu posso mostrá-las... – eu deslizei a mão para pegar a dela e beijei a palma da mão provocativamente.

— Não, não, não... – ela puxou a mão das minhas – agora não. Eu preciso de um banho, eu preciso de um descanso. Eu estou exausta.

— Lamento ter exigido tanto de você ontem a noite – dei outro sorriso convencido.

— Eu também lamentei, umas quatro vezes – ela se levantou e jogou o lençol para sobre mim enquanto entrou no quarto de hotel outra vez para tomar banho.

Daniele não perguntava sobre os pais, não perguntava que dia iria voltar para casa. Não perguntava qualquer coisa. Era estranho. Muito estranho. Ela estava conformada. E por mais que eu não quisesse admitir, eu também estava ficando. Eu, contudo, preferia morrer, a viver uma eternidade sem a existência dela.

Ela mal entrou no chuveiro, eu senti como se estivesse sendo observado. E virei meu rosto para a direção certa, apenas alguns segundos antes de ver um dos meus irmãos vindo em minha direção. Exausto e desesperado, ele tinha conseguido reunir seus últimos fôlegos para alçar um salto até a varanda do décimo quinto andar, o andar onde eu estava, e caiu com o corpo cansado sobre mim. A minha costa bateu no chão com força, e a mesa e as outras duas cadeiras que compunham o conjunto de ferro da varanda. Eu virei rapidamente meu corpo e apoiei o braço sobre o pescoço dele, imobilizando-o enquanto uma mão ficava estendida, pronto para dizimá-lo se fosse preciso.

— Eu... Eu vim... Em paz... – ele falou com dificuldade.

Observei o olhar no rosto dele, procurando traços de mentira, não os encontrando, eu o liberei do meu aperto e o ajudei a ficar de pé.

— O que aconteceu?

— Nossos... – ele respirou com dificuldade novamente, e eu percebi o quão cansado estava – nossos irmãos... Quinze deles... Quinze deles se foram...

— O que? Como isso aconteceu? – a pergunta era sem fundamento. Eu tinha sonhado, eu sabia exatamente o que tinha acontecido. Eu sabia que o mal os tinha encontrado. Eu sabia que tinha sido Shemhazai.

— Shemhazai – ele falou como se ecoasse numa voz cansada os meus pensamentos – ele os encontrou.

— Por que ele os mataria? Não são demônios.

— Ele quis deixar um aviso... Ele está procurando por você.

Eu cobri a boca com as mãos, não acreditando no que ele dizia, mas ao mesmo tempo sabendo que tudo aquilo fazia sentido. Ele sabia... Shemhazai sabia de tudo, por isso ele me queria.

— Quem?

— Não importa. Se foram. Os que sobraram se dispersaram em sua busca, mas também queriam, de alguma forma, salvar as próprias vidas.

— Onde está Ariel?

— Não sabemos. Ela tinha saído de casa antes de sermos atacados. Ela não está lá. Nem ela, nem Escort, nem May.

— O que você disse? – eu senti meu sangue ferver e o segurei novamente pela roupa, erguendo-o de leve e jogando o corpo dele contra a parede – onde ela está?

— Não sabemos, ninguém sabe. Eu sinto que...

Ele nem precisava falar, eu já sabia exatamente o que elealaria. Ela estava com ele. Ele a tinha como garantia de que eu me entregaria. Ele tinha levado May. Eu a tinha deixado desprotegida, e agora ele a tinha.

— O que ele quer além de mim?

— Eu não sei – ele disse – ele só quer a sua localização. Eu acho que ele quer algo de você.

E eu sabia exatamente o que era.

— Eu irei encontrá-lo.

— Como poderá encontrá-lo? Está louco? Ele o quer.

— Se ele não veio me matar ainda, é porque eu valho, para ele, muito mais vivo. – toquei os ombros dele fazendo-o olhar para mim, passando uma ordem – fique vivo. Procure por Ariel. Diga o que aconteceu. E, em hipótese nenhuma, volte para o apartamento. Ele já tem aquela localização. Encontre os outros e mudem-se imediatamente. Para quanto mais longe melhor.

— Sim – o anjo assentiu e saltou da varanda do décimo quinto andar para o chão, depois sumiu entre o tráfego da rua abaixo de nós e foi encontrar sua missão.

Daniele não ouvira nada. Absolutamente nada. Ela nem mesmo tinha saído do banho. Eu entrei, fechei a janela, e sentei-me na cama à sua espera. Tentando me conservar o mais calmo possível, para que ela não tivesse medo.

Eu diria que a tinha levado para algum lugar distante, distante o suficiente para poder despistá-lo, e então eu tentaria matá-lo. Era quase uma missão suicida, era loucura, mas era tudo o que eu poderia fazer.

Daniele saiu do banho, quieta, muito quieta. Enrolada numa toalha, ela se posicionou na minha frente e me abraçou. Recostei meu rosto contra o seu corpo e fiquei naquela posição por algum tempo.

— Eu também tenho sonhos, Oliver – ela disse calmamente – eu sei uma parte do que está acontecendo, apesar de na maioria do tempo eu ter que fingir que não o sei. Os sonhos nunca me abandonaram, nem mesmo quando durmo ao seu lado. Eu sei que algo grande está vindo, eu sei... Eu só quero que não esqueça do que me prometeu.

— Eu não esquecerei.

— Mas também não me disse que irá cumprir.

— Não posso, não sem lutar primeiro.

— Oliver, se você morrer, eu morro em seguida. Não há sentido para eu viver aqui sem você. Essa nem mesmo sou eu, eu já deveria ter morrido há muito tempo.

— Não fale isso – eu me levantei – eu preciso que não fique com medo enquanto eu for. Eu prometo que eu vou voltar para você, mas para isso eu preciso fazer que você durma. Você acordada é um perigo para todos e para si mesma.

— Eu farei isso.

— Eu amo você, Oliver.

— E eu amo você, Daniele.

Eu a pus deitada na cama e senti quando ela abriu os pensamentos para que eu os invadissem. Eu fui apagando cada uma das suas ansiedades e dos seus medos e, ao final, eu a deixei a dormir placidamente na cama.

— Eu prometo que volto para ti.

Eu deposei um beijo em seus lábios e a deixei enquanto ia encontrar o meu destino. Eu não poderia deixar que May sofresse por minhas escolhas. Eu não poderia permitir que ela ficasse à mercê de Shemhazai por minha culpa. Por eu ter alterado o destino.

SESSENTA E TRÊS



Mesmo que as pessoas mudem e suas vidas se reorganizem, os amigos devem ser amigos para sempre, mesmo que não tenham nada em comum, somente compartilhar as mesmas recordações.

DESCONHECIDO

— Ela está se achando inteligente, apenas isso. Não a perderemos de vista Ariel sabe onde a alma remissiva está, e devemos procurá-la.

Kamilla não falou muito. Ela sabia que Mike estava agindo em um momento de desespero, mas ela também sabia que a sua fidelidade para com seu irmão era maior ainda.

Ela não tinha medo do ódio de Azrael, longe disso, ela tinha pavor que ele lhe fosse indiferente. Azrael com ódio pode ser simplesmente assustador, mas estar no esquecimento daquele pelo qual ela foi feita, era demais para pensar.

Ela ainda lembrava-se de tudo. Absolutamente tudo. O dia que foi entregue a Azrael, o dia em que o acompanhou ao primeiro trabalho, o dia em que conheceu Michael, o dia em que a decepção nos olhos de Azrael estava latente, mas, mesmo assim, ele a apoiou incondicionalmente.

— Hoje, uma ordem de anjos é entregue aos teus cuidados Azrael – a voz retumbou pelos céus ecoando nos espaços preenchidos apenas pela matéria escura do universo – são doze os que trabalham contigo, e estes doze te serão por subordinados. Tu és responsável por todos como se o fosse por ti mesmo. E Eu o tenho dito: que sua missão se cumpra.

Azrael se curvou diante da presença do Poderoso de Israel e colocou a mão no peito solenemente. Ele se virou para aqueles que estavam com ele, e os abraçou um a um, como

se fossem irmãos, e não como se eles fossem apenas anjos num nível mais baixo que o seu. Depois daquele dia, ele cuidou de todos como se eles fossem sua própria família, e não o seu exército.

A tarefa era simples, Azrael tinha gravado em si o dia e hora de morte de cada humano que deveria ir aos céus, ele desceria á terra e recolheria o espírito, então os "benevolants", os anjos sob seu domínio, levariam este espírito ao seio de Abraão.

Azrael orava por eles, Kamilla podia sentir quando, à meia noite, ela era preenchida por um novo fôlego de vida, por um renovo, e ela abria os olhos e se levantava do seu sono, ia procurar por Azrael e ele estava no espaço entre o céu e a terra, clamando furiosamente por forças para si e seus anjos.

Ela o respeitou muito mais por isso. Talvez por isso fosse tão difícil acreditar feito cega naquilo que Mike lhe pedia. Naquilo que ele planejava, seria trair Azrael. Seria trair o seu irmão e líder.

Kamilla olhou para Mike. Ele estava deitado displicentemente num sofá imundo do estúdio de tatuagem. Ele dormia, era a hora da vigília dela. Ela não precisava de sono, mas tendo em vista que estava assumindo em todo o tempo a sua aparência humana, ela tinha necessidades humanas, e por isso ficava cansada, com fome, e tinha todas as outras necessidades que um humano tinha.

Ela lembrou cada minuto até o dia que o conheceu, lembrou cada palavra já trocada, quase como se estivesse colocando numa balança tudo o que acontecera entre ela, quase como se quisesse pesar a sua fidelidade.

Havia cerca de quarenta anos.

O grupo de Azrael fora encurralado por um grupo de demônios. É de conhecimento de todos que os demônios são os responsáveis pela maior das tragédias da humanidade, mas eles só podem fazer isso – matar. Depois disso, eles não têm mais controle nenhum pelo espírito.

Não fazia parte do trabalho de Azrael, mas ele protegia os humanos de mortes trágicas. Mortes que não estavam escritas no destino e que seriam provocadas pelo mal. Ele não suportava, ele sofria, quando via uma vida se extinguir antes do tempo programado em si. Ele sofria ao ver todos os planos não concluídos, os sonhos que não se realizariam, os passos que eles não dariam mais, e ele impedia o mal sempre que podia.

Naquele dia não foi diferente.

Kamilla estava posicionada com a formação dos benevolants, Azrael estava á frente, e uma legião de cerca de cem demônios tentava virar um ônibus da escola primária num lago.

Trinta e oito crianças e adolescentes. O motorista julgava que estava passando mal, mas não era. Ele estava sendo apenas atormentado. Azrael já tinha conseguido que o motorista parasse, mas agora os demônios estavam tentando possuir o corpo do homem para fazê-lo jogar o veículo na profundidade do lago.

— Yehudiah, – sempre que o assunto era sério, Azrael a tratava pelo nome dado por Deus, e não o nome que ela tinha escolhido – separe-os em quatro grupos de três. Circundem o ônibus. Protejam estas crianças com a sua vida.

— Sim – ela acenou positivamente, e virou para os seus irmãos, fazendo-os circular o carro em busca de proteger aquelas crianças.

Azrael ficou á frente. Quando os demônios atacaram, ele lutou contra os cem apenas com a sua espada flamejante. A que lhes infligia dor por mil anos. Outros, os que conseguiam escapar do cerco dele, eram consumidos pelo fogo que ele projetava de si mesmo. Seria muito forte o que conseguisse escapar.

As crianças estavam protegidas, Kamilla ordenava aos anjos que não intervisse, somente se Azrael os clamasse por ajuda, o que ela achava que não seria preciso, já que mais de setenta dos demônios já tinham sido consumidos pelas chamas.

Então aconteceu.

Um grupo maior de forças do mal se juntou ao grupo que estava perdendo. Eles vieram de rodear a terra e estavam lutando. Eles não queriam proteger ninguém, não faz parte deles o amor pelos próprios do seu clã, eles queriam apenas juntar-se ao terror e ao caos. Pegos de surpresa, o primeiro grupo dos anjos de Azrael lutou contra os demônios e foram desmembrados, pois estavam em número menor.

Sobraram apenas nove deles. Kamilla entre estes. E o grupo se dispersou. Assim atrairia a atenção deles para longe do veículo em que as crianças estavam. Kamilla deixou-os lutar e entrou no veículo, soprando palavras de calma aos ouvidos do motorista, fê-lo despertar e levar o ônibus para longe da batalha, para longe da destruição que acontecia.

As crianças estavam assustadas, ela lançou mão do seu poder de manipular os pensamentos e fê-las parar de gritar. Afinal, as crianças mais puras, as menores, abaixo dos doze, tinham visto os espíritos maléficos.

Quando ela conseguiu deixar o ônibus num local mais afastado, ele ouviu uma pisada forte no telhado do veículo. O corpo do sujeito atravessou o metal que revestia o ônibus e logo estava dentro do veículo.

Pelas asas escuras, Yehudiah soube imediatamente que se tratava de um apóstata. Um apóstata que estava trabalhando para o lado do mal. O corpo coberto de tatuagens, a altura

e o físico trabalhado, amedrontavam bastante, e ela pensou em sair do veículo para lutar, mas sabia que provavelmente não teria chance de fazê-lo sozinha, não sem se ferir, pelo menos.

O apóstata se aproximou com dois passos, ele sorria de uma forma má e quando ela achou que ele daria outro passo, ele a agarrou pelo pescoço e a lançou para fora do veículo pelo para-brisa, caindo com ela no asfalto quente de uma rua movimentada. Todos os passantes olhavam-nos e começaram a gritar, desesperados, pela luta que acontecia entre dois sujeitos com asas no meio da rua.

Nem sua armadura conseguiria salvá-la, ela não adiantou em nada com seus irmãos que se foram. O capacete que cobria seu rosto não seria suficiente se ele tentasse cortar seu pescoço fora, assim como todo o restante da armadura que protegia seu corpo.

— Solte-me! – ela gritou e conseguiu mover o corpo, colocando o joelho sob ele e jogando-o de costas para o chão, e, com toda a sua força, quis prendê-lo alí para alcançar a sua espada, mas o seu adversário se ergueu rapidamente, jogando-a ao chão, e chutou-a para longe. Em seguida chutou o corpo dela no chão, mas em luta contra a dor, Kamilla pegou o oponente pelo calcanhar e o jogou contra o chão.

— Queime, demônio – ela gritou e soltou um pouco da sua força contra o oponente caído, mas ela não era tão forte assim, ela sabia. Consequiria no máximo derrubá-lo por algum tempo. A perna do apóstata ficou em chamas, por um tempo, e ele ficou gritando de forma histérica.

Ele era forte, poder-se-ia dizer que as forças dos dois estavam igualadas. Kamilla ficou ligeiramente tonta quando o poder saiu dela, e o adversário aproveitou a oportunidade para socá-la ao rosto e jogá-la contra o chão outra vez. O capacete dela saiu e ela estava com o rosto desprotegido dessa vez.

— Eu vou te desmembrar inteira! – o inimigo gritou e iria atingi-la com um soco que, com certeza, iria doer muito. Mas, a medida que ele abaixou e viu o seu punho indo contra o rosto dela, ele admirou o rosto dela pela primeira vez, e ele parou no meio do caminho.

Se um dia ele tivera um sonho de encontrar uma parceira perfeita, era ela. Ela tinha o mesmo rosto da mulher ideal de seus sonhos. Ela era o mais lindo dos seres angelicais que ele tinha visto. Ele arfava enquanto olhava aos olhos dela. Duas estrelas pretas que refletiam o azul dos olhos dele.

A mão estendida em punho amedrontava, mas Kamilla viu quando o reconhecimento entre os espíritos passou pelos olhos dos dois. Mesmo em todo perigo, mesmo que ela estivesse caída ao chão numa posição vulnerável, ela viu nos olhos dele alguma coisa que ela não sabia que faltava dentro dela mesma, e ela se odiou um pouco por isso.

Kamilla aproveitou a oportunidade, e rolou para longe do seu oponente, alcançou a espada e a girou pelo cabo antes de ajustá-la na posição para a qual iria precipitar-se para o homem/anjo que a tinha abalado de uma forma que ela não entendia.

— Aproveite seus mil anos de dor! – ela gritou e se precipitou para ele, e ela quase conseguiu sentir a lâmina da espada atravessando o apóstata, mas foi retida.

Um demônio que ela não tinha percebido se posicionou atrás dela, e segurou seus braços, imobilizando-a e fazendo que ela não conseguisse se mexer. Ele mordeu o ombro dela, a ponto de arrancar um pedaço, e ela deixou cair a espada tamanha a dor.

O apóstata pegou a espada caída ao chão, depois de se aproximar dela. Ele girou a espada no ar, era pesada. Ela devia ser muito forte para conseguir carregá-la. Ele virou a espada na direção dela e se pegou admirando o rosto dela novamente.

— Aproveite você os seus mil anos de dor.

Kamilla fechou os olhos pronta para sentir-se ser atravessada pela espada, mas demorou demais, e ela não sentiu o ardor da chama que a consumiria por mil anos antes de cessar. Em vez disso, ela ouviu gritos do demônio atrás dela que se sacudia e a largava, jogando-se contra o chão violentamente.

Foi então que ela entendeu o que tinha acontecido.

Ele tinha atravessado o demônio com sua espada, no espaço pequeno que ela tinha deixado entre seu braço e seu corpo. Ele a tinha poupado, mas, para que?

O apóstata continuava com a espada em mãos, e a segurou pelo cabo deixando a ponta para baixo. Pessoas ainda gritavam, mas a maioria já tinha ido se esconder em edifícios que tinham deixado suas portas abertas.

— Acho que isso é seu – o apóstata disse e estendeu a espada para ela. Kamilla não entendeu, ele completou – eu não conseguiria fazer mal a um anjo que tem um rosto como o seu.

Ele sorriu. Ela corou.

No meio do caos e de uma batalha, ela corou. O apóstata aproveitou a oportunidade para puxá-la pelo braço e esmagar um beijo contra sua boca.

— Do jeito que eu imaginava – ele sussurrou contra a boca depois de libertá-la do seu aperto – doce e provocativo na medida certa.

Um grito mais forte foi ouvido, e então os dois viram Azrael se precipitando para eles, o corpo do apóstata foi levado para longe, e Azrael começou a desferir seguidos socos contra o rosto do oponente. Ele achou que a sua irmã estava em perigo, e estava prestes a matar o caído com as suas próprias mãos, se fosse preciso, mas Kamilla gritou pedindo que ele parasse.

— Yehudiah? – Azrael perguntou.

— Ele me poupou, poupe-o.

— Ele a poupou? – Azrael olhou confuso dela para o anjo com o lábio cortado dos repetidos socos – como ele faria isso? – então Azrael notou as asas. Pretas, não que ele as não tivesse notado antes, mas finalmente ele percebeu o que acontecia. Ele ainda tinha escolha antes, ele poupou a sua irmã, ele a tinha escolhido.

Azrael se levantou e foi até Kamilla.

— Você sabe o que significa ficar com ele...

— Eu sei.

— Está ciente de que terá que se tornar uma como ele. Uma apóstata.

— Eu estou ciente. Apenas me pergunto se você ainda irá me querer ao seu lado.

Azrael deslizou a mão no rosto dela, viu o machucado que ela tinha perto do queixo, provavelmente de um soco que tinha levado, e puxou-a para si abraçando-a e dando um beijo na testa dela.

— Eu sempre vou te querer ao meu lado, você é boa. Você é minha irmã, espírito de meu espírito. Eu morreria por você. Mas que fique bem claro.

Ela olhou para ele, esperando uma repreensão severa.

— Avise esse demônio que eu também mato por você. Ele vem morar conosco, preciso ensiná-lo a se comportar, e se ele vacilar ou eu vir uma intenção má no coração dele a qualquer momento, eu acabo com ele. Se ele for merecedor de ti, eu permito que fiquem juntos.

— Aonde vai?

— Tenho lembranças para apagar.

— Acabou? – ela perguntou referindo-se à luta que acontecia antes.

— Sim. Cinco de nós se foram, somos só sete agora, mas os trezentos e cinquenta demônios já não existem mais.

Desde esse dia, constantemente, Mike vinha lutando por ela. Desde esse dia ele tinha se mantido fiel, por que agir de forma má justo agora?

Kamilla estava dividida, ela não queria trair Azrael, mas ela também não queria trair Mike. Mike pediu que ela matasse por ele, Azrael prometeu que morreria por ela. A balança não pendia para Michael nesse momento.

SESSENTA E QUATRO



Quem evita o injusto apenas por temor à lei provavelmente cometerá o mal em segredo; quem, ao contrário, for levado ao dever pela convicção provavelmente não cometerá o injusto nem em segredo nem abertamente. Por isto, quem agir corretamente em compreensão e entendimento mostrar-se-á corajoso e correto de pensamento.

DEMÓCRITO DE ABDERA

— Ariel... Eu preciso encontrar Ariel... – o anjo praticamente se jogou aos pés dos dois. Cansado, visivelmente abatido, ele parecia ter buscado forças de onde não tinha para ter chegado até ali. O pânico e o pavor ainda eram pungentes na voz dele. Parecia que ele tinha presenciado o pior pesadelo de sua vida, e sobrevivido.

— Samael – Kamilla se sentou no chão ao lado do caído e perguntou – o que houve contigo, irmão?

— Shemhazai, ele pegou os nossos... Estou indo em busca de Ariel. Preciso alertá-la.

— Alertá-la sobre o que?

— Shemhazai está em busca de Oliver. Eu não sei o que ele pode fazer se o encontrar. Preciso avisar Ariel que ela deve proteger Daniele.

— Daniele?! – Mike interview – onde ela está?

— Num hotel longe do centro da cidade. Oliver me fez prometer protegê-la, mas estou cansado e fraco, e sei que não conseguirei fazer isso sozinho.

— Não se preocupe, o ajudaremos a procurar – Michael tomou a dianteira, Kamilla olhou para ele já sabendo que a intenção dele era perversa – eu procurarei por Ariel.

— Eu agradeço – Samael disse – mas eu não posso deixar uma missão dada pelo meu regente sem cumpri-la. Procurarei eu mesmo, ainda que custe minha vida, e se quiserem podem acompanhar-me.

Kamilla acenou para ele, admirando a fidelidade dele para com Azrael, e enxergando nele um espelho para o reflexo de suas próprias más ações. Foi depois que ela observou tal comportamento, que ela definiu o próprio caráter.

— Vamos nos dividir – ela disse – Michael e eu vamos procurá-la no norte da cidade, você pode procurá-la ao sul.

Kamilla sabia que Ariel tinha uma casa em nome de Escort no sul de Seattle, por isso dividira a forma de buscar dessa forma.

— Dividir? – Mike perguntou olhando para ela com um ar desconfiado e ao mesmo tempo perguntando o que ela estava fazendo.

— Eu sei o que estou fazendo. Samael – ela se dirigiu ao irmão – tome um pouco da minha força. – ela tocou a mão dele e transferiu um pouco da sua energia, ela se sentiria cansada, mas não importava muito. Ela não trairia sua lealdade desse jeito, ela não trairia a essência do seu ser.

— Kamilla?

— Cala a boca, Michael. – ela virou outra vez para Samael que já estava com uma aparência melhorada – Você me disse que falou com Azrael, onde ele está?

— Ele foi ao encontro de Shemhazai. Ele está esperando por ele no apartamento. Ele está com a senhorita Riley e, por isso, ele não pode ficar cuidando de Daniele. Ele tinha que ir salvar May.

— Ele é louco?! Ele foi ao encontro de Shemhazai sozinho? – Kamilla perguntou, entendendo que aquilo só podia significar que ele estava indo direto para uma armadilha.

— Ele não aceitou ajuda, ele apenas pediu-me para avisar Ariel. Depois disso, eu vou voltar para o apartamento, para proteger Daniele.

— Ela está sozinha?

— Sim, mas camuflada. Azrael a colocou em sono profundo.

Aquilo deixava Daniele totalmente vulnerável, e Kamilla sabia, mas não comentou. Michael estava se agarrando a cada sílaba pronunciada durante a conversa, tentando buscar a localização exata da alma remissiva.

— Pode ir, Samael – ela disse – deixe que se encontrarmos Ariel primeiro, avisaremos a ela que estás em sua busca.

— Farei isso.

"Tome cuidado" ela fez a própria voz ressoar na mente do irmão "Ariel não é o que parece, ela deve estar na casa de Escort no sul da cidade, próximo dos subúrbios, uma casa de dois andares com cerca azul".

A imagem mental se desenhou para Samael e ele soube a localização exata. Kamilla sabia que se fosse explicar tudo, seria desacreditada. Todos os anjos tinham quase que uma adoração cega por Ariel, a líder dos anjos. E ela não queria ser aquela taxada de louca. Nem entregar os planos de Michael, se Samael contasse a Azrael que Mike queria Daniele, Azrael com certeza mataria Mike sem dó ou piedade.

Samael, agora recuperado, percorreu a cidade a saltos. Ele estava indo em busca de Ariel.

— O que merda você fez, Kamilla? – Mike estava furioso. Você deu forças para ele procurar por Ariel sem nós. Ariel vai encontrar Daniele antes de nós.

— Eu não já mandei você calar a boca, Michael?

Ele arregalou os olhos, achava que tudo era um plano dela para despistar Samael, que então ela tomaria a localização da velha, mas ela apenas ficou parada olhando-o partir.

— Ele está escapando.

— Eu sei – ela fechou os olhos e respirou profundamente – Michael. Há muito tempo, eu te escolhi. Eu era pura em todos os sentidos, nunca tive uma paixão que me afastasse do criador, e aí você surgiu. Um apóstata que oscilava para o lado do mal. Eu deixei o posto de anjo puro, e eu escolhi você. Me tornei uma apóstata como você, mas Azrael continuou ao meu lado.

— Do que isso importa agora?

— Michael, você não entende? Eu achei que quando você me escolheu tinha escolhido o lado do bem, mas não. O mal nunca te deixou nem por um momento. Eu desci do meu posto para ficar ao seu nível, mas você estava muito mais embaixo e...

— E o que, Kamilla?

— E eu não quero descer mais do que isso.

Mike se aproxima dela e toma o rosto dela nas mãos, beija sua boca e tenta convencê-la de que ela estava errada com os seus atributos.

— Isso quer dizer que não me ama mais?

Ele depositou um beijo na base do pescoço dela, ela tremeu, mas não hesitaria em cumprir o proposito a que tinha sido destinada.

— Eu o amo como nunca, Mike. Mas você não sente o mesmo por mim.

— O que?! – ele se afastou de repente.

— Isso mesmo. Você quer que eu faça um sacrifício supremo por ti, quer que eu traia o meu líder, como você traiu o seu há tempos. A diferença é, que se eu trair Azrael, eu estarei condenada, e você quando traiu Lúcifer, estava salvo. Você quer a minha ruína.

— Você não entende? Suas chances de ser salva são maiores que as minhas.

— Não, Mike, estamos em pé de igualdade. Somos iguais. O problema é que você quer escolher o caminho mais rápido e mais perverso para ser salvo, e eu não o quero. Prefiro esperar a misericórdia de Deus.

— Kamilla...

— Não. – Kamilla deslizou o dedo no chão fazendo uma linha no chão. Queimando o asfalto com o seu poder enquanto falava – esta linha diante de nós, poderá nos aproximar ou nos afastar para sempre. Se você atravessar para meu lado, significa que eu fui a sua escolha, que você se compromete a ser bom de hoje em diante e que eu e você seremos salvos quando Deus julgar que devamos ser salvos.

— Pare com isso, se você fizer isso, não haverá mais volta.

— Eu sei.

— Então pare!

— Não posso, Michael – ela disse – eu preciso saber de que lado está sua lealdade. – ela continuou - Mas, se você ficar do lado que está. Eu saberei que você não me quer. Que continuará firme no propósito do seu coração, e que eu não tenho valor nenhum para ti. Que você vai continuar num mundo de perversidade que só te levará para a condenação final. Por que, se Shemhazai está atrás de Azrael, é por que ele sabe o que Daniele é.

— Não faça isso conosco, Kamilla. São quarenta e seis anos.

— Eu não estou fazendo nada, Mike. Você é que está, e só você pode impedir.

Ela pediu, pediu com todo o seu ser que ele desse um passo para ela, mas quando Mike deu dois passos para trás, ela entendeu. Entendeu que ele não iria mais voltar para os braços dela, nenhum dia.

Michael tentou dar um passo para mais perto dela, mas a linha que ela tinha desenhado no chão, queimou a mão que ele estendia para tocá-la. Isso significava que ele tinha escolhido. Não houveram palavras, não houveram súplicas, ele já tinha escolhido há muito tempo, em seu coração. Ele tinha feito uma escolha silenciosa, ele tinha feito uma escolha de ficar longe dela, mesmo que tudo que ela tenha feito foi mudar para estar ao lado dele.

Mike recolheu a mão que cheirava a queimado agora, esfregando a outra mão boa na pele avermelhada que criaria bolhas depois de algum tempo. Ele fechou os olhos e assumiu a verdade que tinha se revelado. Ele olhou para ela, havia certo pesar nos olhos, mas as palavras dele foram duras.

— Eu lamento muito, não tinha que ser assim. Se me perguntassem se eu amo você, eu não pensaria duas vezes antes de responder que sim, mas eu não posso fechar os olhos para a oportunidade de escapar da minha condenação. Adeus Kamilla.

Ele disse antes de partir e seguir o caminho por onde Samael tinha seguido. Com sorte, Samael já tinha alcançado uma boa distância.

— Eu lamento muito mais – a voz de Kamilla ecoou para o vazio que Michael tinha deixado.

Já não importava mais nada agora. Michael tinha feito sua escolha. Ela não seria má, ela não oscilaria para o pecado. Um dia, Azrael prometeu morrer e matar por ela, e ele já tinha matado por ela diversas vezes. Um dia, Michael prometeu que ela era a vida dele, mas ele mesmo fizera questão de arrancá-la de seu destino.

— Eu estou indo, irmão – Kamilla abriu as asas e se precipitou para o espaço, lágrimas sufocantes escorriam de seus olhos ao ver o seu amor ser arrancado, mas ela não iria vacilar. Ela amava Mike, não restavam dúvidas, mas amava ainda mais a si mesma para se deixar corromper por uma manipulação ridícula.

Ela foi ao apartamento. Estava fraca, muito fraca, mas se havia alguém por quem valia perder a eternidade, esse alguém era Azrael, que já a tinha salvado diversas vezes, e nunca a condenou por quem era. Depois de tudo, depois de tanto tempo, Mike não a tinha escolhido.

SESSENTA E CINCO



Tu tens um medo: Acabar. Não vês que acabas todo o dia.

Que morres no amor. Na tristeza. Na dúvida. No desejo.

Que te renovas todo o dia. No amor. Na tristeza. Na dúvida. No desejo. Que és sempre outro. Que és sempre o mesmo.

Que morrerás por idades imensas. Até não teres medo de morrer. E então serás eterno.

CECÍLIA MEIRELES

— Estou aqui, Shemhazai – Azrael disse quando pousou na varanda que dava para a sala – onde está May?

— Demoraste, Azrael – Shemhazai disse quando viu Azrael entrar no aposento – Nunca vou me acostumar com essa carcaça fraca que escolheste para usar.

— E eu nunca me acostumarei com essa imagem que quer passar. Desde quando essa é tua imagem? Você escolheu se transformar naquele ser grotesco assim que deixaste o céu e corrompeste o teu propósito.

— Me é de muita pouca valia o que achas ou não. E essa humana, não sabia que era tão afeiçoado assim a ela para que a viesse buscar com as próprias mãos.

— Ela é responsabilidade minha. Deixe-a ir.

— Ir? – Shemhazai sorriu. O cabelo louro comprido caindo nos ombros, e o olhar azul ferrenho sobre ele – não até ter o que quero. E, tenha certeza, eu não hesitarei em ir até o final para ter o que quero.

— E o que quer, Shemhazai?

— Aquela que tu vens escondendo de tudo e todos. Especialmente do teu Deus. A alma remissiva, qual é mesmo o nome dela nesta vida? – ele fez um gesto teatral como se quisesse lembrar-se do nome – Sim, Daniele.

Azrael praticamente congelou naquele local. Ele obviamente sabia o que ele queria, mas ainda assim o temor lhe sobreveio. Ele deveria matar Shemhazai, isso sim. Isso acabaria com o propósito dele. Se não fosse por ele ter May nas mãos, ele já o teria feito desde que entrou.

— Onde está ela? – Shemhazai perguntou.

— Onde está May? – Azrael perguntou de volta.

— Percebo que estamos num impasse. Se você não me contar eu mato sua amiga, se me contar, você sabe, eu mato a sua amada. Vamos ver o que o tão bondoso Azrael, o arcanjo cheio de misericórdia, escolherá. Antes que pense em lutar, saiba, o que for infligido a mim, será infligido a elas. Por que eu não estou minimamente preocupado em ter que acabar com um arcanjo antes de acabar com elas – ele gesticulou e a lâmina da espada amaldiçoada reluziu mortalmente entre os dois.

Ele não poderia resistir. Não quando havia muito em jogo. Ele morreria, mas não daria a localização dela. E ele morreria, antes de deixar que May sofresse qualquer dano. Ele precisava pensar, e não tinha tempo para tanto. Ele sabia que Shemhazai teria toda a paciência do mundo.

Shemhazai se levantou e de uma só vez aproximou-se dele socando-o ao rosto e depois no estômago. Ele sabia que Azrael não iria dar a informação que ele precisava, pelo menos não facilmente. Isso não queria dizer que ele não poderia se divertir um pouco. Ao mesmo tempo, sabia que poderia fazer o que quisesse. Pois enquanto Azrael soubesse que May estava sob o domínio dele, ele não tentaria resistir.

* * *

— Samael! – Ariel fingiu surpresa ao ver o anjo a encontrando – O que faz aqui?

Ela ainda não sabia dos acontecimentos, apesar de ter sentido quando uma onda maléfica se espalhou pela cidade. Ela simplesmente recusou-se a aceitar que fosse o que fosse, esta "onda" alcançaria Daniele antes dela e Escort. Ela se recusou a dividir os lucros da caçada com outra pessoa que não fosse o próprio esposo. Ela fez um gesto para que Samael entrasse e o deixou sentar-se antes de ouvir o motivo que tinha levado um dos subordinados de Azrael a ir até a residência pessoal dela.

— O que aconteceu? – Escort perguntou e juntou-se aos dois na sala de estar – bom vê-lo, Samael.

— Ainda não sei, simplesmente acabei de recebê-lo à porta.

— Não creio que trago tão boas notícias a ponto de minha visita ser agradável. Ainda assim, eu deveria trazê-las – Samael disse assim que tomou o copo de água que lhe foi oferecido – é sobre Azrael.

— O que houve com Azrael? – Ariel perguntou, o tom nervoso demais. E se ele tivesse descoberto? O que poderia ser tão grave acerca de Azrael para que ela tivesse a privacidade da sua casa invadida.

— Eu teria que explicar do início.

— Explique – pediu Ariel movendo-se para trás do marido, ficando posicionada atrás dele, enquanto ele segurava sua mão.

— Shemhazai encontrou o apartamento, ele dizimou quinze dos nossos. Eu não sei como ele conseguiu encontrar o nosso abrigo, mas tudo tinha acontecido tão de repente que ninguém se preocupou em pensar nisso.

— Meu Deus! – Ariel quase gritou do espanto, mas em sua mente só se passava uma coisa. Shemhazai tinha pegado Daniele antes dela.

— Não é tudo. Ele estava em busca de Azrael. Porém Azrael não estava lá, como já é sabido. Ele deixou poucos de nós vivos, afinal não éramos interessantes para ele. Desde que levássemos a ele informações sobre o paradeiro de Azrael.

— Ele disse o que tinha a tratar com Azrael? – Ariel perguntou levemente irritada, porém Samael não percebeu.

— Não, ele não disse. Em verdade, ninguém sabe o que ele quer com Azrael. Estão todos desesperados em busca dele.

— E onde ele está agora? Onde está Azrael?

— Foi encontrar Shemhazai. Ele está disposto a saber o que o maldito quer. E é por isso que estou aqui. Ele pediu que eu a encontrasse. Daniele está sozinha, desprotegida.

— Daniele está sozinha? – ela perguntou. Teve que se controlar enormemente para que o sorriso que ela queria dar não fosse exposto ali com todos os dentes que ela tinha.

— Provavelmente sim.

— Onde ele estava?

Samael passou o endereço do edifício onde tinha encontrado Azrael. Em sua total inocência, ele não sabia que planos que Ariel tinha, confiou nela. Mal ele tinha passado o endereço, ele viu a metamorfose que se transfigurou no rosto de Ariel. Um sorriso maléfico se passou por seu rosto, e antes mesmo que ele esboçasse reação, ela já tinha se aproximado dele e enfiado um longo punhal em seu pescoço.

Não se passaram nem dez minutos. Ariel estava voltando para encurtar e acabar com toda a distância que a separava do seu alvo, deixando o corpo de Samael completamente transformado em poeira das estrelas para trás.

Uma hora mais tarde, o edifício tinha sido alcançado. A frialdade de sentimentos era tamanha, que ela nem mesmo se importou em esperar que o elevador subisse os quinze andares que a separavam do seu propósito.

Agora, apenas uma porta podia apartar-lhes duma eternidade juntos. Ariel parecia perdida em sua própria loucura. Ela entrou sem dificuldades no local. Disfarçando sua aura com a manipulação de pensamentos, e agora ela estava apenas uma porta longe de conseguir manter Escort para sempre. Não precisar mais depender do favor de Azrael.

A porta foi aberta sem dificuldade. Em um momento, Ariel e Escort entraram no cômodo. O corpo nu de Daniele estava sobre a cama, apenas coberto por um lençol azulado até a altura do ventre. Assim que ela morresse, Ariel poderia ocupar aquele corpo. Se pelo menos ela soubesse como Azrael podia fazer isso.

— Ela dorme... – Ariel disse – essa maldita esteve o tempo inteiro sob o nosso nariz e nenhum de nós o sabia. Vamos – ela disse firme – temos que fazer isso logo. Shemhazai está em busca dela, bem como Azrael pode vir a qualquer momento.

— O que eu tenho que fazer?

— Tome a lâmina, - ela disse – eu irei oferecer a alma dela em troca da sua e, assim que eu terminar a oração, você deve enfiar a lâmina no coração dela. Tenha certeza que a lâmina atravesse o corpo por inteiro, para que o sangue pingue e a alma dela saia do corpo.

Quando fizer isso, finalmente, o espírito dela estará liberto e você receberá a dádiva em troca da alma dela.

— Certo.

— Pegue o punhal – ela disse, os olhos brilhavam com certa maldade só de imaginar o que aconteceria – posicione-o sobre o coração dela.

— Sim... – Escort agiu nervosamente. Ele nunca tinha matado alguém antes, mas, por Ariel, ele faria.

— Que o teu corpo se desfaça, que o teu espírito descanse, que a tua alma se derrame... Selá!

— Deus seja louvado – Escort selou a palavra com uma adoração.

— Alma que foi corrompida pelo apreço pelo eterno, que finalmente descanses e possas ir ao lugar do teu repouso. Que a palavra viva se confirme, pois nenhum homem vive para sempre. E nem mesmo os demônios serão eternos.

Escort segurou a arma com as duas mãos, preparado para cumprir a ordem que lhe seria dada.

Ariel falava com os olhos fechados enquanto olhava para a jovem com o corpo deitado:

— Que tua sina acabe e o teu destino mude, que o passado se apague e que o amanhã seja virtude. Recebe-a, Pai.

Ariel olhou para Escort e fez um leve aceno com a cabeça mostrando que ele deveria ir adiante. Escort começou a colocar pressão na lâmina pontiaguda.

— Não quebre nenhum osso, a oferta tem que estar perfeita para que ela valha.

Escort concordou.

O fio penetrou a carne com facilidade. A lâmina escorregava macia no corpo jovem e magro de Daniele. Escort continuou fazendo pressão até que a lâmina longa tinha penetrado toda a carne e saíra do outro lado, o sangue, vagorosamente, começou a pingar.

Assim que a primeira gota tocou o chão frio, Daniele abriu os olhos tentando aspirar o ar profundamente. Ela olhou para o peito, e viu a lâmina afundada até o seu limite em si. Ela olhou para o rosto do homem sobre ela, e olhou o rosto da velha Ariel. Ela sentiu um enorme aperto no peito, e então uma dor como nunca antes tinha sentido. Então vieram as

lágrimas, lembranças de todas as suas vidas, lembranças dos momentos vividos ao lado de Azrael, momentos vividos ao lado dos pais, de todos eles, e das famílias em que ela existiu.

Uma névoa escura começou a tomar conta da visão dela, ela não tinha forças para se mover, parecia presa ao colchão pelo peso daquela lâmina, e não sabia como resistir ao sono que se espalhava. Ela tossiu, de leve, e um fio de sangue se derramou dos seus lábios. Então a cabeça dela se recostou contra o colchão outra vez. A mente dela inundada de imagens de todos os seus primeiros beijos, imagens das promessas de amor tantas vezes trocadas, imagens que mostravam a intensidade do amor que Oliver sentia por ela.

Oliver não mais estaria com ela.

Ela não mais existiria? Tinha acabado então?

Os lábios dela se abriram para pronunciar uma última palavra antes que os olhos dela se fechassem.

— Azrael...

SESSENTA E SEIS



Oh, baby, não chore...

Foi apenas um corte,

A vida é bem mais perigosa do que a morte.

CAZUZA

— Não! – Kamilla exclamou quando entrou na sala e viu o estado em que Oliver se encontrava. Chutado, sacudido de um lado para outro, tudo para que ele protegesse o amor da vida dele – solte-o, maldito!

Ela desembainhou a espada e o empurrou para longe, estendendo a espada diante de si enquanto se punha entre Shemhazai e Oliver. Era sabido de todos que Shemhazai já tinha sido atingido pela espada flamejante mais de uma vez, e nunca deixou que a dor causada por ela o abalasse. A dor, na verdade, parecia ser um afrodisíaco para ele, pois ele ficava ainda mais eriçado pelo calor da batalha, e mais perigoso.

— O que temos aqui? Uma apóstata defendendo um arcanjo? – Shemhazai sorriu – essa é nova até para mim, e anote que eu tenho mais de sete mil anos.

— Eu o defenderei com a vida se for preciso.

— Não brinque comigo, criança. É uma diversão, para mim, matar. Talvez você nem entenda o quão prazeroso é para mim ver uma vida se esvair até o último suspiro. Mas, já que Azrael está sendo presenteado com uma reunião de amigas, que tal se você se juntar à festa?

Ele era bem mais forte que ela, Kamilla o sabia, mas ela não iria ficar quieta vendo Azrael no estado em que estava.

— Corajosa, admiro isso – Shemhazai disse – mas, para sua sorte, eu tenho algo bem maior para buscar agora. Isso não significa que quando eu acabar de fazer o que pretendo, eu não vá voltar para extirpar você.

Shemhazai pegou-a apenas com o seu poder, fazendo o gesto para o ar, e levantando-a no espaço. Em seguida, colocou-a na mesma posição em que May estava, perto da parede, presa por grades invisíveis, observando todo o embate entre ele e Oliver. De modo que o efeito daquilo era duplo, tanto Oliver poderia ceder à pressão de ver as duas sendo esmagadas contra o duro concreto, ou elas poderiam ceder à pressão de vê-lo sendo espancado a esmo, pois se Shemhazai não utilizasse a espada, Oliver não iria morrer.

A cena era quase animalesca. Shemhazai já tinha batido tanto em Oliver, que suava. Os nós dos dedos estavam num tom de vermelho, Kamilla poderia jurar que aquilo eram feridas vivas, mas também poderiam ser pedaços da pele das feridas abertas de Oliver. Um dos braços de Oliver estava torto de um modo que mostrava que estava quebrado, uma das mãos tinha sido esmagada por uma pisada e estava inchada e com os dedos quebrados. Um ombro deslocado dificultava a respiração, e os pés estavam trêmulos e esbranquiçados, ela nem mesmo sabia o que era aquilo.

Kamilla temia falar imediatamente que Ariel estava indo atrás de Daniele, pois não sabia o que poderia ocorrer a eles, a Oliver especialmente. Se Shemhazai o soubesse de imediato, iria atrás de Daniele. Ela precisava pensar, pensar muito.

Foi então que todos sentiram. Foi como se um fino lençol que separava a realidade de algo maior tivesse sido rompido. O edifício tremeu quase imperceptivelmente. Tudo mudou, era quase tangível, era frio e perigoso. Oliver, que estava caído ao chão, conseguiu se erguer nesse espaço de tempo em que Shemhazai parou. O corpo totalmente debilitado enfraquecido se sustinha com dificuldade. Foi como se todos tivessem sentido o que tinha acontecido.

A voz de Daniele ressoou no fundo de Oliver e, nesse espaço de tempo, ele soube o que tinha acontecido. Ele entendeu que a mulher que ele tinha amado, não estava mais neste mundo. Azrael queria morrer naquele minuto, queria poder ser humano e acabar com a própria vida, queria acabar com sua eternidade. Queria ter o poder de fazer isso sem precisar se suicidar com a ajuda de um demônio.

Foi como se o coração dele tivesse sido arrancado do peito. Foi como se o mundo tivesse saído de sua órbita e estivesse prestes a colidir com uma estrela morta. Foi como se ele tivesse perdido a vontade de existir naquele momento. Os joelhos fraquejaram, mas ele não conseguia mover um músculo. Ele ficou de pé, parado, olhando para o nada, olhando para o reflexo de suas próprias emoções. Olhando para todo o futuro que se apresentava: um

futuro sem ela. A dor física que ele sentia não se comparava em nada com a dor e o vazio que pareciam estar a ponto de matá-lo sufocado.

Lágrimas sacudiram o corpo ferido dele, e um riso desesperado irrompeu de seus lábios. Ele sentia como se faltasse apenas um passo para ele alcançar um abismo de loucura.

— Agora não adianta mais, Shemhazai. Agora... Agora não há mais pelo que lutar, ela não mais existe... – Oliver falava para ele, mas também para si, para o seu estado miserável.

— Do que está falando? – Shemhazai perguntou, embora ele soubesse que Azrael se referia à alma remissiva. – o que quer dizer com não adianta mais?

— Você sentiu isso... Você sentiu... Eu sei... – as palavras de Oliver eram interrompidas por lágrimas e um choro que insistia em fazer corroer todo o seu ser por dentro – o que você queria... Aquilo que eu mais queria... Alcançaram-na. Alcançaram-na antes de ti. Mataram Daniele... Deus... Mataram Daniele.

— O que isso significa?! – Shemhazai se precipitou para Azrael e o imprensou contra a parede. O corpo de Oliver estava cansado, quebrado, dolorido, mas o verdadeiro ser dele não estava. Ele deixou o casulo que o envolvia e empurrou Shemhazai para longe dele. O corpo de Oliver humano, caiu ao chão, e a partir daquele momento ele seria apenas Azrael. O anjo da morte, o poderoso Azrael, temido por todos, exceto por aquela que tinha partido.

— Foi Ariel! – Kamilla conseguiu gritar, apesar do sufoco da armadilha em que Shemhazai lhe tinha colocado. Ela viu que Shemhazai estava prestes a pegar a sua espada para lançá-la contra Oliver – foi ela quem a matou. Foi Ariel quem matou a sua alma remissiva. Azrael... Foi a líder dos anjos.

Quando Kamilla olhou para Oliver, ele estava com o mesmo olhar de dúvida de Shemhazai, ela explicou.

— Mike e eu ouvimos quando ela planejou matar Daniele em troca da eternidade para Escort. Ela estava indo matá-la, ela tinha o punhal longo de Emerson, contaminado pelo sangue... Eu... Eu quis chegar antes para dizer. Eu... Me desculpe...

— Você sabia?

— Sabia... Mas, eu não fui até o fim. Mike quis me fazer escolher entre você e ele, mas eu percebi que não era apenas entre os dois que eu escolheria, mas entre o céu e o inferno. Eu não poderia me corromper novamente, eu não sou má... Eu o deixei. Eu vim avisá-lo, eu não queria trair você.

— Isso não importa mais, não é mesmo?

— Pelo visto, Azrael, os seus amigos são todos uns infiéis. A sua subordinada te traiu – shemhazai apontou para Kamilla – a líder dos anjos te traiu, e ainda mais uma. Esta humana te traiu – shemhazai finalmente liberou May e Kamilla do aperto do poder dele, e elas duas caíram ao chão. May estava respirando com dificuldade, e finalmente ela ficou livre da mordada invisível que prendia a boca dela.

— Azrael... Eu...

May quis falar, mas foi interrompida por um severo olhar de Azrael no seu corpo glorificado. O corpo de Oliver caído perto da parede, sem vida, era sinal de que ele não voltaria mais para aquele corpo. A raiva que emanava de Azrael começou a se tornar quase palpável, especialmente quando shemhazai começou a contar a história.

— Ora, humana. Não o negues tu, todos nós sabemos o que você fez. Oferecer a localização do abrigo dos apóstatas em troca de eu matar a mulher que ele amava. Tudo que eu não poderia fazer era tocar na vida de Azrael. Isso é ser inocente demais, até para uma humana que se atreve a tentar fazer negócios comigo. A vida de Azrael não me interessa... A alma remissiva sim. Sabemos que Azrael nunca poderia cair da sua hierarquia de arcanjo. Os anjos se tornam apóstatas, os arcanjos não. Matar um arcanjo significaria minha morte certa, os tronos e os domínios viriam atrás de mim imediatamente.

— Não acredite nele, Azrael – May pediu – isso é mentira.

— Se há uma coisa na qual eu sou bom – shemhazai disse – é em mentir, mas, acredite ou não, desta vez falo a verdade. Que eu queime no inferno por isso.

Shemhazai pegou a própria espada e, imperceptivelmente, ele andou até a janela. Ele estava atemorizado. Se Ariel tinha matado a alma remissiva, agora ela tinha a força dela, agora ela tinha readquirido o seu status e poderia matá-lo facilmente.

— Azrael, foi bom brincar com você... Não se deixe enganar, sua culpa te fez achar que eras um apóstata todo esse tempo, mas não. Você é tão arcanjo quanto sempre o foi. E eu, amigo, eu não sou burro.

Ele saltou para fora do edifício e escapou de lá, embora soubesse que não iria muito longe se eles se juntassem para ir atrás dele. Ao final, ele pareceria covarde, mas ele apenas estava se prevenindo. Afinal, ele nunca tinha sentido uma onda de mal tão grande se por sobre o país, ou o mundo.

— Azrael... – May disse enquanto se arrastava para perto dele. Ela olhava o rosto frio, pela primeira vez, de Azrael. Os cabelos dele espalhavam-se ao redor de seu rosto, sua armadura cobria as partes vulneráveis do seu corpo, mesmo sendo o mais forte dos que estavam ali, ele parecia fraco. Via-se no seu rosto e na severidade do seu olhar que ele era um ser atormentado por dentro – por favor, me perdoe. Eu nunca quis fazer isso, eu o amo

mais que tudo, eu estava apenas com medo de perdê-lo... de te perder para ela... Eu achei que era o certo...

Era a primeira vez que May via Azrael em toda sua glória. Era quase como se fogo saísse dele. Era quase como se ela se sentisse ser consumida somente por apreciá-lo. Ela precisava fechar os olhos para não senti-los arder, mas sabia também que o fogo dele era um fogo consumidor. Um fogo que só queimava o pecado, e se ela não poderia olhar para ele, só significava uma coisa, ela estava em pecado, o amor dela sempre foi uma condenação, uma loucura.

— Você... Você me traiu? – era uma pergunta retórica, Azrael sabia a resposta, mas, mesmo assim, quase se recusava a crer – por que fez isso comigo?

— Eu amava você, Azrael. Eu o amo mais que tudo. A simples idéia de perdê-lo para qualquer uma me matava aos poucos.

— É tudo sua culpa, May! – ele gritou dessa vez, e ela pode jurar que as estruturas do edifício foram abaladas – por sua culpa, quinze dos meus irmãos foram mortos; por sua culpa, todo o nosso abrigo está desfeito; por sua culpa, por culpa do seu egoísmo e da sua ingratidão, mataram a mulher que eu amo. A única mulher que eu amo e poderia amar com todo o meu ser e com todo o meu coração.

May abaixou a cabeça, chorando, as palavras doíam demais dentro dela, mas acima da dor, ela sentia medo.

— Eu confiei em você... – Oliver dizia – eu confiei, cegamente, como um louco. E eu não vi a maldade que se instalava em ti. Eu confiei demais em alguém que não merecia um décimo dessa minha benevolência.

— Azrael... – ela se arrastou para perto dele – me perdoe...

Azrael se aproximou e fez um carinho no cabelo dela. Abaixou-se perto dela e olhou na altura de seus olhos. Então tocou com o indicador na testa dela.

Lágrimas corriam dos olhos dela. Muitas lágrimas, por que ela sabia que o tinha perdido para sempre. Fogo começou a lamber o chão ao redor de onde Azrael estava. E quase começou a formar um círculo em volta deles. Kamilla virou o rosto para não ver o que aconteceria, pois estava tão aterrorizada quanto May o estava em ver Azrael em toda a sua raiva. O fogo circulou o braço de Azrael e May continuava a chorar, de joelhos no chão, ela sussurrou para ele com voz partida:

— Eu amo você...

— Mas eu nunca amei você.

Azrael respondeu e direcionou as chamas que o envolviam em um único feixe que atravessou o crânio do corpo de May. A Alma dela foi levada para fora do corpo e então se dissipou no ar, já que ele não a segurava pela mão, ficando perdida para sempre após aquilo.

Azrael permitiu-se então sentir em toda a sua profundidade, a dor de ter perdido sua amada. Daniele, Paloma, não importa o nome que ela tivesse, ele sentiria falta. Tanta falta. Ele estava disposto a cometer loucuras, as maiores loucuras, para tê-la de volta, sempre e sempre, mas agora era tarde demais.

Ele saltou no espaço e contra todas as circunstâncias, se encaminhou para o local onde tinha deixado sua amada dormindo, pronto para despedir-se dela, desta vez definitivamente.

SESSENTA E SETE



A queda dos Anjos. Os seres em conflitos e a nova ordem/

Uma grande força contrária, hierarquias revoltadas atuando em conjunto com a natureza. Cataclismas!

Pelo poder havia sido abusada...

Morrer, renascer, eis nossa primeira extinção!

Observação natural das coisas, um novo brotamento... Um novo Mundo!

KADU COSTA

Cidade celestial, data desconhecida.

— És um tirano! – clamava o líder da rebelião – Não nos dás opção, quando tudo o que queremos é ter uma escolha.

Milhões clamavam ao lado dele, a estrela da manhã, e concordavam em uníssono. Era a primeira vez que a paz no céu estava abalada, os anjos se viam em lados opostos pela primeira vez. Até então a estrela da manhã ainda não era conhecida como nos dias de hoje

é: o pai da mentira. Aquele tempo, os anjos ainda não sabiam o que era mentira, nunca tinham ouvido uma antes, então faziam sentido o que o querubim falava.

Os rebeldes empunhavam espadas flamejantes, espadas criadas para cortar a divisão entre a carne e o espírito. Todos temiam, pois uma vez feridos, são necessários mil anos para restaurar-se.

— Como caíste — Disse Deus do seu trono — Como caiu a estrela da manhã. Esquece-te de quem sou Eu? Esquece-te de quem te criou? — a voz não era calma, mas ainda assim a cada palavra que Ele proclamava, o som produzido era de muitas águas. Relâmpagos e trovoes zuniam de um canto a outro do universo, e os não rebeldes glorificavam. — Como poderia esquecer-me do meu carcereiro? — disse o querubim rebelde.

— Quando eu vi em teu coração, e enxerguei tuas vontades — Disse Deus — eu já o sabia, o que queres não é liberdade, pois já a tendes, o livre arbítrio, o que queres é sobrepujar o meu trono.

— O que quero é libertação — bradou o rebelde.

— E é o que terás — bradou Deus assentado no trono em toda sua majestade, dirigindo-se a todos — todos aqueles que compartilham das ideias de Lúcifer estejam com ele.

Uma marcha aconteceu e um terço dos anjos ficou de um lado do céu, do outro lado, dois terços dos anjos olhavam para seus irmãos.

— São todos eles contigo? Alguém mais?

Ninguém se pronunciava. O único som era o da glória resplandecente de Deus reverberando pelo local como se fossem cristais partindo. Além disso, quase quatro notas abaixo havia corais de serafins que não paravam de clamar diante do trono, em diversas línguas, nem por um momento:

— Santo, santo, santo e justo Tu és".

Com um gesto houve uma ruptura no chão que abriu, o solo de cristal puro da cidade dos céus começou a esfarelar, como vidro temperado, e caía em pequenos fragmentos. Os rebeldes começaram a tentar se afastar da borda que se desfazia, enquanto o outro lado permanecia intacto, o abismo entre eles ficava muito maior. Foi a primeira vez que os anjos choraram, afastando-se deles. Os rebeldes começaram a subir uns sobre os outros na tentativa vã de não escorregar para o buraco negro que se formava e os separava de seu criador para sempre.

Alguns tentavam voltar para o lado de Deus, erguendo os braços e implorando para que seus irmãos anjos ajudassem-nos, mas de nada adiantou, os anjos são designados para cumprir o que Deus lhes dizia.

Os anjos não têm misericórdia.

Quando o chão em que se apoiavam começou a ficar escasso os primeiros milhares de anjos começaram a cair dos céus como os frutos caem da árvore no tempo da colheita. Os rebeldes e os anjos que não caíram entreolhavam-se, os primeiros em total desespero e os segundos em profunda adoração ao criador.

Na queda as penas das asas enegreciam enquanto eles caíam como fogo do céu para a terra. Debatendo-se em vão, os rostos queimando, as penas das asas desfazendo-se em cinzas, enquanto a uma velocidade anormal, ainda maior do que a velocidade que antes eles voavam em todas as constelações, eles caíam na terra.

Alguns deles percebendo a que engano foram levados e sentido um terrível remorso durante a queda, tentaram arrepender-se, em vão. E enquanto clamavam em alta voz por misericórdia aos céus, e misericórdia ao criador, foram ouvidos pelos caídos que seguiriam Lúcifer para sempre.

Alí mesmo, em meio a toda aquela agonia, Lúcifer os desertou.

Não sendo mais cidadãos do céu, e tampouco bem vindo ao grupo dos anjos caídos do líder da rebelião, eles caíam na terra. Sem novo lar e sem o antigo.

A única diferença entre eles era que durante a queda, os rebeldes que não tentaram voltar para os céus, envoltos em enormes bolas de fogo, tinham sua pele consumida, resultando ao final, em seres grotescos, deformados, sem partes do corpo, principalmente sem as asas, mas ainda assim resistentes. Enquanto os que, de algum modo, tentaram voltar para o céu, conservaram sua beleza angelical, e apesar do fogo tê-los machucado, eles estavam se curando rápido. Este grupo de anjos não perdeu suas asas, em vez disso, devido ao fogo elas estavam enegrecidas.

Nunca antes tal tinha acontecido, Lúcifer ainda tentava conduzir sua revolta da terra, informando que isso era obra de um tirano, e que eles conseguiriam recuperar o trono. Enquanto isso tudo acontecia, a única coisa que eu conseguia observar era o local da queda, todos os meus irmãos, muitos agora em feridas abertas, que apesar de estarem doloridas, logo sarariam, e um grupo de anjos que, como eu, mantínhamos nossas asas, todos nós estávamos de pé.

— Vocês — bradou um dos co-líderes da revolta — não tem lugar conosco, a não ser que provem sua lealdade.

E assim eles nos viraram as costas, apesar de termos milhares de anos de irmandade.

Todos éramos novamente crianças, ainda tínhamos força, porque Deus tem misericórdia dos que se arrependem, e nos deixou vida.

O que éramos então?

Eu não tinha ainda como saber, não naquela época. E foi assim que eu nasci. Oscilando entre duas personalidades com características físicas e psicológicas distintas, resultando em um novo reino espiritual, os chamados apóstatas. Mantendo a beleza, a força e uma grande parte das suas características angelicais, mas nem por isso anjos.

Condenados a vagar pela terra eternamente sem lar, tínhamos que decidir entre cometer o primeiro pecado na terra e sermos condenados eternamente, ou fazer pequenos trabalhos para os anjos e levar os humanos em sua última hora, e assim, tentar comprar de volta seu ingresso para o paraíso.

Todos, sem exceção, em busca de uma única resposta:

“O perdão para os anjos caídos existe?”

Não, não existia. Eu sabia que estávamos condenados muito antes de termos caído. Eu era grande, eu era forte. Eu era um dos anjos feitos para o apocalipse, eu também era forte.

— Raabe – eu olhei para minha direita, e eu vi quando Lúcifer vinha em minha direção. Sua beleza extraordinária tinha sido totalmente consumida em sua queda, agora sua aparência grotesca me dava vontade de vomitar, eu tinha ânsias. Ele fedia e enojava a quem quer que o visse.

— Sim... – Eu tinha acreditado nele, eu julguei que Deus era mau, eu julguei que Lúcifer tinha razão no que dizia, que o Senhor queria dominar aos anjos pelo medo, e não pelo amor. Eu acreditei numa mentira, mas eu nunca tinha ouvido uma antes, como eu poderia saber que não era verdade?

— Por que ainda tens essas asas negras? – ele perguntou e só então eu percebi que ainda tinha minhas asas nas costas. Como podia ser? Eu tinha traído Deus, não tinha? Eu tinha escolhido o lado de Lúcifer nos céus. Como eu poderia ainda conservar minhas asas?

Eu estava caindo, caindo. Eu comecei a sentir frio, comecei a sentir medo, eu nunca tinha sentido frio ou medo na cidade celestial. Eu estava ficando longe de Deus, então eu olhei para o batalhão de arcanjos com quem tínhamos guerreado, e eu o vi sofrer pela sua criação perdida. Eu me senti entristecida por ter causado tamanho sofrimento ao criador, fora isso que me tinha transformado numa apóstata durante a queda? Eu me arrependi do sofrimento que tinha infligido a Deus?

Eu ainda lembrava, eu lembrei naquele momento, do momento da minha criação.

— Tu Raabe, serás o anjo da morte. Tu serás o anjo que governa a escuridão e o mar. Muito mais à frente, tu serás utilizadas, quando os humanos caírem. Pois Eu Sou o Eu Sou, e Eu sei que o ser humano cairá, mas Eu é que sei os planos que tenho para eles.

Ajoelhei-me diante do Criador, eu tinha acabado de ser criada. Eu era tão clara quanto um cristal, meus cabelos eram brancos e iam quase até o chão, meus olhos azuis refletiam a glória de Deus, e eu era feita uma de suas maravilhas.

Eu era o anjo da morte.

Eu, Daniele, era um anjo.

Quando Lúcifer começou a articular seu plano, eu me deixei levar pela sua beleza e pela sabedoria que ele aparentava ter, e eu deixei de acreditar piamente no Senhor. Eu deixei que a palavra torpe projetada por Lúcifer, se tornasse um dardo envenenado que entrou no meu coração e ali fez morada. Eu me afastei da glória de Deus.

Eu caí, eu caí como os outros, mas o sofrimento a que Deus foi submetido injustamente, comoveu meu coração, mas eu já tinha escolhido. Quando eu toquei o solo, eu era um anjo alvo e claro, os cabelos esvoaçavam no terreno da queda, e a única parte do meu corpo escura eram as minhas asas. Eu olhei aos céus, eu olhei ao local que eu tinha voluntariamente abdicado e não acreditei que eu tinha feito tão errada escolha.

— Mentiste para todos! – eu gritei e afastei-me do toque de Lúcifer, ele me queria. Ele sabia que eu poderia matar os humanos desde o dia em que fomos criados. Nalgum dos sete dias entre o intervalo da criação do mundo. Ele ouvira as palavras de Deus, por isso ele ainda vinha ter comigo mesmo depois de ter despedido aos outros apóstatas. Ele não tinha a chave da morte, eu tinha. E ele queria concretizar os três alicerces novos sobre o qual sua personalidade agora estava moldada:

Matar, roubar e destruir.

Eu me afastei do toque dele e voei alto, mesmo cansada, para longe. Alcancei o mais alto monte da terra, o mais alto monte criado por Deus e assentei-me no topo do Everest para lamentar minhas más escolhas, o meu mal julgamento.

Acima da minha beleza, estava apenas a do pai e a de Lúcifer, mas agora ele não era mais do que feridas e deformidades, eu tinha me tornado o anjo mais belo dos céus agora, e eu não pertencia mais aos céus.

Vivi com a humanidade, durante os primeiros mil anos de sua existência, e eu vi o quanto, pouco a pouco, eles se corromperam. Eu vi o sofrimento que eles causavam a Deus,

sofrimento semelhante ao que nós – os apóstatas e os caídos – tínhamos causado, e decidi não deixar que eles não machucassem Deus para sempre.

Eu me deixei contaminar pela inveja por ver que Deus ainda os amava mesmo quando ele os desobedecia, e aos poucos, essa inveja foi corrompendo meu coração. Eu deixei que minha mente se formasse moldada assim, e eu decidi extinguir aos humanos que faziam mal ao Senhor. Eu decidi matá-los um por um. E foi assim que eu, Raabe, o anjo da morte, que não tinha perdido meus poderes, me transformei no anjo da destruição e do abismo. Caminhando entre os homens como uma sombra invisível sempre a lhes nublar os pensamentos, eu vivi dia após dias matando aos homens maus e levando-os aos braços de Lúcifer, apesar de não servi-lo. Eu, indiretamente, julgava estar trabalhando para Deus, mas sabia que, no fundo, eu estava trabalhando a mim mesma.

Eu adorava infligir aos homens o mesmo sofrimento que eles causavam a Deus. No final, quando mais eu matava mais má eu me tornava, e eu acabei não percebendo quando eu comecei a matá-los não apenas por Deus, mas por prazer.

Eu assolava a humanidade e causava guerras. Ao longo de quase três mil anos eu causei guerras. Mas, depois, algo me parou.

O que? O que me parou?

Lembro-me. Eu me tornei uma alma remissiva. Um dos apóstatas que assolava a humanidade. E que valiam muito mais mortos do que vivos. Um apóstata que tinha extrapolado os limites da maldade e que, agora, deveria ser morto. Todos estavam me procurando, todos queriam matar-me, eu valia uma entrada nos céus. Todos, especialmente ele, precisavam matar-me, mas, então, ele me salvou.

Por quê? Ele estava desobedecendo a Deus, ele estava se tornando um de nós, e eu não poderia deixar. Ao mesmo tempo, eu sabia que ele faria o que fosse preciso para me guardar. Eu precisava morrer, ele precisava me matar, mas ele não o fez.

Por que, Deus... Por que ele não me matou?

Meu peito começou a arder, como nunca. Eu olhei para o meu peito e eu tinha uma lâmina enfiada nele, eu tinha sangue manchando toda a minha veste e a minha armadura. Eu sofria, eu estava morrendo? Não... Aquela dor apenas me causava sofrimento, não era o suficiente para me matar. Ela doeria muito tempo, mas não era o bastante. Eu tinha que acordar.

SESSENTA E OITO



Lembro-me de ti
Nesse instante absoluto,
A vida conduzida por um fio de música.
Intenso e delicado,
Ele vai-nos fechando num casulo
Onde tudo será permitido.
Se é só isso que podemos ter,
Que seja forte. Que seja único.
Tão íntimo quanto ouvirmos a mesma melodia,
Tendo o mesmo - esplêndido - pensamento.

LYA LUFT

— Ariel! Ariel! Algo está errado! – Escort começou a gritar. Quando a última das gotas de sangue tinha caído ao chão.

O sangue tinha escoado, até a última gota, e agora só um líquido viscoso que parecia água escorria pela lâmina, o punhal estava preso no corpo de Daniele e Escort não

conseguia arrancá-lo. Então, o clima mudou, aos poucos, começou a mudar. Do sangue derramado começou a surgir uma névoa escura que se espalhava aos poucos pelo quarto.

Ariel dava passos para trás, imperceptivelmente. Aquilo não deveria estar acontecendo. A fumaça escura começou a preencher o quarto. O corpo de Daniele foi envolvido pela sombra, foi envolvido pela névoa densa e escura que estava preenchendo o quarto. Os quadros da parede começaram a tremer, o papel de parede começou a descascar caindo no chão. As luzes tremiam e piscavam e tudo começou a ficar excessivamente frio.

— Ariel... – Escort chamou quando percebeu que não conseguia arrancar as mãos do punhal enfiado profundamente no coração de Daniele. O sangue evaporava se transformando numa névoa escura que envolvia a tudo e todos. Invadia o quarto e o escurecia a ponto de transformar o dia em noite.

— Escort! – Ariel gritou quando a névoa escura começou a se condensar e a invadir o nariz de Escort.

A névoa tinha cheiro de enxofre e morte. Ela deixou de ser névoa para se condensar em apenas uma gosma escura que parecia até mesmo a lama de um pântano. Se condensando naquele espaço. Ariel continuou a se afastar, sem perceber, enquanto Escort era envolvido pela névoa densa e escura.

Os braços da escuridão, movendo-se como braços de um molusco, moviam-se de forma asquerosa sobre a pele de Escort.

Ele estava em pânico, os gritos começaram a ficar mais fortes. Onde aquela escuridão lhe tocava, ele sentia uma dor lancinante, como se estivesse sendo submetido a baixíssimas temperaturas por um longo tempo. Ele puxava o braço, tentando se soltar, mas a escuridão já tinha lhe prendido pelos braços.

A escuridão invadia as narinas, os olhos, os ouvidos, a boca, e todos os orifícios de Escort. Ele se sentia engasgar pela lama, a vontade de respirar começava a ficar exageradamente selvagem e ele tentava se debater, em vão.

Os braços da escuridão lhe envolviam e ele começou a ser digerido para dentro daquela zona escura.

— Ariel! – ele gritava chamando pela mulher que amava – Ariel! Por favor, ajude-me! – ele pediu incessantemente, mas ela não parecia lhe dar ouvidos.

Ariel estava com medo, morrendo de medo. Agora ela sabia exatamente o que Daniele era. Ela sabia exatamente o que ela poderia fazer, e estava simplesmente morrendo por dentro de pânico e terror. Ela era o terror na terra, como Azrael pode ter feito isso com todos. Ela imaginava que Daniele era uma alma remissiva, um anjo que tinha perdido a

consciência de si mesmo e que vivia entre os humanos. Mas ela nunca imaginou que ela fosse assim tão poderosa. Ariel achou que o sangue da descendência nephilim seria o suficiente para dizimar a alma remissiva, mas como ela poderia destruir com a morte a própria morte? Somente um poderia... Somente uma pessoa poderia fazer isso e não era ela.

Matar o anjo da morte? Impossível...

Escort observou quando Ariel deixou o corpo envelhecido para trás e estava pronta para sumir, quando ele foi totalmente tragado pela escuridão. Ele tinha fechado os olhos enquanto era destruído. Quando ele reabriu os olhos, ele já estava no inferno.

A névoa escura tinha parado de avançar, Ariel ainda tentava olhar para a forma que aquilo assumiria, totalmente hipnotizada pelo tamanho do poder que sentia emanar da escuridão. Os limites da sombra começaram a se recolher e se juntar e quando todos os cantos escuros tinham se juntado numa única sombra sem forma, exceto pelo enorme e anormal brilho de olhos azuis, uma enorme luz inundou o quarto fazendo Ariel gritar e finalmente conseguir fugir de lá antes que fosse pega.

Raabe abriu os olhos. Olhou para si mesma, estava livre finalmente. Olhou para o corpo jogado na cama e viu o punhal em seu peito. Quem quer que a tivesse acordado, tentara matá-la primeiro.

Ela olhou para o próprio corpo de anjo, tão branco, albino. Ela não tinha um só defeito. Seus cabelos esvoaçavam para todas as direções, seu corpo era puro, nunca fora tocado pela fealdade que cobria os demônios, mas ela conseguia transfigurar-se no terror quando queria matar.

Mexia com o psicológico de suas vítimas e se divertia antes de leva-las. Ela era boa, por essência, mas a maldade caía tão bem nela quanto uma luva de pelica. Ela tinha dormido por quanto tempo? Tudo parecia tão estranho e tão familiar ao mesmo tempo...

Raabe abriu os braços e saltou a janela. Suas asas escuras se abriram e ela ficou parada no céu observando a cidade. Eram muitas mudanças, mas de alguma forma ela sabia que já tinha lidado com todas elas. Ela ficou no espaço e deixou que sua sombra se projetasse sobre a cidade. Onde a sombra tocava, alguma calamidade ocorria. Então, subiu muito mais alto... Bem mais do que poderia. Sentia falta de algo... Alguém... Mas o que?

* * *

Azrael voltara todo o caminho com lágrimas nos olhos. Quando ele entrou no quarto onde tinha deixado Daniele dormindo, viu apenas o corpo dela sobre a cama, displicentemente coberto com uma coberta azulada, e com o punhal que ele tinha tomado de Emerson cravado até o seu limite quase no centro do corpo dela, no espaço entre um seio e outro.

Azrael precipitou-se para a cama e puxou o corpo de Daniele para o espaço entre os seus braços. Ele esmagou o corpo dela com força, tamanha, que ele jurava que poderia parti-la ao meio. Quando as lágrimas já não podiam ser contidas, ele afastou-a de leve, apenas para olhar para o rosto sem vida.

— Meu amor... Me perdoe por tê-la deixado desprotegida... Perdoe-me...

Ele admirava o corpo, mas sabia que era o espírito que importava. Ariel tinha tomado dele aquilo que ele mais amava, aquilo que mais importava para ele abaixo de Deus, e ele tinha acabado com a única coisa que mais tinha amado quando a deixou só enquanto sabia que estavam a buscá-la.

— A culpa foi minha... Minha... Eu jamais deveria ter te deixado sozinha. Eu não poderia fazer isso. Eu não poderia, de maneira alguma, colocar o bem de qualquer pessoa acima do seu, nem mesmo o meu...

Ele apertou o corpo inanimado, sofrendo por dentro. Sua própria aparência era de alguém que parecia ter passado pelo pior em sua vida.

Ele ainda lembrava... Ele se lembrava de tudo...

— Azrael! – a voz de muitas águas abalava todas as potências do céu enquanto falava. Azrael ouvia-a apenas, sentindo um profundo regozijo enquanto Deus lhe falava – desde que Raabe se desviou do seu propósito, ela tem recoberto a terra com um manto de desolação. Por isso te criei, obra primorosa minha, para que venças a maldição que caiu sobre a terra. Para que venças a morte.

— Sim, meu Senhor, eu o farei.

Azrael ainda permanecia com o rosto voltado para o chão.

— Tu és a morte para os homens, o início e o fim dos homens começa em ti, e por ti somente se operará tal feito — O Senhor o disse e os coros angelicais o louvaram e logo silenciaram quando Ele tornou a falar — Tu és o Arcanjo da morte, o único que tem poder para matar a Raabe, o anjo da morte. Tu irás subjugar-la e vencê-la. Que a missão que lhe é dada seja cumprida fielmente até destruí-la, Raabe, a destruição, e então poderás retornar aos céus.

— Eu o cumprirei fielmente, Senhor.

Azrael desceu naquele dia à terra, executou fielmente seus trabalhos, levou os espíritos que deveriam seguir para o descanso eterno, e procurou por Raabe.

O que ele nunca imaginaria, era que ela seria simplesmente a maior tentação contra a qual ele deveria lutar. Ele ainda se lembrava da primeira vez que a vira. Era de conhecimento de todos que Raabe preferia os locais frios da terra, pois neles ela poderia se esconder como se fosse um urso polar camuflando-se em toda a paisagem, mas ele ainda não sabia como ela era até aquele dia.

Azrael viu no meio do frio do Alasca um monte cujos ventos frios congelariam o mais corajoso e resistente dos humanos. Ele sabia que era no topo daquele monte que ela estava. O Everest não tinha sido frio o suficiente para ela por tanto tempo.

Quando ele alcançou o cume do monte, julgou que veria a pior das aberrações, tais quais os demônios de Lúcifer, mas sua mente não acreditou na bela imagem que via. Talvez a expressão "Anjos na neve" tenha surgido por causa daquele momento.

Raabe era a coisa mais preciosa que ele tinha visto. Tão delicada quanto os cristais de gelo com os quais ela brincava como se fosse uma criança descobrindo um novo mundo.

Raabe era a criatura mais adorável do mundo, mais linda que ele já tinha visto no céu ou na terra, e ele teria que matá-la?

Azrael preparou a espada que tinha para ceifar a vida dela, mas então ela percebeu que alguém estava vindo em direção a ela e olhou para ele.

Não há palavras para descrever como o olhar de puro azul que iluminava o rosto dela tocou profundamente o olhar dele. Não havia modo de descrever a impressão que ela tinha causado, do mesmo modo que não havia como descrever o modo como ela olhou para Azrael e não conseguia descrever o que ela sentiu ao notar os olhares dele sobre ela.

— Quem é você? – Raabe perguntou.

Azrael sentiu vontade de fechar os olhos para ouvir a voz dela em todas as suas entonações, era linda, leve e límpida como cristal puro. A morte não poderia ser mais atraente.

— Azrael.

— Eu não conheço você – ela disse e sorriu para ele, mas quando os olhos dela baixaram para a espada flamejante, ela deu alguns passos para trás recuando, temerosa – quem é você?

— Eu o disse antes, sou Azrael...

— Azrael... – ela saboreou a palavra na ponta da língua – você é um arcanjo. E seu nome significa morte. Mas... A morte sou eu...

Ela parecia adoravelmente confusa. Azrael mal podia acreditar que uma criatura tão adorável era capaz das maiores atrocidades.

Raabe observou o homem diante de si. Os cabelos longos e escuros pareciam como o manto da noite balançando-se ao sabor do vento, os lábios dele eram desenhos perfeitos que combinavam com o rosto másculo. O olhar dele tinha um tom de azul celeste como ela nunca antes tinha visto, e o corpo dele era uma escultura como somente Deus poderia ter feito.

— Não... – Azrael pediu quando ela estava começando a se afastar – não temas... Eu não pretendo machucá-la – Azrael sentiu pena de si mesmo ao ouvir elucidadas pelos seus lábios as palavras que ele acabara de ouvir – eu não quero matá-la... Eu não vou matá-la...

Ele se apaixonara por ela imediatamente. Não tinha outra explicação. Todo o seu ser parecia irresistivelmente atraído para ela, e ele não tinha ganas para resistir. Ele sentiu-se, naquele momento, tão sujo quanto os apóstatas, ou mesmo os caídos, desobedecendo uma ordem direta de Deus. Ele olhou para a mulher à sua frente, e ele não conseguiu imaginar uma maneira diferente de vê-la, se não fosse ao lado dele.

— Eu posso salvar-te, eu sou o único.

— Salvar-me? Do que?

Ela também estava perdidamente atraída pelo arcanjo a sua frente. Ela não conseguia imaginar um modo de descrever sua beleza sem que ela precisasse adorá-lo por inteiro. O rosto, o corpo, tudo era perfeito. Inclusive as palavras dele vinham tocar-lhe o rosto silenciosamente como se fossem beijos.

— De matar-te. Mas precisas aceitar ser minha. Então eu terei poder de transportá-la para um corpo puro onde o teu pecado não irá refletir, exceto se tiveres consciência de quem és.

— Um novo corpo?

— Um corpo que passará despercebido pelos que te procuram, pois eu não sou o único.

Repentinamente, essa lembrança, a de que ainda haviam pessoas em busca dela, doeu-lhe o coração como se ele mesmo estivesse sendo atingido.

— Como posso crer em ti, Azrael?

— Tens a minha promessa.

Ela se deixara levar por ele. Ele rodeou a terra, encontrou um corpo puro recém abandonado pelo espírito, e aquela foi a primeira vez que ele a tinha amado. Ela o amava em todas as vidas por causa do amor inicial que se instaurou entre os dois. Não havia meios de mostrar-lhe o quanto ele a amava senão dando-lhe vidas. Vida após vida, ele precisou salvá-la de si mesma, de seu ser interior, de seu subconsciente, sempre latente, que insistia em divergir do que ele pedia. De um subconsciente que nada mais era que a maldade dela se acumulando ao longo dos anos.

Era por isso que a sombra vivia cometendo crimes. Por que o subconsciente dela era a única parte incontrollável que ela poderia ter, e esse subconsciente era a sombra que se projetava dela para cometer as mais terríveis atrocidades contra os humanos. Era quando o subconsciente agia, que ele perdia o controle sobre ela, e somente nesses momentos.

Agora, não havia mais nada a temer. Não havia mais nada a proteger, não havia mais nada a guardar. Tudo o que ele tinha em mãos era um corpo sem vida cujo espírito tinha sido dizimado para tentar comprar a eternidade para o marido de Ariel.

Azrael deu um beijo nos lábios frios e depositou o corpo sobre a cama outra vez. Ela o tinha chamado enquanto morria, ela implorou por socorro e ele não estava lá. Mas não fora ele quem a tinha matado. Só havia uma culpada por ele não ter mais Raabe ao seu lado. Somente uma pessoa. E essa pessoa era Ariel.

E ele iria se certificar de que ela pagasse por isso do pior jeito possível. Azrael era um arcanjo bom, mas sua ira era temível, e agora... Ah, agora Ariel a conheceria.

SESSENTA E NOVE



Guarda-te uma vez dos inimigos e mil vezes dos amigos, porque um amigo poderá vir a ser teu inimigo e prejudicar-te com facilidade.

PETRUS ALPHONSI

Ariel tremia como se não pudesse controlar os espasmos do próprio corpo mais. A mente estava acelerada e perdida num turbilhão. Ela a tinha acordado. O anjo mais temido dentre todos os anjos, mais temido que o próprio Apolion, que é Lúcifer. Ela tinha sido a responsável por acordar a morte do repouso em que tinha sido colocada.

Tudo culpa de Deus, tudo culpa de Azrael, tudo culpa dela...

— Escort... – ela chamou enquanto sentia as lágrimas descenderem de seu rosto de forma absurdamente doloridas – me perdoe...

Ela sabia que para o que tinha feito não existia perdão. Ela não apenas quis que Escort tornasse-se um imortal, ela sabia disso, bem ao fundo. Ela quis que ele se tornasse poderoso, ela queria que ele tivesse o poder da alma remissiva, e, imortal, que ele a ajudasse a dominar os anjos. Ela não poderia lutar contra Azrael, sabia que seria um caso perdido uma luta sem a menor chance de sobrevivência, mas ela ensinaria Escort a ser poderoso e, assim, quando ele tivesse capacidade suficiente, ela derrotaria, através de Escort, o arcanjo da morte, e, com isso, Escort assumiria o seu lugar, sendo o mais poderoso dentre os anjos. Ela seria a companheira do ser mais temido dentre todas as hostes celestiais, e isso tinha as suas vantagens.

Se ela não estivesse presa ao juramento que tinha feito a Azrael, ela já o teria feito por si mesma, mas, como não o podia quebrar, ela arranjará por Escort meios de quebrá-lo.

Azrael tinha sido completamente mau quando lhe prometera apenas mais uma vida ao lado de seu amor, ela estava velha, num corpo sem atrativos, quase sem forças, e Escort jovem era um homem cheio de atrativos. A beleza dele cativava a todas de tal forma que ela, a líder dos anjos e a guardiã da lua se sentia insegura e, sobretudo, vulnerável. Numa posição que poderia ser ocupada facilmente por uma mulher mortal qualquer, e não mais por ela.

Vaidade das vaidades, tudo é vaidade – já dizia a palavra de Deus.

Agora, ela não mais teria Escort. Não mais teria os olhos dele a passear nem mesmo sobre o corpo velho e cansado que ela tinha deixado para trás. Quando Azrael encontrasse o corpo de Daniele, isto se ele sobrevivesse a Shemhazai, ele saberia imediatamente que fora ela a responsável por dar cabo do amor enraizado dele, e ela seria a próxima. Nem o maior dos clamores a Deus poderia livrá-la dos braços do arcanjo da morte quando ele a encontrasse.

Ariel tinha se refugiado na escuridão dum bosque que abrangia um dos limites da cidade. Ela sabia que mesmo que ela tentasse escapar até os confins da terra, ele a encontraria facilmente. Ele sabia que ela não seria a mais párea das adversárias num embate.

Quando um assobio invadiu a escuridão criada nas árvores pela noite e pelas sombras, ela sabia que estava perdida. No entanto, a aura que se tinha instalado naquele espaço, parecia estranha, pesada, fétida... Não era Azrael.

O assovio entoava uma canção pavorosa que ela não conhecia, mas que fazia o seu ser tremer em antecipação. Galhos crepitavam como se fogo os estivessem lambendo, ou ainda parecia que algo muito pesado os estava pisando.

— Eu poderia pensar em mil maneiras diferentes de matá-la, nenhuma delas parece suficiente para descontar todo o ódio que sinto agora.

Quando Ariel ergueu o olhar na direção do som, o assobio macabro parou, e a única coisa que ela conseguiu ver, no espaço de um piscar de olhos, foi Shemhazai em sua armadura se lançando contra ela com a sua espada desembainhada.

— Você a matou! – ele a empurrou com total força contra o chão e apertou o antebraço no pescoço dela de forma que ela tossia engasgando com o peso. A outra mão ergueu a espada, ele procurava com o olhar o melhor local para enterrar a sua lâmina, mas, mesmo contra o peso, Shemhazai ouviu a fraca voz arquejando palavras débeis.

— Ela... Está... Viva...

Shemhazai parou o ato e ficou olhando para Ariel por um longo tempo. A líder dos anjos não parecia minimamente mais forte, não mais do que ela deveria estar quando matasse a alma remissiva. Ele se tinha espantado pelo quão fácil fora alcançá-la e o quão facilmente ele poderia matá-la, por isso, agora as palavras dela faziam total sentido.

Shemhazai afrouxou o aperto, perguntando:

— Ela está viva?

— Sim, viva – Ariel respondeu – ela não foi morta pelo sangue da descendência nephilim... Escort está morto... Ela era...

— Ela era o que, anjo miserável? – ele gritou sobre o rosto dela e ia posicionar a lâmina outra vez em direção ao rosto dela.

— Ela era o invólucro de Raabe...

— Raabe? – ele arfou com a descoberta. Um arrepio percorreu sua espinha, mas ele não iria deixar que ela visse que ele temia – você acordou Raabe?! Além de burra é suicida?

— Eu não o sabia... Eu não o sabia... – ela tentou explicar enquanto ele sacudia o corpo dela enquanto a apertava com o antebraço.

— Como não o sabia, apóstata maldita?! – ele gritou ainda mais furioso – eu tenho ganas de matá-la imediatamente! – ele ia tocar a lâmina na pele do pescoço dela, mas ela começou a gritar ainda mais alto, mesmo ele sendo mais forte que ela.

— Não, por favor... Se me matar, ela irá matar você! Irá matar todos!

— O que está falando?

Ele, dessa vez, afrouxou totalmente o aperto em que a colocava, soltou o pescoço e posicionou a arma de um modo defensivo, e não mais em posição de ataque.

— Eu vi, quando a toquei no meio de um delírio. Eu vi tudo que ela é capaz de fazer, e eu vi o que pode acontecer com quem entra no caminho dela... Eu a vi destruir legiões de anjos em busca de vingança... Eu a vi destruir a ti...

— Isso não é possível, eu sou indestrutível!

— Ninguém é... Ninguém pode vencer a morte... Somente um a venceu.

— Não me fale dEle agora.

— Acredite então, o que falo é verdade!

— E o que viste?

Ariel fez menção de se levantar, e shemhazai permitiu. Quando ela se colocou de joelhos, tocou o rosto de shemhazai e fê-lo olhar no fundo de seus olhos. Shemhazai então fora transportado para a visão que Ariel tivera quando tocou o corpo febril de Daniele.

O cenário era catastrófico. Os demônios estavam sendo dizimados, nenhum tinha força o suficiente para sequer se aproximar do centro da destruição.

Raabe estava em toda a sua glória levitando sobre um monturo de cadáveres. Os apóstatas que tentavam lutar haviam sido consumidos pela escuridão. Onde os veios sombrios que dela se projetavam conseguia tocar, havia morte. O mundo parecia estar em guerra e os humanos, que não eram os alvos, estavam sendo dizimados no meio da guerra.

O olhar de Raabe se tinha concentrado num alvo que tentava se aproximar, era ele próprio, shemhazai.

Um coro de anjos tentou lutar contra ela, mas foram dizimados sem piedade. Um corpo de anjos inteiro foi extinto sem dificuldade, mesmo que fossem os melhores soldados.

Com passos vacilantes, ele tentava estender a espada na direção de Raabe, mas ela o notara antes, e o olhar, de extremo azul, fixo nele foi como uma ordem para que os veios o alcançassem, partindo-o ao meio e engolindo os pedaços em sua escuridão maldita.

Assim que ela trouxe o corpo de Shemhazai para dentro de si, o poder dela ficou ainda mais acentuado e ela deu um grito enormemente aterrador enquanto consumia a cidade em chamas que emergiam de dentro de si num só abraço.

Shemhazai ainda estava gritando quando Ariel o libertou de seu olhar, e por consequência, das visões.

— O que você fez comigo?! Hipnotizou-me? – a pergunta era sem sentido, ele sabia muito bem o que era, apenas queria se apegar a uma nesga de segurança que queria aparecer-lhe.

— Não, de um modo distinto, eu quis alterar o destino – ela disse – eu sabia exatamente o que ela era no momento em que a toquei. Eu não queria apenas que Escort se transformasse num ser eterno, mas que Deus não tivesse qualquer alternativa, a não ser fazê-lo ocupar o lugar dela. As escrituras dizem: a morte é o último inimigo a ser vencido.

— E com isso libertou o pior mal que a terra já conheceu! Eu deveria matá-la se não soubesse que morrerá naquele dia.

— Eu não sei o que devo fazer... Eu não o sabia...

— Mas eu o sei – Ariel ergueu o rosto para olhar shemhazai que se tinha levantado e falava um a um os passos de seus planos – iremos jurar fidelidade a ela. Nós seremos aliados dele.

— Raabe não precisa de nós.

— Não, não precisa, mas ela ainda não o sabe. A terra parece calma, nada além do mal em potencial de sempre.

— Não sentes o manto de maldade que pareceu ter se erguido sobre ela desde que Raabe despertou?

— Eu não sou estúpido, anjo medíocre. Eu sinto exatamente o mal como se fosse um amigo próximo, e não é a isso que me refiro. Digo que ela crê que está sozinha, provavelmente foi ocultar-se nos locais frios da terra. Devemos sentir o centro de onde emana seu poder e então iremos até ela. Faremos um voto de fidelidade.

— E se ela nos matar?

— Se ela nos matar, estaremos apenas adiantando o destino que já parece selado sobre nós.

— O que faremos então?

— Procurá-la. Ajoelhar-nos-emos diante dela e seremos então um só com ela. Ela nos terá do lado de seu exército, e então estaremos do lado dos que vencem.

— Sim... É uma possibilidade!

— A possibilidade perfeita.

— Tem mais...

— O que mais há?

— Podemos usá-la para destruir aos que nos perseguem.

— Quem te persegue?

— Azrael.

— Ah, sim. Ele estava bastante zangado quando descobriu que tinhas matado a amada dele.

— Eu o sei. Mas ela o matará antes que ele me alcance.

Pouco tempo depois os dois estavam cortando a distancia até o centro da maldade. Eles se aliariam, jurariam fidelidade, parecia estar tudo perfeito.

Parecia.

SETENTA



Se me esqueceres, só uma coisa, esquece-me bem devagarinho.

MÁRIO QUINTANA

— Onde está Azrael? – Ariel perguntou.

— Para que queres saber? Não a estou levando para ele. Ele poderia matá-la no estado em que está, completamente consumido pelo ódio.

— E aonde estamos indo.

— Não tema, Ariel – ele disse – se eu quisesse matá-la eu já o teria feito, não crês? O que me impede de matá-la agora mesmo?

— Nada.

— Por isso tens que acreditar que estou do teu lado. Vamos procurar Raabe, como eu já disse, vamos procurar a sua proteção jurando-lhe lealdade.

— Se Azrael nos pegar antes?

— Mulher, pare de ser covarde. Se ele nos pegar antes pelo menos não morreremos consumidos por Raabe para despertarmos direto no inferno. Se Azrael nos pegar, iremos apenas deixar de existir.

— Eu não sei o que seria pior.

— O inferno o seria, eu o sei.

Shemhazai se deixava guiar pelo epicentro de toda aquela energia maligna que o envolvia. Ele sentia o mal de longe, ele sempre tinha dito isso. E, agora, o mal lhe inundava todos os sentidos como se ele estivesse fundo, mergulhado, dentro do mar.

* * *

Michael tinha seguido Ariel desde que ela saía de casa. Como Kamilla não sabia que ele ainda lia os seus pensamentos? Ela julgava-o assim tão mal que não tivesse mais a ligação que se estabeleceu entre os dois desde que ela o tinha aceitado?

Com o endereço de Ariel, ele fora diretamente ao encontro dela. Ao encontro daquele local. Ele viu quando ela saiu com Escort em busca do local onde Daniele estava adormecida. E ele agradeceu intimamente por não ter sido ele o sujeito que acordou-a do seu sono.

Agora, ele sabia, que todos estavam em perigo. Não havia uma só pessoa em quem ele pensasse naquele momento. Ele nem mesmo pensava em si mesmo, ele apenas pensava nela.

Sua amada, sua Kamilla, sua Yehudiah.

Ela não ficaria desprotegida mais nem um minuto. Ela não ficaria mais nem um único segundo longe dele. Quando ele a visse era claro como a água que ela iria golpeá-lo com um enorme "eu te avisei", mas ele não se importava mais. Agora que ele vira o que a ganancia, maldade, ambição, era capaz de fazer aos anjos, ele não queria mais se preocupar com o céu. Por que tudo o que ele mais amava, estava na terra.

Ele não sabia onde Kamilla estava. Até o momento em que ela riscou a linha naquele chão, ele ainda não tinha rompido a ligação. Mas, assim que ele escolheu ficar num local separado do dela, em lados opostos da linha da escolha, semelhante a que tinha sido feita nos céus uma vez, a ligação se rompeu.

Ele nunca se sentira tão só na vida. Não via ou ouvia mais o riso de Yehudiah ecoando em seus pensamentos. A dor era intragável, mas sua ambição fora maior.

Agora ele tinha que encontrá-la apenas com sua inteligência e perspicácia. E ele admitia, baseado em todos os erros que cometera em sua vida, que ele não era um dos seres mais inteligentes do universo. Pelos céus, ele não estava nem mesmo no top cem milhões.

Ele precisava encontrá-los. Ele contaria a Azrael o que tinha acontecido com Daniele, e, por Deus, mesmo que ele tivesse que amarrar Kamilla com correntes eternas, ele a faria escutá-lo e não permitiria que ela se afastasse outra vez.

— A quem estou tentando enganar? – ele lutou contra o próprio sentimento duvidando que ela ainda seria a mesma de quando a conheceu – ela está ferida, eles nunca acreditarão. Azrael irá me matar por saber que eu planejava a morte daquela garota, e ela, Kamilla, nunca vai me perdoar por não tê-la escolhido dessa maldita última vez.

Ainda que ela não o perdoasse, ele não a deixaria desamparada. Ele iria convencê-la de que ele tinha pensado melhor suas escolhas. Ele a amava, era um maldito de um amor condenado, por que ele não conseguia ser bom, e no final dos tempos seriam separados, mas ele não desistiria de lutar esta vez. Ele não desistiria de tentar convencê-la de que, enquanto o fim não chegasse, não haveria na terra algo mais certo que os dois juntos, apesar dos dois juntos ser malditamente errado.

* * *

Ela adorava as estações do ano, especialmente o inverno. Apesar de ser delicada como as flores, ela poderia ser mortal como os mais perigosos venenos. Sua beleza tocante era fria como o gelo, talvez por isso ela sempre tenha se adaptado tão bem em condições extremas. Por que q morte era tão fria quanto poderia ser.

Ela estava na altura acima de um dos prédios mais altos da cidade, acenando levemente de um lado para outro. Enquanto os leves acenos poderiam parecer danças tranquilas, ela imaginava tragédias acontecendo em todo o mundo. Terremotos de altíssimas magnitudes, enchentes, secas, e toda sorte de calamidade que pudesse ceifar as vidas das cidades más e exterminar aos homens maus o que tinha se tornado o propósito de sua vida.

Ela estava tranquilamente vendo o passar das horas quando sentiu que estavam aproximando-se dela. Quando, do alto, Raabe olhou para baixo, ela viu dois antigos anjos se aproximando dela.

— Raabe, permissão para lhe falar, oh grande dama – a mulher falou num tom afetado que ela não conseguiu interpretar de imediato. Ela não gostava do tom que ela utilizava para referir-se a si mesma, parecia maldade, parecia falsidade.

— Quem sois vós que ousais interromper o meu descanso? E quais vossos nomes?

— Eu sou shemhazai – ele disse – sou o demônio que assola ao meio-dia. Eu busco vingança pelos meus filhos perdidos, e o tenho feito desde que consigo me lembrar. Eu mato os demônios que fazem pecar a humanidade, adiciono á minha alma suas forças e tenho me tornado temido desde então.

— E como matas os demônios?

— Mato-os com minha espada. A espada manchada do sangue dos meus filhos.

Raabe começou a descer da altura em que estava para aproximar-se deles. Suas asas negras enormes espalhando-se por todas as direções e os cabelos esvoaçando para o deleite do vento. Seu olhar quase transparente de um azul cristalino focou no anjo ao lado dele.

— E essa? Quem é?

— Essa, minha senhora – shemhazai retomou a palavra – é uma traidora.

Ariel que ainda não tinha pronunciado uma única palavra desviou finalmente o olhar para ver shemhazai posto atrás dela. Ele estava com a espada estendida em sua direção.

— Ela, minha senhora – shemhazai continuou a falar – foi que arquitetou um plano para matá-la enquanto ainda estava adormecida. Ela e seu marido a quem a senhora destruiu – shemhazai sorriu – mas eu a capturei, minha senhora. E aqui estou para sacrificá-la como prova de minha fidelidade.

— Isto é verdade? – Raabe perguntou a Ariel.

Ariel viu quando os veios escuros começaram a sair de seus cabelos e das pontas de seus dedos. Ela viu quando os veios começaram a apontar na direção dela enquanto Raabe ficava impaciente.

— Sim, senhora – Ariel teve que confirmar. Ela estava entre a cruz e a espada. Ou ela morria pelos veios de Ariel, ou morria pela espada de Shemhazai. Nenhuma das mortes parecia minimamente agradável – mas eu não sabia quem tu eras... Eu apenas conhecia o involucro na qual estavas escondida...

A maldita e covarde iria estragar os seus planos!

Shemhazai puxou-a pelos cabelos e encostou-a ao seu próprio corpo enquanto deslizou o fio da espada no pescoço de Ariel. A morte era fácil. Ariel estava desacostumada a lutar e estava fraca. Mal ele cortou um centímetro da pele e o corpo dela se desfez por inteiro para uma nuvem de areia e poeira.

Raabe sorriu com o gesto. Ela mesma estava prestes a se precipitar para aquela que agora não passava de um vazio no espaço tempo.

— Minha senhora – shemhazai se ajoelhou diante dela – infelizmente, nós não estamos sozinhos. Ainda há mais que buscam tirar tua vida.

— Quem ousaria brincar de tal forma com a morte?

— Azrael – shemhazai testou a palavra, vendo se ela ainda tinha lembranças dele. Como ele suspeitava, ela não esboçou reconhecimento ao nome ou a menor das reações – ele é o arcanjo criado por Deus assim que a minha senhora descobriu que era suficiente a si própria. Ele é conhecido como o Arcanjo da morte. É muito forte, e fora ele quem estruturou o plano com o anjo recém-dizimado para destruir a ti, grandiosa.

— Muito corajoso este anjo – ela falou com sua voz maviosa – e já o mataste também?

— Sou fraco demais para tal ato, minha senhora, por isso vim avisar-te dos planos de Azrael. Ele pretende tirar-te a vida sem piedade, apenas para cumprir um desígnio divino.

— Ele pretende matar a própria morte? Ninguém é capaz disso.

— Ele diz ser.

— E onde está este que ousa ultrajar-me com tais palavras. Ele me desmoraliza diante dos meus irmãos e inimigos? Não sabe ele que eu mesma poderia destruí-lo apenas com a minha vontade.

— Eu o sei, minha senhora. E por isso estou diante de ti. Pois quero prometer-lhe minha lealdade. Eu estou diante de ti – ele deixou cair a espada – desprotegido, e estou aqui para provar como queiras que eu estou ao seu lado, e que eu a adoro como minha líder e senhora.

— Queres provar tua lealdade para comigo?

Ela o avaliou por inteiro. O sujeito parecia ardiloso, mas ela não tinha porque duvidar dele. Ele era fraco, ela poderia matá-lo caso ele tentasse traí-la, mas, se ela tinha um anjo que seguia os desígnios de Deus e buscava destruí-la, ela sabia que ele sim era capaz de cumprir aquilo para o qual tinha sido escolhido. Ela não iria permitir viver sabendo que alguém com o poder da ordem e da Palavra dada por Deus a estava buscando para matar.

— Tudo o que mais quero, minha senhora.

— Então me leve até ele. Leve-me até Azrael. E por mim mesma eu juro, que eu morra se não destruí-lo com as minhas próprias mãos.

SETENTA E UM



Às vezes, com a pessoa a quem amo, fico cheio de raiva. Por medo de estar só eu dando amor sem ser retribuído; agora eu penso que não pode haver amor sem retribuição, que a paga é certa, de uma forma ou de outra. (Amei certa pessoa ardentemente e meu amor não foi correspondido, mas foi daí que tirei estes cantos.)

WALT WHITMAN

Agora, que tinha perdido a ligação, Mike não conseguia sentir onde Kamilla estava. Tudo o que ele queria era alcançá-la, levá-la para longe da cidade, afastá-la do local onde tudo iria acontecer para que ela tivesse uma chance de sobreviver. Ele morreria por ela, se fosse necessário, dessa vez ele escolheria o certo. E mesmo que o céu fosse calmaria demais para ele, ele não se importaria de lutar um tanto mais para alcançar a salvação e ficar ao lado dela depois do dia do juízo.

Ele não tinha asas, ele não voava. Ele era diferente dela. Era a mais baixa classificação de anjo que já existiu. Não apenas pela sua hierarquia, mas por que, num dia decisivo, ele sucumbiu à própria vontade e não escolheu o certo.

Agora, Michael precisaria correr contra o tempo para salvar o anjo que amava. Yehudiah, o nome que ela odiava, mas que caía adoravelmente bem nela, não poderia ser apagado da existência.

— Vamos, Michael... Pense, Michael... Pense... – ele se forçava a pensar onde ela poderia estar. Aquela sensação de ver-se longe dos pensamentos dela, depois de quase cinquenta anos juntos, era simplesmente desoladora. Se algum dia ele se sentiu só no universo, foi aquela quando eles se separaram em lados opostos um diante do outro. Nem mesmo quando ele estava longe dela durante a queda, ele sentiu ser afastado assim de algo que parecia essencial à sua vida.

Ele ia, á toda velocidade que era capaz, percorrer as ruas de Seattle. O primeiro lugar que ele iria procurá-la, era o apartamento de Ariel, claro, era a primeira opção viável.

Mas, num momento, num desses instantes em que tudo parece mudar, ele olhou muito rapidamente passar ao lado dele a imagem de sua amada. Ele conteve o voo e pousou no meio de uma das ruas do centro de Seattle. Alguns carros pararam e ele quase causou um acidente entre um táxi e um ônibus, mas ele não se desviaria do foco. Era Kamilla. Ele iria buscá-la e colocá-la à salvo, nem que ele precisasse amarrá-la, mas ele a levaria para longe e depois faria que ela o aceitasse novamente.

As pessoas nas ruas tiravam fotos do homem alado. As asas negras se espalhavam por quase quatro metros de uma ponta a outra. Se ele ainda fosse um anjo, as pessoas não conseguiriam contemplá-lo daquela forma por tanto tempo sem serem consumidas pela glória resplandecente que ele emitia.

Michael correu para a direção onde ele a tinha visto, um espaço de distância para trás, e viu quando ela entrou numa das vielas entre dois prédios comerciais. Cada vez que ele se aproximava, ela parecia ir para mais longe.

Num dado momento, ela saiu para a rua seguinte e foi em direção à um prédio onde funcionara, um dia, um estacionamento. Apesar do fato de estar vazio e ser um ótimo local para se esconder, não havia um fator forte o suficiente para justificar o modo languido que ela caminhava pelas ruas enquanto ia até o local. Como se estivesse resignada.

Michael a seguiu até dentro do edifício. Ela subiu alguns lances das plataformas para acesso. Os cabelos dela esvoaçavam ao redor do corpo e ela vestia aquele maravilhoso vestido branco que deixava Mike louco, mas, ainda assim, a cena era estranha. Ele apenas não sabia explicar exatamente a razão.

Ela parecia estar disposta a subir até o último andar do estacionamento, mas então, quando alcançou o penúltimo andar, antes de virar-se para subir a plataforma seguinte, ela parou.

Colocou as duas mãos no coração e então ficou parada, os ombros começaram a tremer e ela abaixou o rosto e foi como se estivesse chorando.

— Yehudiah... – ele chamou, recolhendo as asas e se aproximando aos poucos, estendendo a mão para que ela parasse.

Se ele a chamasse de Yehudiah novamente, aí sim ela nunca o perdoaria.

— Kamilla – ele chamou-a outra vez – o que houve? Por que está aqui? Eu a procurei tanto... mas tanto...

Ela continuava chorando, ainda de costas para ele. E ele dava passos leves para se aproximar.

— Eu não queria magoá-la... Eu... Eu me arrependi, Kamilla. Eu não quero mais brigar. Eu estou disposto a tomar ferro derretido se isso for te mostrar que eu estou arrependido. Por favor, olhe para mim...

Kamilla virou-se aos poucos. A mão, que Michael julgou estar sobre o coração dela, na verdade estava segurando o próprio pescoço de uma forma estranha. Quase como se ela segurasse alguma coisa ali, e as lágrimas eram de um choro terrivelmente triste e desesperado.

— Mike... – ela falou num tom sufocado por um aperto que ele não via – Mike... Você... Está... Aqui...

— O que aconteceu? O que há com você... Eu estou aqui, venha para perto... – ele pediu.

Mas, logo que ele quis dar mais um passo para perto dela, esperando que ela fizesse o mesmo. Um som estranho ecoou pelo estacionamento vazio – o barulho de uma espada sendo desembainhada. Quando Mike procurou a origem do som, não precisou se esforçar demais para perceber o que aquilo era.

Shemhazai surgiu então, quase como se estivesse se materializando, logo atrás de Kamilla. Uma mão prendia o pescoço dela, sufocando-a aos poucos, e a outra mão segurava a espada em posição de combate, para que Mike não tentasse dar uma de louco e pensasse em lutar.

— Olá, Michael – Shemhazai falou com um riso cínico no rosto – eu ainda me lembro de ti quando tu eras um anjo de guerra, agora não passas de um farrapo coberto de rabiscos.

Michael tinha milhares de respostas na mente, mas todas morriam antes de chegar à ponta da língua simplesmente ao ver Kamilla daquele modo – subjugada pelo mal, logo depois de ter tentado apenas resgatar ao irmão.

— Solte-a, não é a ela que você quer. É a mim, todos sabemos que você não mata anjos.

Shemhazai apertou ainda mais o frágil e moreno pescoço de Kamilla com seu forte braço, Mike engoliu em seco ao ver que ela sentia dor por isso. Ele faria qualquer coisa para parar aquela dor.

— Eu até não matava anjos – shemhazai disse – mas, tão certo quanto minha entrada no inferno é garantida após o julgamento, eu aprecio muito fazer que doces e angelicais morenas de cabelos longos se tornem poeira – ele beijou a testa de Kamilla e ela protestou sob a textura dos lábios dele.

— Solte-a! – Mike gritou a plenos pulmões, o horror de vê-la ser tocada por alguém que não era ele, encheu-o de um ódio incompreensível e ele ia se aproximar ainda mais, preparado para morrer por ela se necessário, mas Shemhazai bateu de leve com a ponta da espada no chão do edifício e o concreto cedeu. Blocos de concreto racharam e começaram a cair. O peso de um bloco caindo derrubando o bloco logo abaixo deles. Até que os pedaços alcançaram o térreo amontoados uns sobre os outros.

— Não esqueça que ela não está mais ao seu alcance, você mesmo colocou uma separação entre vocês dois.

Ele não tinha como saber isso, ele nem mesmo estava presente, estava? Não importava, não importava mais. Ele tinha feito uma escolha naquele dia, mas, mesmo separados, ele soube que se ainda tinha alguma coisa boa dentro de si, essa coisa boa sempre pertenceria a Kamilla.

— Despeça-se dele – shemhazai ordenou largando Kamilla ao chão, fazendo-a quase cair da beirada do espaço vazio que fora construído entre eles – é a última vez que o vê.

— Não... – Kamilla disse quando Mike abriu as asas para se aproximar dela – não faça isso, ele matará a nós dois...

— Kami...

— Não, Mike... – ela disse chorando, em desespero enquanto shemhazai alisava a lamina da sua espada – é o fim, é o fim para nós, é o fim para todos...

— Não, não é...

— Eu não quero que lute... Eu apenas quero que saiba, eu o amo. Eu o amo mais do que qualquer coisa na face da terra ou na face dos céus. Eu o amei desde o primeiro momento. E... E eu serei eternamente sua, mesmo que não passemos de pó entre as galáxias.

— Não... Não diga isso – Mike estava dividido entre obedecê-la e provar sua lealdade, e ter mais alguns momentos contemplando o rosto que mudou as escolhas dele, ou tentar lutar e ser dizimado junto a ela, um nos braços do outro.

— Viva, Mike... – ela falou como se ainda lesse os pensamentos dele – não há razões para lutar quando tudo está perdido. Viva... Apenas diga, meu amor.. Diga que é meu, diga que sempre será meu...

O peito dele se apertou e um bolo se formou na sua garganta. Ele sabia que era o fim para ela, mas ele mesmo trataria de socar o rosto de shemhazai antes de ele morrer.

— Eu sou seu, Kamilla. Minha Yehudiah, eu sempre fui seu.

— E eu sou sua, Mike...

A voz de Kamilla, repentinamente, começou a falhar. Quase como se fosse uma gravação. O espaço vazio que tinha se formado entre os dois começou a se reestruturar, e era como se ele nunca tivesse sido destruído.

O "eu sou sua, Mike..." ficou ecoando na cabeça dele, cada vez mais rápido, até tornar-se apenas um zumbido irritante e agudo em sua mente. Ele caiu de joelhos apertando a cabeça entre as mãos. O som estridente o deixava tonto. Era como se o som tivesse se tornado um barulho incisivo e agudo que perpassava a mente dele de um lado a outro.

Em seguida, o som de riso. Shemhazai ria, e um outro som conhecido também. Era o riso de Kamilla. Ela estava rindo. Rindo como se achasse graça do sofrimento dele.

— És muito mais tolo do que pensei – Shemhazai disse e ele começou a desaparecer – não achei que seria tão fácil te fazer jurar lealdade. Sua mente é tão fraca e fácil de manipular, não me surpreende que tenhas entregado tudo que precisávamos de modo tão sem esforço. Michael... Michael... Michael... Não serves mesmo para ser anjo, demônio, ou apóstata. Para isso, falta-te inteligência.

Kamilla também começou a ser engolida por uma onda escura. O edifício começou a ser coberto por todas as suas paredes com uma sombra escura, tudo parecia estar sendo engolido pela densa nevoa, quando ele viu surgir, da escuridão avassaladora que ecoava os risos de shemhazai e os de Kamilla, e agora um novo riso, um riso doce e cristalino como água limpa emanando da fonte.

Mike tentava enxergar naquele escuro, mas assim que o olhar dele finalmente conseguiu focar em algo, foi um olhar de extremo azul, como o céu sem nuvens, se aproximando dele à toda velocidade.

SETENTA E DOIS



Combater e morrer, é pela morte derrotar a morte, mas temer e morrer é fazer-lhe homenagem com um sopro servil.

WILLIAM SHAKESPEARE

Os seis de Azrael se juntaram a ele. Os sete benevolants remanescentes dos doze originais estavam ao lado dele. Todos voltaram para seu líder assim que sentiram a maldade povoar a região como se estivesse se reproduzindo numa velocidade anormal.

Azrael ainda não sabia contra o que estava combatendo, e ele não poderia, de forma alguma, combater algo que não conhecia com os seus irmãos, não quando eles poderiam estar em risco.

Aquela altura, ele ainda sofria com a idéia de uma eternidade sem Raabe. Sem ver o sorriso dela em uma das muitas versões dela que ele a tinha amado. Agora, Ariel ainda teria o poder dela. O poder de Raabe, adormecido desde os três mil anos antes de Cristo, acumulado ao longo dos milênios, corria pelas veias de uma traidora. Ele iria matá-la, mas ele não poderia colocar seus irmãos em risco. Não poderia e não o faria.

Sua resolução era firme. Agora ele não tinha mais por quem lutar, ele não tinha mais como tê-la entre os seus braços outra vez.

Ele sempre amara Raabe, isto desde a primeira vez que a viu. Ele nunca imaginou que seria tocado por um sentimento nobre que iria atraí-lo para um espírito que era pura maldade. Ele sabia, ela o amava também, mas o amor deles era apenas ruína.

Onde o anjo e o arcanjo da morte dançavam, todos os passos que davam juntos era para a destruição. O amor deles era impossível quando estavam juntos, e agora era muito mais impossível enquanto estavam longe. Ela tinha sido reduzida a pó e depois a nada.

— Então ele tinha arquitetado tudo? – ele perguntou depois de ter ficado um tempo em silêncio, ele nem tinha percebido que ficara tanto tempo apenas perdido em pensamentos, até que Kamilla pôs a mão sobre os seus ombros.

— Eu lamento, deveria ter percebido que ele nunca negaria a maldade que eu vi nele no primeiro dia. Eu apenas me surpreendi, também, com a demora que ele teve para trair-nos.

— Não, Kamilla. Ele não te traiu, ele traiu a mim.

— Não, Azrael. Ele teve escolha, eu dei escolha a ele. Ele não me escolheu.

— Ele já tinha escolhido há muito tempo, Kamilla, desde os céus. Desde a separação inicial, ele já tinha escolhido.

— O que devemos fazer? – um dos seis de Azrael perguntou. Eles estavam prontos para lutar, mas Azrael sabia bem que um anjo não tem chances de sobrevivência se lutar contra alguém que tenha adquirido tamanha força.

— Eu... – Azrael não sabia o que ele deveria fazer, pela primeira vez, em tempos, ele não sabia o que deveria fazer, ainda muito abalado pela perda recente.

Azrael levantou-se de perto do cadáver do antigo ele. Oliver, totalmente massacrado pela luta com Shemhazai, e lamentou que não o pudesse, dessa vez, entregar o cadáver para ser entregue. O que os familiares, os médicos legistas diriam quando pegassem o corpo naquele estado?

Todos os anjos temiam apenas duas coisas, a morte e o inferno. O equilíbrio parecia perfeito, mas, quando Shemhazai fez um voto com o sangue da descendência nephilim de acabar com todos os demônios, todos julgavam que ele acabaria apenas com estes. E que isso seria o melhor para a terra. Mas, a medida que o tempo passava, ele mesmo acabou se tornando um daqueles que ele tentava matar. Depois que ele começou a dizimar aos outros que simplesmente entravam em seu caminho, ele gostou da sensação de falso poder, e decidiu querer elevar-se a si mesmo a uma categoria que não existia antes. Como se fosse uma espécie de exterminador.

Ele tinha sentido a onda de maldade, ele deve ter sentido quando Ariel ficou em extremo poderosa.

Um barulho como de uma enorme ave pousando desajeitadamente na sala de estar fez que todos ficassem em guarda. As asas pretas não confundiam, aquele era o apóstata maldito que negara a Kamilla, e que intentara ser o primeiro a matar Raabe.

Os benevolants fizeram uma formação para proteger a Azrael, e seguraram Michael quando ele se apressou para ir até Azrael e a sua irmã.

— Eu preciso falar com Azrael – Mike começou a se debater enquanto tentava escapar do muro de contenção feito pelos seis. Seis benevolants foram necessários para tentar conter Mike em seu desespero.

— Soltem-me! Soltem-me! -

Os anjos não o libertariam se Azrael não intervisse, e foi exatamente o que ele fez. Apesar de todos julgarem que ele o fazia por bondade, Azrael apenas queria poder dar-lhe uns bons socos e lhe infligir pelo menos um pouco de dor antes que ele o liberasse.

Matá-lo não era tarefa dele, mas quebrá-lo inteiro era uma tarefa que ele poderia facilmente assumir. Mal Mike o olhou ao rosto, Azrael perdeu controle de si e avançou para cima dele. Pegando-o pelas alças da camiseta, ele sacudiu o corpo dele para frente e para trás gritando sobre a falta de fidelidade para consigo.

— Eu ajudei você! – Azrael gritou e empurrou o corpo de Mike contra a parede, desferindo um soco em seguida no seu rosto. Ele não queria ouvir explicações, ele apenas queria que a dor que ele sentia saísse dele, mesmo que fosse socando aos outros.

— Pare! – Michael pedia – eu vim... Dizer – cada sílaba era interrompida por um golpe nele.

— Você quis matá-la! Você quis acabar comigo, agora eu vou acabar com você!

— Ela já está morta, Azrael – os benevolants tentavam impedi-lo, mas ele não queria ouvi-los.

— Pare, por favor, Azrael – Kamilla pediu –se alguém tem que matá-lo sou eu.

As palavras não queriam fazer sentido dentro da mente dele. Ele estava projetando a raiva dele por tê-la perdido, ele sabia, mas ele não iria parar enquanto não visse o rosto de Michael totalmente desfigurado.

Tudo seria mais fácil se Michael reagisse, muito mais fácil, mas ele apenas ficava recebendo os golpes, não resistia, não revidava, não dava uma única desculpa para que ele pudesse matá-lo de uma única vez.

Azrael apertava-o com as próprias mãos, mas, baixo como se fosse o sussurro das almas perdidas durante a passagem.

— Ela está viva...

Azrael não acreditava que ela poderia estar viva, mas também queria apegar-se a qualquer esperança.

— O que?! – como se só as palavras pudessem tê-lo contido, Azrael parou o movimento e ficou esperando que Michael continuasse a falar – explique-se, do que está falando?

— Raabe, ela está viva. Escort morreu ao tentar conseguir a eternidade, Ariel também está morta.

— Quem os matou?

— Raabe matou a Escort. E a Ariel, matou shemhazai.

Azrael soltou-o definitivamente. Ele deu alguns passos atrás e viu o rosto de preocupação em seus irmãos. Todos eles pareciam estar prestes a entrar em colapso ao ouvir o nome de Raabe. Todos estavam com medo.

— Onde ela está?

— Shemhazai se aliou a ela. Eles querem lutar.

Azrael passou as mãos na cabeça, frustrado. Por conta de toda a luta, sua aparência era de visível desalinho, mas isso não o preocupava por enquanto. O verdadeiro problema que ele teria que enfrentar agora era Raabe estar viva. Poderosa e fora de controle, ela era mortal para qualquer um que entrasse em seu caminho.

— Como sabe disso tudo?

— Por que eu desisti de matá-la quando vi o que ela realmente era. Talvez eu o tenha feito algum tempo antes, sem o saber. Eu só queria voltar para Kamilla e me arrastar igual a um condenado para que ela me perdoasse.

— Pouco me importa o que você fez. Onde ela está?

— Eu posso levá-lo até ela. Eu sei onde ela disse que iria esperar. Eu só estou vivo por que ela permitiu que eu saísse para que o meu espanto causasse temor em todos. Ela não lembra de você.

— Eu não a temo – Kamilla interveio – eu não me importo em lutar até o final.

— Não, Kamilla, você não vai lutar. Eu vou enfrenta-la sozinho.

— Mas, Azrael – ela falou com uma voz teimosa, mas, ao mesmo tempo, ela sabia que ele não iria ceder.

Azrael virou-se para todos se falou como se soubesse que seriam suas últimas palavras. Raabe era forte. Ele ainda não a tinha encontrado nesta vida, ainda não a tinha feito aceitar-lhe, e isto imputava nele a sombra do esquecimento.

Os dois eram oponentes quase igualitários. Um tão forte quanto o outro. A única desvantagem que Raabe tinha para com Azrael, era o fato de ela ser apenas um anjo. Isso a tornava mais fraca, mas a maldade dos atos que ela tinha acumulado durante as eras se acumulava até os céus e essa maldade a tornava forte. A desvantagem de Azrael para com ela, apesar de ele ser um arcanjo, era que ele era terrivelmente apaixonado, e preferiria mil vezes a morte a ter que matá-la. Sempre fora assim e não mudaria tão cedo.

Por isso, neste embate, os dois precisariam estar acompanhados apenas um do outro.

— Irmãos, por que eu vos tenho assim – Azrael disse enquanto andava diante de cada um, apoiando seus braços, tocando seus rostos como se fosse um pai olhando para os filhos, e não um capitão com o seu exército, ele os tinha como parte dele, por isso ele não os queria perder tão facilmente – eu não pretendo leva-los ao ledão engano de que esta luta pode ser vencida. Eu estou prestes a enfrentar a pior inimiga que poderia ter, pois é também a mulher que amo. E estaria disposto a morrer por ela, sem combater-la, se não soubesse que a minha abstenção significaria vossa ruína.

Os benevolants apenas ouviam-no, quietos. Aquilo era realmente uma despedida? Soava tanto como um adeus, como se ele soubesse que não viveria com a certeza de que ele poderia matá-la.

— A tarefa de combater-la foi dada a mim, e esta mesma tarefa que eu venho constantemente vilipendiando, acabou por tornar-se maior do que aquilo que eu poderia cumprir. Se me perguntassem, porém, se eu ainda tivesse uma oportunidade de colocá-la num corpo para controlá-la e adiar ainda mais a morte dela, eu o faria. Posso estar soando o mais miserável dos egoístas, mas eu a amo, e sei o quanto ela me ama, e sei que ainda existe algo de puro nela como existiu e existe em nós. Uma criatura que ainda conserva tamanha beleza dada por Deus, não pode ser má.

— Ela o é, Azrael – Kamilla disse-lhe – eu sei que dói, mas precisas aceitar o fato de que seu amor não poderia remi-la para sempre. Mesmo que tenha escondido isso de todos nós, nunca o escondeu de si mesmo. Eu sei que não hesitará em terminar com isso tudo quando for preciso.

— Sim, eu terminarei com tudo – Azrael disse e olhou para o horizonte por detrás das janelas quebradas do apartamento – vocês estão dispensados de suas atividades a partir do dia de hoje. Que o Senhor lhes dê trabalho e possa honrá-los por sua lealdade, e que ele sempre se lembre daqueles que foram perdidos.

Àquele ponto, Kamilla já estava em lágrimas. Ela não queria afastar-se. Mesmo que as coisas tivessem sempre parecido mais um respeito sincero entre os dois, também havia amor. Não um amor como o que ela conservava para com Mike, mas um amor diferente, um amor como se ela tivesse sido feita de uma parte dele. Ele era um irmão para ela, um irmão dedicado, e ela sempre tentou fazer o mesmo, errando apenas uma vez. E agora, na iminência de perdê-lo, ela sentia como se uma parte de si estivesse sendo arrancada.

— Eu vou... – ela disse um tom choroso – e não adianta tentar me impedir, Azrael. Minha lealdade está contigo. E, se morrermos no campo de batalha, morreremos juntos. Pois eu não vou aceitar ficar longe de ti. Eu sou uma das tuas guerreiras, e como tal, meu lugar é ao lado do meu líder.

Azrael abraçou-a e beijou-lhe a fronte delicada. Ele daria um jeito de salvá-la, sim, ele o faria. Mas não poderia se dar ao luxo de fazê-la lhe desobedecer e vê-la se tornar um demônio diante de seus olhos por conta da desobediência.

— Eu também irei junto – Michael avisou surpreendendo a Azrael e, especialmente, a Kamilla – eu estarei onde a mulher que eu amo estiver. Talvez só agora eu tenha entendido o quanto Raabe significa para ti.

Azrael ficou em silêncio, por um tempo, avaliando a situação, mas, por fim, falou.

— Se quiserem vir, venham. Mas devem prometer obedecer a cada uma das minhas ordens quando estivermos lá.

— Eu prometo.

— Quanto aos demais, voltem Àquele que vos criou, e diga-lhe que hoje a vontade dele irá se cumprir, mesmo que não seja a minha.

SETENTA E TRÊS



A sabedoria superior tolera, a inferior julga; a superior alivia,

a inferior culpa; a superior perdoa, a inferior condena.

Tem coisas que o coração só fala para quem sabe escutar!

CHICO XAVIER

O momento que Azrael mais tinha evitado, ao longo de milênios, finalmente tinha chegado. Ele não poderia estar mais abalado. Como ele iria lutar contra alguém a quem amava tão perdidamente?

O amor podia nos tornar cegos, às vezes, especialmente quando encobre as falhas que existem no ser amado, mas como ele poderia continuar a fechar os olhos quando as imperfeições de Raabe colocavam em perigo todos os que ainda restavam dos que eram com ele?

Azrael sabia até onde a maldade de Raabe poderia chegar, mas, por mais que insistisse em lutar contra o que sentia e utilizar a racionalidade, algo que ele tinha praticamente perdido ao longo dos anos quando se tratava dela, sempre que ele olhava os olhos de extremo azul dela a contemplar os seus, antes de morrer, ele não conseguia ir até o final.

Que Deus o perdoasse, mas, ele não se julgava capaz de cumprir Suas ordens ainda dessa vez.

— Eles estão por aqui.

— Preciso dar-lhe a direção? – Michael questionou quando viu Azrael tomando a dianteira deles.

— Eu pedi alguma direção até agora? – Azrael perguntou a Michael. Havia muito mais que raiva em sua voz, mesmo ele tendo tentado disfarçar, tanto Michael quanto Kamilla sentiram quando ele tentou disfarçar aquele sentimento que aguça os sentidos – o medo.

Michael estava agindo estranho, obcecado demais em conseguir o perdão de Kamilla, e esquecendo que algo muito maior estava acontecendo e que se ele não encontrasse sua remissão agora, ele nunca a conseguiria.

— Não, não me perguntou coisa alguma.

— Foi o que pensei.

Azrael fechou os olhos, inspirou profundamente, e como se fosse algum animal farejando sua presa a certa distancia, ele sentiu o rastro que Raabe deixava. Era doce, leve, mas também mortal.

— Sigam-me – ele disse quando soube onde ela estava e abrir as asas para elevar-se aos céus.

Kamilla e Mike seguiram-no. Quando a paisagem da cidade sumiu, eles pousaram os pés na grama de uma clareira numa reserva perto do centro de Seattle. A batalha que definiria a sorte de Azrael teria como testemunhas apenas as árvores, os animais, o chão sob os pés do arcanjo e o céu sobre ele donde lhe viam todas as legiões celestes.

Azrael olhou ao seu redor, não havia ainda sinal dos dois, não um sinal que fosse visível aos olhos, mas ele sabia que se se concentrasse bastante, conseguiria sentir a presença de Raabe ao seu redor, puramente má, e ao mesmo tempo tão familiar.

— Eu estou aqui Raabe – Azrael gritou – me chamaste e eu vim, estou disposto a negociar minha rendição.

Mike ficou em silêncio, mas Kamilla olhou para ele com desespero estampado no rosto e em todas as suas emoções. "Rendição?" ela quis ecoar sua voz nos pensamentos de Azrael, mas não pode. Ele tinha se trancado dentro de si mesmo e de suas resoluções.

— Uma rendição? – a voz de Raabe surgiu delicada e cristalina, como os primeiros flocos de neve que caem quando finda o outono, e ela se deixou ver pelos três que estavam com ela.

Azrael nunca estaria pronto para sentir a onda impactante de amor e paixão primitivos que sempre lhe invadiam quando ele a via. Ainda assim, conseguiu controlar-se para não se lançar para ela e tomá-la nos braços como a sua vontade lhe ordenava.

— Eu imaginei que Azrael, o anjo da morte, seria mais corajoso – ela disse e começou a andar tranquilamente, deslizando um pouco o olhar para o solo, a grama não ficava marcada enquanto ela andava, e isso só fez Azrael perceber que ela estava flutuando.

Os cabelos de Raabe, espalhados para os lados, ondulavam conforme as sublimes modulações do vento e pareciam ter vida, e ela tinha um sorriso presunçoso e desafiador no rosto.

— Rendição é uma palavra para os fracos – Raabe disse – desde que soube que andavas à espreita para me matar apenas uma coisa me passa pela mente, e não é rendição ela. Então – Raabe ergueu-se um tanto mais enquanto flutuava para olhar ao rosto de Azrael, ele a sentiu tão perto que a vontade de erguer as mãos para tocar o rosto dela foi quase irresistível – você acha realmente que será capaz de me matar? – ela deu um sorriso delicado ao final que fez o coração de Azrael errar uma batida.

— Estou dizendo que estou disposto a me render, se isso deixar que meus amigos possam ir embora com sua integridade intacta.

— Eu não sei se eu quero deixá-los partir. A integridade deles será algo muito desafiador para mim, eu até poderia fazê-lo, mas, somente se você me jurar obediência e lealdade.

— Eu não poderia jurar lealdade a qualquer outro que não seja o Senhor.

— Mesmo que isso signifique a morte dos seus amigos?

— Mesmo que isso signifique a minha morte.

Raabe olhou o rosto do anjo diante de si. E o desafiou:

— Então, anjo, tu não estás com medo da morte?

— Eu não sou um anjo, Raabe – ele disse e abriu o seu par de asas – eu sou um arcanjo, e a morte não pode temer a própria morte.

Raabe deu um riso argentino que pareciam com mil cristais de partindo e deu as costas a Azrael. Dar as costas a um inimigo é um enorme erro de batalha, mas Raabe sabia bem que o arcanjo não atacaria, e, também o sabia Azrael, se ele atacasse agora, quando tinha Mike e Kamilla perto dele para proteger, ele estaria em desvantagem.

Raabe andou mais alguns passos e, à medida que ela caminhava, braços negros começaram a brotar do chão, formando degraus enquanto ela se elevava a alguma altura.

As almas dos condenados que se perderam na escuridão dentro dela, brotavam do chão de sob a orla do vestido e iam se empilhando, umas sobre as outras, cobertas de um líquido viscoso como o piche e formavam, aos poucos, os degraus no qual ela se equilibrava. Quando ela estava numa altura suficientemente boa para ver tudo sem perder detalhes, mas ainda boa para que os detalhes do rosto dela não ficassem confusos, ela parou e virou-se. As almas formaram uma espécie de assento, majestoso como um trono, onde ela assentou-se para observar aos que ficaram parados logo abaixo.

— Se não me dá sua lealdade, terá que batalhar pela sua liberdade agora – Raabe disse – e se sua liberdade não parece o suficiente, que esteja em jogo também a vida dos seus amigos.

Kamilla olhava para Azrael como se esperasse o momento em que ele a mandaria atacar, mas o momento não chegava, e ela percebeu que ele provavelmente não lutaria.

— Azrael, você tem que lutar! – Kamilla gritou desesperada – eu não vou deixar você se render assim.

— Ouça-a, ela é muito esperta. Saiba que se você não lutar, eu matarei a todos vocês, apenas para que não tornem a me entediar outra vez.

— Se queres assim – Azrael disse – assim será – ele abriu as asas que brilharam alvas como a neve em toda a sua glória, Raabe se surpreendeu com a pureza que emanava dele, mas não o suficiente para parar.

— É claro – ela disse erguendo a mão displicentemente para acenar para a escuridão logo abaixo dela – eu não os deixarei lutar sozinhos.

Quando uma parte da escuridão lamacenta que era os degraus se dispersou, dessa forma grotesca, surgiu Shemhazai, ele empunhava sua espada mortal e tinha um sorriso nos lábios que Azrael não conseguiu interpretar.

— Bom vê-lo novamente, irmão – Shemhazai disse – é apenas uma pena que dessa vez estejamos de lados tão opostos.

— Nós sempre o estivemos.

— Antes tínhamos um propósito em comum – ele disse e Azrael entendeu que se tratava de eliminar Raabe – mas, agora, estamos um contra o outro. Você e sua amiga, com o seu poder, contra mim, Raabe, e todo o poderio destrutivo dela.

— A luta ainda nem começou, não se ensoberbeça – Kamilla sibilou raivosa, entre dentes – Azrael não está sozinho.

— Eu também não estou – Shemhazai disse e olhou para Mike, como se dessem um ao outro um olhar de antiga cumplicidade – Michael.

Mike andou até ele, posicionando-se ao lado dele, mecanicamente. Ele ergueu a mão e retirou a própria espada colocando-a em posição de luta e alinhando-a com a de Kamilla.

— Mike? – ela perguntou. Como se não bastasse todas as decepções que ele já lhe tinha causado, agora viria mais essa? – o que está fazendo?

— Eu devo lutar pela que sirvo – Mike disse com uma voz embargada, bêbada, quase como se estivesse sendo hipnotizado.

Kamilla ergueu o olhar quando ouviu o riso de Raabe e viu quando ela brincava com os dedos como se ela estivesse movendo Michael por cordas invisíveis. Ela o estava manipulando.

— Vamos ver até onde você consegue ser leal ao coração – Raabe disse.

Azrael olhou para a cena, mas, infelizmente, não poderia fazer nada para acabar com Mike no momento, não quando a espada de Shemhazai estava a menos de um centímetro, quase tocando a sua própria.

— Não demorem demais – Raabe falou com a voz delicada – divirtam-me.

Mal ela terminou de elucidar as palavras, Shemhazai deslizou o fio da própria espada na lâmina da espada de Azrael, indo culminar o movimento com um giro para que a lâmina deslizasse pelo abdômen de Azrael, mas Azrael girou a própria espada e a posicionou em forma defensiva no último segundo.

Shemhazai precipitou o corpo para empurrar Azrael para longe, porém Azrael se equilibrou e empurrou Shemhazai de volta para sua posição com a força do braço no choque entre as espadas.

Ele não podia distrair-se, não podia, mas Kamilla estava lutando ao seu lado, e Mike parecia estar levando vantagem.

Kamilla não entendia como Mike tinha se tornado tão forte da noite para o dia, mas quando ele a derrubou e estava prestes a enfiar a lâmina pontiaguda em seu peito, ela viu que ele não estava brincando.

— Mike, pare com isso – ela girou o corpo e saltou quando a lâmina de Mike atingiu com força a grama perto dos pés dela, exatamente onde ela estava há segundos atrás.

Michael não falava coisa alguma, simplesmente lutava com uma habilidade que não tinha antes. A voz da sua adversária rompia a barreira que parecia haver entre os dois e tocava algo dentro dele, mas ele não sabia exatamente o que era.

Ele viu uma oportunidade e abaixou-se depois de uma tentativa de golpe de Kamilla e derrubou-a com uma rasteira firme. Kamilla bateu a cabeça forte no chão, e ela abriu as asas para alçar voo para terminar a luta com ele no ar, mas Mike saltou para sobre as asas e pisou-as quebrando as articulações e fazendo que ela desse um grito pavoroso. Ele sentiu algo se mover dentro de si com aquele grito, mas não podia fazer nada, ele tinha que matá-la, essa fora a ordem que ele recebera quando estava imerso na escuridão.

Mas, quem era ela?

Ao seu lado, Azrael ainda lutava contra Shemhazai, a luta estava igual, era quase como se os dois tivessem forças iguais. Azrael deveria acabar com Shemhazai, mas não poderia. Se ele o matasse, absorveria a maldade que tinha se impregnado nele durante os séculos em que ele viveu em comunhão com o mal, e ele não podia se dar ao luxo de virar um deles agora.

Michael continuava a lutar, depois que Kamilla se erguera, ele viu a oportunidade perfeita. Ele girou a espada dele com a dela e arrancou a espada que lhe causaria mil anos de dor das mãos de Kamilla, ele avançou para ela com a espada em posição certa para enfiá-la no centro do corpo dela.

Kamilla parou a lâmina com as duas palmas das mãos, fazendo força para que o atrito da sua mão fosse mais forte que o fio delicado da lâmina. A ponta da espada se aproximando, devagar, ela não estava pronta para sentir mil anos de dor.

Quando a espada estava afundando na camada superficial da pele dela e ela já podia sentir como se o calor e a ardência, dos mil anos, estivesse se irradiando por dentro dela. E então ela sentiu. Sentiu o calor começou a se irradiar quando uma gota do sangue dela beijou a lâmina da espada de Michael.

Azrael consegue desviar dum golpe de Shemhazai e empurrar Michael para longe.

Kamilla conseguiu se levantar, mas a dor a fazia ficar muito vulnerável. Ela olhou na direção de Mike enquanto Azrael voltava a combater com Shemhazai depois de arrancar a espada de Mike das mãos dele.

— Então, preocupas-te mais com ela que contigo mesmo? – Shemhazai perguntou – e se eu vir a destruí-la? Finalmente lutará comigo de forma decente, arcanjo decadente?

Shemhazai se lança para a direção de Kamilla, pronto para enfiar a lâmina amaldiçoada do sangue de seus filhos em Kamilla, mas Azrael o priva do movimento, prendendo-lhe pelos braços.

Michael, lutando contra algo que parecia estar controlando-o, desvia o olhar de Kamilla arfando de dor e olha para Shemhazai avançando para ela. Algo na cena o fez despertar do transe em que estava. Pode ter sido a sensação de perigo iminente contra ela, ou simplesmente Raabe o tinha libertado do seu juramento, mas naquele instante, ele viu o que tinha causado a Kamilla. Shemhazai estava pronto para libertar-se dos braços de Azrael para dizimar a mulher que ele amava para sempre, e ele estava ciente de que o ferimento que doía nela tinha sido causado por ele, ele não sabia como, mas sabia que fora ele o autor de tamanha atrocidade.

— Kamilla...

O riso de Raabe ecoa, ela está se divertindo achando que Azrael irá matar a Shemhazai nesse momento. Porém, tudo que ele faz é prender o corpo de Shemhazai para que ele não se mova.

— Michael! – Não foi Kamilla, mas Azrael quem gritou. Mike ergueu o olhar para o rosto de Azrael e viu que fora ele quem tinha quebrado a hipnose de Raabe que estava contra ele – leve-a embora daqui! Leve-a para o mais longe que conseguir, não pare de bater suas asas enquanto ela não estiver longe o suficiente. Você está livre da influencia do mal agora.

— É o fim, para todos, não adianta fugir – Raabe disse.

— Não é a eles que tu queres, Raabe, é a mim! – Azrael grita na direção dela – não seja covarde, eles de nada valem para ti.

Raabe não fala nada. Havia algo, algo muito importante na voz dele, mas ela não sabia dizer o que era. Ela simplesmente rompe o olhar que os dois trocavam e ergue um dedo dispensando aos outros dois que de nada lhe importavam.

— Quando Azrael perder, eu farei questão de levá-los ao inferno várias vezes antes de matá-los pela última vez.

Michael sente-se leve, muito leve, como nunca antes, pega Kamilla nos braços e voa com ela para o mais longe que consegue antes de cair quase sem poder respirar. Segurando um corpo convulsivo de um anjo nos braços.

SETENTA E QUATRO



Pelleas

**Você me impedirá, por outro lado que eu olhe o caminho
quando a morte chegar para deixa-la ferida.**

Pelleas.

**Seu sorriso apaga um passado inteiro;
seus doces Lábios mantêm o que já está distante.**

Melisanda

Em um beijo você saberá tudo porque está calado.

Pelleas.

**Talvez não saiba como então saber sua carícia,
Porque minhas veias que seu ser terá fundido.**

Pelleas

Quando fecha seus olhos eu estarei dormindo.

PABLO NERUDA

Mal Mike e Kamilla foram perdidos de vista, Shemhazai começou uma ofensiva com seguidos golpes contra Azrael, que se defendia com maestria.

Azrael lutava não para matá-lo, mas para ganhar tempo, ele precisava pensar no que faria. Precisava se antecipar aos passos dele. Precisava proteger seus irmãos e a humanidade da destruição dela.

Shemhazai continuava a repetir as investidas, e Azrael continuava a apenas se defender. O cuidado que ele tinha com a espada amaldiçoada era exacerbado pelos sentidos aguçados. Ele não poderia se deixar tocar, não poderia se deixar ser ferido pelo sangue nephilim, não poderia arriscar deixar o mundo desamparado, deixar Raabe desamparada à mercê de suas próprias atrocidades. Ele precisava do céu, mas de um céu com ela.

Shemhazai girou o corpo e pretendia deslizar a lâmina contra o braço de Azrael, mas Azrael conseguiu interpor a própria lâmina diante da arma de Shemhazai antes que ele fosse tocado.

O riso argentino de Raabe soou outra vez, cristalino como uma água derramando-se duma fonte, e os dois oponentes que não desviavam o olhar um do outro, se atentaram às palavras dela.

— Vamos deixar as coisas um pouco mais divertidas, acho que nenhum dos dois irá se importar quando eu acrescentar um pouco mais de dificuldade.

Raabe fez um gesto delicado erguendo as mãos para o céu. A palma alva estendida fechou-se devagar e, à medida que ela ia fechando os dedos delicados, a luminosidade do dia ia esvaindo-se devagar, como se ela mesma o tivesse feito.

E o dia transformara-se em noite.

A única coisa que iluminava a densa escuridão em que Shemhazai e Azrael tinham sido mergulhados, era uma luz fria que emanava do corpo de Raabe e que parecia com o cintilar de cristais de gelo.

Azrael mal conseguia enxergar um palmo diante do rosto, e a única coisa que brilhava era, devido a luz fraca que Raabe emanava, o brilho da armadura dos que duelavam, bem como o brilho das espadas.

O atrito entre as lâminas, enquanto uma tocava a outra no meio do golpe ou defensiva, iluminava fracamente o brilho sangrento do olhar de Shemhazai. Ele estava disposto a ir até o fim, mas Azrael sabia que tinha mais força para matá-lo caso ele tentasse fazer qualquer coisa a Raabe.

Raabe sorria à medida que via a lâmina quase tocar a pele do arcanjo, e ria mais ainda quando o Arcanjo revidava o golpe lançando Shemhazai longe com apenas um pouco de sua força.

— Um pouco mais... – Raabe disse e ergueu outra vez os dedos delicados para os céus, e quando apontou os dedos para o solo onde Azrael e Shemhazai lutavam, os dois viram quando uma saraivada de fogo e enxofre com pedras do peso de um talento de ouro começou a se precipitar para aquela clareira onde os dois duelavam.

Além de defender-se um do outro, Azrael e Shemhazai tinham que desviar, agora, das pedras incandescentes que caíam displicentemente naquela área, muitas como se estivessem projetadas para atingi-los.

— Vamos, arcanjo, lute! – dessa vez foi Shemhazai quem lutou – parece tão disposto a lutar quanto um perdedor diante da derrota iminente. Não parece um anjo de primeiro escalão, parece muito mais um pobre coitado que vive a se esconder, como sempre o fez.

— Menos conversa e mais luta, Shemhazai. Me pergunto por que não tentas lutar de forma a me ferir também. Tens medo das consequências?

Shemhazai engoliu em seco, mas o escuro em que estava mergulhado não permitiu que o adversário visse a sombra de apreensão no seu rosto, ele sabia muito bem das consequências de tentar ferir de morte um arcanjo. Mas, não era ferir a Azrael que ele queria.

Desde que tinha se decidido a aliar-se a Azrael, o que ele queria era apenas uma coisa. Ganhar tempo, planejar a morte de Raabe. Ele não podia permitir-se ficar vivendo sempre à sombra do medo de acordar e estar no inferno. Ele não poderia permitir-se descer do status de demônio temido por todos para encontrar-se no patamar de escravo das vontades esdruxulas de Raabe.

Azrael já suava como se não tivesse lutado com um oponente páreo em anos, mas suas forças se renovavam quando ele lembrava dos irmãos e da própria Raabe, a quem ele queria tentar adormecer novamente de alguma maneira, e não precisar matá-la. Fraco e doente ele era, sua fraqueza era a morte, e sua doença o amor que sentia por ela.

A saraivada continuava a cair ao redor dos dois, Raabe assistia a luta como se estivesse na arena e tivesse jogado os cristãos aos leões. Ela não tinha se divertido dessa forma em muito tempo, e o medo deles, e os temores, e a guerra que ela infligia aos dois seres celestiais, apenas a alimentava.

Shemhazai utilizou o momento que Azrael teve que saltar para o lado para desviar de umas das pedras de doze quilos em chamas que caíam, para fazer uma ofensiva ostensiva contra Azrael. Eles cruzavam as espadas à esquerda, à direita, depois à esquerda novamente, e quando ele viu o momento perfeito, ele deslizou a espada de Azrael para longe de suas mãos e girou a espada no ar deslizando-a, muito de leve, contra o rosto de Azrael.

Um fio de sangue correu pelo rosto de Azrael, lambendo a pele e umedecendo os cabelos longos que tocaram no local da ferida.

Azrael esperou o momento em que seu corpo se tornaria em pó, ele esperou o momento em que ele começaria a se dissolver para o espaço e perderia a consciência, mas o momento não chegou. Pelo contrário, Azrael continuava de pé, o ferimento sangrando muito de leve e o choque ao perceber que ele não tinha se dissolvido.

A espada de Shemhazai não poderia matar a própria morte, apesar de doer bastante. O sangue Nephilim não tinha forças contra a morte. Fora por isso que ele mesmo não tinha sido extirpado da história nesse momento, e fora por isso que o punhal não matou o espírito de Raabe. Shemhazai não poderia lutar contra a própria morte, não para a matar.

Tão logo essa constatação lhe veio à mente, o solo abaixo dos dois começou a tremer. A escuridão que cercava aos dois começou a ser dissipada e um som como o de correntes sendo arrastadas começou a ecoar pelos céus.

Shemhazai ergueu os olhos para o alto e Azrael fez o mesmo movimento. Ele viu o medo se estampar no rosto de Shemhazai quando carruagens de fogo e seus soldados vestidos com armadura de ouro cortaram os céus deixando um rastro de luminosidade após si.

As carruagens pararam ao redor da cena da luta, num círculo perfeito que englobava Azrael, Shemhazai, e Raabe em seu trono nefasto. Cada uma das carruagens ocupadas por dois soldados. Assim que eles desceram e se posicionaram em uma posição que informava que eles estavam prestes a atacar, os cavalos e carruagens de fogo puxados por cavalos de fogo se desfizeram como se fossem uma chama a se apagar.

— Os tronos e os domínios – Azrael disse a Shemhazai – agora não podes me atacar de morte, Shemhazai, se o fizer, eles te farão em pedaços e o inferno vai parecer um oásis perto do que tu sofrerás.

Shemhazai engoliu em seco, girou o corpo e viu-se cercado, ele deveria atacar Azrael outra vez, ele não entendia por que ele tinha cortado o rosto dele, ele tinha calculado precisamente o ângulo para forjar a luta sem o ferir de imediato, mas a lâmina ainda assim tocou a Azrael e agora ele estava encurralado.

Azrael não iria matá-lo, mas os tronos e os domínios o poderiam, e também o poderia fazer Raabe, que olhava para ele, após se levantar do seu trono, com um olhar de puro ódio por ele ter chamado mais pessoas à batalha que era dela.

Ele só tinha uma chance. Shemhazai fingiu estar indo a lutar mais uma vez com Azrael, que já tinha recolocado sua arma em posição de defesa. Porém, após três golpes contra Azrael, que conseguiu se defender com sucesso, ele fez um movimento rápido demais para olhos humanos, segurou a espada de duas mãos com apenas uma delas, e a posicionou

numa forma de lançamento que a projetaria com a lâmina a ir de forma certa atingir, em cheio, o espaço limpo entre os seios de Raabe.

Raabe, porém, não se deixava enganar. Ela já conhecia o íntimo de Shemhazai como o de qualquer outro demônio. Ela sabia que ele não era confiável e estava pronta para qualquer suspeita. O que ele quis, desde o início, foi que ela matasse a Azrael, e então ele a mataria. Raabe apenas o utilizou para os seus próprios propósitos, ver até onde a força de Azrael conseguia chegar, e pelo que viu, ele não seria um adversário à altura.

Ela ergueu a palma das mãos no exato segundo em que ele fizera o movimento da traição e viu a lâmina deslizar no espaço entre Shemhazai e ela por quase um segundo antes de fazer parar o tempo e congelar a cena da batalha que se ilustrava para que ela assistisse.

Shemhazai se movia como se ela estivesse vendo os quadros para construir um segundo de filme. Ele ainda estava com o braço estendido andando em direção a ela. Raabe desfez o corpo dela aos poucos e então a alvura da pele albina se transformou em escuridão e em terror, e em gritos assustadores, ela tinha se transformado na sombra que atemorizava aos moradores da terra desde o princípio do pecado original de Adão e Eva.

Ela deslizou naquele espaço vendo ainda a lâmina estendida avançando milímetro por milímetro para a direção onde ela estava Raabe se moveu para olhar a lâmina avançar para a parte do trono onde ela estava e se enfiar alí de maneira que ela estaria cravada contra o próprio assento antes que pudesse pensar em se mover, isso se ela não fosse quem era.

Raabe inundou os sentidos de Shemhazai de pavor e de medo enquanto olhava no fundo dos olhos dele, com o seu olhar de acentuado azul, um azul perfeito e luminoso que era o responsável por mostrar o inferno aos que o enxergavam e então ela tornou à sua forma original.

O tempo parado, ela olhava o rosto de todos. Os tronos e os domínios em suas posições austeras, esperando que Shemhazai matasse Azrael para o matar, e Azrael com lágrimas nos olhos olhando para o trono com um profundo assombro impresso em cada uma das linhas do seu rosto. Ele não queria que Shemhazai a matasse? Por quê?

Raabe ficou atrás de Shemhazai enquanto sussurrava ao ouvido dele:

— Eu conheço teus pecados, Shemhazai. Eu sabia o que querias de mim muito antes de tu adentrares o meu caminho. Eu tinha visto tua morte, e tu tentaste fugir dela, mas aqui estou eu, a tua morte, apenas concluindo-a de uma maneira diferente.

O tempo avançava tão lento e Shemhazai não poderia se mover, ainda preso naquele movimento. E isso possibilitaria a Shemhazai ouvir todo o desespero e sentir toda a dor. Raabe fez força e sua mão transformou-se outra vez na sombra, apenas sua mão que ela começou a enfiar pelas costas de Shemhazai.

Apesar da dor que ele sentia, ele não podia se mover, ele apenas conseguia observar a cena, sem entender como a maldita Raabe conseguira fazê-la.

A mão de Raabe apareceu à frente do corpo de Shemhazai, e então ela deixou que ela se solidificasse outra vez. Shemhazai tinha um braço inteiro dentro de si. Raabe soprou delicadamente palavras ininteligíveis para o ar e as almas dos mortos do Sheol começaram a brotar da própria pele dela. Os braços com unhas pontiagudas, fétidos, de aparência podre, começaram a arranhar a pele dele aos poucos. As unhas fortes começaram a rasgar o corpo dele e à medida que elas iam segurando todo o corpo dele e o queimando, a escuridão lhe invadia aos poucos.

Os sentidos dele iam se apagando, menos a dor, a dor parecia que nunca iria terminar. Os braços grotescos sujos em uma lama que parecia piche rasgavam pedaços da carne dele e a arrastavam para dentro da sombra que era Raabe.

O sorriso de Raabe era delicado e perigoso, mortalmente perigoso. Era óbvia a aparência bela da morte, ela precisava disso para ser atraente e não amedrontar.

Os braços de Shemhazai foram arrancados e sugados para dentro da escuridão, e com um beijo no rosto dele, Raabe o sugou para o inferno de uma única vez. Assim que Shemhazai foi engolido para a escuridão, a cena voltou ao seu tempo normal.

Azrael gritara um "Não" dolorido quando a lâmina enfiou-se com tudo no trono onde Raabe estava sentada antes, mas ela não estava lá. Azrael caíra de joelhos e ergueu o olhar apenas para ver Raabe poucos passos à sua frente, de costas, ela estava parada.

— Raabe – ele a chamou quando se levantou, precisava ver se ela estava bem – Raabe... – ele a chamou outra vez.

Quando ele ia se aproximar dela, Raabe começou a tossir. Ela tossia como se estivesse engasgada. Como se algo estivesse travando a garganta dela.

Azrael deu um passo para mais perto e então parou quando Raabe olhou para trás. Ele jamais conseguiria por em palavras a dor pela cena que ele viu em seguida. Era o fim, finalmente, era o fim dele, era o fim de todos.

SETENTA E CINCO



Onde está, ó morte, o teu aguilhão?

Onde está, ó inferno, a tua vitória?

I Coríntios 15:55

Azrael viu Raabe tossir ainda mais quando ela virou-se completamente para ele. O olhar dela escorria lágrimas de sangue e os lábios dela também estavam sujos do mesmo líquido.

O sangue escorria dos lábios dela e dos olhos, fazendo-a tossir muito devido ao fluxo e se engasgar. As vestes dela que eram tão alvas quanto a pele ou os cabelos, começou a ser tingida das gotas de sangue que caíam dos seus lábios e toda a roupa dela começou a tornar-se vermelha.

O tecido diáfano que sempre andava se espalhando como se tivesse vida própria, tingia-se aos poucos de vermelho, desde o centro do corpo até as extremidades.

— Raabe... – ele a chamou outra vez e daria mais um passo para perto dela, mas ela ergueu o braço para impedi-lo e o movimento o lançou ao chão.

Os tronos e os domínios ajustaram a sua posição, eles estavam prontos para batalhar com ela, ela estava disposta a matar Azrael finalmente.

Quando as vestes dela tornaram-se totalmente vermelhas, como o puro sangue, Azrael sentiu o poder dela aumentar ainda mais do que ele achava ser possível. O olhar dela mudou de azul claríssimo para preto. Não havia mais nenhum rastro do azul de antes ali presente. Ela sorriu um riso silencioso apenas mostrando os dentes e estendeu a mão em direção a Azrael para lança-lo para longe de si.

Azrael foi lançado no ar para uns bons cinquenta metros de distancia longe de Raabe. Ele sabia o que tinha acontecido quando sentiu o golpe exorbitantemente forte.

Ela tinha absorvido todo o poder de Shemhazai, acumulado ao longo dos séculos, acumulado devido às maiores maldades e atrocidades que ele tinha cometido. E ele não tinha matado aos seres humanos, para adquirir o poder das almas, ele tinha absorvido a força de demônios e, nesse momento, Raabe tinha a força dela, a de shemhazai, e a de uma legião.

— Quanto poder! – Raabe fez um gesto no ar para atingir Azrael e ele sofreu o impacto no abdômen que o fez curvar-se sobre si mesmo para aguentar a dor – quanta força! – ela fez outro gesto para Azrael, dessa vez uma força invisível o esmagava contra o solo argiloso e fazia Azrael afundar aos poucos.

Os tronos e os domínios, um dos escalões mais elevados dos anjos, mais fortes ainda que Azrael, fizeram a formação prontos para atacar ou defender-se se necessário. Quando Raabe viu-os em formação, apenas sorriu enquanto abriu os braços e deixou que a sua sombra se espalhasse como uma redoma ao seu redor.

Os tronos e os domínios colocaram os escudos diante de si, formando uma dupla proteção, com seus escudos, enquanto as lanças de ouro e madeira de ébano eram apontadas na direção da sombra que se espalhava.

Quando a sombra atingiu os escudos, eles foram se desfragmentando e evaporando como se fossem nada, o mesmo aconteceu com a armadura. O ouro rachava e caía aos poucos em fragmentos que iam se desfazendo, os tronos, que estavam segurando os escudos na formação, deram um grito de dor quando os escudos se desfizeram e os seus rostos começaram a se desmanchar como se a pele estivesse fervendo sob o toque da sombra.

Quando a onda da sombra atingiu os domínios, eles congelaram em suas posições e o grito deles morreu na boca enquanto eles se transformavam em estátuas de sal.

Azrael fechou os olhos quando ela soprou um hálito doce e quente, aparentemente inofensivo, que, porém, ao alcançar as estátuas de sal, as fez desmoronar ao ponto de os tronos e os domínios, sem a menor chance de sequer lutar, terem se transformado num monturo de sal empilhado sobre o chão que, aos poucos, era levado pelo vento.

Azrael sentiu seu espírito apertar e se comover, por que, mesmo alí, diante da perda brutal de seus superiores, ele ainda não conseguia entender como não conseguia perde-la assim facilmente.

Ele olhou para os lados, os limites da sombra não apenas ultrapassava agora o local onde os seus superiores antes estavam, mas passava a floresta e pelos gritos dos mortos ecoando em sua mente, já tinha começado a atingir a cidade não muito distante.

Azrael pegou a sua espada e se precipitou contra Raabe, mas ela estava forte demais, rápida demais. Ela desviou do seu ataque no último segundo e direcionou a sombra para dentro de si novamente, recolhendo os seus limites e então virando-a na direção de Azrael.

Tudo que Azrael pode fazer foi desviar do ataque. Quando ele saiu da escuridão que o tentava engolir, Raabe já estava se aproximando dele e, com força, socou a armadura que recobria o peito de Azrael, fazendo-a rachar e cair ao chão desfeita.

Ele abriu as asas e se ergueu do chão, então se lançou para ela, segurando-a pela cintura e a arrastando no solo até que ela bateu com as costas contra o trono das almas do Sheol que ela mesma tinha construído momentos antes. As mãos, no entanto, longe de feri-la, a abraçaram e a colocaram de pé novamente.

— É uma pena... – Raabe sorriu e as mãos das almas começaram a envolver o corpo dos dois, puxando-os para a escuridão. Raabe se desviou do toque das mãos e Azrael se desviou para contemplar as mãos arrancando as partes da armadura dele que ainda estavam penduradas sobre o corpo dele.

As mãos começaram a cobrir o corpo de Azrael por inteiro, mas, quando Raabe pensou que ele seria engolido, as mãos se afastaram quando ele abriu as asas e as almas não o puderam ferir como fizeram a Shemhazai antes.

— Não é possível! – Raabe se lançou para ele com tudo, transformando as pontas dos dedos alvos, com lâminas escuras que se precipitavam contra ele, mas Azrael protegeu-se com as asas, como ele tinha feito antes, e pegou Raabe pelos cabelos lançando-a para trás de si.

— Eu vou matar você, Arcanjo! Lute dignamente! – ela gritou com um grito agudo, mas a voz dela não parecia mais simplesmente a voz delicada e cristalina de antes, estava monstruosa, escura, era como milhares de demônios falando ao mesmo tempo.

Azrael não estava lutando totalmente. Ele estava agindo muito mais em defensiva, muito mais de forma a proteger a si mesmo e controlar o poderio louco dela, do que atacar.

Raabe escureceu ainda mais as densas sombras que ela tinha criado dentro de si, e as projetou para fora. A escuridão era tamanha que apenas ela, por que ela própria era a sombra da destruição, conseguia enxergar naquele escuro.

Ela deslizou suavemente ao redor de Azrael, para que ele não a notasse, e saltou sobre ele quando o pegou de surpresa, pressionando as pernas ao redor do corpo dele e as mãos

no rosto dele. Os polegares deslizaram para as orbitas oculares e, se Azrael não a tirasse dali, ele estaria cego em pouco tempo.

Azrael pegou Raabe pela cintura e a derrubou contra o chão.

— Por favor, lembre-se...

Azrael pediu. Raabe se sentia numa posição de desvantagem, vulnerável, e fez que as sombras emergissem do chão em forma de estalagmites pontiagudas que cortaram a carne dos braços e das pernas de Azrael, exatamente as áreas que ele estava menos desprotegido.

— Não há nada a lembrar, Azrael – ela disse com aquela voz estranha – tudo que sei é que a morte não pode me vencer, por que eu, eu mesma, sou a própria morte.

Azrael a puxou novamente para perto de si, ignorando a dor que lhe perpassava por culpa dos machucados.

— Olhe para mim, Raabe – ele ordenou – olhe em meus olhos, lembre-se...

Ela chutou-o antes que ele se posicionasse com mais vantagem sobre ela e ele rolou de cima dela.

Raabe levantou-se e chutou-o seguidas vezes no corpo e nas coxas e braços, exatamente nos locais onde ele tinha os maiores ferimentos. Ele controlou o grito crescente na sua garganta por causa da dor com que ela lhe afligia.

E se levantou jogando-a para longe de si. Na direção do trono onde pouco antes ela se assentava. Ela caiu na escadaria onde estavam as mãos do Sheol e se ergueu logo em seguida.

Raabe pegou a espada de Shemhazai que ainda estava enfiada no trono que ela tinha construído, e correu para Azrael com força. A espada direcionada direto para o coração dele.

— Não, Raabe – ele disse – tente se lembrar...

Mas ela não queria lembrar, ela não sabia do que deveria se lembrara. Ela apenas apreciou sua enorme velocidade. E quando o alcançou, ela apenas ficou apreciando o momento tranquilo e suave em que a lâmina da espada de Shemhazai deslizou maciamente na carne do peito de Azrael até sair pelas suas costas ainda pingando o sangue Nephilim.

Azrael fechou os olhos por causa da dor. Ele não tinha se dissolvido como Shemhazai quis fazer desde muito antes, mas a dor ainda era algo com a qual ele não poderia se acostumar.

Raabe retirou a lâmina, surpreendendo-se que Azrael ainda estivesse vivo. Ela direcionou a sua ponta para o chão. Uma fúria incontrolável começou a tomar conta de seu corpo. Ela gritou alto enquanto as sombras lançavam, cada vez mais, Azrael para longe. Palavras iradas, profundamente iradas.

Azrael sentia a dor do corte que não fechava. Ele não tinha morrido, mas a dor era lancinante. Nenhum anjo tem forças suficientes para matar um arcanjo, mesmo quando este anjo é a própria morte.

Sempre que ele tentava lutar contra ele, Azrael lembrava-se de todas as coisas que tinha vivido com ela. Os beijos que tinham trocado, até mesmo os sorrisos inocentes de quando ela ainda parecia ser um ser puro. E tudo contribuía para que ele não tivesse forças para lutar com o ser que ele tão profundamente tinha amado. E num ponto tal, que ele sacrificara a própria eternidade ao desobedecer a Deus para salvá-la. Ela era uma apóstata, e ele tinha se tornado um, não tinha? Asas brancas ainda eram um sinal de pureza entre os anjos?

O peito dele queimava como ele nunca antes o tinha sentido e Raabe ainda parecia intacta com o seu manto de trevas ao redor de si. Se a morte da parte de Deus deixasse de existir, ele, tudo que restaria no mundo eram caos e destruição, Raabe.

Raabe começou a gritar enquanto enfiava a lâmina de Shemhazai mais e mais vezes contra as costas de Azrael. Até que uma idéia maligna lhe passou pela mente. Ela largou a lâmina de Shemhazai e colocou os pés bem no meio das articulações das asas de Azrael e, pegando as asas dele, não nas penas, mas nas articulações, ela fez força para puxá-las para trás.

A força que Raabe usava era muito grande. Azrael não queria matá-la, ele não conseguia. Ele poderia morrer pelas mãos dela, mas nunca acabar com ela. Era como se ela fosse uma parte dele. E era justamente isso que os dois eram.

Azrael e Raabe não eram seres diferentes representando o bem ou o mal, eles eram partes diferentes de um mesmo ser que poderia ser bom ou mal. Eles dois eram a morte, e eles dois poderiam ser destrutivos. Pois, se ela vivesse, o mundo jazeria no maligno.

Quando a dor que ele sentia por ela estar puxando suas asas para trás e tudo que ele ouviu foi o som de pele se rasgando e ossos se quebrando e deslocando, ele soube que tinha perdido as suas asas para Raabe.

Justo ela que sempre as admirou pelas nuances leitosas ao amanhecer.

Azrael amava o que ele tinha, a mulher lutando com ele, com o olhar completamente enegrecido, ainda assim bonito, mas perigosamente mortal, não era a mesma que ele amara. Não era a mesma que ele tinha vivido toda uma vida a esconder. Ele nem mesmo

conseguia olhar para ela sem sentir culpa. Era o momento de acabar. Era o momento de terminar a luta que ele tinha começado três mil anos antes de Cristo. Era o momento d'ele fazer valer o seu nome e as ordens que lhe foram dadas. Mesmo que isso resultasse na separação eterna dos dois. Mesmo que depois disso ele estivesse no céu louvando por fora com todo o seu ser, e o mesmo ser, por dentro estivesse num inferno sem ela.

SETENTA E SEIS



Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte.

I CARTA AOS CORÍNTIOS 15:26

— Pare, Raabe... – ele se levantou com dificuldade, as pernas doíam em todos os cortes e as costas dele, cheia de feridas abertas, sangrava pelos cortes e pelo local de onde tinham sido arrancadas as asas.

"A morte é o último inimigo a ser vencido".

Ele ouviu a frase tão clara como se estivesse sendo dita para ele naquele momento. Ele estava destruído, mas ainda assim olhou para os céus. E, como Estevão, ele viu os céus abertos e o filho de Deus assentado à direita do Todo-Poderoso. E ele soube, naquele instante, que seria o fim.

A morte era o último inimigo a ser vencido, mas a frase nunca foi sobre Raabe. Nunca o foi. O último a inimigo a ser vencido era a morte, era sim. Mas não era ela. Era ele.

Ele, Azrael, era a morte também. Ele era o último inimigo a ser vencido, por que, a única coisa que o separava de Deus, era ela. Era Raabe o único empecilho para que a palavra se cumprisse para ele, mas o único inimigo dele, que não permitia que ela morresse, não era ela. Era ele próprio.

Ele era o seu próprio inimigo.

Raabe se lançou para ele outra vez, se precipitando de forma incisiva, pronta para golpeá-lo repetidamente. Enquanto ela gritava com a mesma pergunta mil vezes:

— Por que você não morre?! Por que você não morre?!

Raabe lançava-se com cada vez mais forças contra ele. Azrael, no entanto, a aprisionou pelo pulso, de modo que ela não escapasse e, depois que o fez, ela tentou livrar-se do seu aperto, mas ele não a permitiu.

— Você vai me ouvir... – ele falou cansado.

Raabe projetou a escuridão em forma de mais lâminas e cortou as palmas das mãos de Azrael e se afastou. Ele não a temia, mas temia matá-la, e era somente isso que o vinha impedindo de avançar contra ela. Ele não precisava matá-la, mas iria se defender a partir desse momento.

Raabe recuou e se desvencilhava dele. Ela sofria muito mais pelas palavras dele do que por qualquer golpe que ele tivesse lhe dado.

— Tente se lembrar. Quando você ainda era Daniele. Eu estava todo tempo ao seu lado. Protegendo-te. Eu ainda te guardava sob minhas asas como se eu estivesse aninhando uma filha. Eu cuidei de você enquanto tu ainda eras menina e te amei quando crescestes.

— Não! – Raabe gritou quando as palavras dele a invadiram. O escuro dos seus olhos ficou ainda mais escuro e ela chutou-o para um pouco mais longe.

Azrael caiu, mas se reergueu. Ele precisava disso, precisava fazê-la lembrar. Não apenas por ela, mas por si.

— Lembra-se quando ainda eras Paloma? Eu sempre amei o modo como você parecia encantada quando eu tocava teu rosto sob o sol. Eu nunca vou esquecer o quanto eu amei a inocência que você apresentava naquela vida.

Uma das mechas do cabelo de Azrael começou a ficar louro e o cabelo dele ia ficando louro fio a fio enquanto ele continuava a declamar o seu amor por ela.

— Lembra quando tu eras Genevieve? Seu marido encontrou-nos perdidos entre os lençóis e naquela noite ele saiu de casa, embriagado, voltou para casa, descontou a raiva em você e na criança. Por isso a menina morreu. Por que ela não aguentou as escoriações e as injúrias.

Raabe parou um pouco no passo que a levaria para atacar a Azrael. Uma dor por algo que ela nem conhecia invadindo aos poucos seu peito. Era como se ela quisesse lembrar, mas não soubesse exatamente do que precisava lembrar. E uma dor aguda na cabeça lhe afligia insistindo para que ela não o fizesse.

Azrael elencou uma a uma as vidas de Raabe. Declamando seu amor por ela em cada uma dessas vidas. Mostrando as nuances de cada uma das intensidades amorosas que antes vivera.

Mas Raabe não parecia disposta a parar.

— Eu não quero ouvir, cale-se! – ela gritou mais forte enquanto lançou mais das lâminas contra o peito de Azrael. Ele caiu no solo. Fraco, muito fraco.

E orou a Deus.

— Que seja feita a vossa vontade...

Raabe correu para ele e envolveu o corpo dele num abraço. Ela abriu as asas e voou para longe, para muito alto. Ultrapassando a altura das nuvens.

— Nada te mata – Raabe falou – mas a queda te despedaçará, arcanjo maldito.

Quando estavam na altura exata de onde Raabe planejava a queda, Azrael envolveu seus braços ao redor dela. Usando toda a força que ainda tinha no corpo, ele libertou um braço e se apertou ao redor dela. Depois fez o mesmo com o outro. Agora, Raabe tinha as asas livres para sustentá-los no ar, mas não tinha o movimento dos braços para coordenar as sombras.

— Lembre-se de mim – ele disse com a voz quase num último fio de sonoridade – quando eu era quem eu sou. Eu te encontrei na neve, e desde então fomos sentenciados a este amor maldito que nos fez cometer as maiores loucuras. A parte boa em você me amou de imediato, e a parte má em mim amou imediatamente você.

Raabe foi forçada a olhar para ele. Aqueles olhos. Ela conhecia aqueles olhos. Azuis como um céu num final de tarde. E a lembrança eclodiu em sua mente.

Ela estava na neve, brincando com os cristais de gelo que tinham se formado nas árvores quando ela soube que a buscavam. Ela procurou um lugar para se esconder, mas ela sabia que era questão de tempo até que ele a achasse definitivamente.

Ela estava aproveitando os flocos de neve que caíam e lhe faziam cócegas pela extensão da pele lisa exposta ao frio. E foi num desses giros, que ela o viu pela primeira vez.

A armadura dele era prateada e resplandecia com a luminosidade de todo o branco que se espalhava na superfície daquele local. Os cabelos dele ondulavam com o vento e os olhos dele eram do mais intenso tom de azul que ela poderia sequer imaginar.

Ele a protegera. Ele deveria matá-la mas escolheu protegê-la. Ele a depositou num corpo novo e a guardou ao longo dos tempos. Ela não começava a amá-lo em cada uma das vidas

como se fosse a primeira vez que o tinha visto, o sentimento que nascia era tão profundo que surgia mais forte a cada vez que ela nascia, a cada vez que ela tinha consciência da presença dele, mesmo que fosse naqueles outros corpos, o sentimento adormecido se renovava com todas as suas falsas esperanças.

Ela nunca tinha se sentido de forma tão irresistível atraída por alguém como o tinha por ele.

Ele amou o lado bom nela mesmo que ela mesma não o conhecesse, e ela amou o lado mal nele mesmo que ele ainda não tivesse sido revelado. Era por isso que ela sempre tinha medo quando ele era um arcanjo do bem, e por isso que ela tão facilmente se atraía para ele quando ele estava em sua forma má, como agora.

Azrael viu quando o escuro que ocupava o olhar dela deu lugar ao azul claro que ele sempre amara. As sombras que queriam sair das mãos dela se dissiparam e ela ficou calma, pela primeira vez, desde que tinha acordado dessa vez.

— Azrael... – ela chamou o nome dele e começou a chorar se dando conta de todo o mal que lhe tinha causado – você sempre disse. Sempre repetiu que não estava pronto para me perder. Olha onde estamos agora.

— Eu nunca estive pronto antes – ele falou com a voz muito, mas muito fraca, a ponto de dissipar-se – mas eu estou pronto para perdê-la agora. – Os cabelos dele alouraram completamente enquanto ele sussurrou-lhe – Eu a amo, Raabe.

Os céus não tinham se fechado, Azrael continuava a ver os anjos louvando a glória de Deus, mas algo tinha mudado. Um demônio não contempla os céus, mas Raabe estava enxergando os céus, o trono, o Filho e o Pai do mesmo modo que ele estava. Então ele compreendeu.

Ela tinha se tornado boa. Ela matara um demônio. Ela tinha se tornado elegível aos céus, a sua passagem para os céus tinha sido comprada. Azrael colou os lábios feridos aos lábios perfeitos de Raabe. Raabe correspondeu ao beijo e os olhos dela encheram-se de lágrimas quando ela lembrou-se do rosto de Azrael perfeito. Muito diferente do rosto machucado de agora. Os cabelos louros moviam-se ao sabor do vento.

Então as chamas começaram. Elas brotaram dos pés de Azrael muito lentamente. Elas começaram a lamber a pele dele como se fossem serpentes de fogo. Ele continuou sussurrando contra os lábios dela o quanto a amava enquanto o fogo subia ainda mais forte pelas coxas dele e em seguida para o tronco e então pelos braços.

Azrael deveria direcionar as chamas para consumi-la, mas não o fez. Deixou que as labaredas aumentassem de intensidade envolvendo o corpo dos dois. O fogo consumidor que brotava e queimava apenas o que era mau. Raabe era má. E ele tinha sido rebelde pela

última vez. Ele estava em sua forma pecadora. Os cabelos louros não o negavam. E o fogo consumidor, que é da parte de Deus, extingue o que é mau remanescendo apenas o que é bom.

E então eles começaram a se desfazer. Começando pela ponta dos pés, as pernas, as pontas dos dedos e subindo para o tronco. Tudo virava cinzas imediatamente após o fogo, em sua intensidade máxima, lhes tocar.

A palavra de Deus era viva e eficaz:

"A morte é o último inimigo a ser vencido".

Raabe era a morte, mas ele também o era.

Para que ela morresse, ele precisava morrer. Eles eram ligados. Desde sempre, a missão que lhe fora dada era uma missão suicida. Por que ele se apaixonaria por ele, e ele por ela, e nenhum dos dois teria força suficiente para existir sem a presença do outro. Nenhum dos dois aguentaria a tristeza de estarem separados.

"A morte é o último inimigo a ser vencido".

Finalmente o arcanjo da morte encontrou a própria morte e pode revelar o amor que nunca tinha se apagado.

"A morte é o último inimigo a ser vencido".

Raabe amara a rebeldia de Azrael desde que ele negara tudo para estar ao lado dela, ela só precisava lembrar-se.

"A morte é o último inimigo a ser vencido".

Quando as chamas dissolveram o anjo da morte e seu arcanjo do seu abraço amoroso, a última parte a ser separada foi o beijo de amor intenso e eterno que eles trocaram tantas vezes em diversas vidas e que, agora, estava separado perpetuamente.

EPÍLOGO

*Depois de dois dias ele nos dará vida novamente;
ao terceiro dia, ele nos restaurará,
para que vivamos em sua presença.*

Oséias 6:2

— Ainda não acredito que ele se foi...

Kamilla chorava ao ombro de Mike.

—Não chore, meu amor. Todo mundo sabe que se quiser entrar nos céus basta matar um demônio.

BÔNUS I

Eu prefiro morrer sua amiga do que quebrar algum elo misterioso e te perder para sempre. Te perder como sempre. Tenho vontade de perguntar baixinho: você não gosta nem um pouquinho de mim? Nem sequer um tiquinho? Eu sempre me apaixono por você. Todas as vezes que te vi, eu sempre me apaixonei por você.

TATI BERNARDI

Eu não sentia essa sensação há tanto tempo, que eu nem mais sabia o quanto ela faria falta. Eu estava mergulhada num golfão de luz, poder e glória. Eu estava perdidamente envolvida pela graça redentora dos céus que eu sequer conseguia lembrar o que era a maldade e o porquê eu a deixei habitar tanto tempo dentro de mim.

— Raabe... – a Voz me chamando era como a de uma multidão de águas. E ela retumbou dentro de mim fazendo todo o meu ser se derreter como se tivesse sido envolvido por um longo e quente abraço.

Havia muitos anjos ao meu redor. Ao fundo, a canção dos serafins não se calava. Continuava cada vez mais intensa até que ela se mesclou a voz que tinha me chamado.

Eu sentia vontade de chorar, tanta, mas tanta vontade, que quando uma lágrima conseguiu ser espremida de dentro do meu ser, eu nunca imaginei que o próprio Deus viria enxuga-la de meus olhos, como dizia em sua palavra.

“Ele lhes enxugará dos olhos toda a lágrima; não haverá mais morte, nem pranto, nem lamento, nem dor, porquanto a antiga ordem está encerrada!”

Deus olhou para mim no fundo do meu ser, Seus olhos eram como chamas de fogo, queimaram todas as minhas lembranças terríveis e eu recebi um corpo purificado.

— Meu Senhor... – eu ajoelhei-me diante dele e deixei que as lágrimas que estavam contidas lavassem os Seus pés.

Deus se permitiu ser adorado por minhas lágrimas enquanto eu lhe louvava e eu não sabia mais o que eu queria fazer, eu apenas queria que as coisas acontecessem como estavam e eu ficasse alí, tocando o Seu ser para sempre.

— Minha criação, Raabe – ele disse com a voz de muitas águas de forma carinhosa, e mesmo que sua voz retumbasse e fizesse estremecer as potências dos céus, ela ainda falava intimamente comigo como se eu fosse apenas uma criança e Ele o meu pai carinhoso – minha criança. Eu consegui finalmente fazer minha ovelha perdida tornar à minha casa. Eu vi em teu coração teu arrependimento desde a queda, e eu busquei, insistentemente, alternativas, para trazer o meu anjo de volta aos céus. Mas era necessário que a profecia se cumprisse e que tu fosses resgatada como todo aquele que se arrepende deve ser: com sacrifício.

— Meu Senhor... – eu não tinha palavras.

— Agora, que estás reunida à tua casa novamente, tuas atividades serão recomeçadas e tudo o que passou será lançado no lago do esquecimento. Tu não mais continuarás a ser o anjo da morte, mas tuas tarefas serão delegadas a outro. Tu serás aquela que o Senhor concedeu benefícios. Não mais será Raabe o teu nome, serás chamada de Dina, que significa beleza, ornamento, afável, delicada. Tu serás o anjo da beleza e ornamentarás as hostes celestiais.

— Tudo para estar ao Teu lado.

As lágrimas não paravam, agora não era mais por mim que eu chorava, era por ele. Eu precisava saber, eu tinha que saber. Eu não poderia deixar que minhas dúvidas me afastassem novamente.

— Meu Senhor... – eu pedi permissão da palavra para que eu pudesse perguntar aquilo que tinha invadido minha mente como num sussurro.

— Ele não está aqui – Deus disse quando assentou-se no trono outra vez. Mesmo com o tom solene da reunião, a alegria do paraíso era inenarrável. Os serafins queimavam-se em adoração ao Senhor, os querubins ao lado do trono adoravam perpetuamente com seus corpos gloriosos. Quatro faces distintas, seis pares de asas.

— Azrael?

— Quem mais? Quando ele foi criado, Dina, ele foi feito para ti. Ele seria tua condenação e Eu seria a tua redenção.

— Onde está Azrael, meu Senhor?

— Azrael, quando consumiu aos dois com o meu fogo consumidor, queimou a parte má que havia em si. Queimou a rebeldia inicial, e tornou-se puro novamente. O mesmo aconteceu contigo. Apenas o mal poderia ser plenamente consumido, mas tu e ele nunca o foram de todo o mal. Tu sempre foi uma apóstata desde a queda, e ele nunca deixou de ser anjo, mesmo quando oscilava entre as características distintas. Azrael vive, mas como fora a rebeldia dele que o fez te amar, ele não tem memória de ti.

— Ele está bem?

— Depois de dois dias Ele nos dará vida novamente – Deus disse – e tu vives, Ao terceiro dia ele nos restaurará – Ele completou – Azrael está restaurado. Para que vivam em Minha presença.

— Azrael vive? – eu perguntei com as lágrimas banhando meu rosto novamente.

— Tão certo com Eu vivo, Azrael vive.

— Onde ele está?

Deus gesticulou e fez que as imagens passassem pelas nuvens como se fossem cenas de um filme. Azrael vivia e estava trabalhando. Ele não se lembrava de mim como eu me lembrava dele. Ele lembrava-se apenas de ter obedecido a Deus, e eu me lembrava de cada dia que tínhamos vivido, até dos maus.

Ele estava glorioso. Os cabelos negros esvoaçantes, as asas brancas envolvidas no fogo consumidor da parte de Deus que nunca o tinha abandonado, e a força que emanava dele chegava a ser hipnotizante.

Ele estava deixando o espírito descansar num casulo novo, para que assim ele pudesse habitar entre os humanos sem levantar suspeitas. E o casulo em que ele tinha se colocado, jamais alcançaria os pés da real beleza dele, mas, só de saber que era o espírito dele que habitava aquele corpo, o próprio se tornava cada vez mais lindo.

— Ele está perfeito, Dina. Eu sempre acolho aqueles que amo.

Era uma declaração de amor indireta, mas se aplicava a mim também. Deus amava toda a sua criação, e isso me englobava, por isso ele me permitiu voltar, por isso ele me permitiu ser restaurada. Para viver ao seu lado para sempre.

— Tens a minha permissão.

Virei o rosto na direção do Todo-Poderoso, esperando que ele confirmasse as esperanças de que meu coração se estava enchendo.

Com um único aceno Ele o fez. E eu abri minhas próprias asas e me elevei alto, elas estavam alvas, mui alvas. E eu podia estar mergulhada naquela glória outra vez. Mas, Ele sabia, eu não deixaria de amar Azrael tão facilmente.

Eu precisava encontrá-lo e eu ia.

BÔNUS II

E Aquele que está assentado no trono afirmou: “Eis que faço novas todas as coisas!” E acrescentou: “Escreve isto, pois estas palavras são verdadeiras e absolutamente dignas de confiança”.

APOCALIPSE 21

Alguma coisa estava faltando, eu tinha certeza. Apesar de eu não saber exatamente o que era. Quando eu fechava os olhos, eu quase conseguia ver o que era, mas a imagem sempre me fugia.

Eu sentia como se a vida estivesse recomeçando para mim, como se eu tivesse uma nova oportunidade, e eu era grato por isso. Mas, ainda assim, eu não sabia fingir que não sentia falta desse algo que eu não sabia o que era.

Minha rotina continuava normal, eu andava entre os seres humanos diariamente. Muitos deles sequer sabiam o quanto eu lhes tinha ajudado evitando uma morte prematura, mas eu continuava sendo diligente no trabalho que me fora imposto.

Era apenas mais um dia em que eu cumpriria minha sina. Minha irmã e o namorado continuavam a trabalhar para mim, pelo menos ela o fazia. Mike tentava mudar o comportamento aos poucos, mesmo eu ainda não confiando um centavo furado aos cuidados dele.

Deixei meu corpo descansando no leito e, em espírito, saí para a noite.

* * *

Quando Yehudiah abriu a porta, faltou apenas cair para trás. Ela abriu as asas, esquecendo seu disfarce e, de um salto, estava no meio da sala, longe da porta, olhando para mim com enormes olhos assustados.

— Você... Você morreu... Você morreu!

— É, eu também achei isso – eu disse ao entrar na sala. Fechei as portas e vi Yehudiah andar mais alguns passos para longe de mim – mas, como vês. Eu estou viva. A palavra se cumpriu.

— Que palavra?

— A mesma que curou a Azrael.

— Isso é impossível, você era má.

— Esta é uma coisa da qual que não me lembro. Eu fui restaurada, e eu estou tão pura quanto quando fui criada.

— Prove, ou eu mesma trato de feri-la mortalmente, Raabe.

— Não... Não me chame mais assim. Meu nome agora é Dina. Vez? – eu abri as asas e elas resplandeceram naquele local. Elas tinham um brilho prateado que podia cegar um ser humano comum.

— Certo, eu acredito. O que quer?

— Já disse, vim procurar Azrael. Ele foi tão feito para mim quanto Mike o foi para ti antes da queda. E eu preciso vê-lo.

— Há dois dias ele saiu. Ele geralmente passa sete dias a rodear a terra. E então volta para recolher seu corpo e ajudar a humanidade por outros sete.

— Ajudar... Com o que?

— Ele faz um carro desviar para não atingir um transeunte, empurra uma pessoa para que um vaso de plantas caindo do sétimo andar não atinja a cabeça de uma senhorinha florista, estas coisas.

— Ele continua intervindo?

— Sim, mas agora é apenas para o bem.

— Isso é bom.

— Sim, viu Deus que era bom.

— Eu irei esperá-lo. Posso?

— Pode... Eu acho.

— Confie em mim, eu não pretendo mais mudar o caminho que estou seguindo.

Depois de pelo umas duas horas a convencê-la, ela finalmente me deixou ocupar um dos quartos de hóspedes da casa que a líder dos anjos ocupava antes de morrer. Eu não conhecia direito o lugar, mas eu sabia que dividiria aquele local com mais outros seis benevolants.

Era quase meia-noite. A luz da lua iluminava como uma enorme arandela o céu noturno. As janelas do quarto emolduravam-na perfeitamente. O frio do vento fraco balançava mui de leve as cortinas azuladas do quarto e uma idéia me passara pela cabeça.

Cobri-me com um robe e fui para o quarto que era de Azrael. Abri a porta que ele somente deixava encostada e entrei no aposento escuro. O corpo que ele utilizava normalmente estava na cama. Um dossel claro ocultava-o do mundo exterior. Dei um beijo leve sobre a testa fria, (qualquer coisa que Azrael tivesse tocado era sacra para mim) e sentei-me à beirada da janela.

Por detrás da ausência de nuvens que coroava a noite, por detrás das estrelas e por detrás dos lumiares e potencias dos céus, existia o sexto céu, o céu de onde eu viera. O céu onde Azrael fora criado para me exterminar, o céu onde eu fora criada também, mas também era o céu onde residia o Amor.

Mesmo que a função de Azrael fosse uma, ele não a cumpriu por amar. E ainda que eu fosse perversa (coisa que não lembro) ele escolheu me proteger apesar de todas as minhas condutas errôneas. Amar não é errado e nunca o foi.

Coloquei uma parte do meu corpo para fora da janela e deixei que o ar frio invadissem meus sentidos. Meus cabelos quase brancos eram levados de leve num balançar tranquilo e minha pele era banhada pela luminosidade da lua.

Eu sequer lembro que dia é hoje, eu só sei que é Natal pelas luzes que enfeitam as casas da vizinhança. Foram tantas, mas tantas vidas que o tempo parece não ser mais importante agora que Azrael e eu somos eternos. Eu não sou mais aquela menina escondida sob os lençóis, também não sou mais aquela Paloma juvenzinha perdida de amores sobre uma cama. É a segunda vez, desde o natal de 1977 que uma noite de natal terá lua cheia. Espero que não seja uma mera coincidência.

— Ah! Morte vem! Eu te espero, leva-me contigo. Ah! Meu querido, Morte... Eu te amo.

SOBRE A AUTORA

REDES SOCIAIS

[Facebook](#)

[Twitter](#)

[Wattpad](#)

[Skoob](#)

[Instagram](#)

[Clube de Autores](#)

BIOGRAFIA

Deisy Monteiro nasceu em São Luís, em 16 de agosto de 1989. Filha de Juraci Rabelo Monteiro e Vanusa Barros Martins. Cresceu na “Ilha dos Amores”, como é conhecida a capital do Maranhão, estado Brasileiro, com três irmãos: Geisy, Karina e Emmanuel. Kursou Ciências Contábeis na Faculdade Estácio da cidade onde nasceu.

Membra da Igreja Internacional da Graça de Deus, conheceu seu marido João Garcia ainda jovem, e casou-se em 2012.

Após escrever diversos livros de poesia, alguns inclusive sob seu pseudônimo (Daniel Salnier); aventurou-se no mundo dos romances e ganhou o prêmio anual do Wattpad – #TheWattys – na categoria – Maior sorte de principiante – com seu livro: Romance em East Valley.

Romance em East Valley (da série East Valley) é o seu primeiro romance, e foi publicado inicialmente no Wattpad, alcançando em Agosto de 2016, a marca de 125.000 leituras.

Além deste, Deisy Monteiro publicou ainda os livros:

- Romance em East Valley
- Recomeço em East Valley
- Redenção em East Valley
- Ordem Escarlata: Segredos
- Ordem Escarlata: Revelações
- Ordem Escarlata: Finale
- Fogos Surdos
- Eu te direi essas palavras
- Cartas para Daniel
- O Livre Arbítrio.